



Salman

Rushdie

O CHÃO

QUE ELA PISA



PUBLICAÇÕES DOM GUIXOTE

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

## Ficha Técnica

Título original: O Chão Que Ela Pisa

Autor: Salman Rushdie

Revisão: Álvaro Marques

ISBN: 9789722051132

Publicações Dom Quixote  
uma editora do grupo Leya  
Rua Cidade de Córdova, n.º 2  
2610-038 Alfragide – Portugal  
Tel. (+351) 21 427 22 00  
Fax. (+351) 21 427 22 01

© Salman Rushdie, 1988

© Publicações Dom Quixote, 1999

Citações autorizadas, de textos anteriormente publicados:

*Jailhouse Rock*, Letra e música de Jerry leiber e Mike Stoller

© 1957 Elvis Presley Music, Inc., sob licença de Williams Music, Nova Iorque, E.U.A.

*Rubber Ball*, da autoia de Aaron Schroeder e Anne Orłowski,

© Rachel's Own Music & Dandy Dittys;

Reprodução autorizada, sob copyright internacional

*What a Wonderful World*, letra e música de Thiele, Bob (JR) A/K/A  
Douglas, George/Weiss, David George

© 1967 Range Road Music, Inc./Quarter Music, Inc. e Abilene Music, Inc.

*The Great Pretender*, letra e música de Buck Ram

© 1955, Panther Music Corp, E.U.A., sob autorização de Peermusic,  
Londres

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

[www.dquixote.leya.com](http://www.dquixote.leya.com)

[www.leya.pt](http://www.leya.pt)

*Para Milan*

Não levantem uma lápide à sua memória.  
Deixem apenas que a rosa, todos os anos, floresça em sua honra.  
Porque se trata de Orfeu. Das suas metamorfoses  
nisto ou naquilo. Não devemos pensar  
noutros nomes. De uma vez por todas  
onde houver canto está Orfeu.

Rainer Maria Rilke, *Sonetos a Orfeu* — la Parte — Soneto V  
Errichtet keinen Denkstein. Laßt die Rose/nur jedes jar zu seinen  
Gunsten blühn./ Denn Orpheus ists. Seine Metamorphose/in dem and  
dem. Wir sollen uns nicht mühn

um andre Namen, EM fir alie Male/ists Orpheus, wenn es singt. (...)

## Capítulo 1

### O CRIADOR DE ABELHAS

No dia de S. Valentim de 1989, último dia da sua vida, a lendária cantora pop Vina Apsara acordou a soluçar de um sonho sobre um sacrifício humano em que ela era a vítima. Homens de tronco nu, todos parecidos com o actor Christopher Plummer, tinham-na agarrado pelos pulsos e pelos tornozelos. O corpo dela estava esparramado, nu, e contorcia-se sobre uma laje polida que tinha gravada a imagem do pássaro-serpente Quetzalcoatl. A boca aberta da serpente emplumada era o contorno de um buraco negro escavado na pedra e embora ela tivesse igualmente a boca escancarada para gritar, os únicos ruídos que ela ouvia eram os *plops* dos flashes; mas antes que pudessem rasgar-lhe a garganta, antes que o seu sangue vivo fosse borbulhar na terrível taça, Vina acordou ao meio-dia na cidade de Guadalajara, no México, numa cama de hotel ao lado de um desconhecido nas vascas da agonia, um mestiço completamente nu, de vinte e poucos anos, identificado pela exaustiva cobertura de imprensa que seguiu a catástrofe como Raúl Páramo, o playboy herdeiro de um famoso barão da construção civil que, entre muitas outras coisas, era dono do hotel. Vina transpirara abundantemente e os lençóis encharcados tresandavam à tristeza sem sentido daquele encontro nocturno. Raúl Páramo estava inconsciente, tinha os lábios lívidos e o seu corpo era periodicamente sacudido por espasmos que ela reconheceu como sendo idênticos às suas próprias convulsões durante o sonho. Passados momentos ele começou a emitir uns ruídos medonhos pela traqueia, como se alguém estivesse a degolá-lo, como se o seu sangue estivesse a jorrar do sorriso escarlata de uma ferida invisível para uma taça irreal. Vina, em pânico, saltou da cama e apanhou as suas roupas, as calças de cabedal e o top de lantejoulas douradas com que acabara o seu número na noite anterior, no palco do Centro de Convenções da cidade. Completamente desesperada, entregara-se desdenhosamente àquele João-Ninguém, àquele rapaz com menos de metade da sua idade, escolhera-o quase ao acaso entre a chusma que enchia os corredores dos camarotes, os lagartos de átrio de hotel, os pretendentes com o seu ramo de flores, os capitães de indústria, a aristotrampa, os barões da droga, os príncipes da tequila, todos com limousines e champanhe e cocaína e talvez até diamantes para oferecer à estrela da noite.

O rapaz tinha-se apresentado, com muitos rapapés e bajulações, mas ela

não estava interessada em saber o nome dele, nem o montante da sua conta no banco. Colhera-o como se fosse uma flor para pôr entre os dentes, mandara-o vir com o seu apetite feroz, começando a devorá-lo assim que se fechara a porta da limousine e antes que o motorista tivesse tempo de fazer subir o vidro que garantia a privacidade dos passageiros. Mais tarde o motorista, afogado em tequila pelos jornalistas, falara num murmúrio reverente dela e do seu corpo nu, daquela sua nudez invasora e predatória que era como um milagre, quem havia de dizer que ela já ia nos quarenta e tal, parecia que Alguém lá de Cima a queria deixar ficar sempre na mesma. Eu faria tudo por aquela mulher, gemia o motorista, iria a duzentos quilómetros à hora se ela quisesse andar depressa, teria ido contra um muro de betão, se fosse seu desejo morrer.

Só quando se achou no corredor do undécimo andar do hotel, cambaleante e seminua, tropeçando nos jornais da manhã ainda não recolhidos pelos hóspedes com cabeçalhos gritantes acerca dos ensaios nucleares dos franceses no Pacífico e dos tumultos na província de Chiapas cuja tinta fresca lhe sujou os pés nus, só então é que ela percebeu que os aposentos que abandonara eram a sua própria suite no hotel e que fechara a porta deixando a chave dentro e que a sua sorte, naquele momento de máxima vulnerabilidade, fora ter esbarrado em mim, o senhor Umeed Merchant, fotógrafo, mais conhecido como “Rai”, seu amigo — por assim dizer — dos velhos tempos de Bombaim, e o único profissional do mundo que não sonharia fotografá-la naquele preparo deliciosamente escandaloso, toda ela momentaneamente desfocada, e — pior que tudo — aparentando a idade que tinha, eu, o único caçador de imagens que nunca lhe apanharia aquele ar acoitado e gasto, aquele desamparo, aqueles olhos inchados e olheirentos, aquela cascata emaranhada de cabelos tingidos de vermelho, arames tremelicantes no alto da cabeça como o penacho de um pica-pau, aquela lindíssima boca trémula e hesitante, de bordos já sulcados pelos minúsculos fiordes dos anos implacáveis, o próprio arquétipo da deusa selvagem do rock a caminho da decadência. Ela decidira tornar-se ruiva para aquela tournée porque, aos quarenta e quatro anos, resolvera começar de novo, iniciar uma carreira a solo sem Ele e pela primeira vez há muitos anos viajara sozinha sem Ormus: não era pois de admirar que se sentisse desorientada e perdida a maior parte do tempo. E muito só. Há que admiti-lo: na vida pública como na privada, a verdade é que quando não estava

com ele, estivesse com quem estivesse, ela estava só.

Desorientação: perda do Oriente. E do seu sol, Ormus Cama.

Não fora por pura sorte que ela chocara comigo. Eu andava sempre por perto. Sempre no seu calçado, sempre à espera que ela me chamasse. Se ela quisesse, haveria dezenas de outros como eu, centenas, milhares. Mas estou convencido de que só havia eu. E a última vez que ela pediu auxílio, não pude dar-lho e ela morreu. Acabou a meio da sua vida, foi uma canção incompleta abandonada no meio da ponte, privada do direito de continuar o poema, de encontrar a rima final.

\*

Duas horas após eu a ter salvo do abismo daquele corredor do hotel, um helicóptero levava-nos até Tequila, onde Don Angel Cruz, proprietário de uma das maiores plantações de piteira azul e da célebre destilaria Angel, um cavalheiro célebre pela amplitude da sua doce voz de contratenor, pela rotundidade da sua barriga e pela sua pródiga hospitalidade, tinha organizado um banquete em sua honra. Entretanto, o jovem playboy amante de Vina fora conduzido ao hospital, fulminado por uma série de ataques produzidos pelo abuso de droga, tão graves que acabaram por ser fatais; e, devido ao que aconteceu a Vina, durante os dias seguintes o mundo teve direito a análises detalhadas do sangue do morto, e do conteúdo do seu estômago, intestinos, escroto, cavidades oculares, do seu apêndice, do cabelo, em suma, de tudo menos do cérebro cujo conteúdo foi julgado sem interesse, e fora completamente alterado pela droga a tal ponto que ninguém foi capaz de entender as suas últimas palavras, pronunciadas durante o delírio final. Contudo, uns dias mais tarde, quando a informação já tinha circulado na Internet, um amador de ficção fantasista designado por <elrond@rivendel.com> proveniente do bairro Castro de São Francisco<sup>1</sup> explicava que Raúl Páramo estivera a falar orkish, o linguajar infernal inventado pelo escritor Tolkien para uso da criadagem de Sauron, o Senhor das Trevas: *Ash nazg durbatulûk, ash nazg gimbatul, agsh thrakatulûk, agsh burzum-ishi krimpatul*. Logo a seguir, boatos de práticas satânicas, ou talvez saurónicas, espalharam-se imparavelmente por toda a Net. Lançou-se a ideia de que o amante mestiço fora adorador do Diabo, um criado-de-sangue do submundo e que tinha dado a Vina Apsara um precioso mas maléfico anel que provocara a subsequente catástrofe e a arrastara para o Inferno. Por essa altura Vina já se estava transformando em mito, tornando-



se num vaso de eleição onde qualquer idiota podia colocar as suas idiotices ou, digamos, um espelho cultural: podemos perceber melhor a natureza dessa cultura se dissermos que o seu espelho mais fiel seria um cadáver.

*Um anel para os governar a todos, um anel para os encontrar, um anel para os prender a todos e encerrá-los nas trevas.* Sentei-me ao lado de Vina Apsara no helicóptero para Tequila, e não vi nos seus dedos nenhum anel a não ser a pedra lunar que ela nunca tirava, a sua ligação com Ormus, o preto do seu amor.

Vina tinha mandado toda a sua equipa pela estrada, escolhendo-me a mim como único companheiro da viagem aérea, “entre todos vocês, seus sacanas, ele é o único em quem posso confiar”, rosnou ela. A equipa tinha arrancado uma hora à nossa frente, todo aquele maldito jardim zoológico dela, o seu reptiliano chefe de tournée, a hiena do seu assistente particular, os gorilas da segurança, o pavão do cabeleireiro, o dragão da publicidade. Mas quando o helicóptero sobrevoava o cortejo dos automóveis, a sombra que a tinha envolvido desde a nossa partida pareceu levantar-se e ela ordenou ao piloto que fizesse uma série de passagens por sobre os carros, cada vez mais baixo. Vi os olhos do homem esgazeados de pavor, as pupilas eram como pontas de alfinetes mas, tal como todos nós, estava completamente enfeitiçado por ela e cumpriu as ordens. Era eu que gritava “Sobe, sobe!” no microfone incorporado no capacete que nos protegia a cabeça enquanto o riso dela estralejava aos meus ouvidos como uma porta a bater ao vento, mas quando me virei para lhe dizer que tinha medo vi que ela estava a chorar. A polícia fora surpreendentemente amável com ela quando chegara ao local da *overdose* de Raúl Páramo, contentando-se em avisá-la de que poderia vir ela própria a ser objecto de um inquérito. Os seus advogados tinham intervindo nessa altura para terminar a conversa, mas desde então ela parecia tensa e instável, com um brilho excessivo como uma lâmpada antes de explodir, como uma supernova, como o universo.

Por fim ultrapassámos os veículos e voámos sobre colinas e vales cobertos do azul acinzentado das plantações de cactos; mudando de novo de disposição, ela começou a falar e a rir nervosamente para o seu microfone, insistindo em que estávamos a levá-la para um lugar que não existia, um sítio imaginário, um país das maravilhas: como era possível haver um sítio chamado Tequila? “é o mesmo que dizer que o whisky vem de Whisky ou o gin é fabricado em Gin”, gritava ela, “será o vodka algum rio da Rússia?”

Será em Rum que se fabrica o rum?” E depois, de novo sombria, a voz dela ficou quase inaudível com o ruído dos rotores: “e a heroína vem dos heróis e o *crack* é a trombeta do Juízo Final.” É possível que eu estivesse a assistir ao nascer de uma nova canção. Mais tarde, interrogados acerca daquela viagem de helicóptero, tanto o piloto como o co-piloto se recusaram, por pura lealdade, a divulgar quaisquer detalhes daquele monólogo em que ela baloiçava a todo o momento entre a exaltação e o desespero. “Estava muito animada”, disseram eles, “além de que falava em inglês, por isso não percebemos nada”.

Em inglês, mas não só. Como só estava eu, ela podia tagarelar no calão mais popular de Bombaim, *Mumbai ki kachrapati baat-cheet*, em que uma frase pode começar numa língua, continuar numa segunda e até numa terceira e voltar de novo à primeira. Chamávamos-lhe *Hug-me*<sup>2</sup>, do seu acrónimo: Hindi-Urdu-Gujarati-Marathi-English. Os naturais de Bombaim da minha espécie eram gente que falava cinco línguas mal e nenhuma bem.

Separada de Ormus Cama naquela tournée, Vina descobrira as limitações tanto verbais como musicais do seu próprio material. Tinha escrito novas canções para pôr em relevo a sua voz celestial de múltiplas oitavas, que lembrava a de Yma Sumac, que era como que uma escada até ao firmamento e que Vina afirmava agora não ter sido suficientemente explorada pela música de Ormus; mas nesta tournée, tanto em Buenos Aires como em São Paulo, na Cidade do México ou em Guadalajara ouvira apenas umas mornas reacções do público a essas canções, apesar da presença de três bateristas brasileiros loucos e da parelha de guitarristas argentinos que travavam um duelo tão a sério que cada número ameaçava acabar com uma luta à navalhada. Nem sequer o artista convidado, a velha super-vedeta mexicana, Chico Estefan conseguira entusiasmar as audiências; pelo contrário, a sua face ultraplastificada, o seu sorriso de dentes falsos apenas chamava a atenção para a juventude em declínio da própria Vina, cruelmente reflectida no espelho da média de idade dos espectadores: a malta jovem não tinha comparecido, pelo menos em número suficiente, nem nada que se parecesse.

Mas rugidos de aplausos saudavam cada um dos grandes sucessos do catálogo mais antigo de V.T.O. e a verdade inegável é que durante esses números a loucura dos batuqueiros tornava-se divina, os duelos dos guitarristas atingiam o sublime e até o velho devasso do Estefan parecia

regressar das verdes pastagens do Além. Vina Apsara cantou palavras e músicas de Ormus Cama e, de repente, a multidão minoritária dos jovens começou aos saltos e pareceu endoidecer subitamente, milhares e milhares de mãos a moverem-se em uníssono, formando em linguagem de surdos-mudos o nome da grande banda, ao compasso dos seus gritos atroadores.

V!T!O!

V!T!O!

Volta para ele, diziam os gritos. Precisamos... Precisamos de vocês juntos. Não deem fora o vosso amor. Não se separem, queremos que façam as pazes.

VTO: “Vertical take off”. Ou “Vina to Ormus”. Or “We to”. Traduzido em *Hug-me* como “V-TO”. Ou uma referência ao foguetão V2. Ou V para “paz”, o que todos desejavam, e T para “two”, sendo eles os dois e O para *Love*, o seu amor. Ou uma homenagem a um dos grandes edifícios da cidade natal de Ormus: A Orquestra Terminus. Ou um nome inventado há muito, quando Vina vira um reclame a néon relativo a um refresco de outros tempos, *Vimto*, que só tinha três letras iluminadas, *Vimto* sem *im*.

V...T...Ohh

V...T...Ohh

Dois gritos e um suspiro. O orgasmo do passado, cujo anel ela trazia no dedo. Ao qual ela sabia que tinha de voltar, apesar de mim.

\*

Fazia um calor infernal e seco, que ela adorava. Antes de aterrar, o piloto fora informado da existência de ligeiros tremores de terra na região mas já tinham passado, disse ele, e não havia razão para desistir. E pôs-se a dizer mal dos franceses. “Após cada um destes testes podem-se contar cinco dias: um, dois, três, quatro, cinco e a terra põe-se a tremer.” Pousou o helicóptero num campo de futebol poeirento no centro da cidadezinha de Tequila. A população local estava rodeada por um cordão formado pelo que devia constituir toda a força policial da terra. No momento em que Vina Apsara fazia a sua descida majestosa (sempre fora uma princesa e agora preparava-se para ser uma rainha), ouviu-se num grito o seu nome simplesmente, *Vii-i-inaaa*, aquelas vogais alongadas pela ânsia pura, e eu percebi — e não foi a primeira vez — que apesar da extrema devassidão, amplamente publicitada, da sua vida, apesar dos seus caprichos de estrela, dos seus *nakhras*, nunca ninguém lho levava a mal; havia nela qualquer coisa de

desarmante e a reacção do público, em vez de censura, era miraculosamente de afeição incondicional, como se ela fosse o filho recém-nascido do mundo inteiro.

Chamemos-lhe amor.

Alguns miúdos começaram a romper o cordão, perseguidos por polícias suados e ofegantes e a seguir apareceu Don Angel Cruz com os seus dois Bentleys prateados, da cor exacta dos seus cabelos, pedindo perdão por não nos receber com uma ária mas a poeira, infelizmente, há sempre dificuldades com a poeira mas então agora, com o tremor de terra, o ar está cheio de poeira, por favor, senora, senhor, e com uma tosezinha seca contra as costas da mão conduziu-nos até ao Bentley da frente, vamos seguir imediatamente por favor, para seguirmos o programa. Instalou-se no segundo veículo, limpando o suor com um lenço gigantesco, um sorriso enorme estampado na cara e aí mantido por um grande esforço de vontade. Uma aflição latejava visivelmente sob a aparência do perfeito anfitrião. “Ali vai um homem muito preocupado”, disse eu a Vina, a caminho da plantação. Ela encolheu os ombros. Em Outubro de 1984 atravessara a ponte de Oakland Bay na direcção oeste para uma sessão de fotografias publicitárias de um carro de luxo para a *Vanity Fair*, do outro lado da ponte o carro dirigiu-se a uma bomba de gasolina e ela saiu do carro para o ver ser erguido do chão, as quatro rodas no ar, e aí ficar por momentos como uma visão do futuro ou pelo menos do *Regresso ao Futuro*. Nesse instante a ponte desmoronou-se como um brinquedo de criança. Por isso, “Não me fales em tremores de terra”, disse ela no seu tom de tipa-dura com experiência de calamidades, ao chegarmos à plantação onde nos esperavam os empregados de Don Angel com chapéus de *cowboy* em palha para nos proteger do sol e mestres do machete preparados para demonstrar como se decepava uma piteira agave para a transformar num “ananás” azul pronto para a máquina trituradora. “Não tentes aplicar-me a Richter, Rai, meu amor, já fui escalada antes.”

Os animais pareciam inquietos. Rafeiros malhados corriam às voltas, ganindo, e ouviam-se relinchar os cavalos. Aves proféticas passavam ruidosamente sobre as nossas cabeças. A actividade sísmica subcutânea também aumentou sob a afabilidade cada vez mais tensa de Don Angel, numa visita guiada à destilaria, estes são os nossos tonéis tradicionais de madeira e aqui estão as últimas maravilhas reluzentes da nova tecnologia, o

nosso principal investimento para o futuro, um enorme investimento, um investimento incalculável. O medo começara a ressumar dele, em glóbulos de suor acre. Distraído, limpava o fluido mal cheiroso com outro dos seus lenços ensopados e na secção do engarrafamento os olhos foram-se-lhe esgazeando com crescente aflição, à medida que contemplava a fragilidade da sua fortuna, líquido envolto em vidro, e o terror de um tremor de terra começava a liquefazer-se-lhe pelos cantos dos olhos.

— A venda de vinhos e licores franceses tem vindo a descer desde que começaram os testes, talvez de vinte por cento, — murmurou ele, abanando a cabeça. — Tanto os produtores de vinho do Chile como a nossa gente aqui em Tequila é quem tem beneficiado. A procura para exportação tem subido tanto que nem se acredita. — Limpou os olhos com as costas da mão trémula. — Porque haveria Deus de nos fazer uma tal benesse para no-la retirar de novo? Será que Ele precisa de experimentar a nossa fé? — Olhava-nos com atenção, como se pudéssemos realmente fornecer-lhe uma resposta. Quando percebeu que não podíamos valer-lhe, agarrou-se subitamente às mãos de Vina Apsara, como um suplicante na sua corte, levado a este excesso de familiaridade pela força do aperto em que se encontrava. Ela não tentou libertar-se.

— Eu não tenho sido má pessoa, — disse ele a Vina num ar de imploração como se estivesse a rezar-lhe. — Sempre fui justo para com os meus empregados e amável para os meus filhos a até fiel à minha mulher, excepto, para ser honesto, em dois ou três incidentes sem importância e esses passaram-se há uns bons vinte anos, señora, uma senhora tão sofisticada pode entender as fraquezas da meia-idade. Porque é que me havia de acontecer isto? — Baixou a cabeça e largou as mãos de Vina, enclavinhando as suas e encostando-as, aterrado, contra os dentes.

Ela estava habituada a conceder absolvições. Colocando as mãos sobre os ombros dele, começou a falar-lhe n'Aquela Voz, produzindo um murmúrio como se fossem amantes, afastando o terrível tremor de terra como uma simples brincadeira de crianças, mandando-o de castigo para o canto, proibindo-o de criar problemas ao excelente Don Angel; e tal era o milagre da sua voz, do som da sua voz mais do que aquilo que dizia, que a angustiada criatura parou realmente de suar, levantando a sua cabeça de querubim num tímido renovo de boa disposição e sorriu.

— Ora bem, — disse Vina Apsara. — E agora vamos almoçar.

Na velha fazenda da família (e da firma), que hoje em dia só era utilizada para grandes festas como esta, fomos dar com uma enorme mesa posta no claustro que dava para um pátio onde havia uma fonte e à chegada de Vina uma orquestra de mariachis começou a tocar. A seguir, foi o desfile dos automóveis, de onde saiu todo aquele horroroso jardim zoológico do rock, guinchando e esvoaçando, despachando a tequila especial do dono da casa como se fosse cerveja de lata ou vinho de pacote, inventando gabarolices e exagerando as peripécias da viagem durante os tremores de terra; o assistente pessoal a espumar de ódio à terra instável como se intentasse pôr-lhe um processo, o director de tournée numa explosão de hilaridade que habitualmente só demonstrava por ocasião da assinatura de um contrato especialmente iníquo, o pavão esbracejante e declamatório, os gorilas guinchando os seus monossílabos, os guitarristas argentinos engalfinhados como de costume e os percussionistas já bem atestados de tequila, a tentar apagar a memória do terror por que tinham passado lançando em altos berros uma série de comentários críticos acerca da orquestra de mariachis, cujo chefe, resplandecente no seu fato negro-e-prata, atirou violentamente ao chão o seu sombrero e preparava-se para sacar do revólver de seis tiros que trazia amarrado à coxa quando Don Angel interveio dizendo, com a intenção de promover um são convívio:

— Por favor, se me permitem, proponho-me cantar, para vosso divertimento.

Uma verdadeira voz de contra-tenor silencia qualquer discussão, a sua etérea doçura envergonha a nossa mesquinhez, como a música das esferas. Don Angel Cruz ofereceu-nos Gluck, *Trionfi Amore* e os cantores mariachis compuseram um Coro muito aceitável para o seu Orfeu:

*“Trionfi amore!  
E il mondo intiero  
Serva all’impero  
Della beltà. “*

O final infeliz da história de Orfeu, a perda irremediável de Eurídice devido a Orfeu ter olhado para trás, sempre constituiu um problema para compositores e libretistas. — Eh lá, Calzabigi, que raio de final é este que me mandaste? Tão deprimente! Era o que me faltava, mandar as pessoas para casa com uma grande cachola... *Está lá?* Pois, animar aquilo, *ja!* — Está bem, Herr Gluck, não esteja tão *agitato*. Não há problema! O amor é

mais forte que o Hades. O amor torna os deuses misericordiosos. Que tal, deixarem-na voltar para trás na mesma? “Vá lá, rapariga, o tipo é mesmo doido por ti! Que mal faz, uma espreitadelazita de nada? E no fim os namorados dão uma festa, mas uma festa de arromba! Todos dançam, bebem vinho, tudo e mais alguma coisa. E aí tem o seu grande final e toda a gente vai para casa a trautear a música. —Tudo bem. Combinado. Boa, Raniero! — Ótimo, Willibald. Não se fala mais nisso.

E aí estava o grande final. O amor triunfando sobre a morte. *E o mundo inteiro obedece à lei da beleza.* Para espanto de todos, incluindo eu, Vina Apsara a estrela do *rock* levantou-se e cantou ambas as partes de soprano, tanto Amor como Eurídice e, embora eu não seja entendido, ela pareceu-me conhecer perfeitamente tanto a música como as palavras e a sua voz, finalmente cumprida até ao êxtase, parecia dizer: é para isto mesmo que eu fui feita.

“...*E quel sospetto  
Che il cor tormenta  
Al fin diventa  
Felicità.*”

O coração atormentado não se limita a encontrar a felicidade, *torna-se felicidade.* Pelo menos, a história é essa. É o que diz a canção.

\*

A terra começou a tremer logo que ela se calou, como se estivesse a aplaudi-la. Toda aquela natureza morta do banquete, as travessas de comida e as taças com frutos e as garrafas da melhor tequila e até a mesa do banquete, tudo começou a saltar e a dançar como num filme de Walt Disney, os objectos eram animados pelo pequeno aprendiz de feiticeiro, o minúsculo super-rato; ou movidos pelo poder da sua voz a juntarem-se na *chaconne* final. Ao tentar recordar os acontecimentos na sua exacta sequência, descubro que a minha memória é como um filme mudo. Deve ter havido ruído. Pandemonium, essa cidade de diabos e almas penadas, não poderia ter sido mais rui dosa do que aquela cidadezinha mexicana quando as rachas começaram a surgir numa correria de lagartixas ao longo das paredes dos edificios, forçando os muros da *hacienda* de Don Angel a abrirem-se, introduzindo os seus longos dedos sinistros até que tudo se desfez como uma ilusão, uma fachada de cenário e, atravessando as nuvens de poeira que se erguiam das ruínas, voltámos de novo às ruas arfantes e

encabrestadas; corríamos como loucos sem saber para onde, enquanto do alto caíam telhas e havia árvores atiradas ao ar e os esgotos rebentavam na rua, e as casas explodiam e do céu começaram a chover arcas há muito guardadas nos sótãos.

Mas só me lembro do silêncio, o silêncio do horror total. Para ser mais exacto, o silêncio da fotografia, porque era essa a minha profissão e como é natural foi a ela que eu recorri logo que começou o tremor de terra. Todos os meus pensamentos foram para os quadradinhos de película que iam passando através das minhas velhas máquinas, *Voigtländer-Leica-Pentax*, para as formas e cores que elas iam registando devido às variações de movimentos e acontecimentos e, claro está, ao talento ou falta dele com que eu conseguia apontar a lente na direcção boa ou má e no momento certo ou errado. Ali se fixava o silêncio eterno de caras, corpos, animais e da própria natureza, apanhados pela minha máquina, sim, mas também pelo pavor do imprevisível e pela angústia da morte, pelas garras daquela terrível metamorfose, o silêncio apavorante de uma forma de vida no instante da sua aniquilação, a sua entrada num passado dourado que jamais poderá ser reconstituído porque quem tenha estado num tremor de terra, mesmo escapando sem um arranhão, sabe que, tal como um ataque de coração, a ameaça permanecerá no peito da terra com um potencial de horror, prometendo constantemente voltar para atacar de novo com redobrada violência.

Uma fotografia é uma decisão moral tomada num oitavo de segundo, ou num dezasseis avos, ou num centésimo vigésimo oitavo. É mais rápido do que um estalar de dedos. A meio caminho entre testemunha e *voyeur*, entre artista e canalha, é aí que eu vivo, incessantemente fazendo escolhas, de um momento para o outro. Não há azar, até é giro. Ainda estou vivo, ainda só me escarraram em cima e me chamaram nomes umas duzentas ou trezentas vezes. Os nomes feios não me fazem moossa. O que me preocupa são os homens que usam armas pesadas. (E há-os sempre por aí, vários arnolds de exterminador em punho, todos esses suicidas cheios de zelo, de barbas em escova e carinhas de bebé; e quando são mulheres, é ainda pior.)

Também já fui um maníaco de tudo o que é acontecimento. A acção era o meu estimulante preferido. Gostava de colar a cara à superfície quente e suada daquilo que estava a acontecer, de olhos abertos, sorvendo o suco da actualidade, e tendo desligado todos os outros sentidos. Nunca me ralei se



aquilo cheirava mal, ou se aquele toque viscoso dava vontade de vomitar ou o que aconteceria às minhas papilas se me lembrasse de o lamber, nem mesmo se havia gritos. Só me interessava o aspecto. Durante muito tempo, foi aí que eu procurei os sentimentos e a verdade.

Aquilo — Que — Está — a — Acontecer: não há nada melhor para uma pessoa se agarrar com força, desde que não deixemos lá a pele. Nada no mundo de mais excitante.

Há muito que eu criei artes de me tornar invisível. Foi assim que eu pude chegar mesmo até junto dos actores do grande teatro do mundo, os doentes, os moribundos, os loucos, os que estão de luto, os ricos, os gananciosos, os extáticos, os despojados, os coléricos, os homicidas, os dissimulados, os maus, as crianças, os bons, os famosos; foi assim que eu pude esgueirar-me para dentro do espaço deles, mesmo para o centro da sua raiva, desgosto ou extrema provocação, a fim de penetrar o momento decisivo do seu estar-no-mundo e tirar a merda da minha fotografia. Em muitas ocasiões, este dom da desmaterialização salvou-me a vida. Quando alguém me dizia: não vás por aquela estrada que está infestada de franco-atiradores, não entres naquela zona que é território de um senhor-da-guerra, farias melhor em passar ao largo daquele feudo da milícia, sempre me senti irresistivelmente atraído. — Não houve ainda ninguém que lá tivesse entrado com uma câmara e tivesse saído vivo, — avisavam, e eu apressava-me imediatamente a cruzar a fronteira sem retorno. Quando voltava, as pessoas olhavam-me com estranheza como se eu fosse um fantasma e perguntavam como é que eu tinha conseguido. Eu abanava a cabeça. Na verdade não sabia, a maior parte das vezes. Provavelmente, se soubesse, não conseguiria repetir a proeza e acabaria por ser morto numa qualquer zona de combate de meia-tigela. É o que pode acontecer um dia destes.

A explicação mais plausível é que sei tornar-me insignificante. Não fisicamente, porque sou um tipo sobre o alto, truncado, mas psicologicamente. Faço um sorriso autodesvalorizante e vou mirrando até à insignificância. Pela minha aparência convenço o atirador de elite que a sua bala seria mal empregada e a minha maneira de andar faz o senhor da guerra decidir não sujar comigo o seu machado. Faço-os sentir que não sou digno da sua violência. Talvez resulte porque estou a ser sincero, porque desejo realmente desvalorizar-me. Trago comigo experiências e memórias que vêm em meu auxílio quando quero relembrar o meu escasso valor. E é

assim que uma forma de modéstia adquirida, produto da minha vida e dos meus erros passados, tem conseguido manter-me vivo.

— “Disparate,” — foi a opinião de Vina — “Isso é outra versão da tua técnica para engatar miúdas.”

A modéstia dá bom resultado com as mulheres, é bem verdade. Mas com as mulheres, a minha modéstia é fingida. O meu sorriso simpático, os meus modos tímidos... Quanto mais recuo, com o meu casaco de camurça e botas militares, sorrindo timidamente sob a careca (quantas vezes me foi dito que tenho um crânio lindo!) mais elas avançam sem hesitar. No amor avança-se recuando. Mas a verdade é que o amor e aquilo a que Ormus Cama, por exemplo, se referia usando a mesma palavra, eram duas coisas diferentes. Para mim era sempre uma arte, a *ars amatoria*: o primeiro contacto, o desfazer de ansiedades, o estímulo do interesse, a falsa despedida, o regresso lento e inexorável. A lenta espiral concêntrica do desejo. *Kama*. A arte de amar.

Enquanto que para Ormus Cama era um puro caso de vida ou de morte. O amor era para sempre e durava para além da morte. O amor era Vina e para lá de Vina não havia senão o vazio.

\*

Contudo, nunca consegui ser invisível para as criaturinhas da terra. Esses terroristas anões de seis patas têm-me debaixo de olho; não há que duvidar. Mostrem-me (ou por outra, não me mostrem) uma formiga, apresentem-me (por favor, não me apresentem) a uma vespa, uma abelha, um mosquito, uma pulga: vão comer-me ao pequeno almoço ou a qualquer outra refeição mais substancial. Tudo o que for pequeno e pique, pica-me. E foi por isso que, a dado momento em pleno tremor de terra, quando eu fotografava uma criança a chorar, perdida dos pais, fui cruelmente mordido na face como que pela consciência e afastei o rosto da câmara exactamente a tempo de ver (não por medo do terrível aguilhão, acho eu; nem sequer pela conveniência, mas por um súbito sexto sentido) o início da inundação de tequila. Todos os gigantescos depósitos da cidade tinham rebentado ao mesmo tempo.

As ruas pareciam chicotes, torcendo-se como cobras e dando estalos. A destilaria Angel tinha sido a primeira a receber a terrível chicotada. A velha madeira rebentou, os novos depósitos de metal torceram-se e racharam. A torrente urinária seguiu o seu caminho pelas ruelas da vila, a onda da frente

apanhou a população que fugia e envolveu-a fazendo-a virar os pés pela cabeça. Tal era o poder da bebida que os que beberam golos da angélica espuma ficaram não só molhados e engasgados mas também bêbados. A última vez que vi Don Angel Cruz, ele corria pela maré de tequila com uma panela nas mãos e duas chaleiras penduradas ao pescoço por um cordel, tentando pateticamente salvar o que pudesse.

Assim se comportam os homens quando vêm destruído o seu dia-a-dia, quando por breves instantes enfrentam, em estado bruto, uma das grandes forças determinantes da vida. A calamidade fixa neles o seu olhar hipnótico, fazendo-os remexer e esgaravatar o lixo dos seus dias à procura de uma memória do quotidiano — um brinquedo, um livro, uma peça de roupa, mesmo uma fotografia — por entre os montões das coisas que vão perder para sempre. Don Angel Cruz transformado em homem-do-trapo era a imagem fabulosa, infantil, de que eu precisava, uma figura que fazia lembrar, arrepiantemente, a personagem surrealista do *Homem das Caçarolas*, da série de Enid Blyton, um dos livros preferidos de Vina Apsara que ela levava consigo para onde quer que viajasse. Envolvendo-me na minha capa de invisibilidade comecei a tirar fotografias.

Não sei quanto tempo tudo isto durou. A mesa a tremer, o desabar da *hacienda*, as ruas feitas montanha-russa, as pessoas meio afogadas no rio de tequila, o reinado da histeria, o riso mortal dos que ficaram sem casa, arruinados, sem meios de vida, órfãos, mortos... não posso calcular. Vinte segundos? Meia hora? Não sei. A capa da invisibilidade e o meu outro truque de apagar todos os meus sentidos e canalizar todos os meios de percepção através dos meus olhos mecânicos — estas coisas têm, como se costuma dizer, o seu lado negativo. Quando estou perante as enormidades que estão a acontecer, quando o enorme monstro está rugindo para a minha câmara, perco o controle de tudo. Que horas são? Onde está Vina? Quem morreu? Quem é que está vivo? Será aquilo um abismo a abrir-se debaixo dos meus pés? Que é que você disse? Que há uma equipa de socorro a tentar chegar até esta mulher moribunda? Que é que você está para aí a dizer? Tire-se do meu caminho, quem diabo é que você julga que é, para me vir dar ordens? *Não vê que estou a trabalhar?*

Quem é que estava vivo? Quem morrera? Onde estava Vina? Onde estava Vina? Onde estava Vina?

Voltei a mim. Tinha o pescoço mordido por insectos. A torrente de tequila

cessara, o precioso líquido desaparecia pelas rachas da terra. A cidade parecia um postal ilustrado rasgado em mil bocados por uma criança birrenta e depois pacientemente reconstituída por sua mãe. Adquirira as características do que é quebrável e ingressara na grande família das coisas que se costumam partir: partir a loiça, partir pedra, partir a cara, partir o coração, partir para não voltar. Vina Apsara surgiu de uma nuvem de poeira, cambaleando na minha direcção. — Rai, graças a Deus! — Mau grado todos os seus contactos com os sábios budistas (Rinpoche Hollywood e o Lama Ginsberg), com os cimbalistas da Consciência de Krishna e com os gurus dos Tantra Kundalítaros e com os rishis Transcendentais e com os mestres desta e daquela seita de tarados, Zen e a Arte do Acordo e o Tao da Promiscuidade Sexual, do Amor de Si Mesmo e do Esclarecimento, apesar de ela ser uma fiel seguidora de todas as coqueluches espirituais, eu, com o meu ateísmo básico, sempre achei difícil de crer que ela acreditasse mesmo num Deus com existência própria. Mas provavelmente até acreditava; provavelmente, eu também me enganava a esse respeito e, de qualquer modo, que mais haverá? Quando estamos cheios de gratidão pelas coisas boas da vida, quando não há ninguém a quem agradecer e nós queremos agradecer, o que é que podemos dizer? Vina dissera “Deus”. A palavra soou aos meus ouvidos como uma forma de manifestar uma emoção. Era uma forma de exprimir qualquer coisa que não se podia dizer de outro modo.

Do céu desceu um enorme insecto oprimindo-nos com o remoinho resistente das suas estrondosas asas. O helicóptero tinha levantado voo no momento exacto de evitar a sua destruição. O piloto, agora, baixara quase a terra e fazia um gesto interrogativo, mudando ligeiramente de posição.

— Vamos embora daqui —, gritou Vina.

Abanei a cabeça: — Vai tu — gritei-lhe. O trabalho antes de tudo. Tinha que mandar as minhas fotos. — Vemo-nos mais tarde — gritei.

— O quê?

— Mais tarde.

— O quê?

A ideia era que o helicóptero nos levasse para um fim-de-semana relaxante numa casa longínqua, na Costa do Pacífico, a Villa Huracán, co-propriedade do presidente da Empresa Discográfica Colchis, situada a norte de Puerto Vallarta, num isolamento privilegiado, encravada qual reino mágico entre a selva e o mar. Agora nem sequer havia maneira de saber se a

casa ainda estaria de pé. O mundo mudara. No entanto, tal como as pessoas abraçadas às suas fotos emolduradas, tal como Don Angel com as suas caçarolas, Vina Apsara agarrava-se à ideia da continuidade, do itinerário pré-combinado. Mantinha-se fiel ao programa. Mas para mim não podia haver nenhum Shangri-la tropical até que as minhas fotos estivessem espalhadas pelas secretárias de todas as redacções do mundo.

— Eu vou — gritou ela.

— Eu não posso.

— O quê?

— Não posso.

— Vai-te lixar.

— O quê?

Vina entrou para o helicóptero que começou a subir sem me levar com ela. Nunca mais a vi, nunca mais nos vimos e as últimas palavras que ela me gritou quebram o meu coração sempre que penso nelas, o que me acontece várias centenas de vezes por dia todos os dias, sem falar das noites sem fim e sem sono.

— *Adeus, Esperança.*

\*

Comecei a usar o nome de “Rai” profissionalmente, quando ingressei na famosa agência Nebuchadnezzar. Pseudónimos, nomes artísticos, nomes profissionais, são máscaras úteis para escritores, actores ou espiões, porque escondem ou alteram a nossa verdadeira identidade. Mas quando me dei a mim próprio o nome de *Rai*, “príncipe”, senti que retirava uma máscara e que estava a dar a conhecer ao mundo o meu segredo mais precioso, porque este era o nome que Vina me dera quando era pequeno, o símbolo do meu amor de criança.

— Portas-te como um jovem rajá, — disse-me ela com ternura quando eu tinha nove anos e ainda usava aparelho nos dentes, — só os teus amigos é que sabem que és mesmo um pateta alegre.

Rai era isso: um pequeno príncipe. Mas a infância acaba e na vida adulta foi Ormus Cama, e não eu, quem veio a ser o Príncipe Encantador de Vina. Contudo, a alcunha ficou comigo. E Ormus teve a gentileza de a usar também, ou digamos que apanhou o hábito com Vina, como uma doença, ou que nunca sonhou que eu pudesse constituir alguma ameaça, e é por isso que ele me considerava um amigo... Mas deixemos isso agora. *Rai*: também

pode significar “desejo”, a inclinação pessoal de um homem, a direcção que ele quer seguir; bem como “vontade”, a força de carácter dum homem. Tudo isso me agradava. Agradava-me também o facto de ser um nome que se deslocava com facilidade, toda a gente o podia pronunciar, soava bem em qualquer língua. E se por vezes aparecia a rimar com “Hey, Ray”!, essa poderosa democracia da má-pronúncia que são os Estados Unidos, não me parecia útil entrar em discussões: empochava o dinheiro do contrato e mudava de poiso. E numa parte distante do mundo, Rai soava a música. Mas, infelizmente, na pátria dessa música fanáticos religiosos tinham começado ultimamente a assassinar os músicos. Pensam que a música é um insulto a deus que nos deu voz mas não deseja que cantemos, que nos deu o livre arbítrio, o *rai*, mas prefere que não sejamos livres.

Seja como for, agora toda a gente diz certo: Rai. Um nome único, fácil, com estilo. Muitas pessoas nem sequer sabem o meu verdadeiro nome. Que é Umeed Merchant, como creio já ter dito. Umeed Merchant, criado num universo diferente, numa dimensão temporal diferente, numa vivenda de Cuffe Parade, em Bombaim, que ardeu há muitos anos. Devo explicar que “Merchant” quer dizer mercador. Em Bombaim muitos nomes de família provêm da profissão de um antepassado há muito falecido, engenheiros, empreiteiros, médicos. Sem esquecer os Readymoneys, (Dinheiro á Vista), os Cashondeliveris (Pronto Pagamento), os Fishwala (Negociante de Peixe). E um Mistry é um pedreiro, um Wadia é um construtor naval, um advogado é um Vakil e um banqueiro um Shroff. E da antiga relação amorosa entre a cidade sequiosa e as bebidas gaseificadas provêm nomes como não só “Batliwala” mas ainda “Sodawaterbatliwala” e até “Sodawaterbatliopenerwala”!

Juro por tudo o que é sagrado!

— Adeus, Esperança, — gritou Vina e o helicóptero desapareceu em subida vertiginosa.

Eu explico: umeed é um substantivo feminino. Que significa esperança.

\*

Porque será que gostamos dos músicos? Qual será o poder de uma canção? Talvez provenha da própria estranheza do facto de haver música na Terra. A nota, a escala, o acorde; melodias, harmonias, arranjos; sinfonias, óperas chinesas, *jazz*, *blues*: que tais coisas existam, que os homens tenham descoberto os intervalos mágicos que dominam a pequena quantidade de

notas que uma mão pode abarcar e com a qual podem construir verdadeiras catedrais de som, é um mistério da alquimia, tal como a matemática ou o vinho ou o amor. Talvez tenhamos aprendido com as aves. E talvez não. Talvez nós sejamos criaturas que buscam uma elevação que não temos. As nossas vidas não são o que merecemos, são em muitos casos dolorosamente deficientes. A música transforma-as em qualquer coisa diferente. Mostramos o que nós próprios poderíamos ser, se fôssemos dignos desse mundo.

Há cinco mistérios que contêm as chaves do invisível: o acto do amor, o nascimento de uma criança, a contemplação de uma obra de arte, a presença da morte ou de uma catástrofe e ouvir a voz humana numa canção. Essas são as ocasiões em que os portões do universo se entreabrem e nos é dado espreitar um instante aquilo que está oculto, um hausto do inefável. Nesses momentos a glória cai sobre as nossas cabeças: a glória negra dos tremores de terra, o encantamento fugidio da nova vida, o fulgor da voz de Vina.

Vina, para quem convergia gente de toda a parte, seguindo a sua estrela, esperando obter a redenção através da sua voz, dos seus grandes olhos líquidos, do seu toque. Como se explica que uma mulher tão explosiva, tão amoral até, pudesse ser vista como um emblema, um ideal, para mais de metade da população do mundo? Ela não era nenhum anjo, sou eu que o digo, mas experimentem dizê-lo a Don Angel... Ainda bem que ela não era cristã, ou teriam tentado canonizá-la. Nossa Senhora dos Estádios, nossa madona das arenas, mostrando ao povo as suas cicatrizes, como Alexandre o Grande a convocar os seus soldados para a guerra; a nossa Não-virgem de gesso, chorando lágrimas vermelhas de sangue pelos olhos e música ardente pela garganta. À medida que nos afastamos da religião, o nosso antigo ópio, haverá necessariamente sintomas de carência e haverá também efeitos secundários deste género Apsariano. O hábito de prestar culto não é fácil de eliminar. Nos museus, as salas com ícones estão sempre repletas. E sempre preferimos as nossas imagens de culto feridas e maltratadas, cravejadas de flechas ou crucificadas de cabeça para baixo, queremos-las nuas e esfoladas vivas, queremos ver a sua beleza esboroar-se devagar e assistir aos seus desgostos narcisísticos. Não é apesar dos seus erros mas *por causa* dos seus erros que as adoramos, veneramos as suas fraquezas, a sua mesquinhez, os seus casamentos desgraçados, o seu abuso das drogas, o seu despeito. Ao ver-nos no espelho de Vina, perdoávamos-lhe tudo e era como se nos perdoássemos a nós próprios. Ela redimia-nos com os seus pecados.

Comigo passava-se o mesmo. Sempre precisei dela para resolver os meus problemas: um trabalho mal atamancado, um golpe no meu orgulho, uma ou outra mulher que nos deixa com aquela última frase cruel que nos magoa. Mas só perto do final da sua vida é que eu tive a coragem de lhe falar de amor, de pôr as cartas na mesa e por um louco instante acreditei que era capaz de a sacar das garras de Ormus. E então ela morreu, deixando-me uma dor que só o seu toque mágico poderia ter minorado. Mas ela não estava ali, para me beijar na testa e dizer — Está tudo bem, Rai, seu pateta alegre, não te rales, deixa-me pôr o meu unguento feiticeiro nesses arranhões tão feios e tão maus, vem para o colinho da mamã e vais ver que tudo acaba em bem.

É isso o que eu agora sinto quando penso em Don Angel Cruz soluçando na frente dela na sua frágil destilaria. inveja. E também ciúme. *Desejaria tê-lo feito, ter aberto o meu coração e ter-lhe pedido o seu amor antes de ser tarde demais e também desejaria que ela não te tivesse tocado, verme capitalista falido de voz chorosa.*

Todos nós procurávamos nela a paz, embora ela não estivesse em paz. Decidi por isso deixar aqui escrito, publicamente, aquilo que já não posso sussurrar em privado ao seu ouvido: ou seja, tudo. Escolhi contar nestas páginas a nossa história, a dela, a minha, a de Ormus Cama, a história toda, com todos os detalhes e assim talvez ela possa achar uma espécie de paz, aqui nesta página, neste submundo de tintas e mentira, talvez possa achar aquele momento de sossego que lhe foi negado pela vida. E aqui estou eu às portas do inferno da linguagem, com um cão a ladrar e um barqueiro à espera e uma moeda debaixo da língua para pagar a passagem.

— Não tenho sido má pessoa, — choramingava Don Angel Cruz.

Pois bem, também tenho as minhas choraminguices pessoais:

— Olha, Vina: também não sou mau tipo. Contudo, devo confessar que tenho sido infiel nos amores, sou filho único e ainda não tenho filhos, em nome da arte roubei a imagem aos mortos e aos aflitos, namorei a torto e a direito e a tudo fui indiferente (desalojando, do seu poleiro nos meus ombros o meu anjo-da-guarda) e pior ainda; mas apesar de tudo considero-me um homem entre os homens, nem melhor nem pior, os homens são assim. Mesmo condenado às picadas dos insectos, não tenho levado uma vida depravada. Acredita que não.

Conheces a quarta *Geórgica* do bardo de Mântua, P. Vergilius Maro? O



pai de Ormus Cama, o terrível Sir Darius Xerxes Cama, apreciador dos clássicos e de mel, conhecia bem Virgílio e, por intermédio dele, eu também aprendi um pouco. Sir Darius era, como é óbvio, admirador de Aristeu, que foi o primeiro apicultor da literatura mundial, cujas importunas propostas amorosas fizeram Eurídice pisar uma serpente, desencadeando a morte da ninfa e o pranto das montanhas. O tratamento dado por Virgílio à história de Orfeu é extraordinário: narra-o em setenta e seis versos ardentes que parecem escritos de um só jacto e a seguir, em mais trinta e nove versos mecânicos e superficiais, permite que Aristeu cumpra o seu sacrifício expiatório ritual e acabou-se, fim do poema, não se pensa mais nesses malfadados amantes tontos. O verdadeiro herói do poema é o criador de abelhas, o “mestre da Arcádia” que consegue fazer um milagre muito maior que o talento desse desgraçado aedo Trácio, que nem sequer pôde fazer regressar a amante de entre os mortos. Eis o que Aristeu conseguia fazer: *podia fazer gerar espontaneamente novas abelhas da carcassa podre de uma vaca*. Era o “dom divino do mel vindo do ar”.

Ora bem. Don Angel conseguia produzir tequila de uma piteira azul. Eu, Umeed Merchant, fotógrafo, consigo fazer gerar espontaneamente um novo significado da carcassa podre do que quer que seja. O meu dom é o talento infernal de conjurar reacções, sentimentos e até compreensão de uns olhos indiferentes, ao pôr-lhe diante a face silenciosa da realidade. Eu também estou comprometido, só eu sei quanto. E não há sacrifícios que eu possa celebrar, nem deuses a propiciar. E contudo os meus nomes são “esperança” e “vontade”. Isso conta para alguma coisa, não é verdade? Vina, não tenho razão?

*Claro, querido. Claro que sim, Rai, meu amor. Claro que conta.*

\*

Música, amor, morte. Sem dúvida um triângulo, talvez mesmo o eterno triângulo. Mas Aristeu, que trouxe consigo a morte, trouxe também a vida, um pouco como o deus Shiva lá da nossa terra. Não um simples dançarino, mas ao mesmo tempo Criador e Destruidor. Não só picado pelas abelhas mas criador das picadelas de abelhas. Então: música, amor e vida-morte, esses três. Como éramos três outrora: Ormus, Vina e eu. Nunca nos poupámos nada mutuamente. Por isso, neste relato nada será poupado. Vou ter de trair-te, Vina, para poder deixar-te partir.

*Começa.*

---

1 O bairro Castro é uma espécie de gueto onde vivem, quase exclusivamente, homossexuais. (*N. T.*)

2 Em inglês “abraça-me”. (*N T.*)

## Capítulo 2

### MELODIAS E SILÊNCIOS

Ormus Cama nasceu em Bombaim, na Índia, nas primeiras horas do dia 27 de Maio de 1937 e momentos depois de ter nascido começava a fazer aqueles estranhos movimentos rápidos com os dedos de ambas as mãos que qualquer tocador de guitarra poderia ter identificado como progressões de acordes. Mas, como não havia nenhum guitarrista entre os convidados a prestar homenagem ao novo bebé na Clínica das Irmãs de Maria Gratiaplana, em Alta-mount Road, ou mais tarde, no apartamento da família em Apollo Bunder, o milagre teria passado despercebido se não fosse um rolo de película de 8mm a preto e branco filmado a 17 de Junho numa *Paillard Bolex* e operada à mão, pertença do meu próprio pai, o senhor V.V. Merchant, grande operador de cinema amador. A “fita Vivi”, como veio a ser chamada, sobreviveu felizmente em estado razoável até que, muitos anos depois, as novas tecnologias computadorizadas de intensificação de imagem deram a ver ao mundo inteiro, em grandes planos ampliados digitalmente, as mãozinhas rechonchudas do bebé Ormus a tocar incontestavelmente guitarra, executando silenciosamente uma complexa série de “riffs\*” entremeados de “licks<sup>3</sup>” com uma velocidade e um sentimento dignos dos melhores executantes daquele instrumento.

Mas, no princípio, ninguém se ralava com a música. A mãe de Ormus, Lady Spenta Cama, tinha sido informada, na trigésima quinta semana da gravidez, de que a criança que trazia no ventre estava morta. Naquele estado tão avançado não houve outro remédio senão levar o parto até ao fim; quando ela viu o corpo inerte de Gayo, o irmão mais velho de Ormus e seu gémeo dizigótico, o seu desespero foi tal que pensou que o movimento que continuava a processar-se dentro de si era a sua própria morte tentando agir para que ela se unisse ao filho inerte o mais cedo possível.

Até àquele momento ela fora a mais plácida das mulheres, tipicamente endomórfica e astigmática, de corpo pesado e lentes grossas, dada por vezes a uma rotação das maxilas um tanto bovina, deliberadamente classificada de estupidez pelo próprio marido, Sir Darius Xerxes Cama, verboso, irascível, excêntrico, tipicamente ectomórfico, alto, de olhar agudo, usando um bigode extravagante e um fez encarnado com bolas douradas. Mas não era estupidez. Era a firmeza de uma alma totalmente realizada a nível espiritual ou, mais precisamente, uma alma que encontrava nas suas tarefas do dia-a-

dia uma maneira de comunicar com o divino. Lady Spenta Cama conversava com dois dos anjos Parsi, os Spenta Amesha que lhe tinham dado o seu nome: o Anjo dos Bons Pensamentos, com quem tinha conversas silenciosas que lhe ocupavam uma hora toda as manhãs (recusava-se terminantemente a revelar a natureza dessas conversas ao seu marido ou fosse a quem fosse) e o Anjo da Virtude pela Ordem, sob cuja tutela ela se foi tornando cada vez mais atenta a cada pormenor da sua vida de dona de casa, supervisão a que dedicava todas as tardes. Entre os vários Spentas sobrenaturais, eram estes dois com quem Lady Spenta Cama sentia mais afinidades. O Anjo da Perfeição e o Anjo da Imortalidade estavam muito acima dela, confessava humildemente e, quanto ao Anjo da Perfeita Supremacia e ao Anjo da Piedade Divina, seria imodéstia pretender ter com eles alguma ligação mais estreita.

O conceito cristão e muçulmano dos anjos, dizia ela com orgulho, derivava da ideia original de Zoroastro, tal como os demónios descendiam dos “nossos próprios Daevas”: e tinha um tal sentimento de propriedade, um tal orgulho na primazia dos Parsis<sup>4</sup>, que falava daquelas forças malignas como se fossem animais de estimação ou um daqueles objectos de porcelana com que ela decorava o apartamento dos Camas em Apollo Bunder, já de si sobrecarregado de objectos, uma espécie de mirante sobre a cidade de Bombaim com cinco enormes janelas dando para o mar, que toda a gente invejava. Não deixava de ser surpreendente que uma pessoa tão dada à virtude cedesse tão espectacularmente aos Daevas da Miséria, das Falsas Aparências e do Espírito de Maldade, gritando o seu desgosto.

— Arré, vem, leva-me contigo, Oh Morte sê minha companheira! — guinchava Lady Spenta. À sua cabeceira, duas senhoras de ar valquiriano pareciam desaprovar aquele desabafo. Ute Schaapsteker, ginecologista-chefe da Clínica Maria Gratiaplana (conhecida nos melhores círculos da cidade alternativamente como “Aquela Convencida” e “Irmã Adolfo”) fez uma série de reparos severos sobre o mau gosto de se desejar prematuramente a morte, que não deixaria de chegar, em seu devido tempo e sem ser chamada. A sua auxiliar, Irmã John, parteira, era ainda nova nesses tempos mas já a caminho de se tornar naquela sinistra presença à cabeceira das camas, cujo formidável carão melancólico ornamentado por uma enorme verruga no lábio superior viria azarar tanto parto em Bombaim durante os próximos cinquenta anos.

— Grandes novas de alegria e felicidade! — ribombou ela lugubrememente. — Pois o Todo Poderoso recolheu para si a alma desta ditosa criança, como se fosse um grão de arroz de primeira escolha. — E o sinistro par teria continuado na mesma veia por um tempo considerável, se Lady Spenta não tivesse subitamente acrescentado, em tom justificadamente surpreendido: — Sinto uma tal pressão no meu traseiro, que, ou estou para fazer cocó, ou há outro *chakra* em vias de saltar cá para fora.

Claro que não fora a sua morte que ela sentira remexer dentro de si. Nem os intestinos prontos a funcionar. Logo ali rapidamente deu à luz um bebé pequeno mas escorreito, uma enguiazinha de pouco mais de dois quilos, um rapazinho cujo presença estivera oculta durante os exames da Dra Schaapsteker, tanto na gravidez como durante o parto, por trás do corpo bastante maior do gémeo falecido. Curiosamente, os Camas já tinham um par de gémeos dizigóticos de cinco anos, Khusro e Ardaviraf, conhecidos por “Cyrus e Virus”. Sir Darius Xerxes Cama, conhecedor da mitologia grega, estava habituado às práticas dos deuses do Olimpo que costumavam introduzir um bebé (por exemplo Ida, Polideucis) de origem semidivina num útero que se preparava para dar à luz uma criança completamente humana (Linceu, Castor). No caso de Khusro — criança precoce e de muitos talentos, com a audácia genuinamente maléfica de um verdadeiro herói — e Ardaviraf, de raciocínio lento e índole pacífica, os antigos Gregos não teriam tido dificuldade em identificar o bebé de origem divina. Desta vez, provavelmente, Gayo, que morrera era a criança terrena e Ormus a criança imortal, tanto na sua origem como no seu futuro. Assim, Sir Darius podia ser considerado pai de um pateta e de um defunto, o que não era motivo de glória. Mas a erudição é uma coisa e a paternidade outra e Sir Darius Xerxes Cama, o “Apoio de Apollo Bunder” era um sólido racionalista formado em Cambridge e eminente homem de leis que passara por Middle Temple e conseqüentemente dedicara toda a sua vida aquilo que, num rasgo de espírito intencional, classificara paradoxalmente como “o milagre da razão”. Não cedeu os direitos de paternidade a nenhum deus, fosse qual fosse a sua origem, tomou as rédeas do poder paternal e, numa estrita equanimidade, tiranizou todos os filhos por igual.

O bebé sobrevivente foi levado para a incubadora por uma Irmã John muito carrancuda, que achava mais difícil aceitar um nascimento do que uma “colheita”. O bebé morto foi retirado (há espectáculos demasiado

fortes para os olhos dos homens, coitados) e finalmente Sir Darius Xerxes Cama foi autorizado a entrar na sala de partos. Spenta estava arrasada de remorsos.

— No momento em que ele nasceu, eu permiti que os escravos da Mentira se apoderassem da minha língua, — confessou ela. Sir Darius desde sempre achara difícil de tratar com as várias manifestações da religiosidade excessivamente literal da mulher. Fez o possível por esconder o seu embaraço mas não conseguiu afastar por completo a imagem da língua de Lady Spenta a ser manobrada por criaturinhas com asas de morcego enviadas por Angra Mainyu, também conhecido como o próprio Ahriman. Fechou os olhos estremeando.

Lady Spenta voltou à carga. — Que ideia foi aquela de chamar Gayo ao pobre pequeno? —, esquecendo, naquele momento de ambíguas emoções, que a ideia fora dela. O marido, demasiado cavalheiresco para lho recordar, aceitou cabisbaixo a reprimenda. Efectivamente, o Primeiro — homem — a — Ser — Criado, Gayomart, fora outrora assassinado por Angra Mainyu.

— Que *péssima* escolha para um nome! — gritou Lady Spenta e desatou novamente a chorar. Sir Darius Xerxes Cama baixou ainda mais a cabeça: Lady Spenta achou-se a falar para as borlas no topo do fez. Bateu-lhe repetida e firmemente. O fez emitiu um som cavo. — A única forma de compensação, — insistiu ela soluçando, — é dar imediatamente ao rapaz que sobreviveu o nome de Deus.

Hormuz ou Ormazd, derivados de Ahura Mazda, foram as suas opções preferidas, que Sir Darius Xerxes Cama, como bom clássico, latinizou para Ormus. Lady Spenta pareceu satisfeita. Enxugou os olhos e o casal procedeu à visita da sala incubadora, onde Ute Schaapsteker confirmou que a criança tinha todas as possibilidades de sobreviver.

— Meu Ormusinho pequenino, — murmurou Lady Spenta ao admirar o minúsculo bebé por trás do vidro da incubadora. Meu caranguejozinho querido. Já não vais para o Inferno, já não podem vir lá debaixo da terra para te levar.

\*

Tendo escutado as tranquilizantes previsões de Ute acerca do futuro do bebé, Sir Darius despediu-se, foi ao ponto de dar um beijo à mulher e saiu apressadamente, demasiado depressa para o gosto dela, para ir jogar críquete. Era um jogo importante. Naquele ano, o Torneio Quadrilateral

entre as equipas britânicas, indu, mussulmana e parsi tornara-se Pentalateral e Sir Darius fora escolhido para jogar com os Parsis contra a nova equipa, os Outros, um Onze recrutado entre os cristãos, mestiços e judeus. Aos quarenta e três anos, Sir Darius ainda era senhor da força física e da musculatura invejável de um herói do desporto, praticante de musculação e ex-campeão amador de luta livre. O seu estilo elegante de esquerdino era muito apreciado, a sua jogada característica era uma batida diferida, executada preguiçosamente e por isso mesmo desnorteante e extremamente eficaz. E, por períodos curtos, ainda conseguia lançar a bola ao batedor com uma velocidade estonteante, proeza desde sempre conhecida como “os relâmpagos de Darius”. Ao vestir o equipamento branco, descartando a sua longa túnica e o alto fez de cavaleiro Parsi após aquelas horas de ansiedade na clínica, teve uma sensação de orgulhoso alívio. Já não era obrigado a rondar a periferia daqueles assuntos femininos! Sentia-se um verdadeiro tigre e o seu orgulho em ser pai de um pequeno macho pela terceira vez ia em breve ser transvasado sobre o inimigo sob a forma de feitos heróicos com o bastão e a bola. A metamorfose de cidadão em desportista na privacidade de uma tenda armada em vestiário na orla do grande relvado era, de todos os rituais, o que Sir Darius mais apreciava. (Quando, após um dia de prática feroz da advocacia, ele retirava a toga e a peruca da Lei e agarrava no seu bastão de críquete, sentia que estava a assumir o lado mais nobre da sua natureza, feito da fibra e da graça olímpicas.) O seu colega batedor, um aparatoso jovem chamado Homi Ctrack, perguntou-lhe se se sentia em forma para jogar, após uma noite sem dormir. — Tomara você! — gritou Sir Darius e avançou destemidamente para a batalha em prol da sua raça.

No campo, uma multidão ruidosa aguardava a sua chegada. Sir Darius sempre reprovava o comportamento dos espectadores de Bombaim. Era o único senão daqueles dias tão agradáveis. As vaias, os guinchos, o som dos apitos e das gaitas, o bater das pandeiretas, as cantilenas que aumentavam de intensidade acompanhando as investidas dos batedores, as assuadas, os pregões dos vendedores de comes e bebes, as gargalhadas estentóreas, em suma, o clamor incessante criava, na opinião de Sir Darius, um ambiente pouco indicado para a prática daquele nobre jogo. Os senhores do Império, ao observar aquela população reles, não podiam deixar de se sentir desapontados pelo atraso invencível daqueles sobre quem tinham reinado

com tanta sagacidade e durante tanto tempo. Ao encaminhar-se para o sítio onde ia bater a bola, Sir Darius Xerxes Cama teve vontade de gritar bem alto: “Coragem! Fazei o vosso melhor! Os ingleses estão a olhar para nós...”

O dia em que nasceu Ormus Cama foi um “belo dia”. Esse termo, em Bombaim há muito tempo em desuso, queria dizer um dia em que uma ou outra nuvem trazia alívio ao calor abrasador. As crianças das escolas tinham tido um feriado especial, como era costume naqueles tempos. Mas aquele belo dia tinha sido malfadado. Uma criança nascera viva, é verdade, mas outra nascera morta. Demónios e Daevas tinham sido conjurados e havia no ar sinais de desaprovação. Na Clínica das Irmãs de Maria Gratiaplana, a reprovação que Utie Schaapsteker, Aquela Convencida, manifestara acerca das lamentações de Lady Spenta tinha-se somado à reprovação de Sir Darius quanto às “superstições” de sua mulher, criando assim um ambiente pouco propício a celebrações. Aqui no campo de críquete também se faziam ouvir inesperados sinais de desagrado. Um bando de simpatizantes nacionalistas chegara com uma quantidade de instrumentos ensurdecidores e desde o início do jogo apostara em desconcentrar os jogadores usando uma espécie particularmente deselegante, na opinião de Sir Darius, de agressão musical.

— Fora o críquete multirracial! Viva o críquete nacional! Viva a Índia!

— Abaixo o Império!, — entoavam os manifestantes, ao ritmo dos tambores e dos apitos. Sir Darius não ignorava que o Mahatma Gandhi e os seus seguidores tinham acusado o Torneio Pentalateral de explorar as divisões entre as diferentes comunidades e de ser um retrocesso antinacionalista, uma ocasião durante a qual homens cuja mentalidade fora colonizada se exibiam em macacadas para deleite dos Britânicos, colaborando na política de dividir para reinar. Sir Darius não era um fanático da Independência. Nacionalistas...! Tinha as maiores dúvidas quanto às vantagens de ceder o governo da Índia a gente de sentido musical tão limitado. Tinha, apesar de tudo, um certo respeito pelo senhor Gandhi como pessoa, mas no fundo achava que, se conseguisse convencer o grande homem a vestir umas calças de flanela e a aprender as regras básicas do críquete, o Mahatma não poderia deixar de compreender o valor do Torneio como mola real daquele espírito de competição sem o qual ninguém pode tomar lugar à frente dos destinos do mundo.

Quando Sir Darius se preparava para tomar posição, um dos



manifestantes cantou: — Olha a Lady Dária, também vem jogar! — E logo uma parte considerável da multidão — deviam ser cristãos, mestiços ou judeus, — iniciou uma enorme vaia contra Sir Darius, retomando a ideia insultuosa: — Lady Dária! Lady Dária! — Tumba, crack, pum! — Lady Dária vai p’ra casa!

Sir Darius reparou que os seus filhos, os gémeos de cinco anos Cyrus e Virus estavam sentados com a ayah<sup>5</sup> mesmo junto aos barulhentos nacionalistas, rindo felizes, parecendo estarem a ter gozo com aquela gritaria. Deu alguns passos na direcção deles agitando o bastão e gritou: — Khustro! Ardaviraf! Saiam daí! — Os rapazes e a ayah não podiam ouvi-lo e pensaram que ele estava a saudá-los. E agitaram os braços. Seguiu-se uma troca de acenos. Os manifestantes, pensando que ele estava a ameaçá-los, ficaram radiantes de o verem reagir à provocação e redobram a gritaria. A música daquela jovial hostilidade rebentou nos seus ouvidos. Sir Darius Xerxes Cama iniciou o jogo num estado de espírito muito alterado.

O Sr. Aaron Abraham, que começou a lançar pela “Equipa dos Outros”, conseguiu fazer lançamentos difíceis de apanhar por quem não estivesse inteiramente concentrado na trajectória da bola. Sir Darius teve sorte em interceptar os três primeiros lançamentos. Ao vê-lo dar luta, a claque nacionalista começou a fazer ainda mais barulho. Os tambores e as cometas improvisaram uma música e os torturadores fizeram uma cantiga: — Lady Dária, vai para casa. — E apareceu uma variante visivelmente popular: — Lady Donald és um pato!

Sir Darius interpelou outro membro da sua equipa:

— Pato? — perguntou ele a espumar de raiva. — Já lhes dou o pato! Mas quem é o Donald?

E, ao fazer a pergunta, lembrou-se de ter ido há pouco tempo ao cinema com os gémeos para ver “Tempos Modernos” do Chaplin, um filme que Sir Darius admirava, entre outras coisas por continuar a ser Cinema Mudo. Antes da fita principal tinham passado um filme de desenhos animados, em que viu aparecer pela primeira vez um palmípede horrivelmente barulhento, uma espécie de anti-herói violento e anárquico. Sir Darius ficou muito excitado:

— Com que então, o Pato Donald? — berrou ele. — Ha! Ha! Ha! O pato Donald vai-os fazer andar numa fona!

Homi Catrack tentou em vão acalmá-lo.

— Não se rale com eles. Jogue o melhor que souber. E então é que eles vão ver.

Mas Sir Darius tinha perdido a cabeça. O quarto lançamento de Aaron Abraham foi uma bola a direito, fácilíssima de acertar, e Sir Darius não quis perder aquela ocasião. Bateu-lhe com toda a força e ninguém duvidou que o que ele pretendia era atingir em cheio o bando de provocadores nacionalistas. Mais tarde, fulminado por um remorso que nada podia mitigar, reconheceu que a sua vaidade ferida fora mais forte do que a prudência de pai, que deveria ter sido a sua principal preocupação, mas nessa altura já era tarde demais, a bola de críquete girava a alta velocidade e nada a poderia reter.

A bola não iria atingir os manifestantes e não havia modo algum de corrigir a sua trajectória, mas muitos espectadores começavam já a esquivar-se para a evitar, pois avançava a uma velocidade verdadeiramente assustadora; e ali, mesmo no alvo, sem se moverem nem para a esquerda nem para a direita, estavam os filhos gémeos de Sir Darius Xerxes Cama, aplaudindo de pé a grande jogada do pai, sem medo, porque como poderia jamais o pai adorado causar-lhes o menor dano?

A reacção lenta da *ayah* foi sem dúvida responsável em parte pelo acidente, mas desde o momento em que viu o que ia acontecer Sir Darius nunca censurou fosse quem fosse senão a si próprio. Soltou um berro de aviso com todas as suas forças mas pandeiretas e apitos soaram mais alto do que o seu grito, a música evitou que fosse dado o alarme e um instante mais tarde a bola vertiginosa atingiu mesmo entre os olhos, o doce, o pobre atrasado Ardaviraf Cama, que caiu redondo como se fosse um cepo de madeira.

\*

Foi talvez no próprio momento em que na história da família Cama estava a ser inscrita para sempre este episódio trágico — a trajectória de uma bola vermelha desde a pá de críquete de um pai até à testa do filho — que minha mãe e meu pai se viram pela primeira vez na clínica das Irmãs de Maria Gratiaplana.

Quando se trata de amor, não há maneira de saber que é que as pessoas pensam que aconteceu. Apesar da evidência inegável de que a vida não é contínua mas sim um vale cheio de abismos e de que a sorte tem um papel determinante nos nossos destinos, continuamos a acreditar na continuidade

das coisas, não nas suas e no seu sentido. Mas vivemos sobre um espelho partido e todos os dias aparecem novas rachas na sua superfície. Há quem, como Virus Cama, escorregue por essas rachas e desapareça. Ou, como os meus pais, que foram lançados por acaso nos braços um do outro e se apaixonaram... Mas, em contradição directa da sua filosofia da vida, predominantemente racionalista, meu pai e minha mãe sempre acreditaram que tinham sido unidos pelo Destino, que estava tão decidido a uni-los que se fez representar por nada mais nada menos do que quatro formas diferentes: social, genealógica, gastronómica e Sórora John.

Tinham ambos vindo visitar Lady Spenta Cama e ambos vestiam, de forma pouco oportuna, de luto, porque não tinham ouvido falar do nascimento do pequeno Ormus e vinham simplesmente, num acto de caridade, tentar consolar Lady Spenta, após a sua dura experiência de dar à luz uma criança morta. Os meus pais eram uma geração mais novos do que Sir Darius e Lady Spenta e amigos da família a partir duma data relativamente recente. Estabeleceram-se entre os dois homens uma amizade um tanto inesperada, porque ambos tinham em comum o interesse pela própria cidade de Bombaim, aquela grande metrópole criada pelos Britânicos, cujo principal cronista viria a ser meu pai — V.V. Merchant, arquitecto formado em Inglaterra e apaixonado pela história local (bem como, num futuro muito próximo, autor de certo filme de amator muito celebrado). Sir Darius Xerxes Cama, nobilitado com o título de Barãoete por serviços prestados na advocacia indiana, costumava dizer, com uma gargalhada, que ele próprio também era uma grande criação dos Ingleses — e com muito orgulho!

— Quando você escrever a história desta cidade, Merchant, — gritou ele uma noite, no seu clube, jantando garoupa e sopa de caril — não se admire se verificar que está a compor a minha autobiografia.

Quanto a minha mãe, conheceu Lady Spenta Cama nas reuniões da Sociedade Literária de Bombaim. Lady Spenta era a menos culta das mulheres, mas a sua serena indiferença quanto à sua ignorância, que era comparável aos Himalaias, inspirava na jovem e brilhante Ameer uma espécie de estupefacção divertida que, em diferentes circunstâncias, poderia ter-se transformado em amizade.

Na sala de espera da clínica, rodeados pelos familiares triunfantes de recém-nascidos machos e resignadamente alegres de recém-nascidos

fêmeas, os meus futuros pais formavam um estranho par, ele de fato preto e expressão lúgubre e ela de sari branco simples, sem jóias e com uma maquilhagem reduzida ao mínimo. Anos depois, ela confidenciou-me que “estive sempre segura do amor do teu pai, porque a primeira vez que me viu eu fazia lembrar um búfalo branco”. Como pareciam ser os únicos a quererem dar pêsamos em vez de felicitações, era natural que se aproximassem um do outro e se apresentassem.

Ambos se sentiam embaraçados com a ideia de enfrentar Lady Spenta e Sir Darius no que eles supunham ser um momento de supremo desgosto. Meu pai, manso e humilde de coração, apoiava-se ora num pé ora noutro, mostrando os seus dentes de coelho num sorriso tímido, estrangulado por uma dificuldade de expressão emocional que toda a vida o levou a preferir os escritórios e os arquivos a cheirar a mofo à insondável bagunça da vida em Bombaim. Minha mãe, Ameer “cujo nome significa rica e era de facto a abastada da família” (como ela própria sardonicamente referia) também devia sentir-se pouco à vontade, porque nem condolências sem felicitações lhe vinham à boca com facilidade. Minha mãe era uma altruísta decepcionada, irritada por ter chegado ao mundo à espera de um sítio melhor, que aterrara no meio do maior dos luxos, mas nunca se consolara ao descobrir que a regra humana era o sofrimento atroz e não uma alegria sem limites. E, embora tanto as suas acções de caridade como as suas birras fossem monumentais, não eram suficientes para minorar o seu desapontamento com o planeta em que vivia e a espécie a que pertencia. As suas reacções à vida e à morte, influenciadas pelo seu sentimento de ter sido traída pelo Cosmos, chegavam a parecer, a um ouvinte desprevenido, um tanto cínicas. Ou, para ser franco, cruéis, brutais e mortalmente ofensivas. *O bebé morreu? Era de esperar. Ao menos safou-se de boa! O bebé está vivo? Pobre puto. Olha só o que o espera.* Era o género.

Mas antes que pudesse lançar-se nesse tipo de conversa e alienar para sempre o meu futuro pai, foi travada por uma descoberta surpreendente; e a História tomou um caminho totalmente diferente, como um comboio desviado por uma súbita mudança de agulhas.

— Chamo-me Merchant, — disse meu pai. — Como o Vijay, mas não somos parentes, embora também seja V. Para dizer a verdade, V.V.

Ameer franziu a testa, não porque ignorasse que Vijay Merchant era uma estrela ascendente do críquete na Índia, mas...

— Como é que você pode ser “Merchant”? — objectou ela. — Você não pode ser. *Eu* é que sou. Ameer Merchant.

— Você?! (Aturdido.)

— Eu, pois. (Enfática.)

— Chama-se Merchant? (Queixo dubitativo.)

— A. Merchant. Miss. (Encolher de ombros.)

— Então somos ambos Merchant! — confirmou V.V. espantado.

— Não seja parvo — replicou Ameer.

Por fim, V.V. Merchant disse, de um fôlego:

— Antes do tempo do meu avô chamávamo-nos Shettys ou Shetias ou Sheths. Ele é que traduziu o nome para inglês, estandardizou-o. Além disso, converteu-se. Ou, por outra, deixou de ser um bom muçulmano. Deixou de ser praticante, bom como todos nós. Pode-se perguntar: porque se dizem muçulmanos? E eu cá só posso responder: porque não?

— Sheths, diz você? — murmurou Ameer, pensativa.

— E agora, Merchant.

— Então você é *mesmo* Merchant, — concedeu ela.

— Ao seu dispor.

— Mas não é da família.

— Infelizmente não.

Minha mãe tinha tomado uma decisão importante, se bem que ainda provisória, no decurso da conversa. Por trás da timidez e dos dentes de coelho de V.V. Merchant, ela adivinhava a existência de uma grande alma, uma alma de profunda constância, uma rocha sobre a qual edificar a sua igreja, como ela mais tarde se gabava, em tom de blasfêmia. Assim, enchendo-se de coragem, declarou numa voz que não permitia réplica:

— Entre um negociante e outro não há meias medidas. Teremos de ser rivais declarados ou então sócios.

Meu pai corou tão violentamente que o seu cabelo despenteado e ralo, tremeu de puro deleite.

Aquela situação, iniciada pelas circunstâncias sociais e pela coincidência dos apelidos foi a seguir confirmada pelos pequenos presentes de consolação que ambos tinham trazido para Lady Spenta. Com surpresa, o sr. V.V. Merchant olhou para o embrulhinho que a Menina Ameer Merchant trazia na mão; com igual surpresa, a Menina Ameer Merchant reparou que o sr. V.V. Merchant trazia um embrulho igual. Bem à vista em ambos os

embrulhos estava o nome de uma famosa loja de produtos alimentares em Kemp's Corner; e dentro dos embrulhos escondiam-se idênticos boiões de vidro.

— Mel, — explicou V.V. Merchant. — Mel do Vale de Kashmir, para lhe recordar a doçura da vida.

— Como é isso possível?! — gritou Ameer — *Isto* é que ‘é mel de Kashmir.

Ela mostrou-lhe o frasco e ele mostrou-lhe o dele. Ela ia para se zangar mas de repente desatou a rir. Meu pai riu também.

O labor de longínquas abelhas tinha-lhes facultado o caminho do amor.

Finalmente, e de forma concludente, o seu destino encarnou a figura de uma freira irascível, no momento em que se encontraram face a face com a presença volumosa e solene de uma mulher cuja entrada provocara uma penumbra que fazia lembrar um eclipse parcial do sol.

— Faz favor! — ladrou Sórora John com tanta violência que ambos os Merchant, surpreendidos em plena boa disposição, foram de súbito presa de um ataque involuntário de hilaridade.

— Nós viemos cá, — explicou V.V. Merchant, rebentando de riso — para tentar confortar Lady Spenta Cama neste momento trágico.

— Não há nada mais terrível, — lamentava minha mãe, chorando a rir. — Dar à luz um filho morto...

— Cuidado, — disse Sórora John no seu tom de Juízo Final. — Não vão vocês arder no inferno...!

Fez-se silêncio. Os dois Merchant, assustados pela ameaça da parteira, aproximaram-se instintivamente um do outro, cerrando fileiras. Uma mão (dele ou dela?) tocou outra mão (dela ou dele). Nos anos que se seguiram haviam de discutir gostosamente acerca de quem teria dado o primeiro passo, de quem seria a mão primeiro estendida, que mão apertou e que mão foi apertada. O que não se pode negar — por mais “ousado” e “desavergonhado” que tal comportamento tivesse sido — é que foi Sórora John que uniu aquelas mãos que a partir de então raramente de desuniram. Até que, muitos anos depois, foram apartadas por terceiros. Sim, de certo modo uma amante, ou pelo menos uma Amada. Uma velha senhora que nem sequer era um ente humano. Refiro-me à própria Cidade.

— De qualquer forma, — acrescentou Sórora John com um encolher de ombros, — também nasceu um bebé.

\*

E os dois Merchants receberam de Sórora John a notícia da inesperada chegada daquele bebé, que ninguém sabia como celebrar, visto o seu nascimento estar tão intimamente ligado à tragédia do seu gémeo Gayomart Cama que morrera sem ter visto a luz do dia. Na ausência de Sir Darius, a responsável era a carrancuda freira que impedia a entrada dos meus pais.

— Lady Spenta está a descansar. Voltem mais tarde.

Após muitas negociações, a parteira, que mais parecia um galeão armado e equipado para a batalha, acabou por deixar Vivy e Ameer ver o minúsculo bebé Ormus que dormia agitando os dedos na sua incubadora de vidro fortemente iluminada, deitado de costas com um joelho levantado numa posição que tinha algo de divino; na pálpebra esquerda via-se uma pequena nódoa arroxeadada, como a sombra de um globo ocular. Ao ver como ele brilhava naquela espécie de estojo, minha mãe não pôde deixar de dizer:

— Esse Pequeno Polegar faz lembrar a Branca de Neve no seu caixão de cristal. — Duas fungadelas indignadas deram-lhe a entender que aquela infeliz comparação chocara não só Sórora John como a própria Lady Spenta, que se levantara para cumprimentar os visitantes e levava com aquele balde de água gelada em plena cara.

— Oh! — disse Lady Spenta pregada ao chão, pestanejando sob a acção do choque e fazendo girar a mandíbula inferior. — Um caixão, diz você.

Meu pai tentou desajeitadamente deitar água na fervura, mas tarde demais. Era demasiado tarde para salvar fosse o que fosse naquele dia aziago.

Repito: até ao dia em que Ormus nasceu, Lady Spenta Cama fora, por natureza, de um temperamento extraordinariamente calmo. A veemência das suas recentes afirmações era pois uma indicação de que o momento era grave, de grandes transformações e marcado pelos astros. Dali em diante a sua personalidade modificou-se e ela tornou-se nervosa, instável, atarantando-se facilmente. Por outro lado, após ter ouvido a “praga”, por assim dizer, lançada por minha mãe, Spenta tornou-se incapaz de amar a desgraçada criança como ela merecia. Pelo contrário, passou a evitá-la, como se ela fosse portadora de uma doença.

Foi só devido à afeição própria de uma dupla de *vaudeville* entre Sir Darius Cama e V.V. Merchant — o mais velho um desportista de *blazer* vistoso e um *bon vivant*, e o outro o mais apagado dos tímidos — que

surgiu uma hipótese de reconciliação, logo aceite três semanas depois. Por essa altura Ameer e Vivvy já se tinham tornado inseparáveis. Foram à residência dos Cama em Apollo Bunder de braço dado. V.V. Merchant levava consigo a sua *Paillard Bollex* e filmou o bebé no seu berço, oferecendo o filme a Lady Spenta como uma oferenda de paz que ela, tendo pelos vistos regressado à sua equanimidade de espírito, aceitou de bom grado. Contudo, a minha mãe e a mãe de Ormus nunca foram realmente íntimas.

Mas não devo adiantar-me demais na minha história.

\*

Após a gaffe de Miss Ameer Merchant, meu pai apressou-se a tirar da cena minha mãe, que o acompanhou resmungando e sem demonstrar o menor embaraço. Lady Spenta voltou para a cama, num frenesi de preocupação supersticiosa. O dia do nascimento do seu filho Ormus, já de si um acontecimento cheio de ambiguidades, fora ainda manchado pela imagem da morte num caixão de vidro que Ameer evocara. E quando, pouco depois, Sórora John lhe trouxe a dolorosa notícia de que Sir Darius Xerxes Cama fora a correr todo o caminho desde o campo de críquete de Oval Maidan até à sala das emergências do Hospital Parsi com o corpo inerte do seu filho Virus nos braços, Lady Spenta sentiu-se, por momentos, endoidecer.

Poucas horas depois, Ardaviraf Cama recuperava a consciência na Unidade de Cuidados Intensivos, aparentemente sem consequências de maior, a não ser concussão e visão desfocada. A sua relutância em falar foi atribuída pelos médicos ao choque sofrido. Mas em breve começou a tornar-se claro que o cérebro tinha sido afectado. Deixou de falar por completo e respondia às perguntas com lentos e melancólicos acenos de cabeça. Mas mesmo esses gestos desapareceram gradualmente, e Virus refugiou-se num silêncio absoluto, do qual nunca viria a sair. Como se se tivesse transformado numa fotografia de si próprio. Como se fosse num filme inexplicavelmente desprovido da sua banda sonora, devolvido à era do cinema mudo sem ter, ao menos, as legendas intercalares ou o acompanhamento ao piano. Como se a jogada mal dirigida do pai tivesse liquidado a sua confiança em todos os pais, a sua confiança na própria confiança, a tal ponto que necessitasse daquele retiro permanente.

Embora não falasse, reagia a sugestões e ordens simples. Quando lhe



diziam que a comida estava na mesa, ele sentava-se calmamente a comer. Quando lhe diziam que eram horas de dormir, ia para o quarto sem uma palavra e deitava-se na cama, virado para a parede. Algum tempo depois, os melhores médicos da cidade declararam-se incapazes de conseguir mais progressos do paciente, que retomou os seus estudos no colégio da Catedral. Durante as aulas ficava sentado na sua carteira como dantes, mas nunca punha a mão no ar para intervir nem se dignava responder às perguntas dos professores. Após um período inicial de adaptação, a escola aceitou este estado de coisas. Virus fora sempre lento de entendimento e agora era-o ainda mais, mas os professores acederam em deixá-lo assistir às aulas, na esperança que ele melhorasse com o tempo.

Além disso Virus, como é óbvio, deixara de manifestar qualquer interesse em participar nos jogos e nas actividades físicas. Durante o recreio ficava sentado de pernas cruzadas a um canto do pátio, com uma expressão meditativa e perfeitamente calma como um praticante de ioga, parecendo inconsciente do alarido e da balbúrdia à sua volta. Com o correr do tempo, e sempre sem uma palavra, deixou de comparecer em qualquer actividade desportiva e de frequentar campos de hóquei, críquete ou atletismo. Foi nesse ano que o Marajá de Patiala conseguiu arranjar tempo, entre as suas variadas ligações extramaritais, para inaugurar o grande Estádio Brabourne e o Dia do Desporto nas escolas passou a ser comemorado nesse augusto recinto daí em diante. Mas nos Dias do Desporto Virus deixava-se simplesmente ficar na cama, com a sua expressão usual de serenidade ausente e ninguém tinha coragem de o obrigar a sair. Depois das aulas, o seu gémeo Cyrus e alguns amigos tentavam por vezes arrastá-lo para as suas brincadeiras de rua, mas sem resultado. Mesmo jogos de cartas e de tabuleiro foram banidos da vida de Virus: canasta e *gin-rummy*, loto e monopólio, damas e dominó. Passara para um espaço interior e misterioso e não tinha tempo para brincar.

Perante o espectáculo de uma criança que aos cinco anos de idade decidira pôr de parte as coisas próprias da infância, Sir Darius Xerxes Cama infligiu-se a suprema punição de desistir para sempre do seu bem-amado jogo de críquete, bem como de prazeres menores como a luta livre, a esgrima, a natação, o *squash*. E como, além de si próprio, tinha a música por co-responsável do acidente, todo o tipo de música foi banido do apartamento dos Cama sem esperança de retorno. Sir Darius vendeu a

telefonía, partiu toda a sua colecção de discos e quando, na época dos casamentos, se ouviam passar em Apollo Bunder as procissões barulhentas a caminho das recepções no hotel Taj Mahal, ele precipitava-se freneticamente a fechar as janelas para não ouvir a folgança dos convidados. Cyrus e Virus tinham começado a ter lições de piano e flauta indiana. Essas lições terminaram. O professor foi despedido e o piano de meia-cauda do salão fechado à chave. A pedido do marido, Lady Spenta Cama encerrou a chave num medalhão de prata que usou ao pescoço por muitos anos.

O silêncio de Virus tornou-se familiar e até agradável. Sir Darius descobriu que era um alívio para ele saber que o seu filho deficiente jamais perturbaria a paz do pequeno-almoço em família com uma daquelas observações sem sentido que as crianças costumam chilrear. O seu silêncio possuía *gravitas*. Era um silêncio eloquente, decidiu Sir Darius. A História tomara um caminho errado. O silêncio de Virus começou a parecer-se com uma enorme recusa. O carro da Independência pusera-se em marcha — essa Independência cujos partidários arruaceiros tinham provocado em Sir Darius uma perturbação que o levara a atingir o seu próprio filho! — e a *Pax Britannica* estava a chegar ao fim. — Maus tempos se aproximavam — dizia Sir Darius. — Há muita gente a vomitar muitas palavras e no fim essas palavras vão transformar-se em pedras e balas. O silêncio de Ardaviraf fala por todos aqueles que, como nós, temem o poder dessas palavras metamórficas.

E foi assim que Sir Darius Xerxes Cama se convenceu de que a mudez do seu filho Virus era, de facto, uma forma de discurso sofisticado. Isso fê-lo sentir-se um pouco melhor, mas curiosamente quanto mais alijava de si pelo menos uma parte da culpa, mais a sua retórica antimúsica se tornava extrema. Começou a considerar a música responsável por todos os males do mundo e chegou a sustentar, quando estava com um grão na asa, que os seus praticantes deviam ser liquidados, como se erradica uma doença. A música era um vírus, uma infecção e os seus apreciadores comparáveis àqueles tarados sexuais que viajaram pelo mundo e cujas torpes actividades tinham tido como resultado a propagação da sífilis por todo o globo. Estavam doentes e Virus Cama, com o seu silêncio cheio de dignidade, é que estava são.

Após o mergulho de Virus no silêncio, Lady Spenta retirou-se também para um mundo espiritual que agora mais do que nunca lhe parecia mais habitável do que aquele em que vivemos. — Eu sei para onde foi o meu filho, disse ela ao marido num tom que não admitia réplica. — A alma dele está de viagem e acaba de passar a Ponte Chinvat. O nosso dever é velar pelo bem-estar do seu corpo até ao regresso da sua alma. — Com o auxílio do seu aliado, o Anjo da Virtude Rigorosa, ela dedicou-se a essa tarefa, dando banho a Virus na banheira como se de um bebé se tratasse e metendo-lhe a comida na boca com uma colher, como se ele não pudesse servir-se das mãos. — Todas as suas energias estão absorvidas na grande jornada através do Além, — explicava ela. Por isso devemos poupá-lo a quaisquer esforços terrenos. — Virus Cama sujeitava-se passivamente a todos estes cuidados, não demonstrando nem prazer nem repugnância. E Sir Darius, vergado ao seu sentimento de culpa, não tinha coragem de opor-se.

Por outro lado, os cuidados de higiene e alimentação do bebé Ormus eram deixados à criadagem.

O nome de Virus Cama fora inspirado num místico zoroastrista que viveu em data incerta entre o terceiro e o sétimo séculos depois de Cristo, deixando um relato pormenorizado da mesma viagem em que, na opinião de Lady Spenta, o seu filho estava agora empenhado. Sendo assim, tendo passado a ponte Chinvat e entrado no mundo do espírito, Virus Cama teria assistido ao encontro entre uma alma penada e a encarnação das suas boas acções, sob a forma de uma linda rapariga de seios enormes “inchados e pendentes, deleitosos à alma e ao coração”, sendo depois guiado pelo Anjo da Obediência Divina e pelo Anjo das Chamas do Pensamento num passeio por aquelas regiões sublimes, o limbo dos Para Sempre Imóveis, onde estavam transformados em estátuas aqueles cujo peso das boas acções igualava o dos pecados, o lugar da lua e das estrelas onde habitavam os que não tinham religião mas que eram bons em todos os outros aspectos, e subindo mais acima ainda dos altos níveis da virtude e da bem-aventurança, até à pura luz do próprio Ahura Mazda. E aí — pois esta era uma viagem no sentido contrário à de Dante — teve uma longa visão sobre o Inferno, onde se viam cobras entrando pelo ânus dos homens e saindo-lhes pela boca; e outras coisas mais. Teria ocasião de notar uma verdadeira fixação nos seios femininos, bem como nos produtos excretórios e no júbilo feroz com que legiões de pecadores eram mordidos e mastigados por Animais

Nauseabundos. As mulheres adúlteras eram penduradas pelos mamilos ou obrigadas a rasgar os seios com pentes de metal; as mulheres que não tinham dado de mamar aos filhos eram condenadas a escavar a rocha com os próprios seios. Urinar de pé merecia um castigo particularmente severo e as mulheres que se tinham aproximado do fogo ou da água enquanto menstruadas eram forçadas a comer tigelas e mais tigelas de merda e mijo masculino. Não é pois de admirar que Lady Spenta, ao imaginar o seu filho em tal excursão, tenha ficado obcecada em mantê-lo limpo e em dar-lhe a comer alimentos menos repugnantes.

Quanto mais durava o silêncio de Virus, mais crescia o desespero da sua mãe. Empenhara-se a tal ponto naquela fantasia da viagem do filho, de que em breve regressaria, que acabou por se deixar absorver por essa ideia, como se fosse ela própria a alma penada que atravessara a Ponte Chinvat para deparar com a evidência de grandes peitos das suas boas acções e a manifestação purulenta dos seus pecados. Quando não estava a ocupar-se de Virus tinha uma expressão ausente mas inquieta e portava-se de forma a um tempo agitada e distante. (Com Ormus, sempre distante e nunca afectuosa. Os acontecimentos tinham neutralizado os seus sentimentos maternos para com ele. Entregue aos criados, ele teve de procurar afecto onde o havia.)

Uma simples bola de críquete dera início a qualquer coisa de imparável. Um por um, os membros da família foram-se afastando da realidade para se refugiarem nos seus próprios mundos pessoais.

Sir Darius foi o próximo membro da família a afastar-se da vida real. A Lei, que lhe fornecera suporte moral durante toda a sua vida, estava a tornar-se, como muitos dos seus colegas tinham começado a proclamar abertamente, numa coisa ridícula. Por aquela época, a administração britânica começara a fazer uso de toda a força do sistema legal contra os Nacionalistas e mesmo Sir Darius, que era um dos mais conhecidos advogados de formação e civilização britânica e que se opunha ao Congresso, começou a sentir-se profundamente incomodado com o que se estava a passar. Muitos dos seus colegas mais respeitados tinham-se aliado aos fulanos da Independência, cujo líder, o senhor Gandhi era, apesar de tudo, um verdadeiro barra, extremamente astuto em questões legais. Tomado de surpresa pela desordem que lhe ia na alma, Sir Darius desistiu de praticar advocacia e refugiou-se na sumptuosa biblioteca de textos clássicos que era a glória do apartamento de Apollo Bunder, procurando nos

meandros da erudição aquela paz de espírito que tinha sido tão completamente devastada pela história, tanto pública como privada, do seu tempo.

Juntamente com o seu camarada maçom William Methwold, Sir Darius entregou-se à investigação dos mitos Indo-Europeus. Methwold era um inglês abastado, duma família de grandes proprietários rurais e diplomatas e, como empresário da construção civil, estava na origem de muitas das novas moradias e prédios de apartamentos que cresciam como cogumelos em Malabar Hill e ao longo de Warden Road. Careca como a palma da mão devido a uma incurável alopecia, condição que ele escondia sob um chinó preto, era também um estudioso brilhante do grego clássico e mergulhara na biblioteca de Sir Darius com a avidez do caminhante sequioso que tropeça por acaso com a mais pura nascente de montanha. Na sua juventude, Sir Darius Xerxes Cama tinha sido influenciado pelo erudito alemão Max Müller, cujos trabalhos sobre mitologias comparadas o levaram a crer que todos os antigos mitos das culturas Proto-Indo-Europeias e Arianas — Zoroastristas, Indianos e Gregos — eram essencialmente histórias acerca do sol. Esta teoria agradava a um Parsi laico como Sir Darius, que via nela a fonte racional do desconchavo espiritual que tomara conta quase por completo da sua amada esposa: Ahura Mazda, Ormazd, Hormuz não era ao fim e ao cabo senão a Luz; e Apoio era também o Sol. Contudo, quando os discípulos de Muller tentaram provar que Jesus Cristo e os seus discípulos não passavam de uma versão, género história da carochinha, do Sol e dos doze signos do Zodíaco, William Methwold revoltara-se contra a “mitologia solar”; e nas sessões da Loja de Malabar Hill a que ambos pertenciam, escandalizou Sir Darius com uma série de monólogos satíricos em que provava, primeiro que o Imperador Napoleão e os seus doze generais, tal como Cristo e os seus discípulos, não passavam de fantasias zodiacais; e, segundo, que a Universidade Oxford, bem como o próprio Professor Müller, não podiam ter uma existência real. E Methwold lançou contra a filosofia de Muller o ataque desenvolvido pelo jornalista escossês Andrew Lang segundo o qual não eram necessárias aquelas teorias Arianas, impossíveis de provar: os deuses gregos tinham emergido simplesmente do número imenso de crenças selvagens que existiam no mundo.

— Crenças selvagens?! — trovejou Sir Darius levantando-se de repente com o seu brande na mão. Fez-se silêncio na Loja. — Incluindo as nossas,

suponho?

William Methwold não se deixou intimidar: — Há bárbaros em toda a parte, meu caro, — respondeu ele serenamente. — Exceptuando os presentes, claro.

Durante algum tempo os dois amigos deixaram de se dar. Fizeram as pazes quando William Methwold foi cumprimentar Sir Darius pela sua vitória num torneio local de badminton, poucos meses antes do dia do nascimento de Ormus e do acidente de Virus. Enquanto bebiam um *Scotch*, Methwold confessou que regressara ao aprisco ariano graças à influência do francês Georges Dumézil, autor de uma obra onde “mostrava” que o deus grego Úrano não era senão o próprio deus indiano Varuna, provando assim a origem comum de toda a cultura ariana. — Boa! — gritou Sir Darius satisfeitíssimo. — Parece que, afinal, somos ambos bárbaros.

Nos anos que se seguiram, Sir Darius e Methwold encontravam-se de vez em quando para discutir as relações entre as tradições mitológicas homéricas e indiana. O rapto de Helena de Tróia por Páris e o de Sita de Ayodhyâ pelo rei-demónio Ravana; a relação entre Hanuman, o manhoso deus-macaco e o astudo Ulisses; o paralelo entre a tragédia da Casa dos Átridas e a do clã de Rama; este e outros assuntos, como cavalheiros eruditos que eram, eles discutiam e apreciavam. Sir Darius sentia-se particularmente atraído pela chamada “teoria tripartida” de Dumézil. Seria possível que todas as culturas arianas se baseassem no triplo conceito da soberania religiosa, força física e fertilidade, que essa é que era a verdadeira Trindade que definia tanto a civilização Oriental como a Ocidental, o seu elo comum? Após ter abandonado a advocacia, essa tornou-se a grande questão da vida de Sir Darius Xerxes Cama. Com William Methwold a seu lado foi mergulhando cada vez mais fundo nos aspectos técnicos do problema e quanto mais longe se aventuravam para lá da superfície da vida real, mais contentes estavam. Fora da biblioteca, desenrolavam-se as últimas fases da história colonial da Inglaterra e da Índia tal como as conhecemos e preparava-se uma grande guerra, uma guerra maior que as guerras por causa de Helena e de Sita. Mas Sir Darius e William Methwold tinham-se furtado à vida contemporânea e procurado refúgio no Eterno. Dentro da biblioteca dos Cama, Ulisses tornara-se um deus-macaco e Páris um rei-demónio: o Parsi nobilitado e o negociador imobiliário aproximaram-se tanto um do outro que se tornou difícil distingui-los. Sir

Darius perdera muito cabelo; William Methwold tirara o seu chinó de azeviche e pendurara-o nas costas numa cadeira. E no agradável universo privado dos livros, sentados a uma secretária de carvalho que gemia ao peso de uma sabedoria secular, os dois trabalhavam em alegre isolamento, sempre sós, a não ser, por vezes, com a presença fantasmagórica de Virus Cama, silencioso e solene, sentado a um canto sobre um banquinho de biblioteca.

Mas um belo dia Sir Darius tirou os seus óculos em meia-lua, deu uma forte punhada sobre a mesa e gritou:

— Isto não chega!

William Methwold, sobressaltado, levantou os olhos dos seus livros. O que é que não chegava? Seria concebível que Sir Darius estivesse farto daquela existência idílica, que tanto prazer lhes tinha dado a ambos?

— T-t-talvez fosse melhor reconsiderares aquela tua renúncia, — gaguejou ele — e podíamos ir jogar uma partida de *squash*. *Mens sana in corpore sano*, c'os diabos! — Sir Darius murmurou uma escusa. Sentia-se a palpitar no limiar de um conhecimento novo e não era altura para jogar *squash*.

— Três funções não bastam, — disse ele, febrilmente. — Tem de haver uma quarta.

— Não pode ser — disse Methwold. — Os três conceitos do nosso amigo Georges preenchem por completo todo o quadro social.

— Pois sim, — disse Sir Darius. — E a *exterioridade*? Onde fica tudo o que está fora do âmbito, acima dos limites, abaixo das atenções? Que acontece com os proscritos, os leprosos, os párias, os exilados, os inimigos, os espectros, os paradoxos? Merda! — e aqui voltou-se para olhar o seu filho sentado na sombra, — *e cora o meu filho Virus?*

— Não estou a perceber. — William Methwold parecia desnorreado.

— Que acontece a quem não tem cabimento?

— Cabimento? Onde?

— Em parte nenhuma. Qualquer pessoa, qualquer coisa. Os que estão desligados psiquicamente. Cometas que atravessam o espaço, fora de qualquer campo de gravitação.

— Se é que há pessoas assim, devem ser *rarae aves*, não é verdade? — sugeriu Methwold. — Poucos, raros. Será realmente necessário um quarto conceito para os explicar? Não são assim... uma espécie de papel usado e

todas aquelas coisas que se põem no cesto dos papéis? Excedentes, sobras? Bagagem desnecessária durante o percurso? Não será melhor riscá-los da lista? Não os deixar entrar no clube?

Mas Sir Darius não estava a ouvi-lo. Estava de pé junto da grande janela da biblioteca, olhando o Mar da Arábia. — As únicas pessoas que podem ver o quadro todo, — murmurou — são as que saem para fora da moldura.

\*

Tentem imaginar a cena: o nobre Parsi, no santuário da sua biblioteca, com o fantasma vivo do seu filho e o seu amigo inglês, um homem cuja vida eram os livros, em pé diante duma janela aberta. O que prova que não está completamente enclausurado, a biblioteca não é uma tumba fechada, e pela janela entra a tumultuosa sensação da cidade, os aromas do cardamomo e do gengibre, do tamarindo e do jasmim; gritando, porque nestas paragens ninguém fala sem ser aos gritos; e o ruído do tráfego, o som dos cascos, tubos de escape, campainhas de bicicletas; a luz brilhante do sol sobre o porto, as sirenes dos navios de guerra e as vibrações de toda uma sociedade em vias de transformação.

Imaginem agora um golpe de vento, levantando do chão imundo uma folha amarrotada de jornal, fazendo-a girar numa lenta espiral ascendente como uma borboleta suja; até que finalmente entra pela janela — o mundo exterior penetra no mundo interior — para aterrar habilmente junto dos sapatos de Sir Darius, clássicos, elegantes, bem engraxados; e suplica atenção. Estou sempre a ver esta imagem, embora pudesse não ter sido assim que aconteceu, pois não? Provavelmente, alguém escreveu a Sir Darius, ou calhou ele passar os olhos por algum distinto periódico que continha a notícia que lhe partiu o coração. Podem preferir, se quiserem, uma versão mais prosaica, mas eu fico com a minha. O jornal entrou pela janela e Sir Darius pegou-lhe com repugnância e preparava-se para o deitar fora quando quatro palavras atraíram o seu olhar: *Ariano, Nazi, Müller, Dumézil*.

Nem Sir Darius Xerxes Cama nem William Methwold tinham jamais suspeitado por um só instante que qualquer daqueles respeitáveis eruditos ali caluniados — tanto o falecido Max como o bem vivo Georges — possuísse uma única célula de racismo. Mas quando as palavras são roubadas e imbuídas de veneno, esse veneno viaja às arreguas pelo tempo e infiltra-se na reputação de homens inocentes. A palavra “Ariano”, que para



Max Müller e a sua geração tinha um sentido puramente linguístico, estava agora nas mãos de gente menos académica, manuseadora de venenos, que falavam nas raças dos homens, raças de senhores e raças de escravos e outras raças também, raças cuja impureza fundamental necessitava de medidas drásticas, raças que não eram desejadas no percurso, raças que deviam ser riscadas da lista, recusadas no clube e depositadas no caixote do lixo da história. Por um daqueles improváveis acasos que, tomados colectivamente, representam a história da raça humana, o recôndito campo de pesquisa escolhido por Sir Darius e William Methwold como refúgio, tinha sido espremido e distorcido ao serviço do pior mal da época. A História apoderara-se do campo deles e a sua devoção colocara-os do mau lado, do lado dos envenenadores, dos não-mencionáveis, cujo crime ia para além das palavras.

No momento em que para eles tudo mudou, Sir Darius e Methwold estavam a examinar com deleite o paralelo entre a cena da *Iliada* em que os Troianos, do alto das muralhas, observam o exército que os cerca, enquanto Helena lhes indica Agamémnon, Ulisses, Idomeneu e o grande Ajax e a cena semelhante do *Ramayana*, em que dois espiões que acompanham o sequestrador Ravana no parapeito da sua fortaleza, identificam os heróis Râma, Lakchamana, Vibhichana e Hanuman. Sir Darius leu o farrapo de jornal que entrara pela janela e passou-o a Methwold sem dizer palavra. Quando o inglês acabou de ler, sacudiu-se como se tivesse acordado de um sono prolongado e disse: — Vamos pôr ponto final no assunto. — Sir Darius baixou a cabeça e começou a fechar os seus bem-amados livros. Estava-se em Setembro de 1939. Rip van Cama e William Winkle<sup>6</sup> entraram, subitamente ofuscados, no clarão, no rugido e no fedor do mundo real.

— Um dia destes — murmurou Sir Darius, enquanto Methwold voltava a colocar o chinó na cabeça e se despedia, — havemos de fazer essa partida de *squash*.

\*

Tendo desistido de estudar a mitologia comparada, Sir Darius Xerxes Cama começou a mudar. Passou a encontrar-se só muito raramente com William Methwold que, segundo se dizia, desenvolvera uma predilecção por mulheres indianas de baixa extracção. Traíndo o voto que fizera após ter atingido o seu filho Ardaviraf, Sir Darius regressou também à prática dos

desportos em que se destacava: menos ao críquete, claro, mas à luta livre, badminton, *squash*. O seu adversário habitual era Homi Catrack, que era muito mais novo, e, embora Sir Darius fosse um atleta mais completo e mais talentoso e a sua alma atormentada necessitasse do alívio que o esforço físico lhe poderia proporcionar, os anos não perdoam e ele começou a perder mais partidas do que a ganhá-las. As duas pessoas que mais sofreram com o declínio de Sir Darius foram os seus filhos Cyrus e Ormus, que ele passou a sarrazinar constantemente a propósito da decadência da juventude parsi, que Sir Darius desprezava pela sua fraqueza, como ele dizia Quanto pior jogava, mais vociferava contra a nova geração, acusando-a de decadência, derrotismo, moleza e homossexualidade. Desafiava os miúdos para um braço-de-ferro e ria-lhes na cara quando perdiam. Naquele apartamento acostumado a tantos géneros diferentes de trágico silêncio, àquele mesmo silêncio que afastara amigos, colegas e até os meus próprios pais, aquele novo som bombástico e provocador era duplamente chocante.

Passaram-se três anos. Sir Darius Xerxes Cama entregou-se à bebida. (Era uma época de total proibição, mas para homens com as origens e as relações de Sir Darius, havia sempre uma garrafa.) Entregou-se ao haxixe e ao ópio. Homi Catrack levou-o a visitar o lado tenebroso da cidade e mostrou-lhe um mundo de cuja existência ele nunca suspeitara. Quanto mais fundo descia, mais cresciam as suas vociferações. Ao regressar das gaiolas de Kamathipura, dos quartos onde dançavam prostitutas, ia frequentemente abanar os filhos que dormiam para os acusar de torpeza moral e os ameaçar com as penas do inferno e com um fim desgraçado. Cyrus, que tinha dez anos, e Ormus, que tinha cinco, escutavam sem dizer palavra. Como Camas que eram, sabiam armar-se de silêncio. O que quer que dissessem só serviria para atear aquele fogo de hipocrisia; ambas as crianças sabiam o bastante para se manterem caladas.

Ormus Cama passou os seus primeiros anos prisioneiro de um isolamento emocional tão opressivo que lhe tirou temporariamente a habilidade para cantar. Desde nascença ele dera muitas e extraordinárias indicações do seu precoce talento musical — não só as progressões de acordes com os movimentos dos dedos, mas também a batida sincopada dos pezitos contra o berço e os seus balbuceios perfeitamente afinados, subindo e descendo a escala musical, *saregama padanisa, sanidapa magaresa*<sup>7</sup>. Mas a mãe estava perdida no seu misticismo, o irmão Virus metido no seu casulo de silêncio,

e o pai não lhe dava atenção, só Cyrus Cama, o irmão mais velho, estava atento, mas o seu coração estava cheio de ódio.

Perturbado pela transformação do seu gémeo Ardaviraf num zombie de lábios cerrados, e sem coragem para culpar o pai, ou até o próprio Virus, pela calamidade acontecida, Cyrus decidira culpar o irmão mais novo. — Se o pai não tivesse estado a pé toda a noite à espera que Ormus nascesse — escreveu ele no diário que tinha escondido no colchão, — é certo e seguro que a bola tinha ido direitinha pela boca abaixo duma daquelas bestas daqueles manifestantes. — Nesses tempos Cyrus adorava o pai e não se poupava a esforços para lhe agradar. Mas quando alcançou o primeiro lugar da sua turma e voltou para casa com o boletim escolar na mão, foi para ouvir uma tirada acerca do declínio do intelecto entre as crianças parsi; quando foi estrela das corridas de juniores no Estádio Bra-bourne, o pai recusou-se a ir assistir. Mais tarde, quando Cyrus chegava a casa carregado de troféus de prata, Sir Darius aplicava o seu desprezo aos competidores: — Esses palermas contra quem correste e saltaste devem ser uns lingrinhas tão piegas, que não admira teres-lhes ganho. — Cyrus, que não se atrevia a censurar o pai por estas crueldades, dirigia toda a sua raiva contra o irmão, Ormus.

Uma noite em 1942, Cyrus Cama foi acordado a meio da noite pelo som produzido pelo pequeno Ormus, que dormia no mesmo quarto; a criança adormecida cantava tão docemente que um bando de pássaros, pensando que chegara a madrugada, tinha acorrido à janela e pousara no parapeito a escutar. Aquela melodia exprimia uma tal alegria de viver, tanto optimismo e esperança que Cyrus ficou como louco e, agarrando na sua almofada, dirigiu-se à cama de Ormus, com a intenção de o matar. A *ayah* dos rapazes, Roxana, dormia no chão sobre o tapete ao lado da cama. Era a mesma *ayah* de reacções lentas que estava ao lado de Virus Cama quando a bola de críquete o atingira, mas desta vez redimiou-se por completo: acordara também com o canto de Ormus e deixara-se ficar calmamente deitada no quarto iluminado pela lua, escutando a canção da criança adormecida e assim viu Cyrus colocar a almofada sobre a cara do irmão e segurá-la com força; a canção parou, as aves gritaram, os pezitos e os braços do pequeno Ormus começaram a agitar-se e Roxana atirou-se a Cyrus Cama e arrastou-o, chorando, para longe.

— Não pude aguentar — foi a única explicação que Cyrus deu aos pais,

Lady Spenta desgrenhada e de olhos esbugalhados, Sir Darius de roupão, esfregando a careca. — Não pude aguentar aquele som.

O som e o silêncio, o silêncio e o som. Esta é uma história de vidas unidas e separadas por aquilo que acontece às nossas orelhas (e entre elas). Cyrus Cama foi mandado para um colégio interno com os olhos ainda cheios do crime que intentara cometer, banido para uma implacável instituição isolada nas montanhas, cujos métodos se baseavam naqueles comprovados princípios verdadeiramente britânicos de banhos frios, péssima comida, pancada que baste e uma instrução académica da mais alta qualidade, que o ajudaram a tornar-se o psicopata vigoroso que veio a ser mais tarde.

E Ormus? Ormus Cama não voltou a cantar durante catorze anos. Nem uma cantiguinha, nem um gorgueio, nem uma nota. Nada, até Vina Apsara libertar a música que havia nele.

\*

A decadência gradual de Sir Darius foi fazendo saltar a pouco e pouco o rígido verniz de decoro que escondera a sua verdadeira natureza durante toda a vida, revelando a prodigiosa vaidade que existia por trás daquele exterior formal e destravando por completo o exibicionismo que era o seu calcanhar de Aquiles. Na próspera Loja Maçónica de Malabar Hill, onde ele passava a maior parte dos seus tempos de lazer entre os mais notórios funcionários do Raj<sup>8</sup> moribundo e os seus sequazes autóctones, havia ampla oportunidade de se exhibir. Em 1942, num dos famosos jantares bimestrais, só para homens, oferecidos pela Loja, Sir Darius Xerxes Cama, já com copos, deu um espectáculo que nenhum dos presentes viria a esquecer. Tendo comido opiparamente, numa atitude resolutamente insensível às faltas de alimentos e às leis do racionamento, os membros tinham-se retirado para uma elegante sala de fumo, com o seu quarteto de cordas e o seu recanto para fumadores de charuto, onde os panejamentos pretos a taparem as janelas eram as únicas concessões às realidades da época; contudo, em compensação, estava à disposição dos membros uma excelente selecção de brandies e whiskies importados, apesar das leis da proibição. Neste ambiente agradável, os senhores importantes descontraíam-se contando anedotas obscenas, fazendo truques com cartas, oleando as engrenagens dos negócios e do Império e inventando partidas e brincadeiras. Sir Darius — bêbado, aturdido pelo ópio, cheio de ódio por si

mesmo — ordenou aos músicos de casaca que “vissem se eram capazes de tocar aquela música do Feiticeiro de Oz”. Sir Darius, que detestava música! Sir Darius, que proferia intermináveis jeremiadas contra o que quer que fosse de musical, a pedir uma música?! *Isto* chamou a atenção de toda a gente.

Quando a orquestra começou a tocar, Sir Darius Xerxes Cama despiu a sua camisa de peitilho engomado e ofereceu à nata da Bombaim Indo-Britânica — Bombaim do tempo da guerra, quando o movimento nacionalista começava a ganhar velocidade e naquelas noites de farra colonial se vivia cada vez mais a sensação da “última valsa”... — uma demonstração da sua arte do Controle-Muscular-ao-Som-da-Música. Fazendo saltar os peitorais e os abdominais ao ritmo da música, ora como bailarinos de tango com uma rosa entre os dentes, ora como rainhas do *jitterbug* rodopiando as saias, gritava: — Era isto que a gente fazia nos nossos tempos de glória! O corpo e o espírito em acordo perfeito! Isto é o que é a união total entre a esfera intelectual e a esfera física! — No fim do espectáculo, fez uma vénia abotoando a camisa e declarou, como se fosse a moral da fábula: *Wens sana in corpore sano!*” Os seus colegas maçons responderam com uma atitude de cortesia fatigada que escondia um tédio de fim de século.

A minha sugestão é que Sir Darius teria assistido a esta extravagante exibição de mau gosto, levado por algum duvidoso amigalhaço do seu colega maçom Homi Catrack, a qualquer alfurja de Falkland Road; que, em vez de se afastar do espectáculo com uma gargalhada desdenhosa, pelo contrário, voltou lá durante várias semanas até aprender aquela habilidade. Isto é um sinal da baixeza em que veio a cair, da grosseria que se apoderou daquela alma, outrora nobre. Ou, para pôr a coisa noutros termos, demonstrava que, apesar dos seus sermões, era bem o pai do seu filho. Isto é, pai de Ormus, a futura estrela entre as estrelas.

Em tempos mais severos do Império, um exibicionismo tão escandaloso — excessivo, mesmo segundo os cânones maçónicos — teria sem dúvida manchado a reputação de Sir Darius e prejudicado o exercício da sua profissão de advogado, mas ele estava reformado e portanto invulnerável; além disso, os tempos eram de desmobilização e desorientação para a sociedade elegante que se movia à volta da Presença Britânica na Índia. Eram frequentes os suicídios e as falências. Um magnate Parsi fumando o

seu charuto, tirando a camisa e agitando os músculos ao som da música parecia, em comparação, relativamente inócuo. Todos os presentes entendiam a sua dor e podiam prever o futuro: o futuro dele e o seu próprio. A anglofilia, que durante tanto tempo tinha sido a base da ascendência daquela gente sobre os seus conterrâneos, seria daí em diante a marca de Caim. Seria como uma estrela negra a presidir ao seu declínio, interminável mas irreversível.

Num dia de 1942, pouco tempo depois da decisão “Deixem a Índia!” ter sido proposta no “maidan”<sup>2</sup> de Gowalia Tank dando origem à erupção de violentas manifestações em toda a cidade, acompanhadas de actos de pilhagem e fogo posto que se seguiram à prisão do sr. Ghandi, Sir Darius Xerxes Cama proferiu palavras exaltadas a propósito da “entrega da cidade à tirania da população e dos incendiários”, acrescentando, pela primeira vez, uma ideia que iria tornar-se obsessão: “De resto, Bombaim não é a Índia. Foram os Ingleses que a construíram e os Parsis que lhe deram o seu carácter. Os outros, que tenham a sua independência, já que tanto insistem, mas deixem-nos a nós a nossa Bombaim, sob a administração benéfica dos Britânicos e dos Parsis.”

Sir Darius deixou-se convencer por Homi Catrack, a quem confiava este grito de alma, a sair do seu ambiente anglocêntrico, que ia ficando cada vez mais reduzido, e a ousar “enfrentar o futuro”. Homi era um jogador que apostava nas cartas e nos cavalos e um produtor de filmes, mas — apesar das suas calças de corte britânico e das suas actividades ostensivamente legítimas — mantinha, surpreendentemente, um compromisso com o movimento nacionalista, que ele escondia atrás do seu aspecto *gravata-e-Brylcreem*, meio playboy, meio gigolo. Sir Darius começara por achá-lo um traidor à sua raça: não eram os interesses dos Parsis inseparáveis dos interesses dos britânicos, cuja cultura procuravam integrar na sua própria com tanto empenho? Mas o tipo tinha um charme irresistível e as suas proezas no badminton, no *squash* e até no golfe eram tão notáveis e muitas vezes, irritantemente, até mais notáveis do que as do próprio Sir Darius. — O ténis e o golfe: raquetes e “clubs” — comentou Homi Catrack, enquanto lado a lado, democraticamente nus, ambos suavam, arquejantes mas felizes, nos banhos turcos do Wellesley Club. — Aí está o género de homem que eu sou. Um *clubman* por excelência. E à minha maneira, um *racketeer*<sup>10</sup>. — E piscou o olho a Sir Darius, para que ele não perdesse o seu jogo de palavras.

Com ou sem piscadela, Homi estava a falar a pura verdade, pois, além de ser membro de todos os clubes respeitáveis da cidade, desde o (agora falecido) Wellesley até ao dos Administradores do Hipódromo de Mahalaxmi, tinha aproveitado este tempo de faltas e racionamento para fazer uma fortuna desafortada açambarcando cimento para depois o vender a compradores encostados à parede, e também com uma cadeia de contrabando de álcool e bares ilegais. Diz-se que foi Homi Catrack a primeira pessoa a usar a expressão “economia paralela” e que as notas ganhas por ele no mercado negro, se fossem empilhadas, fariam um edifício maior do que o do Portão da Índia. Por um daqueles paradoxos que fazem parte da espécie humana, o mesmo Homi, que tanto enriqueceu com a agitação dos anos quarenta, foi um dos maiores admiradores dos “homens honestos que hão-de limpar a Índia”, como ele chamava aos dirigentes do Congresso. Quando Gandhi foi preso, a sua ira foi intensa e sincera.

No vestiário, após um jogo renhido que, por uma vez, conseguira ganhar, Sir Darius Xerxes Cama sentia-se magnânimo, imaginando-se na antiga Grécia, ou Pérsia, misturando o seu suor ao de filósofos, discóbolos, condutores de quadrigas, vencedores de corridas, magos e reis. Perdido neste sonho, teve tendência a perdoar uma piscadela de olho e até lhe pareceu próprio aceitar aquele convite para o futuro. — Muito bem, — disse ele sorrindo com tolerância. — Vejamos que espécie de rebotalho está agora a ascender ao topo.

O futuro revelou-se ser um banho de boémios, pintores, escritores e gente do cinema, que se reuniam para beber whisky e falar sobre “desobediência civil” no vasto apartamento de Homi, (com uma vista do mar parcialmente obstruída) num bloco de apartamentos estilo Art Déco chamado *Côte d’Azur* em Warden Road. Em poucos minutos Sir Darius percebeu que tinha feito mal em aceitar o convite. Sentia-se como um visitante vindo da lua, um alienígena, incapaz de respirar aquele ar forte e ilícito. Deslocava-se com acanhamento evitando os grupos, mas ninguém reparou nele, apesar da sua presença física imponente — o fez, o bigode, a longa sobrecasaca, a graça natural dos seus movimentos, o brilho feroz do poder nos seus olhos: o poder de um homem, quer dizer, a força que provém da sua natureza e não pode ser ensinado, nem comprado, nem concedido.

Cachos de intelectuais tinham-se formado à volta de algumas mulheres belíssimas — a *starlet* Pia Aziz, a pintora Aurora Zogoiby — enquanto as

outras mulheres se sentavam aos pés de um célebre escritor muçulmano, autor de contos passados nos bas-fonds da cidade, que, já bem atestado de bebida, fingia chocá-las, no mais puro e requintadamente florido Urdu que Sir Darius jamais ouvira, desfiando narrativas detalhadas e arrepiantes acerca das coisas piores do mundo, que nem as circunlocações disfarçavam nem o bom-gosto amenizava. Falava com naturalidade, naquele seu famoso estilo de prosa que era ao mesmo tempo voluptuoso e preciso, delicado e de estarrecer, contando histórias passadas nos interiores degradados dos manicômios locais, dos crimes brutais e das violações repetidas que faziam parte da vida da cidade que não vinha nos jornais, da corrupção das autoridades e da violência no coração dos pobres, de amores incestuosos na alta sociedade e do massacre de meninas — bebês nos bairros degradados, das prostitutas metidas em jaulas em Falkland Road e das mafias da cidade que dirigiam tanto a prostituição como o crime organizado e que mandavam cortar pênis com a mesma calma com que mandavam vir do bazar um cacho de bananas. A contradição entre o trabalho de alta joalheria da linguagem do escritor e a natureza pornográfica do material deixou Sir Darius mais chocado e revoltado do que poderia exprimir. Além de que, claro, estava bastante mais ao par de certas histórias que ali se contavam do que gostaria de admitir.

Voltou as costas e quase chocou com o único inglês presente na reunião. Era William Methwold que ele há anos não via. — Que é que *tu* fazes num sítio destes? — Enervado, Sir Darius falara num tom mais sincero do que cortês e imediatamente tentou desculpar-se: — Desculpa, estou um pouco incomodado — começou ele, mas Methwold interrompeu-o cumprimentando-o com uma afeição evidente.

— Também me sinto um tanto desambientado — disse ele. — Mas esse é o nosso destino, como diriam muitos dos presentes. Mas, para responder à tua pergunta, tenho uma casa que o Sr. Catrack quer comprar. E eu, mais tarde ou mais cedo, vou querer vendê-la.

Dado o assunto por encerrado, começaram a beber a sério. A história dos homens foi passando por ali, enquanto as estrelas, ardentes e cegas, giravam por cima das suas cabeças. Não houve menção nem de Homero, nem de Max Müller, nem de Ramayana, nem de Dumézil. A noite era de whisky e de derrota. Sir Darius Xerxes Cama esqueceu a mulher que o esperava no apartamento de Apollo Bunder, esqueceu os filhos que dormiam, esqueceu



onde estava, esqueceu-se de si próprio, bebeu demais e, a dado altura, fez saltar os botões da camisa e, berrando a letra da música “Let’s Do It”, do filme “Let’s Fall in Love”, fez perante os presentes uma demonstração da nobre arte do Controle-Muscular-ao-Som-da-Música. Fez-se silêncio; até o narrador de histórias obscenas emudeceu. E quando Sir Darius Xerxes Cama terminou, deixando escapar um último “*Mens sana in corpore sano*, compreendeu, apesar do seu estado de total ebriedade, que o que era aceitável entre a Maçonaria dos jantares só para homens de Eton e Oxford que se entretinham a lançar pãezinhos uns aos outros e a fazer alegres concursos de mijo nos últimos anos da Índia Britânica, o levava desta vez, numa sociedade mais radical e mais alargada a fazer figura de asno. Durante um grande bocado ninguém disse nada, mas ouviram-se alguns risinhos reprimidos e estrondosas fungadelas de alegria. Então Aurora Zogoiby, aquela maldita pintora de língua viperina falou alto e bom som, apunhalando-o em pleno coração:

— Faz lá as citações latinas que quiseres, Dariuzeco meu amor — disse ela num tom de voz alto e arrastado, — mas fica sabendo que a opinião geral é de que esse teu *corpore* não é grande coisa e a *mens* é bastante *insana*. Percebeste, Sir Circus Camassaurius?

Sir Darius Xerxes Cama nunca voltou a cruzar-se com Aurora Zogoiby. Viviam ambos numa grande cidade, uma metrópole onde as grandes narrativas convergem para logo se separarem para sempre, descobrindo os seus tristes desfechos entre aquela multidão de histórias que todos nós temos de atravessar com dificuldade para encontrarmos o nosso caminho e sair daquele mundo. Em Bombaim as histórias acotovelavam-nos na rua, tínhamos de procurar o sítio onde pôr os pés para não pisarmos as suas formas adormecidas nos passeios ou nas soleiras das farmácias, penduravam-se nos comboios suburbanos e davam quedas mortais da porta de um autocarro para debaixo de um carro eléctrico em sentido contrário. Aurora, a pintora, logo esqueceu o advogado bêbado, mas Sir Darius levou consigo as palavras dela até à morte, como uma lança cravada no peito.

Chegou a uma conclusão: Homi Catrack e o seu apregoado “futuro” não tinham nada para lhe dar. Resolveu cortar relações com ambos. Ele era ao fim e ao cabo um palhaço, um dinossauro, uma espécie em vias de extinção. Qualquer coisa de imenso estava prestes a abater-se sobre o seu mundo e a nuvem de pó levantada pelo choque liquidaria as pessoas como ele. Muito

bem. Assim seja. Passaria o resto dos seus dias a chorar pelos erros do progresso e pela recusa dos jovens em aprender as lições do passado. Tornar-se-ia num terror, como tinham sido os grandes sáurios, o terror da terra, até cair a longa noite.

Ele era um homem nascido para chefiar outros homens, apanhado num beco sem saída da História e privado de seguidores. Caminhava para trás, numa direcção em que ninguém queria ir. Era como um pai que, por muito amar os filhos, acabava por ser detestado por eles, porque começara uma arenga sem fim, uma crítica que não chegava a nenhuma conclusão e continuava durante toda a juventude deles, enquanto eles, como nadadores colhidos pela vaga enorme do desapontamento paterno, tentavam respirar, temendo afogar-se a cada momento.

E Ormus Cama, que era o que fugira para mais longe da sua sombra, era o filho mais próximo dele, o único da família a reconhecer secretamente a faceta exibicionista que existia em ambos e em ambos a mesma vulnerabilidade muscular à música pimba, que os fazia a ambos estremecer e agitar-se.

\*

A minha mãe, Ameer Merchant, tinha profetizado correctamente mais um problema para o jovem Ormus. Enquanto a atenção de todos se focava no acidente de Virus, nas tendências homicidas de Cyrus, no retiro místico de Lady Spenta e na decadência de Sir Darius, Ameer nunca perdeu de vista o ponto principal. — Cyrus e Virus não são gémeos desse rapaz, — notava ela. — O desastre que marcou o seu destino não aconteceu durante um jogo de críquete, mas dentro da barriga da mãe e ainda antes de ele nascer. — Muitos anos depois de nos tornarmos inesperadamente amigos, Ormus e eu, apesar da nossa diferença de idades de 10 anos, a minha mãe costumava voltar ao assunto. — Nascido à sombra do irmão morto, — dizia ela abanando a cabeça e estalando com a língua nos dentes. — Nunca conseguiu libertar-se. Por mais longe que fugisse, a sombra daquele bebé morto estava-lhe colada aos calcanhares. Podia dar a volta ao mundo cem vezes: tinha o destino traçado, mesmo antes de dar um passo na estrada da vida.

Tais foram os factores que desligaram Ormus Cama dos vulgares laços de família. Aqueles laços que nos estrangulam e a que chamamos amor. Quando esses laços se desataram, com toda a dor que isso lhe trouxe, ele

tornou-se livre.

Mas é amor que nós queremos e não a liberdade. Quem será então mais infeliz, o homem que é amado, a quem é dado o que mais deseja e por isso passa a vida temendo perdê-lo, ou o homem livre, com uma liberdade que não solicitou, nu e só, entre os exércitos de prisioneiros deste mudo?

\*

A intuição de minha mãe era correcta, como veio a provar-se. Nascido na sombra do irmão morto, Ormus Cama revelou ser um recuperador de almas perdidas, as almas dos mortos queridos. À medida que crescia, ia-se tornando vítima do mal que afligia a sua família, o silêncio, a introversão. Ao princípio, até se dar o milagre da música, ele receava, sem poder resistir-lhe, os ataques daquilo a que ele chamava “Cama obscura”. Durante esses “lapsos de escuridão”, Ormus ficava deitado, imóvel, horas a fio, enquanto a mancha roxa na sua pálpebra parecia investigar os domínios do invisível, sondando as profundezas dos mundos que jazem escondidos sob a superfície do que é aparente, buscando (e, eventualmente, achando) Gayomart.

Após a morte, devida a um golpe de lança, de Castor, o mortal, seu irmão Polideuces, filho de Zeus, passava dias alternados com o irmão debaixo da terra, num lugar chamado Therapne; em troca, o gémeo morto podia passar dia sim dia não com o irmão à superfície, com o chão debaixo dos pés e não por cima da cabeça. Mas Gayomart Cama nunca regressou; a não ser sob a forma a que minha mãe aludira, a da sombra de Ormus, concebida como algo de parecido com aquela silhueta traquinas e independente que uma vez se escapou de Peter Pan até voltar a ser cosida aos seus pés pela Wendy. Porque a verdade é que Ormus tinha várias entidades — sombra, todos aqueles Outros que tanto o atormentaram e acabaram por determinar a sua vida. Talvez não seja fantasia dizer (embora a minha própria natureza tenha um pendor para a fantasia) que o seu gémeo morto continuava a viver, sob a forma da sombra monocroma e proteica, que Ormus projectava.

\*

*Meu Ormusinho pequenino*, — dissera em tempos Lady Spenta Cama, saudando o seu inesperado filho. — *Meu camarãozinho*. *Agora já estás salvo do Inferno, já não podem sair da terra e levar-te lá para baixo*. Mas Lady Spenta enganava-se quanto ao chão debaixo dos pés de Ormus. Não estou a dizer que ele tivesse sido levado por demónios para um inferno

sobrenatural e remoto. Não, não... Mas abriram-se abismos (isso pode acontecer e aconteceu) que consumiram o seu amor, e lhe roubaram Vina. E, como veremos, mandaram-no até ao Inferno em viagem de ida e volta.

A terra, o chão sob os nossos pés. O meu pai, essa toupeira, podia ensinar a Lady Spenta algumas coisas acerca da falta de solidez do chão que pisamos. Túneis cheios de canos e cabos, as tumbas enterradas, as incertas camadas do passado. As falhas na terra por onde escorre a nossa história e logo se perde e é retida depois de passar por metamorfoses. Os submundos que não nos atrevemos a imaginar.

Encontramos um terreno onde fincar os pés. Na Índia, esse sítio onde há uma obsessão do “lugar” — dão-nos um território e acabou, não há mais discussão, para a maior parte das pessoas. Mas Ormus, Vina e eu não pudemos aceitar, quisemos libertar-nos. Entre as grandes lutas do homem, o Bem e o Mal, o Racional e o Irracional, etc., há também este grande conflito entre a fantasia do Lar e a fantasia de Partir, o apego às raízes e o sonho da viagem. E quando se é Ormus Cama, quando se é Vina Apsara, cujas canções atravessavam todas as fronteiras, mesmo as fronteiras dos corações humanos, é natural julgar que se podia saltar por cima de toda a terra, que todas as fronteiras se apagariam perante a magia da canção. É partir, sair do buraco, deixar família e clã e nação e raça, imunes a tudo, voando sobre os campos minados dos tabus, até chegar à última porta, a mais interdita de todas as portas. Ouvimos o sangue murmurar-nos ao ouvido: *nem penses*. Mas pensamos mesmo, atravessamos a última fronteira e talvez — veremos como acaba esta história — talvez tenhamos ido longe demais e seja a destruição final.

“Na fronteira da pele”. Eles fizeram uma canção a este respeito, como faziam canções a respeito de tudo. Lembram-se com certeza. Lembram-se daquele fraseado nasal e alongado dele e por cima, por trás, a pureza das notas altas dela. Lembram-se das palavras dele, das palavras dela. Se se lembrarem da música, as palavras são impossíveis de esquecer. Na fronteira da pele não há cães-polícias. Era isso mesmo. Na fronteira da pele. Onde eu acabo e tu comesças. Onde eu passo de pecado em pecado. Deixo tudo e atravesso. Passo a linha e perco a calma. Na fronteira da pele não há polícia, não há controle.

Pois sim, mas depois vinha a outra estrofe: Na fronteira da pele há cães raivosos. Na fronteira da pele. Onde atiram a matar. Não podes sair, não

posso entrar. Tens de acabar onde começaste. Ou perdes a alma. Na fronteira da pele, atiram a matar.

Vina Apsara, a bela morta. O mundo não a merecia. Vina, a lira indiana. Apsara vem de *Apsaras*, uma ninfa das águas com a forma de um cisne. (Em termos ocidentais seria uma Náíade, não uma Dríade.) Cuidado, Vina. Ninfa, tem cuidado. Cuidado com o chão que pisas.

---

3 “Riff”, “Lick” — termos específicos do jazz e do rock. (*N. T.*)

4 “Parsi”: religião monoteísta de origem Zoroástrica; expulsos da Pérsia pelos Muçulmanos no séc. VIII, os Parsis instalaram-se na Índia, onde a sua importância é considerável, sobretudo na zona ocidental. (*N. T.*)

5 “Ayah”, ama-seca, do português “aia”. (*N. T.*)

6 Alusão a Rip van Winkle, personagem histórica norte-americana, que passou muitos anos fora do mundo e a ele, estupefacto, regressou. (*N.T.*)

7 O equivalente indiano de dó-ré-mi-fá-sol-lá-si. (*N. T.*)

8 Raj — nome dado à soberania britânica na Índia, que durou até 1947. (*N. T.*)

9 “Maidan”: na Índia, espaço aberto usado para comícios, prática de desportos, etc. (*N. T.*)

10 “Racketeer”: indivíduo que se ocupa de negócios duvidosos; de “racket”, que além do significado conhecido, tem também a de ocupação ou negócio ilegal. (*N. T.*)

### Capítulo 3 LENDAS DA TRÁCIA

Na minha família ninguém era capaz de cantar uma nota, quanto mais cantar uma canção ou trautear uma melodia. Nenhum de nós podia produzir uma sequência credível de notas musicais por nenhum meio que fosse. Ninguém tocava instrumentos de corda, nem soprava numa flauta nem dedilhava teclados. Nem sequer sabíamos assobiar. De dentro do baú poeirento da minha infância, ainda consigo extrair a lembrança de minha mãe Ameer, quando nova, Ameer na nossa varanda de Cuffe Parade, sentada num banquinho baixo, voltada para o mar, com uma bateadeira muito antiga entre os joelhos, confeccionando gelado de manga e tentando, imprudentemente, assobiar enquanto trabalhava. Bater o creme e assobiar eram trabalhos pesados que lhe enrugavam e lhe orvalhavam a testa alta, mas quando provei o resultado do seu labor, tive vômitos: o seu assobio desafinado fizera talhar o meu doce preferido. Supliquei-lhe que, de futuro, não insistisse, sabendo perfeitamente que ela não faria caso. “Mãe, fica calada.” “O melhor gelado é o calado.” “Gelado com ruído é gelado perdido.” E, parodiando o famoso *slogan* da marca Kwality: “Gelado com gritos não é de gritos.” Era assim que falávamos, minha mãe e eu: em brincadeiras, jogos de palavras e rimas. Poesia, pode dizer-se. Essa era a nossa tragédia. Em matéria de linguagem éramos verdadeiras gralhas, roubávamos tudo o que parecia brilhar. Mas em matéria de música, o dom fora-nos negado. Nem sequer conseguíamos acompanhar as canções que ouvíamos, embora soubéssemos sempre as letras de cor. E então, como desafio, berrávamos os nossos dissonantes rugidos, despenhando-nos das notas altas e deixando-nos atropelar pelas notas baixas. E se as consequências eram gelados azedos, paciência, há coisas piores no mundo.

A Vila Trácia, onde cresci, era uma daquelas vivendas de uma série de bolos de noiva que antigamente ladeavam a graciosa esplanada, como garbosos cortesãos dispostos em fila para saudar o seu rei, o Mar. Na frescura das noites de Bombaim, era a Cuffe Parade que acorria a gente da cidade, trazendo crianças e animais domésticos, para passear, namorar e “tomar ar”. Havia vendedores ambulantes que vendiam channa<sup>11</sup> para as crianças, cigarros *Gold Flake* para os cavalheiros e frágeis grinaldas de flores para os cabelos das senhoras. As minhas recordações daquela casa da minha infância parecem-me agora sonhos do Olimpo, uma temporada

passada com os deuses antes de me expulsarem para o mundo exterior. Agarrando-me aos restos do passado, ainda consigo ouvir o seu riso fantasmagórico, afastando-se de mim. Tento arrancar farripas aos vestidos das fadas, mas essas criaturas de outrora não voltam mais. Estou reduzido a aproveitar os ecos.

A Cuffe Parade desapareceu, e no processo da sua desapareção esteve implicada, a acreditar em certas sugestões nunca provadas a propósito de um certo fogo posto, a jovem Vina Apsara; e o que quer que Vina tenha ou não provocado foi completado por minha mãe, que amava a cidade, mas para quem o futuro era mais forte que o amor. As cidades não são imortais; nem as recordações; nem os deuses. Das divindades do Olimpo da infância, restam muito poucas.

Para a maioria dos Indianos, os pais são como deuses. Vina, que tinha bons motivos para renegar pai e mãe, gostava de declarar, no auge da sua fama e depois de ter lido Erick Von Däniken, que os seus verdadeiros antepassados tinham sido entidades próximas dos deuses vindas do espaço em coches de prata, seres altos, translúcidos, andróginos, “uma” dos quais a parira, sem a mais pequena dor, pelo umbigo. — Eles olham por mim, constantemente — contava ela aos repórteres perplexos. — Estou em permanente contacto. Permanente! — Naqueles tempos ela gostava de se apresentar como uma extraterreste andrógina, tanto no palco como fora dele, e essa invencionice fazia sem dúvida marchar o negócio, mas eu podia detectar a causa primária daquela ideia tonta. Eu podia ouvir as canções de cabras do passado dela.

(— Canções de cabras?! — Desculpem. É a tradução literal de uma palavra grega que nos é familiar: *tragédias*. E a história de Vina, com os seus ecos das grandes narrativas da antiguidade — de Helena, Eurídice, Sita, Ratî e Perséfone — a história inacreditável de Vina que, à minha maneira cheia de rodeios e circunlóquios, eu me estou apressando a contar, a história de Vina teve sem dúvida uma dimensão trágica. Mas também teve bastante a ver com histórias de cabras.)

Se os nossos pais devem ser considerados afins dos deuses, será que os próprios deuses podem ser nossos pais? Histórias de paternidade divina começaram, sem contestação, com o princípio das coisas e só terminarão com o fim do tempo. Meu pai ensinou-me, quando eu era pequeno, que os próprios deuses discutiram entre si as “putativas intervenções procriadoras”

uns dos outros. Shiva, suspeitando que o recém-nascido Ganash não era seu filho, cortou-lhe a cabeça; logo a seguir foi assaltado pelo remorso e, em pânico, substituiu a cabeça desaparecida pela primeira que teve à mão, isto é, a cachola de elefante que hoje conhecemos e adoramos. E, a propósito, quem era o pai de Orfeu: seria Apolo, o glorioso deus do sol ou simplesmente Oeagrus, governador da remota e assás pacóvia província da Trácia? E já que falamos nisso, quem era o pai de Jesus Cristo?

À medida que crescemos, vamos perdendo a fé na natureza sobre-humana dos nossos progenitores, que vão encolhendo até às dimensões de homens ou mulheres mais ou menos consideráveis. Apoio é, afinal, Oeagrus, Deus e o carpinteiro José confundem-se num só. Descobrimos que os deuses que adoramos não são diferentes de nós.

Estes meus considerandos acerca de Deus justificam-se porque é agora altura de revelar os mistérios centrais da vida da minha própria família. Portanto, e sem mais, quero apresentar-lhes uma das minhas imagens de infância relativas ao meu pai, que nessa altura me parecia divino, o senhor V.V. Merchant: na praia de Juhu, *circa* 1956, nos seus quarenta e tal anos, magro como uma desculpa, sério como uma promessa, alegre como um dia de anos, sorrindo o seu sorriso tímido de dentes de coelho; descalço, tronco nu e sem pêlos, calças arregaçadas, chapéu de palha na cabeça, suor a escorrer-lhe pela cara, pá na mão; e fazendo uma cova.

O meu pai adorava cavar! Os outros pais para ali estavam, aborrecendo-se de morte enquanto as criancinhas esgaravavam na areia, ou então, deixando o mundo do silicone aos miúdos e suas *ayahs*, afastavam-se para um giro. No meu caso, eu tinha de me esforçar bastante para acompanhar o meu pai, que escavava febrilmente. Aos nove anos, confesso que já ansiava por certas formas de vida de praia que existiam para além da pá e do balde. Nesses tempos, a praia de Juhu era um lugar idílico, não o Bondi urbanizado de Bombaim em que se tornou depois. Uma ida a Juhu era uma viagem que nos fazia sair as fronteiras da cidade para um espaço encantado. E a pouco e pouco, à medida que ia crescendo, eu levantava os olhos da areia e, para lá dos prazeres convencionais de fim-de-semana, dos vendedores ambulantes de comes e bebes, dos rapazes trepando aos coqueiros e fazendo corridas de camelos, começava a ouvir uma nova voz que me falava numa linguagem que eu nunca ouvira, mas que era a linguagem secreta do meu coração.



Era o mar. Aquele murmúrio “vem cá...”, aquele rugido sedutor... era esta a música que me lavava a alma. O fascínio de um outro elemento, as suas promessas de um outro sítio, deram-me a primeira suspeita de algo escondido dentro de mim que me arrastaria mar fora, deixando os meus pais em terra. O mar, sombrio como vinho, rico em peixe. O lamber e o sorver das vagas que vinham morrer à praia. Rumores de sereias. Tocar o mar foi sentir-me de repente na margem mais longínqua, a Arábia (era o mar de Arábia), o Suez (foi no ano da Crise) e mais além, a Europa. Talvez até — ainda me lembro da emoção com que a palavra aflorou aos meus lábios de menino — a América. A América, o abre-te Sésamo. A América, que se tinha livrado dos ingleses muito antes de nós. Deixemos Sir Darius Xerxes Cama e os seus sonhos colonialistas com a Inglaterra. O meu sonho oceânico levava-me à América, meu país privado por descobrir.

(Deixem que acrescente: no mar, não há picadelas de insectos.)

Eu era então, e ainda sou, um bom nadador. Mesmo aos nove anos gostava de me aventurar bem longe fora de pé, sem pensar no perigo. Minha mãe tentava seguir-me, chapinhando na água, ansiosa, com o sari formando balão como um medusa. Quando regressava a terra são e salvo, ela dava-me um sopapo: — Não sabes que o Velho do Mar está à tua espera para te levar com ele? — Bem sei, Mãe, bem sei.

Aquele areal onde meu pai cavava como um coveiro sobrecarregado de trabalho, a amada terra natal, veio a parecer-me uma prisão. O mar — por sobre o mar ou por baixo, não importa — o mar e só ele havia de levar-me até onde eu podia ser livre.

V.V. Merchant, contudo, sonhava com o passado. Era a sua terra prometida. O passado era a verdade e, como todas as verdades, estava escondido. (Tinha de se cavar fundo para se encontrar. Não um passado qualquer: só o da cidade. V.V. era um Bombainense a cem por cento. As iniciais do seu nome são hoje em dia confundidas em Bombaim com as do financeiro desonesto, várias vezes milionário V.V. Nandy, o Crocodilo, mas meu pai não pode ser confundido com esse poderoso tratante, sob nenhum aspecto. De todos os desfalques, burlas e roubos cometidos por Nandy, essa apropriação das iniciais de Vivvy Merchant é o que mais me exaspera. Mas... é a vida. Um grande escroque conta mais neste mundo do que um simples homem de bem.

Para que saibam, o meu pai chamava-se Vasim Vaqar, com Vs,

foneticamente mais correctos do que os Ws tradicionalmente usados nas transcrições do Urdu. Apesar da troca, o meu pai, com as suas fortes preocupações laicas, detestava as “conotações religiosas” dos seus nomes e não teria gostado de os ver aqui mencionados. “Vivvy”, mais informal e ideologicamente neutro, sempre foi mais do seu agrado. Seja como for, ele foi o “Cavador de Bombaim” e, mesmo que tenha querido enterrar os seus próprios nomes, mal lhe ficaria queixar-se de eu os ter desenterrado.

(Morreu, não se pode queixar.)

O resto da Índia não tinha para Vivvy o mesmo interesse, mas a sua cidade natal, simples grão de areia girando na imensidão do Cosmos — continha para ele todos os mistérios do universo. E como seu filho único, eu, claro, era o depósito favorito dos seus conhecimentos, a sua conta bancária, o seu cofre forte. Todos os pais desejam que os filhos herdem o melhor de si próprios e Bombaim foi o que meu pai me deixou. Em vez de livros infantis, tive lendas locais. As *Crónicas de Bimb*, ou *Bimbakyan*.

\*

Acabei por fugir para longe. Centenas de quilómetros. Milhares de quilómetros.

Bombaim? Nem me perguntem. Posso passar em qualquer exame sobre o assunto. Vejo os fantasmas dos velhos tempos a passear nas novas ruas. Levem-me a Church Gate e eu posso mostrar onde ficava outrora o Portal da Igreja. Levem-me a Rampart Row e eu mostrarei o Passeio da Cordoaria, onde os cordoeiros exerciam em tempos a sua arte de torcidos e tremidos. Sei onde estão enterrados os corpos (F.W. Stevens, supremo arquitecto da cidade, morto a 5 de Março de 1900, está no cemitério de Sewri), onde são espalhadas as cinzas, onde adejam os abutres. Sepulturas, atalhos ardentes, doongervadis. Até consigo localizar certas ilhas há muito integradas na parte baixa da península. Old Woman’s Island<sup>12</sup> — investigando o nome encontra-se *Al-Oman* — não passa hoje de um montículo de terra que se eleva na parte leste de Colaba Bazaar. O meu pai gostava de investigar, escavar, como ele dizia, as origens dos nomes dos sítios e assim posso informá-los, do pé para a mão, que Chinchpokli quer dizer “vale dos tamarindos”, Cumbala Hill tira o seu nome da flor de lótus e Bhendi Bazaar fica num sítio onde antes nasciam persicárias.

Saindo destas infantilidades vegetais e etimológicas, fomos avançando para territórios mais adultos. Vivvy escavava Juhu Beach, mas quanto a

“Chow-patty”? Não há problema: quer dizer “quatro riachos”, embora não se esteja a ver de onde possam escorrer... E “Foras Road”? Para quem conhece, é obviamente uma rua de prostitutas. Mas V.V. foi escavando por baixo dos bordéis, tanto no tempo como no espaço, furando de um sentido para o outro até me mostrar a construção de aterro de Foras, que recuperara ao mar um antigo pântano: onde agora se situa um pântano moral, houve em tempos um pântano, simplesmente. E “Apollo Bunder”, onde cresceu Ormus Cama? Originariamente, Palva Bunder. — “Apolo” foi uma intrusão nomenclatural, — declarou meu pai. (Era assim que ele se exprimia: “intrusão nomenclatural”, “putativas intervenções procriadoras”, “veracidade subterrânea”.) — Os deuses gregos, como toda a gente, invadiram a Índia ocasionalmente.

Apollo apoderou-se do Bunker mas foi Dioniso que deixou realmente a sua marca. Passou por aqui quando era jovem, conquistador e bebedolas e ensinou-nos a nós indianos a fazer vinho. (Infelizmente esquecemos as suas lições e ficámo-nos pelo “arak”<sup>13</sup> e pelo “toddy”<sup>14</sup>, até que os ingleses nos ensinaram, muito mais tarde os rudimentos da cerveja e do rum.) Dioniso ganhou as batalhas todas, preencheu a sua quota levando muitos elefantes: o costume. Esse género de comportamento exibicionista já não nos impressiona. Para mim, é como as gabarolices coloniais. Não há lugar para elas no mundo de hoje.

As deusas dionisíacas estão mais perto da minha experiência pessoal. A que eu conheço bem é Vina. Vina, que nos chegou do estrangeiro, que destruiu tudo o que viu, que conquistou todos os corações para depois os devastar. Vina, como Dioniso fêmea. Vina, a primeira Bacante. Isso é que eu posso aceitar.

\*

Meu pai ia escavando cada vez mais fundo sob o sol feroz de Juhu, esperando talvez encontrar “moidores” portugueses (escavou a palavra, naturalmente, e encontrou *Moedas de ouros*<sup>15</sup>), ou talvez apenas os esqueletos petrificados de peixes primitivos. Olhem para ele escavando o presente, afastando-o para o lado, fazendo as areias do tempo elevarem-se em dunas cheias de minúsculos caranguejos transparentes! Oiçam as suas exclamações de erudita surpresa “Aha! Oho!” ao encontrar uma garrafa vazia, rachada, sem mensagens e ao precipitar-se sobre ela como se fosse uma relíquia de reinos antigos, Roma, Mohenjo-Daro, Gondwana, talvez

mesmo o protocontinente de Gondwanaland sobre o qual nenhum homem jamais poisou os pés, quanto mais soprou vidro para lhe dar forma de garrafa, ou o encher de líquido dionisiaco; mas Gondwanaland foi onde a Índia começou, se se recuar no tempo, para depois se separar, vogar pelo oceano e finalmente chocar contra o que restava do protocontinente do norte, dando assim início aos Himalaias. (Meu pai gostava de me impressionar dizendo que “a colisão continua a ter lugar, a Índia continua a experimentar as consequências do impacto e é por isso que as montanhas continuam a crescer”) Ei-lo agora invisível da cintura para baixo, radiante, felicíssimo; e agora não se vê mais do que o chapéu, e continua a cavar mais e mais fundo, em direcção ao inferno ou aos antípodas, enquanto eu chapinho no futuro, avançando mar fora até ser chamado à ordem por minha mãe, cada vez mais medusa.

Durante vinte anos, ao longo de uma das maiores convulsões políticas na história das nações, o fim do Império Britânico, meu pai, arquitecto, escavador e historiador local, foi minando a memória subterrânea da cidade construída pelos ingleses e foi-se tornando um perito indiscutível num assunto que não interessava minimamente a mais ninguém; porque Bombaim esquece a sua história com cada pôr-de-sol e torna a escrevê-la com o despontar da aurora. Será possível que as suas preocupações o tivessem cegado para a natureza momentosa daqueles anos, para a grande Greve da Armada, a Partilha e tudo o que se seguiu? Naqueles dias de sublevação o próprio chão parecia inseguro, a terra, a terra física parecia exigir a reconstrução e antes de se dar um passo era preciso experimentar se o solo ia aguentar o nosso peso. Estava a dar-se uma grande transformação; e se meu pai achou a incerteza difícil de suportar, se ele se enterrou no passado à espera de achar segurança na erudição, se ele buscou terra firme sob as areias movediças dos tempos bons, não é vergonha nenhuma.

Todos temos que nos haver com a incerteza dos tempos modernos. A terra estremece e nós trememos. Ainda hoje, quando caminho pelos passeios, evito sempre pisar os pontos de junção. Se se puser o pé numa dessas rachas, elas podem alargar-se, podem de repente engolir-nos num bocejo de preguiça. E bem sei que a superstição é uma retirada, uma maneira de não termos de enfrentar a realidade, mas a realidade era Vina e ainda hoje me é difícil encarar a sua morte.

Mas é o que vou fazer. Quando chegar a altura, hei-de fazê-lo.

\*

Finalmente, meu pai exausto desistiu de escavar. Já há uma eternidade que o tínhamos esquecido, a sociedade indolente da praia afastara o olhar daquela hiperactividade absurda. Esfalfado, precisou de ajuda para sair do buraco que ele próprio cavara. Uns vendedores de coco sorridentes deram-lhe uma mão, mantendo os seus cestos equilibrados na cabeça. Embora não conhecesse a palavra, reconheci, com embaraço, o aspecto *kitsch* daquele espectáculo. Meu pai estava demasiado cansado para se importar. Sacudindo alegremente com o chapéu a areia que o cobria, comprou cocos para nós aos homens que o tinham ajudado, esperou enquanto eles decepavam o topo com as suas catanas e bebeu avidamente o coco com grandes gluglus, como se estivesse no banho. Um momento depois, dormia à sombra de um coqueiro; em face disto, minha mãe pôs um dedo contra os lábios a pedir silêncio e, com um sorriso secreto, afastou-se numa loucura mansa bem à sua maneira, pelo areal fora.

\*

Como Miguel Angelo, que achava que as figuras dos seus titãs estavam presas dentro dos blocos de mármore de Carrara e que era seu dever como artista libertá-las, que esculpiu o seu *David* tirando pura e simplesmente da pedra para fora tudo o que não era David, Ameer Merchant descobriu a grande forma escondida dentro do enorme monte de areia resultante dos trabalhos arqueológicos de V.V. Mas minha mãe não era uma artista. Era uma empresária, ou, como agora se diz, uma promotora imobiliária. Não viu nenhuma figura divina no monte de areia escurecida pela humidade. — Construirei mansões dignas de deuses, — declarou ela — mas para serem habitadas por homens. — Enquanto V.V. ressonava, Ameer fazia na areia uma maquete de uma dessas mansões. Enquanto ele sonhava com as profundezas desconhecidas, ela criava um sonho que se elevava até ao céu. Trabalhava de cima para baixo, arduamente, à maneira dos mestres construtores do grande templo de Kailash em Ellora, esse monolito esmagador, escavado por sucessivas gerações na própria rocha. E, com efeito, surgiu um edifício, mas completamente desprovido de conteúdo religioso. E verdade que o que apareceu primeiro foi um alto mastro, mas tratava-se de uma antena de rádio. E embora o edifício parecesse erguer-se da areia como se fosse um campanário, a profusão de delicados entalhes a indicarem as janelas mostrava que se tratava de um projecto a uma escala

muito maior do que qualquer local sagrado. Pequenos galhos secos, cuidadosamente inseridos por Ameer na sua frágil construção, faziam de gárgulas e as paredes do edifício eram ornamentadas pela adição de muitos ornatos geométricos cobrindo as várias superfícies. A areia que estava a mais ia caindo como um manto redundante, até que a obra se apresentou perante os meus olhos na sua magnífica nudez.

— Arranha-céus, — disse ela, — não gostavas de ter um “penthouse”<sup>16</sup> aqui? — Arranhaquê? O que seria um penthouse? Não conhecia aquelas palavras e dei por mim a embirrar com elas, tanto com as palavras como com o edifício a que pertenciam. Além de que estava aborrecido e queria ir nadar.

— Parece uma caixa de fósforos, — disse eu encolhendo os ombros. — Viver aí? Nem pensar.

Ameer reagiu mal a este ataque à sua obra. Achei que estava na altura de ir para a água. — Não percebes nada disto, — disse ela, girando à minha volta como se tivesse oito anos. — Espera, que hás-de ver. Ainda um dia hão-de ser como moscas à volta do prédio. — Depois, percebeu que estava amuada e começou a rir. — Vão andar por aí, — disse ela abanando um braço comicamente — e mais por ali. — A brincadeira contagiou-me. — Arranha-praias, — disse eu. — Arranha-areia, — continuou ela. — Arranha-camelos, arranha-cocos, arranha-peixes. — Estávamos ambos a rir. — E arranha-chows em Chowpatty, sugeri eu — arranha-malabares em Malabar Hill. E em *Cuffe Parade*?

— Arranha-*cuffes*, — disse minha mãe, numa gargalhada. — Vai lá então para o banho e não sejas parvo.

— E de qualquer modo, onde é que os queria pôr? — Encorajado pelo seu bom humor, atrevi-me a pôr uma pedra no assunto com um argumento decisivo. — Aqui, ninguém quer disso e na cidade já há casas por todo o lado.

— Não há lugar, então... — disse ela pensativa.

— Exactamente, — confirmei, correndo para a água. — Não há lugar nenhum.

Nesse célebre dia na praia, tive o meu primeiro e inesquecível relance de olhos por Vina. Foi nesse instante que começou a minha paixão, o princípio de uma escravidão que ia durar toda a minha vida... mas aqui tenho de parar: é possível que eu esteja a deitar o vinho de vários fins-de-semana de

praia na garrafa de um único dia. Caramba, há coisas de que não me lembro. Isto aconteceu naquele dia ou noutro dia? Nesse Novembro ou no Janeiro seguinte? Enquanto o meu pai dormia ou depois de eu ter ido nadar? Perde-se tanta coisa... é difícil acreditar que toda esta areia se foi acumulando até tapar os anos. Difícil acreditar que já foi há tanto tempo, que a carne é mortal e que tudo desliza. O querido futuro da minha querida mãe; isso é que contava, o presente era só um meio para atingir um fim e o passado não passava de um caco de louça, uma garrafa velha que o meu pai achara na praia. Mas hoje é ao passado que eu pertenço.

Será isto a letra de uma canção? Não me lembro... Será?

\*

Seja como for: naquela tarde dourada, ou bronzeada, ou noutra qualquer, naquele instante ou noutro qualquer, o célebre Sr. Pилоo Doodhwala e a sua “comitivamagnífica” avançaram pelo areal de Juhu. Devo dizer que nesse tempo eu não sabia absolutamente nada acerca dele. Vivia na completa ignorância da sua fama, em toda a cidade, de “personalidade original” de homem com um “futuro promissor”, e de fornecedor de leite a todo o país; não fazia ideia de que o seu verdadeiro nome fosse Shetty — como fora o da nossa família antes de ser anglicizado alguns anos antes — mas já ninguém o tratava por esse nome porque, como ele próprio dizia, “já que sou leiteiro de fama, que seja Leiteiro de nome”; eu nunca ouvira a expressão que ele próprio inventava para descrever a roda íntima de familiares e servidores de que gostava de se rodear — expressão de que os jornais menos respeitáveis se tinham apoderado e aproveitavam numa veia satírica “o círculo do ridículo”, “a concomitância da ganância” mas Pилоo Shetty, aliás Doodhwala, era insensível ao sarcasmo. Pude então observar um homenzinho gorducho de pijama branco à indiana, que ainda não tinha trinta anos, mas com uma consciência tão forte do seu próprio valor que parecia um homem de meia-idade; a sua farta cabeleira negra era tão lisa e tão carregada de brilhantina que parecia trazer à cabeça um mangusto adormecido. Pavoneava-se de um lado para o outro como um desses soberanos, Calígula ou Akbar, que imaginavam ter origem divina. Atrás dele vinha um paquistanês altíssimo com todas as suas insígnias, faixa e turbante, segurando um enorme guarda-sol furta-cores com ofuscantes incrustações de lantejoulas e vidro espelhado, para proteger a cabeça do pequeno imperador.

Piloo era precedido de músicos — um tambor, um flautista estridente, um clarim agressivo como uma buzina e um par de bailarinos — cantores que se contorciam e cantarolavam de boca fechada, provavelmente dois *hijras* (transexuais) alugados para o efeito — cujo estrépito ensurdecedor ofendia o gosto da sociedade requintada que frequentava a praia naquele fim de tarde. Saltitavam à direita e à esquerda do grande homem vários secretários, curvando-se para ouvir as suas recomendações e tomando notas afanosamente. A seguir a este extraordinário grupo vinha uma senhora pequenina e quase esférica, esposa de Piloo, dando pelo curioso nome de Golmatol, protegendo a tez malhada sob um guarda-sol preto; duas meninas de sete e oito anos, cujos nomes, Halva e Rasgulla<sup>17</sup>, testemunhavam do gosto dos pais pelos doces; e uma rapariga morena, muito mais alta, de doze ou treze anos, cujo rosto estava completamente escondido por um enorme chapéu de palha de abas largas, de modo que tudo o que eu podia ver era um fato de banho com as riscas e estrelas da bandeira americana e um *lunghi*<sup>18</sup> branco por cima, atado sobre a anca. Havia uma *ayah* e dois criados com cestos de piquenique. Um trio de seguranças com uniformes militares tinha como tarefa — que desempenhavam com entusiasmo, vigor e uso liberal de longos cajados de madeira, — afastar a chusma de indivíduos ansiosos que zumbiam na esteira da “comitiva-magnífica”, porque um grande homem há-de sempre atrair suplicantes e parasitas e tem de ser deles protegido quando pretende gozar em paz um passeio agradável num dia bonito.

Quem era este gigante de algibeira, este super-rato? Qual poderia ser a fonte de tanta ostentação? Onde vinha este poder, esta riqueza? Ameer Merchant, cujo bom humor desaparecera à chegada do barulhento grupo, não estava com disposição para responder. — Cabras — disse secamente. Não percebi onde ela queria chegar, mas era evidente que o homem a irritava. — O quê, mãe? Desculpe...? — Ela respondeu, balindo, furiosa: — Bé-é-é... Cabras, cabritos, bodes. Não te faças mais parvo do que és. — E não obtive mais explicações.

V.V. Merchant acordou de um sono profundo sobressaltado pelo ruído; e, para seu aturdimento, a sua querida esposa caiu-lhe em cima: — Maldita gente, — fungou ela. — Esta tua família não sabe comportar-se.

Aquilo foi uma bomba. — Somos parentes?! Como?

O grupo Piloo instalara-se a menos de vinte metros e os seus membros



menos exaltados ocupavam-se em estender as toalhas e dispor os doces; seguindo as indicações de Golmatol dadas em voz de estentor e em esticar sobre mastros um alegre toldo que cobria festivamente toda uma zona de areia. Organizou-se um jogo de cartas em que Píloo demonstrou ser um apostador furioso e grande vencedor: os seus servidores, percebendo o que tinham a fazer, devem-no ter deixado ganhar. Um criado trouxe um enorme termo e encheu para Píloo um grande púcaro de alumínio com um líquido aguado, de um branco azulado: leite de cabra, que ele bebeu de boca aberta, babando-se sem acanhamento. Halva e Rasgulla começaram a choramingar pelas suas bebidas, mas a rapariga em fato de banho e chapéu de palha afastara-se e ficara a certa distância, de costas para os outros, abraçada a si própria e abanando a cabeça enfasiada (embora parcialmente invisível). Dada a intensidade da música, o burburinho dos pedintes, as pancadas com os cajados, os gritos dos atingidos, as lamúrias das duas raparigas e as ordens berradas por Golmatol Doodhwala, vira-me obrigado a elevar o tom de voz e as minhas perguntas acerca daqueles membros da família foram feitas em altos gritos.

Ameer levou a mão à testa: — Oh, por favor, Umeed, não me maces mais. Eles não têm nada a ver comigo, isso é que é certo. Pergunta ao teu pai, que é da família.

— Parentes muito distantes, — gritou V.V. Merchant na defensiva.

— Parentes pobres, — berrou Ameer.

— Pobres é que eles não parecem, — comentei eu aos gritos.

— São ricos em cabras, — gritou Ameer, coincidindo com uma súbita pausa na música: as suas palavras soaram irremediavelmente pelos ares, tão nítidas como se tivessem sido escritas em néon, como os anúncios em Marine Drive, — mas pobres em qualidade. Material humano de qualidade inferior.

Fez-se um momento de silêncio. Estava-se em 1956, um ano muito quente, um dos mais quentes de que havia conhecimento; a tarde já ia adiantada mas o calor não diminuía. Agora a temperatura pareceu crescer ainda mais, houve um zunido no ar como acontece antes de cair um raio e Shri Píloo Doodhwala começou a inchar, a ficar vermelho, a suar por todos os poros, como se estivesse a encher-se de palavras a tal ponto que não houvesse dentro dele espaço para mais nada. Halva, a filha mais nova, teve um risinho nervoso, levou logo duas bofetadas da mãe, começou a chorar,

viu a mão de Golnatol de novo no ar e calou-se imediatamente. A guerra estava prestes a ser declarada. O areal entre os nossos dois acampamentos tornara-se terra de ninguém. A artilharia pesada tomava posição. Neste momento, a rapariga alta do fato de banho americano entrou negligentemente pelo campo de batalha, deitou um olhar interessado dos Doodhwalas para os Merchants e vice-versa e inclinou para trás o chapéu de palha. Quando lhe vi a cara devo dizer que perdi o controle. Aquele perfil egípcio que, muitos anos depois, fui encontrar num retrato da primeira mulher-faraó da história, a rainha Hatshepsut, a quem a desdenhosa Vina (que não se deixava impressionar por monarcas divinos apesar de se ter, ela própria, tornado uma espécie de deusa-rainha) se referia jocosamente por uma aproximação fonética do seu arrevesado nome; aqueles olhos trocistas, aquela boca exprimindo enfado e segura, fizeram-me soltar um soluço. Não, foi mais do que um soluço. Foi um ruído estragulado, informe, agónico que acabou numa espécie de soluço. Em suma, uma única vez na vida eu produzi o som de um exemplar masculino da espécie humana ferido de morte, ao ficar instantaneamente, pesadamente, dolorosamente apaixonado. E só tinha nove anos de idade.

Deixem-me recordar o momento com o máximo de exactidão possível. Tinha, acho eu, acabado de sair da água, o meu aparelho dos dentes estava a fazer-me doer e eu sentia-me rabujento — ou então estava a pensar em ir tomar banho quando a chegada da “comitivamagnífica” me veio distrair — seja como for, quando Ameer Merchant proferiu a frase que soou aos ouvidos de Pilo Doodhwala como uma declaração de guerra, eu acabara de tirar de um cesto de fruta uma suculenta maçã. Com a maçã na mão, contemplei o rosto da linda rapariga morena do fato de banho Old Glory, com a maçã na mão emiti o meu horrível grito de nua admiração: e quando os meus pés começaram a mexer por si próprios e me levaram até ela, até ficar banhado na luz da sua beleza, eu ainda segurava a maçã em frente do peito, como uma oferenda, como um prémio.

Ela sorriu, divertida: — Isso é para mim? — Mas antes que eu pudesse articular uma resposta, as outras duas raparigas — as duas irmãs feias! — tinham-se aproximado a correr, de faces luzidias, sem fazer caso das ordens da *ayah* para que voltassem para trás. — Apuhh... — disse Halva Doodhwala, fazendo cara de bebé e fala de bebé num esforço desesperado para parecer irresistível; e Rasgulla Doodhwala, mais velha mas tão parva

como a irmã, confirmou, fazendo beicinho: — P11... A rapariga alta soltou uma pequena gargalhada cruel e assumiu uma atitude teatral, de cabeça ao lado e mão na anca: — Estás a ver? Tens de escolher, meu menino. Para qual de nós é o teu magnífico presente?

Não há que hesitar, pensei eu, isto é uma dádiva do meu coração. Mas Píloo e, especialmente, Golmatol olhavam-me severamente, à espera da minha decisão e quando eu, sem saber o que fazer, olhei de relance para os meus pais, vi que eles não iam poder ajudar-me a fazer uma escolha que ia afectar o futuro deles tanto como o meu próprio. Não sabia, na altura (embora fosse fácil de adivinhar), que a rapariga alta não era irmã das outras, que o seu lugar na comitiva era mais o de Gata Borracheira que o de Helena, ou por outra, era uma curiosa amálgama das duas, uma espécie de Cinderela de Troia. Mas, se soubesse, não faria diferença; porque, embora a minha língua tivesse ficado atada, o meu coração falava alto e bom som. Sem uma palavra, entreguei a maçã à minha amada que, com uma pequena vénia, aceitou o presente um tanto rudemente e lhe deu logo uma boa dentada.

Assim, o meu desprezo pelos encantos de Halva e Rasgulla, mestras na arte de fazer olhinhos, veio acrescentar-se, aos olhos da família Doodhwala, ao insulto accidental de minha mãe; e acabou-se. A palavra indu *Kutti*, que sugere um nível petulante e quase infantil de desavença, não chega para classificar a situação. Isto não era *Kutti*. Isto era “vendetta”. E eu tinha arranjado em Píloo Doodhwala — que estava agora, para meu horror, a fazer-me sinal para que me aproximasse — um inimigo poderoso, e para toda a vida.

— Rapaz!

Agora que já não se podia voltar atrás, Píloo acalmara miraculosamente. Perdera o ar inchado de um homem a transbordar de palavras de fúria e até parara de transpirar. Por meu lado, eu estava a ser picado por insectos. Era aquela hora ao fim da tarde em que as forças aéreas espicaçantes se manifestam, aparecendo como nuvens vindas de um dormitório celeste. Ao aproximar-me de Píloo, reclinado sobre esplendosos coxins debaixo do toldo citilante de cores, eu era obrigado a sacudir e a bater na cara e no pescoço, para todos os efeitos como se me estivesse antecipadamente a castigar pelo meu critério quanto à atribuição da maçã. Píloo sorria com o seu sorriso maléfico e rutilante, continuando a acenar-me.

— Qual é seu nome, por favor? — Eu disse-lho. — Umeed..., — repetiu ele. — Espranz. Boa. Todas pessoas devem ter espranz, mesmo na sitwaçon desesprade. — Caiu em meditação, mastigando um pedaço de eirós seca; a seguir falou, agitando o peixe: — Iróóó..., sorriu ele — Sabe o que é? Peixe que recusou ajudar Lord Rana construir ponte para Lanka, finalidade salvar Lady Sita. Por isso Rana apertou ele tanto tanto e esmagou todos ossos e agora é peixe-maravilha sem ossos. Vocês num podem saber porque son cumbertidos. — Esta palavra levou-o a abanar longamente a cabeça e a consumir vários bocados de peixe seco antes de retomar a sua arenga: — Cumbertido... Sabe o que é? Eu direi. Cumberson religiosa é como entrar em comboio. Depois, só pertence no comboio mesmo. Não há cais de embarque, não há cais de chegada. Em todos sítios você é desprezado. Cumbertido é assim. Como foi o pai do seu pai.

Abri a boca; ele mandou-ma fechar. — Miúdo é para ber e nom para oubir, — declarou. — Bico calado é o melhor. — Mastigou, pensativo, um pedaço de manga. — Quando homem comberte-se é como corte de electricidade. Como largar carga, percebe? Homem larga Carga do Destino Humano em acto cobarde. Acto fundamental non — sério. Quando faz isto, se desliga da história da sua raça, non? Como tirado da tomada, vé? Depois a torradeira non trabalha. O que é a bida, rapaz? Eu direi. A bida non é cabelo tirado da cabeça de Deus, *O Kay*? A bida é um ciclo. Na nossa pobre bida devemos pagar pecados do passado e também colher prémio de bom comportamento passado. Cumbertido é como hóspede no hotel que non quer pagar a conta. Mas non pode esperar beneficio se a conta está errada em seu fabor.

A tese de Pилоo não era fácil de entender, com tantos comboios, torradeiras, ciclos, hotéis e contas erradas à volta, mas pude compreender o ponto essencial: ele insultara meu pai e o ramo muçulmano da família do meu pai e, por extensão, eu próprio. Agora que observo como adulto a cena vista através dos olhos de um garoto de nove anos, vejo e ouço outras coisas também: as diferenças de classe, por exemplo, a nota de snobismo que havia no desprezo de minha mãe pelo comportamento grosseiro e a maneira frustrante de falar de Pилоo; e, claro, diferenças de comunidade. A velha brecha entre hindus e muçulmanos. Meus pais tinham-me feito dom da irreligião, de ter crescido sem me lembrar de perguntar às pessoas que deuses adoravam, assumindo que, de facto — e tal como meus pais — não se

interessavam por deuses e que esse desinteresse era “normal”. Podem pensar que esse dom era um néctar envenenado mas, mesmo assim, esse é um néctar de que beberia de novo com todo o gosto.

Apesar da irreligião de meus pais, contudo, persistia a velha brecha na família. Era tão funda que os dois ramos da família — os convertidos e os não convertidos — tinham-se apagado uns dos outros dos seus mapas sociais. Aos nove anos de idade eu nem sequer sabia da existência dos Doodhwalas e estou certo que Halva e Rasgulla também não tinham conhecimento de que havia este seu primo afastado chamado Ummer Merchant. Quanto à rapariga alta, a rainha em fato de banho que comia a minha maçã, não tinha a mínima ideia do que ela estava ali a fazer.

— Umeed! — disse minha mãe em tom zangado, — volta para aqui imediatamente.

— Bai lá embora, — disse Pилоo, brincando com um par de dados sobre o tapete do jogo. — Mas gostaba saber, quando fores grande, que queres ser?

Eu tinha uma resposta imediata: — Fotógrafo.

— Ah sim? —, disse ele. — Enton debes saber c’uma fotografia pode ser falsa. *Se* fizeres foto de mim agora, que bês? Sahib gordo a fazer de importante. Mas isso é mentira infame! Eu sou homem do pobo. Homem simples, origem humilde, mas homem de trabalho duro também sabe gozar a bida. Hoje, eu gozo. Mas tu, rapaz, tu e tua mamã e teu papá, eston a fazer de importante! Importantes demais. — Fez uma pausa. Aros de cor de leite cercavam-lhe as pupilas. — Penso que, noutra bida, antes, nós discutimos muito. Hoje não discutimos mais. Mas um dia bamos discutir.

— Umeed!...

— Diz à tua mãe, — murmurou Pилоo Doodhwala, apagando o sorriso, — que esse castelo de areia parece *Shiv-lingam*<sup>19</sup>, é blasfémia suja. Para gente decente, é repugnante e obsceno.

Vejo-me de novo em espírito, emissário especial de nove anos, deixando o acampamento inimigo para voltar ao seu. Mas vejo também o que realmente se está a passar, o processo pelo qual o poder, como se fosse calor, está a escoar-se lentamente do mundo da minha irritada mãe para o mundo novo do descontraído Pилоo. Isto não é fantasia mas sim uma percepção tardia: ele odiava-nos e a seu tempo havia de herdar, se não a terra, pelo menos a *nossa* terra.

— Odeio a Índia, — disse a minha rainha do fato de banho com

veemência quando eu passei por ela. — E há muito que odiar. Detesto o calor e aqui está sempre calor, mesmo quando chove, e realmente detesto a chuva. Detesto esta comida e a água não se pode beber. Detesto os pobres e não se vê outra coisa. Detesto multidões e nunca se sai do meio delas. Detesto esta gente que fala muito alto e se veste de roxo e faz muitas perguntas e dá ordens a torto e direito. Detesto a porcaria, detesto o cheiro e detesto especialmente ter de cagar de cócoras. Detesto o dinheiro porque não se pode comprar nada e detesto as lojas, porque não há nada que comprar. Detesto os filmes, detesto os bailados, detesto a música. Detesto as línguas porque não são inglês puro e detesto o inglês porque também não é inglês puro. Detesto os automóveis, excepto os americanos, e detesto também os carros americanos porque estão dez anos fora de moda. Detesto as escolas porque na realidade são prisões e detesto as férias, porque nem nessa época se tem liberdade. Detesto os velhos e detesto os miúdos. Detesto a rádio e não há televisão. E sobretudo detesto esses deuses todos de merda.

Este espantoso discurso foi proferido num tom monótono e desencantado, com os olhos fixos no horizonte. Eu não sabia como responder, mas aparentemente não era necessária uma resposta. Naquele momento não compreendi a razão de tanta raiva e fiquei profundamente chocado. Era então por esta rapariga que eu acabara de me apaixonar irremediavelmente? — E também detesto maçãs, — acrescentou, cravando-me um punhal no coração. (Mas tinha comido a maçã que eu lhe dera, notei eu.) Perdido de amor, mordido pelos bichos voadores, virei-me e retomei a difícil viagem de volta. — Queres saber de que é que eu gosto, a única coisa de que gosto? — gritou ela nas minhas costas. Parei e voltei-me para ela.

— Quero, por favor, — disse humildemente. Talvez tenha até baixado a cabeça, de pura infelicidade.

— Adoro o mar, — disse ela; correu para a água e afastou-se nadando. O meu coração quase rebentava de alegria.

Ouvi Píloo começar a lançar os dados; depois, a uma ordem de Golmatol Doodhwala, os músicos recomeçaram a tocar e não ouvi mais nada.

\*

Durante muito tempo, acreditei — e isto talvez seja a minha versão da teoria de Sir Darius Xerxes Cama de uma quarta função da *exterioridade* — que em todas as gerações há umas tantas almas, chamemos-lhes felizes ou

desgraçadas, que não nasceram para se integrarem, que vieram a este mundo *meio separadas*, sem uma ligação forte a uma família, a um local, a uma nação ou a uma raça; que pode até haver milhões, bilhões de almas assim, talvez tanto de integrados como de não integrados; que, em suma, esse fenómeno pode ser uma manifestação da natureza humana tão “natural” como o seu oposto, mas que ao longo da história dos homens tem sido frustrado por falta de oportunidades. E não só: porque as pessoas que dão mais valor à estabilidade e que temem tudo o que é transitório, incerto, mutável, construíram um poderoso sistema de estigmas e tabus contra o desenraizamento como força desestabilizadora e antisocial e assim conformamo-nos a maior parte das vezes, fingimo-nos motivados por lealdades e solidariedades que realmente não sentimos, escondemos as nossas identidades secretas sob a pele falsa das identidades marcadas com o selo da aprovação. Mas a verdade escapa-se nos nossos sonhos; sozinhos na cama (porque todos estamos sós na noite, mesmo quando não dormimos sós), elevamo-nos, pairamos, fugimos. E naqueles sonhos acordados permitidos pela sociedade, os nossos mitos, a nossa arte, as nossas canções, celebramos aqueles que não pertencem ao grupo, os diferentes, os fora-da-lei, os excêntricos. Aquilo que proibimos a nós mesmos, pagamos bom dinheiro para admirar num teatro ou num cinema ou nas folhas de um livro. Nas nossas bibliotecas, livrarias, ou locais de diversão fala-se verdade. O vadio, o assassino, o rebelde, o ladrão, o mutante, o banido, a máscara. Se não reconhecêssemos neles as necessidades que não podemos preencher, não os inventaríamos vezes e vezes sem conta, em cada sítio, em todas as línguas, em todos os tempos, a cada passo.

Assim que houve navios, corremos para o mar, atravessando oceanos em barquinhos de papel. Assim que houve automóveis, fizemo-nos à estrada. Assim que houve aviões, voamos como setas até aos cantos mais remotos do planeta. Agora sonhamos com o lado escuro da lua, as planícies rochosas de Marte, os anéis de Saturno, as profundezas interestelares. Pomos em órbita fotógrafos mecânicos, ou mandamo-los em viagem sem regresso até às estrelas, comovemo-nos até às lágrimas com as maravilhas que eles transmitem, sentimo-nos pequenos perante as grandiosas imagens de galáxias distantes que parecem sustentar as nuvens no céu, damos nomes a rochedos extraterrestres como se fossem animais de estimação. Procuramos a urdidura do espaço, a demarcação dos limites do tempo. E é esta espécie

que vive na ilusão de que gosta de ficar em casa e de ter — como é que se diz? — *laços*.

Esta é a minha opinião. Ninguém é obrigado a aceitá-la. Talvez não haja assim tanta gente como nós, ao fim e ao cabo. Talvez sejamos de facto desestabilizadores e anti-sociais e devêssemos ser proibidos. Todos temos direito às nossas opiniões. Eu só digo: durmam bem, queridos. Durmam bem e bons sonhos.

\*

Segundo a versão do Universo adoptada pelos Doodhwalas, tudo começou quando o meu bisavô paterno “abraçou o Islão”, como eles dizem; o Islão, que é a fé que menos vontade dá de abraçar. Como resultado desse espinhoso abraço, Vivvy Merchant (e também Ameer, bem como todos os muçulmanos do subcontinente, visto sermos todos filhos de convertidos, quer o admitamos quer não) perdeu a sua ligação à História. É por isso que podemos interpretar as escavações desesperadas do meu pai no passado da cidade como uma demanda da sua identidade pessoal perdida; e Ameer Merchant, ao sonhar com arranha-Cuffes e outros que tais, estava também à procura de certezas perdidas, nas suas visões de prédios de apartamentos de luxo e cinema Art Déco em tijolos e argamassa, em cimento reforçado e em betão.

Nunca há falta de explicações para os mistérios da vida. Hoje em dia são três ao vintém. Mas a verdade, de facto, é mais difícil de encontrar.

\*

Desde sempre, desde que me lembro, eu desejei ser acima de tudo — para usar mais uma vez uma frase à qual fiquei talvez excessivamente ligado — digno deste mundo. Para isso, estava preparado para dar provas, realizar tarefas. Comecei por estudar os heróis da Grécia e Roma antigas nos *Contos de Tanglewood*, de Nathaniel Hawthorne, conheci a história de Camelot graças a *Os Cavaleiros da Tavola Redonda*, da Metro Goldwyn-Mayer, com Robert Taylor no papel de Lancelot e Mel Ferrer no do Rei Artur e Guinevere era, se a memória me não falha, a incomparável Ava, essa deusa palindrômica que era tão boa vista de trás como vista da frente. Devorei livros infantis de sagas nórdicas (lembro-me em especial de viagens épicas a bordo de um navio chamado Skidbladnir, o “navio voador”), as aventuras de Hatim Tai e Harumal-Raschid e Sindbad o Marinheiro e Marco Polo e Ibn Battuta e Rama e Lakshman e os Kurus e os Pandavas e tudo o que me



caísse nas mãos. Mas aquela formulação altamente moral, “ser digno deste mundo”, era demasiado abstracta para se pôr em acção com facilidade. Eu dizia sempre a verdade e era um rapazinho razoavelmente honesto — e também muito solitário e introvertido —, mas o heroísmo escapava-me. Houve mesmo um breve interlúdio, mais ou menos no tempo que estou a descrever, em que comecei a pensar que este mundo era indigno de mim. As suas falsas notas, os seus constantes falhanços... Era talvez o idealismo de minha mãe, tantas vezes gorado, o seu crescente civismo, que me contagiavam. Agora, olhando o passado, posso dizer que temos chegado mais ou menos um para o outro, o mundo e eu. Ambos temos estado à altura das circunstâncias e ambos temos decepcionado. Mas, falando por mim (visto que seria presunçoso falar pelo mundo): nos meus maus momentos fui uma cacofonia, uma massa de sons humanos que não se harmonizavam com a sinfonia do meu eu integral; mas, nos meus melhores momentos, o mundo cantou para mim e por meu intermédio como um sino de cristal.

Quando conheci Vina na praia, soube pela primeira vez como medir o meu valor. Tinha de procurar nos olhos dela as respostas às minhas perguntas. Em troca só pedia para usar no meu elmo as cores da minha dama.

\*

Devo dizer que tive à partida um óptimo princípio de vida. Eu era o afortunado filho único de pais amantíssimos que, para fazer justiça ao seu amado rebento sem ter de desistir dos seus interesses, quer pessoais quer profissionais, decidiram que não iriam ter mais filhos. Ao rever a minha descrição daquela tarde de praia, dou-me conta que me esqueci de referir os variados pequenos gestos com que V.V. e Ameer Merchant demonstravam habitualmente o seu amor: os sorrisos irónicos mas cheios de afecto com que ela olhava o marido a cavar na areia, o qual por sua vez lhe respondia com uma careta tímida de dentes à mostra, o afago ligeiro da mão dela na cara dele, da mão dele na nuca dela, as pequeninas solitudes de um casal feliz — senta-te aqui, que está mais à sombra; prova esta bebida tão fresca — que, apesar de tão privados e murmurados, não escapam ao meu olhar fotográfico e aos meus ouvidos apurados que não deixam passar nada. Havia também amor por mim, que nunca fui deixado nem por um dia aos cuidados de uma *ayah*, facto que despertou espanto e até mereceu críticas no nosso círculo social. Lady Spenta Cama, que nunca perdoara totalmente

a Ameer a sua gaffe no dia do nascimento de Ormus, costumava dizer que uma mulher que nem sequer procurara uma boa *ayah* “deve ser neta ou bisneta de criados”. Esta observação chegou a alta velocidade aos ouvidos de Ameer, visto não haver correio mais rápido que o da pura malícia e as relações entre as duas tomaram-se ainda mais tensas. A decisão de meus pais ficou reforçada com esta chacota: durante toda a minha infância, desde o berço, eles estabeleceram um plano semanal que organizava os seus tempos de trabalho, lazer e até horas de sono, de forma a obedecer ao princípio da equidade parental, numa estrita base metade-metade. Não fui criado ao peito; meu pai recusou-se a permiti-lo, porque nesse caso ele seria privado da sua parte na tarefa de me dar de comer. E, à sua maneira tímida, não deixava de reclamar a sua participação na mudança de fraldas e ferver de biberões, massagens na minha barriga em tempo de cólicas e brincadeiras a quatro patas. Minha mãe cantava as suas canções sem melodia, meu pai cantava as suas. Foi assim que eu cresci achando isto “normal”. O mundo reservava-me inúmeros choques.

Abandonaram a maior parte das suas ocupações sociais sem sequer se darem conta. A chegada de um bebé (eu) completara-os de um modo tão perfeito que já não precisavam de mais ninguém. Ao princípio, os amigos censuraram-nos. Alguns ficaram magoados. Muitos acharam, como Lady Spenta Cama, que havia qualquer coisa de “doentio” no comportamento “obsessivo” dos Merchants. Mas por fim toda a gente teve de aceitar o novo esquema de vida como um facto, simplesmente mais uma excentricidade entre tantas que o mundo apresenta. V.V. e Ameer puderam dedicar-se ao filho (eu) sem se preocuparem com sentimentos feridos ou línguas afiadas.

Seria por causa daquele amor sufocante ou de qualquer coisa de inexplicável em mim que eu comecei a olhar o mar e a sonhar com a América? Seria por eles terem repartido entre si e possuído a cidade tão completamente — por eu sentir que a terra era deles — que eu decidi outorgar-me a posse do mar? Por outras palavras, teria eu deixado Bombaim porque o raio da cidade inteira era como o útero da minha mãe e eu tinha de sair dali para poder nascer? Estas são as explicações psicológicas que eu tenho para oferecer, entre muitas.

Gostaria de as rejeitar, todas elas. Os meus pais, repito, amavam-me e deram-me o que tinham de melhor. Nenhuma casa de infância pode ser mais evocativa, ou ser tão doce à memória como a Vila Trácia, em Cuffe Parade,

e além de um óptimo lar tive bons amigos, frequentei um bom colégio e tive excelentes perspectivas de futuro. Seria grosseiro da minha parte acusar os meus pais de me facultarem precisamente aquilo que todos os pais gostariam de poder oferecer. Seria de uma insensibilidade desgostante censurá-los por aquela atenção amorável que é o ideal de qualquer pai e de qualquer mãe! Não ouvirão de mim tais palavras, disso podem estar certos. Simplesmente, a minha natureza enfermava de um certo desapego, de um fraco sentimento das raízes filiais. Já aos nove anos de idade eu não só tinha segredos, como me orgulhava de os ter. Escondia dentro de mim os meus maiores anseios, os meus sonhos com antigos cavaleiros e heróis; seria uma vergonha para mim revelá-los, seria mergulhar no golfo humilhante que havia entre a grandeza das minhas intenções e a natureza mesquinha dos meus poucos empreendimentos. Cultivava o silêncio, sem imaginar que, um dia, eu viria a cantar.

Esta minha maneira de ser, excessivamente defensiva, era-me por vezes útil. Eu costumava, à noite, jogar *poker*, a fósforos, com Vivvy e Ameer. Quase sempre acabava com o monte maior de fósforos à minha frente. “Talvez devesse tentar ser jogador profissional quando cresceres”, — sugeria minha mãe, de forma um tanto chocante. — Não há dúvida, meu querido, que essa tua cara de *poker*<sup>20</sup> dá já excelentes resultados. — Eu concordei. O meu triunfo desatou-me um pouco a língua: — Ninguém sabe no que eu estou a pensar. Assim é que eu gosto.

Vi que ficaram chocados e admirados, sem a menor ideia do que haviam de dizer. — É bom dizer o que te vai no coração, Umeed. — disse finalmente meu pai. — É melhor mostrar o jogo do que escondê-lo, não?

Meu pai era um modelo de rectidão, o mais honrado dos homens, o mais honesto, o menos corrupto, o mais manso de coração, o mais tolerante, mas também um homem de princípios férreos, em suma, o melhor dos homens, um santo ateu (como ele teria detestado esta classificação!), a quem poderiam vender na rua um relógio ordinário e dizer que era um *Omega*, que perdia sempre no jogo e mais tarde, tragicamente, na vida; e eu, o seu filho astuto e dissimulado, sorri àquele homem sincero e genuinamente desinteressado, abri muito os olhos como para troçar da sua inocência e fiz-lhe uma pergunta que era como um xeque-mate: — Nesse caso, — murmurei — porque é que não estão os fósforos todos em frente de si?

Olhando o passado, parece-me óbvio que o mar sempre foi para mim uma metáfora. Claro que adorava nadar, mas era-me igualmente agradável fazê-lo, por exemplo, na piscina do Willingdon Clube, e indiferente se a água era doce ou salgada. Nunca aprendi a navegar ou a fazer vela e não o lamento. A água era simplesmente o elemento mágico que me transportaria segundo as suas marés; quando cresci e me propuseram o ar, mudei imediatamente o meu compromisso de fidelidade. Mas mantendo a minha gratidão para com o mar porque Vina adorava-o e poderíamos nadar juntos.

Ar e água, terra e fogo: os quatro elementos influenciaram as nossas histórias (refiro-me, bem entendido, à história de Ormus, à de Vina e à minha própria). Nos dois primeiros estive o nosso princípio. Mas depois veio o meio e o fim.

Quando se cresce, como foi o meu caso, numa grande cidade durante a sua época de ouro, pensa-se nela como eterna. Sempre lá estive e sempre estará. A grandeza da metrópole cria uma ilusão de permanência. A Bombaim peninsular em que eu nasci sempre me pareceu eterna, realmente. Colaba Causeway era a minha Via Apia, as colinas de Malabar e Cumballa eram o nosso Capitólio e o nosso Palatino, o Estádio de Brabourne o nosso Coliseu e quanto à cintilante curva Art Déco de Marine Drive, bom, isso era qualquer coisa de que nem Roma se podia gabar... Cresci imaginando que a “Art Déco” era um estilo próprio de Bombaim, uma invenção local, cujo nome derivava, muito provavelmente, do imperativo do verbo *dekho*, ver. “Art dekho”: observai a arte. (Quando comecei a familiarizar-me com as imagens de Nova Iorque, senti uma espécie de raiva. Os Americanos, que tinham tanta coisa, também tinham de possuir a nossa arte? Mas, numa parte secreta do meu coração, a Art Déco de Manhattan, construída numa escala tão mais grandiosa do que a nossa, só aumentava o fascínio da América, tomando-a ao mesmo tempo imponente e familiar, como se fosse a nossa pequena Bombaim em ponto grande.)

Na realidade, essa Bombaim era quase nova em folha quando eu a conheci e, o que é mais, a firma de construção dos meus pais, a Merchant & Merchant, destacara-se na sua edificação. Nos dez anos entre o nascimento de Ormus Cama e o meu próprio nascimento, a cidade constituíra um gigantesco estaleiro de construção, como se soubesse que tinha de estar pronta para a altura em que eu pudesse começar a reparar nela... Não, não, o meu pensamento não segue realmente uma linha tão solipsística. Não me

sinto exageradamente ligado à História ou a Bombaim. Sou mais do tipo desprendido.

Para voltar ao assunto. É verdade, embora não tenha nada a ver comigo, que o desenvolvimento, em matéria de construção, que criou a Bombaim da minha infância entrou em roda livre nos anos que precederam o meu nascimento para depois abrandar durante uns vinte anos; e essa época de relativa estabilidade fez-me acreditar, erradamente, nas qualidades intemporais da cidade. Depois, claro, Bombaim tornou-se um monstro e eu fugi. Fugi para salvar a vida.

Quanto a mim, eu era um Bombainense convicto. Mas devo confessar que já em criança, sofria de ciúmes loucos da cidade em que crescera, porque ela era o outro amor dos meus pais, como se fosse a filha que nunca tiveram. Eles gostavam um do outro (bom!), gostavam de mim (ótimo!) e gostavam da cidade (não lá muito bom...) Bombaim era a minha rival. Foi por causa do seu amor à cidade que eles organizaram aquele programa semanal de responsabilidades parentais divididas igualmente. Quando minha mãe não estava comigo — enquanto eu andava às cavalitas do meu pai ou visitava com ele os peixes do Aquário de Taraporewala — ela andava às voltas com *ela*, percorrendo Bombaim, fazendo-a crescer. (Porque o trabalho de construção nunca pára completamente e na supervisão desse trabalho Ameer era genial. Minha mãe, a mestre-de-obras... Tal como o fora seu pai.) E quando meu pai me entregava ao seu cuidado — enquanto cantávamos horrendas canções desafinadas e comíamos gelado azedo — ele lá ia, com o seu chapéu especial das escavações e um casaco de caqui com muitas algibeiras, para pôr a nu os alicerces dos prédios em construção em busca dos segredos do passado da cidade, ou então, sem chapéu nem casaco, sentado a uma prancha de desenhador e sonhando os seus sonhos de maravilha.

O primeiro amor de V.V. Merchant seria sempre a pré-história da cidade, como se estivesse mais interessado na concepção da criança do que no seu desenvolvimento. Se lhe dessem corda, era capaz de passar horas felicíssimo tagarelado acerca da colonização Chalukya nas ilhas de Elephanta e Salsette há dois mil e quinhentos anos, ou da lendária capital do Rajá Bhimdev em Mahim no século onze ou doze. Era capaz de recitar de cor todas as cláusulas do tratado de Bassein pelo qual o imperador mogul Bahadur Shah cedeu as Sete Ilhas aos portugueses. E gostava de fazer notar

que a Rainha Catarina de Bragança, mulher de Carlos II de Inglaterra era a ligação secreta entre as cidades de Bombaim e Nova Iorque: Bombaim foi entregue aos ingleses como dote, mas ela era também a Rainha a que se referia o nome de Queens, município de Nova Iorque.

Os mapas antigos da cidade enchiam-no de júbilo e a sua colecção de velhas fotografias dos edifícios e objectos vários da cidade desaparecida não tinha rival. Naquelas imagens esmaecidas ressuscitavam tanto o velho Forte, o miserável “mercado do mata-bicho” junto de Teen Darvaza, ou Bazaargate, e as humildes tendas onde se vendia carne de carneiro e se reparavam os guarda-chuvas dos pobres, como os grandes palácios em ruínas. As relíquias da cidade antiga enchiam a sua imaginação e o seu álbum de fotografias. Os chapéus despertavam-lhe especial interesse. — Houve tempos em que se podia saber a que comunidade pertencia um homem, só pelo que trazia a cobrir a cabeça... — lamentava ele. Sir Darius Xerxes Cama, com o seu fez em feitio de vaso de flores era uma relíquia do tempo em que os Parsis eram chamados Topazes por causa dos chapéus. E os Banianos usavam chapéus redondos e os Bohras Chow-Chow, apregoando nas ruas um rol infindável de produtos variados, pareciam levar uma bola à cabeça... Foi a meu pai que eu ouvi falar dos primeiros grandes fotógrafos de Bombaim, Raja Deen Dayal e A.R. Haseler, cujos retratos da cidade foram as minhas primeiras influências artísticas, quanto mais não fosse por me mostrarem o que eu não queria fazer. Dayal trepou à torre Rajabai para criar os seus panoramas abrangentes do nascimento de uma cidade; Haseler fez ainda melhor e subiu até aos ares. As suas fotos eram fabulosas, inesquecíveis, mas também me inspiraram um desejo desesperado de descer até ao nível do solo. Eu ansiava pelas ruas da cidade, pelos amoladores de tesouras, os agiotas de rua, os soldados insolentes, as pegas bailarinas, os carros de cavalos e os carroceiros roubando rações, as hordas de gente nos eléctricos, os jogadores de xadrez nos restaurantes iranianos, as crianças da escola com as suas fivelas em forma de serpente, os pedintes, os pescadores, os criados, a multidão brava que anda às compras no Crawford Market, os lutadores cobertos de óleo, as equipas de filmagens, os estivadores, os que cosem livros, os garotos da rua, os aleijados, os tecelões, os rapazes da maldade, os padres, os cortadores de goelas, os aldrabões. Ansiava pela vida.

Quando disse isto a meu pai ele mostrou-me naturezas mortas com

chapéus, montras de lojas e molhes de cais e disse-me que eu era demasiado novo para compreender. — É no estudo e compreensão da realidade histórica, — assegurou ele — que se descobre o factor humano. — Isto precisava de ser traduzido: — Observando onde viviam as pessoas, onde faziam compras, — explicou, com um toque de irritação, tão rara nele, — logo se vê como é que eles eram. — Apesar das suas escavações, Vivvy Merchant contentava-se com o que havia à superfície do seu mundo. Eu, o seu filho fotógrafo, é que me propus provar-lhe que ele não tinha razão, mostrando-lhe que uma máquina fotográfica vê para além da superfície, para além da aparência e pode penetrar até à carne, ao sangue, ao coração.

\*

A empresa de construções da família tinha sido criada pelo seu falecido sogro Ishak Merchant, um homem tão intensamente colérico que aos quarenta e três anos de idade os seus órgãos rebentaram literalmente de raiva e ele morreu duma copiosa hemorragia interna. Isto foi pouco depois do casamento da filha. (Filha de um homem arrebatado, minha mãe escolhera um companheiro sem um átomo de violência, mas mesmo assim não conseguia tolerar os seus brandos — e raros — reparos; a mais pequena censura desencadeava nela uma surpreendente tempestade de emoções, mais chorosa do que agressiva mas de resto, em intensidade e força destruidora, bastante parecida com as explosões do seu pai. V.V. tratava-a com cautela, como o puro-sangue frágil que ela era. O que era prudente e necessário, mas também anunciava futuras complicações. Ou teria anunciado, se o feliz casal estivesse à escuta. Mas ambos eram surdos a qualquer palavra de aviso: estavam profundamente apaixonados e o amor é o melhor tapa-ouvidos.)

Os felizes recém-casados, Vivvy e Ameer, puseram na empresa o seu empenho total. Felizmente para eles, a cidade precisava desesperadamente de construtores. Vinte anos mais tarde, eles podiam apontar para vários quarteirões de moradias Art Déco ao longo do lado ocidental de Oval Maidan, e também em Marine Drive, e dizer com justificado orgulho: “Fomos nós que construímos aquilo” ou “Aquilo é nosso”. Agora continuavam a construir em Worli, Pali Hill, etc. No regresso de Juhu fizemos vários desvios a fim de deitarmos uma olhadela a esta ou aquela obra em curso e não só as que tinham cartazes da Merchant & Merchant. Estaleiros de obras são para uma família de construtores o que os locais

turísticos são para o resto da população. Eu crescera habituado a este tipo de comportamento e, além disso, estava tão excitado com o encontro com a minha deusa em fato de banho que não me queixei. Mas fiz perguntas:

— Como é que ela se chama?

— Arré, quem? Quem é que sabe disso? Pergunta ao teu pai.

— Como é que ela se chama?

— Não sei ao certo. Nissa ou coisa assim.

— Nissa quê? Nissa Doodhwala ou Nissa Shetty? Como é?

— Não me lembro. Ela cresceu longe daqui, na América.

— Na América?! Na América, onde? Nova Iorque?

O meu pai não tinha mais informações; ou então havia coisas que ele não queria revelar. Mas Ameer sabia tudo.

— No Estado de Nova Iorque, — disse ela. — Uma aldeola idiota das berças.

— Que aldeola? Vá lá, Ammi, conta...

— Achas que eu conheço as aldeias todas dos Estados Unidos. Um nome, género Chickaboom.

— Isso não é nome nenhum. Ou é...?

Ela encolheu os ombros. — Sabe-se lá os nomes loucos que eles lá têm! Ele é Hiawatha-Minnihaha, ele é Susquehanna, Shenandoah, Sheboygan, Okefenokee, Onondaga, Oshkosk, Chittenango, Chikasha, Canandaigua, Chuinooga, Tomatosanga, Chickaboom. — E mais não disse sobre o assunto: era Chickaboom, N.Y.

— Seja como for, — disse minha mãe — não vais ter nada que ver com ela. Primeiro, porque Piloó é o tutor dela agora, e além disso porque é conhecida por arranjar complicações. É um perigo a duzentos por cento. Teve uma infância trágica, é verdade, tenho muita pena dessa rapariga, mas não te chagues a ela, sequer. Ouviste-a falar. Não tem educação. De qualquer forma, é velha demais para ti, arranja amigos da tua idade. Além disso, — acrescentou, à laia de remate — é vegetariana.

— Eu gostei dela, — disse eu. Os meus pais fingiram não me ouvir. Minha mãe mudou de assunto:

— Sabes que esses nomes dos índios Peles-Vermelhas soam-me bastante à nossa Índia do Sul. Chattanooga. Ootacamund, Thekkady, Schenectady, Gitchee Gumme, Ticklegummy, Chittoor, Chitaldroog, Chickaboom. Talvez alguns dos nossos conterrâneos Dravidianos<sup>21</sup> tenham partido para a



América há que séculos num barquinho de papel. Os indianos entram em todo o lado. São como a areia.

— Não levavam dinheiro e levavam mau cheiro — acrescentou meu pai, juntando-se à brincadeira. Percebi que tínhamos entrado numa daquelas fases de dizer graças idiotas, típicas da família, e que era inútil tentar que a conversa fizesse sentido.

Continuei a pensar na minha rapariga de fato de banho, mas lá fui dizendo piadas para alimentar a chacota. Ameer continuava a seguir o fio dos seus pensamentos.

— *Minnihaha* quer dizer “água que ri”.

— *Haha* quer dizer rir, claro, então *Minni* quer dizer água. E que quer dizer Mickey?

— Quer dizer rato — disse o meu pai com convicção.

\*

O filósofo Aristóteles desprezava a mitologia. Os mitos não passavam de histórias fantasistas, era a sua opinião, que não continham verdade alguma acerca da nossa natureza ou do ambiente que nos rodeia. Só através da razão, achava ele, é que os homens se podem conhecer a si mesmos e a dominar o mundo em que vivem. Na minha infância, esta opinião de Aristóteles só tinha o apoio de uma minoria local. — O verdadeiro milagre da razão, — disse uma vez Sir Darius Xerxes Cama (para dizer a verdade, dizia-o com excessiva frequência) — é a vitória da razão sobre o milagre. — Devo dizer que a maioria dos espíritos influentes discordava desta opinião. Lady Spenta Cama, por exemplo, para quem como regra o miraculoso há muito suplantara o racional e que sem os seus anjos e os seus demónios teria ficado completamente perdida na selva trágica do quotidiano.

Contra Aristóteles e Sir Darius estava também Giovanni Battista Vico (1668-1744). Para Vico, como para tantos dos actuais teóricos da infância, os primeiros anos são cruciais. Os temas bem como os dramas da primeira infância é que estabelecem o padrão de tudo o que vai seguir-se. Para Vico, a mitologia é o álbum de família, o armazém da cultura infantil e contém o futuro da sociedade, codificado em contos que são ao mesmo tempo poemas e oráculos. O drama secreto da desapareição da Vila Trácia reproduz e prenuncia a minha futura maneira de estar na vida.

— Afasta-te dela — dissera Ameer Merchant, mas uma vez posta em

marcha a inexorável dinâmica do mito, foi o mesmo que tentar afastar as abelhas do mel, os gananciosos do dinheiro, os políticos das crianças de colo, os filósofos da dúvida. Vina cravara em mim as suas garras e as consequências são a história da minha vida. “Um perigo”, dissera Ameer, ela é “um perigo”. E eis senão quando, ela apareceu à nossa porta, ferida, exausta, ensopada, suplicando que a deixássemos entrar.

\*

Precisamente sete dias após as nossas aventuras em Juhu, às seis horas da tarde, começou a cair de repente uma chuva grossa e quente. Chuva pesada, cujo calor não veio refrescar a onda de calor húmido. Por um capricho da Natureza, à medida que a chuva aumentava, a temperatura também subia, de forma que a água ao cair evaporava-se antes de chegar ao chão e transformava-se em nevoeiro. O mais raro de todos os fenómenos meteorológicos de Bombaim, uma nuvem branca e molhada encheu a Back Bay. A multidão que passeava na Parada para, como de costume, “tomar ar”, correu em busca de abrigo. O nevoeiro apagou a cidade; o mundo era um lençol branco à espera que lhe escrevessem em cima. V.V., Ameer e eu ficámos em casa, segurando as nossas cartas de *poker* e, naquela brancura bizarra as nossas apostas tornaram-se excessivas e imprudentes, como se sentíssemos que aquele momento exigia de nós um gesto extravagante. Meu pai perdeu ainda mais fósforos do que o costume, a uma velocidade recorde. Caiu uma noite branca.

Fomos deitar-nos, mas nenhum de nós conseguia dormir. Quando Ameer me veio dar as boas-noites, eu disse: — Estou à espera de que aconteça qualquer coisa. — Ameer concordou com a cabeça: — Bem sei.

Mais tarde, já depois da meia-noite, foi Ameer quem ouviu primeiro os ruídos lá fora, qualquer coisa a chocar e a bater como se houvesse na varanda um animal à solta, e a seguir um arfar exausto e choroso. Ela soergueu-se na cama, dizendo: — Parece que apareceu finalmente o que Umeed esperava.

Quando chegámos à varanda, a rapariga estava desmaiada no chão. Tinha um olho negro e golpes nos braços, alguns deles profundos. Sobre o soalho da varanda corriam serpentes brilhantes de cabelo preto: Medusa. Passou-me pela cabeça a ideia de que só deveríamos ver-lhe o rosto reflectido num escudo polido, sob pena de nos transformarmos em pedra. Os *jeans* e a *t-shirt* branca que trazia vestidos estavam ensopados. Não pude deixar de

reparar no relevo dos seus mamilos espessos. A sua respiração era demasiada rápida, pesada e acompanhada de gemidos. — É ela, — disse eu estupidamente.

— Não há outro remédio, — disse minha mãe. — O que tem de ser, tem de ser.

Já enxuta, quente, de ligaduras nos braços e comendo papas de aveia de uma tigela, com uma toalha à volta do cabelo húmido como a coroa de um Faraó, ela reinava sobre a sua corte instalada na cama dos meus pais e nós três Merchants, como três ursos, éramos os seus cortesãos. — Ele tentou matar-me, — disse ela, — esse cobardolas desse Píloo. Atacou-me e eu fugi. — Hesitou. — Bom, ele pôs-me na rua. Mas de qualquer forma, não volto para lá, aconteça o que acontecer. — E Ameer, que me pusera de sobreaviso contra ela, disse com energia: — Voltar para lá? Está fora de questão! Nissa Doodhwala, fazes-me o favor de ficar onde estás?

Esta sugestão foi recebida com um sorriso precário, ainda desconfiado. — Não me chame pelo nome desse sacana, está bem? — disse a rapariga. — Saí de lá sem trazer nada comigo. Daqui em diante terei o nome que quiser.

E alguns momentos depois: “Vina Apsara. É esse o meu nome”.

Minha mãe acalmou-a: — Sim, Vina, com certeza, querida, como quiseres — e depois tentou sondá-la: o que teria provocado um ataque tão violento? O rosto de Vina fechou-se de repente, como um livro. Mas na manhã seguinte a resposta surgiu à nossa porta, tocando à campainha, ansioso: Ormus Cama, belo e poderoso como um sol nascente, dezanove anos e já com “uma reputação”. E à procura do fruto proibido.

\*

Foi o fim dos meus dias de alegria, passados na companhia daquelas divindades Trácias que eram os meus pais, entre as lendas do passado da cidade e as visões do seu futuro. Após ter sido amado durante toda a minha infância, de ter acreditado que o nosso pequeno mundo era seguro, tudo se iria desmoronar perante mim, os meus pais iriam ter discussões terríveis e iriam morrer antes do tempo. Fugindo a esta medonha desintegração, virei-me para a minha própria vida onde encontrei, também, amor: mas até essa existência teve um fim prematuro. E depois, durante muito tempo, fiquei só comigo mesmo e com as minhas dolorosas recordações.

Agora há finalmente na minha vida um renascer de felicidade. (Isso também será contado, a seu tempo.) Talvez seja por isso que eu posso agora

enfrentar o horror do passado. É penoso falar da beleza do mundo quando se perdeu a vista; angustioso tecer louvores à música quando se tem os tímpanos furados. Do mesmo modo, é difícil falar do amor, mais difícil ainda escrever com amor, quando se tem o coração despedaçado. O que não é desculpa: acontece a toda a gente. Temos de seguir em frente, seguir sempre em frente. A dor e a perda são também coisas “normais”. Sofrimento é o que mais há.

---

11 channa = frito doce. *(N.T.)*

12 Literalmente, “Ilha da Velha”. *(N. T.)*

13 arak: aguardente grosseira destilada no Oriente a partir de vários grãos, arroz, cana de açúcar, etc. *(N. T.)*

14 toddy: no Oriente, licor feito a partir da fermentação do leite de coco ou de algumas espécies de palmeiras. *(N.T.)*

15 Em português no texto. *(N T)*

16 Penthouse: apartamento, geralmente de luxo, construído no topo de um edifício de habitação. *(N. T.)*

17 Doces Orientais. *(N. T.)*

18 Lunghi: faixa comprida de algodão usada na Índia pelos homens. *(N. T.)*

19 “Shiv-lingam”: imagem fálica do deus Siva. *(N.T.)*

20 “Poker face”, em inglês é, por razões óbvias, aquilo a que costumamos chamar “cara-de-pau”. *(N.T.)*

21 Dravidianos: raça aborígene, empurrada para o sul da Índia pelos Indo-europeus e depois assimilada. *(N.T.)*

## Capítulo 4

### A INVENÇÃO DA MUSICA

Embora Ormus Cama, o nosso herói tão absurdamente belo e tão incrivelmente talentoso, tenha acabado de ocupar o centro do meu palco — tarde demais para acudir à jovem de cujo infortúnio ele é, em larga medida, responsável! — tenho de travar por instantes este meu relato que corre como um autocarro em fuga, para que eu possa ajudar o leitor a melhor compreender como é que isto chegou ao que chegou. Assim, vou levá-los de novo até ao pai de Ormus, Sir Darius Xerxes Cama, agora nos seus sessenta e tais, estendido num sofá de cabedal acolchoado estilo Chesterfield na sua biblioteca de Apollo Bunder; de olhos cerrados, com um copo baixo de cristal lapidado e um frasco de whisky ao lado: e sonhando...

Sempre que sonhava, sonhava com a Inglaterra: a Inglaterra como uma mansão inglesa do séc. XVIII de um branco imaculado, no topo de uma colina, acima de um rio serpenteante e prateado, com um vasto relvado de um verde brilhante orlado de velhos olmos e carvalhos, e a geometria clássica de canteiros orquestrados por um jardineiro-mor invisível e os seus ajudantes numa sinfonia de cores em quatro estações. Um vento suave fazia adejar cortinados brancos nas portas-janelas que davam sobre a estufa. No seu sonho Sir Darius era de novo um rapazinho de calções e a mansão era o íman que o atraía através dos relvados perfeitos, as sebes de luxo e a fonte ornamental cheia de figuras da antiguidade grega e romana, deuses hirsutos e lúbricos, heróis nus de espada erguida, serpentes, mulheres violentadas, cabeças decepadas, centauros. Os cortinados enrolavam-se à volta dele, mas ele libertava-se porque algures naquela casa, à sua espera, penteando os longos cabelos e entoando uma doce melodia, estava sua mãe que ele há tanto tempo perdera, por quem todos os dias chorava e a cujo seio almejava regressar.

Não a encontrava. Procurava em vão por toda a casa, esquadrinhando toda aquela imponente correnteza de salões anacrónicos — *boudoirs* de perigosas *miladies* do tempo da Restauração que escondiam os seus punhais e os seus venenos em cavidades secretas por trás de painéis com flor-de-lis; barrocos gabinetes do Poder, onde as grandes figuras da nobreza, com as suas cabeleiras e os seus lenços perfumados tinham outrora dispensado protecção e generosidades aos seus afilhados malcheirosos, de joelhos — e onde tantas conspirações políticas tinham sido sibiladas por grandes

homens de estado ao ouvido de assassinos e ladrões; as grandes escadarias alcatifadas *Art Nouveau*, por onde se tinham atirado princesas atraíçoadas num ataque de desespero e solidão; e salas de tortura medievais, onde se dispensara a justiça debaixo de pinturas artísticas de galáxias que rodopiavam e sóis que se extinguíam. Até que se encontrou, cambaleante, num pátio interior da casa branca, onde, na extremidade mais longínqua de uma piscina de água negra e fria, estava a figura nua de uma lindíssima mulher de olhos vendados, com os braços abertos como se se preparasse para saltar. Mas não podia. As palmas das suas mãos voltavam-se para ele convidativamente e ele não pôde resistir, já não era um rapazito de calções mas um homem cheio de desejo: correu para ela, sabendo que aquele escândalo seria o seu fim. Sonhando, percebia que aquele sonho lhe falava de qualquer coisa mergulhada no seu passado, tão fundo que ele próprio se esquecera do que poderia ser.

— Sim, vem ter comigo, — murmurou Escândalo, envolvendo-o nos seus braços — meu querido, meu servidor favorito da Mentira.

\*

Quando estava acordado e a memória do nu vendado junto da piscina já recuara para o limbo das coisas semi-recordadas e incertas, — e o whisky lhe soltara a língua —, Sir Darius Xerxes Cama costumava perorar com emoção e saudade acerca das grandes casas de campo da velha Inglaterra — Boot Magna, Castle Howard, Blandings, Chequers, Brideshead, Cliveden, Styles. À medida que foi ficando mais velho e mais alcoolizado, certas fronteiras foram-se esbatendo na sua memória e hoje em dia só fazia uma distinção muito vaga entre Toad Hall e Blenheim Palace, Longleat e Gormenghast. A sua nostalgia aplicava-se igualmente às casas célebres da ficção, bem como às casas de campo herdeiras das famílias de sangue azul, primeiros-ministros e arrivistas ricos como o Clã Astor. Verdadeiros ou falsos, esses edificios imponentes representavam para Sir Darius a aproximação mais perfeita do Paraíso Terrestre que a imaginação e o engenho humanos jamais tinham conseguido. Falava cada vez mais em levar a família para Inglaterra de uma vez por todas. No dia em que Ormus fez dezanove anos o pai ofereceu-lhe o primeiro volume de *História dos Povos de Fala Inglesa* de Winston Churchill. — Não contente com ter ganho a guerra, — disse Sir Darius abanando a cabeça com respeito — o velho buldogue ganhou também o prémio Nobel. Não admira que lhe

chamem Winnie<sup>22</sup>. A juventude britânica admira-o, procura seguir-lhe os passos. Por consequência, esperam-se em Inglaterra grandes coisas da nova geração. A nossa juventude, pelo contrário, — disse, olhando Ormus com desaprovação — está num estado avançado de decadência. As virtudes antigas — serviço da comunidade, disciplina pessoal, saber poemas de cor, aprender a usar armas de fogo, a arte da falcoaria, danças de salão, formação do carácter através do desporto — todas essas coisas deixaram de fazer sentido. Só na mãe-pátria podem ser de novo encontradas.

— Na capa deste livro o rei de Inglaterra tem uma seta espetada num olho. — fez notar Ormus. — Os “bifes” não devem ser lá muito bons a manejar arco e flechas.

Tal como Ormus previa, Sir Darius ficou irritado e teria continuado o seu discurso se Lady Spenta não tivesse dito, no seu tom que não admitia discussões: — Se estás a sonhar em voltar para Londres, podes ter a certeza que eu pessoalmente não vou consentir em ser tratada por esses snobes como uma arrivista. — O que, como todas as profecias, se veio a revelar errado.

Ormus Cama retirou-se. Deixando os pais entregues aos seus velhos rituais de desentendimento, passeou-se pelo vasto apartamento de Apollo Bunder. Enquanto se manteve no campo de visão de Sir Darius, os seus movimentos eram exageradamente adolescentes, isto é, os de um adolescente apático, a perfeita imagem da decadente juventude parsi. Mas logo que saiu da vista do pai operou-se uma notável transformação. É preciso não esquecer que Ormus, um cantor nato, não abrira mais a boca para cantar desde a noite em que por pouco não fora estrangulado pelo irmão mais velho, Cyrus; e um estranho, ao observá-lo agora, poderia facilmente concluir que toda a música por cantar dos seus anos silenciados se acumulara nele, causando-lhe um terrível desconforto, e mesmo sofrimento; e que as melodias guardadas lá dentro estavam agora a tentar explodir para fora do seu corpo.

Por isso ele ondulava e estremezia todo!

Quando eu digo que Ormus Cama foi o maior cantor popular de sempre, aquele cujo génio nunca foi excedido, aquele que a matilha dos rivais nunca conseguiu alcançar, estou certo de que mesmo o mais difícil dos meus leitores vai concordar comigo. Ele era um mágico musical, cujas melodias faziam as ruas da cidade começar a dançar e os arranha-céus baloiçarem ao

seu ritmo, um trovador dourado cuja poesia sacudia, até os escancarar, os portões do próprio Inferno; fazia do cantor e autor de canções a um tempo o “xamã” e o porta-voz da sua época e tornou-se o bobo diabólico da cidade. Mas, como ele mesmo dizia, era mais do que isso: ele pretendia ser nada mais nada menos do que a fonte secreta, o inovador principal da música que nos corre no sangue, nos possui e nos motiva onde quer que estejamos, a música que fala a linguagem comum a toda a humanidade, a nossa herança comum, qualquer que seja a língua que primeiro aprendemos a falar, quaisquer que sejam as danças que primeiro aprendemos a dançar.

Desde o princípio sempre declarou que estava, literalmente, anos à frente do seu tempo.

No momento de que estou a falar, a borboleta era ainda uma crisálida, o oráculo não achara ainda a sua voz. E se menciono os movimentos de rotação das suas ancas enquanto andava de um lado para o outro no apartamento de Apollo Bunder, e o significado cada vez mais claro das suas arremetidas e estocadas pélvicas e o voltear dos braços como um derviche; se insisto na curva cruel naquele seu lábio superior de bebé, ou no espesso cabelo negro caindo à volta da testa em madeixas sensuais ou nas patilhas que pareciam sair de um melodrama do séc. XIX — se, sobretudo, tento reproduzir os estranhos sons que ele conseguia emitir, aqueles hã-ã-ã-ns, hã-hã-hã, aqueles oh h h s — talvez o leitor distraído o considere um mero eco, mais outro, daquela legião de imitadores que acabam por tornar grotesca a fama de certo jovem camionista de Tupelo, Mississipi, nascido num abrigo de ocasião com um gémeo morto ao lado.

Não negarei que, nos princípios de 1956, uma rapariga chamada Persis Kalamanja — que Lady Spenta Cama esperava tornar na esposa de seu filho Ormus: para dizer a verdade, Lady Spenta passava esses dias em negociações activas e urgentes nesse sentido com os Kalamanja *père et mère* — levou Ormus Cama a uma loja de discos, o Rhythm Center em Fort, Bombaim, verdadeira arca de tesouros falsos, cheia das cantiguinhas fora de moda das gerações passadas, falando da lua de Junho e cantadas por velhos *crooners* de chinó, mas onde ocasionalmente se encontram jóias verdadeiras, talvez trazidas por marinheiros em licença de algum navio de guerra americano. Aí, numa cabine de audição, esperando impressionar o marido putativo com a sua cultura musical (pois Persis estava muito interessada com a ideia do casamento: Ormus, como eu já mencionei e sem



dúvida terei ocasião de repetir cheio de inveja, era irresistivelmente bonito), a ansiosa Persis passou para Ormus um disco de 78 rotações novo, mas já riscado, e para sua satisfação (intensa mas de curta duração), os olhos do rapaz abriram-se no que poderia ser terror, ou amor, tal como qualquer outro adolescente ao ouvir a voz de Jesse Garon Parker cantar *Heartbreak Hotel* expressão das sua própria dor muda, da sua própria fome, solidão e sonhos.

Mas Ormus não era um adolescente qualquer. O que Persis tomara por encantamento era de facto uma ira que nascia, uma raiva impossível de conter, como se fosse a peste. A meio da canção, explodiu — Quem é ele? Como se chama este ladrão?

Saiu da cabine a toda a velocidade, como se esperasse poder agarrar o cantor pelos colarinhos se se mexesse depressa. Na sua frente estava uma rapariga alta, de ar divertido, de doze ou treze anos, mas de uma sofisticação que chegava para os dois, vestindo um camisolão grosso de algodão que declarava a sua adesão a uma entidade chamada os Giants de Nova Iorque. — Ladrão? — perguntou ela. — Já ouvi chamarem-lhe muitos nomes, mas esse é a primeira vez.

Circulam muitas versões diferentes do primeiro encontro entre Vina Apsara e Ormus Cama, graças às nuvens de mitificação, regurgitação, falsificação e difamação que rodearam a história deles durante anos; segundo o jornal que se ler, pode saber-se que ele se transformou num touro branco e a levou às costas enquanto ela, chilreando alegremente, se agarrava com fervor erótico aos seus chifres longos, curvos e reluzentes; ou que ela era efectivamente uma alienígena vinda duma galáxia longínqua que, tendo identificado Ormus como o macho mais perfeitamente desejável do planeta, desceu num raio de luz mesmo em frente dele no Pórtico da Índia, com uma flor espacial na mão. O encontro no Rhythm Center é classificado de “apócrifo” por vários comentadores: é demasiado maquinado, demasiado banal e o que vem a ser essa história de compor uma canção? Além disso, acrescentam, se ainda querem melhor prova de que se trata de uma treta, ouçam lá esta: nada disso faz sentido a não ser que se acredite que Ormus Cama, de madeixa, patilhas e rebolar de ancas, nunca tinha ouvido falar no então rei do *rock-and-roll*. — Ao que parece, estava-se em 1956, — zombam eles. — Em 1956 até o Papa tinha ouvido falar em Jesse Parker!

Mas nesses tempos, em Bombaim, a tecnologia das comunicações estava na primeira infância. Não havia TV, os aparelhos de rádio eram objectos enormes, sujeitos ao controle estrito dos progenitores. Além disso, a companhia estatal, a All-India Radio, estava proibida de emitir música popular do Ocidente e os únicos discos ocidentais feitos na Índia, na fábrica Dum-Dum em Calcutá, tendiam a ser selecções do Placido Lanza ou a música de fundo do filme de MGM *O Pequeno Polegar*. A imprensa era igualmente provinciana. Não me lembro de ver uma única fotografia de um cançonetista americano em revistas da especialidade, quanto mais nos jornais diários. Mas claro que se importavam revistas americanas e Ormus Cama pode ter visto retratos de Jesse Parker (talvez ao lado da figura sinistra do seu agente, o “Coronel” Tom Presley) na *Photoplay* ou na *Moviescreen*. E esse foi também o ano de *Treat Me Tender*, o primeiro filme de Jesse Parker, que passou no cinema New Empire, classificado “só para adultos”. Contudo, Ormus Cama sempre assegurou que nunca ouvira falar em Parker nem visto o seu retrato até àquele dia no Rhythm Center; sempre garantiu que o seu único guru fora o seu falecido irmão gémeo Gayomart que, aparentemente, lhe aparecia em sonhos.

Eu fico-me com a minha história da loja de discos, quanto mais não seja porque ouvi Ormus e Vina repeti-la cem vezes durante a época da sua paixão, demorando-se enternecidos sobre certas partes da história, ora dentro da cabine ora fora dela. Todos os casais amorosos gostam de recordar o seu primeiro encontro e Ormus e Vina não eram excepção. Mas como eles eram — é preciso dizê-lo — mestres na arte de se mitificarem a si próprios, a história contada por eles é inexacta num detalhe importante: Miss Persis Kalamanja foi completamente omitida nas suas recordações. Isto é uma injustiça que eu tenho agora ocasião de reparar. Chamo a inconsolável Miss K., ao banco das testemunhas.

A pobre Persis, que já tinha entregado a Ormus Cama o seu amantíssimo coração, perdeu muito mais ainda, naquele dia no Rhythm Center. Perdeu o próprio Ormus e com ele todo o seu futuro. No momento em que ele se encontrou face a face com Vina, tudo terminou para Persis, do que ela se apercebeu num relance. Vina e Ormus ainda não se tinham tocado, não sabiam o nome um do outro, mas já faziam amor com os olhos. Quando Ormus deixou Persis, ela percebeu que os seres humanos são capazes de acreditarem em duas coisas contraditórias de uma só vez. Por muito tempo

ainda pensou que ele ia voltar para ela de certeza, quando compreendesse quão fiel era o amor que rejeitava, muito mais fiel do que aquela filha da América podia dar-lhe; e ao mesmo tempo sabia que ele nunca iria voltar. Estas duas ideias, opostas mas de igual intensidade, paralisaram-na e ela nunca casou nem deixou de o amar até ao fim: recebi uma carta dela, quando o ciclo das catástrofes terminou. A pobre Persis, ainda sob o poder de Ormus, embora ele estivesse morto, punha o seu coração a nu numa letra elegante e adulta que revelava grande força de carácter. E, apesar disso, aquela mulher superior ficara indefesa perante a personalidade de Ormus Cama, o seu sex-appeal, a sua voltagem, o seu charme, a sua crueldade despreocupada, a sua vida. Ele quebrara-a e esquecera-a. Era isso que eles faziam às pessoas, tanto ele como Vina, como se a intensidade do seu amor os dispensasse de usar de uma normal decência, responsabilidade, ou consideração pelos outros. Foi assim que Vina agiu para comigo. E eu também não consegui libertar-me.

— O pior de tudo — escrevia Persis, — foi ele apagar-me da paisagem como se eu nunca lá tivesse estado, como se não tivesse existido, como se não tivesse sido eu que o levei lá naquele dia em que tudo começou. — Na minha resposta, tentei consolá-la o melhor que pude. Ela não foi de forma alguma a única coisa que Vina e Ormus tentaram apagar da sua vida. Na sua vida pública, quiseram escolher as suas origens, largar a pele do passado e Persis foi deitada fora com o resto; como se costuma dizer, não era nada de pessoal. Seja como for, foi isso que eu disse a Persis, embora achasse cá no fundo que, no caso dela, era realmente uma coisa muito pessoal.

Por vezes pensava em Ormus e Vina como adoradores no altar do seu próprio amor, de que falavam nos termos mais nobres. Nunca tinha existido amor assim, nunca sentimentos tão profundos, de tal magnificência tinham sido sentidos por outros mortais... a presença de outra mulher no encontro de tão divinais amantes era um detalhe que era preferível apagar.

Mas Persis existia; ainda existe. Ormus e Vina desapareceram e Persis, tal como eu, é uma parte do que resta.

\*

Na loja de discos, enquanto Ormus e Vina faziam amor com os olhos, Persis tentava defender o seu território. — Ouça lá, sua delinquente juvenil, — sibilou ela, — não está a faltar à escola?

— A escola acabou, avozinha, — disse Vina e voltou as costas à herdeira

dos Kalamanjás, banhando Ormus Cama na cascata do seu olhar líquido. Distante como um sonâmbulo ele respondeu à pergunta dela: — Chamei-lhe ladrão porque é o que ele é. Essa canção é minha. Escrevi-a eu há anos. Há dois anos, nove meses e vinte e oito dias, se quer saber.

— Ora, ora, Ormus, — continuou Persis — o disco só saiu há um mês e foi nos Estados Unidos. Aqui, acabou de chegar no barco. — Mas Vina entoava, de boca fechada, outra canção; e os olhos de Ormus brilharam de novo. — Como é que conhece essa canção? — perguntou ele arrebatadamente. — Como é que alguém pode cantar o que só existiu na minha cabeça?

— Suponho que também compôs esta — desafiou Vina e cantou uma frase de uma terceira melodia. — E esta... e esta.

— Sim, todas! — disse ele, muito sério. — A música, claro. E as rimas eram as mesmas. Esses versos malucos é que são de outra pessoa: *Blue shoes?! Que disparate, palavra de honra! Mas as vogais são as minhas!*

— Quando estivermos casados, senhor Ormus Cama, — disse Persis Kalamanja muito alto, agarrando-lhe o braço com força — vai ter de ter mais juizinho nessa cabeça. — A isto, o objecto das suas afeições soltou, simplesmente, uma gargalhada: riu-se-lhe na cara. Persis saiu daquela humilhação a chorar, desfeita. O processo do seu apagamento dos autos tinha começado.

\*

Vina aceitou desde o início o estatuto profético de Ormus sem o pôr em questão. Ele declarava ser o verdadeiro autor de algumas das mais célebres canções da época com tal intensidade, que ela não teve outro remédio senão acreditar. — Ou isso, — contou-me ela muitos anos depois — ou então tinha de acreditar que ele era um louco varrido; e naquela altura, com o que eu detestava viver em Bombaim e o que eu passava nas garras do Tio Piloo, ter um louco varrido por namorado não me dava jeito nenhum. — Com a fuga de Persis ficou no ar um momento de embaraço; depois Vina, para manter o interesse de um homem cuja existência ela já anexara à sua, perguntou se ele conhecia a história da invenção da música.

Há muito, muito tempo, Quetzalcoatl, a serpente com asas, dominava o ar e as águas, enquanto o deus da guerra dominava a terra. Os seus dias eram gloriosos, cheios de batalhas e do exercício do Poder, mas não havia música e ambos ansiavam por uma boa melodia. O deus da guerra era impotente

para remediar a situação, mas a serpente alada não: resolveu voar até casa do Sol, onde morava a música. Passou por vários planetas e ouviu vários sons musicais, mas não conseguiu encontrar músicos. Finalmente, lá chegou a casa do Sol, onde viviam os músicos. A ira do Sol perante a invasão da serpente foi terrível, mas Quetzalcoatl não se assustou e desencadeou as tempestades enormes que eram a sua especialidade. As tempestades foram tão assustadoras que até a casa do Sol começou a tremer e os músicos fugiram com medo em todas as direcções. Alguns caíram na terra e assim, graças à serpente alada, temos a música.

— De onde vem essa história? — perguntou Ormus. Estava filado.

— Do México, — disse Vina. Aproximou-se dele e pegou-lhe na mão sem acanhamento. — E eu sou a serpente alada, isto é a casa do Sol e tu... e tu és a música.

Ormus olhou a sua mão na dela; e sentiu um peso sair-lhe de cima, talvez a sombra de uma almofada com a qual o irmão, há muito tempo, abafara a sua voz. E ouviu-se, com espanto, a si próprio perguntar:

— Gostavas um dia, talvez em breve, de ouvir-me cantar?

\*

O que é uma “cultura”? Vejamos no dicionário: “grupo de microrganismos cultivados em condições controladas numa substância nutritiva.” Uma porção de micróbios numa placa de vidro, e é tudo: uma experiência de laboratório que se intitula uma sociedade. A maioria de nós contenta-se em retorcer-se sobre uma placa de vidro e chama a isso vida; e até nos orgulhamos dessa “cultura”. Como se fôssemos escravos que votam a favor da escravidão ou cérebros a favor da lobotomia, ajoelhamos perante o deus dos microrganismos de atrasados mentais e pedimos para sermos homogeneizados ou eliminados ou programados: e prometemos obedecer. Mas se Vina e Ormus eram também bactérias, eram uns bichinhos especiais que não se deixavam vencer sem resistência. Uma das maneiras de entender a história deles é considerá-la o relato da criação de duas identidades fabricadas pelos próprios para si próprios. A maior parte de nós tira do cabide a personagem que está mais à mão: religião, linguagem, preconceitos, comportamento, tudo; mas Vina e Ormus exigiram para si mesmos aquilo a que se pode chamar alta costura.

E a música, a música pop, foi a chave que abriu para eles a porta das terras encantadas.

Na Índia é voz corrente que a música a que me refiro é precisamente um daqueles virus com que o Todo-Poderoso Ocidente tem vindo a infectar o Oriente, uma das grandes armas do imperialismo cultural, contra o qual todas as pessoas de bem devem lutar cada vez mais. Para quê tecer loas a traidores à cultura como Ormus Cama, que esqueceu as suas raízes e passou pateticamente a sua vida a lançar lixo americano nos ouvidos dos nossos jovens? Para quê elevar tão alto as formas mais baixas da cultura, para quê glorificar o que é medíocre? Para quê defender o impudor, esse vício, como se de uma virtude se tratasse?

Tais são os repugnantes deslizos dos microrganismos escravizados, torcendo-se e silvando, protegendo a inviolabilidade da sua pátria sagrada, a lâmina de vidro do laboratório.

\*

E o que sempre declararam, tanto Ormus como Vina, sem nunca hesitarem um só momento, foi que o génio de Ormus Cama não apareceu como resposta ou imitação dos Estados Unidos; que a sua música primitiva, a que ouvia dentro da cabeça durante os anos da infância em que não podia cantar, não pertencia ao Ocidente, excepto na medida em que o Ocidente estava em Bombaim desde o início, a velha Bombaim impura onde o Oeste, o Leste, o Norte e o Sul sempre estiveram misturados e assim o Oeste era uma parte legítima de Ormus, a parte relativa a Bombaim, inseparável do resto dele.

Era uma ideia surpreendente: que a música chegou até Ormus antes de ter passado pelo estúdio Sun Records ou pelo Edifício Brill ou pelo Cavern Club. Que foi ele o primeiro a ouvi-la, a música rock, a música urbana, actual, que atravessava todas as fronteiras, que pertencia a toda a gente por igual — mas mais do que às outras, à *minha* geração, porque nasceu quando nós éramos crianças, passou a sua adolescência durante a nossa adolescência, tornou-se adulta connosco, e está a ficar pançuda e careca ao mesmo tempo do que nós; esta música foi, segundo se alegava, revelada em primeiro lugar a um rapaz indiano parsi chamado Ormus Cama que ouvira dentro da cabeça todas as canções dois anos, oito meses e vinte e oito dias antes de quem quer que fosse. Assim, de acordo com a versão de Ormus e Vina, a sua realidade alternativa, nós Bombainenses podemos jurar que se tratava de facto da nossa música, nascida em Bombaim tal como Ormus e eu, “made in India” e não “produto estrangeiro” — talvez fossem os

estrangeiros que no-la roubaram a nós.

Dois anos, oito meses e vinte e oito dias, por acaso, são (excepto num ano bissexto) precisamente mil e uma noites. Mas 1956 foi um ano bissexto. Vá-se lá entender... Este género de coincidências extraordinárias nem sempre dá certo.

Como poderia acontecer uma coisa assim?

Temos de esperar um pouco pela resposta, até que Ormus Cama tenha voltado para casa vindo da loja de discos, atordoado de felicidade (pelo seu encontro com aquela Lolita, Vina Apsara) e de horror (pela revelação do “roubo” da sua música secreta por Jesse Parker, Jack Haley e os seus Meteoros e vários outros Ianques de poupa na cabeça e estalos nos dedos). A resposta só pode ser dada após o encontro de Ormus com aquela casamenteira metediça que é a sua mãe, ansiosa por saber como correram as coisas com “a querida Persis, uma rapariga tão preparada, com tão boas qualidades, cumpridora, bem educada, tão boas notas nos cursos do Cambridge, tanto o Matric como o Senior, e bastante bonita no seu género, não achas, Ormus?”, a cujo elogio ele só responde com um encolher de ombros. Depois, arrasta-se preguiçosamente pela sala de jantar, passando pelo velho criado decrépito que finge polir o candelabro de prata no aparador: é Gieve, o criado grave cleptomaníaco que o pai Ormus “herdou” de William Methwold quando este partiu e que usa agora o título de mordomo graças à afeição de Sir Darius pela imortal Praia de Lord Emsworth, e que tem vindo há anos a roubar muito, muito lentamente as pratas da família. (Os roubos têm sido tão insignificantes e tão raros que Lady Spenta, guiada pelo Anjo dos Bons Pensamentos, para não mencionar o Anjo da Estupidez Cega, tem-os atribuído à sua própria falta de cuidado. Já pouco resta excepto este mesmo candelabro e, embora a identidade do ladrão seja bem conhecida por Ormus, ele nunca a mencionou a seus pais, devido ao seu superior desdém pelos bens materiais.) Finalmente! Ormus tem mesmo de penetrar no seu quarto. Estende-se na cama e olha o lento girar da ventoinha até deslizar — agora! — num devaneio. A sombra cai. Eis a célebre “Cama obscura”, a praga familiar da “viragem para dentro”, que ele é o único a saber dominar e a transformar num dom.

Há um truque que ele sabe executar em espírito. Ao fixar a atenção na ventoinha pode fazer o quarto dar uma volta de 180 graus de forma a sentir que está deitado no tecto e a olhar para baixo, para a ventoinha, que cresce

do chão como uma flor de metal. Depois, também é capaz de mudar a escala dos objectos, de modo que a ventoinha parece gigantesca e ele imagina-se sentado por baixo. Onde está agora? (Fecha os olhos. O sinal roxo na pálpebra esquerda parece palpitar.) É um oasis no areal e ele está deitado à sombra de uma palmeira alta cujo topo balança lentamente na brisa quente. Agora, penetrando mais fundo no sonho, o areal do tecto povoa-se de gente, grandes aviões aterram na pista do varão do reposteiro e surge a miscelânea ruidosa de uma metrópole mágica, viadutos, arranha-céus, taxis, polícias armados, *gangsters*, otários, pianistas com cigarros na boca que largam cinza, músicos que escrevem canções para as mulheres dos outros, jogos de *poker*, grandes salões onde se exibem estrelas do espectáculo, rodas da fortuna, lenhadores que desceram à cidade com dinheiro para gastar, pegam dinheiro de lado para aquela butique que vão abrir quando voltarem para a terra.

Já não está num oásis mas numa cidade cheia de luzes, em frente de um edifício que pode ser um teatro ou um casino ou um templo laico de prazer. Entra e sabe imediatamente quem procura. Ouve a voz do irmão, fraca, mas não muito longínqua. O seu gémeo morto canta para ele, mas ele não percebe o quê. — Onde estás, Gayomart?, — chama Ormus — Gayo, eu vou ter contigo, espera por mim.

O sítio está cheio de gente, todos com muita pressa, gastando muito dinheiro, beijando-se lubricamente, comendo depressa demais, com o molho da carne e o *ketchup* a escorrer-lhe pelo queixo, discutindo por tudo e por nada, rindo alto demais, chorando alto demais. A uma ponta da sala está um ecrã gigante que banha o salão numa luz cintilante. De vez em quando as pessoas olham para lá ansiosas, como se esperassem ver um deus; depois abanam a cabeça desapontadas e continuam a farra, que tem um aspecto estranhamente melancólico. Todos têm um ar incompleto, como se não tivessem ainda chegado a existir. Há soldados que se gabam junto das namoradas dos seus feitos heróicos. Há uma loira em vestido de noite com um decote fabuloso que atravessa uma fonte com água até aos joelhos. A um canto, a Morte joga xadrez com um cavaleiro de regresso das Cruzadas e, noutro canto, um Samurai tenta desesperadamente coçar uma comichão que não consegue alcançar. Lá fora na rua, uma linda rapariga loira com o cabelo muito curto apregoa o *Herald Tribune*.

Como uma sombra escura que se separou do dono, Gayomart Cama



desliza por entre esta multidão de sombras mais brilhantes, cantando a sua esquiva canção. Ormus, que vai em sua perseguição, é empurrado e obstruído por um polícia careca com um chupa-chupa, dois absurdos palhaços peles-vermelhas que falam em verso e um *gangster* importante com algodão a encher-lhe as bochechas. Olham-no fixamente por instantes e interrogam-no ameaçadoramente: *Tu és que és o tal?*, parecem perguntar. *És tu quem nos vai salvar deste sítio horrível esta antecâmara, este limbo, e dar-nos a chave do ecrã?* Mas percebem logo que ele não lhes será de qualquer utilidade, não é o tal, e voltam às suas evoluções de mortos-vivos.

Gayomart enfia-se por uma porta ao fundo desta primeira sala e Ormus esforça-se por segui-lo. A perseguição continua, descendo escadas cada vez menos imponentes e através de salas cada vez mais sombrias. Menos fascinante que o salão das personagens de cinema e televisão ainda por criar é a sala dos papéis de teatro por escrever, e ainda mais miserável é a sala do parlamento das futuras traições, o bar dos livros por inventar e o beco dos crimes por cometer até que finalmente se chega a uma série de estreitos degraus de ferro que descem para uma escuridão de breu e Ormus sabe que o irmão está lá em baixo, à sua espera, mas tem medo de descer.

Sentado no degrau superior deste mundo de sonhos, olhando para o escuro, com a mancha roxa da pálpebra a brilhar do esforço para encontrar o irmão perdido, a sua sombra que está lá em baixo, algures nas trevas, Ormus Cama ouve Gayo a cantar as suas canções. Gayo tem uma ótima voz, uma voz fabulosa até: registo perfeito, amplitude vocal extraordinária, controle sem esforço, modulação magistral. Mas está longe demais e Ormus não consegue distinguir as palavras: só o som das vogais.

O som sem o sentido. Absurdo total.

*Eck-eck ai ei-i eck i, ack-ai-ack a ai u eck, ai uk a oh ou oh-i-i, u... ah-ai oh-eck...*

Dois anos, nove meses e vinte e oito dias mais tarde ele saltou para fora duma cabine de audição em Bombaim, tendo ouvido os mesmos sons e saírem da garganta do novo fenómeno americano, a primeira estrela resplandecente da nova música, e no meio do seu pasmo viu com os olhos da memória as expressões nas caras das sombras que ele vira no seu submundo de sonho, a melancolia e o desespero de proto-entidades ansiando por existir e receando que o seu grande dia nunca chegasse; e sabia que na sua cara estava a mesma expressão porque sentia o mesmo

terror a oprimir-lhe o coração: *alguém lhe estava a roubar o seu lugar na História* e fora a essa expressão de terror que Vina respondera quando pegara na sua mão de dezanove anos que tremia e a apertara com força entre as suas mãos precoces.

Eu acredito nisto. Sou o menos inclinado dos homens a acreditar no sobrenatural, mas não tenho outro remédio senão acreditar nesta incrível história.

\*

Três pessoas, duas vivas e uma morta — refiro-me ao irmão-fantasma Gayomart, a sua amante Vina e o seu pai Sir Darius Xerxes Cama — foram responsáveis, de uma maneira ou de outra por Ormus vir finalmente a ter o seu dia. A boca sinuosa de Gayomart inspirou-lhe a curva sensual e desdenhosa da sua própria boca; e as canções fugidias de Gayomart, aquelas melodias diabólicas que subiam flutuando das profundezas satânicas, tornaram-se as suas próprias canções. Em Gayo, Ormus encontrou o outro eu em que sonhava metamorfosear-se, o ser tenebroso que primeiro alimentou a sua arte.

Muito mais haverá a dizer acerca do papel de Vina na história de Ormus. Quanto a Sir Darius, sonhando com a Inglaterra enquanto dormia, encharcado de whisky, no seu Chesterfield de couro e, quando estava acordado, sonhando com mansões fictícias, o seu filho certamente herdou dele a sua capacidade de levar a vida a sonhar acordado. E outra coisa também: o desencanto de Sir Darius com a cidade onde nascera contagiou Ormus. O filho herdou o descontentamento do pai. Mas a terra dos sonhos de Ormus nunca foi a Inglaterra. Não desejava mansões brancas mas outra casa, lugar de luz e horror, especulação e perigo, poder e magia, o lugar onde o futuro estava à espera de nascer: América! América! A América atraía-o, puxava-o para si, como puxa tantos de nós; e como Pinóquio na Ilha do Prazer, como todos os burros, nós rimos de alegria enquanto somos devorados.

Hi — hó — ó — ó ....

\*

A América, essa Grande Atracção, também murmurava coisas ao meu ouvido. Mas acerca de Bombaim, a cidade que ambos havíamos de abandonar, Ormus e eu nunca concordámos. A seus olhos, Bombaim tinha qualquer coisa de pacóvio, era uma cidade provinciana e até campónia. O

grande palco, a verdadeira Metrópole só podia encontrar-se noutros sítios, em Xangai, Tóquio, Buenos Aires, Rio, e sobretudo nas famosas grandes cidades da América, com a sua arquitectura pinacular, os enormes foguetões e as seringas hipodérmicas gigantescas que se erguiam por cima das suas ruas cavernosas. Hoje em dia já não se pode falar de sítios como Bombaim, como estando situados *na periferia*, como se dizia então; ou descrever-se a atracção de Ormus, que era também a minha e a de Vina, como uma espécie de *força centrípeta*. Mas o que movia tanto Ormus como Vina era chegar ao centro.

As minhas motivações eram outras. Não foi o desprezo que me fez deixar Bombaim, mas sim a claustrofobia e o *estar farto*. A cidade pertencia por completo aos meus pais, V.V. e Ameer. Era como que uma extensão dos seus corpos e, depois da sua morte, uma extensão das suas almas. O meu pai, que adorava tanto a minha mãe como a cidade de Bombaim, a tal ponto que por vezes se classificava de polígamo — e não totalmente a brincar — começou a referir-se a Ameer como se ela própria fosse uma metrópole: as fortificações dela, as suas esplanadas, o seu tráfego, as suas novas construções, a sua taxa de crime. Sir Darius Xerxes Cama equiparou-se um dia a Bombaim — ele, que era um supremo produto anglófilo da cidade que os ingleses tinham construído; mas o coração da cidade de Vivvy nunca podia ser Sir Darius. Era sua mulher, Ameer.

Muitos jovens saem de casa para se encontrarem a si próprios; eu tive de atravessar oceanos para sair de Wombaim<sup>23</sup>, o corpo materno. Voei para fora da cidade para poder nascer. Mas, como um ex-fumador de longo vício, nunca conseguir esquecer o sabor e o efeito estimulante da droga que abandonei há tanto tempo. Imaginem por favor a sociedade formal e altamente ritualizada (e obcecada com o casamento, além disso) de Jane Austen, enxertada na Londres de Dickens, populosa, malcheirosa, tão cheia de caos, e de surpresas como um peixe podre está cheio de vermes que se contorcem; misturem e agitem bem tudo, num *cocktail* de Tristan Shandy e “arak”; pintem-no de magenta, vermelhão, escarlata e verde limão; polvilhem com vigaristas e prostitutas e o resultado é qualquer coisa como a minha cidade natal. Eu abandonei-a, é verdade: mas não me peçam para dizer que não é um lugar fabuloso.

(Para ser franco, houve também outras razões. Por exemplo, ameaças contra a minha pessoa. Se eu tivesse ficado, podia ter-me custado a vida.)

\*

A minha história começa agora a puxar em direcções contrárias, para trás e para a frente. O puxão para a frente, que nenhum contador de histórias toma a sério — no que talvez faça mal — mas a que eu tenho agora que atender, é nada mais nada menos que o aceno do amor proibido. Porque, assim como o poeta alemão Novalis, “o desbravador de novos territórios”, aos vinte anos lançou um olhar sobre Sophie von Kühn que tinha doze, e ficou condenado nesse mesmo instante a um amor absurdo, seguido pela Tuberculose e pelo Romantismo, da mesma maneira Ormus Cama, aos dezanove anos, o rapaz mais bonito de Bombaim, (embora não constituísse o melhor partido, devido à sombra que pairava sobre a sua família desde o acidente de Ardaviraf) apaixonou-se por Vina, que tinha doze anos, perdidamente, como se tivesse levado um soco no estômago.

Mas o amor deles não era absurdo. Nunca o foi. Todos nós lhe demos um sentido, ou vários sentidos; e o mesmo fizemos com as suas mortes.

— Era um verdadeiro senhor, — diria Vina mais tarde, com genuíno orgulho. — Vina, cujas tendências eram para as formas de vida mais grosseiras, para o tipo de gente mais duvidosa, menos cavalheiresca do mundo! — Da segunda vez que nos vimos — continuava ela, — ele fez-me uma declaração de amor mas também jurou solenemente que nunca me tocaria sequer com um dedo até ao dia em que eu fizesse dezasseis anos...! — Eu suspeitei-a de estar a exagerar e disse-lho mais duma vez. Ela ficava sempre irritadíssima. — Um máximo de experiências é uma coisa. Conheces a minha opinião: sou absolutamente a favor. Venham as experiências. Quero conhecê-las pessoalmente e não pelas notícias dos jornais. Mas nunca fui a Lolita de Bombaim. — Abanava a cabeça, irritada consigo própria por se ter irritado. — E vou-te contar uma coisa linda, meu sacana. Vou-te dizer que passaram mais de três anos antes que eu tivesse voltado a pegar-lhe na mão. Tudo o que fazíamos juntos era cantar. E andar na porra daqueles eléctricos. — Nunca resistia àquela recordação: começou a rir e esqueceu a sua raiva. — Ding-ding! Ding-ding! — repicou ela — Pode seguir!

Quem quer que tenha dado atenção às letras de Ormus Cama deve ter-se apercebido do lugar importante reservado aos carros eléctricos na sua iconografia pessoal. Aparecem vezes sem conta, juntamente com artistas de rua, jogadores de cartas, carteiristas, prestigiatadores, diabos, sindicalistas,

maus padres, peixeiras, lutadores, arlequins, vagabundos, camaleões, putas, eclipses, motoretas e rum barato; e, sem exceção, levam ao amor. O amor por ti é mais forte que eu, não há fuga possível, — canta ele — oh, corta ao meio o meu coração prisioneiro, oh, esmaga-me como a um cacho de uvas. Não importa, eu sou assim. Eu sou assim. Sou um eléctrico descarrilado.

Foi nos carros eléctricos de Bombaim, hoje desaparecidos, o que muitos lamentam, que Ormus e Vina passaram o seu longo namoro: ela faltava às aulas e ele ausentava-se sem dar explicações do apartamento de Apollo Bunder. Nesses tempos a gente nova tinha a rédea curta, por isso era inevitável que mais tarde ou mais cedo viesse a haver uma cena, mas entretanto passeavam pela cidade, horas e horas encantadas, contando um ao outro as suas histórias respectivas. E assim cheguei finalmente ao ponto em que posso também voltar ao passado. Satisfazendo as minhas necessidades de narrador, ofereço agora para consumo geral aquilo que Vina sussurrou ao ouvido do seu futuro amante.

\*

A génese de uma rapariga mal comportada: chamava-se Nissa Shetty e cresceu num barracão no meio de um campo de milho nos arredores de Chester, na Virginia, perto de Hopewell, entre Screamersville e Blanco Mount, no fim de um caminho que serpenteava até à estrada 295, para leste. De ambos os lados, milho e, nas traseiras, cabras. A mãe chamava-se Helen, era greco-americana, bem constituída, nervosa, uma mulher de origem humilde que se portava bem e esperava alguma coisa da vida. Durante a Segunda Guerra Mundial, e devido à falta de homens, apaixonou-se por um cavalheiro indiano de falinhas mansas, advogado — como teria ele ido lá parar? *Os Indianos metem-se em todo o lado, não é verdade? São como a areia.* — que casou com ela e em três anos lhe fez três filhas (Nissa, nascida durante o desembarque na Normandia, era a do meio); ele foi parar à cadeia por procedimento ilegal no exercício da profissão, foi-lhe retirado o direito a exercer advocacia, saiu da cadeia por alturas da Bomba em Nagasaki, disse à mulher que tinha mudado de preferências em matéria sexual, instalou-se com um talho em Newport com o seu robusto amante, “ele era a mulher do casal”, como dizia Vina e nunca mais escreveu, telefonou ou mandou dinheiro ou fosse o que fosse às raparigas, no dia dos anos ou no Natal. Naquele marasmo sem amor Helen Shetty foi-se deixando cair numa espiral de álcool, comprimidos e dúvidas; não conseguia manter um

emprego fixo, e as raparigas foram para o diabo a grande velocidade; até ela ser salva por um construtor biscateiro, chamado John Poe, viúvo com quatro filhos, que a encontrou perdida de bêbada num bar, escutou-lhe as confidências, achou que ela tinha optimas razões para estar desesperada, disse-lhe que ela era uma mulher atraente que merecia outra oportunidade, jurou tomar conta dela, fê-la deixar de beber, levou-a a ela e às filhas para a sua casa modesta e nunca fez diferenças entre os seus filhos e as dela, não fez comentários sobre a tez escura das raparigas, deu-lhes o seu próprio nome (de forma que aos três anos de idade Nissa Shetty se transformou em Nissy Poe), trabalhou arduamente para sustentar a família sem pedir a Helen nada em troca senão as tarefas convencionais de uma dona de casa e um comum acordo de não terem mais filhos. E, embora ela tivesse esperado muito da vida, percebeu que tinha estado perto da sargeta e deu-se por feliz por encontrar estabilidade, uma espécie de amor mediano que se exprimia em curtos monossílabos, um homem de coração generoso e terra sólida debaixo dos pés. E, já que ele gostava das coisas à moda antiga, ela resolveu adaptar-se sem discussão: o barracão era mantido impecável, as roupas bem tratadas, e as crianças lavadas e alimentadas, o jantar de John Poe estava quente na mesa todas as noites quando ele voltava para casa; e também tinha razão acerca de não terem mais filhos, de modo que ela foi à cidade e fez a operação e correu tudo bem e ainda bem que assim foi, ela já tinha tanto que fazer e aquilo facilitava as coisas: ele era antiquado tanto na cama como fora dela, não gramava aquelas coisas de borracha e assim já não havia azar, estava tudo melhor que bem, tudo ótimo. Uma vez por semana iam todos ao cinema ao ar livre na camioneta do John e Helen Poe olhava as estrelas por cima da sua cabeça, em vez de olhar para as do ecrã, e agradecia-lhes, com algumas reservas, a sorte que tinha tido.

Se John Poe tinha um sonho, era com cabras. No curral por trás da casa tinha uma cabra branca, de raça Saanen, que fornecia de leite a família, e uma pequena população passageira de cabras espanholas e raquíticas criadas para o matadouro. Nissy Poe cresceu sem conhecer o gosto do leite de vaca. John Poe disse-lhe que o leite de cabra era mais fácil de digerir e aconselhou-a mesmo a lavar a cara com ele como tratamento de beleza, como fazia a rainha Cleópatra. Ela aprendera com a mãe a nunca contradizer aquele homem grande e bom, mas autoritário, e lá ia bebendo obedientemente aquele líquido azulado e rançoso que acabou por detestar e,

quando as malfadas cabras espanholas eram levadas para o matadouro, na altura própria, não havia para comer senão chanfana e cabrito semanas a fio. Helen Poe não era grande cozinheira e a pequena Nissy veio a detestar mais do que tudo a hora das refeições, por causa do sorriso que tinha de afivelar na cara. John Poe gostava que lhe agradecessem de tempos a tempos as boas obras que praticava.

Após uma boa empazinadela de cabrito, afastava a sua cadeira da mesa e predizia o futuro. Aqueles bichinhos lá atrás, no cercado rodeado por uma rede de metro e meio de altura, eram só um começo, dizia ele. Não ia acabar os seus dias a trabalhar para os outros, nem pensar. Tinha na ideia uma grande criação de cabras. Mas não só pela carne: tinha um certo desprezo pelas cabras para abate, sobretudo as miotónicas que sofriam de uma espécie de raquitismo que as fazia cair para o lado por tudo e por nada. Por vezes John Poe sonhava alto com o dia em que se ia estabelecer no negócio de lacticínios à base de leite de cabra, no Oregon talvez, ou na Florida. Perorava sobre as virtudes de cada raça, as alpinas “suíças”, as toggenburguesas e as núbias do deserto. Falava das delícias dos queijos de cabra e do sabonete de leite de cabra. Outras vezes sonhava com angorás e cachemiras e uma futura criação de animais para fibras têxteis no Texas ou no Colorado. — Vocês haviam de gostar, com o vosso sangue oriental, não? — dizia ele para as filhas de Helen. — A cachemira veio de Kashmir, na Índia e o angorá de Ankara, na Turquia, e a palavra mohair, que é como se chama ao tecido feito do pêlo das cabras angorá, é uma palavra arabe que quer dizer “aquilo que preferimos”. A cabra preta do Uzbequistão, com pêlo de dois comprimentos diferentes que fornece uma fibra da qualidade da melhor cachemira, era muitas vezes mencionada nestes serões de devaneio. Nissy Poe, com sangue oriental e tudo, começou a odiar as simples palavras mohair, cachemira e Uzbequistão. Mas sorria e dizia muito obrigado sempre que necessário. E John Poe, de cerveja na mão, lá ia vogando na sua fantasia oriental.

Ormus Cama e eu, que crescemos na Índia, sentíamos no coração a atracção do ocidente; é estranho pensar na infância de Vina passada sob a égide daquele homem simples com a sua obsessão pelo Oriente ou pelo menos pelos seus animais peludos.

Por vezes John Poe contava anedotas de cabras. (Duas cabras entram na sala de projecção dum cinema ao ar livre e começam a mastigar “Huhmm,

esta fita é boa”, — diz uma delas, e a segunda responde: — “Não é má, mas eu gostei mais do livro”.) Mas não tolerava tais frivolidades nos outros. Um vizinho recém-chegado veio visitá-los um dia e disse: — Com que então, cabras... Nós também gramamos cabras, até estávamos a pensar em ter uma como animal de estimação, mas um amigo disse-nos: o mal das cabras é que comem tudo, se não têm cuidado até são capazes de lhes comer o carro. — Quando ele saiu, John Poe pôs-lhe uma cruz em cima, a ele, a toda a família e à própria quinta onde viviam. O homem recebeu uma pena perpétua sem saber o que tinha feito de mal e, conhecendo John Poe, sabia-se que era uma sentença sem possibilidade de recurso.

A casa não tinha privacidade, as crianças dormiam em beliches aos três e quatro por quarto. Alguns defenderam-se tornando-se calados e introvertidos. Nissy era selvagem. Na pré-primária era conhecida por morder as outras crianças e as professoras e teve de ser mandada para casa. John Poe deu-lhe com o cinto, mas ela voltou para a escola e mordeu ainda com mais força. Houve uma escalada de violência que parou subitamente porque ambos os combatentes se aperceberam de que, se a guerra continuasse, podia dar-se uma fatalidade. John Poe disse a Nissy que gostava muito dela e guardou o cinto; e Nissy Poe disse aos seus camaradas aterrados: — Pronto, eu não lhes faço mais mal.

Na questão da raça, John Poe era quase um liberal. Foi com Helen falar com as autoridades escolares e explicou que a pele escura das raparigas não era por serem negras: eram indianas da Índia e portanto não havia razão para serem discriminadas e podiam ir no autocarro da escola juntamente com as outras crianças. A escola aceitou este argumento, embora ele viesse a trazer problemas.

Quando Nissy era um pouco mais velha soube que os outros miúdos, crianças brancas, lhe chamavam Índia Pé Preto<sup>24</sup> e também Cabrita. Depois havia também na vizinhança três rapazes que pareciam negros e falavam espanhol — céus, que confusão! — e que costumavam meter-se com Nissy por ela poder ir para a escola na camioneta dos brancos. Depois, um dia, os três rapazes estavam também à espera da camioneta dela e diziam que tinha saído uma nova lei e que iam todos para a mesma escola; mas o motorista não os deixou entrar: era o que faltava! Quando subia para a camioneta, Nissy ouviu-os insultarem-na, qualquer coisa acerca dos *Cabritos* da sua família e de ela ser filha de um *cabronito*. Foi ver ao dicionário e descobriu



que *cabronito* significava “pequeno homossexual”. No dia seguinte estavam todos à espera do autocarro, desta vez acompanhados pelo pai deles, mas ela não se importou e foi-se a eles. O pai tirou-a de cima dos rapazes, ela esperneava e dava socos no ar, mas estava radiante porque, naquele curto espaço de tempo, conseguira causar uma quantidade assustadora de estragos nos caluniadores. John Poe puxou de novo do cinto mas desta vez com muito pouca convicção porque percebera que a força de vontade dela era maior que a dele. Resolveu desinteressar-se do assunto e não acompanhou Helen quando ela foi à escola pedir para que a filha fosse readmitida, para se instruir e escapar à maldição da pobreza, como ela quisera fazer para si própria. — É muito triste para uma criança viver sem esperança, — disse Helen à professora da filha.

*Cabrita.* Não longe de casa deles, lá para os lados de Redwater Creek, havia um vale arborizado chamado Jefferson Lick. Segundo uma lenda local ali vivia uma espécie de centauro fugido de um circo ambulante canadiano, louco furioso devido aos anos que passara fechado numa jaula para entretenimento do público, chicoteado e meio-morto de fome. O Bode Monstro de Jefferson Lick era o papão local, usado para meter medo às crianças que não se portassem bem; e no baile de máscaras que havia todos os anos na feira de Verão havia sempre uni ou dois Bodes de Lick, o grande deus Pã que vinha à Virginia vestido de farrapos. Quando achavam que estavam a salvo, suficientemente longe de Nissy, os miúdos chamavam-lhe Filha do Bode e depois fugiam a sete pés.

Helen tentou desviar a filha para um caminho mais positivo. Quando a rapariga estava quase a fazer dez anos (passou-se isto no fim-de-semana do Memorial Day<sup>25</sup> de 1954), mãe e filha observavam as estrelas que brilhavam na noite. — Segue a tua estrela, querida, não te deixes desviar por nada nem por ninguém — disse Helen com uma tremura na voz que fez Nissy olhá-la com atenção. A mãe fez-lhe um sorrisinho rápido e tenso que não enganou Nissy. — Não faças o que eu fiz, está bem? — Helen parecia uma caveira sorridente. — Escolhe uma estrela e segue-a para onde ela for. — Passou um meteoro. — Quero aquela. Sabe onde quer ir — disse Nissy Poe. Não escolhas aquela, pensou a mãe, uma estrela cadente trás azar. Mas não disse nada e a rapariga acrescentou com firmeza: — Sim senhora. É aquela mesmo que eu quero.

Naquele fim-de-semana, depois de ter feito os trabalhos de casa, Nissy Poe foi sozinha até Jefferson Lick, sem receio. Não esperava encontrar nenhum monstro, mas queria lá ir e avançar até onde pudesse. O bosque era lindo, escuro e espesso e à medida que ia afastando a folhagem para avançar até às profundezas do vale ela sentia alguma coisa de novo cair sobre ela, como uma bênção. Era a solidão. Para ver os pássaros, tem de se fazer parte do silêncio. Quem é que disse isto? Um palerma qualquer. Aqui era como na *Branca de Neve*. Pássaros por toda a parte, como nuvens de borboletas, e se cantasse, eles cantavam também. Cantores de poupa, cantores de papo amarelo forneciam o acompanhamento vocal; os picapaus marcavam o ritmo. Nissy Poe pôs a boca no mundo e cantou: *Shake, rattle and roll!* Era este o seu grande segredo, uma voz com uma força explosiva como um foguete. Por vezes, quando John Poe tinha ido trabalhar e os filhos tinham saído todos, — para não irem fazer queixinhas, porque John Poe tratava toda a gente por igual mas as crianças eram diferentes — Helen ligava o rádio e procurava uma estação que tocasse as coisas novas, os Driftwoods, Jack Haley, Ronnie “Man” Ray. Às vezes até encontravam uma das estações do rhythm-and-blue e Helen baloiçava as ancas e juntava-se à música, aquela música segregada a que John Poe chamava o “boogie do diabo”. — Vá lá querida, — pedia Helen — canta isto comigo... — mas Nissy Poe recusava sempre, apertando a boca até ela ficar branca, e Nissy dizia abanando a cabeça: — Não sei o que seria preciso para tu te divertires um bocado. — Depois a música apoderava-se dela e Helen dançava, rebolando os olhos e fazendo uma grande algazarra, sob o olhar leal e impassível das próprias filhas. (Duas, das três: a mais nova estava geralmente de sentinela no pátio da frente, não fosse John Poe voltar antes de tempo.) Naquelas alturas Helen parecia uma criança, à procura de uma versão de si própria que fora esmagada sob o peso do adulto em que a necessidade a obrigara a tornar-se.

Nissy Poe nunca cantava para a mãe ouvir; mas ia para Jefferson Lick para estar só; e só então, longe do mundo, protegida por um ogre apócrifo, dava largas à voz que revelava os desejos mais profundos do seu coração. Música! Era o que ela queria da vida: fazer parte, não do silêncio, mas do som.

Se tivesse estado um Monstro presente naquele dia, teria certamente aplaudido. Desde o início, Vina sempre teve voz e energia sem limites.

Cantou até esgotar o seu jovem coração, depois deitou-se sobre a terra embora soubesse que mais tarde seria castigada por ter sujado a roupa; adormeceu, levantou-se de um salto ao ver que caía a noite, começou a correr abrindo caminho através do matagal e quando chegou a casa descobriu que não era necessário ter tido tanta pressa, porque estavam todos mortos.

As crianças tinham sido assassinadas enquanto dormiam, esfaqueadas no coração com uma grande faca de cozinha. Morreram sem chegar a acordar. Mas John Poe tinha sido degolado e, a calcular pelos estragos feitos no quarto, era óbvio que cambaleara dum lado para o outro por longos momentos antes de se abater sobre a mesinha da televisão. Havia sangue a escorrer do ecrã e o seu corpo estava caído num grande charco pegajoso, o pânico da sua vida perdida. A televisão estava ligada e alguém estava a falar numa guerra que tinha estalado no Vietquê? Em Dien-bien-onde? Ah, na Indochina, claro. Seria entre a Índia e a China? E realmente tinha muito que ver com uma rapariguinha num barracão perto de Hopewell, Virginia, suja até aos joelhos com o sangue da sua família chacinada...

Helen não estava em casa, mas Nissy depressa a encontrou, porque as cabras também tinham sido todas degoladas e Helen estava pendurada pelo pescoço de uma das traves do abrigo que John Poe construía com as suas próprias mãos para recolher o gado quando o tempo piorava. No chão, por baixo dos seus pés que oscilavam, estava uma grande faca de cozinha coberta de sangue coagulado e negro.

Como ela não foi pedir auxílio senão na manhã seguinte; como ela foi buscar uma escada de mão e cortou com a arma do crime a corda de onde pendia a mãe; como ela ficou ali no abrigo toda a noite, sozinha com a faca, a mãe, as cabras mortas e o universo a arder no céu, estrelas cadentes caindo em todos os sentidos, a Via Láctea chovendo leite, provavelmente leite de cabra que cheirava a mijo; e como ela tinha um cadastro de menina má que mordida e brigava, foi suspeita durante cinco minutos, cinco minutos durante os quais ela, a cabrita, a filha do bode-monstro de Jefferson Lick, viu nos olhos dos polícias aquilo que só aparece quando eles estão perante os grandes assassinos. Chama-se respeito. Mas, ao fim de cinco minutos até o Sheriff Henry tinha concluído que seria muito difícil para a miúda fazer tudo aquilo, enforcar a própria mãe, por amor de Deus!, a miúda só tinha dez anos. Era um caso fácil de resolver: uma tipa meio-maluca atacada de

fúria assassina, uma mulher robusta e bonita como aquela, ainda havia ali muito para um homem se agarrar e ser consolado, foi azar, passou-lhe uma coisa pela cabeça, a tipa enlouqueceu. Estas merdas acontecem.

\*

Depois disto apareceu o pai, Shetty, o Homem-do-Talho, acompanhado do amante, mas ela não gostou do que ouviu dizer acerca de Newport, já tinha visto açougue que lhe chegasse e sobejasse e tornou-se vegetariana para o resto da vida. Por fim concordou em ir viver com uns parentes, perto dos Finger Lakes, na parte ocidental do Estado de Nova Iorque; e enquanto durou a viagem, sozinha no autocarro, perguntava a si própria porque é que a mãe teria escolhido aquele preciso momento para perder o juízo, naquele Memorial Day em que a filha do meio adormecera em Jefferson Lick. Talvez não tivesse sido uma coisa súbita. Talvez Helen tivesse esperado até a filha estar fora de perigo. Fora ela a escolhida para escapar à morte, seleccionada pela mãe como a única da família que merecia viver. A mãe tinha visto ou ouvido nela qualquer coisa mais do que desvario e violência e por isso poupou-lhe a vida. Nissa, a sua estrela cadente.

— Ela ouviu-me cantar! — Esta súbita revelação fê-la gritar aquelas palavras. Os passageiros mais próximos olharam para ela, mexeram-se nos assentos mas ela não deu conta da perturbação que provocara. *Helen ouviu-me cantar. Deve ter-me seguido algum dia até à mata sem eu saber e foi por isso que ela esperou, sabia que eu ia estar longe por algum tempo. Só estou viva porque ela queria que eu cantasse.*

\*

Benvindos a Chickaboom, dizia um letreiro.

Vina Apsara nunca contou muitos detalhes sobre o ano, mais coisa menos coisa, que passou naquele clima nórdico, num exílio Egípcio. Fazer-lhe uma pergunta a mais era vê-la virar-se contra o inquiridor como uma víbora. Em toda a sua vida, falou-me do assunto só duas ou três vezes. Logo que chegou a Chickaboom, enterrou a pobre Nissy Poe, isso é o que posso dizer. O sr. Egiptus propôs-lhe que usasse o seu nome de família e disse-lhe que sempre sonhara ter uma filha chamada Diana. Ela passou a chamar-se Diana Egiptus sem hesitar. Mas o nome não lhe deu sorte. — Havia lá uma mulher que era péssima para mim. Não fui bem tratada naquela família, — disse ela. Recusava-se a mencionar sequer os nomes próprios. — A dona da casa em que eu vivia, — dizia ela da sua principal inimiga, a senhora Marion

Egiptus; os outros membros da família eram sempre “aquela gente com quem eu não fui feliz”. Aquela gente, segundo pude perceber, tinha uma loja onde se vendiam charutos, o “Egypt”, à porta da qual havia uma figura em tamanho reduzido, de um auriga egípcio segurando numa mão as rédeas do seu único cavalo e, na outra, um punhado de charutos mata-ratos. — Era a cidade de um só cavalo, — dizia Vina — e mesmo assim, era de madeira. — Esta cidadezinha foi a sua primeira Tróia. Bombaim viria a ser a segunda e o resto da sua vida, a terceira. Onde quer que ela fosse, havia guerra. Os homens lutavam por causa dela. À sua maneira, era também uma Helena.

Que aconteceu em Chickaboom? Não sei pormenores. Vina contou-me muito pouco e os que têm investigado a história desde então têm fornecido relatos contraditórios, por vezes puramente fictícios. Marion Egiptus era grosseira na fala, áspera e a tez escura da futura Vina repugnava-lhe. Outros membros da família Egiptus viam na mesma tez escura um convite para relações sexuais. A jovem Nissy-Diana-Vina passava a vida a enxotar os primos.

A loja de charutos faliu, ou foi vendida. Houve um incêndio, ou não houve. Foi uma golpada à companhia de seguros, ou fogo posto, ou não aconteceu. Marion Egiptus, a tal “dona da casa onde ela morava”, a “mulher que era péssima para ela”, a certa altura, talvez pelo golpe sofrido pela família ou (se na verdade não houve nenhum golpe) por causa da sua profunda aversão à rapariga, recusou-se a manter junto de si Diana Egiptus. Há sugestões de que aquela Vina continuou com a sua delinquência, a sua arrogância, o uso excessivo de comprimidos.

\*

Rejeitada pela Sra. Egiptus, Vina foi mandada para a Índia porque, na América, não tinha qualquer opção. O talhante Shetty de Newport escreveu uma carta implorativa aos seus ricos parentes, os Doodhwalas de Bombaim, omitindo que já não era advogado, já não era um gato gordo, cada dia mais gordo graças à sua dieta diária de ratos americanos de altas calorias, mas essa omissão era uma questão de honra, uma maneira de preservar o respeito por si próprio. Omitiu também os muitos conflitos de sua filha com as autoridades e exagerou um tanto os encantos juvenis de Nissa Shetty (na carta ela recuperava o seu nome original). Seja como for, os Doodhwalas, seduzidos pela elegante perspectiva de adquirirem uma sobrinha oriunda da

América, concordaram em acolhê-la. O pai de Nissa Shetty encontrou-se com ela na estação dos autocarros Greyhound junto ao Port Authority Terminal e passou com ela a noite em Manhattan. Levou-a a jantar ao Rainbow Room e dançou com ela no palco rotativo, apertou-a ao coração e ela percebeu o que ele estava a dizer; não só que o negócio lhe corria bem mas também que se estava a despedir dela para sempre, que ela nunca mais poderia contar com ele. Não telefones, não escrevas, goza a vida, adeus. Na manhã seguinte, ela seguiu sozinha para o aeroporto de Idlewild, respirou fundo, e rumou para o Oriente. Aquele Oriente, Bombaim, onde Ormus e eu a esperávamos.

\*

Se quisermos compreender a raiva de Vina, que comandou a sua arte e estragou a sua vida, devemos imaginar o que ela não nos disse, as milhentas mesquinhas crueldades dos seus parentes, a falta de um sapatinho de cristal e de uma fada madrinha, a impossibilidade de aparecerem príncipes. Quando eu a encontrei na praia de Juhu e ela se abriu numa inesperada tirada contra a Índia no seu conjunto, passado, presente e futuro, estava na realidade a entregar-se a uma fantasia, a esconder-se atrás das suas amargas ironias. Na cosmopolita Bombaim, a provinciana era ela: se ela invocava a sofisticação americana à nossa custa, era porque sofisticação era qualidade que totalmente lhe faltava. Após uma vida de penúria, foi a Índia, sob a forma opada de Pилоo Doodhwala, que lhe proporcionou o primeiro gosto da abundância; e por isso, como forma de resistência, ela proferiu um discurso cheio do desprezo dos americanos ricos pelo Oriente empobrecido. Em Chickaboom os invernos tinham sido muito rigorosos (esse foi um pormenos que eu consegui arrancar-lhe); ela, que detestava o frio, queixava-se do calor na calmosa Bombaim.

Por fim — e acima de tudo — se quisermos compreender a raiva de Vina, temos de pôr-nos no seu lugar e tentar imaginar os seus sentimentos quando, ao fim de uma viagem extenuante em que atravessou o planeta até ao aeroporto de Santa Cruz em Bombaim, ela desembarcou do *Douglas DC6da* Pan American para descobrir que seu pai, num acto imperdoável de irreflexão, a tinha entregue de novo — e desta vez com pouca esperança de escapar — à companhia odiosa de cabritos e cabras.

\*

*Ding-ding! Pode seguir!*

Para uma cidade tão grande, Bombaim comporta-se estranhamente como uma aldeola qualquer: não se passa muito tempo até toda a gente conhecer tudo, especialmente uma beleza descarada de doze anos que passeia de carro eléctrico com um rapaz de dezanove anos lindo como uma estrela de cinema e com uma fama de sucesso junto das raparigas que está rapidamente a adquirir proporções legendárias. Sendo as recordações aquilo que são, nenhum de nós os três concorda em quanto tempo durou aquele período, dias, semanas, meses. Do que não há dúvida é que, quando as notícias lhe chegaram aos ouvidos, Pilo Doodhwala tentou bater-lhe; mas ela atacou-o com tanta selvajaria que obrigou Golmatol, Halva, Rasgulla e vários outros membros da “comitivamagnífica” a ajudar a dominá-la, um processo em que ela recebeu e causou um certo número de ferimentos. Começou a chover; ela foi posta na rua; chegou à nossa porta; e Ormus, que a amava, que jurava que nunca lhe tinha tocado e muito menos atentado contra a sua honra, não estava muito longe.

E isto nos longínquos anos cinquenta! Na Índia “subdesenvolvida”, onde as relações rapaz — rapariga eram tão estritamente controladas! É verdade, é verdade: mas, deixem-me que vos diga, “nação subdesenvolvida” ou não, o facto é que um dos nossos principais artefactos culturais era um sistema, altamente desenvolvido, de hipócrita reprovação, não só de qualquer incipiente alteração dos nossos costumes, mas também da nossa natureza erótica, historicamente comprovada e, naquele momento, hiperactiva. O que é o Kama Sutra? Uma banda desenhada do Disney? Quem construiu os templos de Khajuraho? Os japoneses? E, claro!, nestes anos cinquenta não havia pegas em Kamathipura a trabalhar dezoito horas por dia, os casamentos de crianças nunca aconteciam e a perseguição de meninas muito novinhas por velhos e libidinosos “humberts” — sim senhor, já tínhamos ouvido falar do último escândalo literário de Nabokov — era uma coisa desconhecida. Ao ouvir algumas pessoas, podia concluir-se que na Índia, nos meados do século vinte, o sexo ainda não tinha sido descoberto e que a explosão demográfica só tinha sido possível graças a qualquer sistema alternativo de fertilização.

Portanto: Ormus Cama, apesar de ser indiano, sabia agradar às raparigas, e Vina, apesar de ter apenas doze anos, tinha uma história de extrema violência contra machos que se ativessem a pisar o risco. E, no entanto, o seu encontro transformou-os aos dois. A partir desse momento, Ormus

perdeu qualquer interesse noutras fêmeas da sua espécie e nunca o recuperou, mesmo depois da morte de Vina. E Vina encontrara, pela primeira e única vez, um macho cujo apreço lhe era constantemente necessário, para quem ela se voltava, depois de qualquer coisa que fizesse ou dissesse, para confirmação e validação. Ormus tornou-se no sentido da sua vida e ela na dele. Além disso, ela tinha uma velha guitarra acústica e naquelas longas tardes passadas nos eléctricos ou nos rochedos de Scandal Point ou a passear pelos Jardins Suspensos, ou a divertir-se no Old Woman's Shoe, no Parque Kamala Nehru, ela ensinou-o a tocar. E o que é mais, quando ela escutou as inocentes e repetitivas canções de Ormus, as proféticas musiquinhas que ele ouvira ao falecido Gayomart Cama, deu-lhe o conselho que levaria ao seu verdadeiro nascimento para a música e tornou possível o espantoso Livro de Canções dos Cama, a longa corrente de sucessos pela qual ele para sempre será lembrado. “É bom que ames o teu irmão e queiras segui-lo. Mas talvez esse seja um caminho errado. Tenta encontrar um outro espaço nesse teu palácio de sonho. Ou um outro, ou outro, ou outro. Talvez encontres aí os teus próprios sons. Talvez consigas então ouvir as palavras.”

No fim de um certo tempo, dizem eles, temos a experiência da *Kenosis*, do vazio. As coisas gastam-se, perdem o sentido. Foi o que aconteceu, penso eu, não só a Ormus Cama e Vina Apsara, mas também a todos aqueles que com eles conviveram. A decadência do tempo, no fim de um determinado ciclo, conduz a toda a espécie de efeitos venenosos e degradantes. É necessária uma depuração. O amor que nascera entre Ormus e Vina, o amor que estava preparado para esperar durante anos a sua consumação, forneceu essa nova limpeza, e deu início a um novo ciclo de tempo. *Plerosis*, o preenchimento do tempo com um começar de novo é caracterizado por uma época de poder superabundante, de excessos selvagens e frutuoso. Infelizmente, estas tão belas teorias nunca são compatíveis com o desalinho porco da vida real. A depuração e a renovação do tempo teve resultados benéficos mas apenas na vida dos dois apaixonados. É certo que receberam grandes energias graças a esse novo amor; mas à sua volta as catástrofes continuaram.

\*

Ele amava-a como um drogado: quanto mais tinha dela, mais precisava. Ela amava-o como uma discípula, precisando da sua boa opinião, exibindo-



se perante ele na esperança de despertar a magia do seu sorriso. Mas também, desde o princípio, ela precisava de o deixar e ir cantar para qualquer sítio isolado. Ele era o seu lado sério, a profundidade de si própria, mas não podia ser também o seu lado frívolo. Esse lenitivo, essa frivolidade, essa serpente no jardim era — confesso-o — eu próprio.

---

22 Winnie, diminutivo afectuoso para “Winston”, relaciona-se facilmente com o verbo “to win”, ganhar. (*N. T.*)

23 Ao inventar a palavra “Wombay” em vez de Bombay (Bombaim), o autor alude a “womb”, que significa “útero” em inglês. (*N. T.*)

24 Em inglês existe uma só palavra, “Indian”, tanto para “indiano” como para “índio pele-vermelha”. Black Foot, “Pé Preto” é uma tribo de índios americanos. (*N. T.*)

25 Dia da Memória é o feriado do dia 30 de Maio nos Estados Unidos, evocando os soldados americanos mortos em acção. (*N. T.*)

## Capítulo 5

### CÂNTICO DAS CABRAS

Começamos, hoje, pelo sacrifício de um animal. (Ou pelo menos pelo relato do dito.)

Oh Dioniso, duas vezes nascido, oh touro fortalecido pela loucura, fonte inexaurível da energia vital, bêbado divino, conquistador da Índia, deus das mulheres, mestre das Ménades transformadas em serpentes, comedoras de louro. Em lugar de ofertas para queimar nos altares, aceita de nós, antes que comecemos os nossos humildes folguedos, um massacre sangrento de dadoras de leite; e, se te aprouver, abençoa os nossos míseros esforços com o teu sorriso louco e mortal!

Enquanto a criação em larga escala de cabras tinha sido para John Poe, o ex-padrasto de Vina Apsara, não mais que uma fantasia utópica e distante, Shri Piloo Doodhwala, o seu mais recente “loco parentis”, como minha mãe dizia: “mais loco que parentis”, era o rei dos lacticínios caprinos naquilo que veio a ser o estado de Maharashtra, e era uma pessoa de uma imensa importância, uma figura quase feudal, nas áreas rurais onde o cuidado e tratamento dos seus rebanhos constituía quase todo o mercado de emprego local. Desde a sua meninice até à sua actual proeminência, Piloo-o-leiteiro considerou o seu “negociozito”, a sua “ronda do leite”, como um mero degrau para alcançar coisas mais elevadas: isto é, a função pública e a imensa riqueza que essa função pode trazer a um homem que saiba o que faz correr o mundo. A abertura da Companhia de Lacticínios Colony e a sua promessa de fornecer aos habitantes de Bombaim o melhor leite de vaca, ultrapasteurizado, homogeneizado, de excelente sabor e máxima qualidade, foi um acontecimento que Piloo encarou como um insulto pessoal.

— Baca?! — gritou ele para sua esposa Golmatol. Se eles adoram as bacas, proqué que não deixam as bacas em paz? Não debiam de andar p’raí a apertar as tetas das deusas! Tu não achas, mulher? Qu’ é que dizes? — Ao que Gol matol respondeu timidamente. — Mas o leite, pode-se. — Piloo explodiu: — Pode-se?! Tu dizes isso na minha cara? Arré, como há-de uma pessoa biber rodeada de traidores! Tenho de me haber co’as bacas sagradas e co’a minha mulher também!

Golmatol corou e, de olhos baixos, bateu em retirada. — Não, querido, eu só disse... — Mas a ira de Piloo estava já dirigida ao inimigo principal — “Colony Milk” disse ele com desdém. — São munto espertos, mas bão dar

co'as baquinhas na água não tarda!

E Píloo foi para a guerra. Acolitado pela “comitivamagnífica” que corria em todas as direcções, calcorreou os corredores do Poder em Bombaim distribuindo subornos e ameaças em partes iguais, exigindo, em máxima prioridade, investigação, condenação e embargo das “instalações blasfematórias e insultuosas p'rás bacas, qu'acabam de s'instalar no norte da cidade”. Assediou inspectores de zona, inspectores fiscais, inspectores pecuários, inspectores da higiene e saúde pública e, evidentemente, inspectores da polícia. Finalmente cartazes gigantes em que, numa enorme bolha saindo da sua própria cara que sorria num horrendo esgar, e sob uma legenda dizendo: *O teu leiteiro avisa*, podia ler-se: CO quer dizer “Cocó”, LO quer dizer “lombrigas”, NY quer dizer “nitreira”.

E no final, a seguir ao desenho de uma cabra que era o seu logotipo, o seguinte *slogan*: *Vota na cabra! Compra leite do Píloo! O Píloo que tem quilé!*

Não resultou: Píloo nunca sofrera na vida tão completa humilhação. As autoridades recusam-se a investigar, quanto mais a condenar ou a embargar a Companhia de Lacticínios Colony. Todos os peritos consultados concordaram em que não havia ali blasfémia nem insulto. Os inspectores de zona recusaram-se a retirar alvarás, os inspectores fiscais recusaram-se a assediar a Companhia, os inspectores da Indústria Pecuária, bem como os da Saúde e Higiene Pública, desfizeram-se em elogios aos produtos da Colony e os inspectores da polícia disseram que não havia nada para inspeccionar. Pior ainda, as instalações da Colony tornaram-se uma zona popular de piqueniques; e o pior de tudo, as vendas de Píloo iam declinando mês após mês, enquanto as das odiosas vacas iam de vento em popa. Nas aldeias onde se criavam cabras responsabilizava-se Píloo pela crise e soprava um vento de eminente violência. Perante a erosão da base do seu poder, Píloo Doodhwala confessou à senhora sua esposa que não sabia o que fazer.

— E as minhas pobres Halva e Ragulla, coitadinhas? — perguntou Golmatol Dodhwala, protegendo uma chorosa filha sob cada braço. — Que tens para lhes dizer? Julgas que fazem alguma ideia? Bonitas é coisa que não são! Não têm uma pele de rosas! A educação delas é muito deficiente! São doces de nome e azedas de feitio! A esperança delas eras tu! E agora, que até o dinheiro lhes estás a tirar, que é que fica? Julgas que os maridos

caem do céu? As miúdas, coitadas, não têm saída nenhuma, não há esperança!

\*

Nesta época de crise apareceu aquela rapariga mestiça vinda de Nova Iorque. Acabou por se descobrir que era pobre, sem relações importantes e com mais escândalos no passado do que a Madame Pompadour: em suma, um produto avariado. Os Doodhwalas cerraram fileiras contra ela e passaram a ignorar a sua presença. Proporcionaram-lhe o mínimo possível: comida (mas embora a mesa deles fosse lauta, ela comia na cozinha, em geral arroz e lentilhas, em pouca quantidade, e muitas vezes ia para a cama com fome); roupa modesta (o fato de banho trouxera-o ela dos Estados Unidos e era um presente de despedida do pai); e alguma instrução (e isto era o que mais contrariava Piloo, porque a educação custa dinheiro e a fedelha, de todo o modo, não parecia querer aprender coisa nenhuma). Para além de prover a estas necessidades, abandonaram-na à sua sorte. Ela depressa se apercebeu de que a rica Bombaim lhe oferecia o pior dos dois mundos, tão mais pobres, que ela conhecia: as odiadas cabras de John Poe e a crueldade desalmada da família Egiptus, de charutal renome.

\*

Mas naquele dia na praia de Juhu, as coisas tomaram um aspecto diferente. Curiosamente, Piloo e Vina chegaram à mesma conclusão: de que tudo o que lhes restava na vida era arrogância, que é um cavalo que nos pode levar longe se se souber permanecer em cima dele.

Assim Piloo e a sua “comitivamagnífica” tinham de exhibir em público a máscara do Poder e do Sucesso, na esperança de que a mera força do espectáculo transformasse a mentira em verdade e conseguisse inverter a derrota que as vacas da Colony estavam a infligir às cabras de Piloo. E Vina também lutava pela sobrevivência: na realidade, não era a miúda rica e mimada que viera da América para casa de Piloo, mas uma pobre rapariguinha que tentava dar-se ares, enquanto enfrentava um futuro miserável.

\*

O futuro do negócio dos lacticínios passou a ser para Piloo o único tema de discussão, a sua fixação. Na sua casa de campo em Bandra, passeava no jardim de um lado para o outro guinchando e murmurando coisas sem nexo como um macaco na gaiola. Era um homem da sua geração, um dos últimos

para quem dar punhadas no peito e arrancar os cabelos eram ainda manifestações legítimas. A família e a “comitivamagnífica”, cada uma por razões diferentes temerosa do futuro, ouviam-no em silêncio. O choro, a brandir de punhos cerrados, os discursos dirigidos aos céus vazios de nuvens. As queixas contra a injustiça da vida humana. Vira já vira coisas demais na sua curta vida e não tinha papas na língua, por isso um dia não aguentou mais:

— Ora vá-se lixar mais a merda das suas cabras! — exclamou. — Porque é que não lhes corta as goelas e as transforma em bifés e casacos? — Os papagaios voaram das árvores, assustados pelo timbre da sua voz, poluindo com as suas cagadelas as roupas de Píloo e até o seu cabelo desgrenhado. Ela, encantada com o que tinha dito, começou a rir, apesar da sua profunda irritação.

As meninas Doodhwala que estavam à espreita prepararam-se radiantes para assistir à cena de fúria com que o pai ia seguramente castigar aquela mendiga arrogante. Mas, apesar daquele acto de insubordinação descarada e daquele “ataque de risinhos histéricos”, como diria Ameer Merchant; apesar das cagadelas de papagaio — não houve tal cena de fúria. Como um inesperado raio de sol onde se espera a trovoada, o sorriso de Píloo Doodhwala apareceu, primeiro um pouco hesitante, depois na sua plena glória. — Muito obrigada, Miss América — disse ele —. Bifés da parte de dentro, casacos da parte de fora. Boa ideia, mas — e aqui batia com o dedo na têmpora — isso deu-me outra ideia ainda melhor. Pode ser que a madamuazele tenha salvo a fortuna da família, mesmo sem querer. — Perante este inesperado (e a seus olhos totalmente impróprio) elogio à gata borralheira da casa, Halva e Rasgulla ficaram sem saber se haviam de rir ou de chorar.

Após esta surpreendente troca de impressões, Píloo Doodhwala mandou abater a totalidade dos seus rebanhos e distribuir, grátis, a carne aos pobres meritórios e não-vegetarianos. Foi um massacre real: perto dos matadouros as sargetas regorgitavam de sangue alagando as ruas que se tornaram peganhentas e malcheirosas. As moscas acorreram em tal número que em certas ruas tornou-se pouco aconselhável guiar, por razões de má visibilidade. Mas a carne era ótima e abundante e as perspectivas políticas de Píloo começaram a melhorar. Votem cabra, é bem verdade: se Píloo fosse candidato a governador nessa semana, não teria tido rival.

Vendo aproximar-se a miséria tão certa como o comboio-correio, os pastores aflitos tentaram urgentemente obter declarações tranquilizadoras. Píloo percorreu o campo, sussurrando-lhes aos ouvidos doces patacoadas. — Nada receiem, — dizia — de futuro bamos ter cabras do melhor que há. Bocês bão ber, até bão ficar gordos e ricos, porque bão receber o bosso dinheiro sem precisar de trabalhar. Estas cabras não precisam de manutenção nem se gasta dinheiro c’o sustento. D’hoje em diante, — acrescentava com ar misterioso — bamos criar cabras-fantasmas<sup>26</sup>.

A charada das “cabras-fantasmas” tem de ficar, por agora, por resolver. Chegámos de novo, por um fenómeno de recirculação, ao momento da expulsão de Vina de casa dos Píloo. Tinham chegado aos ouvidos do seu tutor ecos da ligação escandalosa de Vina com Ormus Cama; houvera uma discussão, a que já aludimos. Não vou dar mais pormenores dessa troca de vitupérios, ou da luta violenta que precedeu a fuga de Vina em direcção ao sul sob uma chuva a cântaros e que a levou desde a mansão dos Doodhwala em Bandra até à soleira da nossa porta, a Vila Trácia, em Cuffe Parade. Em vez disso, retomo a história onde tinha ficado, isto é, na chegada de Ormus a nossa casa de Cuffe Parade, preocupado com o bem-estar de Vina; e também na chegada, logo a seguir, de Shri Píloo Doodhwala, acompanhado de mulher, filhas e “comitivamagnífica”.

Minha mãe Ameer telefonara-lhe para o informar de que Vina estava sã e salva e para lhe comunicar algumas verdades amargas sobre a maneira como ele tratara a rapariga. — Ela não volta para sua casa, — concluiu Ameer. — Boltar p’ra minha casa?! — ladrou Píloo. — Minha senhora, eu pu-la fora de casa, como pega qu’ela é. Não é questão de boltar. — À luz deste lavar-de-mãos telefónico, a chegada de Píloo & Cia foi um tanto surpreendente. Vina deu um salto e refugiou-se a toda a pressa no quarto que minha mãe lhe atribuíra. Ormus avançou e ficou frente a frente com o carrasco da sua bem-amada. Era a vez de meu pai, na sua mansidão, perguntar a Píloo o que desejava dali. O leiteiro encolheu os ombros. — Por causa da ingrata dessa moça, — disse ele — já gastei munto dinheiro. Lições particulares, despesas, contas abertas... Houve um importante zimvolso de fundos em que eu fiquei prejudicado. Por conseguinte, pedir um rimvolso é razoável.

— O senhor está a pedir-me para eu a comprar? — O espírito nobre de meu pai precisou de um momento para se aperceber da horrível verdade.

Piloo fez uma careta. — Não se trata d'uma compra, — insistiu ele. — Não insisto em ter nenhum lucro. Mas comó senhor é uma pessoa de bem, não é berdade?, tenho a certeza que não me bai obrigar a engolir toda esta despesa.

— Não se trata de propriedades nem de bens móveis, — começou V.V. Merchant, escandalizado, mas neste momento foi interrompido por Ormus Cama. Estávamos todos no salão imóveis como estátuas, — o choque daquele encontro fizera-nos esquecer qualquer ideia de divertimento — e o olhar de Ormus fixara um baralho de cartas e um monte de fósforos numa mesinha do canto, restos de um alegre jogo de *poker* algumas noites atrás, antes do mundo começar a mudar. Baralhou as cartas rapidamente sob o nariz de Piloo. Ei, fala barato! — disse. — Vamos jogá-la às cartas. Que é que dizes, meu figurão? Aceitas, ou não tens fígados para isto?

Ameer começou a protestar mas meu pai — cuja fraqueza fatal, como se viria a provar, era o jogo — fê-la calar. Os olhos de Piloo brilharam e os membros da “comitivamagnífica”, que tinham ficado no alpendre à escuta do que se passava, começaram a gritar e a aplaudir. Lentamente, Piloo acenou com a cabeça. E, em tom muito manso, disse: — Tudo ou nada, não é? Ou desisto dos meus legítmos direitos a uma indiminização ou... ou... quê? Se tu perderes, qu' é qu' eu ganho?

— Ganhas-me a mim — disse Ormus. — Se eu perder, vou trabalhar para ti, seja no que for, até pagar o montante da dívida de Vina.

— Pára com isso, Ormus — disse Ameer — Isso é um absurdo, uma criancice.

— Aceito, — disse Piloo com uma vénia. Ormus devolveu a vénia.

— Um corte no baralho para cada um — disse ele. — A mais alta ganha. O naipe não conta. O ás é o mais alto, mas o *joker* bate tudo. Se empatarmos, repete-se.

— D'acordo, — sussurrou Piloo — mas jogamos c' o meu baralho. — Deu um estalo com os dedos. Um lacaio afegão entrou na sala trazendo na mão direita enluvada de branco uma salva de prata com um baralho vermelho, de selo intacto. — Não te metas nisso, — pedi a Ormus. — Idá aí um truque qualquer. — Mas Ormus pegou no baralho, rasgou o selo e fez um sinal de cabeça. — Vamos começar.

— Não baralhes, murmurou Piloo — Corta só.

— Ótimo. — disse Ormus, e cortou. Mostrou o dois de copas.

Piloo soltou uma gargalhada. Cortou. Mostrou o dois de espadas. O sorriso morreu-lhe nos lábios e o criado afegão recuou perante a ferocidade do olhar do patrão.

Ormus cortou de novo. Dez de ouros. Piloo começou a ficar rígido. A sua mão saltou descontroladamente até à salva de prata. Tirou o dez de paus. O braço do afegão começou a tremer. — Agarra o prato c'as duas mãos, — rosnou Piloo — ou então arranja-m'algúém que tenha tomates.

À terceira vez ambos tiraram oitos. À quarta, as damas loiras e à quinta as morenas. Após a sexta jogada, em que ambos tiraram cinco, fez-se na sala um silêncio tão barulhento que até Vina saiu do seu esconderijo para saber o que se passava. Piloo Doodhwala suava abundantemente; tinha a túnica branca colada à barriga, bem como à curva dos rins. Mas Ormus Cama estava perfeitamente calmo. À sétima jogada, ambos tiraram reis, à oitava, noves. À nona, de novo reis e à décima, quatros.

— Chega! — Piloo quebrou o silêncio. — De agora em diante, eu jogo primeiro.

Ao undécimo corte, Piloo Doodhwala tirou o ás de espadas e deu um grande suspiro. Antes que tivesse acabado de exalar, Ormus cortava o baralho. Era o *joker*. Ormus ficou impassível, olhando o palhaço sorridente na salva de prata. Piloo Doodhwala mirrava a olhos vistos. Por fim reagiu: estalou os dedos sob o nariz de Ormus, resmungou — Fica co'essa cabra, — e foi-se.

Ormus Cama foi ter com Vina que, por uma vez na vida, tinha a cara de uma rapariguinha de doze anos assustada. — Ouviste o que disse o homem? — disse ele com um sorriso — ganhei-te ao jogo, num jogo limpo. Agora és minha.

Enganava-se. Vina não era de ninguém, nem sequer dele, embora o tivesse amado até ao seu último dia. Estendeu a mão para ele, numa carícia de agradecimento. Ele recuou, com ar sério. — Não nos podemos tocar, — lembrou-lhe ele. — Nada, até teres dezasseis anos e um dia.

— E mesmo então, só quando estiverem casados como pessoas decentes. — disse minha mãe. — Assim é que eu quero que seja.

\*

É altura de acentuar algumas coisas positivas. Será que não há nobres qualidades, altos feitos, exaltações de espírito a relatar, na vida do grande sub-continente? Terá de ser sempre violência, jogatana, vigarices? Vivemos



numa época de grandes susceptibilidades. As sensibilidades nacionais vivem em constante alerta e é cada vez mais difícil enxotar uma mosca, não vá a mosca em questão pertencer às maiorias paranóicas (moscas ameaçadas de extinção), às minorias melindrosas (moscas vítimas de moscofobia), às franjas militantes (Braço Armado das Moscas), aos separatistas (Frente de Libertação do Mosquistão), às coortes cada vez mais organizadas da sociedade histórica dos párias (as moscas a tempo inteiro), ou aos devotos seguidores desse guru definitivo, a Mosca Varejeira. Ao fim e ao cabo, porque há-de alguém, no seu perfeito juízo, querer enxotar uma mosca? Ao proceder dessa forma, arrisca-se a encher a própria cara de bofetadas.

É pois num espírito o mais construtivo possível que eu faço constar que Vina Apsara, que outrora, achando-se numa praia embrulhada na bandeira dos Estados Unidos, enchera de insultos tudo o que era indiano, começou na Vila Trácia a apaixonar-se pelo grande país de origem do seu pai biológico. Teve de esperar por Ormus Cama até fazer dezasseis anos, mas este outro amor não impunha nenhum período de espera. Ela consumou-o de imediato.

Até ao seu último dia, eu vi sempre nela aquela criaturinha arisca e insubmissa que ela era quando apareceu em nossa casa pela primeira vez, com aquele ar de estar pronta para fugir de novo a qualquer momento. Parecia um destroço, uma carga alijada ao mar! Literalmente sem identidade, uma personalidade estilhaçada como um espelho pelo embate que fora a sua própria vida. O seu nome, a sua mãe e a sua família, o sentimento de ter uma pátria, um lar, a segurança, o ser amada, a sua fé no futuro, tudo isto lhe fora sacado debaixo dos pés como um tapete. Flutuava no vácuo, sem país, sem história, agarrando-se a sombras informes, tentando deixar alguma marca. Uma veleidade. Fez-me pensar num marinheiro de Cristovão Colombo, prestes a amo tinar-se, temendo a cada instante despenhar-se da borda do mundo, olhando ansioso do alto do cesto de gávea, sondando com o seu óculo o vazio líquido, em vão procurando ver terra. Mais tarde, quando era famosa, Vina muitas vezes mencionava Colombo: — Ele foi à procura da Índia e encontrou a América. Eu não tinha planeado ir a parte nenhuma mas fartei-me de encontrar indianos. — Era a linguagem insolente de Vina, a arrogância que já tinha aos dezasseis anos.

Ela era como uma manta de retalhos, fragmentos rasgados das pessoas

que poderia ter sido. Por vezes ficava sentada num canto como uma marionete sem cordel e quando de um salto voltava à vida, nunca se sabia quem se ia encontrar. Doce ou selvagem, serena ou tempestuosa, triste ou divertida: tinha mil humores, como o Velho do Mar que se transformava mil vezes quando alguém o tentava agarrar, porque se fosse apanhado teria de conceder ao seu captor o que ele mais desejasse. Felizmente para ela encontrou Ormus, que se apoderou do seu espírito com o seu amor sem nunca lhe tocar no corpo, até ela finalmente parar de se transformar, deixar de ser sucessivamente mar, fogo, avalanche e vento e ser só ela, nos seus braços, quando fez dezasseis anos e um dia. E então ela cumpriu a sua parte da promessa e, por uma noite, deu-lhe tudo o que ele lhe pediu.

Ela sabia que estava metida num grande sarilho. Já tinha percebido que a sua insolência, delinquência, nihilismo e imprevisibilidade não a levavam a nada. À sua maneira e apesar de toda a sua aparente despreocupação e desafio, ela tinha um espírito construtivo e até acredito que se sentiu encorajada na sua acção heróica de autoconstrução pela sua experiência da vida conosco, onde se falava constantemente em construir (era a época em que V.V. e Ameer começaram a obra do grande cinema Orpheum, o projecto que acabaria por arruiná-los). Os seus materiais de construção começaram por ser os que tinha imediatamente à mão, isto é, produtos indianos. O que ela construiu foi “Vina Apsara”, a deusa, a Galateia por quem o mundo inteiro se iria apaixonar, como aconteceu com Ormus e comigo.

Começou pela música. “Vina”<sup>27</sup>. Em casa de Piloou ouvira tocar, grosseiramente e sem sentimento, um instrumento que, apesar da brutalização a que fora sujeito, “fazia um som divino; e quando descobri como se chamava, soube logo que era o nome para mim”. A música indiana, desde as “ragas” do norte tocadas na cítara até às melodias da Carnática, no sul da Índia, sempre lhe inspiraram uma inexprimível saudade. Era capaz de ouvir discos de *ghazals* durante horas a fio e ficava também fascinada pela complexa música religiosa dos *gawwals* mais conhecidos. Saudade de quê? Não seguramente de uma Índia “autêntica” que nunca conhecera. Devo concluir — e isto é difícil de escrever, para um céptico convicto como eu — que o que Vina procurava era um olhar sobre o incognoscível. A música dava-lhe a oportunidade a um tempo sedutora e frustrante de ser levada, nas ondas do som, através da cortina do *maya*<sup>28</sup> que supostamente limita os nossos conhecimentos, passando os portões da percepção até à melodia

divina.

Em suma, o que ela pretendia era uma experiência religiosa. Em certo sentido, isto significa que ela compreendia a música muito melhor do que eu, porque o seu elemento espiritual é da maior importância para a maior parte das pessoas, sobretudo para os próprios músicos. Eu, contudo, sou bem filho dos meus pais, na medida em que sempre fui surdo à comunicação religiosa seja de que tipo fôr. Incapaz de a aceitar como tal — o quê, você acha *realmente* que havia ali um anjo? A reencarnação, *francamente...!*, — e encorajado por uma infância durante a qual raramente ouvi em minha casa mencionar aprovadamente o nome de alguma divindade, cometi o erro de assumir que toda a gente era da mesma opinião e sempre encarei tal conversa como metafórica e nada mais. Esta atitude nem sempre foi benéfica para mim, como se veio a provar. É um assunto que conduz a discussões. Mas apesar disso — embora saiba que os mitos agora mortos foram em tempos religiões vivas, que Quetzalcoatl e Dionisos podem ser agora contos da carochinha mas que em tempos muitas pessoas, para não falar em cabras e cabritos, lhes foram imoladas em larga escala — continuo a não poder dar crédito a nenhum sistema de Crença, seja ela qual for. Parecem-me exemplos frágeis e pouco persuasivos do género literário conhecido por “narrativa não-fidedigna”. Penso na fé como uma ironia, o que é talvez a razão pela qual os únicos actos de fé de que sou capaz são aqueles que são necessários à imaginação criativa, àquela ficção que não pretende ser factual e que por isso mesmo acaba por contar a verdade. Gosto de dizer que todas as religiões tem uma coisa em comum: as suas respostas à grande questão, que é a das nossas origens, são todas erradas, muito simplesmente. Por isso, quando Vina anunciava, como várias vezes fazia, a sua última conversão, eu respondia “— Sim, sim, claro, — e convencia-me de que ela, no fundo, estava a brincar. Mas ela não estava a brincar. De todas as vezes, era o mais sério possível. Se Vina tivesse decidido adorar a Abóbora-Mor, no Dia das Bruxas seguinte o mais cuidado canteiro de abóboras seria o dela e não o do pobre Linus.

“Apsara” era também uma pista, se eu tivesse tido a inteligência de a seguir. Indicava uma grande quantidade de leituras sérias e, embora Vina costumasse declarar que tirara o seu nome de um anúncio numa revista feminina, *Femina* ou *Filmfare*, de um sabonete ou lingerie de luxo ou qualquer outra frivolidade, uma análise mais profunda desmascara este

subterfúgio como mais uma artimanha. Ela mergulhara de facto na matéria principal daquela terra enorme e estranha para onde fora exilada, longe de tudo o que jamais conhecera, pensara ou fora. Era uma recusa verdadeiramente heróica — reconheço-o agora — do habitual papel da exilada e da marginalizada.

“Vina Apsara” soava aos seus ouvidos de doze anos como o nome de alguém que poderia, plausivelmente, ter existido. Decidiu fazê-la vir ao mundo usando como instrumentos o seu amor por Ormus Cama, a sua vontade de ferro, a sua fabulosa fome de viver e a sua voz. Uma mulher que canta nunca está verdadeiramente fora de toda a salvação. Pode abrir a boca e dar asas ao seu espírito. E a voz de Vina não precisa dos meus louvores. Basta pôr a tocar um dos seus discos, relaxar-se e deixar-se ir na corrente. Ela era como um grande rio que transportava tudo e todos. Por vezes tento imaginá-la cantando canções indianas. Porque, embora ela tivesse dedicado toda a sua vida a cantar outro género de música, o apelo da Índia, as suas canções, as suas linguagens, a sua vida, fizeram sobre ela o seu trabalho, como a lua faz na Terra.

Não tenho a ilusão de pensar (ou nem sempre) que ela regressou por minha causa.

\*

Para meus pais, Vina era a filha que nunca tiveram, o segundo filho de que tinham desistido para se poderem concentrar em mim e na sua obra; era o ser para quem eles achavam não ter tempo nas suas vidas. Mas agora que ela estava ali, ficaram cheios de alegria e acabou por haver lugar para tudo. Ela apanhava no ar as diferentes línguas com a mesma facilidade com que, pela vida fora, apanhava os diferentes amantes. Foi durante esses anos que ela se tornou mestre no uso do “Hug-me”, o nosso dialecto rasca poliglota. Ameer Merchant, a especialista da família nos jogos de palavras, prestou a Vina a homenagem de incorporar no seu léxico pessoal muitas das expressões da rapariga. Ameer e Vina eram da mesma espécie, do ponto de vista linguístico. (E minha mãe via na sua nova pupila ecos mais profundos do seu próprio espírito pouco convencional.) Ameer estava convencida que havia um sentido escondido na euforia e na rima: podia dizer-se que era uma cantora pop falhada. Assim, nos seus momentos de intimidade em que brincava com Vina e troçava do mundo em geral, Ameer combinava num só os nomes de Ormus Cama e Vasco da Gama: “Ormus da Cama é o grande

explorador que descobriu em ti um novo mundo cheio de especiarias; há só um passo entre Cama e *Gana* (canção) e entre Cama e *Kama*, o deus do amor, a distancia é ainda menor. Ormus Cama, Ormus Gana, a encarnação do amor e da própria canção.” Minha mãe tinha razão. Os seus trocadilhos continham mais verdade do que ela supunha.

Vina tinha já aos doze anos a altura e o tamanho de corpo da minha mãe e Ameer deixava-a vestir, não só os seus saris de seda mais luxuosos, mas também os “fourreaux” justos de lantejoulas e decote vertiginoso, com que ela própria gostava de exhibir a sua figura perante o *jet set* mais sofisticado de Bombaim. Vina deixou crescer o cabelo e uma vez por semana Ameer massajava-lhe o couro cabeludo com óleo de coco. Ensinou a Vina a maneira tradicional de secar o seu cabelo comprido, espalhando-o sobre uma superfície de vime entrelaçado e colocando por baixo um pote com brasas polvilhadas de incenso. Para a pele, Vina aprendeu a misturar água de rosas com *multimani mitti*, uma espécie de barro do Paquistão e aplicá-lo na cara como uma máscara. Ameer esfregava os pés de Vina com manteiga de leite de búfalo, para os manter macios e frescos durante a estação quente. Melhor ainda, ensinou a Vina a ligação entre as joias e a felicidade: Ameer, a ateia, não deixava de ter os seus fracos, as superstições. Vina passou a usar uma corrente de ouro à volta da cintura. (Contudo, nada a convenceu a usar anéis nos dedos dos pés, quando lhe disseram que isso aumentava a fertilidade nas mulheres.) E para o resto da vida, a grande cantora nunca compraria uma pedra preciosa sem antes a testar, pondo-a sob o travesseiro todas as noites durante uma semana para ver que efeito teria nos seus sonhos. Este hábito perturbou vários ilustres joalheiros internacionais, mas por um bom cliente, e uma estrela ainda por cima, as pessoas abriam uma excepção.

(Se ela tivesse sabido que o seu último parceiro sexual, o *playboy* Raul Páramo tinha escondido para lhe oferecer um colar de rubis debaixo da almofada dela durante a sua inebriada noite de amor — os rubis tinham sido estritamente proibidos, anos atrás, pelo astrólogo pessoal de Vina — ela teria percebido imediatamente porque é que sonhara com um sacrifício sangrento e talvez tivesse ficado de sobreaviso contra o final que se aproximava. Mas ela nunca encontrou o colar. Foi descoberto pela polícia durante a busca ao quarto de hotel e, antes que a pudessem avisar, tudo estava terminado.

E, além disso, toda esta história da interpretação das pedras preciosas é pura treta. Não tem absolutamente nada a ver com nada.)

\*

Além de se impregnar do hindi-urdu e dos segredos de beleza e das pedras preciosas, Vina absorveu também a cidade de Bombaim em grandes golos sequiosos e, sobretudo, para alegria do meu pai, a linguagem dos seus edifícios. V.V. tornou-se o seu interessado instrutor e ela a sua alma preferida. Meus pais tinham investido há pouco uma grande soma de dinheiro num terreno especial perto da estação término dos carros eléctricos, a Bombay Central, local proposto para o cinema Orpheum que, decidira meu pai, iria ser construído naquele estilo Art Déco próprio de Bombaim, embora as outras salas da cidade no mesmo estilo tivessem já vinte anos e estivessem nessa altura na moda edifícios mais “modernos”. Vina queria saber tudo. Ao fim de pouco tempo, sempre que íamos ver um filme falado em inglês, ela prestava mais atenção à sala do que ao que se estava a passar no ecrã. No Cinema Eros, obra-prima da Art Déco em grés vermelho e creme (Paramount Pictures, *Vista Vision*: Danny Kaye, em *O Bobo da Corte*, procura decorar em que copo vai ser servida a bebida envenenada: “*the pellet with the poison, the chalice from the palace was the one you must shun, white the vessel with the pestle has the brew that is true*”), Vina não se lembrava da história mas era capaz de mencionar sem hesitações que o edifício tinha sido desenhado por um filho da terra, Sohrabji Bhedwar, embora a fabulosa decoração interior em preto, branco, ouro e crómio fosse obra de Fritz von Driberg, que também redecorara o New Empire (20th Century Fox, Todd-Ao, Rodgers & Hammerstein, num prado reluzente de sol dourado, um carro de cavalos decorado com franjas e Rod Steiger cantando a sua ária da autocompaixão, mas nada disto era bastante para ela se lembrar de uma frase da célebre partitura de *Oooooo-Klahoma* ). No Metro, com os seus filmes de grande espectáculo da M.G.M., — Stewart Granger em *Scaramouche*, vencendo o mais longo duelo à espada da história do cinema — a sua atenção foi para as cadeiras e alcatifas (importadas dos Estados Unidos) e para os murais (por estudantes da Escola de Arte J.J., de que em tempos fora responsável o pai de Rudyard Kipling). E no Regal — Maria Montez inesquecível em “A Mulher Serpente” da Universal — Vina, obcecada pela arquitectura, não reparou que Montez representava o papel de duas gémeas, mas segredou que o

grande mérito da sala se devia ao checo Karl Schara, pelo seu impressionante design do auditório lembrando raios de sol. Nos filmes indianos portava-se melhor e parecia mais interessada embora tivéssemos que a ouvir falar dos méritos de Angelo Molle, decorador do Cinema Broadway. Ela afirmava, sem grande originalidade, estar apaixonada pelo actor Raj Kapoor e Ormus ficava pateticamente furioso. Eu, por mim, estava cansado de cinemas. Felizmente, chegaram as férias de Verão e fomos para Cachemira.

Vina, florindo como mulher naquele vale outrora abençoado, é uma das minhas mais preciosas recordações. Lembro-me dela nos Jardins de Shalimar ao pé de uma cascata, passando lentamente do galope de uma criança para um caminhar de mulher e fazendo voltar as cabeças. Lembro-me dela num ponéi palomino atravessando um prado encravado nas montanhas de Baisaran, com os cabelos ao vento enquanto o ponéi galopava. Lembro-me dela nos cais de Srinagar<sup>29</sup> apaixonando-se pelos nomes das lojas cheias de objectos em *papier mdché* ou mobílias em talha ou tapetes de feltro: Suffering Moses, John the Cheap, Subhana the Worst. Lembro-me dela num caminho de cavalos que atravessava a alta aldeia de Aru, sentindo-se horrorizada quando os habitantes disseram que não tinham comida para nos vender por terem ouvido o nome de “Vina” e terem deduzido que éramos de religião hindu, e o horror idêntico que se espalhou pelo seu rosto quando, ao saber que éramos muçulmanos, os mesmos camponeses nos serviram um festim de arroz e almôndegas e não deixaram que pagássemos.

Lembro-me dela como leitora voraz, devorando livros sobre livros — só em inglês porque nunca foi capaz de ler as línguas indianas tão bem como as falava. Em Gulmary, num campo de flores, ela leu *On the Road*. (Ela e Ormus podiam recitar longas passagens de cor e quando Vina chegou à conclusão elegíaca do livro, *Penso em Dean, penso em Dean Moriarty*, havia lágrimas nos seus olhos.) Ou, num bosque de grandes árvores perto de Pahalgam, começou a pensar se uma delas não seria a *Árvore-Do-Fim-do-Mundo* criada por Enid Blyton, que — numa bem inspirada inversão das regras da lógica — era regularmente visitada, no seu pico escondido nas nuvens, por terras fantásticas. Mais comovente do que tudo, lembro-me dela no Glaciar de Kolahoi, discutindo, excitada, a *Viagem ao Centro da Terra* de Júlio Verne e o seu desejo de viajar até outra paisagem de neve, o

Snaefellsjokull na Islândia, a fim de poder, no solstício de Verão, colocar-se no sítio exacto e no momento preciso para ver a sombra de um certo rochedo apontar, ao meio-dia em ponto, para a entrada do centro da Terra — uma Porta de Taenarus Ártica. À luz do que veio a acontecer-lhe, confesso que esta recordação me causa agora arrepios.

(Todos estes cinemas levam hoje em dia filmes indianos. E Cachemira é uma zona de batalha. Mas o passado não é menos precioso por já não ser o presente. De facto, é ainda mais importante, porque jamais voltará a ser visto. Podem chamar a isto o meu lado místico, uma das raras propostas espirituais que estou disposto a fazer.)

Ormus Cama não nos acompanhava durante as férias, ou nas idas ao cinema. No que tocava à extraordinária ligação de Vina, era Ameer Merchant quem ditava as leis. Mostrando grande tolerância — e apesar da oposição vociferante de Lady Spenta Cama, de quem ela não gostava, como hão-de estar lembrados — ela aceitou a hipótese de se vir a tratar de um verdadeiro casamento por amor “mas todas as regras da decência têm de ser observadas”. Era permitido a Ormus vir tomar chá a nossa casa cinco vezes por semana, mas as suas visitas não podiam exceder uma hora precisamente. Minha mãe consentiu em não informar Lady Spenta acerca das visitas de Ormus sob condição de que ela própria estaria sempre presente ou, caso não fosse possível, os encontros teriam lugar fora da casa, sob o alpendre. Vina concordou sem discussão. Não se tratava da atitude de revolta introspectiva de Nissy Poe, ou da obediência assustada de uma rapariga sem opções de vida: a vida de família modificara Vina, tornando-a melhor e ela submetia-se alegremente à disciplina maternal de Ameer porque lhe parecia amor. E era mesmo amor; era difícil dizer qual delas precisava mais da outra.

(Além disso, como se veio a saber, Vina e Ormus tinham outro aliado, um aliado inesperado, que tornava possível uma série de encontros mais íntimos.)

Para mim, as visitas de Ormus eram as piores horas da semana. Eu tentava ausentar-me sempre que possível. Quando não era possível, fechava-me no quarto e amuava. Depois de Ormus se ir embora, contudo, as coisas melhoravam. Ela vinha ter comigo: “Então, Rai” dizia ela, “sabes como é. Estou só a matar o tempo com o Ormus, à espera que tu cresças e que sejas o meu homem”. Fazia-me uma festa na cara e dava-me um



beijinho na boca. Os anos passaram, fiz treze anos e Vina estava quase a fazer dezasseis e Ormus continuava a recusar-se a tocar-lhe, houvesse ou não *chaperons* e eu continuava a ir para o quarto amuado e ela vinha, “Então, Rai,” e acariciava-me. No leve toque dos seus dedos e dos seus lábios eu podia sentir todo o peso do seu proibido amor por Ormus, todo aquele desejo inexprimível. Eu também era um fruto proibido, mas por razões opostas, ou seja, por ser mais novo do que ela. Mas embora nunca tivéssemos *chaperon* porque os meus pais eram demasiado inocentes para pensarem na possibilidade de eu ser um substituto de Ormus, o seu duplo, eu estava disposto a aceitar esse papel, disposto a ser a sua sombra, o seu eco. Estava mesmo a suspirar por isso. Mas ela recusava-se a aceitar essa paixão, deixava-me pior do que antes, continuava a fazer-me esperar.

Era uma longa espera. Mas Vina valia bem essa espera.

A fraqueza de Vina por gurus, mentores, chefes e mestres, o seu vício por aquelas crendices e ritos que eram a sua maneira de camuflar as incertezas fundamentais da vida tinham como consequência que Ormus podia sempre e sem qualquer dificuldade, chamá-la a si. Mas repito: ela nunca foi propriedade dele. Apesar das suas vitórias ao jogo e da celebridade mundial, Vina voltava sempre para mim.

\*

Do Vale da Morte, ponto mais baixo de todo o continente norte-americano pode ver-se o Monte Whitney, o seu ponto mais alto. E, do mesmo modo, das profundezas da minha frustração nos dias em que Ormus vinha tomar chá, posso aqui contrapor as recordações dos dias futuros em que ela e eu viríamos a ser amantes.

Muitos anos mais tarde, em Nova York, no meu terceiro andar sem elevador num quarteirão próximo de Saint Mark, conhecido pela sua população de refugiados homossexuais cubanos, Vina afastava-se do meu corpo suado assim que acabávamos de fazer amor e acendia um cigarro. (Sempre suei muito, um ligeiro inconveniente na vida de todos os dias mas uma indiscutível vantagem durante as práticas sexuais, em que a condição viscosa e escorregadia em todos os sentidos, incluindo o moral, é altamente desejável.) — Já te contei? Vi nele uma luz, — disse ela — um brilho, uma aura, logo naquele primeiro dia na loja de discos. Não excessiva, mas emanando dele, decididamente. Equivalendo a uma lâmpada de cem watts, mais ou menos, quer dizer: o bastante para iluminar uma sala de tamanho

médio. O que é imenso.

Vina nunca se preocupou com as subtilezas que envolvem a duplicidade sexual. Não a incomodava nada discutir o seu “noivo” com o homem-que-vem-pela-porta-de-serviço vinte segundos depois de um orgasmo, que ela atingia com facilidade e que, naquela altura da sua vida, era ruidoso e prolongado. (Mais tarde, quando estavam casados, ela continuava a vir-se facilmente, mas o seu prazer durava apenas um instante antes que ela o cortasse, zás!, como se estivesse a seguir a batuta de um maestro invisível. Como se estivesse a tocar aquele belo instrumento, o seu corpo, e ouvisse subitamente uma nota falsa.) Eu aprendera a adaptar-me à deselegância daquelas conversas. Mas, tal como hoje, não tive paciência para um material tão medíocre como “aura” e “brilho”.

— Isso são tretas, — retorqui. — Ormus não é nenhum deus com efeitos de luz funcionando a pilhas. O teu mal é que chegaste à Índia e apanhaste um caso sério de Sabedoria Oriental, também conhecida por guruzite, a doença mental que nos leva à morte. Eu bem te disse que não bebesses água sem ser fervida.

— E o teu mal, — disse ela soprando-me fumo para a cara — é que tu não és capaz de beber a puta da água sem que ela tenha fervido *um ano* pelo menos!

Ela apanhara a doença chamada Índia, que quase lhe foi fatal. Já tivera malária, febre tifóide, cólera e hepatite mas não perdera a fome pela Índia. Engoliu-a como se fosse um *snack* ordinário comprado à beira da estrada. Depois a Índia rejeitou-a com a mesma crueldade com que ela própria fora rejeitada pela Virgínia e pelo Estado de Nova York. Por essa altura ela já era suficientemente forte para aparar o golpe. Tinha Ormus e o seu futuro não estava nas mãos de ninguém. Podia retribuir golpes e sobreviver. Mas os seus anos de bom comportamento acabaram naquele instante. Depois, foi a instabilidade, tanto dela como do mundo à sua volta, e ela passou a ditar as suas próprias leis à medida que ia avançando. À sua volta não havia certezas, a terra tremia constantemente, as linhas de fissura atravessavam-na dos pés à cabeça e nos seres humanos as brechas acabam sempre por abrir, como rachas no solo sofredor.

\*

“*O Nadador*”, uma das últimas canções que Ormus Cama compôs para si e para Vina, foi gravado na ilha de Montserrat, junto a um vulcão que

rosnava baixinho. Tinha na cabeça, há vários dias, o ritmo pesado e o *riff em blues* da guitarra que comandam a canção. Acordara com ela a soar-lhe aos ouvidos, agarrou numa guitarra e num gravador a fim de a gravar antes que desaparecesse. O trabalho não estava a correr bem naqueles dias e as sessões no estúdio eram tempo perdido, cheias de tensão e de hostilidade. Por fim, ele acabou por mergulhar naquela atmosfera envenenada, voltar-se para o que estava a bloquear as coisas e pôr-lhe um freio, fazendo da disputa o seu assunto principal e assim nasceu aquela canção amarga e profética que fala de um amor condenado. Reservou para si alguns dos seus versos mais soturnos: “Atravessei a nado o Golden Horn até o meu coração rebentar. O que havia nela de bom afogou-se no que havia de mau.” Isto num tom arrastado e nasal que alarmou os seus admiradores e foi descrito por um crítico musical particularmente agressivo (que nisto coincidia com a opinião do pai do cantor, Sir Darius Xerxes Cama) como fazendo lembrar os balidos de um velho bode agonizante e provando que Ormus entrara em decadência ainda antes da tragédia final. Mas como ele a amava ainda — e mesmo nos seus piores momentos não podia negá-lo — deu-lhe a ela para cantar os seus versos mais exaltantes e cheios de esperança em contraste com o seu próprio desespero, versos tão sedutores como a canção de uma sereia; como se ele fosse ao mesmo tempo João e Paulo, simultaneamente amargo e doce.

*Na minha janela tenho uma vela acesa*, cantava Vina, mas não preciso dizer mais, sinto que a memória dessa canção mexe com as emoções de todos vós. *Volta para mim. Eu próprio não suporto ouvi-la*. Agora já não.

\*

O que há de melhor nas nossas naturezas afoga-se no que há de pior. Era a mãe de Ormus quem costumava dizer isto. Lady Spenta Cama no fim dos anos cinquenta caiu numa profunda tristeza, sob cuja influência se convenceu, blasfematoriamente, de que o Monstro da Mentira, Ahriman ou Angra Mainyu, estava a alcançar uma vitória sobre a Luz, sobre Ahura Mazda, a despeito das profecias dos grandes livros, o Avesta, o Yasma e o Bundahish. Sacerdotes com as suas vestes brancas eram, cada vez com mais frequência, convidados para o apartamento de Apollo Bunder, e traziam os seus fogaréis e cantavam cânticos solenes: “Ouvi com vossos ouvidos e vede as chamas brilhantes com os olhos do Espírito Superior.” Ardaviraf Cama, o filho silencioso de Lady Spenta, sentava-se junto dela e participava

desastradamente nos rituais do fogo, arvorando aquela doce expressão que lhe era tão característica; Ormus, contudo, nunca estava presente. E quanto ao seu marido, envelhecido, toldado pela bebida, a sua impaciência perante as orações da esposa só tinha aumentado com o passar dos anos. “Os malditos padrecas fazem com que a casa se pareça com o raio de um hospital”, resmungava ele, ao passar pela sala onde decorriam as devoções. “O maldito fogo vai acabar provavelmente por dar cabo da casa.”

A casa dos Cama estava realmente em perigo mas não por causa das chamas sagradas. No décimo aniversário da independência da Índia, Spenta recebeu uma carta de William Methwold, que era agora um Par do Reino, uma figura importante no Foreign Office, a desejar felicidades aos seus amigos “numa data tão auspiciosa”. Contudo a carta tinha também um objectivo menos auspicioso. “Se eu lhe dirijo esta carta a si, minha querida Spenta, em lugar de a dirigir ao meu Irmão D.X.C. é porque tenho, receio bem, desagradáveis notícias a dar-lhe.” A que se seguiam uma série de tortuosas considerações, digressivas e pouco amáveis sobre o assunto dos banquetes em que Lord Methwold tinha recentemente participado, em particular “uma ocasião bem agradável” envolvendo uma nova encenação da *Noite de Reis* em Middle Temple na própria noite do Dia de Reis. (Middle Temple é o lugar onde foi pela primeira vez representada a *Noite de Reis* nessa mesma data.) Seja como for — e, finalmente, Lord Methwold acelerava o seu discurso em direcção ao terrível assunto — ele tinha, por mero acaso, ficado ao lado do ilustre Juiz Henry Higham, por alcunha “O Enforcador”, que tinha sido companheiro de classe do “Irmão D.X.C.” e que, por alturas do brande, tinha revelado que, se é verdade que Sir Darius Xerxes Cama tinha sido um entusiástico devorador de jantares, era igualmente verdade que, nos seus estudos de Direito, “não tinha cruzado a meta”. Tinha chumbado nos exames finais e nunca tinha sido autorizado a advogar, “fosse em que circunstâncias fosse”.

Lord Methwold achava a acusação “quase impossível de acreditar”. Em Londres mandara fazer uma investigação e descobrira, com profunda consternação, que Henry Highman tinha falado verdade. — Só posso concluir, — escrevia ele — que os documentos de seu marido são falsos, falsificações da mais alta qualidade, devo dizer; que ele deve ter optado por praticar um abuso de confiança, assumindo que ninguém na Índia se daria ao trabalho de proceder às necessárias averiguações; e que, mesmo nesse

caso, não seria impossível, como sabe, nem sequer excessivamente dispendioso, comprar o silêncio de qualquer um, nesse grande país que é o seu e pelo qual nunca cessei de sentir a mais pungente saudade.

Lady Spenta Cama amava o marido apesar de tudo e era por ele amada. Ormus sempre achara que o fundamento da mútua afeição entre os seus pais era uma compatibilidade sexual que os anos nada tinham feito para desgastar. — Os velhotes estavam numa boa quase todas as noites, — dizia ele. — Todos nós tínhamos de fingir que não ouvíamos nada, o que não era fácil, porque eles faziam um barulho dos diabos, sobretudo quando o meu pai estava com os copos e insistia naquilo a que ele chamava a “posição dos ingleses”, de que, acho eu, a minha mãe não gostava nada. Aqueles gritos não eram de prazer, mas ela estava pronta a sofrer o que fosse preciso em nome do amor. — Depois de descobrir que Sir Darius construía sobre uma mentira toda a sua vida profissional e que era, às ocultas, um Servo da Mentira, Lady Spenta mudou-se para outro quarto e à noite o apartamento ficava cheio do triste silêncio daquele final infeliz. Nunca deu ao marido uma explicação para aquele abandono do leito conjugal e escreveu a Lord Methwold implorando, em nome de uma velha amizade, que guardasse o segredo do seu marido. “Ele já não advoga há muitos anos e, enquanto o fez, todos concordam que ele fez um óptimo trabalho, de modo que ninguém ficou prejudicado”, Methwold escreveu-lhe imediatamente a concordar: “com a única condição, minha querida Spenta: que continue a escrever-me e me dê notícias, já que não me sinto à vontade para escrever a D.X.C., sabendo o que agora sei.”

“Receio que eu própria esteja a cair num erro”, confidenciou tristemente Spenta a Lord Methwold, numa carta posterior. “Como Parsis, orgulhamo-nos de acreditar que o Cosmos está sempre a mover-se para a frente. As nossas palavras e os nossos actos são parte, ainda que pequena, da batalha em que Ahura Mazda vencerá Ahriman. Mas como acreditar na crescente perfeição do Universo se no meu próprio círculo existem tantas encostas escorregadias? Talvez os nossos amigos hindus tenham razão e não haja qualquer progresso, mas sim um ciclo eternamente repetido e que estejamos agora a atravessar a longa era das trevas, *kaliug*.”

Para combater as suas dúvidas e justificar o Profeta Zarathustra e a sua visão de um mundo renovado, Lady Spenta entregou-se com alma e coração a obras de caridade. Sob a tutela do Anjo da Saúde, a sua especialidade

eram as visitas nocturnas aos hospitais. Com o seu corpo pequeno e pesado, Spenta, frenética, com os seus óculos de tartaruga, um pouco inclinada para a frente, prosseguindo o seu caminho com a carteira firmemente agarrada nas mãos, tornou-se uma figura familiar sob o néon dos corredores da Maternidade e da Clínica das Irmãs de Maria Gratiaplena, sobretudo nos blocos dos cuidados intensivos e nas enfermarias reservadas aos doentes em estado crítico, aos incuráveis, aos acidentados em estado grave e aos moribundos. O corpo de enfermeiras destas instituições — mesmo a temível Sórora John — não tardaram em formar a mais favorável impressão acerca da boa senhora. Ela parecia saber intuitivamente quando era altura de tagarelar com os doentes — bisbilhotices acerca dos pequenos nadas de Bombaim, a mais recente butique, o último escândalo — e quando manter um silêncio total e reconfortante. Parecia ter aprendido qualquer coisa acerca do silêncio com o seu filho Ardaviraf. Virus Cama começou a acompanhar a mãe nestas visitas e a sua mudez tranquila também trouxe serenidade aos doentes. Profundamente impressionada com o que viu no hospital — casos de subnutrição, poliomielite, tuberculose e outras doenças ligadas à pobreza, incluindo os ferimentos auto — provocados dos suicidas falhados — Lady Spenta tornou-se, com a Senhora Dolly Kalamanja de Malabar Hill, a fundadora e impulsionadora de um grupo de senhoras parsis, cujo objectivo era aliviar o sofrimento na sua comunidade, que muitos julgavam exclusivamente composta de cidadãos poderosos e afluentes mas que, na realidade, sé estava a afundar em extremas dificuldades e até, em certos casos, na miséria. Sir Darius Xerxes Cama, cada vez mais afastado das realidades, reprovava os chás da manhã em sua casa, durante os quais as senhoras faziam os seus planos de recolha de fundos. — Mendigos idiotas... a culpa é só deles, — resmungava ele ao passar pelo salão como um fantasma. — Sem fibra, sem carácter. Maricas! Tenho muita pena mas é verdade. — As senhoras fingiam não o ouvir e continuavam com a sua obra.

Algumas pessoas maldosas diziam que as visitas de Lady Spenta Cama aos doentes eram em si mesmas uma doença, que pareciam uma obsessão e que ela ficara viciada em segurar na mão dos moribundos e em fazer o papel de grande senhora caritativa até à santidade. Eu não concordo. Se alguma crítica eu tivesse a fazer à enérgica campanha de Lady Spenta, diria só isto: a caridade começa em casa.

\*

Em 1947, com quinze anos de idade, Cyrus Cama fez a sua declaração de independência. Passara cinco anos no famoso — pelo espírito de disciplina que inculcava nos seus alunos e não só — Templars School na sucursal de montanha de Kodaikanal, como castigo por ter tentado asfixiar o seu irmão Ormus. Durante os primeiros tempos na escola dera sinais de ser uma criança mentalmente perturbada, capaz de usar de violência contra os camaradas e contra membros do pessoal. Mas outras vezes parecia completamente diferente, de uma doçura de carácter tão desarmante e tão cativante como o seu irmão Ardaviraf. Esta “segunda personalidade” trouxe-lhe mais vantagens do que a outra criança do mesmo género.

Sir Darius e Lady Spenta tinham escolhido a fórmula “todo o ano”, que permitia a Cyrus viver no Colégio tanto durante o tempo de aulas como nas férias, uma opção geralmente escolhida para os rapazes cujos pais estavam ausentes ou tinham morrido. Nos primeiros tempos a direcção do Colégio escreveu por duas vezes aos Camas pedindo-lhes que reconsiderassem a sua decisão, pois o rapaz parecia perturbado e ser-lhe-ia sem dúvida benéfico o ambiente familiar; mas Lady Cama, sobretudo, fora inflexível. — O pequeno precisa de uma mão de ferro, — escreveu ela — e o vosso Colégio gaba-se de possuir essa característica. Será que a vossa reputação é imerecida? — Sir Darius também era de opinião, à maneira inglesa, que o internato era sempre a melhor solução. Podemos explicar a dureza da decisão dos Cama pelo horror que os indianos em geral têm pelos problemas psiquiátricos e pelas doenças mentais, mas explicar uma atitude não é justificá-la.

Seja como for, depois da provocação de Lady Spenta, Cyrus passou a ser tratado com a máxima severidade. Os castigos corporais eram frequentes, prolongados e intensos. A sua resposta foi imediata. A violência cessou, o seu desempenho académico melhorou espectacularmente, Cyrus-o-Delinquente desapareceu e foi totalmente substituído por Cyrus-o-Encantador. Além disso, desenvolveu uma verdadeira paixão pela ginástica e boa forma física, tornando-se a estrela do ginásio, tão bom nas barras paralelas como no cavalo de arção e nas argolas. Os seus boletins escolares passaram a reluzir com o orgulho e a satisfação dos professores e Lady Spenta sentiu-se sem dúvida plenamente justificada.

Em Agosto de 1947 o Colégio estava em férias. Cyrus Cama permanecia

como residente, juntamente com meia dúzia de outros rapazes, sobretudo filhos de diplomatas cujos pais tinham recentemente tomado posse em vários pontos do globo. O assassinio em massa dessas crianças — asfixiadas na cama enquanto dormiam — foi uma atrocidade que em qualquer outra altura teria prendido a atenção de todo o país. Mas o rescaldo dos massacres da Partilha, com o contraponto dos delirantes festejos por ocasião da Independência, somado ao facto de estes crimes não terem tido lugar em Delhi, Calcutá ou Bombaim mas sim na obscura Kodaikanal, teve como resultado que as mortes passaram quase despercebidas na imprensa nacional, mau grado a importância das famílias das vítimas. Ao princípio, a desapareição de Cyrus Cama não o tornou suspeito. A tentativa de asfixia do pequeno Ormus fora um assunto de família que os Camas tinham guardado para si; e quando tiveram notícia daquela atrocidade, também não deram nenhuma informação à Polícia.

Pensou-se que Cyrus tivesse escapado ao assassino, caso em que estaria escondido algures, talvez ferido e certamente aterrorizado, e que viria a aparecer ao fim de algum tempo (o que não aconteceu); ou talvez tivesse sido levado como refém, caso em que se seguiria um pedido de resgate, a não ser que o seu corpo viesse a ser encontrado mais tarde (o que também não se verificou). As motivações do, ou dos, assassinos eram obscuras, mas aqueles eram tempos de crimes e mortes e o Departamento de Investigação Criminal de Kodaikanal, com os seus limitados recursos, não conseguiu estabelecer uma motivação.

“O Homem da Almofada”, como viria a ser conhecido o psicopata Cyrus Cama, assassino-em-série, era tão brilhante intelectualmente e tão fisicamente forte como o seu pai desejava que fossem todos os jovens parsis; foi além disso responsável por crimes de morte perpetrados nas semanas seguintes em Misore, Bangalore e Madras. Devido à localização dispersa dos crimes, à falta de um factor comum e aos tempos de angústia e nervosismo que se viviam, não foi detectada ao princípio nenhuma ligação entre estas mortes — embora o uso de um método idêntico para todas, asfixia com uma almofada, fornecesse um elo óbvio — e Cyrus não foi implicado. (Por esta altura a polícia de Kodaikanal inclinava-se para a teoria do refém — subsequentemente — assassinado e estava à espera que aparecesse o seu cadáver.) Por fim Cyrus não aguentou mais o anonimato e enviou a todos os chefes de polícia envolvidos no caso uma carta cheia das



gabarolices de um miúdo de quinze anos em que se auto-incriminava totalmente, insistindo em que nunca seria apanhado por aqueles palermas.

Quando Lady Spenta foi informada do sucedido, chorou lágrimas de sangue. — O que é a natureza humana? Como opor-se a tanta violência, tantas traições, tanto medo? — *O que há de melhor nas nossas naturezas afoga-se no que há de pior.* Então refugiou-se por uns tempos, como era costume na família, num silêncio sufocado, dele emergindo para declarar numa voz sem timbre que deixara de ter um filho chamado Khusro, aliás Cyrus Cama, e que o seu nome nunca mais deveria ser pronunciado na sua presença; o que Sir Darius Xerxes Cama confirmou com severidade. Cyrus Cama fora formalmente renegado. Sir Darius fez novo testamento deserdando o filho assassino. Virus, o seu irmão gémeo, aceitou tudo sem dizer palavra.

A técnica de Cyrus era usar do seu charme para seduzir as pessoas e matá-las depois. Parecia mais velho e sabia comportar-se como tal; e em sítios públicos respeitáveis, como cinemas, cafés, restaurantes, travava amizade com as vítimas — geralmente gente nova e estouvada com dinheiro para gastar — a quem ele dava a impressão de ser um rapaz invulgarmente bonito e original, com um intelecto excepcional. Perguntavam-lhe o que fazia ali um menino — bem Parsi, viajando sozinho no sul da Índia (naqueles tempos eram raros os indianos que viajavam por prazer no seu país, mesmo para ir a Kashmir); ele respondia numa voz bem modulada de colégio interno, elogiando a liberalidade dos seus pais, C.B. e Hebe Jeebeebhoy, de Cusrow Baag, em Bombaim, que achavam que um rapaz devia crescer sozinho e tinham acedido ao seu desejo de ver as glórias da nova Índia independente e de viajar sem companhia numa espécie de peregrinação, antes de ingressar na Universidade de Oxford, em Inglaterra, para cursar Direito no próximo ano. Regalava as suas vítimas com narrativas de viagens no grande subcontinente, descrevendo cidades rutilantes, cordilheiras que lembravam os dentes do diabo, rios espraiando-se em deltas infestados de tigres, templos perdidos em remotos milheirais, tudo isto com detalhes tão precisos que era impossível duvidar da autenticidade daqueles relatos — inteiramente fictícios. Ao fim do primeiro dia o intrépido viajante seduzira tão completamente os seus alvos que eles o convidavam para passar uns dias em sua casa.

Então ele hipnotizava-os, noite após noite, falando apaixonadamente,

eloquentemente, do “curto-circuito moral” dos nossos tempos, da “perda da noção da grandeza de alma” em todo o país, que ele tão dolorosamente testemunhara durante as suas jornadas, e do seu sonho de fundar um “movimento popular para a Salvação pela Força Espiritual deste pobre e ensanguentado país”. O seu carisma era tal, bem como a sua habilidade em reconhecer possíveis vítimas, que muitas começaram a ver nele uma espécie de novo chefe, um guru ou até um profeta e voluntariamente adiantaram somas substanciais para a fundação do novo movimento e a propagação das suas ideias; posto o que, ele ia visitá-los silenciosamente aos seus quartos de cama e deixava que as almofadas — que pareciam mover-se nas suas mãos com uma vontade própria — fizessem o seu trabalho, que era um trabalho útil porque gente estúpida não merece viver. Para se ser assassinado era preciso merecê-lo. (Descriçõeslouvaminheiras de Cyrus Cama tinham também sido encontradas nos diários dos rapazinhos que ele matara em Temple School, de cujo dinheiro alegremente oferecido ele se servira para financiar a fuga inicial.)

Mas Cyrus era dado a mudanças exageradas de disposição, mergulhando por vezes num mundo subterrâneo, negro e cavernoso de ódio por si próprio; e foi durante uma dessas crises, nos princípios de 1948, que ele regressou a Kodaikanal, entrou na esquadra de polícia e entregou-se ao oficial de dia aterrorizado, dizendo somente: — Não me importava de descansar um pouco, agora. — Aos dezasseis anos acabados de completar, confessou a responsabilidade exclusiva de um total de dezanove mortes por asfixia, foi considerado pelos tribunais como “profundamente perturbado, totalmente amoral e altamente perigoso” e foi levado para o norte para ser encarcerado para o resto dos seus dias “para protecção do público”, numa cela sem almofadas, na prisão de segurança máxima de Tihar, em Delhi. Ao fim de poucas semanas Cyrus causara uma impressão favorável aos seus carcereiros, que mencionavam efusivamente o seu bom senso, cultura, excelentes maneiras e enorme charme pessoal.

Era este o esqueleto vivo no armário da família e Ormus e mais uma coisa que ele tinha em comum com Vina: ambos tinham um assassino múltiplo na família.

Quando penso nos três irmãos Cama, vejo em cada um deles um homem que esteve encarcerado durante mais ou menos tempo, fechado no seu próprio corpo pelas circunstâncias. Uma bola de críquete enjaulou Virus no

seu silêncio, uma almofada calou a música em Ormus durante catorze anos; o afastamento e os castigos obrigaram Cyrus a esconder-se por trás duma mentira, uma entidade que ele roubara ao seu doce irmão gémeo e que era o oposto da sua. Cada um deles encontrou naquele exílio interno uma coisa diferente. Cyrus encontrou a fonte da violência, Virus a natureza da paz e Ormus, começando primeiro por sonhos e depois — a conselho de Vina — por aprender a escutar a sua voz interior, encontrou a sua arte.

Eram além disso, todos três, homens que atraíam seguidores. Cyrus tinha as suas vítimas, Ormus os seus fãs. E Virus atraía as crianças.

Pouco depois do memorável encontro entre Ormus e Vina no Rhythm Centre, o seu irmão Ardaviraf vagueava, como era seu hábito, no paredão que vai dar ao Gateway of India na hora fresca entre o fim da tarde e o cair da noite. Tinha começado nesse tempo a adquirir um séquito de miúdos da rua, que não lhe pediam esmola nem se ofereciam para lhe engraxar os sapatos, mas sorriam-lhe, simplesmente, na esperança (geralmente atendida) de que ele lhes sorrisse também. O doce sorriso de Virus Cama tinha-se tornado contagioso, espalhara-se a alta velocidade pela comunidade de rapazes da rua e aumentara vertiginosamente a sua fonte de rendimentos. Poucos visitantes estrangeiros podiam resistir à inocência cativante daquele sorriso. Mesmo os Bombainenses de longa data, empedernidos por anos de enxotar crianças, deixavam-se derreter e davam mão-cheias de *chavanni* de prata aos miúdos, que nem queriam acreditar.

É certo que havia alturas em que Ardaviraf Cama não sorria. Nesses momentos era assaltado por vagas de claustrofobia e de uma malevolência tão poderosa que tinha de se sentar no chão, ofegante. Pensamentos terríveis atravessavam-lhe a cabeça, vindos não se sabe donde. “Oito anos! Podes imaginar quanta amargura se pode acumular durante oito anos de cadeia, que ondas de vingança terão de ser libertadas para lavar tanta dor? Não tinha resposta para aquela pergunta e não queria tê-la. Mas sabia que o seu gémeo estava ainda vivo, louco, sonhando só com o dia inevitável da sua fuga. Virus fechou os olhos, respirou fundo e a sua comunicação com o Rapaz da Almofada, que agora teria vinte e quatro anos, terminou. As crianças cresciam à sua volta, oferecendo-lhe sorrisos que eram também seus. Ele sorriu-lhes. As crianças deram gritos de alegria.

*Quem é aquele homem? Quem pode esquecer o imortal Harpo e os seus pequenos seguidores em Um dia nas Corridas? Embora o vestuário habitual*

de Virus Cama fosse uma sahariana com um estampado de bom gosto e calças creme, as suas vadiagens rodeadas de maltrapilhos faziam-se sempre lembrar aquele amado génio, voluntariamente mudo, no seu chapéu amarrotado e guarda-pó andrajoso. A abundante trunfa encaracolada de Virus aumentava a sua semelhança com o sr. Adolph Marx... e talvez um daqueles garotos tivesse lançado um olhar ao velho filme, porque um dia esse rapazito aproximou-se de Virus, com um sorriso de orelha a orelha e uma cara estanhada e, sem uma palavra, estendeu-lhe uma flauta de madeira. Que Virus, intrigado, examinou. Levou à boca. E soprou.

Rw-it-tut-tut! A música estava no sangue de todos os rapazes Cama, incluindo o falecido Gayomart; o entusiasmo e a facilidade com que Ardaviraf se pôs a tocar flauta — instintivamente, com algumas inevitáveis hesitações mas no conjunto com uma fluência que roçava o milagre — dizia tudo sobre a dor causada pela longa ausência da música na sua vida. As notas fantasmagóricas da canção fizeram parar as pessoas que passeavam naquele fim de tarde. As crianças agacharam-se aos pés dele e os pássaros esqueceram-se de cantar. O som da flauta era como o choro da alma, talvez aquela alma na Ponte Chinvat à espera do julgamento. Ao fim de um tempo, quando a noite caiu e se acenderam as luzes da rua, Ardaviraf parou de tocar, com um ar aparvalhado e radiante. — Vá lá, senhor Virus, — pediu o rapaz que lhe dera a flauta — qualquer coisa de alegre. — Virus levou de novo a flauta à boca e tocou, com considerável entusiasmo os *Saints*. Agora já não era somente Harpo mas também o Flautista de Hamelin, conduzindo as crianças para parte nenhuma; e também o Rato Mickey no papel do Feiticeiro Aprendiz, rodeado pelas vassouras endemoinhadas de Walt Disney, porque a sarabanda dos miúdos formara uma espiral fora de qualquer controlo, girava à frente dos faróis de automóveis e scooters, como um rebanho tresmalhado até que os apitos dos polícias os fizeram desaparecer deixando Virus com a flauta na mão, envergonhado e cabisbaixo enquanto um sinaleiro de luvas brancas o admoestava acerca dos perigos de obstruir a circulação.

Na manhã seguinte, um domingo, Ardairaf Cama quebrou o embargo de dezanove anos que seu pai impusera à música e introduziu de novo a melodia no apartamento de Apollo Bunder. Enquanto Sir Darius se encontrava fechado na biblioteca e Lady Spenta num chá de caridade em casa de Dolly Kalamanja, Virus revistou o “boudoir” de sua mãe, encontrou

o que buscava numa cómoda em miniatura para jóias sobre a “coiffeuse”; bateu à porta de Ormus e, para espanto do irmão, mostrou-lhe um medalhão de prata contendo uma pequena chave. Mal podendo acreditar nos seus olhos, Ormus Cama seguiu docilmente o decidido Virus até à sala, onde o irmão silencioso tirou a capa que protegia do pó o piano de meia cauda há tanto tempo calado, abriu as teclas mágicas com a sua chave mágica, sentou-se ao piano e começou imediatamente a tocar uma das passagens mais conhecidas da música pop. Ormus sacudiu a cabeça, estupefacto: — Quando é que aprendeste a tocar Bo Diddley, — perguntou; não recebendo resposta, começou a cantar.

Entrada de Sir Darius Xerxes Cama tapando os ouvidos com as mãos, adernando para estibordo, seguido pelo mordomo Gieve que trazia um copo de whisky numa bandeja. — Pareces uma cabra a ser degolada, — gritou Ormus, numa imitação inconsciente de todos os pais que naquele mesmo momento, em todo o mundo, protestavam contra aquelas músicas do Demónio. Mas de súbito Sir Darius olhou para Ardaviraf e parou, desconcertado. Virus abriu um sorriso.

— Era por tua causa, — disse Sir Darius hesitante, — por causa do desastre que te aconteceu. Mas se queres, claro, não te posso impedir, não é verdade? Não posso recusar...

O sorriso de Virus alastrou. Naquele momento solene que assinalava o fim do seu poder patriarcal na sua própria casa, Sir Darius sentiu estremecer os músculos da boca, como se um sorriso estivesse a trepar-lhe pela cara acima como uma aranha, contra a sua vontade. Voltou as costas e fugiu. — Digam à mãe que eu fui para o clube, — disse ele por cima do ombro.

Virus começou uma cantiga nova — *Oh yeah, sou o Grande Fingidor*, — cantava ele, — *a fingir que já te esqueci.*<sup>30</sup>

\*

Com a língua desatada pelo seu irmão de língua atada, Ormus Cama começou finalmente a usar o seu dom prodigioso; porque desde o início ele foi um prodígio, só tinha que tocar num instrumento para se tornar um virtuoso, só tinha que experimentar um novo estilo de canto para o dominar completamente. A música fluía dele. Libertado, todos os dias se sentava ao piano ao lado de Ardaviraf, que sorria, e ensinava-lhe uma dúzia de novas canções. E quando ia visitar a Vina a Vila Trácia dedilhava, arranhava, esticava e fazia gemer as cordas da velha guitarra dele (Piloo Doodhwala

mandara-lhe as suas poucas coisas no dia seguinte àquele em que o seu ás fora batido pelo *joker* de Ormus) e a nossa casa também se encheu daquela música nova. Ao princípio Ormus tocava só as canções que ouvira a Gayomart em sonhos, com aquelas estranhas sequências de vogais que não faziam sentido para ninguém, ou fabricando com elas palavras sem nexo que destruíam completamente o misterioso poder da canção ouvida em sonhos:

“A ganja, meu amigo, batendo no sobrado; a ganja batendo no sobrado.”

E depois num diminuendo:

“A fada ardendo no pecado. A vaca crescendo no jardim. A ganja batendo no sobrado.”

— Ormus, por amor de Deus... — protestava Vina com um ataque de riso.

— São os sons que eu oiço, — respondia ele, embaraçado. — É difícil de perceber.

Após várias tentativas falhadas, concordou em seguir a onda do que estava a dar. Mas, obviamente, mil e uma noites depois *Voando lado a lado* surgiu na versão autêntica e Ormus gritava-me: — Estás a ver agora? Estás a perceber?

Estas coisas acontecem, não se pode negar; e sempre que uma das melodias de Gayomart Cama explodia do mundo dos sonhos para o mundo real, aqueles de nós que a ouvíamos numa primeira forma truncada e embrulhada em Bombaim, num palacete de Cuffe Parade, éramos forçados a reconhecer a existência de um condão mágico em Ormus.

Se ele teve oportunidade de cantar para Vina as suas outras criações, aquelas que ela o aconselhara a procurar, isto é, as suas próprias canções, a música que era só sua — nunca vim a saber. Mas foi durante estes anos de espera, em que ele compôs furiosamente, jorrando música como um rio sem barragens, que ele escreveu aquelas primeiras canções de puro amor. Eu não sabia o que era amar, escrevia ele, até ela voltar de Roma. Acreditava num Deus no céu/até ela voltar de Roma. (Bom, os factos não eram bem assim, mas a verdade tem de submeter-se à poesia.) E agora que estou na tua mão serei a pomba, tu o falcão. E não preciso de Deus no céu/agora que voltaste de Roma. E havia uma religiosidade maior ainda em *A Terra que Ela Pisa*, que era como uma antífona, uma oração de adolescente ajoelhado e feliz: Adorarei o que ela toca/As suas roupas, o banco da escola/O jantar com a família, o volante do carro/A terra que ela pisa.

Esta é a história de Ormus Cama, que descobriu a música antes do mais.

Os sentimentos de Lady Cama para com Ormus permaneceram, por assim dizer, em surdina. Mas Ardaviraf era o seu ai-Jesus e por isso, embora partilhasse a má opinião do marido acerca dos grunhidos e arquejos das, por assim dizer, “canções” de Ormus, não teve coragem de mandar calar os dois irmãos. O regresso da música a Apollo Bunder só aumentou a sua determinação em casar o filho mais novo o mais depressa possível. Desde que acabara o colégio com um boletim escolar que trouxera à família a vergonha e a desonra, Ormus ingressara numa vida de vadiagem, ocioso, sem objectivo, excepto em relação às raparigas. Os pais de algumas alunas da Cathedral Girl’s School tinham começado nos últimos tempos a queixar-se a Lady Spenta de que o filho costumava ir encostar-se a um muro mesmo em frente da saída da escola, palitando os dentes como quem não quer a coisa e fazendo girar as ancas, muito lentamente, evoluções que desviavam a atenção das raparigas e interferiam com os seus trabalhos de casa. Interrogado por Lady Spenta, Ormus não tentou negar a acusação. Desde sempre, o seu corpo inconscientemente, não podia aceitar responsabilidade por esse facto. Trazia música dentro da cabeça, acrescentou encolhendo os ombros, que o fazia mexer o corpo sem que ele desse conta nem soubesse porquê. Quanto ao que as raparigas pensavam do caso, não era nada com ele nem tinha culpa nenhuma.

— O rapaz parece ser um caso perdido, — disse Lady Spenta ao marido. — Não tem ambições, tem sempre uma resposta pronta, não tem nada na cabeça senão cantigas. Um inútil, é o que ele é, ainda vai dar em droga se não nos impusermos.

Persis Kalamanja era a solução. A rapariga era linda, tinha uma paciência de santa e mostrava todos os sinais de adorar Ormus. Além disso, os pais tinham dinheiro como milho. A reforma prematura de Sir Darius tinha produzido um rombo considerável na conta bancária dos Cama e — pelo menos na opinião de Lady Spenta — Ormus tinha a obrigação para com os pais de restaurar o bem-estar financeiro da família. Patangbaz Kalamanja, “Pat”, e a mulher, Dolly, vinham do Quénia mas tinham feito fortuna na Londres do após guerra, fabricando aparelhos de rádio baratos e despertadores sob o nome de marca *Dollytone* TM e, para diversificar, em agências de viagens, como Kalatours®, especializando-se nos voos entre os países da diáspora que então grassava na Índia. O negócio era próspero na

Inglaterra dos anos cinquenta e Pat Kalamanja foi obrigado a fixar residência em Wembley durante a maior parte do ano, mas Dolly sentia-se “totalmente ligada à mãe-pátria”: comprou uma das mais belas casas antigas de Malabar Hill ao velho Mr Evans da Bombay Company, gastou uma fortuna a desfigurá-la completamente, desenvolveu uma paixão pela respeitabilidade e cobiçava tanto para o seu marido o título de baronete de Sir Darius como Lady Spenta cobiçava para o filho o dinheiro de Pat Kalamanja.

— Já que ele gosta de cantar, — disse Lady Spenta ao marido sacudidamente, — tem os rádios da *Dollytone*. Se quer viajar, há viagens de negócios à farta. Além disso, há a ligação com a Inglaterra, — acrescentou ela, manhosa, sabendo o efeito que isto teria em Sir Darius, o superanglófilo.

Os olhos de Sir Darius brilharam. Concordou imediatamente com os planos da mulher. — As famílias mais antigas estão um pouco arredias por causa dos disparates do... de quem tu sabes (era o mais perto que ela se aproximava de mencionar os dezanove assassinatos de Cyrus Cama), de modo que estes Kalamanhas caem do céu, como a sopa no mel.

O problema era Vina. Tendo ouvido sua mãe, Ormus informou-a em tom solene que se tinha apaixonado inadvertidamente, pelo que o noivado com a bela Persis estava infelizmente fora de questão. Quando ele identificou o objecto da sua impensada afeição, a mãe — que julgara que aquele brilho novo no olhar de Ormus, a ligeireza do andar, o entusiasmo com que saudava cada novo dia, eram por causa de Persis e portanto o resultado da sua perspicácia de mãe — explodiu numa raiva incontrolável. — Seu diabo! Essa fedelha de doze anos sem um tostão e sem um lugar onde cair morta?! — guinchou ela. — Mete isto na cabeça: nem por sombras, meu menino!

Lady Spenta e Dolly Kalamanja combinaram proceder com os seus planos como se nada tivesse mudado. — Isso passa-lhe, — disse Dolly com convicção. — Os rapazes lá têm as suas coisas, antes e durante o casamento, mas isso não os impede de serem bons maridos. — Lady Spenta ficou um tanto chocada com aquela observação, mas calou-se muito bem calada.

Uns dias mais tarde, Persis e Ormus foram levados pelos respectivos pais a uma reunião organizada pelas duas famílias ao XYZ Milk Colony. Sugeriram-lhes que fossem dar uma volta sozinhos para ver as árvores e as



vacas e, quando já estavam fora do alcance de ouvidos indiscretos, a bela Persis, por quem muitos rapazes teriam dado a vida, começou a fazer perguntas acerca da sua jovem rival: — Ouve lá, podes falar comigo à vontade, que eu não fico zangada — disse ela. — Não te rales com o que as nossas mães querem. O amor é uma coisa importante que não suporta mentiras. — Ormus, embaraçado e confuso por uma vez na vida, confessou que não sabia como é que aquilo podia ter acontecido, mas a verdade é que naquele dia, na loja dos discos, encontrara a única mulher da sua vida por quem teria amor. Persis recebeu o golpe em cheio, abandonou logo ali toda a esperança, assentiu com um aceno de cabeça e ofereceu-se para ajudar no que fosse preciso. Desde aquele instante até aos dezasseis anos de Vina, Persis entrou com os dois numa conspiração que metia grandes e pequenas trapações. Para começar, declarou à mãe que não tinha a certeza de que Ormus Cama fosse propriamente uma dádiva dos deuses, que ela própria não era nada para deitar fora e não fazia intenção de aceitar cegamente a primeira coisa que a mãe lhe apresentasse; se tivesse que ser Ormus, então precisaria de um bom espaço de tempo para apreciar por si própria se seria mesmo ele a escolha que ela estava disposta a fazer, após pesar todos os prós e todos os contras. — Hoje em dia, estas raparigas, juro que são modernas demais — suspirou Dolly Kalamanja e teria tentado levar à força o casamento por diante, se Persis não tivesse pedido auxílio ao pai Pat que estava em Inglaterra: Patangbaz Kalamanja escreveu a Dolly que a sua rica filha não era para ser acasalada com o primeiro que aparecesse, a não ser que ela o quisesse, e ponto final no assunto! Dolly amuou, mas teve de aceitar um longo “pré-noivado”. Todos os meses, mais coisa menos coisa, Dolly queixava-se de que a filha estava a levar muito tempo para se decidir, ao que Persis invariavelmente respondia. — Casamento é para toda a vida e antes quero rir que chorar. — Persis, a Grande Fingidora... Todas as noites chorava até adormecer. Ormus e Vina estavam tão fascinados um pelo outro que nunca prestaram realmente atenção àquela linda rapariga que desistira da sua felicidade por causa deles. E contudo, de muitas maneiras, Persis era a verdadeira heroína daquela história de amor.

Contava à mãe que combinara encontrar-se com Ormus para tomar café, ou “no Willingdon para nadar umas braçadas e comer batatas fritas”; ou que ele a ia levar a uma das “jam sessions” muito frequentadas aos domingos de manhã e que se estavam a tornar populares em certos restaurantes de

Colaba; ou que havia “uma fitosa” para ver. — Um filme de amor? — perguntava Dolly toda excitada; e Persis dizia que sim, dando mostras de interesse. “*Love is a Many-Splendoured Thing*” — respondia ela, ou então “*An Affair to Remember*”<sup>31</sup>, e Dolly concordava: — Ótimo! Não saias do assunto! — E lá ia Persis no seu Industan Ambassador, descendo Malabar Hill a caminho do seu encontro sem futuro. Porque na verdade ela encontrava-se com Ormus no clube ou no restaurante ou no café ou no cinema mencionados; mas poucos momentos depois chegava Vina e Persis ia-se embora sem se despedir. Aquelas horas solitárias, em que percorria sozinha a cidade até poder ir para casa sem destruir o álibi dos namorados, eram como um buraco na sua vida, uma ferida pela qual se esvaía toda a esperança e toda a alegria. — Penso nesse tempo, em que servia de cobertura a Ormus, como sendo o caso de amor que nunca tive — escreveu-me ela.

— Dizia para comigo que estávamos juntos, ele ali mesmo ao meu lado, mas claro que não estava, era uma patetice minha. Não havia nada de esplendoroso. Nada digno de ficar na memória. Mas eu nunca pude esquecer.

*Entre o próprio e o outro, entre o visionário e o psicopata, entre o amante e a sua amada, entre o sobremundo e o submundo, fica a Sombra.*

Passou o tempo. Agora, nos seus sonhos, Ormus persegue ainda Gayomart através daquele Las Vegas do mundo subterrâneo mas por vezes, a maior parte das vezes, fica só diante de si próprio nas ruas de uma cidade desconhecida mas que lhe é familiar, ouvindo o que a sua própria imagem do sonho tem para lhe dizer. Ele ainda é novo.

O mundo não é cíclico, não é eterno nem imutável, mas está em constante transformação, sem nunca voltar atrás, e nós podemos ajudar a essa transformação.

Sobrevive, continua a viver, porque a terra pode parir maravilhas Pode devorar-te o coração, mas as maravilhas não param de acontecer. Perante elas deves estar recolhido, de cabeça descoberta. Só se te pede atenção.

As tuas canções são os teus planetas. Podes viver nelas, mas não te instales nelas. O que escreveres, perdes. O que cantas, é levado nas asas da canção.

Canta contra a morte. Domina a cidade selvagem.

A única liberdade é a liberdade de rejeitar. A liberdade de preservar é

perigosa.

A vida está noutra lugar. Atravessa as fronteiras. Voa para longe.

\*

Vina Apsara procura alguém a quem seguir e Ormus está aprendendo a mostrar o caminho. Lêem livros juntos, à procura de soluções. No princípio era a água e a vasa, lê Vina em voz alta. Daqui nasceu o Tempo, uma cobra de três cabeças. O Tempo fez o ar dourado e um abismo hiante e no ar pendurou um ovo de prata. O ovo rachou-se, etc. A parte que interessa Ormus é a natureza dupla do homem. Que é a um tempo Titânico e Dionisíaco, terreno e divino. Através da purificação, do ascetismo e dos rituais podemos eliminar o elemento Titânico podemos lavar-nos do que é terreno, físico. A carne é fraca, é vil, contaminada e corrupta. Devemos livrar-nos dela. Devemos preparar-nos para nos tornarmos divinos.

Não! — grita Ormus. Estão nos Jardins Suspensos, rodeados por elefantes de buxo e gente que passeia, e o seu grito chama a atenção. Ele baixa a voz. O contrário é que é verdade. Devemos desfazer-nos do divino e preparar-nos para entrar totalmente no carnal. Devemos desfazer-nos do naturalismo e preparar-nos para entrar totalmente naquilo que nós próprios construímos, o que é feito pelo homem, o artificial, o artifício, o construído, o truque, a piada, a canção.

Sim, murmura ela. A carne. A carne viva.

A aparência é a realidade. O mundo oculto é uma mentira.

Há aqui várias contradições. Embora Vina acredite em Ormus com toda a força da sua necessidade em acreditar, com a força da necessidade que ela tem dele, ela sente obscuramente que existe outro lado, não só na sua natureza, mas também na natureza dele. Porque ela é — e será — Dionisíaca, divina, e ele também o é — e será. Hão-de enlouquecer o mundo de desejo, com música, deixando atrás de si um rasto de destruição e de deleite. O prazer terá a ver com a razão ou com os sonhos?

Ela pergunta: porque é que procuras o teu irmão nessa casa do sonho?

O meu irmão morreu, grita ele, fazendo virar mais cabeças. Não o metas nisto. O meu irmão Gayomart nunca chegou a viver.

Toca-me, suplica ele. Abraça-me, pega-me na mão.

Ele não quer. Fez um juramento.

Ele não pode tocar-lhe. Ela não é uma criança, nem por sombras, e contudo é uma criança. Nos seus sonhos, e nas suas visões quando está

acordado, ele vê o corpo dela crescer, os seios começarem a despertar e a florir, o aparecimento da pilosidade e do sangue vermelho que lhe mancha as coxas. Sente-a mover sob a sua mão, sente-se a si próprio ficar tenso ao toque dela, áspero e terno. Nos seus pensamentos mais íntimos torna-se um voluptuário, um criminoso, uma fera, mas no mundo real — que todos os dias lhe parece mais irreal — ele é, pela primeira vez na vida, um perfeito cavalheiro.

Vina costuma gabar a sua proeza: — Ele esperou por mim. — Fá-la orgulhar-se dele, mas também de si própria. De ser digna de um amor tão sério. (Eu também esperei por ela, mas de mim nunca ela se gabou.)

A mancha na pálpebra de Ormus está dorida. Nele, lutam a mãe e o pai, os anjos e os mistérios de Lady Spenta e o racionalismo apolónico e cheio de bazófia de Sir Darius. Embora também se possa dizer que Lady Spenta luta através das suas obras de caridade contra o mundo real, as suas doenças e a sua crueldade, enquanto Sir Darius, afundado no irrealismo da sua biblioteca, vai vivendo vidas múltiplas.

Dentro de Ormus lutam também os seus irmãos vivos, a violência e a serenidade. O gémeo morto vai desaparecendo.

A razão e a imaginação, as duas luzes, não têm uma coexistência pacífica. São ambas luzes poderosas. Juntas ou separadas, podem cegar-nos.

Há gente que vê bem de noite.

\*

Ao vê-lo crescer, ao escutar a luta dos seus pensamentos, ao sentir a angústia dos seus mais controlados desejos, Vina vê à roda dele uma luz. Talvez seja o futuro. Ele ficará banhado em luz. Ele será o seu amante perfeito. Ele comandará multidões.

Mas ele também é frágil. Sem o amor dela, Ormus ficará alienado até morrer e não encontrará o seu caminho. A ideia de família, de comunidade está quase morta nele. Só existem o silencioso Virus e as suas sessões de piano. Fora disso, ele está completamente desligado, cortado de tudo, como um astronauta que se afasta, flutuando, da sua cápsula espacial. É como um vagabundo que só reconhece os sons vocálicos da música barata, que produz sons sem sentido. Pode facilmente tornar-se um falhado. Pode nem chegar a ser uma pessoa.

\*

Conta-se que quando Kama, o deus do amor, cometeu o crime de tentar

trespassar Xiva com uma seta de amor, o Grande Deus reduziu-o a cinzas com um simples raio. A esposa de Kama, a deusa Ratî, intercedeu por ele e Xiva deixou-se comover. Ao invés do mito de Orfeu, foi a mulher que intercedeu junto da divindade e trouxe o Amor — o próprio Amor! — de novo à vida... Do mesmo modo Ormus Cama, banido do amor pelos pais que ele não tinha conseguido atingir com a seta do amor, é feito mirrar pela sua falta de afecto e trazido de novo por Vina ao mundo do amor.

Ele agarra-se desesperadamente a ela, sem lhe tocar. Quando se encontram, murmuram, gritam, fazem as pazes. Cada um deles é Pigmaleão, ambos são Galateia. São uma só entidade em dois corpos: macho e fêmea constituídos por eles próprios. És toda a minha família, diz ele a ela. A minha única terra. São fardos pesados, mas ela arca com eles de boa vontade, pede mais e, a seu turno, carrega-o com fardos idênticos. Ambos foram danificados, ambos são capazes de reparar o dano. Mais tarde, ao entrar naquele mundo de gente destruída, o mundo da música, já terão aprendido que essas lesões são a condição normal da vida, tal como a proximidade da borda que se esboroa e o chão onde se alargam as fissuras. Nesse inferno, achar-se-ão em casa.

---

[26](#) Jogo de palavras com “goats” (cabras) e “ghosts” (fantasmas) que tem um som semelhante. (N. T)

[27](#) Instrumento indiano de cordas parecido com a citara. (NT.)

[28](#) Ilusão, na filosofia hindu; nomeadamente o mundo dos sentidos, que é considerado ilusório. (N.T.)

[29](#) Capital de Verão da União Indiana, célebre pelos seus Jardins Flutuantes. (N.T.)

[30](#) “Oh, yes, I’m the Great Pretender, pretending that I’m over you.”  
Extraído de *The Great Pretender*, 1955, letra e música de Buck Ram.

[31](#) Filmes exibidos em Portugal com os títulos “A Colina da Saudade” e “O Grande amor da minha vida”. (N.T.)

## Capítulo 6 DESORIENTAÇÃO

No Outono de 1960, quando Vina Apsara estava prestes a chegar à idade mágica dos dezasseis anos, Sir Darius Xerxes Cama fez finalmente a viagem a Inglaterra com que sonhava há tantos anos. Nestes últimos tempos Sir Darius cedera aos pedidos de sua mulher e retomara os seus estudos dos mitos indo-europeus. (Lady Spenta esperava que o ruinoso vício do marido pelo whisky fosse substituído por um vício mais antigo e mais respeitável.) Uma nova geração de eruditos europeus, incluindo alguns jovens e brilhantes ingleses, dedicava-se agora a desmentir aquelas injustas conotações Nazis, trazendo novos níveis de sofisticação ao que parecia ser os primeiros passos de Muller, Dumézil e outros. Na sua biblioteca, Sir Darius tentou contagiar Lady Spenta com o seu entusiasmo por esta nova linha de pensamento, que tão útil fora para alargar e refinar o entendimento de “soberania”, “força física” e “fertilidade”, os três principais conceitos da noção indo-europeia do mundo. Mas assim que começou a desenvolver a nova e excitante ideia que cada membro da tríade conceptual funcionava também como um subconceito dentro de cada categoria, o corpo pesado de Lady Spenta pareceu desfazer-se languidamente como numa espécie de gelatina. Sir Darius, prosseguindo, insistia que a “soberania” devia agora subdividir-se em “soberania dentro da soberania”, “força dentro da soberania” e “fertilidade dentro da soberania”; enquanto a “força física” e a “fertilidade” deviam, pela mesma ordem de ideias, tripartir-se. “Dói-me a cabeça” — comentou a gelatina e esgueirou-se dali para fora o mais depressa que podia.

Sir Darius, com efeito, afastou-se do whisky. Mas o seu desgosto quanto àquilo que lhe parecia o declínio generalizado da cultura não diminuiu. Pensando para consigo mesmo, Sir Darius deu em matutar em como as suas próprias circunstâncias familiares reflectiam esse declínio. Como chefe de família, a soberania dentro da soberania era o seu pelouro por direito próprio, tanto no seu aspecto mágico, aterrador e remoto, como no significado jurídico e familiar da palavra; mas enquanto se tornara efectivamente remoto em relação aos filhos, seria difícil alguém considerá-lo minimamente mágico ou aterrador. Quanto à “força dentro da soberania”, que ele interpretava como sendo a protecção da família, da sua solidariedade e continuidade, especialmente para com os seus membros

mais novos, os “guerreiros”, ninguém podia tomá-la a sério. — Descemos tão baixo, — pensou ele — que nos encontramos atolados na subsecção inferior do terceiro conceito, “a fertilidade dentro da fertilidade” o que, no nosso caso, não é mais que indolência, sonhos e música.

Mas os esforços académicos de Sir Darius foram reconhecidos: um artigo assinado por ele, “Enviado a Coventry” ou “Haverá uma Quarta Função?” — foi aceite e publicada na conceituado *Relatório da Sociedade de Estudos Euro-Asiáticos* e ele foi convidado a ir lê-lo e comentá-lo, sob a forma de uma conferência, na reunião anual da sociedade em Burlington House. O assunto da conferência era o hipotético “quarto conceito” da “exterioridade”, a condição de leproso, pária, banido ou exilado, noção cuja necessidade ele intuía há já algum tempo; as provas a favor da sua teoria iam desde os Intocáveis sem casta, na Índia (os Harijano de Gandhi, os Dalits de Ambedkar), até ao julgamento de Páris: pois não era o próprio Páris a personificação do Outro, neste mito tão vitalmente significativo? Como alternativa, o Outro seria a deusa Discórdia, que oferecia a maçã de ouro. De qualquer forma, o exemplo mantinha-se.

Agora que já não bebia, o terrível segredo de Sir Darius começava a atezaná-lo com mais força ainda, tanto quando estava acordado, como durante os seus sonhos repetidos com a figura nua do Escândalo na pura mansão branca: e a convicção, cada vez mais forte, de ser ele próprio um pária como aqueles sobre quem escrevia, ou de poder vir a sê-lo, caso a sua grande Mentira se tornasse conhecida, davam ao seu trabalho uma tal paixão que as palavras pareciam arder nas páginas escritas. Era agora um velho senhor isolado. Nem as consolações da Maçonaria estavam ao seu alcance: os membros indianos da Ordem tinham-se afastado com o fim do Império e Sir Darius deixara há muito de participar nas reuniões cediças que continuavam a ter lugar numa nova Loja tão miserável e mesquinha como a velha Loja fora magnificente. (Nos últimos tempos pensara muitas vezes no seu amigo há tanto esquecido, seu irmão na Maçonaria e parceiro de *squash* Honi Catrack, sugerira até a sua mulher que convidassem o tipo e renovassem a velha amizade: ao que Lady Spenta se viu obrigada a responder lembrando-lhe, com alguma cautela, que Catrack tinha morrido, abatido a tiro em circunstâncias que tinham dado brado, juntamente com a amante no seu ninho de amor por um oficial de marinha, traído mas pouco pacífico. O caso passara-se há já três anos e enchera os jornais durante

meses, mas Sir Darius por qualquer razão não tinha reparado.)

O convite para ir a Inglaterra prometia ser o fim daquela vida de sombra, em que ele perpassava pelos bastidores de acontecimentos em que não tomava parte. — E está lá Methwold! — disse ele a Lady Spenta, numa animação súbita. — Que bons tempos vamos passar! As charnecas, a urze, a caça ao tetraz! O Athenaeum! O mel inglês! Que pândegas!

Lady Spenta mordeu os lábios. A anglomania de Sir Darius intensificara-se com a passagem dos anos. Passava a vida a elogiar o “Reino Unido” pela elegância com que deixara de ser “O Império” e pela “garra” com que aquela nação destruída pela guerra conseguira levantar-se de novo. (Não fazia nenhuma menção do Plano Marshall.) Em contraste, censurava constantemente a Índia pela sua “imobilidade” e o seu “atraso”. Escreveu inúmeras Cartas ao Editor troçando dos Planos Quinquenais. “De que servem fábricas de aço, se continuamos afundados na ignorância da nossa natureza?” — ralhava ele. “A grandeza da Grã-Bretanha baseia-se firmemente nos Três Conceitos”... As cartas não eram publicadas, mas ele continuava a escrevê-las. Por fim, Lady Spenta já não se dava ao trabalho de as mandar pelo correio: destruía-as às escondidas, para ele não ficar vexado.

E por que é que William Methwold deixara de lhes escrever? Sir Darius fazia esta pergunta frequentemente, sem saber que Lady Spenta podia responder-lhe, se quisesse. — Talvez seja por causa das minhas investigações — aventava Sir Darius. — Provavelmente sente-se desconfortável devido ao velho estigma ligado ao assunto. Da próxima vez que jantarmos juntos, eu ponho-o no bom caminho.

— Vai tu, se quiseres. Eu cá não vou — declarou Lady Spenta. Sem saber como avisá-lo da humilhação que o esperava na sua amada Inglaterra, ela decidira não assistir ao desastre. Sir Darius partiu numa Super Constellation da BOAC trajando uma camisa de cerimónia de algodão egípcio de colarinho e punhos engomados, e um fato completo do mais fino *worsted* com uma *chatelaine* de ouro sobre a barriga. Lady Spenta viu no seu rosto a mesma trágica inocência dos cordeiros a caminho do matadouro. Mandara a Lord Methwold uma carta em que lhe suplicava que “fosse amável, se pudesse”.

Methwold não foi amável. Apesar das cartas urgentes de Sir Darius e do pedido particular de Lady Spenta, não foi receber o amigo ao aeroporto de



Heathrow, nem mandou ninguém, nem o convidou para ficar em sua casa, nem para o instalar no seu clube. Lady Spenta tomara a precaução de pedir a Dolly Kalamanja para mandar o marido ao aeroporto e assim, foi a cara redonda e jovial de Patangbaz que acolheu Sir Darius no barracão improvisado das chegadas (o aeroporto naquele tempo ainda estava em construção e as instalações para os passageiros eram bastantes piores que as do aeroporto de Santa Cruz em Bombaim). Sir Darius apareceu, abatido e desfigurado ao fim de uma viagem extenuante e dum interrogatório não menos extenuante pelos funcionários da imigração que não pareceram minimamente impressionados pelas suas explicações, pelas suas credenciais ou mesmo pelo seu título de baronete, que eles trataram com extremo cepticismo. As suas repetidas referências ao eminente Lorde Methwold só tiveram como resultado alguns risos disfarçados. Após horas de interrogatório, Sir Darius acabou por ser admitido em Inglaterra, em estado de completa confusão e desilusão.

A casa de Pat Kalamanja em Wembley era uma enorme mansão suburbana em tijolo vermelho equipada de falsas pilastras e colunas pintadas de branco para lhe dar um ar mais elegantemente clássico. Kalamanja era um homem afável, bem disposto, ansioso por honrar devidamente o pai do seu futuro genro, mas extremamente ocupado, de modo que apesar de Sir Darius dispor da casa toda durante todo o tempo, não falou com o seu anfitrião senão durante algumas refeições tomadas à pressa. Durante estes breves encontros, Sir Darius estava tenso e preocupado. Ao pequeno almoço, Pat Kalamanja, magnate até à ponta das unhas bem tratadas, e pouco à vontade com conversas de chacha, fez o que achou melhor para pôr o seu hóspede à vontade: — O novo nababo de Patandi: Que grande jogador de críquete! — Os Blanchflower Hotspurs: Bela equipa de futebol! — Ao jantar fez comentários políticos. Nas eleições americanas que se avizinhavam, o sr. Kalamanja era fortemente a favor de Richard M. Nixon, por causa da “maneira sem rodeios” como ele falara com o “camarada Khrushchev” durante uma visita a uma cozinha-modelo na Feira Industrial de Moscovo. — Esse Kennedy? É muito bonitinho, deve ser cheio de truques, que é que acha? — Mas os pensamentos de Sir Darius não estavam ali.

Passava os seus dias vazios a telefonar ao seu amigo Methwold sem resultado, mandando telegramas com resposta paga que nunca receberam

resposta e até, numa ocasião, fazendo a longa viagem de autocarro e metro até à porta da mansão Methwold, em Campden Hill Square, a fim de deixar uma longa e lamentosa carta recriminatória. Por fim Lord Methwold entrou em contacto, sob a forma duma curta nota em que convidava Sir Darius a encontrar-se com ele na manhã seguinte no pátio do Middle Temple<sup>32</sup> “de que sem dúvida terá recordações que poderá querer reviver”.

Foi o bastante. Sir Darius Xerxes Cama percebeu tudo. Perdeu o ânimo e ficou completamente vazio de conteúdo. Quando chegou a casa nessa noite, o sr. Kalamanja encontrou o salão às escuras e o seu hóspede enterrado num cadeirão ao lado da lareira apagada com uma garrafa vazia de Johnnie Walker rebolando aos seus pés. Pensou o pior até que ouviu Sir Darius gemendo enquanto dormia, como uma alma presa na tenaz em brasa do demónio. Em sonhos, Sir Darius abandonava-se nos braços do Escândalo. Sentia o corpo a arder, consumido pela desonra e pela vergonha e gritava com todas as suas forças. Patangbaz Kalamanja correu a abraçá-lo. Sir Darius acordou a tremer, de olhos vermelhos, empurrou para o lado o bondoso Pat e fugiu da sala. Na manhã seguinte, com ar desfeito, pediu a Kalamanja que, através da sua agência de viagens, lhe arranjasse um voo de volta a casa o mais cedo possível. Não deu explicações e o seu anfitrião não tinha a intimidade suficiente para lhe fazer perguntas. Sir Darius voltou para Bombaim sem ter visto William Mathwold, sem fazer a sua conferência sobre a Quarta Função e sem mais nenhuma ambição na vida a não ser morrer em paz — mas também isso lhe seria negado. De volta a casa, desenterrou do cofre de aço o que tinha de mais valioso, os preciosos documentos referentes à sua nomeação como cavaleiro, que ali tinham estado fechados a sete chaves há várias décadas, e devolveu-os ao Consulado Britânico em Bombaim. A sua história terminara. Fechou-se na biblioteca com uma garrafa e aguardou o fim.

\*

Quando saímos de casa, não é só para vivermos a nossa vida mas também para evitarmos o espectáculo dos nossos pais a perderem o fôlego. Não queremos ver as consequências das suas histórias e das suas naturezas tolhendo-lhes o passo e acabando por vencê-los, a vida fechando sobre eles a sua armadilha. Quando chegar a nossa vez, também os nossos pés de barro nos trairão. A vida desmistifica-nos a todos. A terra está hiante. Pode esperar. Tem todo o tempo.

\*

A minha família foi destruída por duas visões: a visão de minha mãe dos “arranha-céus”, exclamações gigantescas de aço e betão que destruíram para sempre a sintaxe calma da velha Bombaim e a fantasia de meu pai em ter uma sala de cinema. A grande desgraça de Vina Apsara foi de criar raízes em nós e idealizar os meus pais como os arquitectos de um lar feliz de conto de fadas, no preciso momento em que o nosso pequeno clã começava a desmoronar-se. — Rai, — disse-me ela um dia — és um sacana cheio de sorte, mas também és um tipo porreiro, porque não te importas de partilhar a tua felicidade.

Mas a felicidade acaba-se. Os meus pais tinham caído dos seus pedestais muito antes da morte. É fácil de estabelecer a lista dos seus pecados. A grande fraqueza do meu pai era o jogo, em que perdeu fortes somas de dinheiro. Por volta de 1960 as suas perdas já tinham ultrapassado as montanhas de fósforos e tinham-se transformado em dívidas bastante mais difíceis de pagar. Perdia às cartas, às apostas nos cavalos, aos dados e tinha, além disso, caído nas garras de um “*bookmaker* privado” que se chamava a si próprio Rajá Jua porque “a Sorte é Rainha de tudo e devemos-lhe respeito e obediência” e que proporcionava aos jogadores mais inveterados de Bombaim apostas acerca de tudo o que lhes passasse pela cabeça: o resultado do julgamento de um crime de morte, as probabilidades de uma invasão de Goa pela Índia, o número de nuvens que cruzavam o céu a ocidente numa dada tarde, o rendimento em grosso da primeira semana crucial de um filme em estreia, o tamanho dos seios de uma bailarina. Mesmo o antigo jogo da chuva, *barsaa-ka-satta*, que consiste em apostar quando é que chegam as chuvas e que quantidade vai cair, era um jogo em que o príncipe dos *bookmakers*, Rajá Jua, oferecia luta. Bombaim sempre foi uma cidade de grandes jogadores. Mas o meu inocente pai, VV. Merchant, era o rei dos depenados.

Quando a minha mãe, o seu cinismo, que em tempos fora só uma pose, a sua defesa de idealista contra a corrupção que a rodeava, tinha acabado por corroer os seus princípios de juventude. Acuso-a de não se importar de destruir o que era belo em benefício do que era lucrativo e de classificar ambas as coisas de “ontem” e “amanhã”. Esteve à frente do lobby dos construtores que fizeram tudo para liquidar o projecto da “segunda cidade”, uma Nova Bombaim do outro lado do porto, a favor de esquemas de lucros

mais imediatos que metiam expropriações de terrenos em Nariman Park e — acredite-se ou não! — em Cuffe Parade. Foi esta última perspectiva que horrorizou Vivvy Merchant. Meu pai toda a vida se debatera interiormente entre o seu amor pela história e pelas glórias da velha Bombaim e o seu empenho profissional no futuro desenvolvimento da cidade. A perspectiva da destruição do mais belo troço de faixa marginal da cidade empurrou-o para uma oposição permanente, mas infelizmente silenciosa, a sua esposa. Silenciosa porque Ameer continuava a ser uma mulher que não suportava qualquer crítica. A mera sugestão de que ela pudesse estar a agir de forma incorrecta teria sido o bastante para desencadear uma trovoada de choros e uma discussão que só acabaria quando ele se humilhasse e concordasse que a tinha ofendido mortal e cruelmente, e que a sua inocência ferida justificava lágrimas copiosas e o maior ressentimento. Inibido de conversar com ela acerca das suas próprias preocupações, V.V. Merchant via-se obrigado a seguir os ditames da sua natureza e entregar-se às suas escavações.

Era-lhe tão fácil escavar nas pessoas como na areia. Ao escavar em mim, à medida que eu ia crescendo, ele descobriu um dos meus segredos. — Esse teu gosto pela fotografia, — disse, empregando por uma vez palavras simples e curtas, — é com certeza muito apreciado pelas raparigas bonitas? — Eu tive vergonha de responder: é, pai, mas a questão não é essa. A sua *Paillard Bollex*, a sua *Rolleiflex* e a sua *Leica*, a sua colecção dos trabalhos de Dayal e Haseler, isso é que foi a minha inspiração. E a fotografia também é uma espécie de escavação. Mas não disse nada daquilo que ele teria ficado tão orgulhoso de ouvir. Limitei-me a dizer parvamente — É sim, papá. — Ele retraiu-se um pouco, sorriu vagamente e virou-me as costas.

Mas quando escavou na minha mãe, não virou as costas. Continuou até desenterrar o que havia de a destruir; e assim se destruiu a si próprio.

Quando a esse elefante branco, do mais branco que há, o cinema Orpheum, em que enterrou todo o capital da empresa com uma espécie de zelo desesperado que nem Ameer foi capaz de refrear — não teria sido uma forma suicida de resposta a sua mulher e ao seu grupo de vândalos futuristas? Na sua visão do edifício, ele apareceu-lhe como um templo Art Déco dos anos sessenta, ao mesmo tempo um tributo ao período de ouro da cidade e uma Mecca para ganhar dinheiro com a turba louca de fanáticos do

“nimas” da nossa cidade. Mas também isto foi uma espécie de aposta que acabou o pior possível. Os custos da construção subiram em espiral, os pedidos de empréstimos fugiram a qualquer controlo e a desonestidade dos subempreiteiros resultou no emprego de materiais e acabamentos muito abaixo do que fora especificado. Inspectores municipais, subornados por donos de cinemas rivais, foram empatando as autorizações necessárias e embrulhando o projecto nas teias da burocracia. Ameer, ocupada noutros projectos, deixou o Orpheum entregue a Vivvy, o que veio a ser fatal. Por fim, as dívidas de jogo de Vivvy obrigaram-no a oferecer a Rajá Jua as acções do novo cinema como garantia. Nesse tempo ainda não sabia o nome do homem para quem esse Jua trabalhava.

\*

Quando fiz treze anos o meu pai ofereceu-me uma máquina fotográfica de qualidade, uma *Voigtländer Vito CL*, com medição de luz automática e um suporte de encaixe para *flash*; as primeiras fotos que tirei foram de Vina Apsara a cantar. Era melhor do que o Radio Ceylon. Quase todas as noites juntávamo-nos à volta dela e ela soltava aquela voz perfeita, que se tornava mais forte e mais rica todas as semanas, a um tempo sabida-e-quase-obscena e pura como um anjo. Aquela voz começara o seu caminho para a eternidade. Ouvir Carly Simon cantar *Bridge Over Troubled Water* é compreender tudo o que Guinevere Garfunkel trouxe àquela parceria. O mesmo se passava nos grandes dias dos VTO. Há grupos que são verdadeiras máquinas, grupos que merecem o respeito da gente da música, grupos que enchem estádios, grupos que pingam sexo; grupos transcendentais e efémeros, grupos masculinos e grupos femininos, grupos de efeitos baratos e grupos de ineptos, grupos de praia e grupos para ouvir na estrada, grupos de Verão e grupos de Inverno, grupos para fazer amor e grupos que nos obrigam a saber de cor as letras de todas as canções que tocam. A maioria dos grupos é um horror e se houver extraterrestres de outras galáxias a ouvir as nossas ondas de rádio e TV devem estar quase doidos com o alarido. E em todo este meio século de história da música *rock* existe um pequeno número de grupos, tão pequeno que se podem contar pelos dedos da mão, que nos entram pelo coração e transformam a nossa maneira de ver o mundo, de dizer e entender a verdade, mesmo quando já formos velhos e surdos e tontos. No nosso leito de morte havemos de ouvi-los cantar para nós enquanto deslizamos pelo túnel abaixo

até à luz: Shh... sha-sha... Sha-la-la-la-la... Shang-a-lang, Shang-a-lang... Sh-boom... Shoop... Shhh... — Está tudo acabado.

Os VTO eram um desses grupos. Ormus tinha a visão, mas Vina é que tinha a voz e era a voz que fazia tudo, é sempre a voz, o ritmo chama a atenção e a melodia fica na memória mas é a voz que nos deixa indefesos, o cantor diabólico, o muezzin profano, o canto da sereia que sabe o caminho directo para o centro do ritmo, a alma. “Há um país com que eu sonhei, numa canção de embalar.” “Vem ter comigo, meu amor melancólico.” “O meu amor é fundo como o rio, alto como a montanha.<sup>33</sup>” Não importa qual é a música. Não importa de quem é a voz. Quando ouvimos aquilo — e só aquilo — estamos feitos, acreditem. É o fim, a não ser que se esteja amarrado, como Ulisses, ao mastro do navio e com os ouvidos tapados com barro. De outro modo, estamos fritos.

\*

Penso agora que era o canto de Vina que nos mantinha juntos naqueles tempos. Ela era o nosso rochedo, e não o contrário. Enquanto V.V. se ia afogando em dívidas e ao mesmo tempo investigava secretamente as actividades da sua mulher, formando um espesso dossier acerca das suas manipulações ilegais da gente importante da cidade; enquanto, em suma, uma bomba-relógio contava os minutos debaixo das nossas vidas, Vina cantava para nós e lembrava-nos que existia o amor.

Como é intensa a visão da infância! Somos todos fotógrafos, em criança, sem precisar de máquinas fotográficas, imprimindo as imagens nas nossas memórias. Lembro-me dos nossos vizinhos de Cuffe Parade, as suas pretensões, os seus matrimónios felizes ou infelizes, as suas disputas, os seus automóveis, os seus óculos de sol, as suas malas de mão, os seus sorrisos amarelos, as suas amabilidades, os seus cães. Lembro-me dos fins-de-semana com estranhos passatempos importados do estrangeiro. Os meus pais jogando golfe no Willingdon, o meu pai fazendo o possível para perder para que a minha mãe mantivesse o seu bom humor. Lembro-me de alguns Navjotes<sup>34</sup> passados a empifrar-me de comida servida sobre folhas de bananeira, vários Holis<sup>35</sup> ensopados de cor e pelo menos uma visita ao recinto gigante de oração em Big Eid, que me ficou na memória por ser tão raro. Suponho que meu pai só queria que eu apreciasse o que me era vedado e porquê. Lembro-me da minha amiga Neelam Nath, uma doce menina que mais tarde veio a morrer com os filhos no avião da Air Índia que se

despenhou ao largo da costa irlandesa. Lembro-me de Jimmy King, um miúdo pálido com uma franja preta toda espetada: morreu de repente, no colégio. Todas as portas e janelas das aulas foram fechadas para que não víssemos o pai entrar de automóvel no pátio para vir buscar o corpo do filho. Lembro-me de um rapaz muito alto e magro a trepar pelos rochedos da falésia de Scandal Point, com uns amigos. Olhou para mim como se eu lá não estivesse. Cartazes de Gold Flake, a Barbearia Royal, os cheiros pungentes de uma mistura de putrefacção e esperança. Esquecer Mumbai. Eu lembro-me de Bombaim.

Deram-me uma máquina fotográfica, um olho mecânico para fazer as vezes do olho do espírito e depois disso, muito do que eu me lembro é só o que a máquina conseguiu roubar ao tempo. Deixei de ser um memorialista para me tornar um *voyeur*, só me lembro de fotografias.

Aí vai uma. É o dia em que Vina faz dezasseis anos e estamos no restaurante Gaylord, em Vir Nariman Road, a comer frango à Kiev. Os meus pais têm uma expressão estranha. Ele parece zangado, ela distraída e ausente. Vina, pelo contrário, brilha. Toda a luz da foto parece ter sido absorvida por ela. Nós somos como corpos sombrios girando à volta do sol que ela é. Ormus Cama está sentado ao lado dela, como um cão a pedir comida. Metade de mim está na imagem. Eu pedira a um criado para tirar a fotografia, mas ele enquadrara-a mal. Não tem importância. Lembro-me do ar que eu tinha. Tinha o ar de quem sabe que está prestes a perder a coisa mais importante da vida.

No anelar da mão direita de Vina brilha um anel de pedra-da-lua, o presente de aniversário de Ormus. Já dormira com o anel debaixo do travesseiro durante uma semana, para o testar antes de poder aceitá-lo e os seus sonhos tinham sido tão eróticos que ela acordara todas as madrugadas tremendo de felicidade e encharcada em suor.

Ormus pede licença para a levar a um “concerto”. V.V. e Ameer evitam olhar um para o outro, sentindo aproximar-se uma discussão. — São os “Five Pennies”, — diz Ormus. — Levem o Umeed — diz Ameer, com um gesto de mão. Vina lança-me olhares assassinos que trespassam o meu coração de treze anos.

Após o sucesso do filme biográfico com Danny Kaye, *The Five Pennies*, o chefe de orquestra em cuja vida se baseava a história, Red Nichols na vida real, tinha ido a Bombaim numa tournée com um grupo renovado de cinco

músicos. O jazz, estimulado pelos pequenos-almoços de princípio da tarde dos fins-de-semana, estava na moda em Bombaim e reunira-se uma grande multidão. Tenho fotografias desse acontecimento, mas não consigo lembrar-me onde foi o concerto. Azad Maidan, Cross Maidan, o Cooperage ou outro sítio qualquer. Seja como for, ao ar livre. Lembro-me de um palco sobre um estrado, num espaço aberto. Como a minha mãe me mandara ir, Ormus trouxera também o seu irmão Virus. Chegámos cedo, todos quatro, e arranjámos lugar à frente. Fiquei desapontado quando apareceram os Pennies, porque Red Nichols era um tipo baixinho, de cabelo branco muito curto, nada parecido com os caracóis cor de cenoura de Danny Kaye. Depois agarrou no instrumento e tocou. Jazz tradicional. Eu gostava, de vez em quando, confesso. Mas Vina sempre disse que eu tinha mau gosto.

Esse concerto dos Five Pennies ficou famoso pelo que aconteceu no fim daquele espectáculo mediano que não pusera ninguém a vibrar. Assim que os aplausos, um tanto frouxos, acabaram, o quinteto, de smoking carmesim, preparou-se para o final, extraprograma: *The Saints*, nem mais nem menos. Assim que Red Nichols anunciou o número, um membro da audiência saltou para o palco, acenando com uma flauta indiana de madeira e arreganhando o seu sorriso apatetado mas contagioso.

— Oh meu Deus, — gritou Ormus Cama e saltou para o palco atrás do irmão.

— Esperem por mim, — gritou Vina, indo como um raio no alcance dos irmãos Cama, em direcção ao seu inescapável destino; o que fez três intrusos. Eu cá sou um cobarde. Deixei-me ficar com a multidão e tirei fotografias.

*Click* o rosto horrorizado de Red Nichols. Tinham-no avisado acerca da Índia e das suas enormes multidões que se podem transformar de um momento para o outro em hordas assassinas. Seria possível que Danny Kaye o tivesse feito ressuscitar, só para vir a morrer ali espezinhado em Bombaim? *Click* o sorriso de Vina Cama produz o seu efeito mágico e o horror do velho chefe de orquestra é substituído por um sorriso de indulgência divertida. *Click* ora, que mal faz? Deixem lá tocar o patetinha. E vocês os dois? O que é que fazem? *Click* Vina Apsara chega ao microfone: — Cantamos.

*Oh when the sun (oh when the sun)*

*Begin to shine (begin to shine)*



A maneira de tocar de Adaviraf Cama era sem dúvida hábil, mas a música saía da flauta com um som inapropriado; era um som com uma validade diferente, como um <sup>36</sup>anna tentando passar por um penny, mas não fazia mal, em parte porque ele era a imagem da felicidade tocando flauta, e em parte porque o manhoso Nichols fechara o seu microfone, de forma que ninguém ouvia a não ser que estivesse nas primeiras filas, mas sobretudo porque no momento em que Ormus e Vina abriram a boca e começaram a cantar, toda a gente deixou de pensar fosse no que fosse. Quando acabaram, os espectadores aplaudiram freneticamente e o próprio Nichols fez-lhes a homenagem de declarar que eles eram tão bons que não se importava terem sido eles a fechar o concerto.

\*

O concerto acabara, a multidão começara a dispersar, mas eu fiquei agarrado ao meu lugar, tirando fotografias. O mundo estalara. Ormus e Vina estavam em animada conversa com os músicos que guardavam os instrumentos enquanto gritavam aos ajudantes de cena que tivessem cuidado com o que estavam a fazer. Eu tinha o coração despedaçado. Enquanto Ormus e Vina falavam com os músicos, as suas mãos e os seus corpos falavam um com o outro. *Click, Click*: estou a vê-los, a vocês dois. *Click* olha o passarinho! Sabem o que eu estou a fazer? Vocês estão a deixar-me assistir — é isso? — enquanto eu estou a aprisionar o vosso segredo aqui mesmo, na minha caixinha alemã das surpresas? Já não se ralam, pois não? Querem que toda a gente saiba. *Click*: E eu, Vina?... Eu também vou ser crescido. Ele esperou por ti. Porque é que não queres esperar por mim? Quero fazer parte do vosso número!

Desde o início, o meu lugar foi sempre a um canto das vidas deles, na sombra das suas façanhas. Mas sempre acreditei que merecia melhor. E houve uma altura em que eu quase consegui. Não só o corpo de Vina, mas a sua atenção. Quase.

Os músicos estavam a carregar o equipamento num mini-bus. Tinha havido um convite, que fora aceite, mas eu não estava incluído. Ormus aproximou-se para me mandar embora, arrogante, cheio de sexo e de música.

— Pronto, Rai, — disse ele, displicente. — Agora vai com Adaviraf, está bem? Virus vai-te levar a casa. — Quem é que tu pensas que és? Queria eu gritar. Achas que sou algum bebé, que tem de ser levado a casa pelo idiota

da aldeia? Mas ele já se afastara, punha os braços à roda de Vina, levantava-a no ar e beijava-a, beijava-a...

O céu estava a desabar. Virus Cama arreganhou para mim os dentes, com o seu sorriso de atrasado mental.

Fizeram amor nessa noite na suite de Nichols do Hotel Taj, a dois passos da casa dos Cama. O célebre clarinetista escolheu outro quarto e mandou-lhes um banquete de amantes, juntamente com os recados que começavam a chegar para eles, enviados para o grupo porque ninguém sabia como contactar os dois cantores. Havia pedidos para espectáculos em toda a cidade, a começar pelo próprio hotel. Mas, como Vina contava orgulhosamente, não tocaram em comida nem bebida nem abriram as cartas até à manhã seguinte. Tinham coisas melhores para fazer.

Os detalhes da desfloração de Vina Apsara por Ormus Cama são um assunto do domínio público, revelado há muito pela própria Vina, e por isso não há necessidade de frisar o grau considerável de desconforto, compensado pela perícia de Ormus como sedutor de donzelas (poucos anos depois, Vina teve ocasião de enumerar e nomear as conquistas anteriores de Ormus, causando o pandemónio e o escândalo na melhor sociedade de Bombaim) ou nas suas dificuldades iniciais (ela achou-o demasiado cuidadoso, demasiado reverente, o que a irritou, tornando-a demasiado agressiva e fisicamente agreste para o gosto dele), ou nas suas felizes descobertas precoces (as carícias na pequena concavidade que ela tinha na base da espinha, a exploração dele com a ponta da língua dos bordos das narinas dela, o seu lento sugar dos olhos fechados dela, a cabeça do seu pénis pressionando o umbigo dela, o seu dedo desenhando o perineo dela, as pernas dela à volta do pescoço dele, as nádegas dela esfregando-se contra o sexo dele, a sua boca generosa, e sobretudo a descoberta que ela fez da extrema sensibilidade, rara num homem, dos mamilos dele: reparem que eu não omiti uma única alínea ou título do seu catálogo lúbrico). Basta dizer que o facto — os factos — aconteceram; que os amantes não voltaram nessa noite para os seus próprios leitos; e assim, desta vez, a noite trouxe a alegria e a sombria manhã é que trouxe a tristeza.

A facilidade com que Vina Apsara falava publicamente dos seus assuntos pessoais — a sua infância catastrófica, os seus amores, as suas preferências sexuais, os seus abortos, a sua menopausa — foi tão importante como o seu talento, talvez até mais importante, para ajudar a criar a figura simbólica,

gigantesca e até opressiva em que ela se tornou. Para duas gerações de mulheres ela foi como um megafone, lançando ao mundo os seus segredos comuns. Umhas sentiram-se libertadas, outras demasiado expostas, mas todas começaram a escutar avidamente tudo o que ela tinha para dizer. (Também os homens se encontravam divididos e fascinados: uns desejavam-na ardentemente, outros fingiam achá-la aputalhada e repelente; muitos amavam-na pela sua música, outros detestavam-na pela mesma razão — porque tudo o que desperta grande amor invariavelmente chama também o ódio; muitos temiam a sua língua, outros exaltavam-na e declaravam que ela também os tinha libertado.) Mas como ela mudava frequentemente de opinião, abandonando posições que sustentara com fervor para adoptar posições opostas, a que aderira então com uma certeza abrasadora que não admitia réplica, muitas mulheres tinham começado, na altura do tremor de terra no México, a ver nela uma traidora às mesmas posições com que ela as ajudara a tornarem-se mais livres.

Se ela não tivesse morrido, talvez se tivesse afundado numa velhice rabugenta e anónima, fora de moda de uma maneira errada, teimosa ou taralhousa, quando outrora fora a única figura a manchar, triunfante e desafiadora até outras se lhe juntarem. Seja como for, foi poupada à irrelevância e à excentricidade. Pelo contrário, a sua morte ampliou enormemente o poder do símbolo que ela construía. O poder tal como o amor, só revela a sua dimensão quando se perde irremediavelmente.

\*

Sempre que evoco estes acontecimentos, ouço *The Saints* a marcharem na minha cabeça. Vejo Ormus e Vina acordarem em lençóis manchados de sangue, nos braços um do outro. Vejo-os abrir as mensagens e começar a sonhar com o seu futuro como profissionais, tal como o seu futuro como amantes. Vejo-os vestirem-se, despedirem-se dos músicos americanos e apanhar um táxi amarelo e preto até Cuffe Parade, prontos para enfrentar as consequências. E durante toda esta sequência, ouço o clarinete de Red Nichols, ou talvez seja a versão do filme com Louis Armstrong que eu estou a ouvir. “O when the band begin to play.”

A primeira nuvem está prestes a aparecer no horizonte. Ormus está a dizer palavras importantes. — Casa comigo. — Tira-lhe o anel de pedra-da-lua da mão direita e tenta enfiá-lo no anelar da mão esquerda, como um anel de noivado. — Casa comigo, já.

Vina fica tensa e resiste à mudança. Não, não quer casar com ele. Recusa, rejeita-o em absoluto, nem precisa de tempo para pensar no assunto. Mas não resiste ao anel, não pára de o olhar. (O taxista curioso, um Sikh, é todo ouvidos.) — Mas porquê?! — O uivo de Ormus é lastimoso, chega a ser patético. Vina dá ao taxista um gozo inesperado. — És o único homem que eu jamais amarei, — promete ela a Ormus. — Mas podes imaginar por um momento que és o único homem com quem eu vou foder?

(Um trompete — decididamente é mesmo Satchmo — entre em cena. O instrumento de Armstrong é o corno dourado da experiência, a trompa de toda a sabedoria do mundo. E ri-se — *Wuah, wuah*, — de tudo o que a vida pode trazer de pior. Já ouviu de tudo.)

\*

*Deve haver um sítio melhor do que este.* É o que todos pensamos de uma maneira ou de outra. Para Sir Darius Xerxes Cama “um sítio melhor” era a Inglaterra, mas a Inglaterra voltou-se contra ele e deixou-o abandonado como um naufrago num local deserto. Para Lady Spenta, o sítio melhor era o local da pura iluminação, onde vivem Ahura Mazda e os seus anjos com os bem-aventurados; mas esse lugar estava longe e Bombaim começou a ser para ela cada vez mais como um labirinto sem saída. Para Ormus Cama, “melhor” era o estrangeiro, mas escolher um tal destino era cortar todos os laços de família. Para Vina Apsara, o melhor lugar era sempre aquele em que ela não estava. Sempre no sítio errado, numa condição de perda permanente, ela podia (e foi o que fez) voar e desaparecer sem deixar rasto; e descobrir depois que o novo lugar onde chegara estava tão errado como o lugar de onde partira.

Para Ameer Merchant, a minha mãe cosmopolita, o melhor lugar era a cidade que ela ia construir. V.V. Merchant, como provinciano que era, vivia atormentado pela ideia de que o tal bom lugar existira, nós tínhamo-lo possuído e ocupado e agora estava a ser destruído e nessa destruição estava profundamente implicada a sua bem-amada esposa.

\*

Estava-se em 1960, o ano das divisões. O ano em que o Estado de Bombaim foi cortado ao meio e, enquanto o recém-criado Gujarat era entregue a si próprio, nós Bombainenses éramos informados que a nossa cidade era agora a capital do Maharashtra. Muitos acharam isto difícil de aceitar. Colectivamente, começámos a viver numa Bombaim privada que

flutuava um pouco para os lados do mar e se mantinha afastada do resto do país; enquanto, individualmente, cada um de nós se tornou na sua própria Bombaim. Não se pode estar constantemente a cortar e a dividir — Índia e Paquistão, Maharastra e Gujarat — sem se sentirem os efeitos ao nível da unidade familiar, do casal unido, da alma secreta. Tudo começa a vacilar, a mudar, a seccionar-se, a voltar a separar-se destruindo-se totalmente. As forças centrífugas começam a ser mais fortes que as centrípetas. Acaba a força da gravidade e as pessoas são projectadas no espaço.

\*

Voltei a pé para Cuffe Parade depois do concerto dos Five Pennies, tendo conseguido com certa dificuldade mandar Virus embora, e para encontrar a nossa casa transformada numa zona de guerra, ou, mais exactamente, num sorvedouro de terrível ruína. Os meus pais andavam às voltas do tapete do salão como praticantes de luta livre, ou como se o próprio tapete de Isfahan já não cobrisse o sólido parqué de mogno, mas se tivesse transformado num frágil pano lançado sobre um abismo borbulhante. Olhavam um para outro com os olhos injectados, como se enfrentassem qualquer coisa de pior que a perda do futuro e a perda do passado. Enfrentavam a perda do seu amor.

Piloo Doodhwaha viera visitá-los na minha ausência: não o opado Piloo reclinado como um sátrapa numa nuvem, com quem já nos encontrámos, mas um Piloo mais calmo, acompanhado por uma única pessoa, o seu sócio que ele apresentou como o senhor Sisodia, um homem de trinta e muitos anos, vestido correctamente como um homem de negócios, incrivelmente baixo, de óculos muito grossos e uma calvície incipiente. Gaguejava terrivelmente e trazia uma pasta de executivo muito cheia, da qual acabou por tirar um grossíssimo dossier sobre o projecto de desenvolvimento de Cuffe Parade; na lista de nomes dos patrocinadores figurando na capa, vinha o nome da Sra Ameer Merchant, da Merchant & Merchant, Lda. Como V.V. Merchant tinha começado a perceber no decurso das suas escavações, Ameer juntara-se à gente de Piloo para fazer ir o projecto por diante. O companheiro de Piloo desdobrou sobre uma mesinha baixa uma cópia do levantamento topográfico oficial de Cuffe Parade. A maior parte dos lotes de vivendas estavam coloridas a verde, significando “a executar”. Vários estavam riscados a verde e branco, marcados “em negociações”. Só alguns, poucos, estavam pintados a vermelho. Um desses era Vila Trácia, a nossa casa. — A s-s-s-sua esposa já deu o c-c-c-onsentimento p-p-para a

venda, — explicou o sr. Sisodia. — T-t-t-odos os d-d-d-documentos relevantes est-t-t-ão aqui. C-c-como a p-p-propriedade está em s-s-seu nome, é necessário as-s-s-sinar. Aqui mesmo — acrescentou ele, apontando um papel e estendendo a meu pai uma caneta de tinta permanente Sheaffer.

Vivvy Merchant olhou a mulher. Os olhos dela eram de pedra.

— O esquema é fantástico — disse ela. — É uma oportunidade incrível.

Piloo inclinou-se para a frente na cadeira. — Dinheiro à farta, — explicou, em tom confidencial. — Massa para toda a gente.

O meu pai falou suavemente, mas os seus pensamentos não tinham nada de suave. — Eu bem sabia que havia qualquer coisa, — disse ele — mas isto vai muito mais longe do que eu imaginava. Presumo que o senhor tem a cidade na palma da mão. Ignoram-se os regulamentos sobre o uso a dar aos terrenos, escarnece-se das leis sobre a altura dos edifícios a construir... Tudo impunemente.

— Tá tudo arranjado, — assentiu Piloo com um sorriso amável. — Não deu trabalho nenhum.

O sr. Sisodia desenrolou um segundo mapa, com o plano do desenvolvimento proposto. Via-se o esquema de uma substancial expropriação de terrenos. — “Mais largueira p’ra nossa Cuffe Parade, — disse Piloo todo sorridente. Mas Vivvy estava a olhar para outro pormenor. — Então e o Passeio Público? — perguntou. — Infelizmente, vai ser sacrificado, — respondeu Piloo torcendo a boca num esgar de tristeza. — E a mata de mangues? — estranhou Vivvy. Piloo começou a ficar ligeiramente agastado. — Atão, meu caro senhor, isto é p’ra construir casas, não é?

Vivvy abriu a boca. — Antes de dizer que não, — disse Piloo, com a mão no ar, — deite-m’aqui uma vista d’olhos.

O Sr. Sisodia levantou-se, foi à porta e deixou entrar um segundo comparsa que estava obviamente na rua à espera da sua deixa. Quando ele entrou na sala, V.V. Merchant sufocou um gemido e pareceu diminuir a olhos vistos.

O comparsa em questão era Rajá Jua, rei dos corretores de apostas. Também ele trazia uma pasta de executivo, de onde retirou um dossier contendo a lista completa das dívidas de meu pai e todos os documentos referentes ao cinema Orpheum, que ele passou para as mãos do primeiro comparsa. — P-ppor c-c-consideração p-p-pela s-s-senhora sua esp-p-

poosa, — disse o sr. Siso-dia — e para ev-v-uitar mais p-p-problemas, o sr. Piloo está dis-p-p-posto a ignorar essas b-b-bagatelas. O desenvolvimento p-p-potencial da c-c-cidade é mais imp-p-portante. Se as-s-sinar a p-p-promessa de venda de Vila Trácia, tt-todas as dívidas s-s-são esquecidas.

— As acções do Orpheum, — disse Ameer — como é que tu pudeste...?

— E a nossa casa? Como é que *tu* pudeste? — Replicou V.V.

— S’eu fosse um rei dos tempos d’antigamente — disse Piloo com solenidade — havia de fazer outra aposta consigo. Se você ganhasse, eu esquecia as dívidas. Se perdesse, ficava eu co’a senhora sua esposa. — Sorriu e os dentes brilharam à luz do candeeiro. — Mas só sou um homem humilde. Por isso, fico-le só co’a sua honra e a sua casa. Além disso, a senhora já concordou qu’aqui o sr. Sisodi é que passa a ser gerente do cinema. P’ra sermos sócios, a primeira coisa é uma boa prática fiscal. O cinema é a sigunda paixão do sr. Sisodi, mas a primeira é o dinheiro.

V.V. Merchant levantou-se — Eu não assino nada, — disse ele na sua voz mansa. — E agora saia.

Ameer levantou-se também, numa atitude muito diferente. — Que é que isso quer dizer, “saia”? — gritou ela. — Vamos perder tudo, tudo o que eu construí, vamos ficar arruinados por causa das tuas fraquezas? Vamos perder o cinema, perder o controle da companhia, perder a melhor oportunidade de realizar capital dos últimos vinte anos, e viver na miséria até termos mesmo de vender a casa para comer? É isso que tu queres?

— Desculpa, — disse V.V. Merchant. — Mas não assino.

*Deve haver um sítio melhor.* Oh, que ideia fatal! Porque Piloo Doodhwala era o único de nós que aceitava as condições da vida como ela era, como um dado inelutável. Não desperdiçava energias com fantasias loucas e utópicas. Nunca poderia emergir senão como vencedor absoluto. Tinha aos pés as nossas vidas. Como poderia ser de outra maneira?

Não foi só entre as cabras que Piloo fez grandes matanças, mas também noutros campos, como no mundo dos negócios, com lucros consideráveis. A minha vida tomou um rumo diferente, mas nunca me esqueci da lição que ela deu a meu pai — a lição que a catástrofe dos meus pais me deu, a *mim* — enquanto algures em Bombaim, Vina e Ormus faziam incessantemente amor, amor sem parar.

As coisas são o que são.

Os meus pais discutiram durante toda a tarde e toda a noite. Eu estava no meu quarto acordado e sem pestanejar como um lagarto, ouvindo aqueles dois corações a bater-se em duelo até à morte. De madrugada meu pai foi-se deitar, mas Ameer continuou a girar à roda do salão como uma colher numa chávena, agitando a mais venenosa de todas as raivas, a ira batida dentro do corpo pelas últimas convulsões do amor nas vascas da agonia. De repente, Vina e Ormus entraram na sala e Ameer, possuída pela sua raiva, virou-se contra a sua jovem protegida.

A decência impede-me de repetir aqui os insultos lançados por minha mãe contra os amantes, mas especialmente contra Vina. Ameer esteve a gritar durante três horas e vinte e um minutos sem perder o fôlego, descarregando sobre a rapariga tudo o que tinha contra Vivvy. Quando acabou, saiu cambaleante de casa, exausta, e deixou-se cair no seu velho Packard bem amado, que a levou dali como um cavalo desenfreado. Um momento mais tarde, o meu pai, de faces encovadas, precipitou-se para o Buick. Partiu de forma tão desvairada — na direcção oposta à de Ameer — que eu receei pela sua vida. Mas nenhum deles sofreu qualquer acidente, o que seria irrelevante: já ambos tinham sofrido um desastre quase fatal, ante de saírem de casa.

Os insultos são uma coisa misteriosa. O que pode parecer a quem está de fora o mais cruel, mais destrutivo dos insultos sua *puta! pega! cabra! vadia!* pode deixar ileso o seu alvo, enquanto um remoque, aparentemente menor, *graças a deus que não és minha filha*, pode penetrar fatalmente a couraça mais robusta, *tu não és nada, és menos do que a terra nas solas dos meus sapatos*, e atingir directamente o coração. Se não ofereço aqui um catálogo exaustivo dos comentários mais severos da minha mãe, é também porque me acho incapaz de avaliar os seus efeitos. Foi esta frase ou aquela, este golpe ou aquele sarcasmo? Teria sido o simples facto de toda aquela tirada, ou o efeito cumulativo daquele cáustico *tour de force* que deixou tanto Ameer como Vina fisicamente esvaziadas, como lutadores que se imobilizaram mutuamente?

Vina Apsara que vira demasiadas coisas para a sua curta idade, cuja fé no mundo fora corroída de forma tão horrível, tinha-se pouco a pouco permitido acreditar, durante os anos em Vila Trácia, que podia confiar na solidez do nosso amor. O nosso amor, e não só o de Ormus. E assim, por seu turno, apaixonara-se não só por nós mas pelas nossas preocupações, a



nossa cidade e também o nosso país, a que ela começara a pensar poder um dia vir a pertencer. O que a minha mãe fez naquele dia foi puxar o tapete de Isfahan debaixo dos pés de Vina, da sua fé no próprio amor, e revelar-lhe o abismo que estava por baixo.

Vina estava imóvel, parecendo semiconsciente, com as palmas das mãos viradas para a frente, muda de perguntas que não esperam resposta, como a sobrevivente de um massacre em face da morte. Ormus tomou-lhe a cara entre as mãos. Lentamente, ela inclinou-se para trás, evitando o seu toque. Naquele momento o seu amor por ela deve-lhe ter surgido como uma armadilha fatal. Ceder-lhe seria tornar possível a sua aniquilação em qualquer momento de um tempo futuro, quando o visse voltar-se contra ela com um esgar na cara e ódio na voz. Não quero correr mais riscos, dizia a cara dela. Isto acaba aqui mesmo.

\*

A Vila Trácia, a linda casa da minha infância, ardeu completamente três dias mais tarde. Quem quer que foi responsável teve o cuidado de não pôr vidas em risco. A casa foi sem dúvida vigiada até haver a certeza de que estava vazia e então foi incendiada de lés-a-lés. Um por um. À medida que regressávamos, fomos-nos juntando no passeio, cabisbaixos, enquanto à nossa volta caía uma neve negra.

Vina Apsara, contudo, não voltou.

Hão-de desculpar-me um nó na garganta ao despedir-me de Vila Trácia. Era uma das vivendas mais pequenas da velha Cuffe Parade eduardina, mas a nossa família era pequena e para nós chegava muito bem. À altura dos caixilhos das janelas da fachada que dava para a rua, a casa estava revestida de madeira, mas o resto era em tijolo, guarnecido de pedra aqui e além. Por cima das janelas e da porta de entrada havia um pequeno telhado de telha encarnada, formando uma espécie de alpendre muito agradável. Por cima ficava a parte mais característica — um tanto pomposa, ou chamemos-lhe ousada — da vivenda, um torreão quadrado bem centrado, neoclássico, com pilastras e frontões triangulares nos quatro lados. Tudo isto era sobrepujado por uma pequena cúpula em festões de mosaicos arredondados de cerâmica verde, terminando numa miniespira para aumentar a altura. Esta sala tão ornamentada era o quarto onde meus pais tinham dormido durante toda a sua vida de casal feliz. — É como dormir num campanário, — costumava dizer minha mãe e o meu pai respondia, afagando-lhe a mão: — E tu, minha

querida, és sem dúvida a bela princesa que lá mora.

Tudo desapareceu em fumo. Despojados de bens, memórias e felicidade, sentíamos cair as cinzas sobre as nossas cabeças como se fosse o último adeus da nossa casa. Testemunhas visuais contaram que o próprio fogo parecia amar a casa moribunda, envolvendo-a tão de perto que por alguns instantes a Vila Trácia parecia recriada em chamas. Depois o fumo, negro e insensível, tomou conta de tudo, a ilusão acabou-se e a escuridão tudo cobriu.

A destruição da casa da nossa infância — uma moradia, uma cidade, — é como a morte de pai e mãe: torna-nos órfãos. Um arranha-céus serve de pedra tumular a esta cremação. Uma cidade tumular ergueu-se sobre o cemitério de tudo o que se perdeu.

\*

Onde em tempos era “Dil Kush”, a mansão luxuosa de três andares de Dolly Kalamanja, em Ridge Road, Malabar Hill, uma obra de arte do velho mundo, toda em galerias, varandas e luz, com o seu átrio em mármore, a sua colecção adquirida à pressa de quadros de Souza, Zogoiby e Hussain e sobretudo com os seus jardins tropicais que albergavam alguns dos tamarindos, jacas e sicómoros mais antigos da cidade e as mais belas buganvílias, não se acharão hoje em dia árvores nem trepadeiras, nem espaço nem graça. Sentado como um míssil atarracado na sua pista de lançamento, o arranha-céus Everest Vilas preenche o território com o seu betão cinzento-sujo e não parece disposto a ceder o lugar nos tempos mais próximos. O Everest Vilas tem vinte e nove andares, mas felizmente não faz parte das histórias que eu tenho para contar. O fantasma do passado lá está ainda em Ridge Road, sempre que olho para lá. “Dil Kush” continua a existir, como no dia em que Vila Trácia ardeu e Dolly, com a sua bondade, insistiu em dar-nos abrigo sob o seu amplo telhado de águas suaves.

Ormus chegou, exausto e histérico. A noite ia avançando, mas ninguém podia dormir. Continuava a desconhecer-se o paradeiro de Vina. Ormus procurara-a por toda a parte, correndo todos os seus lugares preferidos, até que o stress lhe provocou uma crise de vômitos. Por fim, desorientado, desfeito, cambaleou até “Dill Kush”; estava tão trémulo, tonto e desorientado que Ameer Merchant — que por esta altura, é preciso dizê-lo — começava a sentir-se devorada de remorsos — meteu a viola no saco. Convencido de que Vina morrera no incêndio, que se transformara em

fumo, o desolado Ormus falou em seguir o mesmo destino. A vida perdera todo o valor; a morte ao menos tinha o mérito de ser a única experiência que ele e a sua amada podiam agora partilhar. Falou, com ar sinistro, em auto-imolação. Foi o meu pai, alarmado com o seu estado de espírito, que o reconfortou. — Não percas a esperança, — disse V.V. Merchant, embora as suas palavras nos parecessem vas. — Não foi ainda apresentada nenhuma prova evidente do seu falecimento.

Devo dizer que Persis Kalamanja não parecia muito à vontade, o que eu na altura atribuí ao sentimento da ambiguidade evidente da sua posição, visto que todos pensámos que as suas esperanças de casar com Ormus tinham recebido um inegável, se bem que horrível, estímulo. Por mais santa que fosse, Persis não podia deixar de pensar no futuro: não estaria o princípio da sua felicidade prestes a erguer-se das cinzas do fim trágico de Vina? Mas, como tinha um coração sensível, procurava furiosamente suprimir tão vis pensamentos, que se lhe tomavam ainda mais repugnantes pela deliciosa antecipação que faziam nascer no seu seio. Permanecia de olhos baixos e apoiava escrupulosamente a opinião do meu pai. Vina podia não estar morta, mas ser, simplesmente, uma criminoso. Persis pousou a mão sobre a de Ormus, que a sacudiu com um olhar feroz. Ela afastou-se, com o lábio a tremer, e deixou-o entregue aos seus receios.

\*

Quem é que ateou o incêndio?

A manhã trouxe notícias juntamente com dois funcionários da Judiciária, o Inspector-Chefe Sohrab, de uma prosápia insuportável e o Detective Rustam, contrastantemente modesto. Esses cavalheiros informaram-nos de que, em resultado de entrevistas com vizinhos e alguns transeuntes de elevado espírito cívico que se tinham dirigido à Polícia, o fogo começara precisamente à uma da tarde. Infelizmente, como declarou o Inspector-Chefe “não foi testemunhado nenhum delinquente batendo em retirada do local do crime”. Uma busca rigorosa nas cinzas de Vila Trácia estava agora encerrada e felizmente não aparecera nenhum cadáver. (Quando Ormus ouviu dizer que Vina não morrera no incêndio, a sua alegria foi tão grande que a minha mãe fez-lhe notar severamente que, de qualquer modo, ocorrera uma grande tragédia.)

Os três criados que habitavam na casa, cozinheiro, criado e paquete, tinham sido localizados. Aterrados, tanto com o próprio fogo, como pelo

receio de serem responsabilizados, tinham ido esconder-se ali perto numa colónia de pescadores, em Koli. De todo o modo a polícia não os julgava culpados do incêndio. As suas histórias coincidiam, embora fosse um tanto estranho que todos três tivessem ido fazer recados no momento em questão, deixando a casa sem ninguém. Mas havia uma “clara evidência de fogo posto”, disse o Inspector Sohrab com ar arguto, “embora os pormenores devam ser por enquanto sonegados a quem quer que seja”. Pouco a pouco fomos dando conta que éramos suspeitos de ter pegado fogo à nossa própria casa. O oleoso Sohrab sugeriu a seguir que a firma Merchant & Merchant parecia estar em dificuldades financeiras; e que o sr. Merchant, ele próprio, tinha amontoado certas dívidas de jogo. A indemnização do seguro poderia vir a ser benéfica, não é assim? Meu pai ficou ultrajado ao ouvir “tão sórdidas imputações”. — Procurem descobrir quem é que virá, realmente, a beneficiar — disse ele aos inspectores da judiciária com uma aspereza pouco habitual nele. — Vão visitar o sr. Doodhwala e os seus amigos e ficarão bem mais próximos dos diabólicos incendiários.

Os polícias saíram, mas as dúvidas ficaram. A terrível verdade é que a minha voluntariosa mãe suspeitava meu pai de ser o autor do crime e até o meu pacato pai começara a albergar suspeitas acerca de Ameer. Durante os três dias que se seguiram à discussão os meus pai tinham vivido separados: ela em Vila Trácia e ele em casa de uns amigos em Colaba. O incêndio juntara-os de novo, quando mais não fosse por minha causa. Por causa das aparências, ocupavam agora um dos espaçosos quartos de hóspedes em casa de Dolly. Mas entre eles a atmosfera era gélida.

Eu ocupava o quarto ao lado e de noite ouvia-os de novo discutir, sibilando como serpentes. Ameer estava tão furiosa com o marido que chegou a insinuar que ele tentara assassiná-la, e a todos nós, enquanto dormíamos. Ele fez notar mansamente que o fogo começara em plena luz do dia, a uma hora em que seria pouco provável ela estar a dormir. A esta embirrativa observação ela respondeu com uma fungadela de desprezo. Por seu turno V.V. perguntou-lhe se ela não se tornara pirómana a fim de lhe forçar a mão. — Será possível que tenhas descido tão baixo só por causa desses bárbaros arranha-Cuffes? — Ao que Ameer gritou, em tom tão agudo que a casa toda pôde ouvi-la: — Oh meu Deus, quando é que tu deixas de me chatear?

Infelizmente, a facção de Pилоo foi ganhando terreno na batalha contra a

intransigência de meu pai. Agora que a casa desaparecera, V.V., vencido, cedeu e vendeu a Piloo, por um preço muito inferior ao que começara por recusar, o lote de terreno onde um monte negro de cinzas e ruínas era como o monumento em memória de um idealismo desaparecido. O projecto do desenvolvimento gigantesco de Doodhwala tinha dado um passo em frente. Os edificios monstruosos da sua imaginação abarcariam a cidade como as naves marcianas da *War of the Worlds*. Num caso envolvendo tão largas somas de dinheiro, brincar com o fogo não era de espantar.

\*

Mas Piloo Dodhwala era um homem influente. A influência, segundo os astrólogos, é um fluido etéreo que emana das estrelas, afectando as nossas acções de pobres mortais. Digamos portanto que Piloo destapou os seus fluidos etéreos — porque possuía muitas variedades de influências — e deixou-os tombar livremente, dos mais altos escalões da Polícia Judiciária de Bombaim até aos humildes funcionários encarregados do caso. Numa questão de dias, esses detectives anunciaram que o tinham “definitivamente eliminado” da lista de suspeitos. Quando meu pai exprimiu o seu espanto, o Inspector Sohrab disse-lhe, com alguma aspereza: — O senhor devia estar grato. Tanto o senhor como a senhora sua esposa foram generosamente incluídos na dita eliminação.

A investigação “tomara um novo rumo, que levava a conclusões mais satisfatórias noutras áreas do inquérito”. Essas áreas tinham a ver com uma cidadã dos Estados Unidos que desaparecera, Miss Nissa Shetty, aliás Vina Apsara. Certos inquéritos no aeroporto de Santa Cruz tinham revelado que Miss Apsara saíra de Bombaim poucas horas depois do início do fogo, num avião da TWA que se dirigia a Nova Iorque via Londres. A sua fuga inexplicável era considerada do mais alto significado. A continuação do inquérito, em colaboração com a Scotland Yard via Interpol, revelava que o bilhete de avião de Miss Apsara fora pago em libras esterlinas, no Reino Unido, e que a agência usada fora a sucursal de Londres da Kalatours, propriedade do sr. P. Kalamanja. O cheque fora assinado pelo próprio sr. Kalamanja.

\*

Dolly Kalamanja era uma mulher pequenina que gostava de usar grandes jóias, uma “grande dame” nova-rica que achava que “o que se tem é para mostrar”. Usava o cabelo de um azul-aço e o penteado tinha por modelo a

Rainha de Inglaterra, com aqueles característicos caracóis jônicos adornando as têmporas. O seu busto — uma espécie de travesseiro cilíndrico e sólido, sem a mínima sugestão de ondulações, estendido à frente do tórax como uma banda sonora numa estrada, um para-choques suficientemente proeminente para abrandar alguém que, impensadamente, se aproximasse a correr — fazia também lembrar Isabel II. Tinha uma vontade de ferro, era mais conservadora do que a maioria dos Parsis da comunidade de Bombaim que geralmente tinham ideias largas e a sua voz aguda fazia-se geralmente obedecer. Tinha fórmulas para todos os aspectos da sua vida, o que não a impedia de ter emoções fortes. Assim, o marido, Patangbaz Kalamanja era a “sua terra firme” e sua filha Persis o “seu orgulho e alegria”. As notícias acerca do envolvimento de Pat na fuga para “parte incerta” de uma mulher suspeita de fogo posto foi para ela um rude golpe. Cambaleou. O Universo parecia ter perdido forma e sentido. O planeta tremeu. A “terra firme” vacilou e fendeu-se. Persis ajudou-a a sentar-se numa cadeira onde ela se deixou cair com a “cabeça às voltas”, abanando-se com um lençinho.

O grande salão formal de “Dil Kush” estava tão luxuosamente mobilado, com os seus aparadores em teca, espelhos de bizarros feitios geométricos, sofás Biedermeier muito acolchoados e candeeiros sem preço Art Déco e peles de tigre genuínas e maus quadros a óleo (para dizer a verdade, alguns bons), como o salão principal de um grande transatlântico, o Titanic talvez. Dolly sentiu-se, de certeza, como se estivesse no convés de um navio gravemente atingido. No estado de choque em que ela estava, a sala parecia inclinar-se e começar lentamente a escorregar para um horrível abismo subterrâneo.

— Como é que essa rapariga chegou até ao meu Pat? — gemeu ela. — Vou falar imediatamente para Londres e encher-lhe a cara de bofetadas!

Parecia o desfecho de uma história de Poirot. Todos, sentados ou em pé, alinhados à volta da sala, assistíamos ao melodramático fanico de Dolly. Persis servia-lhe água num copo e os inspectores, de pé, posando sobre uma pele de tigre, pareciam encantados com o efeito das suas notícias. Mas nem o arrogante Sohrab nem o calado Rustam podiam prever o que se seguiu, que não foi a anunciada chamada telefónica para Patangbaz em Wembley, porque não foi sequer necessário ligar para as chamadas internacionais. Persis Kalamanja estava sentada aos pés da mãe e massajava-lhos com as

suas próprias mãos. Levantou os olhos directamente para Ormus Cama e, sem vacilar, confessou tudo.

Não só confessou, como forneceu a Vina Apsara um álibi inatacável.

\*

Quando o impossível se torna necessário toma-se por vezes atingível. Poucas horas depois da tirada de Ameer ter destruído a sua fé na realidade do amor, Vina telefonou a Persis e pediu para se encontrarem na loja de discos, Rhythm Center, como não podia deixar de ser. O seu tom titubeante, tão estranho nela, convenceu Persis a pôr de lado as suas reservas e concordou.

Na loja foram para um cubículo de audições, fingindo escolher o álbum das canções do grande sucesso musical do ano, com Gordon MacRae e Shirley Jones, “South Pacific”, de Rodgers & Hammerstein. E enquanto Miss Jones cantava uma canção em que falava em lavar a cabeça para ser livre de um homem, Vina — num tom assustador, irreal, e com um ar estranho que Persis não lhe conhecia, como se estivesse a ser vista num espelho rachado — colocou-se à mercê da sua rival pedindo-lhe auxílio para o mesmo objectivo. Tenho de me ir embora, disse ela, e não me peça explicações porque eu não quero falar disso e não pense que eu vou mudar de ideia, porque não vou. Você tem de me ajudar, porque não há mais ninguém e você pode ajudar-me e é tão boazinha que não me vai mandar à merda e, de todo o modo, até lhe vai dar jeito. É o que você quer, o mais possível.

Depois, acabou por dar explicações. Eles estão-me a lixar, disse ela, acham que podem pôr sentimentos dentro de mim e depois arrancá-los outra vez. Parecem marcianos ou coisa assim, tenho de me ir embora. Persis perguntou: Mas quem? Cale a boca, cortou Vina, já disse que não queria falar do assunto.

E assim continuou durante um bom bocado, enquanto se ouvia “Bali H’ai” e “Happy Talk”, etc. — Pode pagar? — Perguntou Persis e Vina respondeu: hei-de arranjar dinheiro, mas tem de me tratar do bilhete *já, já imediatamente, eu hei-de pagar, mando-lhe o dinheiro de uma forma ou de outra*. Ela estava-me a suplicar abertamente, a apressar-me como se estivesse na mais angustiada das situações, disse Persis alto e bom som no salão de “Dil Kush”, *deus sabe como é que ela chegou àquele extremo, mas alguém tinha de lhe deitar a mão e por isso eu dei-lhe a minha, ajudei-a. E*

*além disso, ela tinha razão*, acrescentou olhando Ormus fixamente, pedindo socorro, à sua maneira tão desesperada e tão sincera como Vina lhe tinha pedido a ela. Pedindo só uma palavra, um mover de sobrancelha ou, talvez, o milagroso reconforto de um sorriso. Pedindo que ele lhe dissesse: sim, agora tens uma oportunidade.

*Ela tinha razão. Era o que eu mais desejava. Por isso o fiz.*

Persis telefonara ao pai, que nunca soubera dizer que não à filha querida; é para uma amiga, disse Persis, é complicado explicar. Okay, esquece, eu arranjo tudo, mando hoje o PTA e amanhã podes levantar o bilhete na companhia de aviação ou, o mais tardar, depois de amanhã. Por isso já vê, disse Persis ao Inspector Sohrab, que ele não tem culpa nenhuma, nem sabia de nada, eu é que fiz tudo.

PTA quer dizer “passenger ticket advice”, explicou Persis. Paga-se num lado e o bilhete é emitido no outro. Nunca esperei que ela arranjasse o dinheiro, sabia que o Pai não se importava, quando soubesse porque é que eu queria o bilhete, mas ela apareceu cá em casa antes do meio-dia, no dia do incêndio, com duas grandes malas e uma fronha cheia de jóias e eu bem sabia onde é que ela tinha ido buscar as jóias, tia Ameer, desculpe, e não pense que eu ia fazer segredo disto mas depois começou todo este reboiço com a Polícia Judiciária e eu assustei-me, não sabia o que havia de dizer, por isso calei-me, mas estou a dizer agora, desculpem o atraso. Ela esteve comigo todo o tempo depois disso. Levei-a ao aeroporto, meti-a no avião e ela partiu e oxalá não volte mais.

Ela pode ser uma ladra, disse a honesta Persis, mas a verdade é que não foi ela que ateou o fogo.

O interrogatório de Persis Kalamanja pelos senhores Sohrab e Rustam teve lugar à porta fechada numa saleta da casa dos seus pais, durou várias horas, tornou-se acalorado várias vezes, mas não conseguiu alterar o testemunho dela no mais leve detalhe. Serviu contudo para preencher algumas lacunas na história. Veio a saber-se que Pat Kalamanja só tinha pago o bilhete para Londres e não para os Estados Unidos. A pedido de Persis, Pat tinha tido a amabilidade de ir buscar Vina ao aeroporto e de levar para sua casa em Wembley, porque ela não tinha para onde ir. Na manhã seguinte ela pediu-lhe algum dinheiro trocado, deixou ficar as malas e foi sozinha para Londres. Não voltou naquela noite e Pat, preocupado, estava prestes a chamar a Polícia quando ela regressou de manhã, sem dar a



menor explicação sobre a sua ausência; devolveu-lhe todo o dinheiro — não só o que lhe pedira emprestado mas também o preço do bilhete — e disse-lhe que tinha “tudo tratado”, chamou um taxi, não permitiu que Pat a ajudasse a carregar com as malas, resmungou um simples “obrigado” e desapareceu. Desconhece-se o seu paradeiro actual.

Pouco tempo depois do interrogatório de Persis, Vina foi formalmente declarada como já não sendo suspeita de fogo posto. `Ameer Merchant também não quis acusá-la de roubo, porque, à medida que Persis revelava a sua história, a minha mãe entrava numa agonia de remorsos. Sabia que tinha a culpa de Vina ter fugido, que tinha assassinado a alegria da rapariga e, embora Ameer fosse mestra na arte de mostrar um exterior empedernido, eu bem via o mar de infelicidade por trás dos seus diques e muralhas. No seu desgosto de perder uma rapariga que tinha amado profundamente à sua maneira, Ameer pouco se importou com a falta de uma tantas bagatelas. A remoção que Vina fizera das jóias de Vila Trácia resultou, ao fim e ao cabo, na preservação e retorno de, pelo menos, alguns dos tesouros de família. E se deixara o país com duas malas repletas com os mais elegantes vestidos de noite de Ameer e com o resto dos anéis de diamantes, dos brincos de esmeraldas e colares de pérolas da minha mãe, que sem dúvida vendera em Londres para obter dinheiro, Ameer não deu mais importância ao caso. Paciência! disse ela encolhendo os ombros, que lhe faça algum proveito, coitada da rapariga, se ela os não tivesse levado, tudo teria sido consumido no incêndio. Depois minha mãe retirou-se para o seu quarto e chorou desabaladamente a perda de Vina, a sua própria perda e a sua felicidade extinta.

Assim, Persis Kalamanja não só ajudou Vina a sair de Bombaim, como ela desejava, mas também a salvou de ser injustamente acusada de um crime que não cometera. A polícia não conseguiu desmentir Persis e eu não estou agora a sugerir que o álibi que ela forneceu a Vina não era toda a verdade e nada mais que a verdade.

Quando estava preocupada, Persis torcia a sua bela boca como se estivesse a torcer as mãos de desespero. O efeito era insuportavelmente erótico. Nesses tempos houve toda uma geração de rapazes desejando que ela torcesse a boca na sua direcção. Mas, à saída do interrogatório da Polícia, o homem para quem ela torcia agora apaixonadamente a boca enfrentava o seu olhar com completo desinteresse. Era esta a sua

recompensa por ter ajudado Vina: Ormus Cama, nesse momento, completou o processo de a apagar do seu mapa pessoal e de a riscar da história da sua vida. Olhou-a com um ódio evidente; depois com indiferença; finalmente, como se já nem sequer se lembrasse de quem ela era. Saiu de “Dil Kush” como se se retirasse de casa de um estranho onde tivesse entrado por engano. E Persis tornou-se a “Persis, coitada” nesse mesmo instante, e ficou “Persis, coitada” para o resto da sua vida de solteirona.

Ninguém chegou a ser acusado de crime de fogo posto no caso da Vila Trácia. Os heróis da Polícia Judiciária, Sohrab e Rustam concluíram que uma “intervenção criminosa” estava “fora de questão” e abandonaram o caso. Muitas casas em Bombaim tinham instalações eléctricas antigas e perigosas e, ao fim e ao cabo, não foi difícil atribuir a esse facto a causa provável do incêndio.

E não foi difícil, sobretudo porque as influências continuaram a jorrar vindas do topo até que todos os possíveis suspeitos foram, na expressão satisfeita do senhor Sisodia, adido de Píloo, “C-c-comp-p-pletamente isentados”.

\*

Desorientação significa perda do Oriente. Perguntem a qualquer navegador: é em relação ao Oriente que se navega. Perder o oriente é perder as coordenadas, as certezas, o conhecimento daquilo que é e do que pode vir a ser, e talvez a própria vida. Onde estava a estrela que seguimos até à manjedoura? Isso mesmo. O oriente orienta. Essa é a versão oficial. É a própria linguagem que o diz e nunca se deve argumentar contra a linguagem.

Mas vamos supor... E se tudo isso — a orientação, saber onde se está, etc. — for uma grande vigarice? Se tudo isso — o lar, a família, toda essa treta — for o exemplo mais flagrante, mais global e com séculos de existência, de lavagem de cérebro? Suponhamos que é só quando ousamos deixarmos ir que começa a nossa verdadeira vida. Quando nos afastamos do navio-mãe, quando cortamos as amarras, tiramos as correntes, saímos do mapa, nos ausentamos sem autorização, fugimos, cavamos, seja o que for: suponhamos que é então, e só então, que temos liberdade para agir! Para levar a nossa vida sem ninguém para nos dizer como e quando e porquê. Sem ninguém para nos dizer para marcharmos em frente e dar a vida por eles, ou por Deus, ninguém para nos vir chatear, porque quebrámos alguma

regra ou porque fazemos parte daquele número de pessoas que, por razões que infelizmente não nos podem ser explicadas, são, pura e simplesmente *proibidas*. Suponhamos que temos de passar pela sensação de estarmos perdidos, para além do caos; que temos de aceitar a solidão, o pânico de perdermos as amarras, o terror vertiginoso do horizonte girando à nossa volta como a borda de uma moeda atirada ao ar.

Não queremos passar por isso. A maioria não quer. A lavandaria do mundo é especialista em lavagem de cérebros: não saltes dessa falésia não passes essa porta não mergulhes nessa cachoeira não tomes esse risco não passes dessa linha não ofendas a minha sensibilidade estou-te a avisar não me faças enfurecer estás a desobedecer estou a ficar furioso. Não tens uma oportunidade nem que peças de joelhos estás feito estás acabado és menos que nada, para mim morreste, estás morto para toda a tua família o teu país a tua raça, para tudo o que devias amar mais que à própria vida e escutar como a voz do dono e seguir cegamente e curvar-te perante e adorar e obedecer; estás morto, ouviste? Esquece, meu sacana estúpido, já nem sei como te chamas.

Mas vamos supor que já o fizemos, está feito. Saltámos da borda do mundo ou para a catarata fatal e... lá estava: o vale mágico nos confins do universo, o reino abençoado do ar. Em toda a parte, a grande música. Respiramos música, inspiramos, expiramos, é agora o nosso elemento. É mais agradável aos nossos pulmões do que “pertencer” a qualquer coisa,

Vina foi a primeira de nós que conseguiu. Ormus foi a seguir e eu, como de costume, cobri a retaguarda. Podemos passar a noite a discutir porquê, se saltámos ou fomos empurrados, mas não há que negar que o fizemos. Éramos os Três Reis do Desorientado.

E eu fui o único que sobreviveu para contar a história.

\*

A família Merchant mudou-se para o bloco de apartamentos de Apollo Bunder, o mesmo dos Camas; alugámos um apartamento para a minha mãe e outro para o meu pai e eu vivia como um yo-yo entre eles, aprendendo a ser independente, a esconder o jogo, a crescer. Nesses tempos Ormus e eu estivemos mais ligados do que jamais tínhamos estado ou viríamos a estar: unia-nos a nossa perda comum. Suponho que cada um de nós tolerava a saudade de Vina que o outro sentia, porque ela não estava presente para nenhum de nós. Não se passava um dia sem que ambos pensássemos nela

longamente, com a mesma pergunta no coração. Porque é que nos abandonara? Não era nossa, não a amávamos ambos? Ormus tinha um direito maior, como sempre. Tinha-a ganho numa aposta, tinha-a merecido por esperar por ela durante longos anos de abstinência. E agora ela desaparecera naquele imenso submundo feito de todas as coisas e todos os lugares e todas as pessoas que nós não conhecíamos. — Hei-de encontrá-la, — jurava Ormus frequentemente. — Não há limites até onde eu não vá procurá-la. Até ao fim do mundo, Rai. E mesmo mais além. — Pois sim, pensava eu, e se ela não te quiser? Se tu tivesses sido para ela só uma paixoneta indiana, uma pitada de caril? Se ela te arrumou entre o seu passado, se após a tua longa demanda a vais encontrar num *penthouse* ou numa *roulotte* e ela te dá com a porta na cara?

Estaria Ormus pronto a mergulhar nesse inferno, o submundo da dúvida? Não lho perguntei; e, como era novo, levei algum tempo a perceber que a chama infernal da incerteza já ardia no seu coração.

Naqueles tempos não era fácil viajar se tudo o que se possuía era um passaporte indiano. Nesse passaporte, um burocrata inscrevia laboriosamente os poucos países para onde se podia viajar, a maior parte dos quais eram destinos que nunca nos teriam passado pela ideia. Os outros — todos os sítios interessantes — estavam-nos vedados a não ser que arranjassemos uma autorização especial; nesse caso, seriam acrescentados no passaporte pela mão de outro burocrata com uma letra semelhante à do primeiro. Depois, havia o problema da moeda estrangeira. Havia em todo o país falta de dólares e libras esterlinas ou outras moedas cambiáveis, de modo que não podiam ser adquiridas e como não era permitido viajar sem elas, tinham de se comprar no mercado negro a taxas ruinosas; mas nesse caso o mais provável era sermos chamados a explicar como é que tínhamos tido acesso a elas, o que as tornava ainda mais caras, acrescidas da despesa adicional da quantia necessária para fazer calar a boca, isto é o suborno.

Forneço aqui esta pequena lição nostálgico-económica para explicar porque é que Ormus não apanhou o primeiro avião em busca do seu amor. Darius Xerxes Cama — reduzido agora a simples Sr. — passava a vida metido nos copos e, após a sua humilhante experiência de ter sido rejeitado pela Inglaterra em geral e William Methwold em particular, não estava acessível ao assunto das viagens transcontinentais. A senhora Spenta Cama (ainda sensível à perda do seu título), recusou-se terminantemente a

comprar ao seu filho menos preferido o mais barato dos bilhetes a preço reduzido numa companhia aérea árabe ou o número mais pequeno (cem) de “libras-negras” aceitáveis pelos traficantes. — O pirralho da miúda não vale nem dez vinténs — declarou ela secamente. — Vai mas é visitar Persis, aquela beleza; porque é que não hás-de ir? A rapariga, coitada, adora-te. Abre-me esses olhos de uma vez por todas.

Mas os olhos de Ormus estavam tapados para o resto da vida. Nos anos seguintes tive ocasião de observar de perto a sua maneira de ser e, por baixo daquela superfície brilhante e evasiva, a personalidade labiríntica e camaleónica que dava a todas as raparigas que o conheciam a vontade de o caçar; sob a sua natureza alternadamente reveladora e misteriosa, que tanto podia ser aberta e convidativa como fechar-se subitamente, umas vezes carente, outras arredia, debaixo de todas as melodias improvisadas de si próprio havia um ritmo sustentado, sempre o mesmo. Vina. Vina. Era escravo daquele ritmo para sempre.

Que uma coisa fique clara: ele não era fiel à figura ausente, nem à sua memória. Não se retirara do convívio social para iluminar todas as noites um altar à amante que o abandonara. Não senhor. Pelo contrário, procurava-a noutras mulheres, furiosa e incansavelmente, perseguindo uma inflexão na voz de uma mulher bonita, uma maneira de mover o cabelo numa cabeleira flutuante. A maioria das mulheres só lhe trazia desapontamento. No final desses encontros achava-se por vezes ultrapassado pelos rituais de cortesia exigidos pela situação e acabava por confessar a verdadeira natureza da sua demanda e por vezes a mulher de carne e osso que o desapontara tinha a generosidade de o ouvir falar da mulher-sombra que partira, horas e horas até de madrugada; até que ele emudecia e saía silenciosamente. Algumas mulheres chegaram perto de o satisfazer porque, a certa luz, se falassem muito pouco e se estendessem de uma certa maneira; ou, quando ele lhes tapava a cara com um lenço de renda ou uma mascarilha, os seus corpos agora anónimos tinham como que um eco do corpo dela, um seio, uma curva da coxa, um mover de pescoço; então sim, ele conseguia convencer-se durante quinze ou vinte segundos que ela tinha voltado. Mas depois voltavam-se, diziam palavras ternas ou arqueavam as costas nuas, a luz mudava, a máscara caía, a ilusão terminava e ele abandonava-as ali mesmo. Mas apesar das confissões chorosas de cruéis indiferenças, as raparigas que iam aos seus espectáculos (porque começara a cantar profissionalmente)

continuavam a buscar aquelas audições privadas que as deixavam, quase invariavelmente, feridas.

Mas a sua demanda não se ficava por estas jovens fãs. A lista dos seus amores de substituição durante estes anos parece uma amostragem da população feminina da cidade: mulheres de todas as idades, de todas as classes sociais, magras e gordas, altas e baixas, caladas e faladoras, suaves e desbocadas, unidas exclusivamente pelo facto de haver nelas um fragmento de Vina Apsara — ou pelo menos assim o julgava o amante atormentado que ela abandonara. Donas de casa, secretárias, trabalhadoras da construção civil, mulheres que andam ao trapo, operárias de fábrica, criadas de servir, prostitutas... Não parecia ter muita necessidade de dormir. Noite e dia percorria as ruas à procura dela, da mulher que não estava em parte alguma, tentando fazê-la sair de entre a multidão das mulheres que havia por toda a parte, encontrando por vezes um fragmento, uma farripa dela a que se agarrar, na esperança de que aquela ilusão a fizesse vir visitá-lo, pelo menos em sonhos.

Era assim que ele a perseguia. A mim parecia-me um comportamento quase necrofílico, vampiresco. Ele sugava o sangue de mulheres vivas para manter vivo o fantasma da Finada. Por vezes, após uma nova conquista, fazia-me confidências. Depois passei a sentir-me como se fosse Dunyazade, a irmã de Scherazade, sentada aos pés do leito da rainha, enquanto ela contava as suas histórias fabulosas para salvar a vida. Ormus contava-me todos os detalhes sem, curiosamente, dar a impressão de se estar a gabar — e eu, atónito e excitado ao mesmo tempo pelas suas paixões e pelas suas descrições, chegava a murmurar: — Talvez devesse esquecê-la. Talvez ela não volte. — Então ele ficava rígido e depois sacudia a cabeça, com uma juba que ia ficando cada vez mais longa e gritava: — Vade retro, Satanás! Não tentes meter-te entre o amante e a sua amada! — o que me fazia rir, embora não fosse esse o objectivo.

Em público, o seu aspecto era extraordinário. Brilhava, cintilava. Quando ele entrava numa sala, tudo mudava de aspecto a partir da posição que ele assumia. O seu sorriso era como um íman, o seu sobrolho franzido fazia gelar os corações. Os seus dias “de lazer” tinham acabado. Já não ia postar-se à saída dos colégios de raparigas. Agora cantava quase todas as noites e tocava qualquer instrumento que tivesse à mão e as raparigas precipitavam-se para o ver. Os hotéis e clubes da cidade convidavam-no e os produtores

de filmes indianos queriam-no para os playbacks. Ele aceitava ou não, não assinava contratos, não aceitava exclusividade para ninguém e era tão bom que podia fazer tudo o que queria. A principal atracção das manhãs de domingo em Bombaim. Nos *brunches*<sup>37</sup>, durante os quais se tocava agora *rock'n'roll* em vez de *jazz*, era Ormus cujos meneios faziam desmaiar as donzelas. As mães, embora desaprovassem em absoluto, também não podiam tirar os olhos de cima dele. Qualquer pessoa que tenha vivido na Bombaim desses tempos não pode deixar de se lembrar do jovem Ormus Cama. O seu nome e o seu rosto faziam parte da definição da cidade nesse apogeu de outrora. O senhor Ormus Cama, Estrela da Manhã das nossas mulheres.

Quando conversava, principalmente quando se inclinava para alguma rapariga bonita de enorme franja e larga saia cor-de-rosa, a sua intensidade tinha uma sugestão de poder sexual quase assustadora. Celebramos a carne, ciciava ele, porque somos carne e sangue. Tudo o que agrada à carne é bom, o que aquece o sangue é óptimo. O corpo, não o espírito. Concentra-te nisto... O que é que estás a sentir? Sim, para mim também foi óptimo. E isto?... Ah... sim, querida, o meu sangue também. Está quente!

*As nossas pessoas, não as nossas almas...* Espalhava o seu evangelho erótico com uma espécie de inocência, uma espécie de pureza messiânica que me punha doido. Era o melhor espectáculo do mundo. Eu fiz o possível por imitá-lo durante toda a minha adolescência e até a minha versão de mímico medíocre teve bons resultados com as raparigas da minha geração, mas por vezes riam-se de mim. Para dizer a verdade, a maior parte das vezes. Já não era mau se conseguisse ter sorte com uma em cada dez. Tenho isto em comum, soube-o mais tarde, com a classe masculina em geral. A rejeição é a norma. Saber isto faz-nos desejar ainda mais sermos aceites. Neste jogo, não somos nós que temos as cartas na mão. Se formos dotados, adquirimos uma certa subtilidade... Mas Ormus era um artista, tinha sempre o ás de trunfo, isto é, a sinceridade. Costumava levar-me às suas *jam sessions* e mesmo a algumas das suas festas nocturnas (eu tinha um pai e uma mãe em constante desafio para obterem o meu amor e os meus favores, por isso não era difícil dar-lhes a volta e ter autorizações que, de outro modo, me teriam sido negadas); eu gostava de ver o mestre em plena actividade, quando acabava de cantar e se ia sentar a uma mesa com uma rapariga suspensa de tudo o que ele dizia. Eu observava com uma atenção fanática,

determinado a não perder o pequeno momento de descuido, o curto instante de desatenção em que lhe escorregasse a máscara, em que ele revelasse ao seu discípulo e espião que tudo aquilo era uma actuação, uma série calculada de efeitos, uma fraude.

Mas esse momento nunca chegou... Porque de facto era tudo a sério, ele pensava o que dizia no mais fundo de si próprio; por isso teve seguidores, fãs, corações e amantes, por isso ele ganhou o jogo. O seu credo Dionisiaco, rejeitar o espírito e crer na carne, com o qual em tempos seduzira Vina, estava agora a tomar conta da cidade.

Havia uma única mulher que ele nunca tantaria seduzir e era Persis Kalamanja. Talvez fosse esse o seu castigo por ter ajudado Vina a abandoná-lo: ela nunca provaria sequer uma noite dos seus fabulosos encantos. Ou talvez fosse outra coisa, uma prova da alta estima que ele tinha dela, uma indicação de que, se não tivesse existido Vina Apsara, ela realmente teria tido uma oportunidade.

Mas Vina existia, e assim se apagou a pobre “Persis, coitada”.

\*

O Ormus privado, que eu tinha o privilégio de observar em Apollo Bunder era muito diferente daquele Deus do Amor público. A mancha na pálpebra ainda o incomodava. Por vezes a antiga sombra caía sobre ele e era capaz de ficar deitado e imóvel durante horas, com aquele olhar para dentro que tinha visões tão apocalípticas. Já não falava muito em Gayomart, mas eu sabia que o gémeo morto andava por ali, voando constantemente por algum labirinto vertiginoso do espírito, no fim do qual o esperava não só a música mas também o perigo, os monstros, a morte. Eu sabia-o porque Ormus regressava sempre da “Cama obscura” com frases novas de canções. E talvez estivesse a ir mais fundo, arriscando-se mais, ou talvez Gayo estivesse a chegar mesmo junto a ele para lhe cantar ao ouvido, porque agora Ormus trazia mais do que sequências de vogais ou versos errados que não faziam sentido (embora por vezes fosse difícil perceber a diferença, como quando, por exemplo, me cantou pela primeira vez um número chamado Da Doo Ron Ron). Ormus recebia agora canções inteiras. Canções do futuro, com nomes que nada significavam em 1962 e 63. “Eve of Destruction.” “I Got You Babe.” “Like a Rolling Stone.”

Ormus gostava de compor as suas canções no terraço do bloco de apartamentos e passava lá eternidades, perdido consigo mesmo, à procura



dos pontos de interseção entre a sua vida interior e a vida do mundo exterior: chamava “canções” a esses pontos de interseção. Permitiu que eu o fotografasse uma única vez enquanto trabalhava, repicando vagamente uma guitarra que tem sobre as pernas cruzadas, olhos fechados, perdido. A minha *Voigtländer* salvara-se do incêndio de Vila Trácia porque ela e eu tornáramo-nos inseparáveis e eu levava-a comigo para o liceu. Lera num livro chamado *Fotografia para Principiantes* que um verdadeiro fotógrafo nunca se separa do seu instrumento de trabalho e levava o conselho a sério. Ormus gostou dessa minha atitude, achou-a “séria”, disse; e eu, que apesar da minha carga de ciúmes por causa de Vina estava sempre desejoso dos seus elogios, fiquei todo inchado. Tinha-me dado a alcunha de “Vist”, naqueles tempos. — Este é o meu amigo Vist Rai — dizia ele, apresentando-me ao seu grupo de gente duvidosa — (estávamos em 1963 e eu acabara de fazer dezasseis anos) — É um tipo único. Vê fotografias em toda a parte: numa bicha de autocarro três desconhecidos a levantarem a perna ao mesmo tempo como uma fila de coristas, ou pessoas a dizer adeus do convés de um paquete que se afasta, só que um dos braços no ar é dum gorila — e ele a gritar: vist’isto? Vist’isto? Claro que ninguém viu senão ele, mas o caso é que aparece lá tudo na fotografia. É o jovem Vist. Dava-me uma palmada nas costas e as mulheres do grupo lançavam-me os seus olhares mais langorosos e entesoativos. — É o atirador mais rápido de todo o leste! — O que fazia corar até às orelhas, para maior humilhação, o miúdo que eu era.

Ora em Novembro de 1963 deixou-me fotografá-lo enquanto trabalhava. Muitas das suas canções dessa altura eram de protesto, fortes, idealistas. Do ponto de vista do conteúdo, que tanto me preocupava, Ormus pertencia ao grupo daqueles que achavam que o mundo em geral era pior do que os cidadãos normais que o habitavam! Nisso parecia-se com a minha mãe; a diferença era que ela, desiludida, achara que não podia vencer a corrupção e juntara-se a ela. Ormus Cama continuava a pensar que o homem era capaz de se aperfeiçoar e os vários grupos sociais também. Mas naquele dia no terraço, de olhos fechados, a falar sozinho, parecia intrigado. — Isso não é o que devia ser, — murmurou repetidamente. — Está tudo fora dos eixos. Às vezes só um bocadinho, outras vezes completamente. Mas as coisas deviam ser diferentes. Não sei... diferentes.

Dali nasceu uma canção: *Não Devia Ser Assim*. Mas ao observá-lo,

tentando tomar-me invisível para não o inibir, andando à volta do terraço com pezinhos de lã, tive a estranha sensação de que ele não estava a falar em sentido figurado. Tal como podia surpreender-nos com a sua óbvia sinceridade, também o seu espírito prosaico e ao pé-da-letra podia apanhar-nos totalmente de surpresa. Senti eriçarem-se-me os cabelos na nuca. Senti um nó no estômago. — As coisas não são assim — continuava a repetir. — Não deviam ser assim. — Como se tivesse acesso a um outro plano de existência, um plano paralelo, o universo “certo”, e tivesse percebido que o nosso tempo tinha sido, de qualquer forma, deslocado. A sua veemência era tal que dei por mim a acreditar no que ele dizia, a acreditar, por exemplo, na existência de outra vida em que Vina não fugira e que vivíamos juntos, todos três, ascendendo juntos até às estrelas. Então ele abanou a cabeça e a ilusão desfez-se. Abriu os olhos, sorrindo com malícia, como se soubesse que os seus pensamentos tinham contagiado os meus. Como se soubesse o seu poder. — É melhor continuar, — disse ele. — Aproveitar o que há.

Mais tarde, antes de adormecer, o tormento de Ormus lá em cima no terraço veio-me de novo ao espírito: a ideia que o possuía de que o mundo, como um comboio desalinhado, tinha saído do seu rumo e avançava agora sem controle, sobre uma enorme rede de carris de aço de agulhas desencontradas. No meu torpor antes do sono essa ideia enervava-me; se o mundo se estava a metamorfosear de forma imprevisível, então não havia nada com que se pudesse contar. Confiar em quê? Como encontrar amarras, alicerces, pontos fixos, num mundo partido e alterado? Fiquei subitamente bem acordado, com o coração a bater. *Okay. Okay.* Isto é só um sonho acordado.

O mundo é o que é.

A seguir pensei que aquelas dúvidas de Ormus acerca da realidade podiam ser uma espécie de vingança do espírito, uma erupção, numa vida dedicada ao presente e aos sentidos, de tudo aquilo que é irracional e incorpóreo. Ele, que rejeitara o incognoscível, estava a ser atacado pelo desconhecido.

\*

No dia seguinte àquele em que o Presidente dos Estados Unidos escapou por pouco a um atentado em Dallas, no Texas e todos ouvíamos falar nos nomes dos assassinos em potência, Oswald, cuja espingarda encravara e Steel que fora dominado, numa espécie de colina arredondada e coberta de

relva, por um verdadeiro herói, um cineasta amador de meia-idade chamado Zapruder que vira a arma do assassino e lhe batera na cabeça com uma câmara de filmar de 8 milímetros... nesse dia extraordinário Ormus Cama tinha mais com que se preocupar porque, logo que chegou ao Regal Café, em Colaba, foi informado de que, entre a assistência do seu último espectáculo dessa noite, haveria um grupo de pessoas dos Estado Unidos da América incluindo o próprio senhor Yul Singh em pessoa. Já então a maior parte dos indianos que gostavam de música, nas cidades, tinham ouvido falar em Yul Singh, o produtor indiano de discos cego que em 1948 fundara em Nova Yorque a Colchis Records com um empréstimo de dez mil dólares do seu oculista. Quando a Colchis Records descobriu o sucesso tocando “música negra”, rhythm-and-blues, para os radiouvintes de raça branca, esse oculista, Tommy J. Eckleburg, depressa se tornou também numa celebridade em Manhattan. Chegou a aparecer num *talk-show* do circuito de promoção de Yul Singh.

— *Então, Yul, para que é que um cego precisa de um oculista?*

— *Optimismo, Johnny, optimismo.*

— *E para que é que um oculista precisa de um cego, T.J.?*

— *Não insulte o meu amigo, senhor C. Ele vê as coisas de uma maneira diferente, é só isso.*

Quando Ormus chegou ao Regal e lhe falaram da presença de Yul Singh e seus amigos, começou a franzir o sobrolho e a queixar-se de uma dor de cabeça terrível. Tomou um comprimido e foi-se deitar no seu camarim com um saco de gelo na cabeça e comigo ao lado, massajando-lhe as têmporas. — *Yul Singh*, — repetia ele. — *Yul Singh...*

— *É o máximo dos máximos*, — disse eu, orgulhoso de uma ciência recentemente adquirida. — *A Aretha, o Ray, os Beatles, Toda a gente.* — Ormus estremeceu, como se a dor de cabeça se tivesse intensificado.

— *Que foi?* — perguntei. — *O comprimido não deu resultado?*

— *Esse homem não existe.* — murmurou ele. — *Não existe, porra.*

Era ridículo. — *Estás doido ou quê?* — disse-lhe eu. — *Não me digas que também não existe o Jesse Garon Parker.* — Ele percebeu o que eu queria dizer e tapou a cara com as mãos. Ouvi-o cantar baixinho:

*It's not supposed to be this way*

*It's not supposed to be this day*

*It's not supposed to be this night*

*But you're not here to put it right  
And you're not here to hold me tight  
It shouldn't be this way*<sup>38</sup>

A seguir, a dor de cabeça pareceu diminuir, o comprimido tinha dado efeito. Sentou-se direito no divã.

— Mas o que é que estou a fazer? — disse ele. — Não é altura de me ir abaixo.

— Então, merda. — Desejei-lhe eu, antes da entrada em cena.

\*

Após a sua actuação que Ormus, em honra dos visitantes americanos, dedicara à sobrevivência do Presidente Kennedy, eu estava com ele no minúsculo camarim, juntamente com três raparigas (não havia lugar para mais). Ormus estava de tronco nu, esfregando-se com uma toalha, para encanto das senhoras. Então Yul Singh bateu à porta. Ormus enxotou as mulheres mas disse-me que eu podia ficar.

— Um irmão mais novo? — perguntou Yul Singh e Ormus teve um sorriso largo: — Mais ou menos.

Singh era um espectáculo. Trazia o fato de seda azul mais bonito que eu jamais vira, camisa com o seu monograma, os seus sapatos de dois tons fizeram-me doer os pés de inveja. Estava na casa dos quarenta, era baixo, moreno escuro, careca e com uma pequena pêra e trazia óculos escuros — obra sem dúvida desse oculista *grand couturier* por excelência, o Sr. T.J. Eckleburg — feitos à medida da curva do seu crânio, de tal modo que era impossível vislumbrar aqueles olhos sem vista, por mais voltas que qualquer curioso quisesse dar ao pescoço. Trazia na mão uma bengala branca, toda de marfim, com castão em prata.

— Ouça o que eu tenho para lhe dizer — disse ele, indo direito ao assunto. — Eu não vim a Bombaim à procura de artistas, está a ver? Vim cá visitar a minha mãe que, graças a Deus, já tem mais de setenta anos e ainda monta a cavalo. Mas isso não é nada consigo. Está bem, ouvi-o cantar e tudo; e então? Julga que eu não sei nada de nada? Você anda a tentar enganar quem?

Tudo isto dito entre dentes que brilhavam no mais cortês dos sorrisos. Nunca vira Ormus tão desconcertado. — Não percebo, sr. Singh — disse ele, e de repente parecia um miúdo. — Não gostou do meu espectáculo?

— E que importa do que é que eu gosto? Já lhe disse que não estou de

serviço. A minha mãe está lá fora. Ouviu-o cantar, eu também ouvi, toda a cidade ouviu. Isto que você faz, o que é? Uma espécie de homenagem, não é? Reconheço uma coisa: você aprendeu as canções todas tal e qual, o fraseado e tudo, você podia ser todos aqueles tipos. Ótimo. Mas eu não estou interessado. Você faz isto pelas mulheres, pelo dinheiro, porquê? Agrada às mulheres? É disso que anda à procura?

— Uma mulher só — murmurou Ormus, que a surpresa deixara totalmente indefeso.

Isto fez Singh parar e pôr a cabeça de lado. — Ela fugiu-lhe, não foi? Você andava a fazer estes números de imitação e ela fartou-se.

Ormus puxou para si os farrapos de dignidade que lhe restavam. — Já percebi, senhor Singh, obrigado pela sua franqueza. Hoje não cantei nenhuma canção minha. Uma destas noites, talvez experimente. — Singh bateu com bengala nas tábuas do chão. — Quem é que lhe disse que eu já acabei de falar? Quando acabar eu digo-lhe, rapazinho, e já o avisei de que não saio daqui sem você me dizer onde é que foi buscar aquele último número que cantou, quem foi o filho da puta que o roubou para si, foi o que eu disse logo que você começou a cantá-lo; está a ver o que me obriga a dizer palavrões em frente da minha mãe, uma senhora de cabelos brancos. Detesto fazer uma coisa dessas. Ela estava a fazer tricô e até deixou cair uma malha. Mas isso não é nada consigo.

A última canção fora uma balada terna, lenta e cheia de saudade: uma canção para Vina, pensava eu, uma das composições de Ormus feitas no telhado, a pensar no seu amor perdido. Mas enganava-me. O nome da canção era *Yesterday*.

— Ouvi cantar, — disse Ormus sem convicção e Yul Singh voltou a bater violentamente com a ponta da bengala no chão. — É impossível. Tá bem? Essa canção, não a vamos lançar senão para o ano que vem. Ainda nem sequer foi gravada. Ainda não há sequer a porra duma maquete. O gajo escreveu-a, tocou-a ao piano em Londres, porra! Meti-me logo no avião para Bombaim para ver a minha querida mãe, que está ali fora à espera há uma data de tempo, a estranhar que o filho tenha dito palavrões à frente dela, porra! Percebe o que eu quero dizer? Isto não está certo. Não devia ser assim.

Ormus estava calado, sem saber que responder. Como é que ele podia dizer: tenho um irmão gêmeo nado-morto, costume segui-lo em sonhos, ele

canta, eu escuto e nestes últimos tempos tenho tido mais facilidade em perceber as letras? Cada vez mais facilidade.

Yul Singh levantou-se: — Tenho duas coisas a dizer-lhe. Primeiro: se você alguma vez voltar a cantar essa canção, ponho-lhe os meus advogados à perna que o cortam em tiras e no dia seguinte servem-me os seus tomates ao pequeno-almoço ao lado dos meus *cornflakes* dentro de uma tigelinha da China. Segundo, eu nunca digo palavrões. Mas é que nunca. Sou famoso pela minha linguagem castigada. Por isso, queira entender, peço-lhe, o meu mal-estar.

Estava a sair a porta. Entrevi os vultos de dois calmeirões de *smoking*. Ele voltou-se para um último remoque.

— Eu não disse que você não tem talento. Ou disse? Não creio tê-lo dito. Você tem talento. Talvez um grande talento. O que lhe falta é material, excepto o que você roubou, Deus sabe como e você não quer dizer. O que lhe falta também é uma orquestra, porque esses tipos de casacos cor-de-rosa com guedelhas à moda da “big band” já não vão a parte nenhuma a não ser de regresso a casa, e à boleia. Além disso: motivação. Quer-me parecer que também lhe falta. Quando você tiver material que pensa ser do melhor que há, quando tiver um espectáculo que pode dar a volta ao mundo, não venha ter comigo. Quando tiver motivação, isso é outra coisa, se alguma vez a tiver, do que eu duvido, mas não se preocupe que eu não fico à espera. Talvez, se encontrar essa rapariga, isso sim! Encontre-a e será a sua salvação. Eu, pessoalmente, devo tudo à minha linda esposa que infelizmente não veio comigo nesta viagem. Mas isto não é nada consigo. Boa noite.

— Com que então, o homem não existe, — disse eu a Ormus — Olha que sorte.

Ormus parecia atingido por um raio. — Está tudo errado, — murmurou ele estupidificado. — Mas provavelmente é assim mesmo que tem de ser.

---

[32](#) O Middle Temple é o edifício dos Tribunais, em Londres. (NT.)

[33](#) Em Inglês, são frases de canções mundialmente conhecidas. (N. T.)

[34](#) Festa religiosa. Os festivais têm um papel muito importante na religião hindu. (N. T.)

[35](#) Festa hindu da Primavera, durante a qual se lançam água e pós coloridos. (N. T.)

[36](#) Antiga moeda indiana de pequeno valor. *(N.T.)*

[37](#) Brunch: contracção de “breakfast” (pequeno-almoço) e “lunch” (almoço), é um pequeno-almoço opíparo e tardio, servido entre o fim da manhã e o princípio da tarde, aos fins-de-semana. *(N. T.)*

[38](#) É suposto não ser assim/é suposto não ser neste dia/é suposto não ser nesta noite/ mas não estás cá para isto dar certo/mas não estás cá para me abraçares/não devia ser assim. *(N.T.)*

## Capítulo 7 MAIS DO QUE O AMOR

Devo confessar que nunca aceitei totalmente a explicação das “dificuldades de passaporte e dinheiro estrangeiro” para o facto de Ormus não ter seguido Vina imediatamente. Querer é poder, não podia eu deixar de pensar; por isso, quando Yul Singh argutamente pôs em questão a motivação do cantor, eu percebi que ele tinha posto o dedo na ferida e estava só a dizer alto o que eu já sabia. Mas a autoconfiança aparente de Ormus — a sua arrogância sexual, o seu à vontade com o seu corpo e a sua voz, o seu charme — era tal que eu deixei-me levar a acreditar que aqueles acessos de introspecção privados e até aqueles ataques de pânico acerca de falhas na realidade, eram atribuíveis à sua intensa sensibilidade artística, que o levava inexoravelmente até àquilo a que Browning chama a margem perigosa das coisas.

“O ladrão honesto, o terno assassino.” Por mais interessantes que sejam tais paradoxos, Ormus Cama procurava uma margem muito mais perigosa, uma margem do espírito para além da qual ele perseguia o irmão morto, voltando carregado de música profética mas arriscando-se de cada vez a não poder regressar. Não era de admirar, pensava eu, com a omnisciência da juventude, que essas viagens ao desconhecido exigissem a sua portagem e deixassem o viajante desequilibrado e fora de si. Em suma, eu achava que Ormus Cama estava um pouco baralhado de cabeça, desorientado pela perda, como acontece por vezes aos gémeos (ou aos amantes) quando são separados. Os homens da família Cama que sobreviviam, cada um à sua maneira, não tinham os parafusos todos; Ormus não era um maníaco homicida, nem um mudo, nem um enterrado vivo na derrota e na vergonha, conservado em whisky; Ormus era talentoso e carismático e as suas excentricidades só aumentavam o seu poder de atracção. Assim, havia muitas razões para eu pôr de lado as minhas dúvidas anteriores, e desistir de racionalizar, mesmo para mim próprio, a súbita revelação de que a partida de Vina — imediatamente após aquela (única) noite de amor tanto tempo adiada e tão profundamente satisfatória —, tinha atingido profundamente em Ormus o sentido da sua própria realidade, deixando-o com um rombo abaixo da linha de água e adernando gravemente, baldeando a água o mais depressa que podia e tentando não se afogar. Agora que a clarividência de Yul Singh me abrira os olhos, eu podia ver claramente o nevoeiro de medo



que paralisava Ormus Cama, o sentimento de profunda incapacidade que a sua pose de Casanova de Bombaim e o seu Don Juanismo irremediável, revelavam. Se Afrodite se tivesse demitido do Olimpo, se Vénus tivesse anunciado que os seus encantos já não surtiavam efeito, não poderia ser para Ormus um golpe mais forte do que a desilusão de Vina Apsara no que toca ao amor. Também ele perdera a confiança e a fé na própria ideia de Vina, a ideia de haver uma partenaire perfeita e eterna que ele pudesse amar perfeita e eternamente e por intermédio de quem ele pudesse, por seu turno, tornar-se perfeito e eterno. — Hei-de segui-la até ao fim do mundo, — gabava-se ele, mas nem sequer era capaz de chegar ao aeroporto.

Começara a temer tudo aquilo que mais desejava. No dia mais importante da sua carreira profissional, arranjava uma dor de cabeça e depois não se lembrava de cantar uma única das suas canções em frente do célebre produtor de discos, com a mãezinha ao lado fazendo tricô. Em vez disso, cantava as suas Gayosicas, versões mascaradas dos sucessos mais conhecidos da época que, inutilmente, ouvira há tanto tempo, em sonhos; e acabara por ser tomado pelo produtor por um cantorzeco de variedades, um eco provinciano dos sucessos das grandes cidades, um pacóvio. O mesmo lhe acontecera com Vina: tivera medo. O medo que ela já tivesse deixado de o amar — que pudesse, efectivamente, fechar-lhe a porta na cara — mantinha-o em casa.

\*

Nos treze meses que se seguiram à revelação de Yul Singh da sua secreta cobardia, a falta de coragem de Ormus Cama foi-se gradualmente tornando óbvia para toda a gente. Até àquele dia os músicos que tocavam nos vários clubes e cafés, tais como o combo do Regal Café, os “Pink Flamingoes”, tinham tratado Ormus como um semideus, um daqueles heróis mitológicos cujo destino é acabar lá em cima a brilhar entre as estrelas. Mas logo que o patrão da Colchis lhe retirou o seu apoio, os músicos de Bombaim apressaram-se a fazer saber a Ormus Cama que era escusado ele continuar a dar-se ares, julgar-se o ModGod<sup>39</sup> (título mais aliterativo do que certo que lhe fora atribuído por um crítico) mas, quanto a eles, Ormus, ele não era melhor do que os outros, não era mais do que o vocalista do grupo e vocalistas havia-os aos milhares, por isso era melhor ele ter cuidado... e para complicar a derrocada, ele perdeu também aquilo a que chamávamos o seu “dom”.

As primeiras mulheres a rejeitarem-lhe a corte, duas *starlettes*, Fadia Wadia e Tipple Billimoria, ficaram famosas de um momento para o outro no círculo mundano intelectual, como tendo espetado um alfinete no balão da fama de sedutor de Ormus Cama. Em poucas semanas todo o “Exército de Ormus” o abandonou. Só ficou Persis Kalamanja, à espera de um telefonema numa ardente solidão, em casa de sua mãe em Malabar Hill. Mas Ormus Cama nunca fez esse telefonema. Telefonar a Persis seria admitir que tudo estava terminado. Seria como falar para uma torre de silêncio, a reservar espaço no telhado cheio de abutres. Persis Kalamanja, de infinita paciência, incapaz de desejar o mal a qualquer ser humano, a bela Persis, a filha ideal de qualquer mãe, a noiva ideal de qualquer homem, transformara-se, na imaginação atormentada de Ormus, numa encarnação do Anjo da Morte.

Durante aquele ano ele foi-se tornando numa figura cada vez mais isolada e desgarrada, mas continuava sem fazer o menor esforço para partir em busca de Vina. A própria Sra Spenta Cama, que nunca conseguira amar o seu filho mais novo e combatera com todo o seu vigor a obsessão de Ormus pela jovem Vina, acabou por dizer, com uma certa irritação: — Que é que esperas que ela faça, ao fim deste tempo todo? Que ela desça pela chaminé no Dia de Natal, num embrulho de presente e trazendo um cartão de Boas-Festas?

\*

No apartamento dos Camas não havia chaminé e a família não tinha por hábito celebrar o Natal. Vina Apsara não veio visitá-los, com ou sem cartão de Boas-Festas. Mas alguém veio àquela casa. E depois disso, o Dia de Natal, além de não ser um dia de festa para os Camas, passou a ser um dia impossível de esquecer.

\*

Cyrus Cama fugiu da cadeia naquela véspera de Natal disfarçado de padre Sírio, tendo convencido um guarda de que era um Grande Vidente, cuja personalidade de assassino se extinguiu e que doravante seria muito mais útil à nação como homem livre, a fim de espalhar a sua mensagem única em todo o país. Emergiu num país muito necessitado de liderança. Jawaharlal Nehru morrera. A sua sucessora, Indira Gandhi, não passava de um joguete nas mãos dos verdadeiros patrões do Congresso: Shastri, Morarji Desai e Kamaraj. Um gang fanático de homens de mão, os Axis de Mumbai, estava

prestes a tomar o controle de Bombaim e o nacionalismo hindu estava a apoderar-se de todo o país. Havia a sensação generalizada de que as coisas estavam a ir depressa de mais, que o comboio nacionalista ia a correr sempre em frente sem condutor e que a decisão de abater as barreiras das tabelas de preços internacionais e desregulamentar a economia tinha sido tomada à pressa. “Talvez dentro de vinte anos, quando formos mais fortes, “dizia um editorial do *Indian Express*, “mas porquê agora? para quê tanta pressa?”

Na noite da fuga de Cyrus, o seu gémeo Ardaviraf acordou subitamente com um arrepio, como se qualquer coisa de maléfica lhe tivesse roçado pela espinha. Ficou na mesma posição, sentado na cama, a tremer, até ser descoberto pela mãe, que o enrolou em cobertores e lhe deu canja a beber, até a cor lhe voltar às faces. — Parece que viu um fantasma — disse Spenta pelo telefone a Dolly Kalamanja, cuja a atitude sacudida e racionalista perante as tretas do paranormal faziam a mística Spenta sentir-se sempre muito melhor. — Coitado do rapaz, — disse Dolly bondosamente. — Só o diabo sabe que ideias loucas passam pela cabeça desse pobre pequeno.

Na manhã seguinte surgiu a notícia da fuga de Cyrus e Spenta lançou um longo olhar sobre Virus, mas ele respondeu com o seu sorriso de inocente e virou as costas. Spenta Cama sentiu o coração apertado por um temor indefinível. Sabia que não valia de nada discutir aquele alarmante acontecimento com o marido, cada vez mais ausente de tudo. Mas telefonou à sua melhor amiga. — Que irá fazer o meu Khusro desta vez, Dolly? Que nova vergonha vai ele fazer descer sobre a minha cabeça? — Mas Dolly Kalamanja, que a conhecia bem, detectou um terror mais profundo sob os lamentos de Spenta, um terror tal que a tinha levado a falar abertamente de um caso cuja existência ela nunca admitira, sequer. Dolly já não era a novarica inocente de outros tempos e há muito estava informada acerca do preso Cyrus Cama. Mas a sua amizade por Spenta, bem como a sua bondade (que Persis herdara) eram tais que ela nunca mencionara o assunto. — Se Spenta deseja manter segredo, — dissera ela a Persis, — será isso mesmo que eu farei.

As duas mulheres tinham um programa bem sobrecarregado naquele dia: havia um chá de caridade em casa de Dolly, seguido de uma passagem de modelos especial, que era mais um show extravagante de tema natalício no cinema Orpheum destinado a recolher fundos, e depois uma série de visitas

as hospitais. — Vem cá ter a casa cedo, — aconselhou Dolly. — Sempre mudas de ideias. E temos muito que organizar. — A Sra Spenta Cama, devorada de ansiedade, não quis ouvir mais nada e correu logo para Malabar Hill, onde mergulhou com alívio — e energicamente — no mundo das obras de caridade.

Mais tarde Ormus diria também que saíra de casa sentindo-se nervoso e apreensivo, o que, de resto, lhe acontecia com frequência, naquela época. Mas encolheu os ombros e foi trabalhar. Estava contratado nessa noite para ir cantar canções de charme no Cosmic Dancer Hotel em Marine Drive no restaurante, onde a sugestão do Natal era dada por meio de grande quantidade de flocos de algodão em rama e meia dúzia de abetos de plástico. Ormus foi obrigado a enfiar um fato vermelho e uma barba branca e a cantar uma selecção que ia do *White Christmas* ao *Santa Baby* de Eartha Kitt, apesar de esta última canção ter sido claramente escrita para ser cantada por uma mulher. Era um show de segunda categoria, o que tinha tudo a ver com o declínio da sua reputação.

Às vezes, é preciso chegar ao fundo para saber onde fica o topo; é preciso percorrer uma longa distância no caminho errado até se saber qual é o caminho certo. Ormus Cama tinha-se deixado afundar, paralisado por uma terrível inércia, um abatimento marcado por uma grande semelhança com o do seu pai. Mas na noite do assassinato de Darius, Ormus viu-se finalmente tal como era. No final do espetáculo no Cosmic Dancer Hotel, duas horas de purgatório a cantar velhas canções através de uma barba de Pai Natal, escutou os parcos e distraídos aplausos e desatou a rir. Tirou a barba e o gorro de Pai Natal e riu até às lágrimas lhe correrem pela cara abaixo. Mais tarde, muita gente da cidade pretendeu ter assistido ao último show de Ormus Cama em Bombaim, gente que dava para encher várias vezes o Estádio Wankhede, e cada um tinha a sua versão do que tinham sido as palavras de despedida. Houve quem dissesse que ele estava zangado, ou humilde, ou arrogante, ou que se tinha exprimido em francês. Foi acusado de ter falado às massas sobre o futuro da música pop, ou que os tinha insultado por lhe não darem atenção, ou que tinha suplicado que lhe dessem mais uma oportunidade, e que tinha sido vaiado até sair de cena. Outros disseram que ele tinha feito um discurso político atacando os ricos de segunda ordem que estavam a assistir, acusando-os de corrupção e ganância. Ou que tinha blasfemado, não só contra o Natal e os Cristãos,

mas contra todos os deuses e os ritos, essas “pantomínicas piedosas”. Segundo as várias testemunhas Ormus fora magnificente ou patético, um herói ou um palhaço.

A verdade é que não conseguiu parar de rir e a única coisa que disse não se dirigia a nenhum dos presentes: — Merda, Vina! — disse ele agarrado às costelas. — Desculpa ter demorado tanto tempo a perceber.

\*

Entretanto, no apartamento de Apollo Bunder, o mordomo Gieve servia o jantar a Darius e a Ardaviraf, tendo-se depois retirado para os aposentos da criada, onde descobrira com espanto que todos os criados tinham fugido, menos o cozinheiro que se preparava para fazer o mesmo. — Aonde é que tu vais? — perguntou Gieve ao fulano, que se limitou a abanar a cabeça e a fugir o mais depressa possível pela escada de serviço, uma barulhenta escada de ferro em espiral apensa às traseiras do edifício. Parece evidente que Gieve, ele próprio, não sentiu o mínimo pânico, porque se deitou no seu catre como de costume, adormecendo em seguida.

O Sr. Darius Cama passou as suas últimas horas de vida sozinho na sua biblioteca bem amada, um tanto confuso pela idade, pela mitologia e pelo álcool. Ultimamente andava obcecado pela ideia de que as figuras gregas dos Titãs, Prometeu, “a Intuição” e o seu irmão Epimeteu, “a Reflexão”, filhos de Urano, “o Pai de Todos”, podiam derivar dos heróis dos Purana<sup>40</sup>, Pramanthu e Manthu e que a suástica, antigo símbolo indiano do fogo, podia também relacionar-se com o papel simbólico de Prometeu, quando roubou o fogo do Olimpo para o dar aos homens. Ao apoderar-se da suástica, os Nazis tinham-na conspurcado — a conotação Nazi conspurcara tudo em redor — e o velho senhor esperava, no seu espírito enevoado, que as suas últimas investigações pudessem de qualquer modo redimir tanto a suástica, como o estudo do mito Ariano, terrivelmente deformado pela conotação a que a História o submettera. Mas já não conseguia pensar claramente e seguir os seus argumentos até ao fim. Os seus apontamentos desviavam-se do assunto, em digressões que iam de Prometeu e Epimeteu ao irmão mais novo deles, Cronos, que cruelmente cortara os tomates ao pai com uma foice. As últimas palavras que Darius Xerxes Cama escreveu não tinham nada a ver com erudição, mas sim com a sua confusão e a sua dor. *Não é preciso cortarem-me os tomates*, escreveu. *Eu já o fiz*. Depois, a cabeça escorregou-lhe para a frente até ficar apoiada nos seus papéis e ele

adormeceu.

\*

Spenta voltou tarde para casa e foi logo para o quarto; Ormus, radiante, regressou pouco antes de amanhecer cantando a plenos pulmões e acendeu uma série de lustres e candeeiros. No seu quarto Spenta, exausta, continuou a dormir sem dar pelas luzes nem pelas canções. Pestanejando, como se tivesse emergido finalmente para a luz após anos de reclusão do mundo vividos num sótão às escuras, Ormus recolhera a casa depois de uma noite passada a percorrer as ruas da cidade, rindo, chamando Vina, bêbado não de álcool mas de pura excitação, ardendo de desejo. Entrou no quarto ruidosamente, caiu na cama e adormeceu vestido e calçado. O apartamento dormia também, ignorando a tragédia que albergava entre as suas paredes.

A manhã chegou, rápida e impiedosa, como nasce a manhã nos trópicos. Como de costume, foi a cidade que despertou Spenta com o seu ruído displicente de gritos, motores e campainhas de bicicletas. Com desfaçatez, um bando de corvos instalou-se no parapeito da janela e acordou-a com o seu grasnar agreste. Mas apesar de todo este barulho, foi o silêncio que fez Spenta sentar-se direita, um silêncio onde deveria ter havido som. Faltava parte da orquestra matinal: faltavam os ruídos da casa. Spenta enfiou um penteador de cambraia sobre a camisa de noite e avançou pelo apartamento, onde não viu a mulher a dias e a filha varrendo a casa, nem o criado limpando o pó e fazendo brilhar os móveis. Na cozinha não havia ninguém. De Gieve, nem sinais. Spenta chamou, em voz alta: — *Arré, koi hai?* — Não houve resposta. — Cambada de preguiçosos, é incrível...! Spenta atravessou a cozinha de rompante até aos aposentos dos criados, de cara fechada, decidida a dar uma descompostura a toda aquela criadagem indolente; e fugiu, a correr, instantes depois, tapando a boca com a mão para não gritar. Abriu a porta do quarto de Ardaviraf que dormia, ressonando beatificamente. Depois dirigiu-se aos aposentos de Ormus, que se voltou na cama, resmungando, sem acordar. O quarto de Darius estava vazio. Spenta foi até à biblioteca, mas parou por momentos em frente das portas duplas, como se não se atrevesse a abri-las por não se sentir preparada para o que ia ter de enfrentar. Com uma mão em cada maçaneta, inclinou-se para a frente até empurrar dolorosamente com a testa o mogno reluzente; e então chorou.

Diz-se que sempre que morre um rei ungido a sua alma refugia-se no

corpo de um corvo. Pode ser, também, que o nome de Cronos, que matou o pai, derive da palavra grega que significa “corvo” e não, como geralmente se pensa, da que significa “tempo”. É verdade que quando Spenta abriu a porta da biblioteca, havia um corvo pousado na secretária do seu marido, mesmo junto à sua mão impassível. Ao ver Spenta, o corvo crocitou alto, levantou voo num círculo de pânico, colidindo por duas vezes com as lombadas de cabedal dos velhos livros e escapou-se finalmente pelas janelas altas que estavam abertas de par em par — ao contrário do que era habitual — apesar de estar ligado o ar condicionado. Spenta Cama apoiou ligeiramente as costas da mão direita à face do marido. Estava completamente fria.

\*

Tanto Darius Xerxes Cama como o seu criado Gieve tinham morrido asfixiados, o que trazia a assinatura de Cyrus, o “Assassino da Almofada”. A hora do crime estava fixada nas dez e meia da noite, mais coisa menos coisa. O mordomo resistira com energia. Havia sinais de sangue — do assassino, provavelmente — sob as suas longas unhas. Darius não parecia ter resistido. A sua expressão era calma, não havia sinais de luta. Como se tivesse desistido de boa mente do seu último sopro de vida, como se ficasse feliz em o ceder ao seu próprio filho.

O conhecimento da mitologia não ajuda em nada o trabalho de um detective. Os Gregos quiseram-nos fazer crer que o Pai de Todos foi assassinado pelo seu filho mais novo, instigado pela Mãe de Todos, Geia, a própria Terra Mãe. Mas na altura dos crimes Ormus tinha estado a cantar numa sala cheia de gente que jantava, desinteressada; quando a Spenta, estivera a segurar na mão de doentes em fase terminal no Hospital dos casos desesperados. O Inspetor Sohrab, da Polícia Judiciária de Bombaim levantou a sobrancelha, desconfiado, ao notar que estava de novo a interrogar os Camas, os Kalamanjias (na sua qualidade de vizinhos, como possíveis testemunhas de algo relevante) e os Merchants também, tão pouco tempo após o misterioso incêndio de Cuffe Parade. Mas não podia haver dúvidas de que o principal suspeito no caso presente era o assassino psicopata Khusro, aliás Cyrus Cama, recentemente fugido da prisão, cujo sangue era do mesmo tipo do recolhido sob as unhas do mordomo assassinado. O motivo dos crimes era de somenos importância no caso de “malucos” deste género que, no dizer do Inspetor Sohrab, “são capazes de

fazer seja o que for por dá cá aquela palha”. Na sua opinião, Gieve fora morto primeiro, só para se desembaraçarem dele. Darius Xerxes Cama é que era o objectivo real, talvez — isto é só um supor, percebe? — porque Cyrus estava ressentido, em primeiro lugar por ter sido posto fora de casa, mandado para o colégio interno, castigado pelos professores por assim dizer a pedido dos pais, e por fim legalmente deserdado. Sohrab e Rustam olhavam para Spenta Cama com evidente hostilidade. — A sua sorte foi não estar em casa, — disse o Inspetor Sohrab com rancor — senão também tinha sido contemplada. Alguns pormenores tiveram uma explicação fácil. Os criados (tal como acontecera na Vila Trácia) voltaram a casa, carrancudos e arrastando os pés, proclamando que, como bons cristãos, tinham estado a assistir à Missa do Galo na Catedral e a seguir tinham ido visitar os parentes, nos subúrbios da cidade. Era Natal e, ao fim e ao cabo, tinham decidido celebrar a festa tradicional, embora os patrões, com grande falta de sensibilidade, lhes tivessem recusado a folga nessa noite. Gieve não era cristão. Não havia mais nada a explicar.

Mas, segundo Sohrab e Rustam, ainda havia dois assuntos que precisavam de ser clarificados. Primeiro: na noite do duplo crime em Apollo Bunder, uma pessoa cuja descrição coincidia com a do psicopata Khusro Cama tinha sido vista a abandonar o local de um outro assassinato por asfixia na cidade de Lucknow, a uma distância de meio continente. Segundo: o sangue encontrado sob as unhas de Gieve também correspondia precisamente ao gémeo de Khusro, o mudo Ardaviraf Cama, em cujos braços havia indubitavelmente uma série de arranhões suficientemente profundos para fazer sangue.

Virus estava sentado a um canto da biblioteca, com os olhos fixos na secretária onde seu pai fora encontrado morto. Tinha os pés apoiados no assento, os braços à roda dos joelhos e balançava-se para trás e para a frente. Sohrab interrogou-o, pressionou-o, adulou-o, ameaçou-o sem o menor resultado. Virus não disse palavra. — Deixe o rapaz sossegado,— gritou Spenta ao Inspetor — não vê que ele está desgostoso? Não sente a aflição que nos oprime a todos? Vá-se embora daqui e quando apanhar... — aqui ela desatou a chorar — quando encontrar o meu outro filho, pode levá-lo para onde ele esteja seguro e em paz.

No dia de Ano Novo de 1965, Cyrus Cama apresentou-se ao portão principal da Cadeia de Tihar e entregou-se. Durante o interrogatório



declarou desconhecer por completo o crime de Lucknow (pelo qual outro homem foi eventualmente preso, julgado e enforcado, tendo jurado que estava inocente até ao seu último momento). Mas confessou livremente o parricídio, confirmando que a morte do criado fora, disse ele citando Auden, “um assassinato necessário”. Mostrou as lacerações que tinha nos braços, muito mais profundas do que os arranhões de Virus, negou categoricamente que tivessem sido auto-infligidas e fez uma descrição do duplo crime tão detalhada e tão perto da linha dos factos conhecidos e das provas legais apresentadas que a discussão ficou por ali. Voltou para a cadeia em regime de prisão celular, na secção de segurança máxima da ala psiquiátrica e foi recomendado que os turnos dos guardas que lhe eram destinados fossem mudados com “grande frequência” para que nem um outro pobre palerma pudesse jamais cair sob o feitiço de Cyrus, apaixonado, erudito, fanático e fatal.

Após o incêndio da Vila Trácia, o álibi de Persis Kalamanja livrara Vina de qualquer suspeita. Agora era a vez de Cyrus Cama ilibar o irmão. Tantos álibis! Quantas histórias alternativas nos vemos forçados a abandonar! Por exemplo, a versão segundo a qual a nossa casa da avenida marginal fora destruída por vingança de Vina, em que o fogo que existia dentro daquela menina tão maltratada acabara por se libertar, consumindo também a minha infância. E a versão ainda mais estranha, segundo a qual Virus Cama, cuja mente estava misteriosamente ligada à do irmão gémeo, executara em seu lugar os assassinatos de Apollo Bunder; segundo a qual Cyrus podia estar em dois sítios ao mesmo tempo e conhecer, graças à insondável capacidade de comunicação que existe entre gémeos, todos os pormenores dos crimes que ele forçara o seu gémeo mudo a praticar. Todas estas histórias flutuam agora no limbo das hipóteses perdidas. Não temos, pura e simplesmente, motivos para supor que alguma delas seja a verdadeira.

E contudo, contudo... Depois da morte do marido, Spenta Cama nunca mais adormeceu sem ter fechado à chave a porta do seu quarto. E Ormus nunca mais se juntou ao seu irmão mudo, cujo sorriso continuava tão doce como antes, para serões musicais junto do piano da família.

Há histórias impossíveis, histórias com o letreiro “proibida a entrada”, que mudam as nossas vidas e os nossos espíritos com tanta frequência como as versões autorizadas, as histórias em que nos devemos fiar e em que somos supostos — e mesmo encorajados — a basear as nossas opiniões e as

nossas vidas.

\*

Medindo três metros entre as pontas das asas, os abutres pairam sobre a *dokhma*, a Torre do Silêncio nos jardins de Doongerwadi, em Malabar Hill. As suas evoluções lembram a Ormus as evoluções dos aviões durante os funerais dos grandes deste mundo. *Entre o Parsi e o abutre existe a forte ligação íntima das coisas finais. Para nós não há pressa. Temos a vida inteira para esperar, eu por ti, tu por mim. Ambos sabemos que o outro não vai faltar ao encontro.*

*Passamos por salas cheias dos retratos dos nossos mortos famosos e chegamos ao grande salão onde vai ter lugar o funeral. Lá está o Sacerdote. Lá está o homem da madeira de sândalo e lá está o fogo que representa deus mas que não é deus. Lá estão os carregadores, os nassasalars. Lá está o meu irmão, Ardaviraf o calado. Segurando ambos uma estola de algodão branco, conduzimos a procissão até ao jardim onde se erguem as torres. Há hoje muitas aves, trinta, como as trinta aves do grande poema de Attar que fez viagem até ao Simurg e se tornou o deus que eles esperavam. Os trinta abutres que se juntaram e formaram O Abutre. Este é o pensamento que meu pai teria numa alturas destas, o género de ligação que ele teria feito. Tens de conhecer quem vem ter contigo hoje, oh abutre, tenho de te dizer quem ele é, em silêncio, eu e o meu irmão silencioso, diante destas torres silenciosas.*

*Era um pai distante mas não tínhamos outro. Estava desapontado conosco. Não éramos o que ele teria desejado. Não fomos o que ele tinha sonhado. Mas ele admirava-te, ó Abutre, pelo teu espírito racional e científico. Louvava o nosso último encontro, aquele em que se renova o ciclo da vida. E sobre a sua mesa de trabalho, entre os apontamentos que escrevia quando morreu, falava assim de ti:*

Prometeu acorrentado a um poste numa montanha do Cáucaso, com o abutre de Zeus comendo-lhe o fígado durante todo o dia. Durante a noite, o fígado cresce de novo. O castigo é o sofrimento sem fim. O abutre de Zeus é a prova do espírito de vingança de Z. Cada bocado arrancado mostra-nos que devemos desligar-nos dos deuses e seguir o caminho da Razão. Os deuses mentem, fazem acusações falsas. (A propósito de Prometeu, ver a história inventada acerca dos seus amores secretos com Palas Atena.) Os deuses são caprichosos, irracionais, divinos. Pelo crime de sermos o que

somos, eles transformam-nos em pedras, plantas, aranhas. A dor infligida pelas bicadas do abutre é a agonia da Razão. Uma agonia gloriosa que mostra a Prometeu quem ele é, como deve viver, onde é que os deuses se enganam, porque é que ele tem razão. Abutre, estamos em dívida para contigo. E ligados a ti pelos laços do sangue que nos deu vida. Que podem ser mais poderosos que os do amor.

*Prometeu, criador da humanidade, que nos salvou da ira de Zeus aconselhando Deucalião a construir uma arca para nos proteger do Dilúvio. Prometeu, pai da ciência e do conhecimento, que nos deu o fogo e recebeu o abutre em troca. Busquemos o que há em nós de Titânico, eliminemos o que há de Olímpico. Eu sou filho do meu pai. Julgava-me desligado dele, criado por mim próprio, mas isso era pura vaidade. A morte mostra-nos o valor dos laços de sangue.*

*Eu sou filho do meu pai. Tomo sobre a minha cabeça o castigo de Prometeu. Oh abutre da Razão, ajuda meu pai a encontrar o caminho do seu merecido repouso.*

\*

Spenta Cama mandou a notícia do falecimento de Darius ao seu velho amigo Lord Methwold, que continuava a escrever-lhe, a ela, com uma frequência surpreendente. Na volta do correio a Spenta recebeu uma longa carta de condolências que falava de Darius em termos calorosos, lamentava o fosso que se cravara entre eles e convidava Spenta e os filhos a visitá-lo em Inglaterra. “Embora seja Inverno aqui, estes céus tão diferentes e este ambiente desconhecido talvez possam, em virtude da própria diferença, ajudar a aliviar, se não a mitigar completamente a vossa dor.” Ao receber esta carta, Spenta Cama foi invadida por uma série de pensamentos, todos ao mesmo tempo. Primeiro, que a dor não era tão grande como ela poderia esperar: após aqueles anos do declínio de Darius, a sua morte parecia como um alívio, até para ele, como parecia indicar o facto de não ter oferecido resistência. A seguir, que após ter recusado durante tantos anos partilhar com o marido o seu sonho de anglófilo, descobrira agora que a ideia de passar o Inverno em Inglaterra a entusiasmava bastante e a enchia de curiosidade, excitação e até alegria. Finalmente, começou a achar que seria agradável tornar a ver William Methwold ao fim de todos estes anos. Mesmo muito agradável...

Além disso, havia o problema do dinheiro. Darius morrera sem fortuna

pessoal e os rendimentos de Ormus — que tinham contribuído para sustentar o trem de vida dos Carma muito mais do que a mãe gostava de admitir — tinham diminuído drasticamente. Nos últimos meses Spenta vendera algumas “bugigangas e bijuterias” para ajudar a manter o nível de vida. As preocupações tinham imprimido algumas rugas na sua testa, até aí perfeitamente lisa, o que tinha chamado a atenção de Dolly Kalamanja. Em vez de falar no caso abertamente, Dolly, como verdadeira amiga que era, começou a encontrar ótimos pretextos para lhe mandar “presentinhos”, — cortes de seda para saris, cestos de fruta, caixas térmicas com refeições quentes (as últimas novidades da alta-cozinha internacional vindas dos célebres pronto-a-comer “Dil Kush”), — em suma, as coisas necessárias à vida. Por seu lado, Spenta recebia os presentes com naturalidade, como se não fossem mais do que puras provas de amizade e procurava mandar a Dolly, ocasionalmente, uma lembrança: uma pequena escultura de marfim, tirada da arca dos tesouros que escondia debaixo da cama, ou um romance surripiado da biblioteca de Darius.

Assim, Spenta podia aceitar a generosidade da amiga sem perder a face. Mas também estava suficientemente a par dos códigos da sociedade em que se movia para saber que mais tarde ou mais cedo a sua situação financeira seria comentada em toda a cidade, porque aquilo que Dolly podia observar e guardar para si seria em breve detectado por outros olhos menos amistosos, e comentado por outras línguas menos respeitadoras. A viuvez só servira para sublinhar a crise, revelando a Spenta a verdadeira extensão das dívidas de Darius. Parecia inevitável que o apartamento de Apollo Bunder ia ser vendido e a família obrigada a mudar-se para um alojamento mais humilde, juntando-se às filas crescentes de muito boa gente parsi caída em desgraça, cuja indigência no fim da vida era um fenómeno próprio dos tempos e outra marca do fim daquele Império em que eles tinham apostado e perdido.

No meio desta crise sempre crescente, a carta de Lorde Methwold caiu como uma bênção dos Anjos da Guarda. Spenta apertou-a ao coração com gritinhos de alegria pouco próprios de uma pessoa atingida por um luto tão recente. Um homem interessado e dispendo de uma fortuna é uma verdadeira sorte grande. *Lady Methwold*, murmurou Spenta; depois teve a decência de corar, lembrando-se dos filhos.

Claro que não havia hipótese de deixar para trás o pobre Ardaviraf. Mas

quando estivessem em Inglaterra, Lord Methwold saberia o que havia a fazer; quanto a Ormus, esse vadio, esse cantor de night club, esse imoral que dera em droga, ela não teve coragem — porque era uma mulher honesta — de levantar ferro sem lhe dar cavaco. Mas quando ela lhe deu a novidade ficou bem claro que não era de esperar que Ormus aceitasse o convite e que era natural que ele achasse preferível tomar um rumo de vida diferente, mais “boémio”!... (Com que delicado desdém ela pronunciou a palavra “boémio”!) Resumindo, ela foi o mais longe que podia ir para lhe fazer entender que a sua presença não era desejada naquela viagem. Mas, para seu horror, Ormus aceitou, com uma reacção muito parecida com a euforia. — Já é tempo de eu deixar esta cidade ordinária — disse ele. — Então se acham bem, eu também vou.

\*

Spenta Cama deixou Bombaim em fins de Janeiro de 1965, acompanhada dos filhos. Nenhum voltou jamais à Índia. Antes do fim do ano, Spenta tornara-se Lady Methwold. A conselho de Lorde Methwold, Virus Cama fora internado num sanatório onde era objeto dos melhores cuidados e, duas vezes por semana, recebia lições de flauta de um flautista profissional de origem indiana. Quanto a Ormus, mergulhara no resto da sua vida, de que haveria muito para contar, mais tarde. Os recém-casados Spenta e Methwold foram deixados a si próprios, como é natural. O novo marido de Spenta tinha remorsos pela maneira como sacudira Darius, no caso das habilitações falsificadas. — À sua maneira, ele era um gigante — disse Methwold — mas um gigante fora da sua época. O tempo dos gigantes já passou e nós, os mortais, não temos consideração pelos poucos que restam. Mas nós dois podemos dar-nos as mãos, durante este longo Inverno, e trocarmos recordações. — Este discurso foi pronunciado no grande terraço de um vasto palacete dos arredores de Londres, de que Spenta era a nova castelã: uma mansão branca do séc. XVII no alto de uma colina que sobrepunha um Tamisa sinuoso. A brisa agitava os cortinados brancos das portas-janelas do jardim de Inverno. Havia uma fonte pesadamente ornada de deuses.

Era a mansão dos sonhos de Darius Cama.

\*

A morte é mais do que o amor, ou não é. A arte é mais do que o amor, ou não é. O amor é mais do que a morte e a arte, ou não é. O assunto é este.

Este é o assunto. Isto é que é.

O que nos afasta deste assunto é a perda. A perda dos que amamos, do oriente, da esperança, do sítio onde íamos no livro. A perda é mais do que o amor, ou não é. Mais do que a arte, ou não é. A “quarta função” de Darius Cama somava ao esquema tripartido da cultura indo-europeia (soberania religiosa, força física e fertilidade) o necessário conceito existencial do estranho, do intruso, o homem separado, o divorciado excluído, o aluno expulso, o oficial exonerado, o estrangeiro ilegal, o nómada desenraizado, o que não acerta o passo, o rebelde, o traumatizado, o fora-da-lei, o pensador maldito, o revolucionário crucificado, a alma perdida.

*As únicas pessoas que vêem o quadro todo são as que saem da moldura.* Se ele tinha razão, isto também faz parte do assunto. Caso contrário, quem se perdeu, está perdido. Quem saiu para fora da moldura, deixou de existir, pura e simplesmente.

Aqui e agora estou a contar o fim de uma coisa; não só o fim de uma época da minha vida mas o fim da minha ligação a um país, o meu país de origem como dizem agora, a minha pátria como me ensinaram em pequeno, a Índia. Estou a tentar dizer adeus, adeus, adeus, um quarto de século depois de a ter deixado. Este final está estranhamente posicionado, colocado aqui no meio da minha história, mas sem ele a segunda metade da minha vida não se poderia ter passado como se passou. Além de que leva um certo tempo a sermos capazes de encarar a verdade: que o que acabou está acabado. Porque ao fim e ao cabo, eu não sal de livre vontade. Ao fim e ao cabo, fui posto fora como um cão. Tive de fugir para salvar a vida.

\*

Durante o final dos anos sessenta e o início dos setenta registaram-se pequenos tremores de terra em vários pontos da Índia; nada de grave, não houve mortes e só houve danos mínimos, apenas o bastante para não podermos dormir absolutamente tranquilos. Um dos sismos abalou o Templo Dourado na cidade santa dos Sikhs no Punjab, Amritsar, outro fez ranger dentes na vila de Sriperumbudur, no sul. Um terceiro assustou as crianças em Nellie, no Assam. Finalmente, as pitorescas águas de um lago do Kashmir, o alto Shishnag, espelho gelado do céu, começaram a turvar-se e a espumar.

A geologia como metáfora. Houve imensos videntes, gurus e até comentadores políticos, prontos — ansiosos, até! — a ligar estes sismos aos

acontecimentos políticos mais consideráveis da época, tal como a subida à cena da Sra Gandhi como chefe política da maior importância — a “Senhora que Tudo mexe e Tudo Abala” — a sua vitória sobre o Paquistão na Guerra de 1965, que durou precisamente vinte e dois dias e foi travada simultaneamente em duas frentes, em Kashmir (O Kashmirsismo) e no Bangladesh (o Banglasismo). “A Velha Ordem vai-se abaixo”, gritavam os pundits<sup>41</sup> e, mais tarde, quando começaram as acusações de fraude eleitoral contra a Sra Gandhi: “Sinistros Boatos Abalam a Administração Gandhi.”

Mas eu não precisei da geologia para explicar os abalos que se manifestaram no meu círculo mais íntimo. Eu, Umeed Merchant, também conhecido por Rai, fizera dezoito anos no ano da Guerra. Ormus desaparecera, Vina era uma recordação cada vez mais ténue e eu era empurrado de um para o outro apartamento dos meus pais juntamente com os criados; e quando me zangava com eles, o que acontece com frequência quando se tem dezoito anos, eu declarava que me sentia como se fosse mais um dos seus criados, mal pagos ainda por cima. Depois, foi diagnosticado um tumor inoperável no cérebro da minha mãe que morreu em poucos dias, click! como um interruptor desligado, e eu fiquei vergado ao peso de grossos volumes de palavras amáveis que deixara por dizer. Ela tinha cinquenta e um anos.

Na tarde em que a enterrámos, o meu pai e eu fomos de automóvel lançar uma vista de olhos a Cuffe Parade. O longo processo dos aterros e do nivelamento de terrenos estava quase terminado. As moradias, o passeio público e a mata de mangues já tinham desaparecido há muito e o mar recuava perante o poder das grandes máquinas. Diante de nós via-se uma grande expansão de terreno castanho, como uma ardósia gigantesca onde se começava a escrever a História. O enorme espaço empoeirado estava dividido por cercas metálicas, com grandes letreiros proibindo várias actividades e articulado pelos alicerces em aço e betão dos primeiros arranha-céus; havia também bate-estacas, cilindros compressores, camiões, carrinhos de mão, gruas. E apesar de ter terminado o dia de trabalho, podiam ver-se grupos de operários, uns perto, outros mais longe, homens encostados a vigas de betão de onde saíam varas de metal torcidas como ramos de árvores criadas por algum Frankenstein dado à botânica, mulheres de saris arregaçados segurando contra as ancas baldes de acarretar terra e fumando cigarros de onça sob o letreiro Proibido Fumar, rindo alarvemente

a mostrar bocas sinistras onde faltavam dentes, sabendo que a vida não é coisa para rir.

Isto não é o vazio do deserto, mas o deserto do espírito, pensei eu.

— Não, — disse o meu pai, adivinhando o meu pensamento. — É uma tela vazia, imprimada e à espera da mão do artista. A tua mãe era uma visionária. Aqui, deste enclave propagador — sementeira arrancada de sementeira — os seus colossos Ozimandianos erguer-se-ão e os poderosos olharão para Bombaim e perderão a esperança. — Referia-se ao seu rival Ozimand, o único homem capaz de separar duas pessoas que se amavam tanto; e naquele momento eu não soube se havia de odiar a cidade que os separava ou, seguindo o exemplo do generoso V.V. nesta hora de inconsolável desgosto, imitar a sua ironia e a sua compaixão e perdoar a Bombaim tal como ele perdoava e, além disso, ter piedade dela, como fazia meu pai, em nome desse amor perdido. Pensei em castelos na areia, gelados caseiros, cantigas desafinadas, trocadilhos e jogos de palavras e pensei de novo em Vina, que tinha mais de Ameer Merchant do que qualquer outra pessoa viva neste momento.

Era noite fechada e eu sentia-me atormentado pelas recordações.

— Vamos embora, — disse eu, mas ele não ouviu. Era a minha vez de adivinhar os seus pensamentos. Ela tornara-se cínica, pensava ele. Fizera um pacto com o diabo e o diabo mandou um monstro que se instalou na cabeça dela e a levou consigo. — Não foi isso. — disse eu. — Não foi nada disso. E de qualquer maneira, o pai não acredita no diabo. Foi só uma doença estúpida, não foi mais nada. — Ele pareceu sair dos seus pensamentos com um ar tão infeliz que eu abracei-me a ele. Nessa altura, eu já era quase vinte centímetros mais alto do que ele: ele encostou a sua cabeça esquelética, com farripas desgrenhadas de cabelos grisalhos, ao meu peito, soluçando. As luzes da cidade — Malabar Hill lá ao longe, o Colar da Rainha de Marine Drive fazendo uma curva na nossa direcção — pendiam à nossa volta como um laço de enforcado.

Nesses tempos eu apreciava os romances de ficção científica. Havia um romance europeu, polaco se me não engano, acerca de um planeta onde se podiam tornar reais os pensamentos das pessoas. Pensar na esposa que morreu, era tê-la ao nosso lado na cama. Pensar num monstro, era vê-lo entrar no nosso cérebro, através do ouvido. Coisas deste género.

*Luzes como um laço de enforcado.* Foram estas as palavras que me



ocorreram enquanto o meu pai chorava no meu peito. Devia ter sido mais cauteloso com os meus pensamentos. Devia ter ficado com ele naquela noite, mas eu queria estar só, queria sentar-me, levantar-me, passear de um lado para o outro nos aposentos de Ameer Merchant e respirar o passado, antes que ele desaparecesse de vez. Devia ter estranhado, quando ele me mandou desligar a ventoinha, ao deixá-lo sentado na cama no seu pijama às riscas. Não havia luar e o ar estava abafado. Devia ter ficado com ele. A escuridão da noite caiu à sua volta como um laço de enforcado.

Há quem possa dormir sob a ventoinha a funcionar e há quem não possa. Ormus Cama era capaz de virar o quarto de cabeça para baixo e dormir debaixo da ventoinha, como se estivesse num oásis mecânico. Vina, contudo, disse-me uma vez que não era capaz de livrar-se da idéia de que aquela maldita coisa podia desprender-se e vir girando sobre a sua cabeça enquanto ela dormia. Tinha pesadelos em que se via a ser decapitada por aquelas lâminas volantes. Pessoalmente, eu gostava da ventoinha. Punha-a a funcionar no registo mais fraco e deitava-me com aquela lenta agitação tão familiar deslizando sobre a minha pele. Era uma brisa calmante. Fazia-me sonhar que estava deitado à borda de um oceano tropical, lambido por pequenas vagas mais tépidas que o meu sangue. Meu pai era o contrário. — Por mais calor que faça — dizia Vivvy Merchant, — a corrente de ar produz-me uma sensação de frio e tremores. Arrepia-me os membros, em suma.

E como sabia desta sua característica, desliguei a ventoinha e deixei-o só, deixei-o escolher entre vivos e mortos, o que não era difícil, suponho, visto Ameer já estar entre os mortos, enquanto as multidões de vivos só me incluírem a mim. O amor é mais forte que a morte, ou não será? Há quem diga que o aedo Orfeu era um cobarde porque se recusou a morrer por amor, porque em vez de se juntar a Eurídice no Além, tentou arrastá-la de novo para a vida antes da morte: o que era contranatura, e por isso falhou. A esta luz, meu pai foi mais valente que o tocador de lira da Trácia, porque na sua busca de Ameer, não pediu nenhum especial privilégio aos guardiões da vida real, não requisitou nenhum bilhete de ida e volta aos monstros que guardavam os portões. Mas Eurídice e Orfeu não tinham filhos, e os meus pais tinham.

Eu é que tenho de viver com a escolha feita pelo meu pai.

Oh Nissy Poe, com a tua mãe pendurada no curral das cabras, na Virginia,

há tanto tempo... Vina, estamos ligados pelo espectáculo que ambos presenciamos, pelo fardo que temos de carregar. Eles não quiseram ver-nos crescer. Não nos amavam suficientemente para esperar. E se nos acontecesse qualquer coisa? Se viéssemos a precisar deles? Podem imaginar-se mil e um “ses”.

O assassinato é um crime violento contra a pessoa assassinada. O suicídio é um crime violento contra aqueles que ficam vivos.

\*

Os criados acordaram-me de madrugada e levaram-me ao quarto dele. Ficaram em monte à porta, de olhos arregalados, meio loucos pelo que viam, como figuras de Goya num *sabat* de bruxas, esbugalhados de terror perante a visão do Bode. V.V. Merchant estava enforcado na ventoinha do tecto. As luzes como um laço de enforcado... Usara o fio eléctrico de um candeeiro vulgar como instrumento do seu fim. Rodava devagar, girando na brisa. Foi isso que me pôs fora de mim, alterando a minha reserva, que me impediu de controlar os meus sentimentos e de observar friamente o que acontecera: a idêia de que alguém entrara aqui e pusera a ventoinha a trabalhar: — Quem fez isto? — gritei eu. — Quem é que ligou esta merda?

— Sahib, está muito calor, sahib, — disse uma das figuras goyescas. — Sahib, habia a questão do cheiro.

\*

Ele nunca acreditara na separação, sempre esperara convencê-la a voltar. Um dia, ela acordava, achava ele, e perguntava porque é que ele não estava ali na cama ao seu lado; e via como tinha andado enganada. Isso era importante, que ela visse que tinha procedido mal, porque a Ameer que ele queria recuperar era a cínica adoradora de Mamona que se aliara a Pилоo Doodhwala. O seu próprio pecado pessoal atormentava-o todos os dias. Na sua determinação de vencer o seu vício do jogo, fora ao ponto de me pedir auxílio. No fundo o que ele queria era que eu fosse o seu corretor e assim abri para ele um livro de apostas. Quando o vício o dominava, jogávamos às cartas. Noite após noite de *poker* jogado a fósforos. Eu tomava nota no livro de cada vez que jogávamos e assentava escrupulosamente as suas perdas, que eram como sempre pesadas. Quanto às apostas nas corridas de cavalos ele conseguia manter-se afastado, excepto nos dias de gincana, em que as famílias eram convidadas. Nesses dias eu ia com ele, tendo tido o cuidado de verificar que ele não levava dinheiro e, em vez de fazer apostas,

tirávamos retratos aos cavalos que o inspiravam. Quando o cavalo ganhava, colávamos a fotografia no livro ao lado duma nota com a percentagem dos ganhos hipotéticos; quando perdia, rasgávamos a fotografia e deitávamo-la num cesto do lixo, como se fosse um cartão inútil de uma aposta perdida. Mas também tomávamos nota dessas possíveis “perdas” para o ajudar a desfazer-se do vício. Quando ele queria jogar no tempo que ia fazer, eu aceitava-lhe a aposta. Quando via duas moscas no vidro de uma janela, queria apostar em qual voaria primeiro. Quando andava pela cidade, arranjava constantemente discussões com apostas sobre resultados de jogos de críquete, elencos de filmes, autoria de canções e, em vez de apostar com dinheiro de verdade, ele telefonava-me e eu tomava conta da aposta e acrescentava uma nota a dizer se ele tinha ou não razão. Desta maneira, a pouco e pouco ele curara-se do vício. As apostas fantasistas que figuravam no meu livro de notas — um caderninho amarelo que dizia na capa *Apontamentos Globo*, com a imagem de um planeta rodeado de anéis como Saturno — gradualmente foram-no desmamando das apostas verdadeiras. Todos os meses ia havendo menos apontamentos para eu tomar, até que chegou um mês em que não tive de anotar qualquer aposta. Agarrou no caderno e mostrou-o a Ameer. — Acabou-se, — disse ele. — Porque é que não empandeiras o teu amigo Píloo e podemos recomeçar como antes?

— Tens razão numa coisa — respondeu ela. — Acabou-se, sem dúvida nenhuma. — Duas semanas depois ela tinha morrido.

Às vezes uma coisa acaba-se e não há nada a fazer. Boas intenções justificadas por boas obras: é uma ideia muito subvalorizada. Há os que dão com os pés e os que levam com os pés, e se pertencemos à última categoria, não há apostas fantasistas que nos salvem. Na minha vida já dei com os pés a muita gente (geralmente mulheres), mais do que fui repellido. A não ser pelo meu pai (para quem a rejeição de Ameer foi talvez mais dolorosa do que a sua morte), que se enforcou e me deixou, a mim, pendurado. O que fez de mim ao mesmo tempo o rejeitador e o rejeitado. E a não ser, também por Vina, que se afastou de mim sempre que o seu amor por Ormus, a sua fraqueza, o seu vício, reclamavam a sua atenção.

Mas também Ormus Cama havia de aprender, eventualmente, o que é ser-se aleijado, dispensado, remetido à quarta função; exilado para lá do âmbito do recuperável.

---

39 Deus da moda. (*N. T.*)

40 Escritos sânscritos onde se contam a história dos deuses hindus e da criação do mundo. (*N.T.*)

41 Pundit = sábio, erudito, especialmente sobre a filosofia, a lei ou a religião hindus. (*N T*)

## Capítulo 8

### O MOMENTO DECISIVO

Façamos justiça aos que são injustamente esquecidos. A primeira fotografia “permanente” foi tirada em 1826 em Paris, por Joseph Nicéphore Niepce, mas o lugar dele foi ocupado na nossa memória colectiva por aquele que veio a ser o seu colaborador, Louis Daguerre, que vendeu a invenção, a caixa mágica, a “caméra”, ao governo francês, após a morte de Niepce. Deve ficar pois estabelecido, sem equívoco, que os célebres “daguerreótipos” nunca poderiam ter sido criados sem os conhecimentos científicos de Niepce, que excediam em muito os do seu parceiro. E a arte fotográfica não foi a única invenção de Niepce, que também criou o Pyriolophore, ou motor de combustão interna. Verdadeiramente, foi o pai da novidade.

O que era essa Primeira Fotografia, precursora da Arte das Imagens? Tecnicamente, uma imagem positiva impressa directamente numa placa de estanho com um tratamento especial, requerendo longas horas de exposição. O assunto: nada de mais elevado do que a vista da janela do gabinete de trabalho de Nicéphore: muros, telhados inclinados, uma torre com um topo cónico e ao fundo o campo. É vago, parado, entediante. Nada faz supor que se trata da primeira nota daquilo que vai tornar-se uma sinfonia tonitruante, ou será mais honesto dizer: uma cacofonia ensurdecadora. Mas (e, na minha excitação, mudo de metáfora), abriu-se um dique, seguir-se-á uma torrente imparável de imagens, umas obsessivas outras para esquecer, umas belas outras hediondas, reveladoras e pornográficas, que hão-de criar a própria ideia da Modernidade, que se hão-de sobrepor à própria palavra, cobrir e distorcer e definir a terra, como a água, como a bisbilhotice, como a democracia.

Niepce, faço-te uma grande vénia. Grande Nicéphore, tiro-te o chapéu. Se foi Daguerre — como o Titã Epimeteu — que abriu esta boceta de Pandora, dando largas ao incessante *click e snap*, ao *flash* interminável e ao girar dos carretos da máquina fotográfica, foste tu, magno Anarca, que roubaste aos deus o dom da visão permanente, da transformação do olhar em memória, do actual no eterno — isto é, o dom da imortalidade — para o entregar aos homens. Onde estarás agora, ó visionário titânico, Prometeu da película fotográfica? Se os deuses te castigaram, se estás agora acorrentado a uma coluna bem no cimo dos Alpes enquanto um abutre te mastiga as

entranhas, consola-te com esta novidade, acabada de chegar: os deuses morreram, mas a fotografia está viva e recomenda-se. Quanto ao Olimpo...<sup>42</sup> bah! Agora não passa de uma máquina fotográfica.

\*

A fotografia é a minha maneira de compreender o mundo. Quando minha mãe morreu, eu fotografei-a, já fria, no seu leito de morte. O seu perfil estava impressionantemente emaciado, mas ainda belo. Brilhantemente iluminada sobre um fundo escuro, com as sombras a desenharem-lhe covas profundas nas faces, ela parecia uma rainha do Egipto. Lembrei-me da Rainha Hatshepsut, que Vina também fazia lembrar e então tive uma revelação: *Minha mãe parecia-se com Vina, ou com o que Vina seria se tivesse vivido mais tempo e morrido na cama.* Quando fiz uma reprodução 8x10 da minha fotografia preferida, escrevi por trás Hatshepsut com um marcador de feltro.

Quando meu pai morreu, fotografei-o antes de o descerem do tecto. Pedi que me deixassem só com ele e usei um rolo inteiro de filme. Na maior parte das fotografias não se via a cara. Interessava-me mais o modo como as sombras caíam obliquamente no corpo pendente e a sombra que ele próprio produzia àquela hora matinal, uma sombra longa de mais para um homem tão baixo.

Pensei nestas acções como actos de respeito.

Partidos ambos, percorri as ruas da cidade que eles tinham amado de maneiras diferentes e irreconciliáveis. Embora aquele amor me tivesse tantas vezes oprimido e asfíxiado, agora queria-o para mim, tentava ter os meus pais de volta, amando o que eles amavam, tornando-me no que eles eram. E a fotografia era a minha maneira de aprender tudo o que havia a saber do seu amor. Assim, fotografei os operários em Cuffe Parade, caminhando com um equilíbrio perfeito e indiferente sobre o braço de uma grua a trezentos metros de chão. Apoderei-me do turbilhão feito de cestos de vime no mercado de Crawford, e também das figuras inertes que havia por toda a parte, dormindo no chão com o duro passeio por almofada, as caras viradas para os muros mijados, sob os cartazes aparatosos de vedetas de cinema mamalhudas, deusas de lábios como coxins. Fotografei *slogans* políticos nas fachadas de edifícios Art Déco e caras risonhas de crianças que apareciam através do buraco do gigantesco Sapato da Velha. Era fácil ser um fotógrafo de tempos livres em Bombaim. Fácil tirar uma fotografia

curiosa, quase impossível tirar uma boa fotografia. A cidade fervilhava à volta, juntava-se a olhar, depois voltava as costas, desinteressada. Mostrando-me tudo; a cidade nada me dizia. Para cada lado onde apontava a máquina — *Vist'isto? Vist'aquilo?* — parecia-me ter um relance de algo de importante, mas geralmente era só qualquer coisa de excessivo, colorido demais, grotesco demais, fácil demais. A cidade era expressionista, gritava-me aos ouvidos, mas usava um dominó. Havia pegadas, gente que andava no arame, transexuais, vedetas de cinema, aleijados, milionários, todos eles exibicionistas, todos eles desconhecidos. De manhã havia uma espantosa, excitante, infinita multidão na Estação de Churchgate, mas essa própria infinidade tornava a multidão indiscriminável; era o peixe a ser escolhido no cais nas docas de Sassoon, mas toda aquela actividade não me mostrava nada: era só agitação. Os portadores de almoços corriam, levando ao seu destino as caixas com refeições quentes, mas as caixas guardavam o seu mistério. Havia dinheiro demais, pobreza demais, demasiada nudez, demasiados disfarces, ira demais, vermelhão demais, roxo demais. Havia demasiadas esperanças perdidas e vistas curtas. Havia luz demais, muita luz demais.

Comecei a olhar para as trevas. Isto levou-me a procurar a ilusão. Compunha imagens com áreas bem delimitadas de luz e sombra, compunha-as com um cuidado tão maníaco que a área de luz de uma imagem correspondia precisamente à área de sombra de outra imagem. Misturava essas imagens na câmara escura que montara para mim no antigo apartamento de meu pai. As fotografias de composição que daí resultavam eram por vezes deslumbrantes na sua perspectiva mista, muitas vezes confusas, por vezes ilegíveis. Eu preferia as sombras compostas. Durante uns tempos, comecei a fotografar deliberadamente às escuras, apanhando nas trevas pedaços de vida, desenhando-os com o mínimo de luz possível.

Decidi não ir para a universidade e concentrar-me nas minhas fotos. Além disso, precisava de movimento. Não suportava continuar a viver naqueles dois grupos de salas debaixo do mesmo tecto, confinado na estrutura esquizoide da fatal infelicidade dos meus pais. Depois, o apartamento, muito maior, dos Camas, foi posto à venda pela firma Cox & King, agindo como agentes locais da nova Lady Methwold, que não tencionava regressar. Eu pedi as chaves e fui dar uma olhadela. Fechei a porta atrás de mim e por momentos não acendi as luzes e deixei que a escuridão tomasse a forma que

quisesse. Quando os meus olhos se ajustaram à falta de luz, vi suaves Himalaias de mobília coberta por lençóis, vagamente tracejados pela claridade dissimulada que se esgueirara pelas persianas mal fechadas. Na biblioteca encontrei-me ao lado das formas amortalhadas da cadeira e da secretária de Darius e espreitei as prateleiras de livros nus que me olhavam fixamente. À primeira vista os livros pareciam mortos, com folhas secas. Os móveis, sob o Inverno dos lençóis brancos, pareciam simplesmente aguardar o regresso da Primavera. Fiquei intrigado ao reparar que o apartamento não me metia impressão; nem sequer esta sala em que acabara um mundo retivera o poder de me perturbar. Eu já vira salas assim. Apontei a máquina e, trabalhando muito depressa, sentindo uma ansiedade apoderar-se de mim, tirei várias fotografias.

Mas desde a primeira vez em que eu entrara no apartamento, foram os livros que acordaram e falaram comigo. A vida de erudição de Darius não interessava os seus filhos, apesar dos nobres pensamentos de Ormus Cama durante o funeral e da superior inteligência, se bem que perversa, de Cyrus; e por isso a biblioteca, a sombra inquieta do velho senhor, adoptou-me. Num impulso, comprei-a, juntamente com o apartamento e comecei a ler.

Por uns tempos tornei-me fotógrafo dos desaparecimentos. Não é fácil tirar fotos a funerais de desconhecidos. As pessoas protestam. Mas interessou-me ver como os ritos funéreos indianos tratam tão abruptamente, tão directamente, com a fisicalidade de um cadáver: o corpo sobre a pira, na torre dos abutres ou cosido na apertada mortalha muçulmana. Os cristãos são a única comunidade a esconder os seus mortos dentro de caixas. Não sei o que isso quer dizer, mas sei o aspecto que dá. Os caixões proíbem a intimidade. Nas minhas fotografias roubadas — porque um fotógrafo tem de ser um ladrão, tem de roubar instantes do tempo das outras pessoas para construir as suas minúsculas eternidades — era essa intimidade que eu procurava, a proximidade entre os vivos e os mortos. O secretário olhando com os olhos alterados de desgosto para o corpo do seu grande patrão lambido pelas chamas. O filho, de pé numa cova aberta, segurando nas mãos a cabeça amortalhada do seu pai, pousando-a na terra com doçura.

O sândalo desempenha nestes ritos o seu perfumado papel. Aparas de sândalo na eça muçulmana, na fogueira parsi, ou na pira hindu. O cheiro da morte é íntimo demais. Mas uma câmara não capta os cheiros. Livre como um ramo de flores, pode meter o seu nariz tão longe quanto possível, pode



ser um intruso. Muitas vezes tive de fugir a sete pés perseguido por pedras e insultos. Assassino! Bandido! os acompanhantes gritavam-me insultos como se eu fosse responsável pela morte dos falecidos. E havia uma certa verdade nesses insultos. Uma fotografia dispara. Como um pistoleiro parado no portão do jardim do Primeiro-Ministro, como um assassino no átrio de um hotel, deve fazer uma perfeita pontaria, não pode falhar o alvo. É verdade que na sua mira tem uma fina cruz. Mas precisa de luz no que quer fotografar, capta a sua luz e também as suas sombras, quer dizer, a sua vida. E no entanto sempre considerei essas fotos, essas imagens proibidas, como provas de respeito. O respeito da câmara não tem nada a ver com seriedade, privacidade nem sequer bom ou mau gosto. Tem a ver com atenção. Tem a ver com a clareza quer do real quer do imaginário. E tem sempre a ver com honestidade, uma virtude que toda a gente invoca e recomenda rotineiramente, até ao momento em que ela é exercida com toda a sua força contra eles.

A honestidade, na vida, não é a melhor política. Só, talvez, na arte.

A morte não é a única partida e, no meu novo papel como fotógrafo de partidas, desejava documentar algumas partidas mais quotidianas. No aeroporto, espiando o desgosto das despedidas, eu buscava o único rosto sério no meio da chorosa multidão. À saída dos cinemas estudava os rostos daqueles que saíam dos seus sonhos para a dura realidade, com os olhos ainda cheios de ilusões. Procurei encontrar histórias e mistérios nas idas e vindas nos átrios dos grandes hotéis. A partir de certa altura deixei de perceber porque é que fazia tais coisas e foi a partir de aí, creio eu, que as fotografias começaram a ser melhores, porque deixaram de ser a meu respeito. Tinha aprendido o segredo de me tornar invisível e de desaparecer no meu trabalho.

A minha invisibilidade era simplesmente extraordinária. Agora quando ia em busca de despedidas, podia ir até à beira de um túmulo e fotografar a discussão entre os que queriam flores espalhadas sobre o corpo e os que diziam que a religião não permite esses maneirismos — ou podia surpreender a briga de uma família no cais, o momento em que a jovem recém-casada que recusara um casamento arranjado pelos seus idosos pais e insistira num “casamento de amor”, escapava às reprovações da mãe e subia para bordo do navio de partida pelo braço do seu desastrado marido, com o seu bigodinho e a sua cara de parvo e entrava assim na sua nova vida

carregando o fardo de um remorso de que nunca se libertaria — ou podia esgueirar-se até àqueles momentos secretos que nós escondemos dos outros, um último beijo antes da partida, uma última mijadela antes da viagem, e tirar as minhas fotos. Sentia-me demasiado excitado pelo meu poder para ser muito escrupuloso sobre o uso que dele fazia. O fotógrafo que se sente inibido deve arrumar a sua câmara e nunca mais voltar a trabalhar.

\*

Como único herdeiro dos meus pais, tornei-me um jovem cavalheiro com meios de fortuna. Vendi a empresa familiar, Merchant & Merchant, com o seu espesso dossier de contratos de arquitectura e importantes interesses nos projectos da nova Cuffe Parade e do novo Nariman Point, por uma bonita soma, ao consórcio imobiliário liderado por Pilo Doodhwala. Quanto ao cinema Orpheum, agora próspero sob a nova gerência, vendi-o igualmente ao jovial Sr. Sisodia que já tinha comprado um terreno na Cidade do Cinema e fundado os estúdios de cinema Orpheum que lhe haviam de trazer fama e proveito. “Se-Se-será sempre bem-vindo aos Es-tú-tú-dios Orpheum”, garantiu-me o Sr. Sisodia quando assinei os papéis. Mas eu lavara completamente as minhas mãos de todos os negócios dos meus pais. Não queria desempenhar qualquer papel nessas velhas histórias. Tirei uma fotografia ao Sr. Sisodia — espessos óculos escuros, dentes de caveira, careca à Methwold, duro, mesureiro, falso, cada centímetro dele era já o embrião de um futuro magnate do cinema — e despedi-me rapidamente.

\*

Nos primeiros anos setenta o ar da cidade tornara-se extremamente poluído e os comentadores da época, procurando como de costume a alegoria, diziam que isso era um sinal do lixo que existia na atmosfera nacional. Os médicos da cidade notaram um aumento alarmante de enxaquecas, os oculistas revelaram que muita gente começara a queixar-se de visão desfocada, embora não se lembrasse de ter batido com a cabeça e não houvesse sinais de abalo ou contusão. Por toda a parte se viam na rua homens e mulheres agarrados à cabeça e de testa enrugada. Havia uma sensação crescente de desordem, de que as coisas não estavam no seu devido lugar, que tudo descarrilava. *Não devia ser assim.*

Bombaim passara a chamar-se Mumbai, por ordem dos seus governantes, o partido M.A., de que, surpreendentemente, Shri Pilo Doodhwala era o principal apoiante e pessoa influente. Fui visitar Persis Kalamanja para me

queixar do novo nome da cidade. — E como vamos então chamar a Trombay? “Trumbai”? E a Back Bay? “Backbai”? E que fazer com Bollywood?<sup>43</sup> Suponho que será Mollywood, agora. — Mas Persis estava com uma dor de cabeça terrível e não achou graça. — Vai acontecer qualquer coisa — disse ela, muito séria. — Estou a sentir o chão começar a tremer debaixo dos pés.

\*

Persis fizera trinta anos. A sua beleza, que atingira o auge, tornara-se apesar disso estranhamente assexuada, prejudicada pelo aparecimento recente de um sorrisinho enigmático que lhe dava, quanto a mim, um ar irritante de beata. Mas, tirando essa minha crítica sarcástica, a sua personalidade angelical e o zelo com que ela se juntava à mãe num programa intenso de obras de caridade conquistara-lhe o respeito da cidade, e o seu continuado celibato, outrora assunto para risinhos e murmúrios, mais tarde motivo de piedade, hoje em dia causava em muitos de nós uma espécie de veneração profana. Havia agora em Persis qualquer coisa do Além e não fiquei surpreendido quando o seu lado místico, que existe em todos nós indianos como um pecado original, começou a manifestar-se e ela deu em fazer previsões sinistras acerca do futuro. Permanecia sentada, rodeada dos esplendores gastronómicos do “Dil Kush”, envolta numa simples túnica tecida à mão e vaticinava a desgraça; se ela era a nossa Cassandra, talvez Bombaim estivesse para cair, como Tróia.

Entre nós havia uma intimidade especial, uma amizade entre opostos, nascida do mesmo sentimento de perda. Partidos Vina e Ormus, Persis e eu gravitámos um para o outro, como discípulos após a partida do mestre, ou ecos de um som silenciado. Mas à medida que os anos iam passando, tornámo-nos o mau hábito um do outro. Eu reprovava o seu acto de santidade e de renúncia. Deixa de ser uma solteirona, arranja um amante, dizia eu no meu estilo despreocupado de “borboleta social”; deixa-te da sopa dos pobres, arranja mas é uma aventura. Por seu lado, ela ralhava-me pelos meus muitos pecados e desta maneira inesperada tornámo-nos amigos, e mesmo muito amigos, um do outro. Nunca deu o menor sinal de querer de mim outra coisa que não fosse uma amizade platónica, fraterna e, felizmente, aquele sorriso de madona era como uma espada sagrada que cortava o meu desejo pela raiz.

Era no dia do festival dos papagaios de papel. Os telhados já estavam

cheios de crianças e adultos lançando os seus losangos de tecnicolor para o céu. Eu chegara com a minha coleção de papagaios e rolos de fio *manja*, incluindo o fio especial dos combates de papagaios, um fio de tripa preta mergulhado numa suspensão de grude com minúsculos estilhaços de vidro: *Kala manja*. — Como é que uma família que deve ter arranjado o seu apelido por fabricar ou vender uma arma tão feroz, a bomba atômica do mundo dos papagaios de papel, perguntei eu a Persis, conseguiu produzir uma coisinha fofa como tu? — mas Persis estava, surpreendentemente, de muito mau humor naquele dia, tão maldisposta que nem conseguia exibir o seu irritante sorrisinho. — Acho que nunca olhei para essa porcaria dos papagaios, sempre olhei exclusivamente para o céu, — disse ela com hostilidade. Estava preocupada com qualquer coisa, mais do que queria confessar.

Dolly Kalamanja entrou na sala com um amigo, hóspede na sua casa, um francês alto e curvado dos seus sessenta anos, que usava um chapéu mole tão absurdamente puxado para a frente que quase lhe tocava o nariz. Vinha armado de uma pequena *Leica* de algibeira e ansioso por subir ao terraço. — Oh Persis, vem também —, gritou Dolly. — Vais ficar aí sozinha e não te divertes nada. — Mas Persis abanou a cabeça, casmurra. Deixámo-la só e subimos.

Havia já várias lutas corpo-a-corpo entre papagaios. Eu lancei os meus guerreiros na refrega e matei inimigos, um, dois, três. No céu coalhado de papagaios era impossível saber qual era o atacante e qual era o vencido. Eram objectos voadores não-identificados. Já não se pensava neles como pertencendo aos seus donos. Eram senhores de si próprios, papagaios errantes num duelo de vida ou de morte.

Dolly tinha-me apresentado ao francês, vagamente, nas escadas para o telhado, chamando-lhe simplesmente “o nosso Sr. H.”, para exibir o seu francês: *Notre très cher Monsieur Ach*. Notei com algum despeito que ele nem sequer olhou para o céu e não prestou a mínima atenção às minhas vitórias. Os telhados — rasos ou inclinados, em crista ou em cúpula e todos a abarrotar de gente — era o que o interessava exclusivamente. Deu uns passinhos de um lado para o outro, até que parou. Depois, semi-inclinado, *Leica* preparada, esperou. A sua paciência e a sua imobilidade não eram humanas, eram as de um predador. Percebi que tinha diante de mim um mestre da invisibilidade em plena acção, um artista, um ocultista. Enquanto

eu o olhava ele parecia dissolver-se, passava a não estar lá, era uma ausência, até que a pequena cena de que ele andava à caça parecia satisfazê-lo e então, click, premia o gatilho e voltava a materializar-se. Devia realmente ser um atirador de primeira, pensei, para só precisar de um tiro. Então voltava aos seus passinhos de dança, parava de novo, sumia-se, click, e assim por diante. Enquanto o contemplava, perdi o meu papagaio preferido. Alguém o abatera com o seu *kala manja*. Não me ralei. Tinha visto o bastante para adivinhar o nome do francês.

Nesse momento o tremor de terra começou. O meu primeiro pensamento, quando senti a terra tremer, foi que aquilo era impossível, uma simulação, um erro, porque em Bombaim não tínhamos tremores de terra. Naqueles anos em que houvera sismos em vários pontos do país, os Bombainenses gabavam-se de estarem a salvo. Boas relações comunitárias e um terreno sólido, dizíamos Não há falhas tectônicas no nosso subsolo. Mas agora que os rapazes de Pilo Doodhwala e do seu M.A. andavam a atirar achas para a fogueira, a cidade começara a tremer.

Era o que Persis vaticinara. Não havia dúvidas que ela tinha adquirido uma espécie de sexto sentido, uma sensibilidade fora do normal para as surpresas traiçoeiras da vida. Na China, sabiam prever os sismos através da observação de vacas, ovelhas e cabras. Em Bombaim, aparentemente, já só era necessário ter Persis sob observação.

A verdade é que não foi um sismo muito grande, foi de baixa escala e curta duração. Mas os estragos foram avultados porque a cidade não estava preparada. Ruíram barracas, abrigos, bairros de lata, bem como três prédios de habitação decrepitos e uma ou outra velha moradia abandonada de Cum-bala Hill. Apareceram brechas em vastas estruturas, incluindo a fachada do cinema Orpheum, em estradas e fossas subterrâneas, e houve muita mobília quebrada e vidros partidos. Houve incêndios. O molhe de Hornby Vellard rebentou e, pela primeira vez em mais de um século, as vagas passaram através da Great Breach e invadiram o campo de corridas de Mahalaxmi e o campo de golfe do Willingdon Clube, que ficaram ambos sob palmo e meio de água salgada até se poder reparar o prejuízo. Quando o mar se retirou, deixou atrás de si os seus mistérios: peixes desconhecidos, crianças perdidas, bandeiras de piratas.

Um certo número de operários da construção civil e de manuseadores de papagaios de papel foram vítimas de queda fatal. Uma dúzia, mais ou

menos, de cidadãos foram esmagados pela derrocada de edifícios. As linhas dos eléctricos saltaram do pavimento e depois foram arrancadas para sempre. Durante três dias a cidade não pareceu mover-se. Os escritórios permaneceram fechados, desapareceram os monstruosos engarrafamentos de tráfego, os peões tornaram-se raros. Mas nos espaços abertos as multidões juntaram-se, amontoando-se longe dos edifícios mas lançando olhares ansiosos aos *maidans*, como se também aí a terra se tivesse tornado um adversário malevolente e traiçoeiro.

Nos meses que se seguiram, enquanto o programa ditatorial de Emergência da Sra. Gandhi apertava o seu controle, o sentimento nacional tornou-se sombrio e temeroso. Mas os piores excessos da Emergência sucederam noutros pontos; em Bombaim, as pessoas só se lembravam do sismo, o sismo que abalou a nossa confiança em quem nós éramos e como queríamos viver. Um editorial da edição local do *The Times of India* chegou a sugerir que o país talvez estivesse literalmente a desconjuntar-se: “Há muitos séculos a Índia marcou encontro com o destino, separando-se do grande protocontinente meridional de Gondwanaland e ligando o seu futuro ao território setentrional da Laurasia. As montanhas do Himalaia são a prova dessa ligação; são o beijo que selou a nossa sina. Será que o beijo falhou? Serão estes recentes movimentos da terra o prelúdio de um divórcio de Titãs? Será que os Himalaias vão começar, muito lentamente, a encolher?” Oitocentas palavras de perguntas sem resposta, de previsões traumatizadas de que a Índia se iria tornar na “nova Atlântida”, que as águas da Baía de Bengala e do Mar da Arábia se iam juntar para cobrir o planalto de Deccan. O facto de o jornal publicar um texto tão pessimista mostrava bem a profunda preocupação dos indianos.

\*

No telhado, durante os curtos segundos do sismo, tão irrealmente prolongados, o grande fotógrafo francês Henri Hulot virou perversamente a sua câmara para o céu. Em toda a cidade, os donos dos papagaios, aterrados, tinham largado os seus fios de controle. O céu estava cheio de papagaios moribundos, em voo picado em direcção ao solo, papagaios chocando em pleno voo com outros papagaios, papagaios rasgando-se em mil bocados por acção do vento abrasador e pela loucura dionisíaca daquela súbita liberdade, a liberdade fatal ganha em plena catástrofe e logo perdida pela inexorável força da gravidade da terra que se fendia lá em baixo. Click,

fez a *Leica*. O resultado é aquela famosa fotografia, *Tremor de Terra, 1971*, em que a explosão em pleno céu de um papagaio de papel nos conta tudo sobre o caos invisível que reina lá em baixo. O céu torna-se uma metáfora da terra.

“Dil Kush” era uma mansão de construção sólida, com alicerces cavados fundo na rocha, por isso tremeu mas não caiu. Porém, um dos depósitos de água do telhado abriu uma racha, e eu puxei Hulot para fora do caminho da torrente de água, que ele parecia não ter visto. Dolly Kalamanja já ia a correr escadas abaixo, gritando o nome da filha. O francês agradeceu-me polidamente levando a mão ao chapéu e dando depois pancadinhas na máquina com um encolher de ombros evasivo.

Em baixo Persis soluçava entre os destroços de vidros partidos, inconsolável, como uma princesa de alma simples rodeada de jóias sumptuosas, como uma mulher só entre as ruínas das suas recordações. O sismo acordara sentimentos que ela tentara enterrar há muito tempo e que agora derramava como água de um tanque roto. Dolly, impotente, abanava-a com um grande lenço, tentando limpar-lhe as lágrimas. Persis enxotou a mãe, como se ela fosse uma traça.

— Todos nos abandonam, — chorava ela. — Toda a gente se vai embora e nos deixa para aqui a morrer sozinhos Não admira que isto tudo rebente e caia aos bocados, tudo está murcho, velho e só.

O Sr. Hulot aclarou a garganta estendendo o braço, sem saber se lhe havia de tocar ou não e os seus dedos roçaram o ombro dela. Uma segunda traça, que a boa educação a impediu de sacudir. Ele tentou ser galante: — Mademoiselle, asseguro-lhe que a única coisa velha e murcha aqui é importada da França.

Ela riu, um pouco desatinada. — Está enganado, Monsieur. O senhor pode ter mais de sessenta anos mas eu tenho cinco mil, cinco mil anos de estagnação e apodrecimento e agora estou a desintegrar-me e toda a gente se vai embora. — Virou-se de repente para mim e disse raivosamente: — E tu, porque é que não vais também? Há anos que ele tenta ir-se embora, — rosnou ela com chocante veemência para Hulot, que ficou alarmado. — Sempre a fotografar partidas. O que é isso, senão ensaiar a sua própria partida? Não pensa senão em fugir para a sua querida Europa ou a sua querida América, mas por enquanto ainda não teve coragem.

— Você tira fotografias? — perguntou Hulot. Eu acenei que sim. Nunca

poderia imaginar que viria a ter ocasião de discutir a minha paixão com uma tal personagem. Agora que chegara essa oportunidade era quase impossível aproveitá-la porque Persis Kalamanja estava desenfreada.

— Viver neste país de mortos, mudos, assassinos e refugiados. — Troçava Persis, com uma voz penetrante e insegura. — Para quê? Para ser a sua sombra, o seu último seguidor, como esses velhos caturras sentados no clube à espera que os ingleses voltem?

— Isso é deduzir muito de uma simples mudança de endereço, — disse eu, tentando aligeirar a hostilidade que lhe saíra das entranhas para me atacar pelo crime de não ser outro homem, de viver na casa dele e não ser ele.

— Nascestes com todas as vantagens — disse ela enfurecida para lá de quaisquer barreiras — e está a deitá-las pela janela fora. Família, negócios, tudo. Não tarda que nos deites fora a nós também. Claro! Estás de partida, mas estás tão baralhado que nem te dás conta. Andas pelas ruas da cidade agarrado a essa câmara, a pensar que estás a dizer olá quando só estás a dizer adeus. Arré, tu estás mesmo baralhado de todo, Ameer, desculpa! Queres ser amado mas não sabes deixar que te amem. Que é que tu queres, an? Montes de mulheres, rios de dinheiro? Loiras e morenas, libras e dólares? E depois, ficas satisfeito? É disso que andas à procura?

Enquanto ela dizia aquelas coisas que não se devem dizer e que não se podem perdoar, eu dava-lhe o desconto e perdoava-lhe porque sabia que aquela porrada era destinada a outro homem. Impressionou-me o facto de aquelas perguntas que ela me lançava à cara serem variantes muito próximas das que Yul Singh fizera a Ormus Cama alguns anos atrás. E percebi que a minha resposta era a mesma dele. Não tive coragem para dar-lha, mas ela viu-a na minha cara e fungou de desprezo.

— Serás sempre o número dois, — disse ela. — E se mesmo assim nunca conseguires conquistá-la? Que tal?

Não soube responder. Mas felizmente, tal como as coisas se vieram a passar, também não foi preciso.

\*

O senhor Hulot pediu para ver o meu trabalho e lá fomos nós. Levei-o de carro através do caos da cidade, das árvores derrubadas, das sacadas caídas como divisas militares nas mangas dos soldados, das aves desorientadas, dos gritos, até ao que era agora o meu apartamento. Ele falou livremente



acerca da técnica; acerca da “pré-composição” de uma imagem na imaginação e depois na imobilidade intensa, à espera do momento decisivo. Falou na ideia de Bergson do eu como “duração pura”, que *já não está sob o signo da permanência do cogito, mas na intuição da duração*. —É como a arte japonesa, — disse ele. — Durante uma hora fica-se perante a tela nua, apreendendo o vazio e depois três segundos de traços, paf! paf! como um florete, muito precisos. Você quer ir para o Ocidente. Olhe que eu aprendi sobretudo no Oriente.

Fiquei admirado por um homem tão modesto, tão terra-a-terra como ele falasse tanto de magia, da “alma da realidade”, paradoxo que me fez lembrar o “milagre da razão” de Darius Cama. — Foi Balzac, — disse Hulot — que disse a Nadar que as fotografias roubam a um assunto a sua personalidade. A ideia da máquina fotográfica tem sido sempre relacionada com a ideia, mais antiga mas paralela, dos fantasmas. A máquina fotográfica sim, e a câmara de filmar ainda mais.

Havia um filme que ele muito admirava: *Ugetsu*, pelo mestre japonês Mizoguchi. Uma grande dama toma a seu cargo um pobre homem, dá-lhe uma vida de luxo e oferece-lhe delícias inimagináveis; mas ela é um fantasma. “Num filme é fácil convencerem-nos de uma ideia tão inverosímil porque no ecrã tudo é irreal e feito de sombras.” Um filme mais recente, *Les Carabiniers*, de Jean-Luc Godard, vem provar a ideia de Balzac. “Dois rapazes do campo vão para a guerra, tendo prometido às namoradas voltar trazendo todas as maravilhas deste mundo. Voltam sem um tostão, sem nada mais do que uma mala velha. Mas as raparigas não perdoam, exigem as maravilhas prometidas. Os soldados abrem a mala e *voilà!* A Estátua da Liberdade, o Taj Mahal, a Esfinge e não sei que mais preciosidades. As raparigas ficam satisfeitas: os namorados cumpriram a promessa. Mais tarde os soldados são abatidos por uma metralhadora, numa cave. Tudo o que resta deles é o tesouro que trouxeram na mala. As maravilhas do mundo.”

— Postais ilustrados, — disse ele rindo. — A alma das coisas.

\*

Na antiga biblioteca de Sir Darius Xerxes Cama, sobre a mesma secretária onde Darius e William Methwold tinham feito as suas pesquisas, estendi para Hulot o meu portfólio. O lustre jazia por terra feito em pedaços e alguns livros tinham caído das prateleiras. Para ter alguma coisa para

fazer enquanto Hulot examinava o meu trabalho, comecei a apanhar os volumes do chão. Eu conhecia os antigos textos e comentários. O grego e o sânscrito estavam fora do meu alcance, reconheço, mas os livros que lera tinham-me cativado, tinham-me introduzido no seu mundo de divindades selvagens, de destino que não pode ser evitado nem minorado, mas só suportado teoricamente porque o nosso sistema e a nossa natureza não são coisas separadas mas sim palavras diferentes para o mesmo fenómeno.

— Já olhou para o passado?

Ao princípio, perdido como estava na contemplação dos livros caídos, não percebi a pergunta do francês. Depois, comecei a balbuciar rapidamente alguns comentários acerca da colecção de fotos do meu pai, acerca de Haseler e Dayal. Sentia que estava a ser provinciano e assim, com um entusiasmo juvenil, trouxe à baila os nomes mais cosmopolitanos de Niépce e Talbot, do daguerreótipo e do calótipo. Referi-me aos retratos de Nadar, aos cavalos de Muybridge, o Paris de Atget, o surrealismo de Man Ray, à revista *Life* e ao *Picture Post*.

— Você é um rapaz muito sério, não é? — troçou ele, sem sorrir. — Nunca viu postais porcos, nunca procurou revistas pornográficas?

Aquilo fez-me corar, mas *ele* a seguir falou seriamente e mudou a minha vida, ou por outra, fez-me acreditar no que até ali eu não julgava possível: que eu podia ter a vida que desejasse. — Você já percebeu alguma coisa acerca do problema da atenção e da surpresa, — disse ele. — Qualquer coisa acerca da dupla personalidade do fotógrafo, capaz de matar sem piedade e capaz de conferir a imortalidade. Mas existe o perigo do maneirismo, que é que você acha?

Claro, obrigado, mestre. O maneirismo, sim, é um grande perigo, uma coisa tremenda, de futuro estarei em guarda contra o maneirismo, mestre, pode ter a certeza. Obrigado. Atenção e surpresa. Exactamente. Esses vão ser os meus lemas. Não tenha dúvida.

Ele virou costas aos meus balbuceios e olhou pelas janelas altas em direcção ao Gateway, mudando de assunto. — A sua amiga Persis é como muita gente que encontrei aqui na Ásia, — disse ele. — A previsão do tremor de terra... Extraordinário, não é? É talvez o ascetismo dela que lhe dá possibilidades, que a abriu para coisas desse género. É uma visionária sem câmara, uma *illuminée* do momento decisivo. Após um feito tão prodigioso é natural que haja uma descarga emocional incontrolável. —

Voltou-se para ver como eu reagia e apanhou-me a fazer uma careta de desgosto. Desatou a rir. — Ho-ho! com que então você não gostou...! — observou ele.

Aquilo precisava de resposta e assim, bem que não tivesse uma explicação satisfatória para os poderes divinatórios de Persis, tomei o caminho severo do puro racionalismo. — Desculpe, Monsieur, mas nestas paragens existe a praga de confundir o Bem com Deus. O sobrenatural funciona para nós como um centro de detenção para atrasados mentais. E de vez em quando a nossa profunda espiritualidade leva-nos a massacrar-nos uns aos outros como verdadeiras feras. Desculpe, mas entre nós há quem não vá nisso, há quem tente abrir caminho para a realidade.

— Ótimo, — disse ele. — Ótimo. Descubra quem é o inimigo. Saber contra o que somos é o primeiro passo para descobrir de que é que somos, afinal, a favor.

Preparou-se para partir. Ofereci-me para o levar de automóvel, mas ele recusou. Queria procurar na cidade abalada as imagens que já compusera no espírito. Antes de sair deixou-me o seu cartão. — Telefone-me quando chegar, — disse. — Talvez eu lhe possa ser de alguma utilidade.

\*

M. Hulot tinha-me contado histórias de fantasmas: o espectro da japonesa, os postais dos *carabiniers* mortos. As imagens fixadas na película são as dos fantasmas que há na câmara. Três dias após o tremor de terra, eu vi também um fantasma; não uma foto, mas uma verdadeira aparição, uma alma penada vinda do passado. Estava em casa, em Apollo Bunder, a ajudar a varrer os vidros partidos e a arrumar os livros tombados. Os telefones não funcionavam e havia faltas de electricidade durante o dia para “aliviar a carga” durante as horas mais quentes. Eu suava em bica, de mau humor e nada preparado para ouvir bater à porta com grandes punhadas. Abri, com cara de poucos amigos, e encontrei-me perante o fantasma de Vina Apsara, que parecia tão chocada como eu.

— Isto não está certo, — disse ela com a mão na testa como se lhe doesse a cabeça — não devias ser tu.

Pelos vistos, os fantasmas também crescem. Ela tinha mais dez anos do que quando eu a vira pela última vez: vinte e seis anos deslumbrantes. O cabelo saía-lhe da cabeça numa explosão, formando um enorme halo de anéis encarapinhados (eu nunca vira um penteado afro) e ela tinha aquela

expressão sabida, sem a mais ligeira inocência, que era obrigatória para as mulheres “alternativas” da época, especialmente cantoras com empenhamento político. Mas Vina sempre gostara de baralhar o mundo com mensagens contraditórias. Usava ao mesmo tempo a luva preta — e uma só — dos negros americanos de extrema-esquerda, na face direita pintara a vermelho o símbolo *Om* e trazia um vestido de uma butique inglesa chamada “A Feiticeira Voa Alto”, uma das sombrias manifestações da alta-costura ocultista de inspiração indiana características da época, que tapava muito aproximadamente parte do seu escandaloso corpo esguio. A sua pele escura parecia polida, como que envernizada. Nessa altura eu não o sabia, mas este era o fulgor criado pelo olhar do público, as primeiras pinceladas da língua ferina da fama.

— Para ele, vens uns anos atrasada, — disse eu, com alguma crueldade. — Ninguém espera eternamente, nem mesmo por ti.

Ela entrou no apartamento sacudindo-me, como se a casa fosse dela. Consciente que não tinha nada atrás de si, nada senão o que fizesse de si própria, aprendera a tratar o mundo como se fosse dona dele e eu, como o resto do planeta, reconheci mansamente o seu domínio sobre mim e tudo o que era meu.

— Ena! Passou por aqui algum comboio? — disse ela, contemplando o apartamento devastado. — Houve sobreviventes?

Falava como uma gaja dura, mas a voz tremia-lhe ligeiramente. Foi então que eu compreendi que o tremor de terra fizera Vina perceber que ainda estava ligada a Ormus, que ele continuava a ser o homem da sua vida e o receio que ele estivesse morto ou ferido tinha sido mais forte do que todas as incertezas que a tinham feito partir e a tinham levado a criar para si própria aquela personalidade tão dura. O sismo atirara-a para um avião e trouxera-a de volta a Bombaim, até à porta de Ormus; mas a porta já não era a dele. Outros terremotos tinham-me colocado no seu lugar. Fui fazer café e pouco a pouco, como se retomasse um velho hábito, ela parou de tomar atitudes e transformou-se de novo na rapariga que eu conhecia e, sim, caramba, amara.

Ela completava a sua aprendizagem nos cafés, bares e clubes de Londres, desde tascas *beatnik* como o “Jumpy’s” até às psicadélicas como “Middle-earth” e “UFO” e a seguir foi para Nova Iorque, e acabou por aterrar em Folkville, onde foi estrela a meias com Joan Baez, mas sentiu-se estranha e

pouco à vontade. Então desiludiu os seus fãs entrando no círculo comercial e fazendo toda uma temporada num vestido de lantejoulas coleante e com cauda (por sinal, um dos que roubara à minha mãe), cantando com os Supremes no “Copacabana”, porque queria ser a primeira mulher não-branca a ajudar as negras a actuar naquela casa tão conservadora e tão apreciada. E, além disso, porque queria suplantar Diana Ross; o que aconteceu. A seguir, mudou novamente de direcção e foi uma pioneira na estrada que levava do “Wrong End Café” ao “Sam’s Pleasure Island” e ao “Slaughterhouse” de Amos Voight, onde os mundos da arte, do cinema e da música se encontravam e se fornicavam, sob o olhar sorridente e implacável de Voight.

Tornou-se conhecida como uma exibicionista sem peias — reputação que o seu mais-despido-que-vestido da Feiticeira não fazia senão confirmar. Usar uma peça daquelas podia ser perigoso em Bombaim, mas Vina não se ralava. Além disso, era de um desbocamento total. Aparecia com regularidade nas capas de revistas não-autorizadas, essas novas brechas na fachada dos media provocadas pelo terramoto que abalara a juventude ocidental. Espalhando a sua raiva e a sua paixão por esses jornais de prosa alucinatória e posando com os seus seios opulentos para fotografias porno-liberais, ela tornou-se um dos primeiros monstros sagrados da contracultura, uma iconoclasta agressiva, meio genial meio egomaniaca, que não perdia uma oportunidade para berrar, atroar, vaiar, patear, insultar, demolir, liderar, revolucionar, inovar, brilhar, blazonar e descompor. Para dizer a verdade, esta atitude ruidosa e agressiva, própria de uma chata, tinha prejudicado a sua carreira. Hoje em dia o mandar à merda, a agressão cara a cara seriam meramente convencionais, quase um requisito para qualquer estrela de rock em potência; mas naqueles tempos essas batalhas ainda não tinham sido ganhas. As pessoas podiam sentir-se, e muitas vezes sentiam-se, chocadas e insultadas. Podia ser dar um tiro no pé.

Assim, se por um lado a sua voz maravilhosa lhe garantia contratos contínuos, por outro lado a sua língua afiada fazia-lhe perder outros tantos. O contrato para o “Copacabana”, por exemplo, foi cancelado ao fim de uma semana, quando ela se referiu sem cerimónia ao seu empertigado público como “Kennedys mortos”. Os Estados Unidos, que ainda se debatiam numa luta tanto interna como na Indochina, tinham sido recentemente mergulhados no mais profundo luto pelo estranho duplo assassinato do

Presidente Bobby Kennedy e do seu irmão mais velho e predecessor, o ex-Presidente Jack, ambos mortos por uma bala única disparada por um palestiano demente. Essa foi chamada a “bala mágica”, que fez ricochete a toda a volta do átrio de entrada do Hotel Ambassador, em Los Angeles, zumbindo como um moscardo enlouquecido e foi atingir em cheio aquele terrível duplo alvo. Nesta atmosfera de pesar, em que centenas de milhares de Americanos se queixavam de enxaquecas tremendas e fortes tonturas, em que havia gente pelas ruas, desorientadas, murmurando: “Isto não devia ser assim”, Vina teve muita sorte em não perder mais do que um contrato, com a sua graçola. Podia ter sido expulsa da cidade. Podia ter sido linchada.

Tinha sido casada, uma vez, divorciara-se e a lista dos seus amantes era comprida. Curiosamente, só lá figuravam nomes masculinos, embora ela gostasse de dar a entender que era bissexual. Vina, tão pouco convencional na sua profissão, era uma tradicionalista nesta área pessoal, embora a sua promiscuidade fosse enorme, mesmo para os padrões da época.

Quando Vina chegou à soleira da minha porta, a sua celebridade como cantora ainda não se espalhara para lá de um círculo não muito grande de conhecedores; tinha recentemente assinado um compromisso de gravações para a etiqueta Colchis de Yul Singh, mas por enquanto a fama do seu talento ainda não chegara ao Oriente. Também era desconhecida a sua fama de não ter papas na língua.

Atormentada, anónima, ela estendeu-se num dos meus sofás e pôs-se a enrolar um cigarro. Tenho vergonha de dizer que nunca ninguém até ali me propusera aquilo a que eu ainda hoje chamo, um tanto fora de moda, um “charro” e o seu efeito sobre mim foi rápido e potente. Deitei-me ao lado dela e ela encostou-se a mim. Ficámos assim durante muito tempo, deixando que o passado longínquo se juntasse ao presente, deixando que o silêncio apagasse os anos de intervalo. Fez-se escuro. Já havia electricidade, mas eu não liguei as luzes.

— Já não sou novo demais, pois não — disse eu por fim.

— Não, — disse ela, beijando-me o peito — E eu? Serei demasiado velha?

\*

Depois de fazermos amor — no leito onde Ormus Cama fora concebido — ela chorou, depois adormeceu, depois acordou e chorou mais um bocado. Como muitas mulheres dessa época, ela usara o aborto como

técnica suplementar contra a gravidez indesejada e o quarto, soubera ela recentemente, deixara-a estéril. Sem poder ter filhos, e seguindo a sua prática usual de tirar conclusões universais da sua experiência idiossincrática, ela reagira desenvolvendo uma grande polémica contra os métodos ocidentais de controle da gravidez, numa jeremiada contra a manipulação científica do corpo das mulheres para prazer dos homens que acertava em cheio em vários pontos, mas depois voltou-se para o elogio vesgo da “sabedoria” das práticas “naturais” das mulheres do Oriente. Durante essa noite em que, confesso, o meu espírito estava noutras paragens, ela murmurou que a razão principal do seu regresso tinha sido o seu desejo de ir às aldeias e aprender com as mulheres indianas os segredos do controle dos nascimentos. Esta observação, feita com a maior seriedade, teve o condão de me pôr a rir às gargalhadas. Era sem dúvida um resto de efeito de haxixe, mas ri até as lágrimas me correrem cara abaixo. — Quando acabares de as cumprimentar pela sua habilidade e sofisticação na arte do ritmo e da interrupção e de tudo isso, — cacarejei, — elas vão-te perguntar se não tens um diafragma a mais e umas camisinhas. — Mal eu terminara o meu comentário, já Vina, completamente vestida, embarcava numa tirada furiosa e preparava-se para sair.

— De qualquer modo, não foi para isso que vieste, — gritei ainda a rir. — Lamento que a viagem tenha sido em vão. — Atirou-me com qualquer coisa de frágil, mas eu estava habituado aos cacos de louça e de vidros. — És um pulha do mais baixo que há, Rai — rosnou ela. Eu não conhecia aquele género de conduta, a conquista fácil seguida do desprezo agressivo. Pareceu-me, de novo, que estava a receber golpes destinados a outro, que estava a ser castigado por ocupar o lugar de outro homem.

Fiquei mais sério quando ela partiu. Quando uma mulher que nos obceca faz de nós um juízo tão severo, a coisa dói. E quando surge a oportunidade de confirmar esses juízos, talvez a aproveitemos e procedamos segundo a baixa opinião que ela tem de nós, e fiquemos para o resto da vida com uma acusação, que já não pode ser desmentida, cravada no coração.

\*

Após uma noite com Ormus Cama, Vina fugira durante uma década. Após uma noite comigo, fugira também. Uma mísera noite e puf! Percebem porque é que ela me parecia um fantasma, porque é que a visita dela me pareceu a das irmãs fantasmas do *Manuscrito Encontrado em Saragoça*,

que só podem fazer amor em sonhos com o herói? E contudo aquela noite no fim da qual ela se foi embora quase antes de ter chegado mudou tudo. Foi nessa noite em que se cumpriu a profecia de Persis e eu também me desliguei da Índia e dei início à minha partida.

A “interrupção”, o método profilático praticado nas aldeias indianas que obteve o resultado que se sabe na luta contra a explosão demográfica na Índia, foi subseqüentemente recomendada por Vina Apsara às suas irmãs americanas e europeias numa série de intervenções que suscitaram polémica. Eu posso confirmar que ela, pelo menos, era mestra na prática desse método.

\*

A versão oficial de Vina desse retorno de uma só noite a Bombaim, em que ela não cantou nem exprimiu opiniões, mas se limitou a reacender um fogo antigo, para depois deitar sobre o seu parceiro um balde de água fria e tomar um avião de volta, deixando-o ensopado e a tremer, foi muito diferente. Para o resto da sua vida, a história que ela contou a toda a gente, incluindo talvez Ormus Cama, foi que, quando ouviu a notícia do sismo em Bombaim se precipitou para o aeroporto, possuída pela súbita revelação do amor sempre vivo que ela tinha por um homem que não via há longos anos. — É mesmo sorte minha — costumava ela dizer. — A coisa mais romântica que eu fiz na minha vida, e ele nem sequer lá estava...

Mas aquela viagem de trinta e seis horas não tinha sido perdida. Por um golpe de sorte, ela tinha podido encontrar-se na *suite* do hotel com essa grande indiana honorária, a Madre Teresa, uma verdadeira santa, que partilhava das suas ideias com todo o coração. Tinham combinado um encontro com líderes feministas indianas. Essas mulheres impressionantes tinham-lhe contado os boatos que havia sobre os planos do Sr. Sanjay Gandhi de impor à força a esterilização a uma população relutante. Vina lançou uma greve de antecipação contra a atrocidade que se preparava. — Mais uma vez a tecnologia e a medicina ocidentais dão as mãos à tirania e à opressão, — disse ela numa célebre conferência de imprensa. — Não podemos deixar que este homem domine o útero das mulheres indianas. — Naqueles tempos estava no auge o interesse do ocidente pelo misticismo oriental e aquelas declarações tiveram um apoio generalizado.

Para voltar à sua história pessoal, à história de amor que o mundo inteiro adorava ouvir contar mil e uma vezes, a história do nascimento do imortal



grupo, os VTO: no fim daquela breve estadia, contava Vina, tinha-lhe sido concedido um milagre. Pouco antes de partir para o novo aeroporto internacional de Sahar, tendo uns minutos a passar, ela ligara o rádio e rodara o botão procurando a Voz da América. De repente ouviu uma voz familiar. — O meu coração parou e ao mesmo tempo começou a galopar como um cavalo, — explicava ela numa contradição encantadora, que ela imediatamente fazia seguir por outra: — Eu não podia suportar a ideia que a canção ia acabar e ao mesmo tempo queria que acabasse imediatamente, para eu ouvir o que o DJ ia dizer: — A canção chamava-se *O Chão Que Ela Pisa* e ocupava metade um *maxi-single* em que a outra faixa (a que levava o disco ao Top), tinha a canção *Não devia ser assim*. O nome da banda era *Rhythm Center* e a etiqueta Colchis.

— Ridículo, não? — contou ela mil e uma vezes aos jornalistas. — Ao fim daqueles anos todos, descobrir que estávamos os dois na mesma etiqueta. Acho que devemos ambos um grande agradecimento ao Sr. Yul Singh.

Persis queixara-se de ter sido riscada dos anais de Ormus. Eu podia queixar-me do mesmo tratamento da parte de Vina. Mas, na verdade, havia uma diferença entre nós. É verdade que eu não conseguia curar-me dela e o mesmo acontecia com Persis em relação a Ormus. Mas Ormus esquecera Persis Kalamanja; enquanto que Vina, apesar do que dizia ou não dizia, continuava a vir ter comigo onde quer que eu estivesse. Eu era o seu espinho de estimação; ela não conseguia arrancar-me de sob a sua pele.

\*

Talvez ela tivesse de facto ouvido Ormus na rádio. Entro nessa, que diabo, também gosto de histórias da Carochinha. Ouviu-o cantar para ela a sua grande canção de amor, ouviu-o de uma ponta a outra do mundo e sentiu fechar-se o arco do tempo, sentiu-se recuar uma década até uma encruzilhada onde já estivera outrora, ou, como um comboio, sentiu-se aproximar de um entroncamento seu conhecido. Da outra vez, tomara um caminho. Agora podia mudar de agulha e escolher o futuro alternativo a que parvamente renunciara da primeira vez. Imaginem-na no Taj, olhando o porto de Bombaim, ouvindo a canção do seu amante. Tem de novo dezasseis anos. Está sob o feitiço da música. E desta vez escolhe o amor.

\*

Agora é altura de eu cantar a última canção da Índia que jamais passará

pelos meus lábios; é quase altura de abandonar uma vez por todas as minhas pastagens habituais. Aqui está uma ironia que me faz abanar a cabeça com um sorriso: o corte da minha ligação com o meu país natal ocorreu no momento da minha maior intimidade com ele, o meu conhecimento mais profundo e o meu sentido mais intenso de lhe pertencer. Porque, ao contrário do que pensava Persis, os meus anos de fotógrafo tinham-me aberto os olhos — e o coração — para o meu velho país. Começara por procurar o que os meus pais tinham visto nele, mas em breve comecei a vê-lo por mim, a fazer o meu retrato pessoal dele, a fazer a minha selecção pessoal entre a abundância esmagadora que se me oferecia. Após ter sentido uma separação estranha, alienada, como de qualquer coisa que eu não escolhera mas que simplesmente ali estava, comecei a encontrar, através da lente da câmara, o caminho para me tornar num “verdadeiro” indiano. E contudo foi aquilo de que mais gostava, a minha arte de fotógrafo, que me obrigou ao exílio. Durante uns tempos isto trouxe-me problemas quanto aos meus valores, quanto a definir o pensamento certo, a acção certa. Já não sabia orientar-me: para que lado estava a terra, para que lado estava o céu? Ambos me pareciam irreais.

Lembram-se das cabras de Píloo? Há muito as deixei entregues a si próprias. Mas agora tenho de voltar a esses animais espectrais. Tenho uma canção de cabras para cantar.

Na altura do tremor de terra havia no ar toda a sorte de boatos bizarros. Havia boatos acerca da Sra. Gandhi — da sua fraude eleitoral que podia muito bem levar o Supremo Tribunal de Allahabad a proibi-la de assumir funções públicas — que eram tão sensacionalistas que ocupavam praticamente a atenção de toda a gente. Iria a Primeira-Ministra apresentar a sua demissão ou tentar agarrar-se ao poder? O impensável estava a tornar-se possível. A cada mesa de jantar, à volta de cada poço, em cada *dhaba* e cada esquina do país as pessoas discutiam os prós e os contras da questão. Todos os dias surgiam novos boatos. Em Bombaim o tremor de terra elevou a histeria a um nível ainda mais alto. Num ambiente assim, forçoso é reconhecê-lo, ninguém estava interessado em cabras.

Mas no dia seguinte à visita de Vina recebi um telefonema de Anita Dharkar, uma jovem e brilhante redactora do *Illustrated Weekly*, que publicava fotografias e foto-ensaios meus de tempos a tempos. — Então queres ouvir o último mexerico sobre Píloo? — perguntou. Ela sabia do

meu ódio ao homem que liquidara o casamento dos meus pais. Descubra quem é o seu inimigo, aconselhara Henri Hulot. Eu sabia quem ele era. Só não sabia o que fazer para o prejudicar, até ao telefonema da perspicaz Anita.

(Devo dizer que entre Anita e eu havia, bem, havia qualquer coisa. Uma coisa ocasional, ligeira, entre colegas, mas suficientemente substancial para me fazer esconder dela a perturbação em que a visita de Vina me deixara. O meu velho hábito de não manter o jogo revelou-se útil. Acho que ela não suspeitou do que se passara.)

— Píloo? Foi engolido pelo tremor de terra? — perguntei, optimista. — Ou está a assaltar a algibeira da Sra. G., como todos os outros aldrabões que por aí andam?

— Que é que tu sabes das criações de cabras que ele tem? — perguntou Anita, sem me dar troco.

Oficialmente, Píloo já não tinha nada a ver com a indústria dos lacticínios, após ter cedido o seu lugar à XWZ Milk Colony. Estava fortemente empenhado na carne e na lã. — Porque é que não transforma as cabras em bifes e casacos? — perguntara a petulante Vina quando era pequena. Pois é o que ele tinha feito. As suas fazendas de criação de caprinos espalhavam-se pelas províncias de Maharashtra e Madhya Pradesh, desde as terras baixas do vale do rio Godavari até às encostas montanhosas da Índia Central, desde o Harishandra, o planeta Ajanta e os Montes Ellora até aos Sirpur e ao Satmala a leste, os Montes Miraj até Sangli, no sul. Sem hesitar, instalara grandes rebanhos perto das ravinas infestadas de salteadores de Madhya Pradesh e Andhra Pradesh. Era agora um dos maiores patrões da indústria nacional da criação de cabras e os seus elevados padrões de higiene e controle de qualidade tinham-lhe feito ganhar troféus em todo o país, além de subsídios para alimentação do gado calculados por número de cabeças, abatimentos substanciais nos impostos e as subvenções para melhoria de qualidade habitualmente concedidas aos empresários rurais mais qualificados.

— Sei o que há a saber, — respondi eu. — Mas a ti, o que te interessa? És vegetariana e alérgica ao *mohair*... — *Eu* gostava muito de Anita. Era lindíssima e cantava com uma voz quase tão boa como a de Vina. Eu gostava do brilho escuro do seu corpo nu, da sua luz negra, da sua definição, da sua audácia. Gostava também que ela apreciasse as minhas

fotos e as promovesse dentro do *Weekly*, onde havia certas forças contrárias.

— E se eu te dissesse, — disse Anita — que as cabras não existem?

\*

A imaginação criadora de que fazem uso os vigaristas é por vezes do mais alto nível, coisa que não podemos deixar de admirar. Que audácia surrealista eles demonstram na concepção dos seus enganos; que ousadia, própria de um trapezista sem rede, que domínio da arte do ilusionismo na sua execução! O mestre do hop la! é o super-homem dos nossos tempos, desprezando normas, esquecendo convenções, elevando-se muito para lá da força de gravidade das coisas plausíveis, sacudindo o naturalismo puritano que refreia a maior parte dos vulgares mortais. E se no fim ele é descoberto, se os seus truques se derretem como as asas de Ícaro, mais estimável ele se torna por nos revelar a sua fraqueza humana, ao despenhar-se na Terra numa queda fatal. O seu falhanço aumenta o nosso amor e torna-o eterno.

Na Índia temos o privilégio de poder observar de perto os melhores de entre os melhores membros do Clube dos Embusteiros. Como resultado, não nos deixamos impressionar facilmente, exigimos os mais altos níveis de actuação aos nossos vigaristas públicos. Já vimos muita coisa, mas ainda queremos que nos façam rir e abanar a cabeça incredulamente, contamos com os trapaceiros para reacender o nosso sentido de magia, tão embotado pelos excessos da nossa vida quotidiana.

Desde o trabalho de pioneiro de Piloo, tivemos ocasião de admirar a Burla do Automóvel do Povo, em 1970 (sommas enormes de dinheiros públicos desapareceram de um projecto liderado por Sanjay G.), a Burla dos Canhões Suecos, em 1980 (sommas enormes de dinheiros públicos foram desviados de um negócio internacional de armamento que manchou a reputação de Rajiv G.) e a Burla da Bolsa de Valores, em 1990 (foram feitos esforços titânicos para fixar o movimento de certos valores-chave, usando, naturalmente, sommas enormes de dinheiros públicos). Mas quando se reúnem os estudiosos acerca do assunto — quer dizer, sempre e onde quer que dois ou mais indianos se encontrem para um cafezinho e dois dedos de conversa — todos concordam geralmente que a Grande Burla das Cabras é que recebe a medalha de ouro. Tal como *Citizen Kane* é sempre votado como o melhor filme de todos os tempos e o *Quakershaker* dos V.T.O. (*Como o Mundo Aprendeu o Rock'N'Roll*) vence invariavelmente o *Sgt. Pepper* para o primeiro lugar do melhor álbum de sempre; tal como Hamlet

é a melhor peça de teatro e Pelé o melhor jogador de futebol e Michael Jordan o Pêssego do Cesto e Joe DiMaggio é o Melhor Americano de todos os tempos, embora fosse preciso explicar-lhe o sentido do famoso verso da famosa canção, embora ele pensasse que estavam a estender-lhe uma armadilha, embora não percebesse o culto que tinham por ele, assim também Pилоo Doodhwala é para sempre considerado como o Super-Burlão De Luxo de toda a Índia.

E quem o pôs lá em cima fui eu.

\*

Uma fraude envolvendo rações para animais não parece à primeira vista tão romântica como, por exemplo, comissões sobre venda de armas no mercado negro ou manipulação de valores da Bolsa. As cabras, ao fim e ao cabo, são célebres por comerem seja o que for e por isso as subvenções atribuídas aos criadores são, necessariamente, pequenas: da ordem de cem rupias por cabra e por ano ou à volta de três dólares por cabeça. As rações para as cabras são migalhas, podem concluir desdenhosamente. Não podem dar lugar a uma das vigarices maiores dos nossos tempos... Pois estão muito enganados! Não tomem a ribombância por génio, nem o lixo que brilha por ouro. Foi precisamente o volume diminuto das somas envolvidas que permitiram a Pилоo montar o seu esquema glorioso, foi a pura banalidade do projecto que o protegeu da curiosidade do público durante tantos anos. Porque, embora cem tostões sejam uma bagatela, não deixam de ser cem tostões no bolso, se a cabra em questão fôr do tipo Não-Existente. E como a raça Não-Existente se reproduz mais depressa, requer menos cuidados e muito menos espaço do que outra variedade qualquer, o que é que há-de impedir um criador de cabras mais dinâmico de aumentar a quantidade do seu gado a alta velocidade e *ad infinitum*? Porque a cabra Não-Existente nunca adoece, nunca prega partidas, não morre senão quando convém e multiplica-se precisamente à escala estipulada pelo seu dono. É verdadeiramente a mais prestável e amorosa das cabras: não faz barulho e não há merda para limpar.

A magnitude da Grande Burla das Cabras está para lá de qualquer compreensão. Pилоo Doodhwala era o orgulhoso proprietário de cem milhões de cabras totalmente fictícias, cabras da melhor qualidade, cuja lã era lendária pela sua macieza e cuja carne era sinónimo de tenrura. A flexibilidade da Cabra Não-Existente dava-lhe a possibilidade de desafiar

todos os conhecimentos recebidos durante séculos acerca da melhor maneira de criar cabras. Em pleno coração da Índia Central, ele conseguiu a incrível proeza de criar cabras cachemira da melhor qualidade — que até aí se pensava exigirem pastos de montanha — no calor tórrido das planícies. Os problemas sociais e comunitários também o não atingiam. As suas cabras para criação de carne podiam ser criadas por vegetarianos, que não perdiam a casta por trabalhar com aquelas criaturas mágicas. Era uma operação de grande beleza, que não requeria trabalho nenhum, a não ser o esforço de manter a ficção da existência das cabras. O desembolso financeiro necessário para assegurar o silêncio de milhares e milhares de aldeãos, inspectores fiscais e outros funcionários e de pagar os salteadores da fronteira era muito considerável, mas dentro de limites toleráveis se considerado como percentagem do dinheiro movimentado no negócio e que era, ao fim e ao cabo, compensado pela redução nos impostos e subsídios ao capital ainda por cima.

Cem vezes cem milhões são dez biliões de rupias, cem mil crores<sup>44</sup>. Duzentos milhões de libras esterlinas. Trezentos milhões de dólares por ano, livre de impostos. O dinheiro para pagamento de silêncio e protecção, para os salários anuais dos aldeãos empregados ao serviço das Não-Existentes, e despesas várias somavam menos de cinco por cento desta mirífica soma e não representavam mais do que um sinal, uma espécie de sinalzinho financeiro na face lindíssima desta burla imortal, que Píloo manejou sem o menor estorvo — pelo contrário, com o apoio entusiástico de muitas das mais altas figuras do Maharashtra — durante quinze anos.

Trezentos milhões vezes quinze são quatro biliões e meio de dólares. Um milhão e meio de crores de rupias. Menos as despesas, claro, não exageremos. Digamos quatro biliões de dólares, líquidos.

\*

Dirigi-me ao escritório para discutir o projecto. Anita Dharkar tinha em mente uma abordagem satírica. À esquerda, os “ranchos” desertos de Píloo; à direita, uma fazenda de criação de cabras, típica. — Apresentação das Cabras Invisíveis do Sr. Píloo — improvisou ela, cheia de gozo. — Vêem-se à esquerda, a não serem vistas. Ao contrário das Cabras Vulgares, aqui à direita que, como podem ver, podem ser vistas.

Eu, que me gabava do meu talento para a invisibilidade, estava encarregado de fotografar os fantasmas conhecidos por “Cabras de

Doodhwala”. Anita queria ter os rebanhos mágicos em filme. — Não é só a corrupção que protege Píloo — disse ela, mais séria. — Há também esta infinita indiferença da Índia. *Chalta-hai*, não é? É assim que as coisas se passam. Esperamos que os nossos Píloos façam os seus truques e nós encolhemos os ombros e vamos à nossa vida. Mas se conseguirmos ter fotografias que provem o caso para além de todas as dúvidas, talvez possamos fazer que qualquer coisa aconteça.

Ela tinha uma lista completa de todas as instalações registadas por Píloo como criações de cabras. — Onde é que arranjaste isto? — perguntei impressionado. Mas ela era demasiado profissional para trair uma fonte, mesmo para mim. — A verdade acaba por se saber, — disse ela. — No fim aparece sempre um pobre diabo honesto, se o soubermos procurar. Mesmo na Índia.

— Ou talvez alguém que Píloo se esqueceu de pagar — disse eu, menos idealista.

— Ou talvez seja próprio de um segredo acabar por vir à tona — disse Anita continuando o seu raciocínio, — a única maneira de manter secreto um segredo é não contar a ninguém, razão pela qual eu me recuso a responder à tua pergunta, indecente deixa-me que te diga, acerca do meu informador. O segredo de Píloo era do conhecimento de muita gente, gente a mais. O que admira é não se ter sabido há mais tempo. Píloo deve ter pago muitíssimo bem.

— Ou talvez a tua fonte seja uma espécie de patriota, — continuei. — As pessoas estão sempre a queixar-se, não é verdade? De que a Índia só quer macaquear o Ocidente. Mas isto é que é o nosso talento especial; devemos celebrá-lo. Em matéria de burlas, não temos nada a aprender com ninguém. Podemos é dar explicações... Ouçam, tenho orgulho em Píloo. Detesto o filho da mãe, mas ele fez uma coisa linda.

— Tens toda a razão — disse Anita. — Vamos dar-lhe aquilo que ele merece. O Padmashri, mesmo Bharat Ratna? Não, essas honras não chegam. Que tal uma série de retratos oficiais, visto de frente, visto de lado, usando fato às riscas e segurando um cartaz com nome e número de série, se possível?

Pareceu-me bem. — Então arranja as fotos, Rai, vai lá. — Disse ela e saiu da sala.

Não me dissera nada acerca do outro fotógrafo, o que ela mandara antes e que não tinha voltado; não porque não quisesse alar-mar-me mas porque sabia que eu ficaria ofendido por não ser a sua primeira escolha. Queria vir também; já tinha tudo planeado, íamos de avião até Aurangabad, fingindo ser noivos em lua-de-mel, sem câmaras à vista. Por causa da verosimilhança e por outras razões, instalávamo-nos no Hotel Rambagh Palace e passávamos a noite a fazer amor. Para manter a história da lua-de-mel — porque aquele era o território de Piloo, onde qualquer porteiro, qualquer moço de recados, podia ser um espião — iríamos visitar Ajanta e ficar às escuras nas grutas enquanto o guia acendia e apagava uma lanterna para fazer aparecer e desaparecer as obras de arte budistas. Os bodhisattvas<sup>45</sup>, os elefantes cor-de-rosa, as mulheres seminuas com as suas figuras de ampulhetas e os globos perfeitos dos seus seios... O corpo de Anita era comparável ao de qualquer pintura e a oferta era muito atraente, mas eu parti de Bombaim sem lhe dizer nada e mergulhei no coração da Índia, numa tentativa semelhante à que Vina anunciara e tanto me fizera rir, e que os habitantes das cidades indianas quase nunca fazem. Queria entrar na Índia rural. Não para aprender técnicas de “ritmo e interrupção” mas para caçar o velho bode Piloo.

Depois daquela estranha e perturbante noite com Vina, fez-me bem sair dali. *Claro que nunca peguei fogo a nada. Pensas que fui eu que incendiei a tua casa? E a tua mãe pensava o mesmo? Muito obrigada. Posso ter sido uma ladra, mas nunca fui uma tarada.* Ela tinha querido encontrar-se com a minha mãe, oferecer-lhe uma compensação. Jóias novas no lugar das antigas. Mas era tarde demais para esse género de coisas. As brechas abertas no nosso mundo não podiam ser fechadas. O que tinha ardido não podia desarder, o que estava quebrado não podia estar inteiro. Uma mãe morta, um pai rodando lentamente e espalhando um perfume amargo à medida que girava a ventoinha do tecto, como um estranho fruto. Tentei imaginar como teria reagido Ameer Merchant ao regresso de Vina. Penso que ela teria pura e simplesmente aberto os braços e acolhido de novo Vina junto do seu coração.

Pensar de novo nesses dias — Ameer, V.V., o incêndio, o fim do amor, as oportunidades perdidas — era muito perturbante. O tamanho do país, as suas linhas duras e agrestes, a sua casmurrice, tudo isso me fez bem. Andar no meio daquele grande torvelinho de pó, a sua indiferença, ajudou-me a



reencontrar o sentido das proporções, pôr as coisas no seu devido lugar. Guiava o meu jeep — carregado de mantimentos em conserva, jerrycans de gasolina e de água, pneus sobressalentes, as minhas botas de campanha favoritas (aquelas com segredos nos tacões) e mesmo uma pequena tenda — até aos confins orientais do Maharashtra. Estava em pleno império de Píloo, à procura da porta das traseiras.

Havia de ser sempre o homem-da-porta-das-traseiras.

Uma viagem ao centro da Terra. O ar ficava mais quente a cada milha percorrida, o vento parecia-me esquentar cada vez mais a cara. Os insectos locais pareciam maiores e mais esfomeados que os seus primos da cidade e eu era, como de costume, o seu almoço. A estrada nunca estava vazia: bicicletas, carroças, motos, o estrondo de autocarros e camionetas. Gente e mais gente. Santos de gesso à beira da estrada. Um círculo de homens, de madrugada, mijando ao mesmo tempo sobre um monumento antigo, o túmulo de um rei qualquer. Cães vadios, gado, pneus rebentados sobressaindo das pilhas de lixo que se viam por toda a parte, tal como o futuro. Grupos de jovens com fitas cor de laranja à volta da testa. Retratos de políticos em muros isolados. Barracas onde se vendia chá, macacos, camelos, ursos amestrados conduzidos à trela. Um homem engomava-me as calças enquanto eu esperava. Fumo castanho a sair das chaminés das fábricas. Acidentes. *Camas no terraço — 2 rupias*. Prostitutas. A omnipresença dos deuses. Rapazes em camisetas baratas de rayon. Em toda a minha volta a vida fervilhava, os bichos pululavam. As baratas, as bestas de carga, as aves agitadas lutavam por comida, abrigo, o direito a mais um dia de vida. Rapazes de cabelo brilhante de óleo pavoneavam-se como gladiadores magrizelas, enquanto os velhos, desconfiados, vigiavam os filhos, à espera de serem abandonados, de serem postos de lado, empurrados para uma vala qualquer. Era a vida na sua forma pura, a vida sem procurar mais do que estar viva. No universo da estrada, o instinto de sobrevivência era a única lei, a batota o único jogo que havia, um jogo que se jogava até à morte. Estar aqui era compreender a popularidade de Píloo Doodhwala. A Grande Burla das Cabras era a vida da estrada escrita em letra grande. Era uma megavigarice que libertava as pessoas das suas vigarices quotidianas. Píloo era um profeta, um homem miraculoso. Não ia ser fácil derrotá-lo.

\*

O meu plano — mais uma ideia, na verdade, do que uma estratégia — era penetrar o mais longe possível dentro do que conhecíamos. Tinha visto na lista de Anita que a maior parte dos ranchos fantasmas de Píloo se localizava nas partes mais remotas do Estado de Maharashtra, em território horrivelmente hostil, com uma estrutura de comunicações que ia do mau ao não-existente. Qualquer criador de Cabras-Realmente-Existentes teria a maior dificuldade e teria de gastar bom dinheiro só para conduzir os seus rebanhos para o matadouro ou para um centro de tosquia. As Cabras-Não-Existentes não punham tais problemas, naturalmente, e a inacessibilidade dos “ranchos” ajudava a ocultar a verdadeira natureza da operação de Píloo. Eu jogava na autoconfiança dos agentes de Píloo nesses lugares tão remotos. A última pessoa que esperavam ver era um fotógrafo do *Illustrated Weekly*.

Por essa altura disputava-se um Rally Automóvel Trans-Indiano muito badalado e era minha intenção passar por um concorrente perdido, a precisar de comida, água, repouso e orientação. Isto permitir-me-ia, esperava eu, passar algumas horas na companhia dos fantasmas de Píloo. E então seria altura de recorrer aos meus poderes de invisibilidade fotográfica e aproveitar a oportunidade. Cheio de pó, estourado, abandonei a estrada principal e comecei a percorrer caminhos cada vez mais estreitos e esburcados em direcção às montanhas.

Depois de dois dias de viagem, cheguei a um rio, um fio de água correndo num leito seco e rochoso. Vi um camponês que ia a passar, como há sempre, levando uma vara no ombro com uma bilha de água em cada extremidade. Perguntei-lhe o nome do rio e quando ele respondeu “Wainganga”, tive a estranha sensação de ter tomado um caminho errado para fora do mundo real, de ter, de certo modo, deslizado para o mundo da ficção. Como se, sem querer, tivesse atravessado a fronteira do Maharashtra não para o Madhya Pradesh mas para uma terra paralela e mágica. Na Índia contemporânea, aquelas colinas à minha frente, uma cordilheira baixa com ravinas muito arborizadas, deviam ser a cordilheira de Seoni, mas na esfera mágica em que eu tinha entrado eram ainda chamadas, à moda antiga Seeonee.

Naquelas florestas poderia encontrar animais lendários, daqueles que falam e que nunca existiram, criados por um escritor<sup>46</sup> que os situou nesta selva longínqua sem nunca os ter visto com os seus próprios olhos: uma pantera e um urso e um tigre e um chacal e um elefante e macacos e uma

serpente. E no alto daquelas ravinas poderia avistar a mítica figura de um menino, um Menino-Não-Existente, uma ficção, uma cria de homem dançando com lobos.

*E Chil, o Abutre, recupera a noite*

*Que Many, o Morcego, soltou.*

Tinha chegado ao meu destino. Um caminho com sulcos profundos saía da estrada rural direita aos mistérios de Pilo Doodhwala. Ainda sob o império da minha curiosa sensação de irrealidade, avancei ao encontro do meu destino.

\*

A absoluta falta de mapas da Índia rural nas suas mais remotas regiões nunca deixa de espantar. Se sairmos dos trilhos mais rudimentares, sentimo-nos como os antigos navegadores se sentiram; como um Cabot ou um Magalhães da terra e não do mar.

Aqui desaparecia a realidade polifónica da estrada, substituída por um silêncio tão vasto como a paisagem. Aqui havia uma verdade silenciosa, aquela que veio antes da linguagem, uma verdade do existir, não do transformar-se. Nenhum cartógrafo tinha ainda traçado qualquer mapa daqueles espaços imensos. Havia aldeias enterradas no interior que nunca tinham ouvido falar do Império Britânico, para quem os nomes dos dirigentes políticos e dos pais da Nação não diziam absolutamente nada, embora Wardha, onde o Mahatma Gandhi tinha fundado a sua comunidade religiosa, estivesse apenas a uns cento e cinquenta quilómetros de distância. Percorrer alguns daqueles trilhos era fazer uma viagem a mais de mil anos atrás.

Os habitantes das cidades ouviam sempre dizer que a Índia rural era a “verdadeira Índia”, um espaço sem tempo mas com deuses, de certezas morais e leis naturais, da eterna imutabilidade das separações das castas e da fé, do sexo e da classe, dos proprietários de terras e dos rendeiros, dos trabalhadores rurais e dos servos. Tais dogmas eram estabelecidos como se a realidade fosse sólida, imutável, tangível. E, no entanto, a lição mais óbvia que se tirava das viagens entre as cidades e as aldeias, entre as ruas superpovoadas e os campos desertos, era a de que essa realidade se estava a alterar. Nos sítios onde as placas tectónicas de realidades diferentes chocavam umas com as outras, produziam-se sismos e abriam-se brechas. Escancaravam-se precipícios. As nossas vidas estavam em risco.

Estou a escrever a história duma viagem ao centro da nação, mas é só outra maneira de dizer adeus. Estou a seguir o caminho mais longo para a saída porque não me resigno a desistir, a acabar com tudo, a enfrentar a minha nova vida e contentar-me com uma existência feliz. Que sorte que eu tenho: a América.

Mas é também porque a minha vida revolve à volta do que aconteceu ali, nas margens do rio Wainganga, à vista dos montes Seonee. Esse foi o momento decisivo que criou a imagem secreta que nunca revelei a ninguém, o auto-retrato oculto, o fantasma que habita a minha câmara.

Hoje consigo portar-me, a maior parte do tempo, como se nada tivesse acontecido. Sou um homem feliz, posso brincar com o meu cão numa praia dos Estados Unidos e deixar molhar as dobras das minhas calças de algodão cinzento-pedra nas ondas do Atlântico, mas por vezes acordo de noite e o passado lá está pendurado à minha frente, girando devagar, e à minha volta ouço o rosar das feras, a fogueira está a apagar-se e elas vêm aí.

Vina: prometi-te que ia abrir o meu coração, jurei que nada ficaria de fora. Por isso, tenho de arranjar coragem para revelar também esta coisa terrível que eu sei acerca de mim próprio. Tenho de confessá-la e de me apresentar indefeso perante o juízo de quem queira julgar-me. Se restar alguém. Conheces a canção. Até mesmo o Presidente dos Estados Unidos tem de ficar nu de vez em quando.

Lavei as mãos em águas lamacentas. Lavei as mãos, mas não consegui que elas ficassem limpas.

\*

A certa altura abandonei o jeep fora da picada e continuei a pé. Enquanto subia até ao meu objectivo sentia uma excitação, mais do que excitação: era a satisfação plena de saber que ia descobrir o que mais desejava. Mais do que dinheiro, mais do que fama, talvez mais do que o amor.

Olhar de frente para a verdade e obrigá-la a desviar os olhos. Ver que uma coisa era assim e mostrá-lo *assim*. Rasgar os véus e transformar o estrondo da revelação no puro silêncio da imagem e dessa forma possuí-lo, meter na mala as maravilhas secretas do mundo e regressar a casa para os braços da mulher da nossa vida ou, pelo menos, para os da editora de imagem com quem dormimos duas vezes por semana.

Mas neste mundo não se ouvia qualquer ruído. Aquele silêncio não era natural, era muito mais do que a tranquilidade campestre. Eu penetrara no

território da cabra fantasma de quatro mil milhões de dólares e a cabra, como toda a gente sabe, é uma antiquíssima encarnação do Diabo. Deixem que lhes diga que no meio daquele silêncio oculto senti-me receoso e desprotegido.

*Os rebanhos estão fechados em apriscos e estábulos  
Porque nós andamos à solta até de madrugada.*

Mais adiante via-se um grupo de edifícios. Apriscos e estábulos, mas onde estavam os rebanhos? Dos currais de Píloo só vinha o silêncio, mais eloquente do que o rugir de um leão. Meti a mão na algibeira das calças acima do meu joelho direito e senti a presença tranquilizadora da pequena *Leica* que eu me oferecera em honra do meu encontro com o grande Henri Hulot. De súbito, ergueram-se à minha volta homens com instrumentos de lavoura parecendo brotar da própria terra e, em matéria de fotos, o caso estava encerrado.

Tinham-me visto chegar há mais de um quilómetro atrás, o que em si não tinha muita importância. No meu longo e variado passado profissional, já tive ocasião de usar de suborno e de conversa fiada para atravessar barreiras nos territórios dos senhores da guerra em Angola e na antiga Jugoslávia; já descobri maneiras de entrar e de sair de vinte e sete revoluções e guerras várias. Quanto aos cordões de segurança dos desfiles de coleções em Paris e Milão, aos círculos concêntricos de guarda-costas, quer armados quer desarmados, que tentam barrar o caminho até aos homens ou mulheres verdadeiramente poderosos, quanto aos *maltres-d'hotel* dos mais famosos restaurantes de Manhattan, pff! passo por eles com um simbólico encolher de ombros. Mesmo durante aquela aventura de princípio de carreira, o maçarico que eu era sentia-se capaz de baralhar aqueles pacóvios do cu de Judas e recolher as minhas provas daquela burla pecuária.

A não ser, claro, que não fossem pacóvios. A não ser que fossem membros de um dos temidos bandos de assassinos que assolavam estas remotas regiões. A não ser que Píloo se servisse destes bandidos para policiar a sua operação. A não ser que eles me assassinassem logo ali e deixassem o meu corpo para os abutres.

\*

Vim a perceber que os meus captores e eu não falávamos a mesma língua. Eles usavam um dialecto local que não fazia para mim o menor sentido. Mas a conversa em breve se tornou redundante. Depois de me tirarem as

máquinas fotográficas, rolos de película e as chaves do jeep e de me despojarem de todo o meu dinheiro, levaram-me para o sítio das cabras imaginárias. Aí travei conhecimento com o outro jornalista, o tal de cuja existência eu não fora avisado. Estava à minha espera num dos estábulos, pendurado de uma trave baixa, girando lentamente com as correntes de ar quente e vestido exactamente como eu. As mesmas calças de repórter fotográfico, com algibeiras de fole sobre as coxas, as mesmas botas de campanha. Estava morto há demasiado tempo e com os primeiros vômitos veio-me a percepção clara de que a minha história acerca do Rally Trans-Indiano não tinha muitas probabilidades de ser tomada como verdadeira.

Porque é que não me enforcaram logo? Não sei. Tédio, provavelmente. Não havia muito para uma pessoa se entreter naquelas berças, onde nem sequer havia cabras de verdade para fornicar. Têm de se espaçar os divertimentos. A antecipação é mais do que metade do gozo. Os crocodilos fazem o mesmo. Por vezes guardam as presas meio-vivas durante dias inteiros, poupando-as para mais tarde. Pelo menos, é o que me dizem.

Foram o tédio e a preguiça que me salvaram a vida. Aqueles criadores de cabras e bodes fictícios eram gente que tinha ganho ilicitamente a vida durante os últimos quinze anos a não fazer absolutamente nada. Se eram bandidos (do que eu duvidava cada vez mais), tinham há muito perdido a garra. Muitos eram gordos e moles, o que raramente acontece a camponeses e bandoleiros. A corrupção tinha-lhes engordado o corpo e sacado a coragem. Amarraram-me e deixaram-me a vomitar os últimos vômitos secos provocados pelo fedor do meu colega morto, além disso à mercê de triliões de coisas rastejantes para quem um cadáver é motivo de reunião geral interespécies.

À noite os pastores-fantasmas foram-se embriagar para uma das cabanas e o estrondo das festividades só parou quando estavam todos inconscientes. Eu consegui libertar-me das cordas mal atadas à roda dos meus braços e das minhas pernas e após um momento escapei-me. O jeep estava onde eu o deixara, totalmente pilhado e vazio mas com gasolina suficiente para eu chegar a uma povoação. Fiz uma ligação directa e safei-me tão depressa quanto a estrada o permitia. Não acendi os faróis. Felizmente havia uma lua amarela e gibosa para me iluminar o caminho.

— Graças a Deus! — disse Anita Dharkar quando eu a acordei com uma chamada telefónica a pagar pelo destinatário. — Graças a Deus. — Fiquei

tão furioso com aquela frase que a insultei pelo telefone. O medo, o perigo, o pânico, a fuga e o *stress*, tudo aquilo teve consequências estranhas e despropositadas.

Graças a *Deus?! Não, não e não!* Não inventemos qualquer coisa de tão cruel, perverso, vingativo, intolerante, odiento, imoral e arrogante como Deus para explicar um golpe de sorte bruta; totalmente imerecida. Não preciso de um Bailarino Cósmico de muitos braços, nem de um Inefável de barbas brancas, violador de virgens, lançador metamórfico de raios e coriscos e de cheias que destroem o mundo, pirómano e tarado, que fica com a fama de me salvar a pele. E os outros, quem os salvou? Ninguém salvou os indochineses, nem os habitantes de Angkora, nem os Kennedys, nem os judeus.

— Eu conheço a lista, — disse ela. Eu ia-me acalmando. — Sim, tá bem — disse eu embaraçado. — Mas eu precisava de marcar esse ponto.

As fotografias que levei para Bombaim criaram sensação embora, consideradas de um ponto de vista puramente estético fossem tão chatas e falhas de inspiração como A Primeira Fotografia, essa antiga paisagem monocromática de muros e telhados vista da janela do estúdio de Joseph Nicéphore Niepce. Eram fotografias do vazio, de currais, pastagens, apriscos e abrigos em que não havia um só animal; fotos de sebes, cancelas, campos, barracas. Fotografias de ausências. Mas em todas elas se via “Indústrias Doodhwala” reveladoramente escrito a stencil sobre tapumes e estacas de cerca e algum veículo ocasional, carroça ou caminhão. Tal como a banalidade das rações para animais servira a Pилоo para fabricar a sua enorme fraude, assim a banalidade daquelas imagens, que só valiam pelo que se pode chamar o *esvaziamento decisivo*, servia para desconstruir a burla. Poucas semanas após a sua publicação pôs-se em marcha uma investigação do departamento de fraudes e ao fim de três meses havia mandatos de captura contra Pилоo Doodhwala, a maior parte da sua “comitivamagnífica” e várias dezenas de associados menores estendendo-se por dois Estados do país.

O carácter bizarro da burla atraiu a atenção do mundo inteiro. As fotografias foram reproduzidas por todo o lado e como resultado recebi uma curta nota escrita à mão pelo Sr. Hulot, cumprimentando-me pela minha proeza e convidando-me a entrar na agência fotográfica Nabucodonozor, mundialmente famosa, que ele próprio fundara no ano em que eu nasci, de

parceria com o americano Bobby Flow, o inglês “Chip” Boleyn e um outro fotógrafo francês, Paul Willy. Foi como se Zeus me tivesse tocado no ombro e me tivesse pedido para me juntar a ele e outros aldrabões nus e todo-poderosos no cimo do seu conhecido monte.

Foi o princípio da vida que, desde então, tem sido a minha, o primeiro dia, por assim dizer, da minha vida como homem. E no entanto, como o leitor já deve ter reparado, havia qualquer coisa que não batia certo.

É altura, depois de tantos anos, de responder a certas perguntas.

*Rai — esta é a primeira pergunta — como é que um homem tira um rolo inteiro de fotografias com as mãos e os pés amarrados? Como é que um homem fotografa uma “criação de cabras” que ele nunca viu (porque as fotos mostravam claramente imagens de dois estabelecimentos diferentes em locais diferentes)? E, pergunta ainda mais intrigante, como é que um homem tira fotografias depois de ter sido despojado de todo o seu equipamento?*

Poderia dizer que tinha uma câmara carregada no jeep, presa com adesivo à roda sobressalente e os bandidos não tinham dado por ela. Poderia dizer que fui incitado a praticar acções deliberadas e perigosas pela terrível experiência de ter passado um dia amarrado e amordaçado na companhia de um enforcado que tinha botas e roupas iguais às minhas e cuja face negra e tumefacta podia ter — ou assim me parecia para meu tormento — uma semelhança mais do que passageira com o meu próprio rosto. Poderia dizer que fiz isto por ele, pelo meu companheiro assassinado e nauseabundo, *mon semblable, mon frère*. Fi-lo por um irmão gémeo que morrera e que eu não sabia que tinha.

Tornei-me cuidadoso, circunspecto. Encontrei durante a noite um esconderijo que me permitia trabalhar de dia. Tornei-me invisível, imóvel, invencível. Tirei as fotos. Aqui estão elas. Os sacanas foram para a choça, não foram? Querem mais alguma coisa? Têm mais perguntas? O quê? O que é que disse?

*Porque é que não comprou mais película?*

Por amor de Deus! Eles roubaram-me. Não tinha um tostão.

*Mas Anita veio buscá-lo, não foi?*

Exactamente.

*Então quando é que foi para o local do segundo rancho, nos montes Miraj?*



Mais tarde. Qual é o problema?

*Então porque é que não levou mais película?*

Você acha que foi fácil tirar aquelas fotos? Cinco ou seis imagens já era um milagre. E foi um rolo inteiro.

*Fale-nos das botas, Rai. Das botas de campanha.*

Parem com isso. Calem-se. Não consigo.

*Mas tem de dizer...*

\*

*Okay.* Aqui vai o que têm de especial essas botas de importação. Desapertando um parafuso na base do tacão, é possível fazê-lo girar e descobrir uma pequena cavidade só com o tamanho necessário para esconder um rolo de película. Servi-me desse truque algumas vezes, como por exemplo, nos comícios dos Mumbai's Axis. Para falar verdade, servi-me desse truque agora. Quando deixei o jeep para ir procurar as “cabras-fantasmas” tinha um rolo em cada tacão.

O enforcado e eu estivemos juntos durante muito tempo. Os pés dele balançavam perto do meu revoltado nariz e, sim senhor, eu pus-me a pensar nos tacões das suas botas e quando me vi livre das cordas aproximei-me dele apesar do seu fedor de fim do mundo e dos insectos vorazes e dos espasmos da minha garganta e com os olhos doridos de tanto vomitar, desatarrachei os tacões, sim senhor, o esquerdo estava vazio mas o direito tinha o que era preciso, o rolo caiu-me na mão e eu pus um rolo virgem no seu lugar, tirado da minha própria bota e com aquele terrível cheiro o meu coração parecia louco e desatei a fugir com a ruína de Píloo e o meu futuro radioso fechados na mão, sim senhor e que todo o resto vá para o inferno, eu disse sim, porque isto podia ter acontecido comigo como com outro e por isso, sim senhor, as fotografias são minhas.

Vi agora aquele filme *Ugetsu Monogatari*, uma obra japonesa que Hulot muito apreciava. Devo tê-la visto uma dúzia de vezes. Não é apenas uma história de fantasmas; há também uma intriga secundária. Um pobre diabo quer ser um grande guerreiro samurai. Um dia ele vê um famoso lutador ser morto. E, a partir daí, diz que foi ele quem venceu o herói. O que lhe traz uma grande reputação. Durante algum tempo.

Eu nunca disse que fui eu que *tirei* as fotografias. Limitei-me a revelá-las e entregar os resultados a Anita no escritório do *Weekly* e deixei que toda a gente me atribuísse a autoria, o que aceitei. O que não é a mesma coisa que

enganar as pessoas.

Fiz pouco de quem?

Pronto. Retirei a máscara e podem ver quem eu, na verdade, sou. Neste tempo inseguro, construí a minha casa — falando moralmente — sobre areias movediças indianas. *Terra infirma*.

Piloo Doodhwala fez a sua burla e, como vêem, eu fiz a minha. Ele ganhou quatro mil milhões. E eu ganhei apenas o meu próprio nome.

Eu trouxe à luz as fotografias mas não fui eu que as tirei. Nunca ninguém lhes teria posto a vista em cima se eu as não tivesse descoberto, mas o trabalho não foi meu. Piloo podia não ter sido nunca acusado, podia nunca ter sido preso, podia ter continuado a ganhar os seus biliões para o resto da vida, se não fosse eu. Mas as fotografias, não fui eu que as tirei. Já lá vai mais de um quarto de século e desde então já ganhei os meus galões, mereço bem a minha reputação, trabalhei para obter tudo o que possuo. Mas quanto às fotos que fizeram o meu nome, que me trouxeram a atenção do mundo inteiro? Não eram minhas, não eram minhas, não eram minhas.

Humano demais para a Alcateia, lupino demais para o Homem, Mowgli resolveu caçar sozinho nos montes Seeonee. É uma boa decisão, para um fotógrafo. Depois das minhas experiências nas encostas do Wainganga, resolvi fazer o voto do Menino-Lobo.

\*

Outra pílula amarga: o relatório Piloo serviu para o desmascarar mas, em vez de o arruinar, fê-lo crescer ainda mais. A extensão das manifestações a favor de Piloo nas áreas rurais de Maharashtra e Mdhya Pradesh alarmou e impressionou a elite do Poder em Bombaim e Nova Delhi. Processar Piloo começou a ser considerado um acto de vingança da elite liberal de influência britânica contra um verdadeiro homem das massas, um filho da terra. No momento em que foi preso anunciou a sua intenção de concorrer a cargos públicos e a sua campanha cedo se revelou imparável. A cadeia de Bombaim tornou-se a corte real de Piloo. A sua cela foi mobilada como se fosse a sala do trono e todos os dias Golmatol e as filhas traziam verdadeiros banquetes. Grandes figuras vieram prestar homenagem. Os dirigentes da Mumbai's Axis declararam que apoiavam a candidatura de Piloo para Presidente da Câmara e seis meses depois de ter entrado na cadeia, estava eleito. Foi pedido um perdão que foi rapidamente concedido pelo presidente, a conselho de Sanjay Gandhi cujo poder crescia a olhos

vistos e que estava officiosamente indicado para ser o próximo primeiro-ministro. Foram feitas novas eleições e o Congresso de Indira, associado aos seus novos aliados do nacionalismo hindu em todo o país, incluindo os Mumbai's Axis em Bombaim e Maharashtra, retomou o poder. O estado de emergência foi terminado. Já não era necessário: o eleitorado legitimara a tirania e a corrupção. *Chalta hai.*

Assim vão as coisas.

\*

Muitos destes acontecimentos, a apoteose de Píloo, a vitória total dos valores pilooistas sobre tudo o que eu começara a amar na Índia, deram-se depois da minha partida. Reparem: de qualquer forma, eu teria partido assim que recebi o convite para a agência Nabucodonozor, mas ter-me-ia mantido ligado ao meu país e teria feito dele um dos meus assuntos, como fizera o próprio Hulot, porque a Índia estava dentro de mim, colonizando todas as minhas células, numa dependência tão completa que não podia ser destruída sem destruir o próprio dependente; pelo menos era o que eu pensava, na minha ingenuidade. Mas em vez disso o que aconteceu foi que Anita Dharkar foi espancada e violada em sua própria casa no fim-de-semana em que Píloo foi preso e os assaltantes, que nem sequer se deram ao trabalho de esconder a cara, recomendaram-lhe que me dissesse que eu seria a próxima vítima, mas que no meu caso não seriam tão amáveis.

— Há algum sítio para onde possas ir? — perguntou ela. Eu queria ir ter com ela mas ela pediu-me que não o fizesse sob nenhum pretexto, ela estava com a família que tomaria conta dela e ficaria bem. Eu sabia que ela não ia ficar bem. — Devias sair do país — disse ela. — As coisas vão piorar, antes de ficarem melhor. — Perguntei-lhe se não queria vir comigo. A voz saía-lhe de lábios inchados e soava trémula, partida, como o seu corpo. Eu não queria pensar no que lhe tinham feito ao corpo. Mas ela recusou-se a vir comigo. — Por agora, já acabaram comigo — disse ela. — Portanto, não há problema. — O que ela queria dizer era que a Índia continuava a ser o único lugar da terra a que ela pertencia, por mais corrupto, tortuoso, desapiadado e violento que fosse. Era a sua terra e o optimismo e a esperança ainda não tinham morrido em Anita apesar da horrível violação. Não conseguia definir-se, nem assumir um significado senão ali, onde as suas raízes estavam demasiado fundas e demasiado espalhadas.

Alguma coisa me ordenava que saísse. Alguma coisa lhe ordenava que ficasse. Na minha história, que é também a história de Ormus Cama e Vina Apsara, Anita Dharkar, a editora de imagem, a heroína, a patriota, é um barco que navega contra a corrente, movendo-se determinadamente na direcção oposta à narrativa.

O seu sonho era o de uma Índia que a merecesse, que lhe mostrasse que fizera bem em ficar. Há mulheres de grande nobreza que permanecem casadas com homens grosseiros que lhes batem, pelas mesmas razões: vêem o que há de bom nos seus homens maus.

E claro que eu tinha para onde ir. Fechei a casa, despedi os criados e fui visitar Persis. *Arranja-me o bilhete, Persis. Tu tens contactos com as linhas aéreas, arranja maneira de eu poder viajar com um nome falso. Não perguntes porquê, Persis. Vou-me embora, Persis, como tu sempre disseste. Obrigado. Perdoa-me. Adeus.*

Persis, gentil guarda-portão das nossas vidas. Que ficavas junto do rio que separa os mundos e nos ajudavas a atravessá-lo, mas não podias fazer o mesmo.

\*

Mesmo depois do ataque a Anita, nunca me ocorreu, ao deixar o apartamento de Apollo Bunder, que ia partir para sempre, que não voltaria a pôr o pé naquelas salas; nem naquela rua, enxotando a tropa de garotos de Virus Cama, nem naquela cidade, vendo-a subir até ao céu; nem em parte nenhuma da Índia, embora ela permanecesse parte de mim, tão essencial como um braço ou uma perna. A Índia, onde os meus pais estavam sepultados e os cheiros eram tão familiares. Eu dirigia-me para outra vida, cheio de esperança e antecipação, para a vida que eu queria, mas não tinha a sensação de estar a quebrar as amarras para sempre. Claro que havia de voltar. As coisas iam acalmar. Píloo, agora em ascensão, iria em breve dar uma grande queda. De todo o modo, tudo seria esquecido e quando regressasse como um grande fotógrafo da agência Nabucodonozor seria recebido de braços abertos e teria o acesso mais alargado possível. Claro! A vida não era como um tremor de terra. Podiam surgir brechas, mas a maior parte delas iria fechar de novo, de certo modo. Não era como se tivesse aparecido um abismo de ficção científica, tão vasto que não havia maneira de o ultrapassar. Era só: fim da primeira parte, início da segunda parte. Era só.

Mas o Pílooismo triunfou, o Pílooismo e o Sanjayismo, o seu gêmeo de Delhi. Delhi e Bombaim costumavam odiar-se. Os habitantes de Bombaim troçavam da maneira como as pessoas de Delhi lambiam o cu do poder e depois davam a volta e chupavam-lhe a pila indiferente. As gentes de Delhi zombavam do materialismo de Bombaim, da sua gula por dinheiro. Esta nova aliança unia as facetas mais sombrias de ambos. A corrupção do dinheiro e a corrupção do poder uniam-se numa supercorrupção à qual ninguém se podia opor. Eu nunca o previra; mas Lady Spenta Cama tinha tido essa intuição há muito tempo.

O melhor das nossas naturezas afoga-se no que elas têm de pior.

Ninguém podia atingir aqueles dois. A lei não podia prejudicar Píloo e Sanjay também levava uma vida regalada. Mesmo quando o motor do seu avião parou quando ele fazia um *looping*, como um tonto, sobre a residência oficial da sua mãe, Sanjay conseguiu fazer uma aterragem de emergência. Que barbaridade calígulesca foi a da vida na Índia durante o consulado daqueles terríveis gêmeos! As agressões, os castigos, as prisões, os espancamentos, os incêndios, as proibições, as compras, as vendas, a pouca-vergonha, a pouca-vergonha, a vergonha.

Sei que agora é diferente. O quádruplo assassinato. Sei tudo isso. As pessoas vão dizer que eu me afastei durante tempo de mais, que não compreendo a situação, que não é como eu digo, que nunca foi, que era melhor nalguns aspectos e pior noutros.

Mas eu vou dizer-lhes como é que me sinto, depois destes anos todos. Sinto-me como que chegando ao fim da primeira metade do caminho da minha vida. Um fim indispensável, sem o qual não seria possível a segunda metade. É então a liberdade? Não exactamente. Nem uma libertação tão-pouco. É mais como um divórcio. Neste divórcio eu fui a parte que não queria que o casamento se desfizesse. Era aquele que esperava, sentado, pensando que tudo se ia arranjar, ela vai reconsiderar, vai voltar para mim e tudo vai correr muito melhor. Mas ela nunca mais voltou. E agora estamos todos velhos, é tarde de mais, os laços não se partiram, gastaram-se há muitos anos. No final de um casamento, chega aquele momento em que temos que virar as costas à nossa mulher, da recordação insuportavelmente bela daquilo que nós éramos, e enfrentarmos o resto da nossa vida. É este o ponto em que eu estou, nesta história. Mais uma vez, sou eu o rejeitado.

\*

Por isso, adeus pátria. Não te preocupes; não virei bater à tua porta. Não vou telefonar-te a meio da noite e desligar quando tu responderes. Não te seguirei na rua quando tu saíres com um tipo qualquer. A minha casa ardeu, os meus pais morreram e aqueles que eu amava foram-se embora. Há ainda quem eu ame, mas tenho de dizer-lhe adeus para sempre.

Vou andar — vou caçar — sozinho.

Índia, nadei nas tuas águas tépidas e corri, feliz, pelos caminhos das tuas montanhas. Mas porque é que tudo o que eu digo soa como uma *filmi gana*, uma canção barata dos filmes de Bollywood? Pois muito bem: percorri as tuas ruas imundas, Índia, sofri muitas dores devido às doenças engendradas pelos teus germes. Comi o teu sal e bebi o enjoativo chá açucarado que serves à beira das estradas. Durante anos os teus mosquitos da malária andaram a morder-me por todo o sítio onde passasse e nos desertos ou nos verões de todo o mundo fui picado pelas tuas vespas de Cachemira. Índia, minha *terra infirma*. meu abismo marinho, minha cornucópia, minha gente. Índia, meu excesso, meu tudo-ao-mesmo-tempo, meu abraço, minha fábula, minha mãe, meu pai e minha primeira grande verdade. Pode ser que eu não seja digno de ti, que tenha sido imperfeito, confesso. Posso não compreender o que estão a fazer de ti, que talvez já tenham feito, mas tenho idade suficiente para dizer que esta nova Índia não a quero, nem preciso de a compreender.

Índia, fonte do meu imaginário, nascente da minha selvajaria, destruidora do meu coração.

Adeus.

---

[42](#) Trocadilho do Autor entre “Olimpo”, a morada dos deuses e “Olympus”, marca de uma máquina fotográfica. (NT)

[43](#) A Índia tem uma enorme produção cinematográfica e uma Cidade do Cinema em Bombaim, onde estão reunidos todos os estúdios e a que é dado o nome de “Bollywood”, lembrando “Hollywood”. (N. T)

[44](#) Um crore = dez milhões, em indo-inglês. (NT.)

[45](#) Homens santos, na religião budista. (N. T.)

[46](#) Referência ao “Livro da Selva” de Rudyard Kipling. (N. T.)

## Capítulo 9 MEMBRANA

Um universo encolhe, outro expande-se. Em meados dos anos 60, Ormus Cama troca Bombaim pela Inglaterra, restabelecido e sentindo que recuperou a sua verdadeira natureza. Quando o avião levanta voo da sua terra natal, também o seu coração levanta voo, larga sem hesitar a sua velha pele, atravessa essa fronteira como se não existisse, como se trocasse de pele, como uma cobra. Os outros passageiros mostram-se desinteressados, sentam-se ao lado de estranhos mas pretendem não reparar em nada para manter a ilusão de que também não são observados. A personalidade descomplexada de Ormus não lhe permite conter-se dentro dessas ficções. Ele próprio ganhou asas. Passa por cima dos seus limites. Ormus olha fixamente para os outros passageiros, fixando-os na memória, *estas são as pessoas que vão comigo para o Novo Mundo*, e até fala com elas, com o seu sorriso que desarma toda a gente.

Bem-vindo a bordo do *Mayflower*, diz-lhes Ormus saudando-os, apertando-lhes as mão quando passam por ele, os campónios estarecidos, oriundos de aldeias do interior que se dirigem para reinos desertos, executivos que transpiram nos seus fatos baratos, severas damas de companhia de uma jovem noiva velada e vergada ao peso excessivo do galão de ouro que ornamenta o seu *gharara*, o jovem e imprudente estudante a caminho de quatro anos horríveis num externato inglês, e as crianças. Há crianças em todo o lado, crianças que correm nos corredores imitando um avião, o que arrelia bastante o pessoal de voo; ou que estão de pé nos assentos, imóveis e com uma expressão grave, mostrando uma noção bastante adulta da importância deste dia; ou gritando como loucos por estarem presos pelo cinto dos assentos; crianças vestidas com grossíssimas camisolas em lã, em cinzento e azul-marinho, que proclamam o seu desconhecimento das novas casas que eles nunca viram e anunciam a dificuldade que terão em se adaptar à vida nos climas escuros do norte.

Somos as Crianças Peregrinas, pensa Ormus. Onde pousarmos o pé, vamos chamar-lhe Bombay Rock<sup>47</sup>. Boom chickaboom, chickaboom boom.

O próprio Ormus vestiu-se a rigor para a viagem, com roupa desportiva tipicamente americana: o boné de basebol dos Yankees, a t-shirt branca *Beat Generation* com as mangas arrancadas, o relógio Mickey Mouse. Há também um toque europeu, os jeans pretos que ele convencera um turista

italiano a tirar para Lhas oferecer, em Bombaim; era um jovem impressionável, um dos primeiros ocidentais de cabelos compridos a chegar à Índia à procura de praias e de esclarecimento oriental e não constituiu obstáculo para o enorme poder de persuasão de Ormus, que o deixou de pernas ao léu e estupefacto, com a mão direita cheia de dinheiro e ainda com um presente de Ormus no braço esquerdo, um lungi elegantemente dobrado.

A Inglaterra pode ser o meu destino imediato mas não é o meu destino final, é o que mostra a roupa de Ormus, a velha Inglaterra não me pode segurar; pode pretender estar a mexer mas está moribunda. Sem medo mas defunta. A História continua. Hoje em dia a Inglaterra é um sucedâneo da América, o eco atrasado da América, a América com condução à esquerda. Jesse Garon Parker era um americano branco e pelintra que quis cantar como um negro, mas os Beatles, por amor de Deus, os Beatles são ingleses brancos que tentam cantar como *raparigas* americanas. Crystals Ronettes Shirelles Chantels Chiffons Vandellas Marvelettes, porque é que vocês não usam vestidos com lantejoulas, rapazes, porque é que não usam cabelos ripados em vez desses simpáticos penteados em forma de esfregona e já agora, porque é que não mudam de sexo? Façam tudo como deve ser.

Estes pensamentos vêm-lhe mesmo antes de chegar a Inglaterra ou à América ou a qualquer outro lugar que não seja a terra onde nasceu e que ele está a deixar de vez, sem remorsos, sem olhar para trás: Quero estar na América, a terra onde toda a gente gosta de nós, porque toda a gente vem de outro sítio qualquer. Todas essas histórias de perseguições, massacres, piratarias, escravatura; todas essas cerimónias secretas, bruxas enforcadas, virgens em pranto e deuses inflexíveis com cornos; toda essa saudade, esperança, cobiça, excesso, tudo isso que dá origem a uma fabulosa e ruidosa cidadania auto-inventada de misturas e confusões; todas essas formas de mutilar a língua inglesa que resultam no inglês mais vivo do mundo; e, acima de tudo, toda essa música contrabandeada. Os tambores de África que há muito tempo atrás enviavam mensagens através de uma paisagem gigante onde até as árvores faziam música, quando por exemplo, absorviam água depois de uma seca, ouçam bem, yikitaka, yikitaka yikitak. As danças polacas, os casamentos italianos, as danças gregas à Zorba. O ritmo embriagado dos santos da salsa. A música do coração que cura as nossas almas doridas e a atraente música democrática que cria um ritmo



sincopado e nos dá vontade de dançar. Mas é o rapaz de Bombaim que irá completar a história americana, que irá pegar na música e atirá-la ao ar e, conforme cair, influenciará uma, duas ou três gerações. Sim, América. Toca como puderes.

Enquanto é obrigado a estar sentado, Ormus ocupa o seu assento como se de um trono se tratasse, tentando acomodar-se nesse espaço confinado e dar a sensação de um à vontade real. Nos países que vai sobrevoando, outros reis tratam das suas vidas. O Rei do Afeganistão faz de guia turístico a viajantes abastados enquanto que nas lojas das ruas mais importantes da sua capital se vendem quantidades de haxixe com selo de qualidade passado pelo seu governo; o Xá do Irão faz amor com a sua mulher, cujos gemidos de prazer se misturam com os gritos de milhares de desaparecidos nas câmaras de torturas da polícia política; a Rainha de Inglaterra janta com o Leão da Judeia; o Rei do Egipto está moribundo. (E, ao mesmo tempo, na América, uma terra mágica que se vai tornando lenta mas seguramente o topo das preferências da Faraway Tree de Ormus, morre Nat 'King' Cole.)

E a terra continua a mover-se, de forma imprevista e errada.

Nem todos estão felizes por ir para o Ocidente. Virus Cama está sentado direito como um fuso entre a mãe e o irmão, sente crescer a distância entre ele e o prisioneiro Cyrus, à medida que os laços que os unem se esticam a sua face parece inchar de desgosto. A noiva de cor-de-rosa chora por baixo do véu, ignorada pelas suas guarda-costas encharcadas em suor. E Spenta Cama reza, extremamente tensa, fazendo figas e pensando no seu encontro com William Methwold, a grande jogada da qual depende o seu futuro.

Ormus fecha os olhos, perde languidamente a consciência e cai num sono turvo. Nos corredores de Las Vegas da sua mente, Ormus caça o dragão, o pedaço de fumo que não é mais do que Gayomart, o seu gémeo morto. O passado está a afastar-se de Ormus. Vina escapou do seu passado e está agora à espera dele mais à frente, ela é o único futuro de Ormus. Mexe comigo, pede Ormus Cama, murmurando num sono mais profundo, embala-me como se eu fosse um bebé no berço da música. Abana-me até eu chocalhar, abana-me mas não me partas, e faz-me rolar, como um trovão, como uma pedra.

\*

Isto passa-se enquanto voam sobre o que está lá em baixo, será o Bósforo, o Corno Dourado, ou serão talvez os mesmos sítios, Istambul, Bizâncio, o

que quer que seja: drogado pelo voo, desligado da terra indiferente, ele sente uma certa resistência no ar. Alguma coisa que luta contra o movimento do avião. Como se houvesse uma membrana elástica à volta do céu, uma barreira ectoplásmica, um Muro. E talvez existam guardas fronteiriços fantasmas armados com coriscos e espiando de altos pilares nas nuvens, que podem abrir fogo. Mas por agora não há mais nada, esta é a única auto-estrada em direcção ao Ocidente, por isso adiante, conduz a manada para a frente. Mas esta invisível restrição é tão elástica, continua a empurrar o avião para trás, boeing! boeing!, até que o *Mayflower* consegue passar! Passou! A luz do sol atinge o seu olho rame lento. E ao passar essa fronteira invisível, Ormus vê o rasgão no céu e, por um instante de terror paralisante, vislumbra milagres através da fenda profunda, visões para as quais ele não encontra palavras, os mistérios no centro das coisas, eleusiniano, inexplicável, brilhante. Ormus sente que cada osso do seu corpo está a ser irradiado por alguma coisa que cai em correntes por uma fenda do céu, que está a ocorrer uma mutação ao nível da célula, do gene, da partícula. A pessoa que chegar ao destino não será a mesma pessoa que partiu. Ormus atravessou uma zona temporal, moveu-se do passado eterno da meninice para o presente constante da idade adulta, o tempo presente, que se tornará um género diferente de pretérito, o passado da ausência, quando ele morrer.

Este momento visionário pega Ormus de surpresa, perturbando-o. Após breves segundos, a abertura desaparece e não há nada lá fora a não ser as colunas de nuvens, o rasto do avião, o fragmento anacrónico da lua e o infinito, a toda a volta. Ele sente tremer os dedos, há uma palpitação bioquímica dentro do seu corpo, é assim que a gente se sente quando alguém nos dá um estalo na cara ou ofende a nossa honra ou quando um bêbedo se encosta a nós, e nos chama de palerma, é assim que nos sentimos quando somos insultados. Ormus não quer esta experiência carismática, quer que o mundo seja real, que seja o que é e nada mais, mas sabe que teve sempre tendência a ficar por cima das coisas. E agora que levantou voo, o maravilhoso apoderou-se dele, surgiu através do céu fracturado e ungiu-o de magia. Um manto de sol cobre-lhe os ombros. Deixa-me em paz, protesta Ormus. Deixa-me apenas cantar as minhas canções. A sua mão direita, com os dedos ainda trémulos, toca a mão esquerda de sua mãe; e aperta-a.

Spenta, chocada pelas inesperadas palavras de Ormus, não podendo senão concluir que lhe eram dirigidas, está perplexa por Ormus, contraditoriamente, ter agarrado a sua mão cheia de jóias. As manifestações físicas de afecto entre Spenta e Ormus são raras e incaracterísticas. A mãe sente-se tonta e começa a corar como um rapariguinha. Vira-se para o filho e subitamente o seu estômago anda à roda, como se o avião tivesse caído umas centenas de metros através de um poço de ar. A luz do sol está em cima de Ormus, e ela sente que há outra luz que emana de dentro dele, um brilho próprio de Ormus que rima com o do sol. Spenta, que viveu rodeada de anjos a maior parte da sua vida, olha para o seu menino como se fosse a primeira vez. Este é o filho que ela tentou dissuadir de acompanhá-la até Inglaterra, a última carne nascida da sua carne, com quem ela se preparava para cortar os laços de sangue. O remorso consome-a. Meu deus, pensa ela, o meu filho já é mais do que um homem, já está a mais de meio caminho para ser um jovem deus, e não é graças a mim. Cobre a mão dele com a sua, constrangida pela falta de hábito e pergunta, Está a pensar em alguma coisa, querido? Há alguma coisa que eu possa fazer por ti? Ormus abana a cabeça distraído, mas ela insiste, impelida pelo seu sentimento de culpa: Seja o que for, deve haver alguma coisa que eu possa fazer.

Como se estivesse a acordar, Ormus diz: Mãe, tens que me deixar ir.

*Afasta-te de mim.* Então, afinal de contas, ele estava a dizer adeus, pensa ela, e começa a chorar: Que estás a dizer, querido, eu não fui..., ela não consegue acabar a frase porque já conhece a resposta, que é Não. Uma boa mãe? Não, não.

Envergonhada, Spenta vira a cara para o outro lado. Está sentada entre os seus filhos. Ardaviraf Cama está junto à janela, absorto, silencioso, com um sorriso sereno. Esse tímido e vazio rictus de alegria idiota. Estamos a atravessar uma ponte no ar, Spenta percebe isso. Nós também somos viajantes entre os mundos, nós que morremos para o nosso velho mundo para renascermos no novo, e esta parábola do ar é a nossa ponte Chinvat. Tendo embarcado nesta viagem, não temos outra opção senão ir em frente nessa viagem da alma, na qual veremos o que há de melhor e de pior, na natureza humana. Na nossa própria natureza.

Determinada, Spenta vira-se para implorar a Ormus. Pelo menos toma algum dinheiro.

Ormus aceita quinhentas libras. Quinhentas libras é muito dinheiro, podes

viver com isso durante seis meses ou mais se tiveres cuidado. Ele aceita porque sabe que é ele que está a dar um presente. É a liberdade dela, não a dele, que está em causa nesta transacção. Ele já é livre. Agora é ela que está a comprar a Ormus a sua liberdade e ele está a permitir-lho. O preço é mais do que justo.

Ele passou através da membrana. A sua nova vida começa.

\*

A Europa desenrola-se por baixo dele como uma tapete mágico e faz aparecer uma Cleópatra inesperada. Surge uma jovem indiana, uma estranha, acocorada na coxia, ao lado do seu assento. Usa cabelo solto sobre uma camisa comprida e umas calças pretas coladas ao corpo, o uniforme dos *beatniks* urbanos do mundo da arte. Ela apresenta-se de uma forma íntima e picante. Aqui estou eu, querido, diz ela, estás surpreendido por me ver? Ele confessa que sim, na realidade Ormus está um pouco surpreendido. Não me gozes, grita ela, fingindo-se amuada. Não estavas tão reticente no quarto do hotel, quando te divertias com o meu corpo oleado e perfumado enquanto as ondas na maré alta, o mar excitado e iluminado pela lua, afogava os nossos gritos. Chocaste contra mim como o oceano, etc. Disseste-me que eu era a mulher mais bonita do mundo, no calor da paixão juraste que eu era a única para ti, etc., etc., por isso, como é que te podes surpreender por eu estar neste avião como ficou combinado, e agora podemos viver felizes para sempre na velha e alegre divertida cidade de Londres, etc., etc., etc.

Ormus tem boa memória, mas não se recorda dela. Ela diz-lhe o nome do hotel e o número do quarto e aí ele tem a certeza de que não é verdade. Ele não se esqueceu — como é que podia? — que usou um fato de Pai Natal no Cosmic Dancer, em Marine Drive, mas nunca alugou aí um quarto, com ou sem vista para o mar. A mulher empoleirou-se no braço do assento de Ormus. — Eu vi-te dormir e até a tua respiração era música — recorda ela. Debrucei-me sobre o teu corpo, a minha nudez um pouco afastada da tua, etc., e senti o teu bafo melodioso contra a minha pele, etc. Inalei os teus odores langorosos e bebi o ritmo dos teus sonhos, etc., etc. E uma vez, quando adormeceste, encostei uma faca à tua garganta —. Spenta, que ouviu tudo o que ela disse — todos os passageiros em redor ouviram o que ela disse — parece fora de si e mostra uma expressão mal-humorada de *bulldog*. Ormus mantém-se calmo, começa a desenganar gentilmente a

rapariga. É óbvio que houve um erro qualquer.

Uma segunda mulher, mais velha, de óculos, vestida com um sari, sobe, agitada, até junto da primeira e diz-lhe bruscamente: Maria, porque é que estás a incomodar esse senhor? Tu és demasiado inteligente para isso, tens que ter bom senso. Vai já para o teu lugar! — Sim, Miss, disse a *beatnik* com ar recatado. E, de repente, beija Ormus na boca, passando a sua língua comprida entre os lábios espantados de Ormus. Eu serei todas as mulheres que tu sempre quiseste ter, de todas as formas, raças, tendências selvagens, etc., sussurra a rapariga. Eu serei todos os desejos secretos e indesejáveis do teu coração. Aqui vou, Miss, acrescenta a rapariga, numa voz diferente e apaziguadora e retira-se. Ao descer a coxia, diz por cima do ombro, sem o mínimo embaraço: Procura-me nos teus sonhos, etc. E manda-me chamar quando chegar a altura.

Os passageiros resmungam em murmúrio. Ela faz um ligeiro aceno e desaparece.

A mulher mais velha fica para trás. Sr. Cama, diz ela, incomodada mas decidida, perdoe-me a ousadia, mas permite-me que lhe faça umas perguntas de carácter pessoal?

Apresenta-se como antiga professora da jovem no Sophia College: — A minha melhor alma, isto é tão estúpido. Tanta expressividade naquela criança, nem tenho palavras. Mas há um problema mental, que tragédia, isto põe-me doida. — A mulher diz que está a levar a jovem a Londres para ver uns espectáculos e visitar alguns museus. — Esta rapariga tem uma forte criatividade — diz ela suspirando — mas infelizmente, inventa coisas.

Recupera o fôlego e começa o seu questionário. Sr. Cama, ela ouviu-o cantar e agora só pensa em si. Mas a história de amor dela. É importante saber o seguinte. Conhece-a da Índia? De onde nós somos?

Ela fala como se a sua Bombaim, a sua Índia, fosse diferente da minha, pensa Ormus, mas deixa passar. Talvez ela tenha vindo a um espectáculo meu, diz Ormus, mas não, eu não a conheço de lado nenhum.

Essas coisas acontecem, diz Ormus à senhora do sari. Por enquanto, ele ainda é um artista não muito conhecido, uma pequena lâmpada no firmamento das luzes da fama, mas mesmo para ele, este não é o primeiro encontro do género. Houve uma rapariga russa, filha de um membro do consulado russo em Bombaim, que lhe enviou dezassete cartas numeradas, em inglês, cada uma acompanhada por um poema russo. Uma carta por dia,

até ao décimo oitavo dia em que não houve poema mas sim um despertar melancólico. *Agora sei que não me amas, por isso vou antes enviar os meus originais anelos ao grande poeta, o Sr. A. Voznesensky.* No avião para Londres, a professora de sari diz, acenando com a cabeça: Já vê que eu tinha que fazer a pergunta. Nunca soube o que pensar. Que fixação! Havia tantos pormenores que eu pensei, como é que isto pode ser fantasia, mas é claro que não podia ser verdade. Não se zangue. Deve estar furioso. Mas tenha piedade. Quando uma criança superdotada apresenta uma deficiência destas, a perda é de todos nós, não é? Não, deixe estar, isto não tem nada a ver consigo. Nós não fazemos parte do seu mundo. Obrigado por tudo na mesma.

Ormus impede-a de se ir embora com algumas perguntas.

A professora parece pouco à-vontade. Sim, infelizmente, já acontece há muito tempo, confirma ela. Aparentemente, vocês os dois têm um ninho do amor em Worli, mas é lógico que não têm. E ela diz que você quer casar com ela mas que ela não quer ficar presa, embora esteja ligada a si de uma forma bem mais profunda do que quaisquer vulgares pessoas casadas possam compreender, é um casamento de proporções mitológicas e quando você morrer irá morar nas estrelas, etc. Mas claro, você não quer isso, ela foi atraída para a sua penumbra, que se tornou mais verdadeira do que ela própria. Não é real. Quero dizer, é real para si mas não o é para ela.

Mais uma vez, as frases estranhas. Existe aqui algum mistério.

Ela escreveu poesia, grita a professora, pintou quadros, aprendeu as letras das canções que você cantou. O quarto dela é um santuário ao seu amor inexistente. Deve compreender que os quadros são bons, os poemas não são desprovidos de talento, a voz dela é forte e pode também ser suave. Talvez você lhe tenha dito algo simpático depois de um espectáculo. Talvez um dia você lhe tenha sorrido e tocado na mão. E, quando entrámos no avião, você disse “Bem-vindos ao *Mayflower*”. Foi insensato da sua parte, teria sido melhor não o ter feito. E este avião não se chama *Mayflower* mas sim *Wainganga*. Ora, não interessa qual é o nome do avião.

E o nome dela é Maria, pergunta Ormus, torcendo-se no seu lugar e tentando ver onde é que ela está sentada. A professora abana a cabeça. Não é preciso nomes, diz ela, partindo. Uma doente desconhecida, tem de se contentar com isso. Nomes? Porquê? Nunca voltará a falar connosco.

Mas enquanto vê a professora afastar-se com passos miudinhos, Ormus

ouve Gayomart sussurrar-lhe ao ouvido: O nome da jovem obcecada não é irrelevante. Ela não pertence ao passado. Pertence ao futuro.

\*

John Mullens Standish XII, o pirata da rádio, conhecido por Mull, diz-me Ormus Cama (anos mais tarde, no período a que chamamos *A. V.*, ou seja *após Vina*), eu diria que ele é o primeiro homem verdadeiramente importante para me tomar sob a sua asa protectora, um empresário com verdadeira perspicácia, com qualidades excepcionais de liderança, com um certo charme implacável, um pensador profundo, o primeiro cavalheiro honrado que encontrei na minha viagem para o Ocidente, e o que é que ele era? Um vulgar pirata, um criminoso, um homem que poderia vir a ser preso no aeroporto de Heathrow uma hora ou duas depois do nosso encontro. No entanto, isto não me preocupou nada. Pelo contrário. Desde a minha infância, sempre tive a cabeça cheia de piratas. O Capitão Blood, o Capitão Morgan, o Barba Negra, Os Corsários de Barbária, o Capitão Kidd. O grande Brynner, com cabelo e bigode, no papel de Jean Lafitte no filme de Cecil B. DeMille sobre a Batalha de Nova Orleães. Os romances de Quimm e Rafael Sabatini, as façanhas dos corsários do tempo da Rainha Isabel. E não estava limitado aos livros. Tu, Rai, com a tua perspectiva sombria, há demasiado horror deste mundo nos teus olhos, por isso não consegues ver. Como é que se pode adorar os navegadores criminosos da nossa infância. E apesar de tudo, aí estavam eles a tratar dos seus negócios debaixo dos nossos narizes, durante todo o tempo. Ao olhar para o mar, de Cuffe Parade ou de Apollo Bunder, nós — tu e eu! — vimos os veleiros árabes, os imundos barquinhos a motor. Silhuetas no horizonte, velas vermelhas ao pôr-do-sol. Levando, sabe-se lá o quê, sabe-se lá a quem...

Guarda esses disparates para as revistas, interrompo eu. O contrabando de narcóticos não é assim tão romântico, a verdade é essa. Mafias criminosas, idem.

Ormus ignora-me, perdido na retórica. E se o pirata Drake não tivesse vencido a Invencível Armada, e se em vez dos britânicos, tivessem sido os espanhóis a conquistar a Índia? Terias gostado disso, presumo? (Estes momentos, quando a xenofobia anglófila de Sir Darius Xerxes Cama irrompe da boca do seu filho, são genuinamente arrepiantes.)

Britânicos, Espanhóis, qual é a diferença? grito, para provocá-lo.

*Bem*, diz Ormus espicaçado, se tu... então ele vê qual é o meu jogo,

detém-se e sorri pesaroso. De qualquer forma, diz ele, encolhendo os ombros, quando Standish me abordou, foi como se Jasão em pessoa me tivesse convidado a bordo da Argo para participar na demanda do Velo de Ouro. E tudo o que eu tinha que fazer era tocar música.

\*

O avião já está a sobrevoar o espaço aéreo alemão quando a hospedeira — Ormus, talvez escusavelmente, devido à época e ao seu inglês de Bombaim, continua a pensar que é uma dona de casa do ar — chama o Sr. Cama à primeira classe. Mull Standish levanta-se para cumprimentá-lo: alto, nascido em Boston, com menos de cinquenta anos mas já de cabelos prateados e ar aristocrata, cheirando a dinheiro antigo, usando seda de Savile Row e cabedal Lobb. Não se deixe enganar pelas aparências, diz Mull, cumprimentando Ormus e entregando um whisky com água sem sequer perguntar se ele queria beber e acrescentando: Isto é tudo falso. Você vai descobrir que eu sou um patife.

Vi a sua actuação de Natal, menciona Mull, piscando o olho. Numa visita anterior. Você teve um grande êxito.

Ormus encolhe os ombros, não está a gostar nada daquele acaso: outra vez o Cosmic Dancer Hotel. É como se Nataraja, o velho Senhor da Dança estivesse por aí, coreografando os passos do seu mísero destino humano. Eu estava a atravessar um mau momento, diz Ormus brusco. Agora estou melhor. Não acrescenta o facto da excitação da Inglaterra, conforme se vai aproximando, estar a inundá-lo, como se ele fosse uma rua de Bombaim com os esgotos entupidos durante a monção. Standish, um homem grande, vê-o de outra forma: Ormus está a despertar, está pronto para o que der e vier. O seu protagonismo, por assim dizer. Você é do tipo forte, diz Standish, Bom. Temos isso em comum, é um princípio.

O vigor de Standish é tão grande que dá a sensação de que vai explodir para fora da sua roupa e dos sapatos a qualquer momento, como Tarzan na Cidade, como Hulk. É uma pessoa que faz negócios com o mundo, que espera que os acontecimentos se encaixem nos seu planos. Um actor e um criador. As suas unhas cuidadas, o seu cabelo igualmente bem tratado, revelam certo amor próprio. Após este longo voo, ele está fresco como uma alface. É preciso fazer por isso. É preciso um exercício de vontade.

Há alguma coisa que eu possa fazer por si?

Standish aplaude a pergunta de Ormus. Está ainda mais apressado do que



eu pensava, diz o mais velho congratulando o mais novo. E estava eu a pensar que o Oriente é que é intemporal, e nós somos como ratos transatlânticos, que não podem parar de correr para o Inferno e de lá voltar.

Não, responde Ormus. Na realidade, o Ocidente é que é exótico, fabuloso, irreal. Nós que vimos do outro lado do mundo... Ormus apercebe-se que Standish não o está a ouvir. Não se faça engraçado comigo, Sr. Cama, diz o americano, distante, até mesmo indolente. Poderemos trabalhar juntos durante algum tempo e teremos que ser capazes de dizer o que nos vai na alma, da forma que escolhermos. Mesmo um pirata pode agarrar-se aos seus direitos da Primeira Emenda, como aliás eu espero que você permita. (Os seus olhos voltam a piscar.)

Ele frequentou Cambridge — Cambridge, em Inglaterra; dois anos de universidade. Nessa altura, Standish era um brilhante especialista em chinês, que sonhava em criar a sua própria instituição académica assim que acabasse de estudar. As coisas não aconteceram como ele esperava. Teve um casamento falhado com uma mulher que negociava em pronto-a-vestir, não sem antes ter feito dois filhos, que ficaram na Inglaterra com a sua ex-mulher ressentida e zangada quando ele regressou ao outro lado do Atlântico. Durante uns tempos ensinou chinês no Amherst College. Depois, frustrado por não ter conseguido avançar na vida como esperava, tomou uma curiosa e brilhante decisão. Iria conduzir camiões de transporte através da América durante alguns anos, trabalhar que nem um cão, poupar dinheiro, criar a escola de chinês com que sempre sonhara. De professor a camionista: uma metamorfose que representou a primeira etapa daquilo que ele viria realmente a ser. O seu modo americano. Ele desapareceu, sem ilusões nem remorsos.

Standish cita Sal Paradise de cor: *Assim começou a minha vida que se poderá chamar a vida na estrada. Antes disso sonhei muitas vezes em partir para o Ocidente, para ver o pals, planeando sempre muito vagamente mas sem nunca o fazer.* Durante dois anos, talvez três, parecia que o tempo se esticava, nunca se sabia quanto tempo é que as coisas demoravam, cruzei a América levando os seus produtos àqueles que precisavam deles, que estavam tão viciados como qualquer drogado, ou a quem foi dito que precisavam daquilo tantas vezes que ficaram viciados no que lhes disseram. Um tarado de anfetaminas extremamente cansado, extasiado de viagens, música e liberdade feroz e ávida. E evidente que nunca pus dinheiro de

lado, gastei-o logo em mulheres e droga, e maior parte gastei-o em Las Vegas, aonde as grandes rodas me levavam, as enormes rodas dos meus camiões girando como *roulettes*.

Standish está longe, perdido nos seus pensamentos. Ormus, bebericando whisky, percebe que lhe está a ser oferecida uma oportunidade de ver Standish abrir-se completamente, uma honestidade absoluta, oferta já e sem restrições, como prova da boa-fé de quem fala. Escutando, Ormus fecha os olhos por um instante, e aí está a sua própria Las Vegas, aquela explosão de luz na qual o seu irmão falecido se curva e mergulha. Por isso, também têm Las Vegas em comum.

Como Byron, como Talleyrand... Não hesito, disse-me Ormus Cama *A. V.*, em comparar Mull Standish com esses homens; ele próprio já fez essa comparação muitas vezes, e actualmente, a autodescrição de uma pessoa é rapidamente adoptada por todos — Clown Prince, Comeback Kid, Sister of Mercy, Honest John — então porquê negar a Standish as suas próprias comparações?... como a Nausicaä de Joyce, Gertie MacDowell, o americano tem um pé deformado de nascença. Os sapatos Loob têm que ser especialmente fabricados para o acomodar e sustentar. No que diz respeito a atracção sexual, é bem conhecido o facto de nem Talleyrand nem Byron terem sido afectados desfavoravelmente pelos seus aleijões. No entanto, seus tempos de juventude que ele escolheu para descrever a Ormus, Mull Standish era mais uma espécie de Gertie: o seu pé aleijado afectava a sua auto-estima. Então, estava ele a perder tudo o que tinha num dos primeiros jogos do Campeonato do Mundo de poker, foi abordado por um jovem, que falou de forma elogiosa da sua beleza física e lhe ofereceu um montante substancial de dinheiro para o acompanhar a uma suite do Tropicana. Standish, sem dinheiro, sentindo-se absurdamente lisonjeado, aceitou e o encontro mudou a sua vida.

Este foi o início da minha viagem para lá de uma fronteira que eu julgava fechada para mim. (A voz de Standish é langorosa, o seu corpo espreguiça-se recordando com alegria esses tempos.) Através desse corte na cortina de ferro entre heterossexuais e homossexuais, tive uma visão do sublime. Depois disso desisti dos camiões, e fiquei em Vegas durante uns anos, como prostituto. A prostituição ensinou-lhe que era belo e desejado, permitiu-lhe sonhar, construir o Mull Standish que se atreveria a entrar no espírito do tempo e abaná-lo a seu bel-prazer. De Las Vegas à 42a rua de Nova Iorque

foi um passo previsível, e foi aqui que ele se tornou o beneficiário de um momento que apenas acontece na América. Uma limousine parada; o vidro eléctrico aberto; inclinado para fora estava o mesmo jovem, o panasca do Tropicana, o anjo que lhe mudara a vida. *Meu Deus. Há meses que ando à tua procura. Meu Deus.* Aconteceu que o Sr. Tropicana (a) tinha uma herança, e (b) tinha chegado à conclusão de que Mull Standish era o seu único e verdadeiro amor. Como prova desse amor, deu a Mull um edifício de apartamentos em St. Mark. Num instante, o *cowboy* da meia-noite tinha-se tornado um membro da classe dos proprietários, um membro respeitável do Greater Gotham Business Guild, um grémio de homens de negócios homossexuais e um pilar da comunidade. Depois, Standish rapidamente tirou partido do seu golpe de sorte transformando-o, com a sua lábia, numa assombrosa carteira de acções do ramo imobiliário, graças à sua longa e contínua relação com o Rapaz de Tropicana — vamos tratá-lo por Sam — e, depois disso, tornando-se membro honorário do círculo restrito de uma das verdadeiras Primeiras Famílias de Nova Iorque, das grandes dinastias da construção, dos grandes construtores civis, dos maiores gramáticos do tempo presente da cidade.

Presidentes de câmara, banqueiros, estrelas de cinema, estrelas do basquetebol, advogados, diz Mull Standish, e é a primeira vez que Ormus o ouve vangloriar-se. Estas pessoas têm estado, digamos, frequentemente à minha disposição.

Afinal, a América não é assim tão diferente da Índia.

Porque é que não está lá agora? A pergunta de Ormus não deixa de ser perspicaz. Existe aqui uma dimensão oculta, um lado da história que não foi revelado. Mull Standish ergue um copo, reconhecendo a sagacidade da pergunta. Tenho alguns problemas com o IRS, confessa ele. Além disso, fizeram-se umas economias e houve uma coisa que correu mal. Convém-me estar em Inglaterra durante algum tempo. A Inglaterra, onde ainda é ilegal ser maricas. ... Quanto à Índia, vou lá por causa das minhas necessidades espirituais. Vejo que não aprova esta observação. O que é que quer que eu lhe diga? Você viveu na floresta quase toda a sua vida e, por isso, não consegue ver as árvores. Para fornecer ar puro ao planeta, foi-nos dada a floresta da Amazónia. Para a alma do planeta, existe a Índia. Vai-se lá como se vai ao banco, para reabastecer a bolsa do espírito. Desculpe-me esta pobre metáfora monetária. Posso parecer requintado mas no fundo não o

sou. A tanga de leopardo debaixo do fato sóbrio. Tendências de lobisomem na altura da lua cheia. Uma certa sordidez. Apesar da qual tenho a minha fome espiritual. As necessidades da alma.

A hospedeira disse-me que tem chamado *Mayflower* a este avião, agradou-lhe brincar com isso. Sabe que Standish é um nome famoso do *Mayflower*? Penso que já ninguém lê Longfellow, especialmente em Bombaim. No entanto, é um poema com mais de mil versos, horrorosamente longo. Miles Standish, um soldado profissional incapaz de se expressar bem, mal que afecta geralmente os militares, deseja casar com uma certa donzela puritana, Priscilla Mullens ou Molines e comete aquilo que se poderá chamar de erro de Cyrano, enviando o seu amigo John Alden para falar em seu nome, visto que ele não pode. O jovem Alden, um tanoeiro, signatário do Pacto de Mayflower e fundador da colónia de Plymouth, um homem de boas maneiras e bem parecido, está infelizmente apaixonado pela mesma donzela e, no entanto, em nome da amizade, aceita agir em favor do amigo. Bem! Dona Molines ou Mullens, ouve-o até ao fim e depois olha para ele olhos nos olhos e pergunta-lhe: Porque é que não fala por si, John? Ao fim de centenas de versos chatíssimos eles casam e o velho soldado tosco, o meu antepassado vencido — e distante — fica de mãos vazias. Digo-lhe isto porque, embora eu não seja puritano, as palavras de Dona Priscilla são o meu lema. Não peço nada em nome dos outros, mas sou descarado e inexorável quando se trata do meu próprio interesse. Como agora, neste momento, ao tentar abordá-lo.

Ormus cora e Standish ri-se, ao ver o seu embaraço. Não, não se trata de sexo, diz ele, tranquilizante. Trata-se de pirataria no mar alto.

\*

A Inglaterra aparece bruscamente à frente deles e depois pára. Tráfego aéreo congestionado, já em 1965. Impossibilitado de fazer a sua aproximação ao solo, o avião faz círculos no céu. Por baixo deles, reúne-se uma armada pirata, uma invasão está para acontecer. Eis um velho ferry boat de passageiros já fora de uso, com a bandeira negra dos piratas, atracado no Mar do Norte. O *Frederica*. Eis outro, o *Georgia*, ancorado para lá da Costa do Essex, perto de Frinton. Olhe para baixo, para o estuário do Tamisa: aqueles três pequenos pontos, está a vê-los?, fazem também parte desta frota assassina. Ormus, cansado, excitado, está como um avião: oco, irreal, um estado no qual é difícil manter-se atento às coisas. Mull

Standish parece completamente senhor de si e fala agora sobre a sua infância:

Havia uma pesada bola de vidro que costumava estar no parapeito da janela do meu quarto. O meu pai virava-a para apanhar e refractar a luz. Havia bolhas no interior, como galáxias, como sonhos. As pequenas coisas dos primeiros anos da nossa vida mexem connosco e não sabemos porquê. Agora que eu comecei esta coisa da frota pirata, estou sempre a ver a bola. Talvez seja inocência, liberdade, não sei dizer. Talvez diga respeito a um mundo transparente, em que se pode ver a luz através dele. Talvez seja apenas uma bola de vidro, mas mexe comigo de alguma forma, leva-me a fazer isto.

Enquanto Standish vai falando, Ormus pensa que ele está a dar demasiadas razões para justificar o que faz: explicar demasiado o que é, afinal, um projecto puramente comercial, sobre o qual já se ouviu falar na Índia. Num momento brilhante da música britânica, a rádio britânica é totalmente enfadonha. As restrições sobre o “needle time”<sup>48</sup> dão como resultado que quando se quer ouvir os últimos sucessos — John Lennon a cantar *Satisfaction*, *Pretty Woman* dos Kinks, ou *My Generation* interpretada pelo novo supergrupo High Numbers, que anteriormente se chamavam “The Who” e tiveram um sucesso imediato — só se obtém Joe Loss ou Victor Sylvester, música para os mortos. Mas devido ao facto da rádio comercial não ser considerada ilegal se não estiver em terra, os navios piratas aí estão para dar aos miúdos a música que eles querem ouvir. “Needle time” e anúncios. Olá, amantes da música pop, isto é Radio Freddie a transmitir em 199... isto é Radio Gagá... isto é Big M. Os piratas dirigem o seu som para a Grã-Bretanha e para os países em volta. E Mull Standish é o criminoso nº 1 da Rádio: o rei dos salteadores da música.

Standish continua a invocar mais razões. Talvez esteja em Inglaterra porque, para ser absolutamente franco, a relação com o seu amante, Sam Tropicana, já não é o que era, o viço desapareceu. Ou talvez esteja farto da indústria da construção, dos capacetes e das vigas, de todos aqueles quartos vazios para preencher com a vida de outras pessoas. Ou então é por causa da CIA, porque, é verdade, ele foi abordado pela CIA em várias ocasiões, um perito em língua chinesa é visto como um possível espião de primeira qualidade, por isso tentaram convencê-lo antes que o Perigo Amarelo o fizesse e o levasse para o lado dos maus; e depois de ter recusado duas

vezes — um homem chamado Michael Baxter ou Baxter Michaels abordou-o na sala de estar do Sherry Netherland — foi acusado de não querer colaborar e ameaçado com a confiscação do passaporte. *Atravessei uma linha quando isso aconteceu, a América mudou para mim e tornou-se possível a minha partida.* E depois, é claro, até admira que Standish ainda não a tivesse mencionado, existe a guerra, a América está em guerra. As urnas foram entulhadas de votos para o Presidente Kennedy, a guerra é sempre boa para presidentes em exercício, ele está na maior desde a luta cerrada contra Nixon em 1960, ganhou mais quatros anos de poder e priapismo na Avenida da Pensilvânia, e agora são os seus votantes, a jovem geração de soldados eleitores que estão na selva e nos pântanos da misteriosa Indochina que estão a ser entulhados dentro de caixas em quantidades chocantes e mandados para casa, para moradas menos importantes que a de JFK. Também eles estão na maior.

Mull Standish é contra a guerra mas não é exactamente isso que quis dizer. Ele quer dizer — neste momento, os seus olhos reluzem e a energia que sai dele tem uma força redobrada e assustadora — que a guerra o levou para a sua música própria, porque nestes tempos sinistros, é a música rock que representa o compromisso artístico mais profundo do país com a morte dos seus filhos, não apenas a música da paz e das drogas psicotrópicas mas também a música da raiva, do horror e do desespero. É também a música da juventude, da juventude que sobrevive apesar de tudo, apesar da cruzada das crianças que está a rebentar com isso. (Uma mina, um atirador furtivo, uma faca na noite: o fim amargo da infância.)

Foi quando eu me apaixonei realmente pelo rock, diz Standish, porque eu admirava o que aquilo era, o alimento espiritual democrático, humano e sem concessões da sua resposta. Não era apenas dizer: vai-te lixar, Tio Sam, ou dá uma hipótese à paz, ou: sinto que estou à beira da morte ou até a fazer ruídos patrióticos. Matar, matar, matar o Vietcong. Foi antes como fazer amor em zona de combate, como insistir na recordação da beleza e da inocência numa altura de morte e culpa; deu-se preferência à vida sobre a morte, pediu-se à vida que agarrasse a sua chance, vamos dançar minha querida, na rua, ao telefone, e vamos gozar à farta na véspera da catástrofe.

O seu ar mudou completamente, de aristocrata de Boston a activista bacoco da música-pela-paz, e Ormus, observando a transformação, começa a ver quem ele realmente é. As suas explicações não têm qualquer

importância, a verdade é que ele é apenas como nós, mais um camaleão, apenas mais um transformista em frente ao seu espelho. Não só uma encarnação de Jasão o Argonauta mas talvez também de Proteu, o metamórfico Velho do Mar. É assim que aprendemos a mudar as nossas peles, nós, os descendentes de Proteu, por vezes não conseguimos parar, saltamos de personalidade em personalidade, mudando de via, tentando não sair da estrada e despistar-nos. Mull Standish também é um mutante, Ormus percebe isso: um metamórfico, um homem que sabe o que é acordar sob a forma de um insecto gigante. Foi por isso que ele me escolheu, ele percebe que somos ambos da mesma tribo, das mesma subespécie da raça humana. Como alienígenas num planeta estranho, nós conseguimos reconhecer-nos uns aos outros numa multidão. Nesta altura, adoptámos uma forma humana, aqui no terceiro calhau a contar do sol.

Standish, este novo e excitado Standish, diz: Vim para Inglaterra para fugir de um país em guerra. Um mês depois de eu ter chegado o novo governo trabalhista decidiu unir forças com os americanos e enviar os seus próprios filhos para morrerem. Aqui, as coisas deixaram de ser teóricas. Também os rapazes e raparigas britânicos começam a ser enviados para casa em pequenos embrulhos. Eu não queria acreditar, como americano senti-me *responsável*, como se tivesse desrespeitado as regras da quarentena e tivesse trazido comigo uma epidemia mortal, senti-me como um portador de pulgas. Cão raivoso. Esta evolução dos acontecimentos não estava prevista. Dei meia-volta e voei para a Índia, é o que faço quando preciso de recuperar o meu equilíbrio. E já agora: foi nessa altura que vi a sua grande actuação no Cosmic Dancer.

Depois de Bombaim, Standish tinha ido sentar-se aos pés de um mahaguru adolescente em Bangalore, e em seguida foi para Dharmasala passar algum tempo no templo budista de Shugden. *Mais uma vez — ponho-me eu a pensar, enquanto Ormus me conta a sua história — mais uma vez o curioso e possessivo fascínio do Ocidente hedonístico com o Oriente ascético. Os superdiscípulos da linearidade, do mito do progresso, querem apenas do Oriente a sua famosa imutabilidade, o seu mito da eternidade. Foi o deus-rapaz quem me deu a resposta. É uma alma velha num corpo jovem, diz Mull com respeito, um Mestre do Tântrico na sua última encarnação. Confessei tudo a essa criança sábia, a minha alienação, a minha culpa, o meu desespero, e ele, com o seu sorriso puro,*

*disse: A música é o vidro, é a bola de vidro. Deixa-a brilhar.*

*Percebi então que as restrições do “needle time” eram o inimigo, o arquidemónio. O limite era o aliado do General Westmoreland e do seu colega Haigh. Basta de grandes orquestras com homens de smoking branco e laço, a fingir que não se passa nada. Com os diabos! Uma nação em guerra merece ouvir a música que se faz *mano a mano* com a máquina de guerra, que põe flores nos canos das armas e oferece o peito nu aos mísseis. Os soldados cantam estas canções enquanto morrem. Mas não é assim que os soldados costumam cantar, marchando em direcção à batalha, bramando hinos, enganando-se a si próprios, dizendo que têm Deus do seu lado; isto não são canções patrióticas de merda. Estes rapazes cantam como afirmação daquilo que é natural e verdadeiro, cantam contra a mentira antinatural da guerra. Usam as canções como bandeiras da sua juventude perdida. Não é *morituri te salutant*, mas *morituri* dizem mete-o no cu, pá, aqueles que vão morrer mostram-te um dedo espetado. Foi por isso que eu comprei os navios.*

Deixa-se cair no assento, quase sem fôlego. Ele vendeu uma parte dos seus bens imobiliários para comprar equipamento e contratar pessoal para esses pequenos barcos que mal podem navegar. Está previsto que a Inglaterra e a Escócia sejam completamente cercadas, se as condições de navegação o permitirem. Agora estamos a dar-lhes música ininterruptamente, diz ele, Hendrix, Joplin e Zappa, estamos a fazer guerra à guerra. Claro que também lhes damos as 4 adoráveis cabeleiras à pajem e os Lovin’ Spoonful, os Love, o Sr. James Brown que se sente como uma máquina de sexo, Carly Simon e Guinevere Garfunkel que se sentem bestiais, etc. Lamento apenas que não possamos atracar um barco no Tamisa mesmo em frente do Parlamento e montarmos altifalantes gigantes no cais e rebentarmos com esses filhos da puta para fora das suas cadeiras de assassinos. Mas não podemos desanimar; este projecto também está a ser desenvolvido. Então, o que é que diz a isto? Está connosco ou esmoreceu? Alinha ou é maricas?

\*

Ele apanhou-me desprevenido, exactamente como queria, diz-me Ormus, *A. V.*, eu estava pronto para a aventura e ele tomou-me de assalto.

O piloto anuncia que houve autorização para o avião aterrar. A hospedeira aproxima-se e pede a Ormus para voltar para o seu lugar. Ormus,



levantando-se, pergunta a Mull Standish: Porquê eu?

Chame-lhe um palpite, responde-lhe Standish, não, digamos inspiração. Penso que sei ajuizar o carácter de uma pessoa. Tem a ver com a forma como arrancou a barba do pai Natal nessa noite. Alguma coisa em si surgiu-me, surge-me, como, an...an...

Corsário? Sugere Ormus.

Emblemático, diz Mull Standish encontrando o termo certo, e dir-se-ia que começou a corar por cima da gola da sua camisa Turnbull & Asser. Sabe, fiz algumas perguntas por aí. Parece que você é capaz de gerar adeptos. As pessoas olham para si. Talvez consiga fazer com que eles nos ouçam.

Mas eu estou a tentar ser cantor, não um DJ num barco frio e húmido, diz Ormus fazendo uma última objecção. Está apanhado e Standish já o percebeu.

— E sê-lo-á — promete Standish. — Na realidade já o é, e um bom cantor, permita-me acrescentar. Sim, senhor. Neste momento — ouço-o com atenção — podia jurar que está agora mesmo a cantar. Sim, consigo ouvir a sua canção.

\*

Assim que o avião aterra, a cabeça de Ormus começa a latejar. Há qualquer coisa nesta Inglaterra onde ele acaba de chegar. Há coisas nas quais ele não pode confiar. Mais uma vez, há um rasgão na superfície do real. A incerteza vai crescendo nele, com o seu brilho escuro que lhe abre os olhos. Assim que pousa o pé em Heathrow, Ormus sucumbe à ilusão segundo a qual nada é sólido, nada existe excepto o pedaço de cimento onde tem o pé. Os passageiros que regressam a casa não notam nada disto, caminham em frente a passos largos para o familiar, o quotidiano, mas os recém-chegados olham atemorizados para a terra delisquescente. Parecem chapinhar no que devia ser terra sólida. Conforme os seus pés vão avançando, Ormus sente pequenos pedaços da Inglaterra solidificarem-se por baixo deles. As suas pegadas são os únicos pontos fixos no universo. Olha para Virus: está calmo, sereno. Quanto a Spenta Cama, tem os olhos fixos na multidão de pessoas que, mais acima, vieram acolher os seus familiares e amigos. Tentando distinguir uma cara familiar, ela não tem tempo para olhar para baixo. Nunca olhar para baixo, pensa Ormus. Dessa forma, nunca se vê o perigo, nunca se mergulha através da suavidade

enganadora daquilo que é aparente, para o abismo em chamas que se encontra em baixo.

Tudo tem que ser tornado real, passo a passo, diz Ormus para consigo. Isto é uma miragem, um mundo de fantasmas, que só se torna real sob o nosso toque mágico, a nossa carinhosa pegada, o nosso beijo. Temos de ser nós a imaginá-lo, a criá-lo a partir do chão.

Mas Ormus irá passar os seus primeiros dias no mar, com a terra à vista, a qual continuará fora de alcance, mas ouvirá, como que hipnotizada, a sua voz sedutora e imaginativa.

\*

Para lá da barreira, William Methwold e Mull Standish esperam, duas caras pálidas elevam-se no meio de uma multidão barulhenta de indianos, as crianças locais correm depressa para poderem acolher os seus primos que acabam de aterrar, passando à frente dos gritos surpreendentemente estentóricos das mulheres mais velhas com os seus óculos de armações grossas e sobretudos escuros cor de vinho por cima dos saris brilhantes, e os gritos de repreensão dos homens mais velhos de lábios inferiores salientes que agitam as chaves do carro. As mais jovens, não muito recatadas, juntam-se em grupos para fingirem recato; baixam os olhos e dizem segredinhos. Os mais jovens, na realidade não tão juvenis nem joviais como parecem, reúnem-se também em grupos, os braços à volta dos ombros uns dos outros, para gritar e gozar, dar risadinhas e acotovelarem-se entre si. Ormus, emergindo na Inglaterra, está tonto e encontra-se momentaneamente de volta à Índia, ouvindo ecos da sua pátria. A nostalgia apodera-se dele por um instante. Sacode-se para se libertar. Há uma música nova no ar.

Sobressaindo na multidão migratória, esta nova forma de ser britânico, os dois homens brancos erguem-se como montanhas. Methwold é uma antiguidade em forma de gente, a pele da careca sarapintada faz com que a sua calvície pareça um mapa da lua, com os seus mares secos de sombra e tranquilidade, as suas linhas venosas, as suas covas. Pregas de pele por cima da gola que alargou demasiado para o seu pescoço. Anda com a ajuda de uma bengala e parece (Spenta fica feliz ao notá-lo) ter tanto prazer em vê-la como ela tem em vê-lo (ou melhor, em reconhecê-lo). Quanto a Mull Standish, é evidente que conseguiu evitar a prisão. Talvez o IRS não esteja tão em cima dele como ele receia; e em relação aos seus barcos piratas, não estão a transgredir nenhuma lei, tecnicamente, embora os advogados do

Estado façam horas extraordinárias para encontrar pretextos para encerrar esses barcos.

Os Cama param. Estão numa encruzilhada. Os seus futuros respectivos afastam-nos.

Então está bem, diz Ormus à sua mãe.

Então está bem, responde ela com uma voz abafada.

Então está bem, diz Ormus com um ligeiro soco no ombro de Virus.

Virus faz um pequeno movimento com a cabeça.

Então está bem, a gente vê-se, repete Ormus. Ninguém está a tocá-lo mas ele sente-se agarrado. Empurra o campo de forças, vira um ombro e puxa com força.

Então está bem, a gente vê-se. Spenta parece incapaz de ser mais do que um eco e está a tornar-se apenas mais um membro daquela multidão de ecos que saltam à volta deles, com o som a diminuir cada vez mais.

Ormus vai na direcção de Standish, afasta-se da mãe sem olhar para trás. Embora a sua última imagem dela seja um lábio trémulo e um lenço de renda enxugando uma lágrima, ele consegue ver através do retrovisor da sua mente o olhar agradecido de Spenta. Consegue ver o futuro dela brilhando como um diamante na sua testa, a grande mansão, o rio prateado, a terra verde e agradável. Embora ele deteste o campo, sente-se feliz por ela. Ela deu-lhe o que pôde, embora nunca pudesse amá-lo. Foi menos do que o suficiente segundo os padrões habituais mas, por ele, chega. De certa forma, é esta falta de entusiasmo emocional, esta ausência de amor incondicional, que o preparou para o seu grande futuro, que o pôs na pista, por assim dizer, como um avião a jacto, pronto a voar. E ela própria está agora à procura de marido, anda à pesca. É melhor que ela chegue o mais livre de encargos possível. Virus sorri em silêncio ao lado da mãe enquanto se aproximam do nobre inglês, mas Ormus põe-se a mexer. Spenta, preparando o seu sorriso para Methwold, não tem tempo para uma despedida sentimental. Mãe e filho seguem o seu caminho: ela, para os braços de uma velha Inglaterra, ele, para um novo país que está a nascer. O destino manda-os chamar, quebrando os seus laços familiares.

Música no ar, de um transístor partido. Baguetes suaves imprimem um ritmo em jeito de sussurro a partir de uma bateria, o baixo é definido, um *riff* alto grita de um clarinete invisível. Só é preciso um cantor pegar em algum desse material e dar tudo por tudo. Aí vem ela, com a sua coloratura

de blues girando à volta do ritmo *jazz* da melodia. Vina! Parece a sua voz, afogada em crepitações e ruído de fundo de aeroporto, mas tão alto, tão forte não pode ser senão ela. Assim como ela irá ouvi-lo numa rádio de Bombaim, hoje, no início da sua viagem de regresso ao coração de Vina, ele pensa que está a ouvi-la, e mesmo quando, depois de se terem encontrado, ela lhe garante que não podia ter sido, não tinha nenhum contrato discográfico em 1965, ele recusa-se a aceitar o seu erro. O terminal das viagens intercontinentais era uma câmara de ecos nesse dia, e foi assim que Ormus ouviu a voz dela, um eco que regressava do futuro para invocar o seu amor.

Ormus está certo do seu objectivo: tornar-se outra vez digno dela, através do seu trabalho. E quando estiver pronto, irá encontrá-la, torná-la real tocando-a, beijando-a, acariciando-a e ela fará o mesmo com ele. Vina, eu serei o chão por baixo dos teus pés e tu, neste final feliz, serás toda a Terra que eu preciso.

Ele caminha para ela, afastando-se da sua mãe, em direcção da música.

\*

O rápido desencanto de Ormus Cama com a sua fantasia do Ocidente, que será a sua formação como artista e quase a sua destruição enquanto homem, começa no momento em que olha para Radio Freddie, esse balde de ferrugem com setecentas toneladas, periclitantemente inclinado, como um artista de rodeo velho demais, sobre a sela do mar. O seu coração afunda-se. A viagem que imaginara da periferia para o centro nunca incluía os planaltos baixos e húmidos de Lincolnshire, nem esta viagem para fora da costa, varrida pelos ventos gelados de sudoeste. Ele sente-se “fora da terra”, a versão campónia de um peixe-fora-de-água. Em poucas palavras, ele quer ir, mas não há para onde, nenhuma outra rota que não seja aquela em que se encontra. Os trabalhadores indianos contratados que chegam à ilha Maurícia e apagam do seu vocabulário bhojpuri palavras como “regresso” ou “esperança”, não se sentem menos escravizados do que Ormus.

Standish, pelo contrário, muito direito junto à proa da lancha a motor que o transporta para o seu reino; com o seu perfil aquilino, e o seu longo cabelo prateado, parece coroado de glória. Um homem com uma missão é um homem perigoso, pensa Ormus, sentindo pela primeira vez na breve familiaridade que tem com Standish, algo parecido com medo. Então Standish vira a cabeça e aponta, brilhando de entusiasmo. Ali estão eles,

grita. Olhem para eles, Hook e Smee. Os dois azelhas. Eles detestam-me, naturalmente; como você irá descobrir. (Diz isto num tom estranho que se situa entre a tragédia e o orgulho.) O Sr. Nathaniel Hawthorne Crossley e o Sr. Waldo Emerson Crossley, finaliza Standish, levantando o braço para saudá-los. “Os seus novos colegas. Meus filhos.” Os homens que esperam na amurada do *Frederica* não retribuem a saudação.

\*

Hawthorne Crossley — de sobretudo, longo cachecol de seda, jeans de bombazina e com sapatos gastos — herdou o aspecto e a volubilidade do seu pai. Usa o apelido da mãe mas é um Standish traduzido para inglês, cheio de álcool e rancor; tem uns vinte e quatro ou vinte e cinco anos. Avé, Standish, goza ele, enquanto Ormus segue Mull para bordo do Radio Freddie, Avé, herói pioneiro, desbravador do desconhecido, conquistador de nações. Devia ser este o aspecto dos construtores de impérios nos tempos da sua pujança, eh, Waldorf. O meu irmão mais novo, explica ele a Ormus, o nome dele não foi inspirado, como o Sr. Standish deve tê-lo feito acreditar, no de um grande filósofo, mas na merda de uma salada, comida pelos pais actualmente divorciados na noite em que o conceberam. Waldo, mais baixo, de olhos injectados, de cabelo frisado, de cabedal vestido, com óculos à Lennon, filhinho da mamã, sorri, acena que sim com a cabeça e espirra. No seu universo pessoal, Hawthorne é uma estrela resplandescendente.

Avé, Standish, diz Waldo apressando-se a concordar.

Pensa no robusto Cortez do poema de Keats, só que era de facto Balboa, contemplando o Pacífico, exorta Hawthorne. Pensa em Clive da Índia no campo de batalha em Plassey, no Capitão Cook navegando até ao porto de Sydney. Os conquistadores islâmicos saindo da Arábia para desafiar a força da Pérsia, apenas para encontrar em ruínas aquele antigo superpoder. De um sopro, fizeram-no desaparecer como se fosse areia. É o que Standish espera fazer com o *Light Programme* da BBC.

Porque é que um de vocês não está no estúdio? interpõe amigavelmente Mull Standish.

Porque decidimos pôr o álbum inteiro dos Floyd a tocar, responde Hawthorne, até à última gota. Por isso, temos muito tempo. Calculámos que o Eno poderia pôr o disco a tocar enquanto vínhamos saudar o familiar mais velho. Hawthorne pega numa garrafa de bourbon sem rolha do bolso do seu sobretudo. Mull Standish pega na garrafa, limpa o gargalo e prepara-se para

beber.

Robert Johnson foi envenenado pelo proprietário de um teatro que suspeitou que Johnson estivesse a comer a sua miúda, diz Hawthorne, pensativo, Sonny Boy Williamson tentou salvá-lo tirando-lhe a garrafa por onde ele estava prestes a beber. Nunca bebas de uma garrafa aberta, disse ele. Nunca sabes o que está lá dentro. Johnson não gostou do aviso. Nunca me tires das mãos uma garrafa, disse ele, e bebeu de outra garrafa aberta e bang! Fim da história.

Mull Standish bebe, devolve a garrafa e apresenta Ormus.

Aha! o rouxinol indiano!, diz Hawthorne. (Começou a chover, uma fina chuva gelada que se infiltra entre os homens e as roupas, entre Ormus e a felicidade, entre o pai e os filhos.) O bulbul de Bombaim! Então ele encontrou-o! Já não era sem tempo. E agora você é o diamante Koh-i-Noor dele, a jóia que ele usa enfiada no cu. Um pouco velho para este género de coisas, diria eu. Tudo o que posso dizer é que espero que lave a boca antes de a aplicar ao meu microfone.

Hawthorne, *por amor de Deus*. A voz de Standish é baixa e perigosa, e a voz do homem mais novo fraqueja e morre. Mas é demasiado tarde, o mal está feito. Porquê eu? Ormus tinha perguntado e Standish tinha respondido: Chame-lhe inspiração. Mas é claro que não teve nada a ver com inspiração. É amor.

À chuva, sem chapéu, Standish, exposto e envergonhado, confessa e pede desculpa a Ormus Cama: não fui totalmente franco. Andei a fazer perguntas sobre você, eu disse-lhe isso. Devia ter confessado que me deixei levar pelos meus sentimentos pessoais. A impaciência. A impaciência das minhas investigações. Suprimi essa informação, no que fiz mal. No entanto, garanto-lhe a mil por cento que não haverá qualquer problema entre nós... Hawthorne funga com um riso triste. Para não se sentir ultrapassado, Waldo, com o nariz a pingar, funga também. Sai muco do seu nariz, como uma bandeira viscosa que ele limpa da cara com as costas da mão cheia de frieiras.

Ormus está outra vez a ouvir ecos. Em Hawthorne Crossley, ele vê Vina renascer, Vina na sua encarnação infantil de Nissy Poe, em cuja história de família existem paralelos comoventes com a história desta filha espevitada e amarga de um lar desfeito. Ele vê também que a longa memória autobiográfica de Mull Standish sobre o seu amante, “Sam Tropicana”, que

o perseguira durante meses, e depois o encontrara e mudara a sua vida, era uma parábola, um conto narrado em código, sendo o seu real significado: *isto é o que eu posso fazer por si. É verdade: eu cacei-o, você foi a presa do meu amor obsessivo. Mas agora posso modificar a sua vida, é a minha vez de dar como eu já recebi, de ser o portador de coisas boas como as que outrora recebi. Não quero nada de si a não ser que me permita ser o seu pai Natal.*

Eu não quero nada de si, diz Mull Standish deprimido. Mas para si, eu quero mesmo muito.

Deixe-me ir embora, exige Ormus Cama, e Mull Standish, que gastou abruptamente todas as suas palavras, mais não pode fazer senão ficar à chuva e estender os braços suplicantes num gesto profundo e involuntário. As palmas das mãos estão voltadas para cima, vazias.

Hawthorne Crossley intercede dizendo: Fique. Fique, por favor. Fique pela mesma razão que nós. Isto é: aqui há bebida e música, não há droga, infelizmente, porque os agentes da lei vêm visitar-nos constantemente na esperança de que exista a mais pequena hipótese de nos lixar, mas a única coisa a recear é se um destes dias o deus do mar decidir abrir a sua grande boca e engolir-nos. Ao passo que ali — faz um gesto em direcção a terra com a garrafa de whisky vazia — ali não há palavras que expliquem o horror.

Ali há bispos pervertidos, elucida Waldo, e comida chinesa ao domicilio e bonecos de voodoo e napalm. Há esteróides anabolizantes e vacas e greves antipessoal a norte da zona desmilitarizada e gente do campo com botas altas de borracha e o Delta do Melkong, onde as botas altas de borracha não servem de muito e o Tet que não é um lugar mas sim uma data, como o Natal. Há o Arsenal F.C. e o Ringo que casa com a sua cabeleireira e o Harold Wilson e os russos que andam no espaço. E assassinos com machados e filhos que violam as mães e pais que violam os filhos.

E o recrutamento, reconhece Hawthorne, arrotando. Somos todos varridos por *esse vento*. O que nós esperamos é que, se fizermos isto durante tempo suficiente, e fizermos um pouco de lixo e nos portarmos mal, não seremos considerados com moral suficiente para estar na tropa. Se tivermos sorte, não teremos moral suficiente para rebentarmos com mulheres e crianças, etc. Poderemos até não ter moral suficiente para morrer.

Como Aldo Guthrie, explica Waldo, acenando com a cabeça. (Eles

acabaram com a garrafa de whisky.) Entretanto, lá fora, as balas não acertam nas pessoas certas. O Rei Jigme Wangchuk do Butão escapa a uma tentativa de assassinato. Fracassa uma tentativa de assassinato à metralhadora contra o Xá do Irão. O Presidente Sukarno sobrevive a um golpe comunista.

Distúrbios raciais em Watts, continua Hawthorne, Edward Heath é eleito líder dos Conservadores. Dois acusados no assassinato dos Moors. Churchill morreu. Albert Schweitzer morreu. T.S. Eliot morreu. Stan Laurel morreu. Os britânicos acreditam em Deus, mas preferem a têvê, as sondagens provam-no. A China tem a bomba atômica. A Índia e o Paquistão estão à beira da guerra. E a Inglaterra anda de um lado para o outro como um pêndulo de merda. Tudo isto me mete um medo do caraças.

Fique, repete Waldo, mostrando os dentes e oferecendo uma garrafa de xerez, é *Harveys Bristol Cream*. É o melhor que temos neste momento. Bem-vindo à onda 199, a última maravilha.

Ormus pega na garrafa. E quem é o Eno? pergunta, o terceiro estarola?

Não tem que se preocupar com o Eno, diz Hawthorne encolhendo os ombros. Eno é um príncipe. Um homem entre os homens. Uma agulha no palheiro. Eno é o negócio. É um gajo porreiro.

Está a chover muito. Mull Standish começa a afastar-se. Os filhos ignoram-no.

O seu nome verdadeiro é Enoch, diz Hawthorne, virando as costas encharcadas ao seu pai. Ele tirou o ch porque não queria, compreensivelmente, ser vítima de atitudes racistas, visto ser uma pessoa de cor. É como se você fosse judeu e lhe tivessem dado por acaso o nome de Hitler e você tivesse optado por Hit. Ou se o seu nome fosse, infelizmente, Staline, e você o abreviasse para Star.

O Mao é um resistente, diz Waldo. Mas pode sempre dar pelo nome de Dong.

Hawthorne confessa: na realidade, ele chama-se Eno<sup>49</sup> porque sabe como é que funciona todo este equipamento, ao contrário de nós que não fazemos qualquer ideia.

Ou, propõe Waldo, porque ele não nos explica muita coisa.

Ou então, continua Hawthorne, porque toma muitos sais de frutos, pobre coitado. É a sua digestão terceiro-mundista. De qualquer forma, quando o conhecer chame-o Ali. Eno Barber, Ali Barber. Espero que goste desta



piada. Espero que não seja muito difícil para si esta piada com referências culturais.

Ele não percebe, diz Waldo, ele ainda não bebeu o suficiente.

Hawthorne encosta-se a Ormus, lançando-lhe um hálito forte a whisky. Ouça, Mowgli, diz ele, com agressividade, você é o nosso convidado, percebe? Como é que você quer perceber a cultura anfitriã se insiste em ficar abstêmio, se recusa obstinadamente integrar-se, seu sacana de paquistanês teimoso?

Talvez ele se ache demasiado bom para nós, pondera Waldo. Demasiado bom para o Harveys Bristol Cream. Demasiado bom para o melhor xerez que o nosso pai pode comprar.

Mull Standish, com a ajuda do capitão do barco, deixa o *Frederica*. Agora que vocês já se estão a dar tão bem, diz ele, tenho a certeza de que a estação ficará cada vez mais forte.

Deus salve a Rainha, diz Hawthorne Crossley saudando o pai de modo extravagante. E já agora, que tenha também um olho nessa Elisabeth Windsor.

\*

Na canção de Ormus *Cama Ooh Tar Baby*, que se tornou um clássico do *rock' n' roll* e que é uma recordação codificada dos anos que Ormus passou em Inglaterra, cantada de forma ácida e rouca e que se tornou a sua dívida permanente aos cantores do *underground* nova-iorquino, Tar Baby é a própria Inglaterra. A Inglaterra rapta pessoas, diz Ormus em entrevistas, quando, na sua tournée de regresso no final da sua carreira, quebra o hábito que teve durante toda a sua vida e consente em dar algumas entrevistas. A Inglaterra agarra as pessoas, apodera-se delas, diz ele, e não as deixa partir. É estranho. Você chega a Inglaterra por qualquer razão, apenas na passagem para o resto da sua vida, mas cuidado, ou ficará preso durante anos. Essa velha Tar Baby, você pode cumprimentá-la com cortesia que ela nem lhe responde, pode falar com ela com toda a gentileza mas ela não será bem educada, até que finalmente, você está tão chateado que lhe prega um murro no focinho e então, é demasiado tarde!, você está agarrado. Assim que a ataca, você torna-se seu escravo. É um tipo de amor estranho, aquilo a que eu chamo de amor colante, você não consegue fugir. Você é apenas um coelho parvo, teria que ser muito esperto para se descolar desta gaja pegajosa, percebe o que quero dizer? Por isso você vai-se aguentando e a

certa altura não pode deixar de pensar que de certa forma ela até é gira, mas o mais provável é que haja uma raposa esfomeada escondida nos arbustos, muito calada, à espera do seu jantar.

*Ooh Tar Baby yeah you got me stuck on you*

*Ooh Tar Baby and I can't get loose it's true*

*Come on Tar Baby won't you hold me tight*

*We can stick together all through the night*

*Ooh Tar Baby and maybe I'm in love with you.*<sup>50</sup>

---

[47](#) Plymouth Rock (pedra, ou penhasco, de Plymouth), foi o nome de baptismo do local da costa americana onde desembarcaram do “Mayflower” os Pais Peregrinos (os primeiros colonos) provenientes de Plymouth. (N. T.)

[48](#) “Needle Time” — tempo concedido por uma estação de rádio para a emissão de música de disco. (N. T.)

[49](#) Além de ser o nome de uma conhecida marca de sais de frutos, Eno presta-se a este jogo de palavras com a expressão “he knows” (ele sabe). Da mesma forma, Ali Barber soa em inglês como Alibabá. (N. T.)

[50](#) Ooh Tar Baby, estou preso a ti

Ooh Tar Baby é verdade que não consigo escapar

Vem Tar Baby, abraça-me com força

Vamos ficar abraçados toda a noite

Ooh Tar Baby talvez eu esteja apaixonado por ti.

(NT)

## Capítulo 10

### O TEMPO DA FEITICEIRA

Ao princípio a música é a única coisa que Ormus pode controlar. Mull Standish XII, que escolhe as listas das músicas para todos os seus barcos, tem bom ouvido e um gosto seguro. À medida que vai conhecendo melhor essas listas, Ormus reconhece que o seu desinteresse pela música rock deste lado do Atlântico era prematuro e injustificado. Esta é a época de ouro do rock britânico. Depois de Sinatra e de Parker, esta é a terceira revolução.

Mull visita uma vez todos barcos num período de duas semanas. (As condições de trabalho para os *Disc-Jockeys* a bordo de Radio Freddie baseiam-se também numa rotação de duas semanas a trabalhar no barco e outras duas de descanso) Ele chega com um grande saco de lona com os últimos discos e anuncia a ordem das emissões para os próximos quinze dias: passa isto, dá relevo àquilo, toca este só de vez em quando porque não temos direitos, oiçam este miúdo, há-de ser uma vedeta. Ele sabe como aumentar as audiências e os patrões das emissoras terrestres estão a ficar muito nervosos. Pode-se avaliar isso a partir da frequência dos raids da brigada de estupefacientes. No primeiro turno de Ormus, vieram duas vezes, o barco foi virado de pernas para o ar, os tripulantes revistados dos pés à cabeça, há uma grande dose de empurrões e de risos sarcásticos e depois acabam por ser deixados em paz.

O meu recto já se habituou a ser vasculhado pelos dedos enluvados em borracha daqueles sacanas daqueles chuis, anuncia Hawthorne, e já começa a gostar daquela merda.

Waldo concorda com solenidade. Deve ter qualquer coisa a ver com os genes.

Ormus, contudo, tem dificuldade em achar graça à situação. Nu e inocente diante dos tipos da polícia, vítima das suas manipulações obscenas, treme de raiva e vergonha. Esta é a Inglaterra que o seu pai nunca conheceu, de cuja existência nem sequer suspeitou.

Excepto durante os raids da polícia, o Capitão Pugwash (nome falso) e a tripulação do *Frederika* têm pouco tempo para conviver com os tipos das emissões. As suas instalações estão afastadas e trocam-se muito poucas palavras. Contudo os raids da polícia estão a forjar uma curiosa aliança entre os dois campos. Os ataques dos bófiás são uma força unificadora. As invasões, as chacotas transcendem os abismos de maneiras de ver e de

classe entre os marinheiros e os radialistas. Depois de um dos raids, o próprio Pugwash — um rezingão com uma barriga de cerveja e um adequado bigode de pirata — descontraí-se o bastante para dizer a Hawthorne Crossley “*Aguente a jogada, amigo. Trate-os como eles merecem, porra.*” E depois disto, a separação retoma as suas maneiras.

Tais são as tropas de choque da armada conquistadora de Mull Standish, a armada de paz e de música, à qual — segundo a principal estratégia do capitão-pirata — toda a Inglaterra se .vai render sem condições. Apesar da sua recente admiração pela música, Ormus começa a achar difícil acomodar-se à Inglaterra. Charcos de água sob os seus pés. Tudo vacila. Dizem-lhe que os jovens adoram Freddie mas a Inglaterra que ele vê no horizonte é uma sombra escura debaixo de um céu baixo e cinzento, distante e desinteressada.

Confusamente, atabalhoadamente, a emissão prossegue de noite e de dia. O tempo está sempre péssimo: chuva, vento, mais chuva, mais vento. O *Frederika* salta e balança. Waldo Crossley está muitas vezes enjoado e nem sempre vomita para o mar. No entanto, mantém-se ainda um nível mínimo de higiene, de modo que os inspectores de saúde, quando lançam os seus raids, não conseguem fechar o barco e vão-se embora cheios de raiva e frustração. Ormus, ao aprender a arte da rádio-pirata, percebe que a chave é Eno, o tipo de cor. Eno veste-se de branco imaculado e usa um chapéu Borsalino de cor creme e é um mundo aparte, sem nada a ver com DJs ou equipas de rádio. Parece não comer, não beber, nem dormir nem sequer (apesar dos sais de frutos dos manos Crossleys), mijar ou cagar. No estúdio do barco faz andar as coisas sem sair da sua consola que mais parece um ouriço eléctrico, eriçado de interruptores. É onde ele está sempre, do lado de lá do vidro, como na caverna de Aladino, com um grande letreiro atrás dele que diz *Conheça o seu lugar*. Hawthorne explica que Eno acredita no Apartheid. O que também se aplica a ti. Sabes com certeza que na África do Sul, os pretos odeiam os indianos ainda mais do que os brancos.

Ah, ele é da África do Sul? pergunta Ormus.

Waldo abana a cabeça, gravemente. Não. É de Stockwell.

\*

A música é extraordinária. Guitarras lentas e pungentes, as vozes sábias de cantores ridiculamente jovens, mulheres desmazeladas e obscenas, e vozes etéreas e cristalinas de raparigas muito novas, remoinhos de sons

psicadélicos, baladas de amor e de guerra, as visões alucinadas de grandes trovadores. Firmando-se na música, Ormus consegue agarrar-se à realidade. A música diz-lhe verdades que ele descobre que já sabia. A música é uma grande ave selvagem chamando a ave da mesma espécie que ele tem escondida na garganta, na sua maçã-de-adão, prestes a nascer.

Ormus, Hawthorne e Waldo estabeleceram um plano para dormirem. Dois deles ocupam completamente o minúsculo estúdio, Ormus e Hawthorne, Hawthorne e Waldo, Waldo e Ormus. O tempo estende-se indefinidamente diante deles, a terra esfuma-se como uma fantasia, e encasulados na chuva e no álcool, é-lhes fácil imaginar que estão a falar consigo mesmos. E é o que vai para o ar no intervalo das cantigas: os seus monólogos interiores, a sua fadiga — e assomos das suas danificadas consciências poluídas pelo whisky.

Ormus, num dos turnos da noite, naquelas horas sombrias em que os monstros aparecem, repara que o DJ seu parceiro, Waldo, se deixou adormecer. Num murmúrio, como se falasse ao ouvido da amada, Ormus chama por Vina através dos céus. Eno, impassível na sua cabine, não faz nenhum comentário. Está perdido no mundo da electricidade, dedicado à permanência do sinal, à pureza do som. Talvez nem sequer esteja a ouvir as palavras de Ormus, só o seu nível e o seu timbre, mexendo nos seus potenciómetros, ou vigiando os agudos, tendo apenas nos olhos os reflexos das agulhas fluorescentes.

Estás aí, meu amor, murmura Ormus. Oh meu amor há tanto tempo perdido. Não tiveste confiança em mim e eu, por orgulho, deixei que desaparecesses. Agora vou provar que sou digno de ti, meter-me em grandes trabalhos, fazer inquéritos, entrar no mundo tão fatigante.

Mull Standish manda um recado urgente através do rádio do barco. O operador de rádio decifra a mensagem e o Capitão Pugwash, que estava a ouvir o solilóquio de Ormus, fica suficiente comovido (no fundo é um sentimentalão) para trazer pessoalmente a mensagem a Eno que a espalma contra o vidro da cabine. Uma grande inspiração, lê Ormus. Quem é ela? Existe na verdade? Inventaste-a? Não te apresses a encontrá-la. Continua. Uma mensagem cada noite. Vai aumentar a audiência mais do que outra coisa qualquer. O Romeu apaixonado cantando para a amada que o não ouve. Queres uma carreira de cantor? Acabas de encontrar a porta. Isto vai dar-te perfil, importância, partilha de atenção. Vai fazer com que falem do

teu nome.

Vina Apsara não ouviu o apelo de Ormus. Está na América e não sabe que ele está ao largo das costas da Inglaterra, encharcado e morto de fadiga, chamando-a pelo nome.

Ninguém lhe fala nisso. Não é a boa altura.

\*

Vêm as enxaquecas. Cada vez piores. Ormus, por vezes, não consegue dormir durante as horas que lhe cabem. Agarra num dos livros abandonados no beliche — deve ter sido Mull Standish que os trouxe para bordo na esperança de incutir um pouco de cultura nos seus filhos que rapidamente os puseram na arrecadação, aquele espaço onde eles nunca entram e que é o espaço privado de Ormus. Livros de famosos escritores americanos, odes de Sal Paradise à vagabundagem, *Carnovsky* de Nathan Zuckerman, ficção científica de Kilgore Trout, um guião — *Von Trenck* — de Charlie Citrine que, mais tarde, escreveu o argumento do filme de grande sucesso *Caldofreddo*. Poesia de John Shade. E também europeus: Dedalus, Matzerath. O único e verdadeiro *Dom Quixote* do imortal Pierre Ménard, *A Clockwork Orange*, de E Alexander.

Aqui está o grande best-seller de ficção política, *The Watergate Affair*, em que o futuro Presidente Nixon (Presidente Nixon!... Aonde pode chegar a fantasia) vai ter que abandonar o cargo depois de ter tentado colocar microfones nos escritórios dos Democratas, uma acusação que acaba por se provar ser verdadeira, numa viragem perfeitamente implausível, quando se descobre que Nixon também tinha microfones escondidos para gravar as suas próprias conversas, ha, ha, ha, as coisas que esses tipos inventam para nos fazerem rir.

Mas de cada vez que agarra num destes livros, o cérebro de Ormus começa a latejar e ele é obrigado a deixá-lo sem o ler. A cabeça estala-lhe de confusão e quando fecha os olhos vê que o seu falecido gémeo Gayomart alterou o seu comportamento, já não foge, antes pelo contrário, aproxima-se e fica a olhar para Ormus como um homem olha para um espelho. Tu és um outro homem, diz o sorriso de Gayomart. Talvez seja eu que estou aí e tu estejas aqui nesta irrealidade. Talvez seja eu que estou a sonhar contigo. Ormus fica espantado com a hostilidade que sente em Gayomart. Porque é que me odeias? pergunta-lhe. O que é que pensas, responde o irmão. Eu sou o que morreu.

Para manter Gayo afastado, tem de manter os olhos abertos. Liga o monitor na sua cabine e tenta concentrar-se no trabalho dos irmãos Crossley.

\*

Se me está a ouvir, Antoinette Corinth, feiticeira com insónias, e eu sei que me está a ouvir porque nos ouve sempre, isto é para si. Vem da parte de Hawthorne, com muito amor. E Waldo também gostaria de lhe mandar algumas palavras mas, infelizmente, está um pouco indisposto. Isto é em honra do seu génio, oh rainha das artes proibidas, princesa do pentângulo, Baronesa Samedi, sacerdotiza de Wicca, adepta dos segredos da Grande Pirâmide, que nos dás tudo o que é bom, costureira extraordinária, oh mãe que nos deste o leite. Nós ficámos com o teu nome e tu imediatamente o deixaste, adoptando a nobre tradição coríntia. Desculpa-nos mãe por estarmos a receber dinheiro da mão daquele que te fez mal. Tal como ultrapassaste a tua amargura em relação a ele, tal como encontraste na tua alma a força para dominares a tua justa raiva, deixa-nos fora dos teus livros negros, se tal for possível, porque nós precisávamos realmente da massa, do bago, do caroço. Perdoa-nos, mãe, por sermos soldados do nosso pai e este é a maravilha-onda 199, Radio Freddie, é para todos vocês, aves da noite, e para ti, querida mãezinha, aqui vai Manfred Mann para nos prometer que Deus está do nosso lado.

Ao ouvir a tirada de Hawthorne, Ormus Cama lembra-se do lendário ressentimento de Sanjay Gandhi em relação a sua mãe Indira por ter abandonado o seu pai Feroze. Mull Standish é uma metamorfose de Indira, pensa ele, aquela Indira impotente perante a raiva do seu filho que recebeu dela uma dose inesgotável desse sentimento.

Existe um Deus? pergunta-se Waldo Crossley entre Manfred Mann e os Searchers, essa é que é a questão. Há tempo para decidir.

Se não há deus, porque é que os homens têm mamilos, replica Hawthorne entre os Searchers e os Temptations.

Por outro lado, se não há Deus, isso explica porque temos que gramar o grupo “Peter, Paul and Mary”, raciocina Waldo persuasivamente entre os Temptations e os Righteous Brothers.

Se não há Deus, quem é que deixou a torneira aberta? Berra Hawthorne quando acaba *Unchained Melody*, dando um murro na mesa do estúdio. Xequemate, *parece-me*.

Os Miracles começam a cantar. Continua a chover.

\*

No fim da primeira quinzena, os irmãos Crossley levam Ormus para casa da mãe, onde há um quarto de hóspedes. A mãe vive numa pequena moradia por cima da loja de roupas que também lhe pertence, numa fiada de casas de tijolo; nas traseiras do lado menos chique de Chelsea, a seguir às curvas de King's Road, entalada entre os gasómetros e a Wandsworth Bridge Road; e no entanto o tempo parece girar em torno daquele lugar, parece saber a diferença entre tamanho e massa. Só o que é massa pode marcar presença. Aqui, neste limbo, o tempo colocou uma poderosa força gravitacional, um devorador buraco negro.

Vina veio cá uma vez. Comprou um vestido muito vaporoso.

A boutique — uma palavra nova que não vai durar muito — chama-se A Feiticeira Voa Alto e é já uma lenda; ou seja, os especialistas já concordaram em que é um dos enclaves em que o *zeitgeist*<sup>51</sup> — mais uma palavra que vai cair em desuso — mais bem se define. O beijo da posteridade parece já ter abençoado a Feiticeira. A loja colocou toda a cidade no seu campo de gravitação, modela o momento à sua vontade. Nos limites do seu horizonte as leis do universo deixam de ter aplicação. Reina a escuridão. Antoinette Corinth é a única lei.

Diz-se que Mick Jagger se veste lá, é lá que arranja aquelas confecções em veludo e rendas. A limousine branca de John Lennon pára à porta uma vez por semana e o motorista leva varões inteiros de roupas para o grande homem e a sua mulher experimentarem à sua vontade. Fotógrafos alemães com modelos de cara de pau vêm aproveitar as montras da Feiticeira como fundo para as suas fotos de moda. A boutique tem montras famosas, pintadas com a Bruxa Má do Oeste do país de Oz. Ela voa, casquinando sobre a Cidade Esmeralda. A sua fumegante vassoura traça no céu as palavras *Rende-te Dorothy*. (Os ignorantes e os fora de moda tomam esta inscrição como o nome da loja. Tais pessoas nunca são lá admitidas. Antoinette Corinth odeia Dorothy Gale, o seu cãozinho e todos os habitantes do Kansas — o Kansas como metáfora, uma terra árida e vazia Antoinette Corinth é Miss Gulch.)

Antoinette está à entrada da loja iluminada por uma lâmpada amarela de tungsténio, uma mulher grande, vestida com uma curtíssima minissaia de renda preta com um chaile condizente e fala com um dandy de colete que



não é outro senão o célebre costureiro da moda e seu primeiro apoiante financeiro Tommy Gin. Ela permite que os filhos lhe depositem um beijinho na face e ignora a saudação bem educada de Ormus. Gin, por seu lado, também não lhe liga nenhuma. Ormus segue Hawthorne e Waldo para o interior da Feiticeira.

Lá dentro reina a mais absoluta escuridão. Atravessamos uma pesada cortina de contas e ficamos instantaneamente cegos. O ar está pesado de incenso, Patchouli e também do cheiro de substâncias proibidas a bordo de Radio Freddie. Música psicadélica aterroriza-nos os tímpanos. Passado algum tempo distinguimos um ténue brilho púrpura que nos permite distinguir algumas formas imóveis. Serão provavelmente roupas, provavelmente para venda. Não nos atrevemos a perguntar. A Feiticeira é um lugar que mete medo.

Nas profundezas da boutique distingue-se vagamente a presença de alguém. É Ela. É quem dirige a loja e faz Twiggy parecer uma adolescente com vestígios de gordura infantil. Ela é muito pálida, talvez porque passe muito tempo da sua vida sentada no escuro. Os olhos são de um preto brilhante. Traz também uma minissaia preta, mas em veludo, não em renda. Aquele é o seu visual de vampiro urbano. (O seu outro visual, um bibe preto e olhos esborratados de preto, é descrito por Antoinette como “bebé morto”.) Ela está de pé, joelhos juntos, à moda da época, os pés para dentro formando um pequeno T. Traz anéis de prata gigantescos e uma flor preta no cabelo. Metade Filha do Amor, metade zombie, Ela é um sinal dos tempos.

Ormus tenta o seu charme, apresenta-se, refere-se à sua recente chegada a Inglaterra, diz umas palavras sobre o seu trabalho na Radio Freddie e nessa altura, em face do brilho daqueles olhos verdes na névoa cor de púrpura, as palavras esgotam-se e tem que parar.

Acabou a Radio, diz ela. O diálogo morreu.

É uma informação inacreditável. Em cinco palavras, a definição neo-kantiana, bakhtiniana da natureza humana — segundo a qual nos transformamos constantemente uns aos outros graças ao diálogo, à intersubjectividade, ao jogo creativo das nossas várias deficiências — é posta de parte. O universo essencialmente apolíneo da comunicação desmorona-se sob o insolente ataque dionisíaco do post-verbalismo de Ela. Contudo, antes que Ormus possa absorver o choque de uma mudança tão

revolucionária, Tommy Gin faz a sua entrada tumultuosa seguido de uma Antoinette histórica. Ouve, pá explica Gin, agarrando em ambas as mãos de Ormus. Foi culpa da Feiticeira, pá, ela gosta de piadas racistas. Quer dizer, tu és indiano e eu adoro a Índia. O Maharishi, pá. E o Buda e o Deus Krishna. Lindo.

E Ravi Shankar, sugere Ormus, tentando parecer amistoso. Mas Gin já esgotou a Índia e os indianos e só pode concordar furiosamente com a cabeça. Certo, certo, continua ele, radiante.

Certo, repete Ormus.

Mas o que eu queria dizer, e Gin regressa às suas embaraçadas desculpas, é que há pouco eu tratei-te mal porque ela está sempre a gozar com as pessoas, quer dizer, imagina que ela disse que tu eras *judeu!* Tás a ver, não estás? Mas não és, pá, de maneira nenhuma, pá. Uau!

Olha lá, oh indiano, grita Antoinette Corinth, brandindo um charro na ponta de uma longa boquilha. Talvez me possas ensinar aquele truque da corda que fica direita. Parece que ataste o Standish de pés e mãos, a menos que eu esteja *muito* enganada.

Ormus Cama face a face com Gin e Antoinette tem a sensação de estar em presença da pura malignidade. Gin não conta: é um malandroco de língua afiada. Mas Antoinette Corinth distila uma malevolência vingativa e mal disfarçada. Não é nada aquela mulher sábia, destituída de toda a amargura que é louvada pelos filhos nas ondas da rádio pirata. É uma mulher tão palpavelmente desejosa de vingança que, mesmo sem razão para pensar que pode ser alvo do seu veneno, Ormus sente-se fisicamente ameaçado. Começa, involuntariamente, a recuar e tropeça em qualquer coisa no escuro. Um varão com fatos cai no chão, com os cabides a tilintarem uns nos outros.

Ha! Ha! (O riso de Antoinette Corinth é o som rouco de um grande fumador.) Que querido. Está cheinho de medo. Benvindo à Estrada Amarela.

\*

Mull Standish telefona nessa noite: vai tudo bem? Ela continua a fazer o seu número? E antes que Ormus responda: A tua carreira. Estou a trabalhar nela. Os meus planos estão quase a concretizar-se, só faltam as assinaturas. Sabias que o disco de Georgie Fame não podia ser tocado na BBC e que agora, graças a nós, está em 30 na lista dos tops? É um grande passo e

prova o poder dos piratas. A próxima prova vais ser tu. Se conseguirmos um sucesso com um desconhecido, nada nos poderá parar. Temos de falar sobre o material. Temos de falar sobre os músicos. Temos de falar, ponto final. Não me perguntes quando, estou a tratar disso. Vou muito à tua frente. Estou quase lá. Prepara-te.

Revendo o caso, não havia qualquer dúvida de que Mull Standish estava apaixonado por Ormus Cama. Um amor adolescente, aparvalhado. Mas era também um homem sério, um tipo de carácter que cumpria a sua palavra. Nunca, durante todos os anos que durou a associação dos dois, nunca importunou sexualmente o artista que ajudou a transformar-se numa superestrela mundial. Sem Mull Standish — que constituiu a banda, forneceu os instrumentos, alugou os estúdios à sua custa e fez a própria promoção de Ormus — nunca teria havido Rhythm Center. E sem Rhythm Center nunca teriam existido os VTO.

Naquela noite, a primeira que passou na casinha por cima da butique, Ormus estava muito céptico ao telefone: O que é que quer de mim? queria saber.

A voz de Mull Standish perde um pouco do seu timbre. Os meus filhos, diz ele com a voz embargada. Diz-lhes bem de mim.

O que não era fácil. Libertos do cativo de Radio Freddie, Hawthorne e Waldo Crossley estão ocupados em abrir os seus sentidos à percepção. Na toca da sua mãe — zodíaco no tecto, astrolábios, paus de incenso, cartazes anunciando cantos tibetanos, gato, vassoura — os dois rapazes jazem meio adormecidos, num estado de felicidade graças à Mamã.

Eles adoram os torrões de açúcar, exulta Antoinette Corinth. Depois de duas semanas, coitados, estão com a língua de fora. E tu, meu príncipe oriental? Um torrão ou dois?

Apesar de uma vida passada no que se chama o Oriente Exótico, Ormus não está habituado a feiticeiras. Desconfortavelmente sentado de pernas cruzadas num tapete afegão, muda o peso de uma nádega para outra e recusa a oferta da droga. Esforçando-se por ver na penumbra, Ormus distingue o papagaio engaiolado, o saguim mexicano, os tambores de samba brasileiros. Livros sobre religiões antigas, sacrifícios humanos e sangue. Uma feiticeira com gostos latinos. Ormus começa a achar difícil tomá-la a sério. É uma representação, não é verdade, uma postura, um jogo. Nesta “cultura” as pessoas têm tempo para jogos. Talvez até nunca pensem nisso.

Uma “cultura” de crianças grandes.

Germes numa placa de vidro.

Antoinette repara no interesse de Ormus por aquela parafernália, sente o seu cepticismo e lança-se num longo discurso de autojustificação. “As pessoas procuram qualquer coisa de melhor. Uma alternativa. E encontram aqui um imenso corpo de sabedoria proibida, absolutamente coerente, fantasticamente erudita, o saber escondido de toda a raça humana e tudo isto foi colocado fora do que é considerado respeitável. Porquê? É óbvio. Porque não querem que tenhamos acesso ao poder. O poder *nuclear* das artes secretas.”

E continua. Ormus começa a vê-la e a ouvi-la com maior clareza. Ela fala como uma demagoga: cheia de razão, uma Verdadeira Crente. Fala como alguém que quer esconder qualquer coisa, usando a retórica meio digerida dos lunáticos daquela época para dar cor a uma vida cuja dolorosa banalidade talvez assuste. O que é ela, afinal? Uma modista que teve sorte nos negócios mas foi infeliz nos amores. Dois filhos crescidos e uma cama vazia Ormus acha que ela infantiliza os filhos, que dar-lhes alucinogéneos é a sua maneira de os manter bebés, desamparados, dependentes; de os manter seus. Atacado por uma sinistra repulsão contra o repugnante espírito da época, Ormus tem dificuldade em gostar de Antoinette: possessiva, melodramática, desagradável de ouvir.

Pergunta se pode usar os tambores. Ela já desapareceu nos círculos de fumo do seu espírito e acena vagamente, que sim. Suavemente, decidido, o ritmo da seda brota da polpa dos seus dedos. É como se os tambores desejassem falar com ele. Até que enfim, pensa ele, encontrei os meus amigos.

Que se lixe o Paraíso, resmungo Antoinette Corinth e adormece. Ormus não se importa; já está perdido no samba, no carnaval que nasce sob as suas mãos.

Muito depois de ter ido para a cama no andar debaixo dela, ouve-a acordar e fazer estalar o soalho no andar de cima. Ouve um canto estranho, o tinir de campainhas, uma voz de mulher uivando à lua.

\*

Esta Inglaterra, obcecada pelo misticismo, hipnotizada pelo miraculoso, pelo psicotrópico, devota de deuses estrangeiros, começava a horrorizá-lo. Esta Inglaterra é uma zona de catástrofe, os velhos estão a destruir os

jovens mandando-os ir morrer a regiões longínquas, e, em resposta, os jovens destroem-se a si próprios. O país tem tido uma resposta conservadora não só à questão da guerra<sup>52</sup> mas também à permissividade própria da época, uma resposta que Ormus vai sentindo cada vez mais violenta à medida que vai conhecendo melhor aquela terra. Uma revolta contra o estrago, o desperdício, as feridas auto-infligidas, as roupas de mendigo, o engolir das várias formas de linguagens patetas que substituíam o exercício da inteligência, a submissão perante os gurus e outros aldrabões, a fuga à razão, a descida ao inferno das ciências ocultas.

Em breve escreverá canções sobre esta zona de catástrofe, canções que criticam severamente uma geração perdida no espaço, canções que explodem com uma indignação tão selvagem que fará delas, por uma irónica inversão cultural, os hinos das pessoas que elas atacam. A geração moribunda, desnorteada, quebrada que espalhará acerca de si própria uma grande mentira — a de que representa a esperança e a beleza — vai ouvir a verdade nas canções de Ormus Cama, verdadeiros tremores de terra, e ver-se-á a si própria naqueles espelhos cruéis. Ormus Cama encontrará a sua voz ocidental, segundo as palavras de Henri Hulot, quando perceber contra o que luta. E, na pessoa de Vina, seu único amor, a favor de quê.

Quando Sir Darius Xerxes Cama regressou da viagem a Inglaterra que lhe destruíra o espírito, o seu mordomo Gieve quis confirmar certas mentiras que ouvira e que achava demasiado absurdas para serem verdade; mas precisava de Darius lhe confirmasse essa falsidade:

— Há quem diga, Sir, que em Inglaterra, se um homem não tem emprego, o governo dá-lhe dinheiro. Se não tem casa, o governo dá-lhe uma residência a sério e não uma cabana feita de tábuas. Se ele ou a família adoecerem, o governo paga-lhes o hospital. Se não podem mandar os filhos para a escola o governo manda-lhos de graça. E quando estiver velho e não servir para nada o governo dá-lhe dinheiro todas as semanas durante o resto da vida.

A ideia de que um governo pudesse agir de tal maneira parecia ofender o seu sentimento da ordem natural das coisas. Quando Darius confirmou a quase exactidão de tais afirmações, Gieve não se convenceu. Franziu a testa, abanou a cabeça e ficou sem falar por um momento. E depois perguntou: — Mas nesse caso, Sir, *como é que alguém pode ser infeliz na Inglaterra?*

Como é que alguém pode ser infeliz nesse privilegiado canto do globo? Pois, OK, há a guerra, concede Ormus. Mas isso desculpa tudo? Quer dizer que uma pessoa pode desistir de tudo e chamar a isso paz? Quer dizer que as pessoas podem desatar os laços que unem o Mundo — *e reparem na desordem que se segue* — e chamar a isso liberdade?

O seu horror, o sentido da desgraça futura, de erros irreparáveis e de catástrofe iminente faz estalar o mundo, abrirem-se abismos, surgirem os quatro cavaleiros, todo o aparato anacrónico duma escatologia milenária é acrescido pelo conhecimento do seu próprio dom (involuntário) para ter visões, para ver lacunas na realidade que se entreabrem para uma outra realidade à qual resiste embora lhe agradasse entrar; essa entrada senti-la-ia — ele sabe-o bem — como a entrada na loucura. Será que essa loucura visionária, aquilo que mais o sintoniza com este novo mundo?

\*

Ela vem ter com ele no fim da noite, deita-se simplesmente com ele na cama, sem emoção, como se estivesse sob a influência de um narcótico. O sexo que fazem à hora dos olhos vermelhos e do mau hálito a seguir à fria madrugada não é convincente, é ossudo, breve, um contacto seco, parece um dever. É como o fim do sexo: a função, pergaminhada, de um velho casal. A exaustão fá-los readormecer. Dentro de duas semanas ele voltará para o barco e se outro homem vier aqui dormir, Ela também poderá vir ter com ele, num jeito sonâmbulo.

Lá no céu, por cima deles, o Major Ed White marcha pelo espaço. Saiu para fora da moldura. Durante 14 minutos ele é o último dos outsiders, é a única criatura consciente a elevar-se acima da Terra, no exterior da nave espacial Gemini-4. Em êxtase, o major tem de ser obrigado pelo seu colega astronauta, seu gémeo espacial, a voltar à Gemini.

Há na TV um cavalo chamado Mr. Ed e Ormus Cama, prestes a adormecer, permite-se confundir as duas personagens. O primeiro centauro no espaço. Ou Pégaso, o último dos cavalos alados, regressando à nossa época, corrupta e pós-clássica.

Ela leva-o a um clube chamado UFO para satisfazer a necessidade que as pessoas sentem em acreditar em criaturas espaciais que não sejam o Major White ou Mr. Ed. Óleos coloridos apertados entre lâminas de vidro agitam-se ao som da música. Cabeças cabeludas marcam o ritmo, como limpa-para-brisas. O fumo é espesso e acre.

Que estará ele ali a fazer naquela escuridão (desperdiçada) enquanto Vina o espera noutra sítio qualquer. Ou não o espera. Ao seu lado, mergulhada ao desarticulado, Ela rabisca um guardanapo, ilustrando a palavra *unfold*. A sua caligrafia encontra o nome do clube no nome da rua *Unfold Road*.

Mesmo aqui, na marginalidade, este sente-se como o astronauta do Gemini, flutuando sobre as coisas, vigiando. Em êxtase. À espera de ser.

\*

Durante o dia anda pelas ruas da cidade, à procura de outras Inglaterra, Inglaterra mais antigas, o que as torna mais reais. Dispensa a ajuda de estupefacientes. A própria cidade excita-o com a sua estranheza brilhante e familiar. Perder-se por completo entre edifícios que afinal conhece, não perceber nada de uma paisagem urbana de que, durante muitos anos viu e tornou a ver o que pensava ser uma dose de imagens mais que suficiente — é uma experiência assaz delirante. Nem é preciso fumar nada de esquisito. Vagabundeando, alvoraçado pelo grande rio sujo e pelos pores-do-sol fuliginosos, Ormus Cama apaixonou-se perdidamente pelo cheiro a pão fresco, branco e levedado.

Havia pão levedado em Bombaim, mas de péssima qualidade: seco, esfarelado, sem qualquer gosto, parente mais pobre e mais pálido do pão ázimo. Não era “verdadeiro”. Pão “verdadeiro” era o *chapati* ou o *fulka*, servidos a escaldar. O “pan” feito no “tandoori” e a sua variante de “Peshawari”, e para os momentos de festa, o “reshmi roti”, o “shirmal”, o “paratha”. Comparado com estes aristocratas, o pão branco levedado da infância de Ormus parecia merecer a descrição que o imortal varredor Alfred Doolittle de Shaw, dedicava às pessoas como ele: pobres sem qualquer mérito. Não eram nada como os belos pães apetitosos e rechonchudos, colocados nas prateleiras à espera de serem comprados, nas montras das inúmeras padarias da capital: MacFisheries, ABC, a própria Chelsea Bakery. Ormus Cama mergulha neste novo mundo, sem sequer olhar furtivamente para trás, abandonando os célebres pães da sua terra.

Quando passa por uma padaria, sente-se obrigado a entrar. A compra e o consumo diário de grandes quantidades de pão é, de certa maneira, o seu primeiro contacto erótico com a vida de Londres. Ah, a macieza daquilo, como uma almofada. O estalar da côdea entre os dentes, crosta dura e centro mole: a sensibilidade de um perfeito contraste de texturas. Oh Pães Brancos de 1965, em fatias ou inteiros! Oh pequenas e grandes Formas,

Tranças Dinamarquesas, Bolas Enfarinhadas! Oh pão do céu, pão levedado, deixa-me comer-te até não poder mais. Nos bordéis das padarias Ormus paga sem um murmúrio os seus encontros com a moralidade do pão. Não é de ninguém, mas quando a moedinha é entregue ao padeiro, as porções engolidas, as dentadas de amor são suas e só suas.

O Leste é o Leste, pensa Ormus, mas o fermento é o Oeste.

Standish comprou-lhe uma guitarra. Com os bolsos cheios de pãezinhos redondos, Ormus instala-se nos bancos dos parques e faz experiências técnicas, em busca da nova voz que há-de corresponder à sua nova identidade, neste mundo novo. O que resulta começa por ser diferente da batida do *hard-rock* que era, até aí, o seu estilo original e ao qual regressa sempre que se deixa levar pelo sentimento. Esta nova voz, contudo, é mais doce, mais aguda e as canções têm versos mais longos e melodias mais complexas que se entrelaçam umas nas outras, saltando e girando como bailarinos. Mull Standish escolherá para gravar uma dessas canções: *Ela. Ou o Fim da Conversa.*

(Tambores indianos, raktaka takatak. Uma guitarra frenética. Trompetes. Waa Whup-whup, wag, waa whup whup waa. Um som cheio, exuberante, nada como os guinchos e os estrondos característicos da época. Soa a novo. Assim como a voz, falando em referências pessoais inexplicáveis, mas integrando o ouvinte no seu mundo privado. Uma rapariga está deitada no escuro, pergunta: porque é que estou no chão, porque é que eu estou exactamente aqui quando o resto da minha vida está tão errada? Preciso de uma máscara de carnaval, quero o meu dia ao sol, não quero ser um gato preto num catálogo preto.)

Ormus recuperou inteiramente o seu jeito para as mulheres. Presas à sua beleza, à graça do seu andar de longas passadas, rapidamente o tiram da rua. As portas da cidade solitária abrem-se de par em par. Às vezes é reconhecido como sendo aquele rapaz que apareceu agora na Radio Freddie e experimenta as primeiras lambidelas-de-gato que o deixam transido, as carícias sofisticadas que dão fama ao Ocidente.

Em breve começa a sentir que já lá vai muito tempo desde que era Indiano, com família e raízes indianas. No calor abrasador do tempo presente essas coisas tinham-se desvanecido e morrido. A própria raça parecia um ponto menos fixo do que antes. Ela apercebe-se que perante aqueles olhos novos ele é de raça indeterminada. Já passou por Judeu e



quando agora se cruza com raparigas nas suas scooters e motorizadas, raparigas nos seus Minis, raparigas de pestanas postiças e botas altas, que o chamam e o convidam para um passeio, tem sido tomado por Italiano, Espanhol, Cigano, Francês, Latino-Americano, Pele-Vermelha, Grego. Não é nada disto, claro, mas nunca desmente nada e durante esses encontros breves e casuais adopta a cor protectora. Se lhe fazem uma pergunta directa, diz sempre a verdade, embora se sinta cada vez mais embaraçado por mais pessoas, especialmente raparigas, acharem a sua identidade cada vez mais atraente, do ponto de vista sexual, por razões absurdamente falsas. *Oh como é espiritual*, dizem elas despindo a roupa. *Tão espiritual* montadas nele como num cavalo. *Espiritual*, dizem todas curvadas, oferecendo-lhe as nádegas. Embora contrariado, Ormus acha tais convites impossíveis de recusar. O Indiano espiritual, amotinado, conquista carnalmente o Ocidente.

Eis-nos perante a questão da cor da pele. Mull Standish encontra-se com ele no café Braque, em Chelsea. Não vamos esconder nada, anuncia Standish. Limitamo-nos a não ligar importância ao caso, sob pena de seres atirado para um gueto étnico. E vamos também mentir sobre a tua idade. Quase trinta não é idade para se começar uma carreira neste negócio. Isto é uma terra de bebés electrónicos.

Comendo pratos e pratos de pão com manteiga — trazidos para a mesa com irritação crescente pelos trombudos criados do Braque — Ormus medita na ligação entre desenraizamento e sucesso e convence-se de que adoptar um nome artístico não tem nada de desonroso. Quem teria ouvido falar em Marian Montgomery, Archibald Leach, Bernie Schwartz, Stanley Jefferson, Allen Konigsberg, Betty Joan Perske, Camille Javal, Great Gustafsson, Diana Fluck, Frances Gumm ou a pobre Julia Jean Mildred Frances Turner, antes de mudarem os seus nomes? Erté, Hergé, Ellery Queen, Weegee ... todo o historial do pseudónimo lhe dá inteira satisfação. Mas, ao fim e ao cabo, acha que não vai fazê-lo. Vai continuar a ser Ormus Cama. É o seu compromisso: que a banda não leve o seu nome, embora os músicos que Sdandish contratou sejam todos de primeira água. Quer dar à banda, à sua base profissional, o nome do sítio onde pela primeira vez se encontrou com Vina. Rhythm Center. *Ela*, pelo Rhythm Center. Gosto disso, sim senhor, diz. Mull Standish, sorvendo o café, batendo com a bengala. Vai pegar, vão ver.

— Deus seja louvado, — acrescenta Standish. — Pensei que lhe quisesse

chamar Pão Branco.

Só tarde demais Ormus descobrirá que Standish inventara uma falsa biografia para a sua nova estrela imaginando a fusão de vários elementos, uma manta de retalhos, um arco-íris genético, os anos de luta pela vida nas espeluncas das mais diversas cidades da Europa (omitindo Hamburgo para evitar a comparação com os Beatles), a pobreza, o desespero, a exaustão, a canção finalmente pronta. Quando descobre a fraude, Ormus enfrenta um Standish de consciência tranquila. A verdade não é para ali chamada: o que Standish diz é que faz lei. Mas o falso resumo tem pernas para andar. Longas pernas, *fabulosas*. Canta as tuas cantigas, filho, e deixa o Tio Mull tratar do negócio.

Quando a carreira já vai avançada, Ormus Cama será muitas vezes maldosamente atacado por ter negado as suas origens. Mas nessa altura, já Mull Standish terá morrido.

\*

Ao falar dos filhos, a atitude de Standish modifica-se. O homem do mundo, cheio de empáfia, dá lugar a uma personagem vulnerável e hesitante. Tentando imaginar o que eles dirão, numa tentativa que o faz sofrer, levantando os braços como para se defender de um golpe imaginário. Que dirão eles de mim? Ela há duas décadas que lhes envenena o espírito contra mim. Eles estarão em segurança com ela? Só Deus sabe. Ela é completamente louca, já devem ter reparado. O que não facilita as relações com os filhos. Mas ela é que tem o poder paternal, eu não tenho defesa, fui eu que os abandonei, mudei de orientação, como se diz agora. Virei-me para o Oriente. Não pude evitá-lo. Mas cá estou. Gostava de vir a ser um bom. Verdadeiramente bom, mas se calhar é tarde, já não vou a tempo.

— “Pai” — diz Ormus. — É a palavra que você está a evitar.

— Com que então eles odeiam-me. Podem dizer-me a verdade, eu aguento. Não! Mintam-me, por favor!

Ormus conta-lhe uma conversa que teve com Antoinette Corinth: — Talvez isto o espante, mas ela disse-me que ficaria feliz se eles gostassem de si. Mas tem de ser ele a dar o primeiro passo. Deus sabe já com que atraso, mas estou a ver que ele está decidido a tentar. OK. Quero-os próximos do Pai. Quero que eles gostem dele, quero que ele tenha prazer com o amor dos filhos, quero que ele os ame tão profundamente que não possa passar sem eles. É isso que eu quero, mesmo para ele. Porque não?

Ele abana a cabeça, não quer acreditar: — Ela disse isso?

— Disse até que era disso que ela estava à espera — insiste Ormus.

— Quer dizer que tem essa esperança, suponho eu. (Ormus tenta ser neutro, não tomar partido.) Talvez esteja a ver fantasmas onde eles não existem. Talvez ela seja mais generosa do que você quer reconhecer.

Pois. E talvez a lua seja feita de queijo. — Standish recorre ao sarcasmo: — Olhe lá para o céu. Aquilo não é um porco voador?

\*

Terra, água, terra. O tempo pinga, flutua, estica, encolhe, passa. A história do primeiro disco do Rhythm Center, a sua origem pirata, Standish indo de loja em loja, por todo país, suplicando, pedindo, lisongeando, ameaçando, tornando a pedir: tudo isto é bem conhecido. A cantiga vende-se bem. Mas não espantosamente bem.

A invocação nocturna do seu amor perdido é mais atraente do que a música de Ormus. Mas Vina não está lá. Está do outro lado do Oceano cantando com Diana Ross no Rainbow Room, anda com o grupo de Amos Voight e não ouve o lamento do seu apaixonado.

Há a guerra e o protesto contra a guerra. Uma geração está a aprender a marchar, a fazer distúrbios na rua, a inventar canções que transformam grupos de rapazes em exércitos com poder para assustar o Estado. Sabemos o que queremos e queremos-lo já. Um, dois, três, quatro, seis, oito. Oh — oh — oh!

Para lá da guerra também há notícias que dão brado, espalhadas, desarticuladas. Em Espanha, um grupo de aristocratas não foi capaz de abandonar o grande salão do palácio onde tinha decorrido um sumptuoso banquete. Nada os impede, mas eles não saem. Às grades do grande portão, um obstáculo invisível impede a entrada seja de quem for. Circunstantes aparvalhados, o pessoal do palácio, os serviços de emergência, apinham-se junto ao portão mas não conseguem passar. Fala-se de uma maldição divina. Há quem afirme ter ouvido bater as asas do anjo Azraël. A sua sombra passou como uma nuvem.

Um patriota polaco, Zbigniew Cybulski, foi assassinado num pátio, entre lençóis pendurados a secar. O sangue espalha-se por um lençol branco que ele segura contra si. Um púcaro de estanho, amolgado, cai-lhe da mão e torna-se o símbolo da resistência. Não: é antes uma relíquia digna de adoração. Baixai as cabeças.

Em Paris uma rapariga americana torna-se objecto de veneração. Há quem a tome pela reencarnação da virgem guerreira, Joana D'Arc. Começa a crescer um processo de culto.

Não são tempos laicos. No domínio do século, tudo são bombas e morte. Contra as quais, ao que parece, a música e o sexo podem não ser defesas suficientes.

Uma grande estrela de cinema morreu tragicamente. Estava apaixonada por dois amigos que diziam que o seu rosto, o seu sorriso lhes lembrava uma gravura antiga. Tinham-se zangado por causa dela. Por fim, depois de um almoço num pequeno café, ela levou um dos amigos para o seu carro e, deliberadamente, lançou-se abaixo de uma ponte que tinha abatido. Ambos morreram. O outro homem, sentado à mesa do café, viu o amigo e amada desaparecerem para sempre.

Pouco antes de morrer a actriz gravara um disco de grande sucesso acompanhando-se a si própria com uma guitarra acústica. Agora o disco é constantemente tocado, é a primeira canção francesa a atingir os tops ingleses, abrindo caminho para Françoise Hardy e outras. Ormus, que não fala bem francês, esforça-se por entender todas as palavras.

“Toda a gente segundo o seu gosto, rodopiando, rodopiando no tufão da vida.”

Será isto?

\*

A bordo da *Frederica* Ormus Cama repara que Eno mudou o cartaz que tinha na parede do seu cubículo. *Mantenha a distância*. A partir daí repara que todas as semanas o aviso muda. Uma semana diz: *Não se aproxime demais*. Outra, *Não coma doces*. *Salvará mais do que os seus dentes*. Um aviso é comprido e em verso branco:

*Que os deuses me salvem de ser  
Um refugiado apátrida  
Arrastando uma vida intolerável  
Em desesperada insegurança.  
É esse o pior de todos os males;  
É melhor a morte.*

Ali está estourado, diz Hawthorne Crossley, deve ser falta de sono. Waldo opina que deve ser do chapéu. Ou será que não está legalizado? Se fosse isso, já teriam fechado o barco, conclui Hawthorne.

Ormus não diz nada quando lê o texto comprido. Compreende que Eno lhe está a mandar directamente um recado. Sente-se atingido pela crítica e tenta olhar Eno nos olhos; mas ele evita-o.

Passarão muitos anos antes que Ormus aprenda que o texto longo não é de Eno Barber mas sim de Eurípedes. Os textos curtos, no entanto, são do próprio Eno.

*Cuidado com as costas. Cuidado com a cabeça.* Para quem serão estes avisos?

E da “Witch” Ormus também recebe avisos. Às vezes Ela ainda vai ter com ele à cama, quando lhe dá para isso. Mas não há dialogo, não falam um com o outro. Acariciam-se, fodem, separam-se em silêncio. Uma cópula de fantasmas. Mas às vezes ela deixa-lhe umas notas. Umas são melancólicas, opacas. *Se a música pudesse curar a tristeza, seria precioso. Mas ninguém pensou em utilizar canções e instrumentos de corda para afastar da vida a amargura e o sofrimento.* A maior parte das notas, contudo, referem-se a Antoinette, cuja personalidade dominante parece ter subjogado a d’Ela. A vida dura de Antoinette. Deserdada pela sua riquíssima família por ter casado com um aleijado, e depois abandonada pelo bandalho com dois filhos pequenos e sem recursos, ela conseguiu sair da valeta pelo seu próprio talento e trabalhando de dia e de noite. *É uma mulher assustadora, nenhum inimigo obterá uma vitória fácil.*

As notas são confusas. As vezes manifestam medo pela raiva de Antoinette, outras vezes falam do seu generoso amor. A respeito de Tommy Gin, com a sua farta melena ruiva cuidadosamente brilhantinada, os seus coletes às flores, os escritos de Ela são francamente hostis. *Ele pensa que a inventou a ela, pensa que inventou tudo, os fatos, a música, a atitude, as marchas de protesto, o símbolo da paz, o movimento feminista, Black is Beautiful, as drogas, os livros, as revistas, a geração inteira, calculo que nenhum de nós tenha qualquer coisa na cabeça que não venha dele, mas de facto ele não é importante, é só um bocadinho de merda que sabe dar nas vistas, ao passo que ela é uma artista verdadeira, ela não vai nessas tretas, ela cria beleza a partir do fundo da sua alma amargurada, e vai ver que ela um dia corta com ele, muito em breve, a Feiticeira não precisa dum Feiticeiro e assim que ela se veja livre dele, ele mirra e desaparece como um vampiro ao sol.* Parece que Ela, tão silenciosa, tem afinal, fechadas dentro de si, muitíssimas palavras. Apoio está lá dentro. Por detrás das

nuvens dionisíacas que envolvem aquela rapariga, o deus-sol esforça-se por libertar a sua luz. Ormus não precisa de muito tempo para compreender que Ela está profundamente apaixonada pela patroa. Os homens podem chegar a partir, mas as duas mulheres sombrias, a grande e vistosa do primeiro andar e a pequena definhada sentada cá em baixo, na roxa escuridão, estão ali para ficarem.

Perturbado por esta descoberta, Ormus talvez não perceba inteiramente o que lhe é dito, em terra por Ela, no mar por Eno Barber. Que há um perigo que se aproxima, cada vez mais. Que a terra começa a tremer. Como todos os protagonistas, Ormus é surdo às advertências do Coro. Mesmo quando tem um pesadelo — os rapazes a cair pela escada abaixo, com as cabeças rebenta das, como latas abertas — não lhes atribui o devido peso. Tenta colocar uma tampa sobre a sua tendência visionária, naquele meio cabalístico e ilógico, esforça-se por ignorar os vaticínios; manter o contacto com a realidade, concentrar-se na música e manter-se firme no dia-a-dia da vida britânica. Manter o optimismo, a alegria que trouxera com ele, a ideia duma renovação.

Os seus pensamentos voltam-se cada vez mais para Vina. Aquela que só existe na sua imaginação, que ele conhece mais intimamente do que qualquer outro ser humano está a ser confrontada, no plano da imaginação, por outra Vina, a adulta, a sua gémea desconhecida. A vida tomou conta dela e fez dela uma estranha. Uma vida nova e a presença eterna do passado. A família assassinada, as cabras degoladas, a mãe assassina enforcada no armazém. Pilo, Chickaboom, eles também, mas acima de tudo a mãe enforcada e Nissy sentada junto a ela, sem chamar ninguém, receosa de que o presente anuncie o seu futuro. Os pés pendentes e oscilantes, as longas canelas nuas são a imagem de si própria.

Os velhos temores de Ormus voltam a assaltá-lo, imagina Vina a olhar para ele sem expressão, olhos nos olhos, a dizer-lhe *Não, isso é o passado* e afastando-se em direcção ao sol poente, deixando sem sentido a sua vida. Mas estas sombrias fantasias não o derrotam. Sente-se cheio de luz, radiante de possibilidades. Bateu no fundo quando foi ao Cosmic Dancer e aí começou de novo a subir. Agora vai direito ao céu, nenhum dos seus galeões se perderá e, no momento apropriado, ele vai encontrá-la, tomá-la pela mão e ambos voarão, durante a noite, sobre o clarão brilhante da grande Metrópole. Como duas maravilhas, dois cometas de longas caudas.

Como estrelas. É esta a história que ele escreveu para si mesmo e à qual a realidade não terá outro remédio senão conformar-se.

Mas no presente ele está preso numa outra história. Diz-se que outra galáxia está actualmente a invadir a Via Láctea, misturando os seus astros estranhos com os nossos já familiares, metendo a sua história no meio da nossa. É uma pequena galáxia, nós somos (relativamente) grandes, poderemos dar cabo dela, destruir os seus sóis, dividir os seus átomos. Adeus pequena galáxia, adeus filha e ámen.

A história de Ormus e a história da Feiticeira que Voa Alto andam agora misturadas. Qual delas afastará a outra?

Pior ainda: será que ambas as histórias, no fim de contas, serão a mesma?

\*

Tenho andado a pensar naquilo a que se pode chamar o tema de Medeia. Uma mulher-feiticeira, a Sra Corinth, sem qualquer dúvida; com filhos, igualmente, e um pai que os abandonou. Não se podem negar as semelhanças, particularmente desde que Antoinette escolheu assumi-las, mudando de “Gossley” para “Corinth”. O que é que ela quer, assustar as pessoas? Ou assustar só Mull Standish? Será ela genuinamente capaz de tragédia, de ir tão para lá das fronteiras da maternidade e da sensatez que os seus actos ganhem a estatura do Destino? Estará ela dominada pelo *fatum*? Ormus, que ao princípio a achava maléfica, passou a vê-la como meia impostora, meia lunática, menos substancial e mais dúbia, como uma feiticeira-de-figurinista, usando a numerologia para escolher os seus amantes, servindo-se de sinais ocultos não para esconjurar demónios mas para decorar os bustos dos seus *baby-dolls* pretos de pesadelos. Ao contrário do que se passa com os que lhe escrevem notas — Ela, Eno, — ele não acredita na Witch. E os dois escrevinhadores silenciosos, são indivíduos cuja excentricidade destrói o seu crédito como analistas. Ormus Cama, ao fim e ao cabo, não acredita que tenha entrado num palco onde se representa um melodrama contemporâneo. Antoinette Corinth não pode nem vai ser responsável pelo destino dele.

Nós subestimamos os nossos semelhantes porque nos subestimamos a nós próprios. Eles — nós — somos capazes de muito mais do que parecemos ser. Muitos de nós somos capazes de responder às questões mais sombrias. Só não sabemos se somos ou não capazes de responder aos problemas antes de eles nos serem postos.

Vai haver uma tragédia. Antoinette Corinth não vai ser responsabilizada por ela.

\*

Mull Standish prossegue nas suas tentativas de sedução dos filhos e Hawthorne e Waldo correspondem sem entusiasmo. À medida que os ciclos daquele mundo de piratas atingem um ano e depois dois, o seu contacto bem disposto com os filhos suscita-lhes uma afeição genuína. Há gestos de amor: um braço sobre o ombro, uma brincadeira, um soco filial que, no momento em que vai atingir-lhe o queixo se abre numa carícia com a polpa dos dedos. A voz do sangue aproxima-os. Acaba por chegar o dia em que um deles — Waldo, inevitavelmente, personalidade mais indefesa — trata, sem querer, Standish por “Pai” e embora Hawthorne lhe inflija uma dura descompostura, a verdade é que as lágrimas assomam aos olhos de Standish. E Hawthorne não está realmente zangado com o irmão. “Pai” parece a palavra certa, mesmo para ele. Ao fim de tantos anos.

A adversidade também ajuda, claro. Aparecem leis que farão calar os rádios piratas. O tempo, que outrora dispersou e destruiu a Grande Armada, não foi meigo para a esquadra pirata de Standish. São barcos velhos e começam a meter água. Assolados pelas tempestades, arriscam-se a partirem-se. Há cada vez maiores problemas com os seguros e a verdade é que os barcos estão em sério perigo.

Há uma nova estação terrestre, Radio 1. Veio roubar muitos dos mais talentosos locutores de Standish. Os barcos começam a baixar os taipais, um por um. Em breve só resta Radio Freddie, o primeiro a abrir e o último a resistir.

Mas o *Frederica* está muito enferrujado e sabe que o seu tempo de descanso não pode ser adiado.

\*

Rhythm Center, a primeira banda de Ormus, teve uma série de pequenos sucessos, entrando nos primeiros Top Cinquenta mas sem atingir nunca o modesto sucesso dos Quarenta. O fracasso em conseguir um estrondo deve-se em parte ao facto de a banda não aceitar actuação em boates, uma vez que Standish está convencido de que o público não os aceitaria. A sua estratégia é manter o mistério do grupo, criar um culto, uma corrente subterrânea. Há também as dificuldades resultantes da gravação de discos por um pequeno produtor independente, a etiqueta “Mayflower” do próprio



Standish: problemas de distribuição, pouco dinheiro para promoção. Fora anunciada a morte de *disc-jockey* americano Alan Freed que conseguiu finalmente beber o suficiente para cair morto prematuramente após ter dado ao mundo uma palavra nova: “payola” que era a junção de “pay” com “Victrola”. Fred morreu mas o mesmo não aconteceu à prática de aceitar luvas para passar discos e Mull Standish, embora seja rico, não pode meter-se nessa guerra contra os grandes produtores. Os seus piratas passarão os discos do Rhythm Center, mas os outros piratas não. Quanto à BBC, é certo que nunca ninguém provou uma acusação de corrupção, mas a verdade é que Ormus também lá não é tocado, apesar do seu razoável sucesso. A BBC torna as suas próprias decisões, não segue o movimento geral. Vai agora deixar a malta decidir o que vai ou não vai para o ar? *Por favor!*

Fora de Inglaterra, o melhor é esquecer. Não há dinheiro, não há disco. Vina está na América mas a voz de Ormus está encurralada no outro lado do Atlântico. Ela não pode ouvir o seu apelo.

As próprias canções são um problema. Qualquer coisa não bate certo nos poemas. Há demasiadas pessoas dentro de Ormus, uma orquestra completa está reunida dentro das suas fronteiras, tocando instrumentos diferentes, criando uma música diferente e ele ainda não descobriu como conjugar toda essa gente: o amante que recorda o seu amor perdido, chorando por Vina no Mar do Norte; o que ouve em sonhos o seu gémeo morto cantar-lhe as canções do futuro; e o simples cantor de rock apanhado pela batida que acompanha a do coração; e o humorista sardónico que compõe falsas odes “country” em louvor do pão; e o moralista que fustiga esta época de cérebros degradados, as suas falsificações, o seu confuso desejo de autodestruição; e finalmente o relutante visionário que entrevê lampejos de um outro universo possível mas que preferia não os ver.

Ormus ainda não sabe como fazer da sua multiplicidade uma força aglutinante em vez de uma fraqueza que se esboroa facilmente. Como fazer com que as suas múltiplas identidades sejam, numa canção, um coro único. Não uma cacofonia mas sim uma orquestra, uma impressionante voz plural. Ele interroga-se, tal como Standish, se não será já velho demais; não percebeu que essa questão pode ser irrelevante. Em resumo, continua a tentar seguir uma linha única e verdadeira. Continua a tentar encontrar um chão onde se firmar, onde assentar o núcleo duro da sua arte.

A verdadeira mudança deu-se, como o sabem perfeitamente os verdadeiros fãs de Ormus, num estúdio de gravação numa viela de Bayswater, atrás dos Grandes Armazéns Whiteleys. A história da gravação da canção de Ormus *It shouldn't be this way* e do subsequente atraso de três anos antes da sua distribuição comercial foi já tantas vezes contada que não necessita ser repetida. A versão popular do caso é, duma maneira final, verdadeira, e mesmo que o não fosse, o melhor seria seguir o conselho do director dum jornal do Far West: — se os factos não correspondem à lenda, publique-se a lenda e não os factos.

Mull Standish está à espera na mesa de mistura quando chega Ormus, de aspecto carrancudo:

— OK, estou pronto. Mande embora os músicos.

Standick fica imóvel, rígido: — Todos?

— Todos — insiste Ormus deixando-se cair num banco. — E acorde-me quando se tiverem ido embora.

A partir daqui Rhythm Center passa a ser Ormus e só Ormus. Está sozinho no estúdio com guitarras, teclados, tambores, metais, madeiras, um contrabaixo e um velho sintetizador Moog. Senta-se à bateria e começa a tocar.

— Mas então tu vais tocá-los todos? — quer saber o operador de mistura.  
— O que é que eu faço? Só tenho quatro pistas.

(Quem é este gajo, quer ele dizer. O mundo real está aqui, pá: gravadores de 16, 32 ou 48 pistas serão no futuro, agora é uma fantasia e eu não tenho aqui nenhuma máquina do tempo.)

— Vamos fazer pré-mistura e levar tudo até ao fim — ordena Ormus. Há qualquer coisa nele. Não será boa ideia discutir.

— Pré-misturas, claro. Porque não?

Isso é o que se faz quando precisamos de pistas livres. Misturam-se duas pistas e transfere-se o resultado para uma terceira. Depois podemos usar de novo as duas primeiras pistas para gravar duas outras partes e transferimo-las para a quarta pista, ainda livre. Agora temos duas pistas, cada uma com mistura de duas primeiras. Se ainda há muitas partes para gravar podemos repetir a operação e ficar com uma pista com quatro partes e três livres.

E por aí adiante.

O problema é que uma vez isto feito já não se podem separar as pistas pré-misturadas. É com aquilo que tem que se avançar. Já não se pode tocar

outra vez. As decisões que se tomarem são irrevogáveis. É o caminho para o desastre, a menos que a pessoa que esteja a trabalhar seja um génio.

Ormus Cama é um génio.

Cada vez que grava uma pista — e ele sabe tocar todos os instrumentos que estão no estúdio melhor que os tipos que mandou embora — vem à cabine, senta-se e fecha os olhos. O operador de mistura desloca os seus cursores, gira os seus botões e Ormus dirige-o até à música secreta que ele tem na cabeça. Sobe isto, baixa aquilo, diz ele. Põe isto mais presente, abaixa tudo agora. Okay, está okay. É isso. Não mudes nada. Continuamos.

— Tens a certeza? — pergunta o misturador. — Porque isto é o que é. Não se pode voltar atrás.

— Toca, toca! — diz Ormus, fazendo-lhe uma careta. O misturador ri-se e canta com a gravação.

É como uma bola de borracha, saltando da gravação para o canto.<sup>53</sup>

O som cresce, enche, torna-se excitante. O misturador é um tipo grande e impassível é pago para fazer aquilo, não tem que se preocupar. É um bom profissional, tem trabalhado com toda a gente, não se impressiona com facilidade. Mas olhem para isto: os seus ombros acompanham a música, a batida. Este gajo indiano sempre a entrar e a sair do estúdio, tocando um trompete, misturando-o, voltando atrás, pegando numa guitarra, tocando um teclado, apanha-nos os ouvidos e apanha-nos as tripas.

Toca, toca!

É altura de cantar. *Mas tu não estás aqui para pôr tudo certo. Não estás tu aqui para me abraçares. Não devia ser assim.*

Quando tudo fica pronto, o misturador levanta-se e estende a sua grande manápula:

— Desejo-te as maiores felicidades com esta canção — diz ele. — Hoje foi um grande dia para mim.

Ormus vai ter com Mull Standish. Cola-se a ele, ainda cheio de raiva.

— Então? — pergunta baixinho, numa grande fúria. — Estou pronto ou não?

Standish acena com a cabeça:

— Estás.

Mas esta famosa cena é a sequência de uma outra de que ninguém fala. Na última noite de Radio Freddie, na comovente cerimónia do encerramento da estação a bordo do velho *ferry-boat*, o Capitão Pugwash e

os seus piratas emocionam-se até às lágrimas ao pensar no destino da sua enferrujada banheira. — Oiçam — lamenta-se Pugwash, como se falasse à cabeceira duma amante moribunda — vocês vão sair do ar, mas o barco vai sair da água, coitado. Vai para a sucata e não há nada a fazer senão beber até cair.

Há muita gente embriagada. Eno Barber está sentado por trás do seu vidro com uma garrafa de rum. Atrás dele, na parede, está escrito *Vão-se embora!* Harwhorne e Waldo cantam as cantigas de rãguebi que se cantavam na escola. Este entusiasmo faz com que se juntem os tipos do Pugwash com as suas próprias cantigas. Dinah, Dinah mostra lá a perna, meio metro acima do joelho. Cantigas feias, machistas, brutas e, no fundo, inocentes.

Ormus confronta-se com Mull no convés. Ambos bêbados. Mull, por causa do balanço do barco, pousa uma mão no ombro de Ormus. O cantor afasta-o. Mull cambaleia mas recupera o equilíbrio. — Meu sacana — diz Ormus ao amigo — estás a dar cabo de mim. Dois anos de merda. O que é que esperam que eu faça? Quanto mais é que vou ter que esperar? O optimismo é o combustível da arte, o êxtase, a euforia e estes artigos não são muito abundantes. No fundo, talvez não queiras que eu tenha sucesso. Queres que eu faça aqui uns biscates, nem sequer um-que-já-foi mas um-que-nunca-será, a depender sempre de ti como uma mosca presa na tua rede de merda.

Mull Standish reconhece: — É verdade, — diz ele, conciliatório. — Não fiz tudo o que devia e podia por ti. A minha etiquetazinha independente, etc. Se queres dizer que isso foi travar-te, está certo, travei-te. E travei-te porque se eu te tivesse soltado terias falhado, terias caído ao chão. Ainda não tens coragem para voar. E talvez nunca a venhas a ter. O problema não é técnico. Estás a pensar em asas? Olha para os teus ombros. Lá estão elas. O problema, pá, não é de asas, é de tomates. Talvez sejas mas é um eunuco e vás passar o resto da tua vida a dormir no colchão da Witch.

O barco balança muito e eles também. Ormus Cama recebeu um grande presente. Ouviu palavras que o vão obrigar a resolver o problema de si próprio.

Standish diz: — Tudo o que me disseres a teu respeito, eu acredito. Se dizes que tens um gémeo morto na cabeça que ouve os grandes sucessos de amanhã, isso não me rala nada. Já que falas de visões, menino, digo-te que sigas as estrelas até Belém e confirmes se lá está a criança na manjedoura.

O problema é que tu foges de tudo, é que há muito pouco de ti na tua música. Estás a baldar-te. As pessoas reparam. Vou-te dizer uma coisa: desiste. O que eu vejo em ti é meramente potencial e não pode ser concretizado. Para eu investir tu não me interessas. O que eu sei é que a música vem do próprio ser, do interior do ser. *Le soi em soi*. A seda na seda, como dizíamos no jovial francês da minha juventude.

Standish está a respirar pesadamente. O seu corpo parece prestes a rebentar. Qualquer coisa como o fogo de Santelmo. Porque ele ama aquele homem que ele está a forçar para lá dos limites para lhe mostrar o caminho. — Precisas de Vina, não é? — diz ele num rugido. — Então encontra-a. Não andes a chorar ao microfone dum barco ferrugento. Encontra-a e canta-lhe as tuas canções. Qual é a coisa mais perigosa que podes fazer? Fá-la! Qual é o precipício mais próximo? Salta! E agora basta. Já disse o que tinha a dizer. Quando estiveres pronto, se alguma vez estiveres pronto, telefona-me.

Uma cantiga obscena explode aos gritos na cabine do barco. Hei-de me vir outra vez, há-de te vir outra vez, vamo-nos vir outra vez juntos. Vai ser bom, a meio da noite, virmo-nos outra vez juntos.

\*

Passa uma semana e Ormus telefona a Standish: — Arranja tudo. Estou pronto. Arranja tudo.

E mais tarde, no fim da gravação, quando já têm a preciosa fita gravada, ficam frente a frente, sem saber se hão andar à pancada ou se se hão-se beijar.

— O que eu quero que a música diga é que eu não tenho de escolher — diz, por fim, Ormus. — Preciso de mostrar que não tenho que ser este tipo ou aquele, o que está ali ou que veio aqui, não tenho que ser a pessoa que está dentro de mim e a que eu chamo meu gémeo, ou seja lá quem for, de quem eu entrevejo uns lampejos para lá do céu; ou apenas o homem que está aqui à tua frente. Serei todos eles, sou capaz disso. Eu sou toda a gente, percebes? Foi assim que tive a ideia de tocar todos os instrumentos. Tinha que provar esse ponto. Enganaste-te quando disseste que o problema não era técnico. Em arte as soluções dos problemas são sempre técnicas. O sentido é técnico. E o coração também.

— Em questões técnicas, já prometi não te dar qualquer “ajuda”, — responde Standish — mas agora, que fizeste de mim um homem feliz,

posso dar-te um abraço?

\*

O lançamento da nova canção irá trazer-lhe finalmente Vina Apsara. E vai marcar o início da sua assustadora e totémica celebridade. Que levará três anos a concretizar-se.

A felicidade de Standish (bem como a de Ormus e a dos filhos) era o que Antoinette há muito esperava. O que isto quer dizer, e se ela é ou não culpada do que vai acontecer, é ao leitor que compete julgar.

Passam algumas semanas. E eis o que então se passa na casinha por cima da Witch:

Deve ser sábado e andar por volta do meio-dia, de modo que ninguém está acordado e a loja está fechada. A campainha — a da casa, não a da loja — toca durante tanto tempo que Ormus, deixando Ela na cama meio inconsciente, a face levemente polvilhada de cinza, enfia umas calças de veludo vermelho e vai cambaleando abrir a porta.

É um desconhecido: um homem com um fato de executivo e um bigode a condizer, com uma pasta numa mão e na outra uma revista de luxo aberta na página em que um modelo mostra uma das últimas criações da Witch.

— Boa tarde, — diz o estranho em excelente inglês. — Sou dono duma cadeia de lojas no Yorkshire e no Lancashire.

Ela, nua por baixo de um roupão totalmente inadequado, cigarro pendente dos lábios, desce as escadas com uma mão no cabelo. O estranho fica roxo e arregala os olhos. Ormus vai-se embora.

— O que é? — pergunta Ela.

— Boa tarde — recomeça o estranho, embora o seu inglês comece, de repente, a apresentar algumas deficiências. — Sou dono duma cadeia de lojas no Yorkshire e Lancashire onde vendo roupas de senhora e estou muito interessado neste modelo. Com quem é que devo falar com vista a uma primeira encomenda de seis dúzias, com opção para outro tanto?

Era a maior encomenda que a Witch jamais recebera. A meio das escadas surge a figura imponente de Antoinette Corinth envergando um *caftan* negro-ouro. Impossível adivinhar os seus pensamentos. Ormus imagina uma agitação no ar, a sensação de se ter chegado a um ponto de viragem. O estranho espera, pacientemente. E então, decidida, a gerente, elegantemente, faz dois ou três acenos lentos com a cabeça:

— Estamos fechados, homem, — e bate com a porta.

Antoinette Corinth desce a escada e beija Ela na boca. Após o que, ainda nos braços de Antoinette, Ela volta-se para Ormus e faz uma coisa rara, fala: — Uma grande artista. E uma bela mulher.

Nesta altura a campainha toca de novo. Ela volta-se e recomeça a subir a escada, desta vez com Antoinette. Visivelmente não está disposta a regressar ao colchão humilde de Ormus. Esperam-na as almofadas e as sedas, as marcas exóticas e os panejamentos do covil de Antoinette. Ormus fica parado, olhando a porta fechada.

Outra vez a campainha. Ele abre a porta.

Na ombreira, com um cesto do melhor pão que é possível comprar, está o grande senhor da etiqueta Colchis, o próprio anjo cego dos discos, Yul Singh; e atrás dele uma limusine que ocupa metade da rua.

— O senhor vê, sr. Cama. Vê diante de si. Agora que está pronto, o que tenho a fazer é felicitá-lo. Não esperava fazê-lo, mas ouvi a sua gravação através do seu homem, o sr. Standish que considero um bom homem para si e, como tenho ouvidos para ouvir, ouvi aquilo que ouvi e, por isso, já não precisa de vir procurar-me, o que, aliás me lembro de o ter aconselhado a não fazer em caso nenhum. Como tudo se sabe, não me importo de dizer que o mundo é uma coisa cómica e, neste caso, com sua licença, sou eu que venho ter consigo.

\*

“Lorelei”, do primeiro álbum VTO auto-intitulado *VTO* (Colchis, 1971):

Certas formas perseguem-me, não as consigo descolar dos calcanhares. Certas pessoas também, vejo nos seus rostos aquilo que sinto. Um destino incerto me ameaça, mas hei-de viver para ele. Não invoco nenhuma autoridade para falar do bem ou do mal, do real ou do irreal. Digo apenas o que vejo, porque a verdade liberta, e mesmo que a vida não me corra bem, ainda espero ser feliz.

E sinto o teu amor, Lorelei. Sinto o teu amor espalhar-se sobre mim. Oh sim, sinto o teu amor Lorelei.

\*

No Verão de 1967, Ormus vai dar um passeio de automóvel pelo campo numa tarde de fim-de-semana com os seus bons amigos Hawthorne e Waldo Crossley no *Mini Cooper S* (versão Radford) para comemorar o seu contrato de gravação com os Discos Colchis. Antoinette Corinth, numa inesperada manifestação de afecto maternal, insiste em lhes fazer um farnel

de piquenique. Um termos de chá e sanduíches.

— Estou tão contente por ti — diz ela a Ormus com magnanimidade. — E com o teu sucesso e a satisfação dos rapazes a teu respeito. Também estou contente por Mull. Imagino que ele nunca se sentiu tão feliz. Nem uma nuvem no seu horizonte. Céu azul até onde a vista alcança. Adeus meus queridos. Um belo dia para vocês.

Ao princípio tudo corre bem. Passam por um grupo de mimos, caras pintadas de branco, a jogarem ao retardador uma partida de ténis sem bola e param por um momento sorvendo o chá directamente do termo para seguirem a partida intensamente contestada. Falam do suicídio do empresário dos Beatles, Brian Epstein; dos motins raciais nos Estados Unidos; da recusa de Cassius Clay em combater no Vietname, a sua perda do título mundial e a sua transformação em Mohamed Ali; e até de música concreta e de Stockhausen. Mas falam, sobretudo, de irem de automóvel ao festival de música contra a guerra, que vai ter lugar em Woburn Abbey, apesar do receio muito espalhado de conflitos violentos. Tropa e polícia armada e montada está concentrada nas imediações da grande propriedade de Woburn e os porta-vozes do governo estão a avisar os músicos e a multidão de espectadores para que evitem quaisquer atitudes provocatórias e sediciosas. Em resposta, muitos músicos já declararam que vão ser o mais sediciosos possível. Correm boatos de ataques com gás lacrimogénio e até armas automáticas. (O ambiente no país é tão pesado que quando um jornal diário, reagindo ao fenómeno “hippie” sem ligar a sua mensagem de paz ao facto esmagador da existência duma guerra, descreve a época como “um Verão de amor”, o artigo é tomado como ridícula peça de propaganda governamental.)

No entanto a catástrofe que realmente vem a acontecer não tem nada a ver com o movimento de protesto ou com as forças mobilizadas contra ele. Ormus Cama é um conhecido opositor à decisão do governo de Wilson de mandar soldados britânicos para o Vietname — *porque será que os líderes trabalhistas querem sempre provar que têm tomates para ir para a guerra?* — mas não é detido em nenhuma barricada do Exército nem alvo de carga da polícia montada.

O que aconteceu foi apolítico: um acidente de trânsito.

Hawthorne vai ao volante, guiando talvez depressa demais, certamente desconcentrado e aparentemente muito cansado e atordoado; numa aldeia



inglesa adormecida, perto da A1, o Mini Cooper choca com um grande e pesado camião que leva uma carga malcheirosa de estrume. Hawthorne Crossley morre instantaneamente, Waldo sofre lesões cerebrais irreparáveis, Ormus, no banco de trás, fica gravemente ferido. O estrume cobre tudo. Os serviços de emergência têm de escavar numa colina de excrementos para atingir as vítimas. Um *rendez-vous* com uma carga de merda: seria cómico se não fosse tão trágico.

\*

Ormus vai no banco de trás do carro. Fecha os olhos por um instante porque universos alternativos começaram a rodar em espiral à volta dos seus olhos em coloridos saca-rolhas de antimatéria que o enchem de terror. E porque não sabe das impurezas introduzidas no chá do termos, pensa que é só ele que tem alucinações. Por isso aperta as pálpebras contra as espirais que os olhos teimam em ver e quando os abre de novo, o mundo é um camião. O estrondo, inacreditável do metal contra metal. O bater dos segundos vai diminuindo até parecem pancadas de tambor num funeral. Quando um carro pequeno choca contra um camião — lembra-se ele subitamente — o maior perigo é o de ficar decapitado ou esmagado debaixo do chassis. Deslizam ao lado de uma parede de aço, com o respectivo acompanhamento sonoro “heavy metal”. Fazem ricochete contra a roda traseira do camião, giram, chocando com qualquer coisa, numa casa, uma árvore e param. Ninguém leva cinto de segurança. Ormus é violentamente sacudido no espaço apertado do banco de trás, entrevê Waldo, mole como uma boneca de trapos no lugar do passageiro com a boca aberta; o condutor, Hawthorne Crossley, entra no enquadramento, de olhos abertos em direcção ao pára-brisas. Hawthorne respira espasmodicamente, como um louco a rir-se, *ha-haa* e Ormus vê uma pequena nuvem branca sair-lhe da boca e manter-se lá por um momento como um balão de banda desenhada. A seguir, como um nadador submarino que quer chegar à superfície, a cabeça de Hawthorne parte o pára-brisas e passa-lhe através, ficando o corpo cá dentro. Quando Ormus for capaz de se lembrar das coisas, vai recordar este momento como aquele em que viu a vida de Hawthorne deixar o seu corpo. E o que isso quer dizer é que, afinal de contas, existe um espírito, uma alma que está na carne mas não é carne, um fantasma na máquina macia. Eis aí uma coisa com que ele se debaterá noutra altura, porque naquele momento qualquer luta tem de parar, porque qualquer coisa de duro, como um punho

fechado, acaba de o atingir no olho esquerdo.

O tempo acelera enquanto os três desaceleram. Há estrume por toda a parte. Ormus perde a consciência.

\*

Isto foi o que disseram as notícias. As vítimas são levadas para o hospital de uma aldeia próxima. O empresário de Ormus, um homem coxo, de ar esgazeado, o Sr. Mull Standish, chega logo a seguir acompanhado pelo patrão da companhia dos discos Yul Singl, envergando um fato caríssimo, azul escuro, óculos à Ray Charles e luvas de cabedal preto e acompanhado, à maneira de Pilo Doodhwala, por uma escolta de secretários e guarda-costas. Standish, completamente desfeito pelo trágico destino dos filhos, soluça desesperadamente junto deles; diz-se que a brigada de Sikhs de Yul Singh retira o cantor do hospital por uma porta das traseiras, mau grado os seus graves ferimentos e fracturas e o leva para um local secreto onde lhe serão prestados cuidados médicos especiais. Consta que Ormus está escondido numa aldeia do País de Gales, nas montanhas da Escócia ou nos subúrbios do Essex. Há quem o tenha avistado em Paris e na Suíça; em Veneza (no carnaval) e no Rio de Janeiro (onde ele, também no carnaval, dança no meio das mulheres de seios pequenos e amplas nádegas tão do agrado dos machos brasileiros); em Flagstaff no Arizona, sem esquecer Winona — também experimentou as emoções da Estrada 66. Diz-se que está horrivelmente desfigurado; que as cordas vocais foram cortadas; uma investigação “definitiva” num jornal de domingo revela que ele deixou para sempre a vida de músico, converteu-se ao Islão e entrou para uma obscura seita de devotos — “Os Gatos de Allah” — improvavelmente instalada no coração da Comunidade Judaica de Hampstead Garden. O boato mais persistente é que ele está em coma profundo numa unidade de cuidados intensivos ultra-secreta, encerrado numa caixa de vidro, como a Branca de Neve no seu caixão de cristal.

Durante três anos e quatro meses, Ormus ficará sequestrado, longe dos olhos do público. Não há nenhum comunicado da sua etiqueta Colchis nem dos seus representantes pessoais na Mayflower de Mull Standish.

Circulam várias histórias e nem vale a pena investigá-las. Parte delas são bastante credíveis, excepto as bizarras aparições, por todo o mundo, de um homem subitamente invisível cuja desapareição — não há maneira de se evitarem estas amargas ironias — o fazem passar do estatuto de um estado

de considerável notoriedade. Quanto mais tempo ele se mantém invisível mais cresce a sua fama. Nasce um culto cujos devotos crêem que Ormus Cama despertará para os conduzir para além desta época conturbada, passando pelo nosso vale de lágrimas e atingindo a redenção. Reedições dos seus discos. Mayflower, bem como gravações piratas das suas actuações em Bombaim começam a circular e a vender-se; nasce uma lenda. As pessoas, sendo o que são, começam a falar cinicamente de um truque publicitário. Yul Singh é bem conhecido como um tipo astuto e Standish, embora menos conhecido, também.

A história do coma, no entanto, é verdade. Ormus não está morto, mas adormecido.

A especulação torna-se tão intensa que a dimensão humana da tragédia é quase completamente obliterada. As pessoas envolvidas no caso deixam de ser vistas como seres vivos e sensíveis; passam a ser abstractas peças de um enigma, um jogo frio. Transformam-se em vasos vazios nos quais se pode deitar toda a especulação pública.

Alguns factos não vêm a lume. Yul Singh e a sua equipa dirigente da Colchis trabalham para os ocultar e são nisso ajudados, ironicamente, pela nuvem de conjecturas.

No sangue dos irmãos Crossley e também no de Ormus Cama, os médicos encontraram níveis perigosamente elevados do alucinogénio ácido lisérgico, dietilamida 25. Estes relatórios médicos não foram, contudo, tornados públicos. Nem a polícia faz qualquer investigação sobre o assunto.

Nos destroços do Mini Cooper foi encontrado um termos. Mas esse termos não foi confiscado pela policia, nem sujeito a qualquer exame por parte das autoridades. Por uma razão qualquer foi entregue a um “amigo da família”. Esse amigo nunca mais apareceu, nem tão pouco o termo.

Não há portanto provas de que o chá tivesse qualquer espécie de açúcar.

\*

O valor de um homem revela-se na hora de maior adversidade. O que é que nós valemos, quando se acertam as contas? Limitamo-nos à lisonja para enganar os outros, ou somos profundamente autênticos, o material de que são feitos os sonhos dos alquimistas? São questões às quais a maior parte de nós, por misericórdia, nunca é obrigada a responder.

A ascensão de Mull Standish a seguir à tragédia, embora não surpreendesse quem o conhecia bem, é, no entanto, um exemplo para todos.

Saindo de olhos secos do hospital de província, dedicou-se ao bem-estar dos vivos. Nas semanas seguintes, a energia frenética com que procura e consegue o melhor tratamento possível para Waldo é digna de admiração. Waldo vai recuperar fisicamente. Durante vários anos vai beneficiar da atenção de uma equipa de especialistas, cujos esforços ficará a dever uma vida limitada, mas surpreendentemente satisfatória.

Os homens de Yul Sing seguem as ordens de Standish. Ormus Cama é levado para um edifício branco sobre o Tamisa, uma casa cujas portas-janelas estão guarnecidas de cortinas brancas que oscilam sob a brisa e será acompanhado e tratado por sua mãe. E assim uma grande brecha fica a caminho de se fechar. Lady Spenta recebe o seu filho destroçado com altos lamentos de autocensura e gasta rapidamente uma fortuna em transformar numa sofisticada clínica o soalheiro e espaçoso jardim de Inverno do seu palácio; e resolve acompanhar pessoalmente a recuperação de Ormus, estando constantemente à cabeceira do filho, embora o cansaço a obrigue de tempos a tempos a algumas horas de sono. Lord Methwold morreu há pouco tempo, pacificamente, durante o sono, e a sua mulher é a única — e incontestada — beneficiária do seu impressionante testamento. Esta mansão é agora sua propriedade; assim como a casa de Londres, em Campden Hill Square, as confortáveis contas bancárias, os substanciais rendimentos das suas privilegiadas acções. Um verdadeiro tesouro, em suma. Lady Spenta recebeu as notícias da sua fortuna como um aviso de Deus. Tornar-se subitamente rica em bens materiais é compreender a natureza do seu profundo empobrecimento. Dos seus três filhos, um está preso por vários assassinatos, o segundo (oh mãe insensível!) foi despachado para uma casa de saúde para não perturbar o seu velho marido. O filho mais novo esteve muitos anos separado dela, pensando que não era amado; agora está gravemente atingido. Ela, que se considera devota, falhou nos mais altos deveres da sua alma.

Secretamente, às escondidas de Methwold já doente, costumava ligar para Radio Freddie, mantendo-se em contacto com o filho através do trabalho dele. Foi-lhe duro suportar o encerramento da estação: foi uma segunda separação, uma segunda ruptura. A sua carta a Ormus, cheia de remorsos e de desculpas, enviada ao cuidado da estação pirata, chega às mãos de Standish no próprio dia do maldito passeio de carro do cantor. É assim graças à intervenção de Standish que Ormus regressa ao seio da família.

(Virus Cama também está em casa, libertado do cativo infligido pelo falecido padrasto.)

Prestado nobremente este serviço, Mull Standish regressa a Londres para queimar o seu filho no Crematório de Wandsworth.

\*

No Crematório, Standish apoia-se na sua bengala, fecha os olhos e vê instantaneamente os jactos de fogo envolverem como uma vaga o corpo do rapaz, limpando-o de si próprio. Embora seja americano e tenha vivido intensamente a vida americana, Mull não chora. Abre os olhos. Antoinette Corinth e Ela, enlaçadas, tentam enxugar as faces esborratadas do rímel que lhes escorre dos olhos, sob os véus de renda preta. Entre eles morre algo mais do que um possível dialogo. Standish fecha de novo os olhos e vê o futuro de Waldo Crossley. Waldo, a quem o acidente trouxe a loucura, sorri docemente às folhas do Outono que vai apanhando dos canteiros do jardim. Por cima dele, olhando-o através da janela de uma enorme mansão branca, está a mãe de Ormus. Que apenas deseja cumprir uma eterna reparação por ter sido tão má mãe. E que cuidará de Waldo como se ele fosse também um filho bem-amado.

Acabou-se. Não há mais lágrimas. Standish desloca-se ao longo da coxia para falar calmamente com a sua ex-mulher: — Estou convencido de que isto foi obra tua — diz ele suavemente. — Não pensava que o pudesses fazer mas agora tenho a certeza que o fizeste. Nem consigo imaginar a enormidade do teu ódio. Não concebo que tenhas conservado todo esse veneno no coração durante tantos anos. Assassinaste os teus filhos para atingir o pai. Parece uma história tirada dum livro.

— Tu gostavas deles e eles acabaram por gostar de ti. — A voz dela é de gelo. Os dentes brilham de malícia. — É o que a mim me dá mais conforto e prazer.

— Assassina, — diz ele. — Infanticida. Oxalá os deuses dêem cabo da tua vida.

Ela volta-se para ele. — Os rapazes ficaram muito perturbados quando tu os abandonaste. Durante anos fizeram tudo para fugir à verdade. Ou seja: que o mariconço do pai se tinha posto a andar. Em miúdos eram capazes de comer uma caixa de graxa se pensassem que isso lhes traria uma hora de diversão. Bebiam litros de xarope para a tosse. Cola, comprimidos, erecções com sacos de plástico na cabeça era o que se passava. Por isso, Mull, não

me lixes com sermões. Depois tu apareceste-lhes como Deus Todo-Poderoso, deste-lhes emprego e decidiste por fim gostar dos pobres diabos. *Isso* é que os levou à bebida e à droga. Hora de agulha. Ou não reparaste? Mas depois fechaste a estação, tiraste-lhes tudo e chegaste a mostrar-lhes que gostavas mais de um merdas qualquer do que deles. E não percebes. Nunca percebes. Eles tinham um puro terror de que tu voltasses a abandoná-los. O medo faria-lhes perder a cabeça. De que na altura em que eles começaram a gostar de ti, tu fugisses outra vez, agora, com o teu príncipe indiano.

Ele não deixa que ela o veja tremer. Controla-se e volta a acusá-la:

— Tu é que lhes arranjaste o piquenique — diz ele. — O teu plano era matá-los a todos.

— Ou então foram eles próprios que puseram o droga no chá. Para morrerem e levarem com eles o teu querido. Pobres rapazes. Nem isso conseguiram fazer certo.

Mull Standish fica sozinho à espera das cinzas. As cinzas de Hawthorne são a sua própria vida. Há decisões a tomar: ser ou não ser. Enfrentas a vida, dás-lhe o teu melhor, entregas-te com toda a abertura e humanidade que tens e eis o que recibes. Um rapaz numa urna falsamente grega, outro uma casca sem conteúdo. Não era isso, não era isto que era suposto acontecer.

Abraça a urna contra o peito e cobre-a de beijos. É este o meu amado filho, no qual me revejo com prazer.

\*

A pequena galáxia que está a passar pela grande galáxia da minha história está a ser destruída, aniquilada. Antoinette Corinth e Ela fecharam a Witch e partiram para o México, para a Costa do Pacífico, vestidas de brilhantes cores tropicais, trocando um silêncio sombrio por dias cheios de sol e de ruído. Não são acusadas de coisas nenhuma. Cabe a cada um de nós decidir qual a verdade que escolhemos seguir: a verdade da tragédia, da história, a verdade medeiana de Standish, ou a versão acusatória de Antoinette ou a verdade mais sóbria da lei: inocente até se provar culpado, etc., etc.

De qualquer maneira, nenhuma versão serve de nada para Hawthorne ou Waldo.

Pouco depois da partida das mulheres, há um incêndio em Unfold Road e a loja é destruída pelo fogo. Há suspeitas, mas não provas, de fogo-posto e,

passado um prazo, o seguro paga os prejuízos. O Sr. Tommy Gin, como principal financiador, recebe a parte de leão, mas um cheque de apreciável valor é enviado para a bela vila oceânica de Zopilote, na província mexicana de Oaxaca, no golfo de Tehuantepec. O cheque é descontado, mas não se recebe quaisquer notícias de Antoinette e da sua companheira Ela. Por agora desapareceram numa impenetrável parte incerta, local onde esta história não pode chegar.

Desorientação. Perda do Leste.

\*

Durante a última fase dos chamados “anos perdidos”, a seguir à sua emergência do longo coma, Ormus Cama escreve, durante algum tempo, um diário, uma coisa aleatória, cheia de escrita automática, disparates, “poesia”, visões, conversas com os mortos e muitas ideias para canções.

Numa das primeiras passagens, Ormus descreve a alucinação que teve no banco de trás do Mini Cooper fatal, imediatamente antes do choque com o camião de estrume:

O topo da minha cabeça estava aberto como se ela tivesse explodido e ele saiu do carro e fugiu a correr. Agora já não vai voltar, porque está livre, não tem que correr pelas escadas e corredores do casino à procura duma saída, escapou-se, não sei onde ele está. Se o encontrarem, lembrem-se de que ele não é a minha pessoa. É só parecido. Não sou eu.

Outra passagem, também do princípio:

Vina, agora conheço-te melhor. Minha querida, encontrei a tua mãe assassina. Enfrentei-a e sobrevivi.

---

[51](#) Espírito da época. Em alemão no texto. (N. T)

[52](#) Guerra das Malvinas, que marcou o apogeu do regime da Sra. Thatcher. (N T)

[53](#) “Bouncy, bouncy... and like a rubber ball I come bouncing back to you.” Rushdie cita *Rubber Bali* da autoria de Aaron Schroeder e Anne Orłowski. (N.T.)

## Capítulo 11

### UM AMOR MAIS ALTO

Nos primeiros dias, quando o jardim de Inverno ainda não tinha sido transformado em clínica, Ormus foi instalado na cama da própria Spenta, ligado a balões de soro e monitores. Esta parte da casa é velha e carunchosa como a Inglaterra onde foi construída. Uma fina poeira de estuque cai lentamente sobre as faces de Ormus. Spenta sacode essas partículas com um lenço de seda de padrão indiano. Virus Cama, regressa a sua casa, senta-se com as mãos pousadas levemente sobre os joelhos num canto do quarto, numa cadeira articulada de teca preta trabalhada que pertenceu a um Recebedor de Impostos no que são agora os Estados de Maharashtra e Madhya Pradesh, ao longo do rio Wainganga e dos Montes Seeonee. Spenta contempla os seus filhos destruídos, Sono e Silêncio, baixa a cabeça e resolve pela centésima primeira vez salvar aqueles rapazes perdidos, curá-los com o seu amor. Ainda não é, não pode ser, tarde demais para a redenção: a deles e a sua própria. Reza aos seus anjos mas eles já não lhe respondem. Os filhos são agora os seus únicos anjos.

Mas Cyrus, lamenta-se ela. Para Cyrus é tarde demais.

Por toda a casa se vêem recordações da Índia Britânica. Um *Chhatri* trabalhando em espelhos está pendurado sobre uma cadeira de repouso de longos braços. Retratos da escola da Companhia, gravuras de Daniell coloridas à mão. Um serviço de chá em prata, uma cabeça de um deus em pedra, fotografias dos belos dias gastos a caçar aves e outros animais, uma pele de tigre, caixas de pedra com embutidos de prata, um armarinho de vendedor de perfumes, um órgão, tapetes, cortinados. Uma carta emoldurada de Morgan Forster descrevendo umas estranhas cavernas, de ecos prodigiosos, no flanco duma colina pedregosa.

Chega a enfermeira indiana.

Só um pouco mais tarde, depois de Spenta se lembrar quem ela é e onde é que a viu antes, é que descobrem que ninguém se lembra de lhe ter aberto a porta. Ela parece chegar do nada, deslizando, solícita, atrás de Spenta e de Standish, envergando um uniforme imaculado e engomado, azul claro e branco, com um relógiozinho preso no peito. Foi a agência que me mandou, diz ela vagamente, ocupando-se de toalhas e lençóis e examinando a ficha presa nos pés da cama do cantor em estado de coma. Spenta e Standish estão arrasados. O cansaço e o choque estão a fazer-se sentir e mesmo



quando Virus Cama se levanta da sua cadeira de Recebedor e vem puxar, preocupado, a manga da mãe, Spenta limita-se a afastá-lo e deixar-se cair sentada com a cabeça nas mãos. Standish também está perto do colapso, não tendo praticamente dormido desde a catástrofe. A enfermeira indiana baixa as luzes do quarto e toma conta da situação com uma competência indiscutível. É uma rapariga bonita, que fala bem, tem lidado com as melhores famílias de Bombaim. Fala a Spenta do tempo que passou com as freiras de Santa Maria Gratiaplana embora — apressa-se a acrescentar — nunca tenha sido freira. É talvez por essa referência que Spenta, cujos pensamentos são muito abstractos, começa a chamar Maria à recém-chegada, nome a que ela prontamente responde. Vão descansar, diz Maria: e Standish e Spenta retiram-se obedientes, seguidos de Virus Cama, que vira para trás, para a enfermeira, a sua cabeça precocemente grisalha.

Quando fica sozinha com Ormus adormecido, a enfermeira começa a falar-lhe numa voz cheia de fumo e de distância: — Até que enfim, meu amor. Embora isto não seja o nosso belo refúgio em Worli, também serve porque onde tu estiveres, esse lugar é o meu palácio e seja qual for a cama onde deites o teu corpo ela é o sitio onde quero descansar, etc., e se morreres, meu amor, eu seguir-te-ei no túmulo e no além, etc., etc., etc.

Depois recorda ao homem inconsciente o amor que fizeram no passado, as inúmeras coisas maravilhosas que fizeram juntos, as supremas provas da sua paixão, a força e a flexibilidade, para não falar do poder sensual de certos óleos naturais. O seu longo discurso é uma obra-prima de erotismo que se perderia para a prosperidade, não fora o gravador que Mull Standish instalou por baixo da cama de Ormus para o caso em que ele recuperasse por momentos a consciência e dissesse alguma coisa, fosse o que fosse, durante a ausência simultânea da mãe e do empresário. Ormus permanece silencioso mas a fita magnética absorve calmamente tudo o que Maria disse, ouvindo indiscretamente as suas intimidades, tal como ouvidas pelo imaginário “Presidente Nixon” no romance *O caso Watergate*. E, a certa altura ela, passando da reminiscência à acção, descreve ao insensível Ormus, com detalhes explícitos, os seus planos para o tirar daquela prostração despertando os seus desejos carnis. Ouve-se o tilintar de um frasco, depois o som escorregadio de mãos oleadas esfregando-se uma na outra e aplicando depois o óleo sobre o corpo adormecido.

A qualidade de som da gravação é boa. Quem a ouvir pode facilmente

visualizar Maria a subir para a cama (barulho do colchão) e já que a imaginação humana avança velozmente com as suas suposições, vejo-me obrigado a dizer que o que se ouve a seguir é o ruído de uma porta a abrir-se e as vozes horrorizadas de Spenta e Standish a entrarem no quarto por Spenta se ter subitamente recordado do rosto da ninfomaníaca que viajou com eles no avião para Londres.

Ordenou à enfermeira indiana que se vista e se vá embora, como é que ela se atreve, não lhe resta um farrapo de decência, hão-de fazer com que ela seja demitida de enfermeira, ela que cubra imediatamente os seios e o sexo e, sobretudo, que pare com as gargalhadas, pare imediatamente, não é caso para rir, vamos chamar a polícia.

O riso dela enche a gravação enquanto ela sai do quarto.

Ormus continua adormecido e, apesar das manipulações de Maria — é o que diz o relato — completamente inerte.

\*

Ela continua a aparecer. Ormus é passado para as novas instalações do jardim de Inverno e, na noite seguinte, ela aparece lá. Spenta vai ao quarto de banho por um minuto e, quando regressa, Maria, nua sob um véu negro, curva-se sobre o sexo de Ormus, os movimentos da sua boca meio escondidos pela gaze. É realmente muito bonita, muito devassa e completamente louca, pensa Spenta, mas isso não explica como é que ela conseguiu entrar. Spenta dá ordens para que seja mantida uma vigilância constante, são contratados guardas, cães são soltos à noite à volta da casa. Mesmo assim Maria consegue entrar. Uma noite Standish está de vela, lendo o último Yossarian para o ajudar a passar o tempo e, apesar do génio cómico do escritor, acontece-lhe adormecer, não por mais de poucos minutos. Quando acorda, sobressaltado, vê-a ali, oleada, nua, coberta com um véu, apesar dos cães, dos portões fechados, dos guardas, do sistema de alarme: lá está ela, desta vez montada em Ormus, cavalgando o seu sexo amolecido, movendo-se vigorosamente para baixo e para cima. — Nunca me afastarão dele — grita ela. — Eu sou o seu destino, aquilo de que ele precisa — e por aí adiante. Essa mulher (refere-se a Vina) nunca poderá dar-lhe o que ele quer, eu sei melhor do que ele o que ele quer, dou-lho antes que ele saiba que mo vai pedir, etc. Eu venho do seu mundo secreto.

— Quem és tu? — perguntou Standish, pestanejando. Está pesado de sono e tem os seus óculos de ler, do modo que tudo o que esteja a mais de

vinte centímetros dos seus olhos está desfocado e irreal. Enquanto ele se esforça por ajustar o foco, ela desaparece. Parece abrir-se uma fenda no próprio ar, ela atravessa-a e deixa de ser vista.

A capacidade do homem para racionalizar é uma coisa digna de espanto. Leva-nos até a não acreditar na evidência do que vemos. Já que aquilo que Standish julgou entrever é impossível, ele conclui que tal não aconteceu. Ela deve ter saído pela porta quando ele ainda estava meio adormecido, conclui ele. Levanta-se e olha melhor mas ela desapareceu. Standish constata mais uma falha do sistema de segurança e suspeita de uma cumplicidade interna. Aquela doida está provavelmente a comprar os favores de algum membro do pessoal, um jardineiro ou um servente. Alguém está a dar-lhe passagem e a ser recompensado, sem dúvida, por alguns daqueles actos sexuais a que ela tão livremente se entrega. Isso vai ter de ser investigado. Entretanto, não houve grande mal. Standish volta ao 'seu livro.

Ormus continua a dormir repousadamente.

\*

Mull Standish, um homem do seu tempo, procura resposta na vida do dia-a-dia. Spenta, com igual naturalidade, vira-se para o sobrenatural, teme fantasmas e recorre a sacerdotes parsi de Londres ou ao pároco local. Fogueiras cerimoniais e exorcismos são espectacularmente organizados. Depois destes ritos há períodos, por vezes muito longos, em que a rapariga indiana deixa de aparecer. Para estas ausências, tal como para as suas aparições, não se encontra explicação; Spenta, contudo, atribui-as aos esforços dos servidores de Ahura Mazda e do Deus dos Cristãos.

Depois, Maria aparece de novo e todo o ritual purificador recomeça.

Há dias em que Spenta está morta de medo. Abandonada pelos seus anjos, teme que ela e a família se tenham tornado presas do demónio. Nessas alturas procura conforto junto de Mull Standish. Sempre impecavelmente arranjado, vestindo um sobretudo de pêlo de camelo com gola de seda, ou um casaco de *vison*, mastigando discretamente um charuto, Standish naqueles momentos de aflição é uma torre firme numa terra vacilante, um homem sólido, uma árvore sem quaisquer planos para cair nos tempos mais próximos. A sua voz calma, a sua gravidade, o seu cabelo bem penteado: estas coisas tranquilizam Spenta e um brilho vem-lhe aos olhos embora ela seja sete anos mais velha e não possa ter quaisquer expectativas realistas.

No entanto, Spenta presta uma maior atenção ao seu aspecto, escova as pestanas, Hirta com ele. Standish nota o advento de um amor não correspondido mas é suficientemente amigo de Spenta para a deixar sonhar.

Apesar da sua aparente solidez, estes anos são de má sorte para Standish. O súbito desmoronamento de um edifício de escritórios em Newark, ao qual uma das suas empresas dos Estados Unidos tinha fornecido o sistema de ar condicionado, abalou a confiança nos seus negócios de construção civil. Devido ao fim da sua ligação com “Sam Tropicana”, a família do seu antigo amante vai espalhando opiniões malévolas e a Câmara Municipal de Nova Iorque começa a franzir o nariz aos seus projectos e propostas. As irregularidades do seu IRS foram sanadas, mas só depois do pagamento dos atrasados e da respectiva multa. Em Inglaterra o fim da fase pirata causou-lhe mais do que um prejuízo financeiro: fez-lhe perder uma excitação que era essencial à sua vida. Relançou a sua etiqueta de discos e ganha o seu pão e a sua manteiga a partir de investimentos em imobiliário feito durante o boom dos anos piratas.

Naturalmente, como empresário dinâmico — e não pode haver dúvidas sobre a justeza desta apreciação — continua a ter os seus esquemas e sonhos. Há *hippies* em Sloane Square que vendem ioiôs que se acendem quando sobem ou descem. Ele tem interesses neste negócio bem como em muitos outros jogos e bugigangas, pintadas com a bandeira inglesa e vendidas a preços exorbitantes em Carnaby Street. O seu talento para aquilo a que os homens do *marketing* chamam a análise de grupo leva-o a lançar uma lista de serviços intitulada *Onde há* que começa por ser um pequeno folheto pelo qual os jovens se guiam para encontrar os seus divertimentos, tanto os da maioria como os “alternativos” e cresce rapidamente até se transformar num lucrativo semanário. Para o comum dos mortais todas estas variadas actividades seriam a prova de uma saúde robusta; e robustez é a qualidade que Standish — que, ainda nos seus cinquenta e poucos anos, é uma verdadeira máquina — deseja que o mundo reconheça nele. E contudo trata-se de um homem com o coração quebrado. Se quisermos compará-lo com uma grande árvore, temos que dizer que há qualquer coisa de podre no seu cerne. Um dia, sem aviso prévio, poderá tombar subitamente. Só então os transeuntes poderão ver-lhe a doença e perceber tudo.

Quando passeia com Waldo Crossley nas margens do rio que borda a

propriedade, felicitando o seu filho pela sua habilidade em apanhar com um espeto as folhas secas e outros detritos no jardim, lisonjeando-o sobre o bem que lhe fica a libré dos Methwold e recebendo em troco o enorme sorriso patético de Waldo, feliz, desmiolado — ou quando vela por Ormus Cama, vendo no cantor em coma a sombra do seu falecido Hawthorne — então as costas de Standish endireitam-se mais que nunca, o queixo levanta-se, os olhos ficam menos húmidos. Mas ele recebeu a primeira machadada, sem qualquer dúvida. O perigo é que se Ormus não despertar, Standish também pode soçobrar num sono fatal. Os seus destinos estão ligados. À medida que passam os meses e os anos e Standish perde a esperança de um despertar, algumas malhas do seu colete de disciplina começam a dar de si. Aparece-lhe às vezes um tique, no canto do olho. Há dias em que alguns cabelos escapam à sua escova, outrora onnipotente. Quando ele está de pé, Spenta às vezes nota-lhe uma ligeira curvatura nas costas.

— Se eu fosse um pouco mais nova — diz-lhe ela quando passeiam de braço dado no jardim ao cair da tarde — podia oferecer-lhe algo que valesse a pena.

Ele entende a solidão, o eco de uma mulher de pé no quarto vazio do seu futuro e decide que não tem alternativa senão dizer-lhe a verdade.

— Eu sou daqueles — diz ele com certa dificuldade — para quem o amor das mulheres nunca teve grande sentido.

— Ótimo — diz ela, batendo as palmas. — Eu também não acho que na nossa idade, o amor faça qualquer sentido. Mas o companheirismo sim. É isso que podemos oferecer um ao outro enquanto a luz se vai apagando.

E a isto Mull Standish não sabe que responder.

\*

Subitamente Maria deixa de aparecer, talvez por ter perdido a esperança na recuperação de Ormus. Nem Spenta nem Standish o dizem, mas ambos pensam que a sua ausência é um mau sinal.

Acabaram por falar daquilo que era tabu: o prolongamento da vida. Há mais de três anos que Ormus está ligado a monitores, conta-gotas, plasma. Houve alturas em que foi necessário ligá-lo a um ventilador. Os músculos estão atrofiados, está mais fraco do que um bebé e sem as máquinas, as enfermeiras, os auxiliares, ele já não estaria vivo. Spenta pergunta a Standish o que não devia perguntar:

— Pensa, honestamente que ele vai acordar?

E Standish já não é capaz de responder com um sim convincente.

— Acho que será sempre possível organizar um acidente, uma falta de corrente, uma falha no gerador de recurso. Ou um tubo que se solta do nariz do doente adormecido ou uma agulha que se desprende da veia. Seria... como dizer... — titubeia Standish — um acto de misericórdia.

— Eu ainda acredito — suspira Spenta com obstinação. — Não sei bem em quê, num milagre. Naquilo a que podemos chamar um amor mais alto.

\*

Quando os discos Colchis lançam um 45 duplo — *Sob os seus pés/Não devia ser assim* — pelo defunto Rhythm Center, isso é entendido como um gesto de despedida, uma rendição ao inevitável. Desde o acidente, Standish tem sido categórico: Ormus vai recuperar e nessa altura retomará a sua carreira; até lá seria ao mesmo tempo macabro e mau negócio lançar qualquer disco.

Yul Singh, a esse respeito, tem sido equívoco, como de costume.

— Se é esse o seu desejo, Sr. Standish e eu não dou qualquer opinião, assim será feito. Se mudar de opinião venha falar comigo, a indústria move-se a grande velocidade — sabe isso muito bem — e nós veremos o quê e quando. Se Deus quiser que eu ainda esteja nesse lugar, talvez possa ajudá-lo.

Chega o momento em que Standish e Spenta concordam em querer que Ormus volte a cantar, uma última vez, antes que as máquinas cessem de lhe prolongar a vida e ele desapareça. Standish pede a Yul Singh que liberte os direitos das músicas; pedido que, apesar da sua dureza e dos seus avisos, o feroz patrão da Colchis — compreendendo que o pedido é uma espécie de sentença de morte — não é capaz de recusar. E o que se segue é que, para espanto de todos, o disco é um grande sucesso. E Vina Apsara, no seu quarto de um hotel de Bombaim, ouve o canto de Ormus e voa de regresso à vida dele: e salva-o.

\*

Ei-la à cabeceira da sua cama sussurrando ao seu ouvido. Eis Spenta, sem saber se há-de receá-la como outro fantasma, lamentar-se com ela da perda que ambas vão sofrer, ou se há-de ter esperança. Eis Standish, retendo a respiração. Eis, pairando como abutres, um médico, uma enfermeira, um auxiliar.

À porta, chapéu na mão, o cego Yul Singh.

— Ormus, — sussurra ela. — Ormus, sou eu.

Nesta altura, Ormus abre os olhos. Tão simples como isso. A boca treme-lhe. Ela debruça-se para o ouvir.

O médico ataca, empurra-a com o ombro:

— Desculpe. Precisamos de avaliar o grau dos danos. — Virando-se para Ormus com um sorriso profissional pergunta-lhe: — Quem sou eu?

— *Um passador de droga.*

A voz surpreende toda a gente pelo seu vigor, pelo seu tom sardónico. O médico aponta para Yul Singh, ainda à porta: — E ele, quem é?

— *Um comissário do povo.*

A seguir o auxiliar que leva nos braços lençóis e toalhas

— *Não é importante.*

— E o senhor? — pergunta o médico. — Sabe quem é? Sabe o que é que quer?

— *Vina,* — chama ele. Ela aproxima-se, pega-lhe na mão. — *Sim, agora sei.*

\*

Como deveremos cantar o encanto de dois amantes há tanto tempo afastados, separados por uma estúpida desconfiança durante dez tristes anos e finalmente reunidos pela música? Podemos dizer (já que nas cantigas não temos que temer o triste pedantismo e podemos celebrar o espírito livre mais do que a palavra limitada da verdade): eles atravessam um campo de lírios a correr e a cantar e bebem o néctar dos deuses e os seus beijos são tão belos como o céu do fim da tarde, quando a terra toca primeiro o céu e depois se transforma nele? Podemos comparar as suas carícias com o movimento do vento sobre a superfície do mar, por vezes violento, por vezes terno, e as respostas crispadas da água, tão prontas, tão potentes, gerando as vagas do Oceano? Podemos ir tão longe que falemos do amor divino, sobrepujando os outros amores e concluir que deve existir um Amante Maior olhando-nos das alturas, e para cuja paixão sem limites e enorme coração aquele par terreno volta o seu espelho cintilante?

Não, esta é a história de um amor profundo mas instável, um amor feito de separação e reencontros; um amor de infinitas vitórias, definidas pelos obstáculos que é preciso vencer e para lá dos quais grandes trabalhos esperam os amantes. Um amor de saltadores de barreiras. Os caminhos divergentes da incerteza, as fendas, os labirintos da suspeita e da traição, a

estrada inclinada que mergulha até à própria morte: é ao longo destes caminhos que este amor avança. É um amor humano.

Deixem Vina falar: ele morreu de facto naquele dia — não sabias? — conta ela, estendida nua na minha enorme cama de latão num Verão escaldante de Nova Iorque, nos meados dos anos oitenta. — É verdade — acrescenta ela com um trejeito de boca — ele sempre teve uma fantástica noção do tempo. Eu atravesso o mundo para estar com ele e é quando o sacana decide bater a bota. Durante cento e cinquenta segundos ele foi mesmo fazer tijolo, esticou mesmo o pernil. Ormus de coração parado. Desceu pelo tal túnel, em direcção à luz. Depois virou-se e voltou para trás. Terá sido por minha causa? Por ter ouvido a minha voz chamar por ele? A verdade é que ele olhou para trás e isso, sem qualquer dúvida, salvou-lhe a vida. O bip-bip não se calou, no ecrã do monitor a linha recta começou aos saltos:

— Ah doutor, ele voltou para nós, graças aos Céus, Deus seja louvado. Morreu durante dois minutos mas ao terceiro ressuscitou. Voltou a erguer-se de entre os mortos.

— Ele não voltou para nós — gaba-se Vina — voltou para mim. Não acordou até eu aparecer; para quê, se eu cá não estava? Eles sempre disseram que não havia nada de mal nele, que a actividade eléctrica do cérebro era normal, que a maior probabilidade era que ele estivesse perfeito e porreiro, só que não estava acordado. Não, Lady Methwold, não há nenhuma explicação, nestes casos ou se acorda ou não se acorda e acabou-se a história. Podia dormir durante anos, durante o resto da sua vida ou abrir os olhos amanhã. Ou daqui a vinte anos, sem saber que tinha perdido sequer um dia, esses despertares são os mais difíceis, olham para as mãos e gritam que uma doença lhes enrugou a pele, temos que decidir qual o melhor momento para lhes mostrar um espelho. E é uma decisão delicada, acreditem, há até um risco de suicídio.

Vina repete, orgulhosa: — Ele esperou por mim, a dormir todos estes anos. Nada na vida o interessava já que eu não estava ao seu lado. Depois eu apareci e macacos me mordam se ele não abriu logo os olhos. Se isto não é amor, não sei o que é. O que não quer dizer que não lhe fiz passar um mau bocado, mais tarde. Mas isso é por ele ser homem.

Apareceu um buraco no centro da cidade do México, um abismo de trinta metros de largura. Engoliu autocarros, quiosques, crianças. Durante muitos



anos os habitantes tinham sugado a água do subsolo para satisfazer a sede da grande cidade e aí estava a vingança do mundo subterrâneo. Mesmo aqui, em Manhattan, os edifícios começaram a vacilar. Alguns quarteirões a norte da minha cama de latão, uma casa começou a deixar largar os tijolos. Tiveram de lhe pôr uma rede à volta para proteger os transeuntes. Houve sempre pessoas a atirarem-se dos edifícios de Nova Iorque, mas isto é qualquer coisa de novo. É o próprio edifício que se está a atirar.

Os jornais estão cheios de novas catástrofes mas Vina quer falar das antigas. Nesse ano de semi-retirada, ela tinha começado a vir ter comigo cada vez mais frequentemente e enquanto se vai despindo não pode deixar de mostrar o seu ressentimento para com o grande Ormus Cama, da proeminência dada ao seu talento, nas histórias que se espalham acerca do fenómeno V.T.O. É este o preço que tenho de pagar para gozar dos seus favores: essa permanente Ormúsica, a sua pessoal e obsessiva Camamania. Ela vem ter comigo só para deixar escapar algum vapor. Se eu fizesse qualquer objecção, ela deixaria de vir. O sexo nunca teve grande importância para Vina. O sexo é banal, é como uma pessoa assoar-se. Ela vem ter comigo porque eu conheço a sua história. Vem cá para escrever novos parágrafos: para se queixar. Para Vina, isto é que é intimidade. Diverte-a e excita-a. Vina na cama, espreguiçando-se, virando-se, atormenta-se sabendo-me feliz — ou pelo menos, complacente — por ser dessa maneira atormentado. Tem quarenta anos e é fabulosa.

— Não nos esquecemos que fui eu que fui buscar Ormus ao mundo dos mortos — grita ela, — tal como aquela deusa hindu, como é que ela se chama, Masi.

— Râti — corrijo-a eu.

— É isso. Râti, que salvou Kama, o deus do amor. Quando Ormus abriu os olhos, a propósito, o seu olho esquerdo quase não tinha cor. Os médicos disseram que era do golpe recebido no acidente e lamentaram que a pupila estivesse “presa” na sua dilatação máxima e não conseguisse contrair-se; o olho veria muito pouco e tudo desfocado. Mas eu disse aos médicos que não era nada do acidente. Ele olhara para o fundo do túnel e a luz bateu-lhe no olho. A morte brilhando como um só olho à espera de Ormus Cama. Ele teve sorte que o outro olho ficasse são.

(E, de qualquer maneira, o olho esquerdo via muito bem. Via muito profundamente, até muito longe, via demais.)

Não a interrompo. Quando Vina começa com os seus mistérios fantasistas, só me resta deitar-me de costas e esperar que ela se desinteresse do que está a dizer, o que nunca demora muito tempo. Lá voltou ela outra vez à história de Kama e de Râti. — Contudo, sem mim ele estava frito, meu filho — continua ela referindo-se aos efeitos negativos do trovão do Deus Xiva sobre o errante Deus do Amor do Hinduísmo — sem mim ele não seria nada, não passava de um monte de cinza.

E é assim que Vina fala do grande amor da sua vida: — Quando ele acordou, eu fui o seu espelho. Viu-se a si próprio nos meus olhos e gostou do que viu. E ressuscitou.

Quando quero provocá-la, quando o monólogo sobre Ormus me começa a enfurecer, mudo para o assunto de Maria, a ninfomaniaca fantasma. Para isso começo a cantarolar a velha cantiga do *West Side Story*. Maria, começo a sussurrar, e Vina crispa-se de imediato; a pele fica mais quente — sinto a sua temperatura subir — e os seus olhos parece que fervem. Mas disfarça o ciúme classificando o caso de vergonhosa indecência.

— Queres que eu te mostre? — pergunta ela com ferocidade. — Queres que eu te faça aquelas coisas contranatura? As que ela fazia, a tal fantasma. Faz de conta que és Ormus, deita-te de costas e fecha os olhos como sempre quiseste e eu serei ela, a escrava submissa. Vais ver que gostas, Rai. Vais adorar, tenho a certeza. — A sua voz terrível, entre o grito e o soluço, faz vibrar os meus tímpanos.

— Calma, — digo eu. Um pouco assustado por aquela nua e ignóbil selvajaria. — Vá lá, Vina. Não preciso disso e tu também não.

Mas talvez ela precise, sente-se insultada pela própria existência daquela Estranha. Ódio aos Estranhos é para Vina o reflexo do amor-próprio.

\*

*A rapariga indiana, já não tentando passar por enfermeira, mas respondendo ao nome de Maria, começa outra vez a vir ter com Ormus, reaparecendo poucos dias depois de Vina o ter acordado do seu profundo sono. Contudo é discreta: a presença de Vina garante a ausência de Maria, como se isso fosse uma condição para as aparições de Maria, uma lei do seu reino fantástico. Ormus começa, ao mesmo tempo, a recear e a desejar a solidão por causa dessas visitas secretas.*

*Receando uma rejeição imediata, Maria adoptou uma estratégia do volubidade. Em vez de tirar a roupa e lhe saltar para cima, ela sedu-lo*

*com palavras, com uma conversa rápida e interessante e ele ouve-a porque desde que reabriu o seu pálido olho esquerdo Ormus começou a ver coisas que não compreende, coisas que ele tem necessidade de perceber. É como se os seus olhos contemplassem dois mundos ligeiramente diferentes, ou melhor, duas variantes do mesmo mundo, quase iguais e no entanto completamente diferentes. A visão dupla traz-lhe uma série de dores de cabeça.*

*Agora tens os olhos abertos, murmura Maria, massajando-lhe as têmporas. Ele deixa. Agora já posso vir ter contigo desta maneira, é muito mais fácil. O teu olho sabe, lembra-se. Worli, o Bailarino do Cosmos, a nossa vida no outro mundo. Esses lugares parecem pertencer a um sonho, etc., mas são lugares onde estiveste e por aí adiante. Eu sei que é difícil para ti. Agora tens de viver aqui. Eu compreendo. Tens de esquecer certas coisas para recuperares as tuas faculdades para funcionares, etc. Quanto a ela, não te merece, mas até isso eu posso suportar. Nunca mais te deixarei. O teu destino é este. Entraste no útero da tua mãe atrás do teu irmão morto e eles pensaram que tu lhes pertences. As tuas canções vão mudar o mundo. É esse o teu destino. Vais abrir-lhes os olhos e eles seguir-te-ão em direcção à luz, etc., etc. Chegou a altura de brilhares. Todos os teus sonhos vêm a caminho. Vê como eles brilham.*

*Será possível que esse outro mundo exista? — pergunta Ormus, maravilhado.*

*E se existe, pensa para si próprio, não será possível que, nesse outro mundo, esta estranha rapariga seja considerada louca?*

*As visitas dela ao quarto são necessariamente breves. Ele está fraco, convalescente, raramente o deixam só. Ela fala depressa, continua a refrear as suas paixões procurando apresentar-se como uma pessoa inteligente e educada, uma pessoa digna do seu amor.*

*As realidades estão em conflito, diz-lhe ela. O teu olho direito e o teu olho esquerdo vêem duas versões e por aí adiante. Nesta altura também se dissolve a fronteira entre o bem e o mal. Por mim, suspendi qualquer juízo moral e vivo de acordo com os mais profundos imperativos dos meus apetites, etc., etc.*

*Ele fecha o olho esquerdo, à experiência. Maria desaparece como se alguém tivesse apagado um interruptor.*

*Na visita seguinte, ela queixa-se do seu abrupto despedimento, insiste em*

*ser tratada com respeito. Estou aqui por ti e para tudo o que tu quiseres, — diz ela — mas não quero ser maltratada e por aí adiante. Sejam, pelo menos, bem educados.*

*Do que ela gosta mais de falar é de tremores de terra. Vai haver mais sismos, profetiza ela. Ormus responde que haverá sempre tremores de terra. Pois, diz ela, mas estes são diferentes. Dois mundos em colisão. Só um deles pode sobreviver, e por aí adiante. No fim este mundo vai desmoronar-se etc., e nós estaremos juntos para sempre e eu far-te-ei louco de alegria etc., etc., etc., como já deves saber.*

*Ela diz que, quando não está com ele, visita zonas sísmicas passadas e presentes, na China, no norte da Califórnia, no Japão, no Paquistão e por toda a parte; todos esses sítios onde a estrutura da Terra é posta em questão. Para Ormus, há qualquer coisa de macabro neste passatempo e no lirismo com que ela descreve estas enormes tragédias. Ela fala da Terra a começar a cantar e a abalar as casas das pessoas como se fossem cadeiras de baloiço. A violenta canção de embalar da Terra, não para fazer os homens adormecer, mas para os levar para a morte. Passou muito tempo na Turquia, viajando por regiões remotas — Tochangri, Van — e a Índia também lhe dá muito assunto de conversa: a devastação de Dharmasala e Palampur aos princípios do século, e a sorte que Lady Curzon, a mulher do Vice-Rei, teve em Simla quando uma chaminé caiu sobre o seu quarto e não lhe causou uma beliscadura; e também o sismo de Monghyr em 1934 quando lama sulfurosa e água jorraram aos borbotões por grandes buracos, como para provar a existência do inferno e as autoridades locais tiveram de contratar o Circo Voador do Capitão Barnard para sobrevoar a região e avaliar os estragos.*

*As grandes fendas nas ruas de Orléansville, na Argélia, o maremoto que se abateu sobre Agadir, o outro que afogou Messina, o colapso de Manágua e a fuga de Howard Hughes, a catástrofe de Tokyo-Yokohama de 1933, a instabilidade endémica do Irão e o estranho comportamento de Sir J. A. Sweetenham, governador inglês da Jamaica, que recusou o auxílio da Marinha americana depois de Kingston ter sido arrasada em 1907. Sobre tudo isto ela informa impiedosamente o seu aflito bem-amado, com detalhes demasiado sinistros.*

*Na base de todos estes terremotos está a ideia da falha, diz ela. A Terra tem muitas falhas, evidentemente, milhões delas figuram aos mapas, etc.*

*Mas as falhas humanas também provocam tremores de terra. O que está para vir é um julgamento.*

*— Agora tenho a certeza que ela está louca — pensa Ormus, mas mantém-se calado.*

*Os terremotos, explica Maria ansiosamente, são os meios pelos quais a Terra se castiga a si própria e as populações pelas suas torpezas. Apesar das suas declarações contra a existência duma moral universal, ela transforma-se, quando se entusiasma, numa enérgica pregadora de inferno e das suas penas, terríveis, incutindo em Ormus o seu escaldante evangelho...*

*Recorda uma utópica idade do oiro em que não havia terremotos, porque o mundo estava em paz, não havia versões em conflito, a Terra não tinha a actual e trágica característica da irreconciliabilidade. A própria litosfera, explica ela, estava intacta, mas passou a ser gradualmente deformada pelos lentos movimentos do interior do planeta e por aí adiante. Esse escaldante interior, lembrando um caldeirão, pode ser considerado o pecado original da Terra, a sua Primeira Falha, e os sismos são as suas consequências. Agora é tarde para sonharmos com qualquer regresso a esse primitivo estado de graça e de equilíbrio. Tarde demais para reconciliar a Terra consigo própria. Temos de nos preparar para os movimentos telúricos, o escorregar das placas, os maremotos, os desabamentos, o abalar das cidades, etc., etc., o esmagamento do que existe. Devemos prepararmo-nos para choques, para a fragmentação do planeta que continua em guerra consigo mesmo, para as partidas finais da autocontraditória Terra.*

*As Falhas Humanas também causam terremotos. Nas visitas seguintes, Maria retoma esta sua feroz ideia. Na sua opinião há certas pessoas nas quais é visível a irreconciliabilidade do ser; nas quais as contradições do real mais parecem uma guerra nuclear; e é tal a força de gravitação dessas pessoas que o tempo e o espaço são atraídos para elas e deformados. Há zangas, lágrimas, choques, incompatibilidades. Elas não são responsáveis pela deformação do Universo, mas são os instrumentos, através dos quais essa deformação é clara e terrificamente revelada.*

*Na opinião dela, Ormus Cama é uma dessas pessoas.*

*A respeito da Vina, Maria não diz nada.*

*Já falou bastante. Agora tem outros planos e avança para Orimus. Ele*

*está na cama, fraco demais para lhe resistir e ela sabe que lhe desperta o interesse. Desta vez ele não vai recusar.*

*Ormus fecha o seu olho.*

\*

Passaram quase catorze anos desde a nossa primeira noite de amor em Bombaim e Vina esta, como sempre, nua na nossa cama, sem sequer um lençol a tapá-la. É mais uma bela adormecida à espera do seu príncipe (não eu, não eu) que há-de chegar.

Em meados dos anos 70 fotografei um grande bailarino russo que, em França, tinha fugido do Kirov, correndo para um grupo de soldados e gritando “*Help to me! Help for me!*” em inglês macarrónico, perseguido pelos gorilas da KGB. “*Help by me. Help with me*<sup>54</sup> “. Pouco depois da sua fuga o ter levado a Manhattan, para onde todos nós acabamos por fugir, ele encontrou o caminho para o meu estúdio, embrulhado em peles, como um urso pern longo e fala-barato. Coloquei-o em frente de um lençol branco e apontei-lhe uma velha máquina fotográfica de chapas de 8x10. Ele era certamente a criatura mais bonita que eu jamais vira, o mais belo homem sem qualquer dúvida. Por isso e com a ajuda do vinho branco (não foi muito), convenci-o a tirar primeiro as peles e depois cada vez mais roupa até ficar triunfantemente nu e encantado de o estar. Disse-lhe para baixar a cabeça e deixar os braços pendentes e soltos. Depois, foi para levantar lentamente a cabeça e, ao mesmo tempo, erguendo os braços até os afastar do corpo. Era essa a forma que eu queria, ele tinha que aguentar a pose, a exposição tinha um segundo a mais e a profundidade de campo era um problema. Ele fez o que eu pedi e quando a sua forte cabeça se levantou, vi que tinha os olhos fechados, estava perdido numa rapsódia de amor por si próprio, tão profundamente que ao levantar os braços teve uma longa e feliz ereção para inesperado benefício da minha câmara.

*Love by me. Love with me, to me, for me. Love of me.*

O amor de Vina por si própria não é menor do que este.

Aqui vai uma das coisas que ela realmente me cantou, como vingança de eu ter cantarolado a canção de Bernstein e ter levantado o assunto proibido de Maria, a sua rival da realidade alternativa: — Rai: (Isto é a introdução falada) *pensas que és uma estrela do caraças. Deixa-me que te diga o que realmente és. (Agora começa a canção.) — Tu és um merdas e eu gosto de classe. Eu gosto de diamantes e tu és plexiglass. És um ratinho e eu gosto*

de ratazanas. Tu és um gatinho capado e eu gosto dos gatarrões velhos.

Lá porque conseguiste esta dança não penses que te vou dar sorte.

(Fim da canção.)

— Rai, tu és um hamburger e eu tenho bifes em casa. Tu não és o que eu quero, nunca foste e nunca serás. Eu sou uma mulher de apetites. *Quero mais do que aquilo que desejo.*

Sabes o que é que queres? — perguntaram a Ormus por duas vezes. A mim nunca me perguntaram, mas se tivessem perguntado, tinha a resposta pronta. Aprendi-a com o mestre mais exigente do mundo.

\*

O vento agita os salgueiros e talvez haja um ratão d'água, a fugir para o seu buraco. Está um dia agradável, com uma brisa ligeira, e vêem-se remadores no rio em “sculls” preguiçosos, ou a remarem vigorosamente, em “shells” de oito. Flâmulas ondulam quando passam barcos de recreio. Sob as velas tensas, rapazes em matelot<sup>55</sup> descansam ou conduzem os barcos. A bordo dos gasolinas, todos descansam. Blazers de botões de cobre, calças de um branco impecável, longas pernas nuas de raparigas bonitas. Ouvem-se “pops” de garrafas a serem abertas. Ovos de codorniz, salmão fumado sobre fatias de pão de centeio. No rio as pessoas acenam umas para as outras ao cruzarem-se e se é realmente Jesus Cristo com umas palhinhas que vai naquele bote, também ele é bem-vindo, também merece esse momento de abençoada beleza, esta paz inglesa dos livros ilustrados.

A guerra parece estar muito longe.

Spenta desce por um caminho até à beira-rio, passa por um maciço de flores azuis, por Waldo Crossley que apanha folhas secas, e por um grande carvalho, onde o velho malandro de Castlereagh gostava de descansar. Ele matou-se quando estava na casa que agora é a dela, cortou a garganta de orelha a orelha e saiu da casa de banho, sangrando até se esvair por aquele segundo sorriso letal. Apesar do fantasma do morto, aquele é o passeio favorito de Spenta, ao longo da milha e meia de rio que lhe pertence e arranjou a mania de falar com o seu primeiro marido enquanto toma ar.

Como tu gostarias, Darius de seres o guardião destes momentos históricos, deste rio, e, oh Darius, sentires esta felicidade. A vida venceu a morte e até a mobília festeja isso. Os velhos e sombrios sofás de couro estão a brilhar e os antepassados de suíças posando nas suas sobrecasacas ou lá o que é, deixaram a sua severidade e abriram-se em sorrisos.

O nosso filho voltou para nós e o mundo inteiro está em flor.

Os grandes deste país, Darius, vinham para aqui, para fazerem o que lhes dava na gana, pensando estar ao abrigo de qualquer inspecção ou crítica. Lord Methwold era um anfitrião condescendente: nos seus melhores anos, ofereceu os mais requintados prazeres aos seus ilustres convidados. Mas o velho sabido Lord Methwold acabou por se sentir só e cansado e casou com uma viúva parsi. Depois disso, as personalidades acharam a casa inadequada para os seus desportos favoritos e o carnaval mudou-se para outro lado. Nada de brincadeiras esquisitas debaixo do meu tecto, Darius, prometo-te.

Mas diz-me: um terceiro casamento será prova de relaxamento moral? Especialmente, e por exemplo, com um homem mais novo? Mesmo se esse senhor não mostra grande interesse por nós?

Ao levar Darius com ela, ao lisonjear o seu fantasma e ao procurar a sua aprovação, Spenta mitiga um certo sentimento de culpa. Ela agora possui aquilo que ele mais ambicionou na sua vida. Uma propriedade em Inglaterra, talvez mesmo uma naturalização. — Durante a tua vida, Darius, resisti a isso e tu nunca tiveste o que querias e agora sou eu, em vez de ti, que alcancei essa ambição. Se passeio por estes campos contigo, se te conto as histórias lá de casa e as torno tuas e não só minhas, é para que me perdoes, meu verdadeiro marido, meu amor. Estás a ver que má mulher eu fui. A todos peço perdão. A ti e aos meus filhos.

Deus seja louvado. O nosso filho Ormus voltou.

Darius, ele está acordado mas vamos perdê-lo em breve. Ele não voltou para nós. Meu Ormusinho querido. Meu camarãozinho.

\*

— Vem olhar para esta merda — troça Vina no terraço, vendo lá em baixo Spenta e o esplendoroso Tamisa. Ormus já anda, devagarinho, com uma mão no ombro dela. Ele, que tinha tanta beleza no andar, move-se agora como uma marioneta bêbada. Vina continua: — É um museu. O mundo antigo. Para um tipo como tu, um lugar destes é a morte em vida. Não espanta que estivesse em coma. Mas já estarás liberto? Na tua idade já chegou a altura de abandonares o Império Britânico.

Vêm-se borboletas, pássaros, coretos espalhados pelo bosque. Vina, volúvel, impaciente, faz este jardim tão cuidado, estes campos tão bem tratados parecerem uma selva, uma África de palhotas.



— Vamo-nos embora, Ormus. Sinto-me mal aqui. Foge comigo.

— Há uma canção sobre sermos atraídos pela servidão — objecta ele. — Fala de decepções e de mentiras. É muito irónica.

— A Inglaterra é uma armadilha — diz ela. — Tu és um americano. Sempre foste.

Começa a cantar sobre as diferenças que separam a América da África. América, onde misericordiosamente não existem leões, tigres, ou mambas negras venenosas. É a primeira vez que ele canta desde que saiu do coma.

— Sonny Terry e Brownie McGhee já falaram disso — diz ela, virando-lhe as costas, para que ele não veja as suas lágrimas. — Tens que os ouvir. Newman também escreveu, mas aqueles rapazes fazem doer.

Vina desfaz o nó na garganta e volta febrilmente ao ataque: — Ormus estás aqui preso, mas isso foi um acidente e já não tens que ficar nesta casa. Ou ficas aqui e eu não vou resmungar por passares ao lado do resto da tua vida, sem esquecer a gratidão, que eu esperava de ti, que te pusesse de joelhos à minha frente. Tens de cruzar o grande Oceano e saltar para aquela panela quente. Tens que te tornar Americano por tua própria vontade e ao tornares-te Americano aumentas a variedade possível de Americanos. Estou a falar da América em geral? *Ok*, então de Nova Iorque em particular. Quando passares os teus dias em Nova Iorque e tu és um cantor de Bombaim a cantar música de Bombaim, ou um taxista voodoo com macacos no sótão, ou um bombista de Montana, ou um islamita barbado de Queens, ou o que te passe pela cabeça: essa é que é a mentalidade de Nova Iorque.

Claro que há Americanos que tu nunca poderás ser, os finassos de Boston, os filhos de donos de escravos de Yoknapatawpha, ou aqueles pobres diabos dos shows de confissões públicas das emissões da tarde, aqueles homens gordos com camisas aos quadrados sentados ao lado de mulheres gordas mostrando demasiado as coxas e desnudando grosseiramente as suas almas desastradas. Lá porque eles não se lembram da sua História, não quer dizer que os Americanos não a tenham, ou que não queiram repeti-la. Tu nunca serás desses, lá isso é certo. Mas também não precisas disso para nada. Se disseres mal as coisas, elas passam a ser a linguagem dos Americanos. Não sabes nada de nada, mas isso também virá a ser um tipo americano de ignorância. Não é dos nossos, é uma velha tradição americana, percebes, o modo de vida americano. Nunca serás uma criança num buraco maldito da

Virgínia nem verás a tua mamã a baloiçar numa trave do celeiro, mas deixa lá, tens as tuas próprias histórias de horror. Não queres ser como eles? Podes fingir, podes começar a discutir nos bares sobre o jogo dos Yankees ou a crise dos Mets, podes jogar no “lembras-te quando?” É um jogo que se aplica aos Brooklyn Dodgers, à Broadway do Damon Runyon, ao Greenwich Village dos anos 50, ao nascimento dos blues. É como quando te amputam uma perna e tu ainda lá sentes comichão. Mas ao contrário: podes começar a sentir comichão em pernas que nunca tiveste e se fingires que as tens o tempo suficiente, então, meu filho, aí está um bom velho fingimento americano, podes andar nessas pretensas pernas e elas levam-te onde tu queres sem quaisquer muletas, porque sabes lá, metade das pessoas está a fingir tal como tu e a outra metade não está. Mas não há qualquer maneira de distinguir quem está ou não está a fingir. Portanto, Ormus, recupera as tuas forças, ouve o que te estou a dizer, levanta-te dessa cama e não andes daqui para fora, voa, merda! Comigo, a América começa hoje.

Fffin... pensa ela, exausta e espantada da veemência da sua propaganda. Mas se eu não o tiro daqui rapidamente, estou feita, porque continua a respirar este ar vai-me fazer morrer sufocada.

\*

Vina tem estado em guerra com Spenta desde que chegou. Mãe e amante rodeiam Ormus na sua cama como se fossem pugilistas e ele o árbitro.

– Toda esta tecnologia – diz Vina com desdém apontando para todo o equipamento médico. – Pode ser bom para arranjar os dentes mas não percebe nada, não explica nada e, por isso, não consegue nada.

— O melhor que se pode comprar. E manteve-o vivo – replica Spenta chorosa e sem saber porque está tão humilde e tão agarrada a uma postura defensiva.

– Desequilíbrio dos *doshas* – diagnostica Vina. – O que interrompe o fluxo da *prana*, da sua energia vital, e refreia o fogo do corpo. Esse fenómeno provoca a produção de *ama*. Toxinas. Devemos concentrarmos na *panchakarma*: temos de o purgar. Examinarmos bem as suas fezes, a urina e o suor. Essas três *malas* são a chave de tudo.

– O que é que estás a dizer? – indigna-se Spenta. – Que palavras.

– É a sua cultura, – troça Vina – o maior e mais antigo sistema holístico. Não sabia? Os cinco elementos básicos: Terra, Água, Ar, Fogo e Éter.

– Ah, o *Ayurveda*<sup>56</sup>. – Spenta parece aliviada. – Pois, minha filha, eu sei

que muitos de vocês, os jovens, estão de novo interessados nessas velhas ideias, mas elas nunca pertenceram à nossa doutrina zoroástrica. Eu pessoalmente, tal como o falecido pai de Ormus, ponho a minha confiança na Medicina Ocidental. Desenvolvida, tal como tu, minha querida, só aqui no Ocidente.

— E eu trato de tudo — diz Vina, sem fazer caso. — Vou precisar de massagistas e ervas medicinais. Quando ele estiver mais forte vou-lhe ensinar yoga. Exercícios respiratórios também. E uma dieta estritamente vegetariana, ok?

— A carne é boa para os músculos — protesta Spenta. — E o peixe para o cérebro. É com certeza melhor deixar esses assuntos ao cuidado de médicos profissionais. Deve ser melhor seguir o regime dum especialista para que ele recupere bem.

— Os médicos foram porventura capazes de o acordar? — ataca Vina. — Os especialistas serão assim tão especializados? Okay. Já é altura de alguém se ocupar das coisas que dão resultado.

— Talvez, filha, talvez tenhas razão.

— *Rasayana*, — receita Vina com firmeza. — Fará dele um homem mais novo.

— O que é isso?

— Banhos de sol — diz Vina. — Ervas medicinais e meditação yoga. E cânticos.

— Cânticos — repete Spenta, sem qualquer esperança. — Porque não? Ele sempre adorou cantar.

Não é uma disputa acerca de medicamentos mas uma guerra entre gerações. Spenta acha que já perdeu e fica sem armas para combater. Contudo, inesperadamente, a artilharia pesada vem em seu auxílio. O enorme e desconjuntado Patangbaz Kalamanja, num fato preto largueirão vem trazer más notícias: Dolly morreu. Duma trombose que abriu caminho até ao seu inocente e generoso coração.

Aquele tremor de terra soltou alguma coisa dentro dela, opina Pat, com o seu bondoso sorriso que a dor transforma em esgar. O sangue voltou-se contra ela e transformou-se no seu próprio assassino, não acham?

Ele dava a impressão de estar a descrever um assassinato na família e era isso que ele sentia: o próprio sangue voltando-se contra ela e matando-a. E censurava-se, evidentemente. Todo este tempo me ocupei dos negócios e

descurei aquela frágil mulher, lamenta-se ele, parecendo um panda perdido de amor. Ela tinha Persis, claro, mas esse maldito marido da nossa filha, estava sempre em Wembley, preferindo viver como um ricoço. E agora ela morreu! Para que é que me serve o Dollytone sem a minha querida Dolly?

A casa de Wembley foi colocada à venda. Caracteristicamente, Pat só tem boas palavras para o país que vai deixar. Não há nada como a Inglaterra, diz ele com firmeza.

Estão os dois no terraço sobre o jardim e Vina vem ter com eles. Pat Kalamanja perturbada com a chegada da mulher cujos encantos se sobrepuseram aos da sua filha bem-amada. Fica crispado quando Spenta faz as apresentações. Vina dá-lhe os pêsames convencionais e depois, incapaz de dominar os seus impulsos, pergunta se a falecida Dolly vivia e comia de acordo com os princípios do vegetarianismo e da medicina tradicional; e acrescenta, imperturbável, que se Dolly tivesse sido rigorosa talvez não sucumbisse ao coágulo que a matou.

A visão de um Patangbaz Kalamanja encolerizado, vermelho como um tomate e agitando os braços é realmente muito rara; é esse surpreendente Pat que ataca Vina sem qualquer cerimónia. Quem é você para falar de sabedoria antiga? Uma cantora barata, não é? Mas esse tal Ayurveda que você segue opõe-se expressamente — diametral e inalienavelmente — à sua vida de deboche: música, drogas, televisão, agressões sexuais, filmes excitantes, pornografia, estéreos pessoais, álcool, tabaco, a excitação física do roçar dos corpos nas discotecas. Todo esse material degradado preenche a sua vida pessoal, não é verdade? Tem o atrevimento de falar em dieta vegetariana quando toda a sua vida é uma abominação?

Quase tão raro como o espectáculo de Pat zangado é o de Vina, muito corada e quase sem resposta: — É verdade que eu sou uma cantora — diz ela, sacudindo a cabeça como se tivesse apanhado um soco. — Mas então o senhor? Como fabricante de rádios, etc, não devia...

— Tu só procuras excitantes para encheres um vazio provocado pela insegurança — diz Pat Kalamanja enraivecido. — Só uma pessoa viciada procura uma vida tão baixa. O que tu tens, se calhar, são desejos insatisfeitos numa vida passada.

— Pat, acalma-te. — Diz Spenta, sentindo-se obrigada a intervir em defesa da sua rival.

— Maus tempos, estes — ruge o grande aventureiro da Dollytone —

*Kalyug*, a era da destruição! Estamos a assistir à degeneração das espécies e da própria sabedoria. O universo avança por imagens de espelho e cada conjunto de imitações e réplicas é menos do que aquilo que copia. Mesmo na minha querida Persis apenas vejo um eco da minha Dolly. Darwin! Evolução! Tudo uma vergonha!

— Estranha coisa para dizer da sua filha — objecta Vina, recompondo-se.

— Tu cala-te! — berra Pat Kalamanja. — Deixa a sabedoria sagrada da Índia dentro das suas fronteiras. O que é a sabedoria? É o espírito de Vishwaroop, a Entidade Cósmica. É a consciência universal. Afasta-te de tudo isto, tu *és um virus!*

— Vamos embora — diz Spenta brandamente, agarrando no cotovelo do seu amigo. — Vina não deve ser o alvo da tua raiva. O destino trouxe-te um golpe terrível, e deves esforçar-te por compreender isso. Não é altura de te deixares ir.

Patangbaz está ainda a tremer. Já não é o deus da ira, mas um viúvo abatido, a desfazer-se pelas costuras. — Também devias voltar para a Índia, — aconselha ele, enquanto se afastam de Vina. — O que é que te prende aqui?

— Darius está cá — responde ela. Estou a viver neste Paraíso e ele está felicíssimo, ao meu lado. Passeamos e conversamos. E eu sinto-me feliz.

— Em toda a parte do mundo há mulheres solitárias por causa de homens que partiram e não voltaram — diz Pat Kalamanja pensando em Persis. — E homens também — acrescenta — à espera de mulheres que se foram embora. A vida é uma telefonia avariada e não há boas canções.

— Vai ter com Persis — diz Spenta, dando-lhe um beijo na face. — Apega-te ao amor, enquanto podes. — Ele tem pelo menos a filha, pensa ela. Mas ela, uma vegetariana imoralista, cuja determinação é agora duas vezes maior, começa a pensar em desaparecer com o seu filho.

\*

Já lá vão dez anos, mesmo mais. Red Nichols morreu e os Five Pennies já não valem um tostão. Quando Ormus e Vina falam de amor, estão a perseguir fantasmas. Mas o corpo lembra-se, ainda que se transforme. Eles recordam os movimentos do outro, as suas necessidades, o cheiro, o toque, os excessos de cada um.

Há também o esquecimento. O regresso dela, o despertar dele: eles sentem-se como se tivessem viajado até uma cidade que visitaram em

sonhos. E há bairros inteiros que eles não conhecem.

Preparam-se para se conhecerem de novo um ao outro mais uma vez.

Tenho estado só. Mesmo quando há um homem na minha cama; talvez sobretudo nesse caso. Tu não sabes, insiste ela. Não fazes sequer ideia. Uma mulher sozinha nesta profissão é presa dos assassinos, dos ladrões, dos violadores. Às vezes não pagam o teu trabalho. E depois de te roubarem, exploram-te, caluniam-te, chamam-te puta.

Não queiras saber o que é que eu fiz. Dancei nua em espeluncas do Midwest. Vadios dos bares de Atlantic City puseram-me as mãos em cima, mas eu sempre soube que era uma rainha no exílio, tinha essa força em mim. Porque estava à espera? Por saber que o meu reino havia de chegar. Eu sabia que um dia os pobres me pediriam dinheiro e eu diria que nem pensassem, eu já me vendi, agora é a vossa vez. Pessoas. Sempre a agredir-nos, sempre a atrelarem-se a nós.

Ele diz brandamente, parece que viveste cem anos.

Duzentos, responde ela. Recuo um século e oiço a feiíssima Ma Rainey a pregar a doutrina do Não-Confies-Nos-Homens e avanço outro século até uma espécie de gatinha espacial flutuando sem peso à volta da lua e eu a cantar num estádio no céu. Sentei-me aos pés de Memphis Minnie (ainda estará viva?), um enorme balão numa cadeira de rodas. Ela deixou de chorar o tempo suficiente para se gabar de tocar guitarra melhor do que Broonzy e de me ensinar os Minnie-Jitis. E o que a Billie Holiday disse de si própria, também é verdade a meu respeito. Aos dezasseis anos eu era uma mulher. Agora sou tão velha como o amor.

Ele tropeça pelos jardins, esforçando-se por recuperar a sua força perdida, a graça do seu andar.

Quero o meu homem, sussurra ela. Quero o meu homem. Não quero um homem esquelético, não quero um gordo, não quero um homem que se preocupe com essas coisas. E não o quero zangado, não o quero mesquinho, não quero um rebuçadinho nem um pêsego nem um bonitão. E encontrei o meu homem. Encontrei o meu homem.

A tristeza é um outro nome de não termos o nosso lugar. A tristeza é olharmos para o planeta Terra quando estamos presos no espaço sideral. Agora que já te encontrei, querido, posso deixar a tristeza para trás. Posso pôr os meus braços à tua volta e acalmar o meu espírito perturbado. “Rock and Roll.” Eu era meia pessoa, ele tornou-me inteira, se ele é uma ponte eu

pagarei a devida portagem. “Rock and roll.” O meu amor ensinou-me o “rock and roll.”

Para restaurar a energia de Ormus, Vina fá-lo beber sumo de aloés e ensina-lhe exercícios respiratórios de yoga. O que mais a preocupa são as vibrações dele. Ela obriga-o a pousar a mão aberta sobre uma tábua e aproxima-lhe um pêndulo de cristal. Imediatamente o pêndulo começa a balouçar loucamente, percorrendo no ar intrincadas trajectórias, como que sujeito a um campo de forças de intensidade inimaginável. Ela agarra o pêndulo embora não devesse fazê-lo. Tinha que ser, explica ela, senão ele partia-se em mil bocados. Não poderia suportar a violência que emanava de ti. Não sei o que é que tens em ti mas é mais forte do que uma bomba atómica.

\*

Três de nós partimos de Bombaim em direcção a Oeste. Dos três foi Vina, para quem se tratava de um regresso, a primeira a ser apanhada pelas mandíbulas trituradoras da fome espiritual do Ocidente, pelos seus abismo de incerteza e se transformou numa tartaruga: uma carapaça dura cobrindo entranhas cheias de lodo. Vina, a radical, a terrorista da palavra, a fora-da-lei, a mulher de extremos: abram-na e encontrarão cristais e éter, encontrarão alguém que esperou ser um discípulo a quem mostrassem o caminho da rectidão. O que era parte do poder de Ormus sobre ela, e do poder da Índia também. Quanto a mim ela achou-me anómalo, um parvo esperto, uma acusação que ela bem poderia aplicar proveitosamente, a si própria, mas nunca o fez. Rai, o Indiano não Indiano, o oriental sem vertente espiritual: ela precisava de me conquistar, mostrar-me a verdade acerca de mim próprio, que, segundo a sua opinião fortemente expressa, eu me esforçava por negar. E, por isso, ela continuava a vir ter comigo, balançando entre a cama de Ormus e a minha.

E também, claro, gostava de sexo ilícito. *Quero mais do que aquilo que desejo.*

\*

Quando Ormus tinha força suficiente para fazer amor, fazíamos turnos, eu e ele, à roda da cama, recorda Vina. (Neste momento sou eu que estou na cama e apanhei uma barrigada das ormusices de Vina, mas não consigo calá-la, nunca ninguém conseguiu.) Éramos como duas marionetas magnetizadas. Como dançarinos num baile de máscaras, só que nus.

Vina, por favor, já é tarde.

*Okay*, mas olha que era assim mesmo. Naquele instante, que devia ser um momento de felicidade, estás a perceber, depois de tudo, ambos percebemos de repente, por assim dizer, que temos um problema em confiarmos um no outro.

Porque é que isso há-de ser um problema entre nós, penso eu, encostando os meus lábios ao seu mamilo pouco interessado. Porque é que vocês os dois — mmff — teriam qualquer coisa para discutir — ffwpp — nesta matéria. É tão bom — mmhm, mmhm.

Estes murmúrios sarcásticos, como deveria ter calculado, provocam um discurso de Vina. O seu significado mal escondido — tu é que quebraste a promessa, menina, tu é que o deixaste e a tua presença aqui no meu quarto parece-me uma boa prova disso, infidelidade é o teu segundo nome — fê-la dar um salto na cama, meter os dedos na espessura dos cabelos, como que à procura duma arma. Vina é capaz de discorrer durante cinco minutos — ou durante vinte minutos — sobre qualquer assunto, seja ele qual for e eu sou mimoseado, juntamente com muitas exclamações que não transcreverei, com um improviso acompanhado de variações bem articuladas sobre o tema da confiança, partindo, como é seu hábito, do geral — a confiança como um aspecto da modernidade, a sua possibilidade e necessidade nascidas da nossa libertação da tribo para o individualismo — para o particular, nomeadamente para a confiança que existe ou não existe entre ela e Ormus; e, perifericamente, entre ela e eu.

A presumível e permanente ruptura de confiança entre homens e mulheres: há muito tempo que isto perdeu a originalidade, ainda que se admita que ela tem razão, como uma das primeiras mulheres a praticar essa ruptura e a reivindicá-la aos gritos, antes que se instalasse a sua prática geral. Igualmente desinteressante é o seu argumento de que as mulheres já não olham para os homens como indivíduos, mas como produtos e repositórios da história ignóbil do seu sexo. E a seguir dá uma volta ao discurso: se os homens já não são apenas indivíduos (e as mulheres também não), então não podem ser responsabilizados pelas suas acções, já que a responsabilidade é um conceito que apenas pode existir no contexto moderno do indivíduo autodeterminante. Como produtos da história, como meros autómatos gerados pela cultura, estamos excluídos da questão da confiança uns dos outros, porque ela só existe onde existe responsabilidade.



Professora Vina. Creio lembrar-me que ela acabou por ser nomeada professora honorária de uma das mais recentes disciplinas numa pequena e elegante faculdade de artes liberais em Annandale-on-Hudson. E lembro-me perfeitamente dos estranhos anos em que ela foi conferencista itinerante. (Isto foi quando o VTO deixou de se exhibir em público e antes do seu fatal regresso a solo.) Ela entrou no circuito universitário com as suas “chautauquas”, uma palavra que ela roubou do best-seller “Zen”, de Robert Pirsig e reciclou para descrever uns prolongados serões que eram uma mistura de discursos ideológicos, episódios cómicos de cabaré, confissões autobiográficas e canções arrebatadoras. A autêntica e original “chautauqua” era uma reunião de Peles-Vermelhas. Mas Vina nunca foi boa em discussões nem se preocupava muito com autenticidade, que ela considerava um noção perigosa que devia ser “desconstruída”. As suas “chautauquas” eram, no fundo, monólogos improvisados cujos parentes mais próximos são as sessões orais narrativas dos grandes contadores de histórias indianos, que ela gostava de descrever como verdadeiros habitantes da verdadeira Índia, pondo-os acima dos Índios peles-vermelhas; e como isso fazia parte da sua magia e a tornava na figura colossal em que se transformou, tais declarações não provocaram nenhuma reacção defensiva por parte dos Índios americanos — pelo menos publicamente.

Lembro-me de ter fotografado rostos encantados de jovens universitários ouvindo, em adoração, essa grande sobrevivente de tempos heróicos que andava dum lado para o outro no palco ataviada dos mais desvairados símbolos étnicos, mojos, caftans, penas de quetzal, peitorais clássicos, marcas de iniciação, revelando detalhes chocantemente explícitos da sua própria vida, dos seus altos e baixos, das suas aventuras sexuais e os seus encontros políticos (por vezes estes aspectos estavam pitorescamente ligados como, por exemplo, a sua descrição de um fim-de-semana no abrigo privado de um ditador das Caraíbas com barba a mais e queixo a menos). Sem aviso, ela electrizava o seu jovem público passando da anedota a cantos *a capela* de hinos religiosos, *blues*, jazz scat à Ella Fitzgerald, macias onomatopeias de bossa-nova e trechos de rock, a voz da Nossa Dona, o seu verdadeiro presente para todos nós, um instrumento que, literalmente, era bom de mais para este mundo. Literalmente, de morrer.

No palco ou na minha cama, a Professora Vina era um dos mais impressionantes alteregos de Vina; era um espectáculo, mas mesmo quando

eu ouvia em silêncio o estrondo belicoso dos seus argumentos, não podia deixar de notar as fendas e abismos que ela procurava ocultar, as divisões da sua alma, nem de pensar que Maria, a ninfomaníaca desaparecida, tinha razão quando falava da nossa irreconciliabilidade interior, a contradição tectónica que nos atingira a todos e começava a despedaçar-nos como à própria Terra instável.

Professora Vina e Vina de Cristal, Santa Vina e Vina Profana, Vina Marginal e Vina Ecológica, Vina das Mulheres e Vina Máquina de Sexo, Vina Estéril e Trágica e Vina da Infância Traumática, Vina Chefe que iluminava o caminho de uma geração de mulheres e Vina Discípula que chegava a pensar que Ormus era Aquele que ela sempre buscou. Ela era tudo isto e muito mais e em tudo visava sempre alto demais. Nunca houve uma Vina Apagada para se opor à Vina dos Gritos e dos Extremos.

É por isso, lembrem-se, que as pessoas gostavam dela: por fazer de si própria a encarnação das perturbadas identidades dos outros, mas levada ao extremo ou, melhor, às grandes alturas: do talento, da promiscuidade, dos escândalos, autodestruição, da inteligência, da paixão e da vida. Vina Mais Alta, engendrando na multidão um amor semelhante, também mais alto, mais inteiramente terreno.

\*

No que toca às particularidades, o tema da confiança entre Ormus Cama e ela própria, um assunto em que eu próprio tinha um papel significativo ainda que periférico, Vina usa as suas retorcidas teorias sobre a determinação das suas numerosas infidelidades e deserções. A pobre rapariga não pode fazer nada, é a isso que se resume a sua posição, quando pomos de parte as palavras mais difíceis.

Aquilo que é a sua profunda natureza quer provenha da história ou dos seus genes ou da sua política sexual, o que, no fim de contas, não tem grande importância. É como se a Olivia Palito se apropriasse da frase-chave de Popeye, o Marinheiro: *Eu sou o que sou e é isso que eu sou*. É como todas as justificações para as suas infidelidades que os homens usaram desde que o mundo é mundo.

Aceita-me como sou ou deixa-me, dissera ela; e Ormus ficou com ela — o irascível Ormus por cujo amor tantas mulheres tinham sofrido, e por quem a belíssima Persis Kalamanja sacrificara todas as suas esperanças e alegrias.

Pode haver um grande amor sem confiança recíproca?

Claro que pode, Rai querido, com seu espreguiçar de pantera e o seu tom arrastado, pode sim senhor. Eu e Ormus somos a prova eterna de que pode.

(*Eterna*, dou por mim a pensar, *Vina*, não desafies o destino.)

E digo alto: Sabes, Vina, não percebo isso. Nunca percebi. A maneira como vivem juntos. Como é que isso funciona?

Ela ri-se. Um amor mais alto, responde. Amor ao mais alto nível. Pensa que é isso. Exactamente isso. Uma sublimação.

\*

Vina agora descansa, todo aquele discurso restitui-lhe a boa disposição. Quando não está drogada ou furiosa, ela percebe uma piada. Onde estava eu, pergunta ela deitando-se de costas, com a cabeça no meu estômago. Ah já sei. Estávamos à volta da cama de Ormus. Ele já não estava no jardim de Inverno, pois não? Tenho de referir isso. *Adiós* para o raio da estufa. Em vez disso, um quarto empoeirado cheio de cavalheiros de olhar reprovador pendurados nas paredes e, acima deles, cópias em gesso de frisos clássicos, por amor de Deus! E bustos de mármore sobre pedestais coríntios. Sujeitos de toga com coroas de louro apoiadas nas orelhas. Estamos nos anos setenta e o mundo está a cair aos bocados, mas nós damo-nos ao luxo de dormir naquele Pártenon de gesso. Os cortinados, a propósito, são daqueles que só encontramos nos velhos cinemas, um mar de veludo escuro: a todo o momento eu esperava que aquilo abrisse. Mas não há *trailers*, nem publicidade nem filme de fundo. Sabes porquê? Porque a grande atracção somos nós.

Quando Vina se dispõe a uma dessas maratonas nocturnas, quando ela começa a passar no seu ecrã pessoal uma selecção da sua filмотeca de clássicos de sempre — pode até ser programa duplo — é melhor passar-lhe as pipocas e a *Cola-light* e optar por dormir, já que não há outra opção. Durante muitos anos o sono foi uma coisa que eu não procurava com prazer. Também desfilam imagens pela minha cabeça e a maior parte delas não gostava de as voltar a ver.

Tenho muito que dizer a respeito de mim próprio. Também tenho as minhas histórias mas a maior parte delas vai ter de esperar. (Quando os deuses ocupam o centro do palco, os mortais devem ficar pelos bastidores. Mas quando as estrelas terminam a sua trágica agonia, os figurantes entram em cena — é o final da grande cena do banquete — e nós podemos então

comer o raio da comida toda.) Mas aí estão elas as imagens. Não as posso meter outra vez nas caixas.

Um fotógrafo tem um portfólio secreto que ele não pode mostrar porque nunca fixou essas imagens em película. Se ele for um foto-jornalista, muitas dessas imagens aparecem-lhe nos sonhos e estragam-lhe a noite. Bobby Flow, o génio da Agência Nabucodonozor, tinha um mandamento que ele dizia que era tudo o que um bom fotógrafo precisava: *Aproxima-te ao máximo*. O que ele fez brilhantemente até que alguém lhe rebentou a cabeça num pântano da Indochina, o que é um risco da profissão. E o outro é quando eles não nos rebentam a cabeça, porque ela então fica cheia do mundo real da grande imagem do mundo como se o mundo tivesse sido esfolado. Vermelho, sangue nos dentes e nas garras. A Terra vista do espaço como uma cabeça sangrenta a viajar num espaço em explosão.

Aproximei-me ao máximo bastantes vezes, vezes demais, e também tenho as minhas cenas de batalhas, as minhas histórias incríveis, como toda a gente. Fotografias feitas enquanto me abrigava das balas por detrás dos corpos de fotógrafos mortos. Loucos desdentados de olhos vagos encostando os canos das suas metralhadoras *Uzi*, ao meu estômago ou mesmo, uma vez, à minha boca. Houve um dia em que me encostaram a um muro ocre e me fizeram um fuzilamento a fingir, uma pequena graça de um chefe de guerra eslavo. Mas isto não é nada. Não me gabo nem me queixo. Fui àqueles sítios porque era o meu ofício, precisava de lá ir. Alguns vão porque precisam de morrer, outros para ver a morte ao pé, outros para se gabarem de voltarem vivos (cada um tem a sua filosofia). Posso dizer que tudo isto nada tem a ver com culpa, que a película retirada do sapato de um morto é uma história antiga, mas estaria a mentir. Isto é, estaria a mentir até certo ponto porque admito que, evidentemente, de cada vez que me encontro na frente de um puto aos gritos segurando uma bazooka, procuro provar que mereço estar ali, que tenho direito a levar aquela câmara, aquela credencial, se querem psicanálise barata aí a têm. O que realmente me interessa e me assusta é que o impulso vai mais fundo do que isto, mesmo mais fundo do que quando fotografo um homem pendurado numa grande ventoinha que gira lentamente.

Qualquer coisa em mim deseja o horrível, quer contemplar as piores cenas da raça humana.

Preciso de saber que mal existe e que posso reconhecê-lo se passar por ele

na rua. Não quero o mal em abstracto; quero perceber o efeito que ele faz em mim, a queimadura, o desgaste. Um dia, num exame de química, deixei cair umas gotas de ácido concentrado numa mão e a rapidez com que a mancha castanha alastrou pela pele foi mais assustadora do que o efeito do próprio ácido. Uma velocidade de ficção científica. Mas a verdade é que recuperei, estou óptimo, a mão funciona. Acham que isto parece uma autojustificação? Quando regresso dos meus jogos perigosos com o mal, é como se provasse a mim próprio que os maus da fita também podem perder, podem mesmo sofrer uma grande derrota? Será assim? Pronto, eu sou um tarado pela violência e um dia terei a minha overdose. Como Bobby Flow. O Hulot é que foi esperto. Desistiu de tirar fotografias e, em vez disso, pinta aguarelas. As suas pinturas são horrorosas, o pior tipo de banalidades de petit-maître. Descobriu o sentimentalismo e o bom-gosto na sua velhice e essas duas velhas enfermeiras vão mantê-lo vivo.

\*

Não preciso de lhes dizer por onde andei: já o sabem. Aquele pântano do Sudeste Asiático ardendo em *napalm*, aquela pilha de cabeças na berma poeirenta de uma estrada africana, aquele terrorista num mercado do Médio-Oriente, aquela aldeia sul-americana chorando a morte de trinta e uma crianças de um autocarro que pisou uma mina. Certamente já viram os meus trabalhos. Todos o fazemos. É o que nos pedem.

\*

E quando não posso suportar mais o inferno, mudo de roupa, visto o melhor traje desportivo que se pode comprar na Sétima Avenida, vou para o estúdio e instalo-me num paraíso de gajas boas. Fotografia de moda, em que se pode fazer com que mulheres lindas com roupas caríssimas se comportem como se estivessem numa zona de guerra. Elas olham, saltam, viram-se, abrem a boca, abrigam-se, curvam-se, encolhem-se. Vi assim muitos corpos, quando apanhados pelo fogo de uma metralhadora.

Não faço o mesmo com todas. Depende da rapariga. Algumas são calmas e eu gosto disso, organizo oceanos de calma à volta delas, oceanos de luz e sombra. Afogo-as em paz até elas se assustarem e se tornarem vivas.

Outras conhecem um pouco do meu trabalho brutal e querem mostrar-me como são reais, como conhecem bem a dureza da vida e da rua.

O contraste entre a dureza e a alta costura normalmente funciona, enquanto não se torna banal. Então eu, por momentos, trabalho com a

beleza, acumulo beleza sobre beleza, até a tornar insuportável, quase indecente, uma violação.

E portanto, acaba tudo num assalto.

Há ainda o retrato, embora nem sempre tenha tanta sorte como tive com o tipo da erecção. E há a publicidade. E há um tipo de trabalho mais pessoal, trabalho de ensaio, mas falarei disso noutra dia. Estou cansado. As imagens estão a chegar. As imagens que vocês não conhecem e que aparecem à noite.

Ao princípio era a tribo, congregada à volta do fogo, um colectivo unicorporal, em pé, costas com costas contra o inimigo, ou seja o resto de tudo o que existia, depois por um momento, separávamo-nos, tínhamos nome e individualidade e privacidade e grandes ideias, o que dava origem a uma maior separação porque se o podíamos fazer, — nós, os reis do planeta, os glutões que fecham a cadeia alimentar, os tipos do poleiro — se nós nos pudermos separar, então também se pode fragmentar o tempo, o espaço, a descrição e os factos, a própria realidade.

Claro que não estávamos à espera de sermos seguidos, não sabíamos que estávamos a iniciar qualquer coisa e parece que aquela separação nos encheu de tanto medo, a fractura, o derrube das paredes, aquela maldita liberdade, que voltámos a grande velocidade para as nossas peles e pinturas de guerra, passámos do pós-moderno ao pré-moderno, regressámos ao futuro. É o que vejo quando me transformo numa câmara: as linhas de batalha, as paliçadas, as barricadas, os apertos de mão secretos, os uniformes, as insígnias, as línguas incompreensíveis, os cercos, os túmulos vazios, os grandes sacerdotes, as moedas não negociáveis, o lixo, a bebida, os miúdos com cinquenta anos de experiência de vida, a maré pesada de sangue, os taipais corridos, os preconceitos, as vidas baratas, as melancólicas peregrinações a Belém, o desprezo, a fome, a sede, a suspeita, o ódio, os anátemas, os campos de minas, os demónios, os demonizados, os *führers*, os guerreiros, os véus, as mutilações, a terra-de-ninguém, as paranóias, os mortos, os mortos.

A retórica da Professora Vina: eis aonde ela conduz.

Percebem, pela minha voz, que estou zangado? Ainda bem. Tenho estado a ler um livro acerca da raiva. Diz que a raiva é a prova do nosso idealismo. Houve alguma coisa que correu mal, descarrilou, mas nós “sabemos”, na nossa raiva, que as coisas podem ser diferentes.

*Não devia ser assim.* A raiva é uma desarticulada teoria da justiça a que, quando é posta em prática, se chama vingança. (De vez em quando também me enraiveço e me sinto um simples e colérico fotógrafo de segunda, arranhado pela vida por estar sempre num plano apagado em relação ao acontecimento importante. Sou aquele que faz os clicks, indispensável mas de baixa patente: violinista perdido na orquestra enquanto Roma arde... E aqui, na cama com Vina? É a mesma coisa. Ormus está no lugar do primeiro violino.) Quando Vina está zangada comigo, lembra-se da fúria da minha mãe, Ameer Merchant, que a afastou de nós, a afastou do amor. É por isso que eu lhe perdo as observações vingativas. Sei que estou a pagar por Ameer quando Vina se lança nas suas invectivas e não posso deixar de pensar que ela tem algum direito a isso.

Quando eu me zango com ela, também me lembro da minha mãe. Lembro-me de Ameer recebendo Vina sob a sua asa, ensinando-a, penteando-a e oleando-a, pintando-a com *kohl* nos olhos e *hena* nos cabelos, pondo muito de si própria naquela rapariga brilhante e maltratada. Lembro-me da minha própria quezília com a minha mãe, nunca resolvida, a raiva de ver o lar destruído, as minhas acusações, o sofrimento que lhe infligi, sobre a sua própria amarga infelicidade. Olho para Vina e vejo nela Ameer. Uma vez mostrei-lhe fotos que tinha tirado a minha mãe no dia em que ela morreu. Queria ver se Vina também via a semelhança.

Ela viu logo. — Está toda engalanada, — disse ela. Mas não estava a pensar na Mulher-Faraó e eu também não. Ela pensava: *esta sou eu. É uma imagem do futuro, da minha própria morte.*

Tal como as coisas se passaram, Vina quase teve razão; quando morreu não houve fotos no leito de morte. Não havia leito nem cadáver que pudesse ser fotografado.

A fotografia de minha mãe era quase tudo o que tínhamos.

\*

Vina continua a falar e, de repente, sente-se insegura quando está a chegar ao ponto da história para o qual ela exige toda a minha atenção, mas nessa altura a minha consciência está a abandonar-me, estou a mergulhar no sono, liquidado, a afundar-me.

Rai?

Umhm?...

É como se estivéssemos a observar-nos — à espera de qualquer coisa —

um ao outro. É assim que tu fazes quando estás a tirar uma fotografia? Às vezes fartas-te de esperar, esperas e esperas e nada acontece, mas quando acontece tu apanha-la? Bang? Um disparo e aquilo é teu? Como se chama a isso? Rai? Como se chama a isso?

Uhhh...

Então é assim que as coisas se passam. Todo o fingimento desaparece? Todas as feridas? Todo o passado? Só um click. O momento decisivo. É isso. *Click*.

\*

Hynhnynm...

A propósito, o sinal dele desapareceu, continua ela a falar, mas a voz vai esmorecendo. Aquela mancha na pálpebra.

Não me interessa. Estou a dormir.

---

[54](#) A forma correcta seria “Help me” (Ajudem-me). As preposições estão a mais. (N.T.)

[55](#) Em francês no texto: vestidos à marinheira. (N T)

[56](#) Antiquíssimo sistema médico hindu, ainda hoje seguido na Asia. (N T.)



## Capítulo 12

### A TRANSFORMAÇÃO

No avião para Nova Iorque, numa mancha de luz está um rapazinho hispânico, sem sono, de olhar sinistro, debatendo-se raivosamente com o novo brinquedo, jogo de ficção científica e uma espécie de automóvel, mas o rapaz não está interessado no vrumm-vrumm, está a desmanchar o carro. Os seus *ailerons* mexem-se, os pneus oscilam até estarem em ângulo recto com o tampo da mesa rebatível, o corpo abre-se como um modelo anatómico. De uma forma intrigante, desafiando os poderes do cérebro, o carro desdobra-se, perde peças, desconstrói-se e, depois, com uns clicks, toma uma nova e imprevisível configuração. O rapaz tem dificuldade em perceber os últimos segredos daquela enigmática metamorfose. Por fim bate com o carro, pouso-o violentamente sobre a mesa, onde ele fica inacabado, apanhado numa fase transitória e incompreensível. O ruído desperta os homens vendados que dormiam à sua volta e transfere para esses adultos o mau humor do rapaz. Finalmente o homem que cabeceava numa cadeira de coxia, talvez o pai, tira a sua venda de dormir e, com umas mãos peludas irritadas mostra ao rapaz o truque do brinquedo. O carro desaparece instantaneamente e o que lá aparece, apoiado nas suas pernas traseiras de metal, é um monstro em miniatura, um grotesco ser tecnológico, uma espécie de robô feroz brandindo umas aterradoras pistolas de raios laser nas enormes mãos enluvadas em metal. O carro do séc. XX foi suplantado por um visitante de um distópico futuro.

A criança começa a brincar. Bum! Bum! O robô faz desaparecer o lugar da frente, os descansos para os braços, os passageiros. O rapaz adormece abraçando o monstro, sem estar de todo inquieto pela ideia de que as máquinas do presente contêm os segredos de amanhã tão apocalípticos, que nós podemos transformar os nossos carros-de-todos os dias, os nossos práticos station-wagons, os sedans da burguesia em assustadoras máquinas de guerra, se conhecermos o truque.

Bum! Bum! O rapaz sonha que está a destruir o mundo.

Ormus Cama, observando a cena do outro lado da coxia é apanhado por uma ficção que ele próprio inventa. Há um outro mundo além do nosso e que está a infiltrar-se no nosso sistema, através das nossas frágeis defesas. Se as coisas derem para o torto, todo o tecido da nossa realidade pode desaparecer. Estes são os extraordinários pensamentos que passam pela

cabeça de Ormus, temerosas profecias do fim de tudo e um enigma: como é possível que ele seja o único a ter aquelas visões? Todos os outros serão sonâmbulos? Ou nem sequer se ralam?

Uma aurora boreal envolve a avião, oscilando aos ventos solares, como um gigantesco cortinado de oiro como se fosse uma resposta, mas Ormus já não está interessado, está perdido em novas perguntas. O que é? — pergunta Vina, impressionada pelo seu ar angustiado. O que é? Está admirada com o que ele está a fazer com os olhos, fecha primeiro um, depois o outro, pestanejando no céu nocturno da Groenlândia, como um velho libinoso a tentar um engate.

— Ormus, vá lá, estás a meter-me medo.

— De qualquer modo não acreditavas.

— Acreditei sempre em ti, não acreditei? Lembras-te de Gayomart? As canções que tinhas na cabeça.

— É verdade. É verdade. Nessa altura foste a única que acreditou.

— Então diz lá o que é que se passa.

E assim ele confessa a verdade que ele próprio acha que ultrapassa o credível: que desde que ela o acordou do seu longo sono de bela adormecida ele tem estado a viver em — ou melhor: com — dois mundos ao mesmo tempo.

Tenta contar-lhe o que começou por ver durante o antigo voo para Londres, a brecha na realidade.

— Era como um buraco? Um buraco negro ou de qualquer outra cor? No céu? — Ela esforça-se por imaginar a visão de Ormus.

— Não — diz ele, procurando apoio na aurora que desponta. — Imagina que isto — estende um braço — isto, nós, o sítio onde estamos, tudo isto não é mais do que um filme projectado num ecrã enorme como um “drive-in” ou pendurado no espaço como uma cortina e supõe depois que há rasgões naquele ecrã, um maluco com uma faca entrou no cinema e esfaqueou o ecrã, de modo que agora temos aqueles rasgões atingindo tudo, a ti, à janela, à asa do avião, às estrelas. E podes ver para lá do ecrã um conjunto de outras coisas a funcionar, talvez outro ecrã com outro buraco ou talvez outro ecrã com outro filme onde há pessoas que olham através dos rasgões e talvez nos estejam a ver. E por detrás desse ecrã, outro filme e outro e outro, enquanto pudermos imaginar.

Há coisas que ele, desta vez, não lhe diz. Não diz que há pessoas que

parece terem descoberto uma maneira de escorregar de um mundo para o outro. Não diz que há aquela mulher, não tenho maneira de a fazer parar, ela aparece sempre que lhe apetece. Não pronuncia o nome de Maria.

Há um filme autêntico a ser projectado noutra sítio do avião, onde se sentam os que não querem dormir. Vina pode ver o pequeno ecrã brilhando na escuridão. Um médico escocês vai-se transformando num monstro todo torcido e vice-versa. É um “remake”; reconhece ela, do velho filme de terror Dr. não-sei-quê e o senhor coiso. É um “flop” enorme. Nem os que sofrem de insónia o suportam. As imagens do filme flutuam, sobre aquela carga de pessoas a dormir sonhando com a América. Vina senta-se na borda do assento. Sente-se assustada, confusa e alegre, tudo ao mesmo tempo e não sabe qual será a coisa certa para dizer. — Onde está o teu sinal? — pergunta por fim, passando-lhe levemente um dedo sobre a pálpebra esquerda. O que é que aconteceu? Tiveste um acidente e desapareceu-te o sinal? Não é lógico.

— Desapareceu — diz Ormus. A sua expressão é terrível. Gayomart. — Já me tinha esquecido, também ele desapareceu da minha cabeça. Agora estou só. Está livre.

Não tem sinal, mas tem os olhos de cor diferente um do outro.

— E há mais — diz ele. — O sinal desapareceu mas o olho cego é o que vê coisas. Se eu o fecho, a visão desaparece. Pelo menos a maior parte das vezes é tão poderosa que posso vê-la com os olhos fechados. Mas fechar o olho dá resultado em noventa e cinco por cento dos casos. Se fecho o olho direito e só deixo aberto o esquerdo é como se morresse. Tudo desaparece, só fica o outro mundo. É como se, durante uma tempestade de neve eu estivesse a olhar por uma janela para o interior de uma casa e nesse outro mundo, nem sei como explicar, mas nem tenho a certeza de que existo.

Não acrescenta: Maria está lá.

A sua voz está esquisita, muito aguda. Está a dizer coisas que não podem ser. — Tenho pensado — diz ele conciliatório — em usar uma pala, talvez.

— Vozes? — pergunta ela. — Ouves vozes? O que é que elas te dizem, que mensagem? Talvez deveses tentar ouvi-las, é uma comunicação, alguma coisa importante que deves transmitir.

Era um bom momento para falar da sua visitante nocturna, mas Ormus deixa-o passar. — Não ficaste assustada, — observa ele com admiração. — Há pessoas que fugiriam aos gritos. Estou louco, completamente louco, não

achas? Muita gente acharia. Estive em coma mais de mil e uma noites e talvez tenha ficado *doolally*, que talvez não saibas que é a expressão da loucura lá na Índia. Feita em casa, produto local. O calor que lá fazia os soldados britânicos perderem o juízo. Mas não, tu não me achas doido, achas que as minhas visões são possíveis.

— Eu sempre soube que há qualquer coisa no além — diz ela, deixando-o pousar a cabeça no seu peito naquela penumbra pressurizada. — Sempre o soube, mesmo quando tu ou o Rai faziam troça. O quê, esta trampa é tudo o que existe? Não podemos aspirar a qualquer coisa de melhor, de mais caro? Mas não sei. Tu sofreste um grande choque naquele acidente e podes ter ficado — sei lá, não sou médica — com dupla visão, uma alucinação nervosa, pode acontecer ao cérebro. Ou então é verdade e tu *vês* um mundo diferente. Tive sempre o espírito aberto a essas coisas. Estou à espera que os extraterrestres me aspirem um dia destes. Ou então, pronto, estás mesmo chanfrado. O que para mim é igual. Já reparaste que muitíssima gente é chanfrada? Estou mesmo a pensar que todos somos loucos, só que a maior parte não sabe. O que quer dizer que a sanidade mental não é assim tão importante. A questão crucial é o que eu penso de ti e a isso já respondi tomando um avião em Bombaim. Tu chamaste, eu respondi. Depois fui verte e tu abriste os olhos. Uma ligação rádio nos dois sentidos. O que é queres mais: um anúncio a néon? Eu sinto a terra mover-se sob os meus pés. E não pode ser amor, não sofri nenhum feitiço. Lê os meus lábios. Já fiz a minha escolha.

— Não há mensagem, — diz ele. — Não é o paraíso. Não é muito diferente do que isto aqui. Aquilo que entrevejo através dos rasgões — e vou-as vendo cada vez mais claramente — chamar-lhes-ia variações, movendo-se como sombras por detrás das histórias que conhecemos. Não é necessariamente sobrenatural, não tem nada a ver com Deus. Pode ser apenas — e não me perguntes porquê — uma coisa física. Uma coisa física para além da nossa actual capacidade de compreender. Pode ser que eu tenha encontrado uma maneira de sair para fora do quadro. Há uma dança Pop Art concebida por Amos Voight. Um produto da Escola de Arthur Murray com esquemas e flechas, pé esquerdo, pé direito, basta seguir os passos. Excepto no caso em que, a certo momento, todo o peso do corpo está no pé que é suposto levantar. O esquema não funciona, é uma partida, uma armadilha. A menos que se troque de pé, se mude o peso e se continue.

Tem que se quebrar as regras, recusar o molde, parti-lo. Há uma palavra russa que diz isso mesmo *Vnena-Khodimost*. Exterioridade. Podemos encontrar a exterioridade dentro da qual nos inserimos. A saída deste carnaval, a porta secreta. O caminho para o lado de lá do espelho. A técnica de saltar de uma pista para outra. Universos paralelos, como canais de TV. Há pessoas que podem passar de um compasso para outro mais longe, pessoas, percebes?, que podem mudar de canal. Praticantes do *zapping*. Talvez eu seja um deles. Fazendo uma espécie de controlo remoto.

Os comandos de controle remoto na TV eram nessa altura uma novidade. Começavam a ser usados como símbolos e metáforas.

— Com que é que se parece? — quer ela saber. — O outro mundo.

— Já te disse — responde ele, sentindo o início de uma vaga tristeza. — O mesmo mas diferente. John Kennedy foi morto há oito anos. Não te rias: o Nixon é Presidente. O Paquistão Oriental passou a estado independente. Refugiados, guerrilhas, genocídio, tudo isso. Os Ingleses não foram para a Indochina, por incrível que pareça; mas a Inglaterra está na guerra, mesmo que seja em lugares diferentes. Não sei quantos universos existem mas é provável que haja a merda da guerra em todos eles. E a Dow Chemicals e as suas bombas. *Duas, quatro, seis, oito, não mais bombas de nafteno palmitate*<sup>57</sup> — também arranjarão outro nome para elas, mas também queimam as caras das rapariguinhas. Naptato.

— Há lá uma tonelada de cantores cheios de lantejoulas e de olhos pintados — continua ele, — Jerry Apple ou Icon ou The Clouds e Lou Reed é um *homem*. Hollywood está lá mas nunca ouviram falar de Elrond Hubbard ou Norma Desmond nem de Charles Manson, o assassino de massas. Allen Konigsberg nunca dirigiu um filme e Guido Anselmi não existe. Nem Dedalus, ou Caulfield, ou Jim Dixon, por exemplo, escreveram jamais um livro e os clássicos lá são outros.

Os olhos de Vina estão cada vez mais espantados e vai sufocando risinhos de incredulidade.

— *O Jardim dos Caminhos Bifurcados*, — diz ele, citando o romance favorito de Vina. É um romance do séc. XIX, interminável obra-prima do génio chinês, do antigo governador da província de Yunnan, Ts'ui Pên.

— O que é que se passa? Não me digas que eles não...

(Vina está mesmo zangada, é o que a sua expressão mostra.)

— Não existe tal livro — e ela bate na palma da mão com o punho

fechado.

— Vai-te lixar, Ormus! — Depois controla-se e não deixa os seus pensamentos ultrapassar os lábios: *É com certeza uma brincadeira. Ou então estás mesmo maluco.*

Ele percebe o que ela pensa. — Toda a minha vida — diz ele, e há desespero na sua voz — passei-a no império dos sentidos. Gozei tudo o que se pode tocar e provar e cheirar e ver e ouvir. Tudo o que eu disse foi em favor da realidade daquilo que existe e persiste; e nunca perdi tempo com fantasias. E agora, apesar disso, tudo são fantasias na merda do éter. Tudo o que é sólido se derrete na merda do ar. O que é que eu hei-de fazer?

— Canções — diz ela. — Escreve-as com todo o teu coração e talento e capricha nas ligações, nas palavras atraentes, nas melodias. Faz-me voar até à lua.

Ele canta em surdina, contra o seu peito consolador, odes feitas por outros homens. Tu és o meu sol. Eu sou o zângão. Abraça-me com força.

— A música vai salvar-nos, — conforta-o ela — Isso, e, e...

— O amor — diz ele. — A palavra que tu procuras é amor.

— É sim senhor — diz ela sorrindo e afagando-lhe a face. — Eu sabia.

— Queres casar comigo?

— Não.

— Por que raio não?

— Porque tu és louco, meu palerma. Agora dorme.

\*

O mundo é irreconciliável, não bate certo, mas nós não podemos pretender que bate, não podemos fazer juízos nem escolhas. Não podemos viver.

Quando Ormus Cama teve a sua visão, revelou-se como profeta e eu digo isto sem deixar de ser um descrente impedernido. Quer dizer: ele estava verdadeiramente à frente do seu tempo. Agora todos o alcançámos. Ele já cá não está para as ver, mas as contradições mundiais tornam-se tão gritantes, tão inevitáveis, que estamos todos a aprender a viver com elas. Vamos para a cama pensar — isto é só um exemplo — que o Sr. N...M... ou o Sr. G...A... são terroristas notórios e acordamos a saudá-los como salvadores dos seus povos. Num dia, os habitantes de uma ilha particularmente rochosa, húmida e fria são vis adoradores do demónio, escorrendo sangue e sacrificando bebés e, no dia seguinte, é como se nada se tivesse passado. Os

chefes de países inteiros desaparecem como se nunca tivessem existido, como se tivessem sido riscados dos registos magicamente, e depois reaparecem como apresentadores de talk-shows ou vendedores de pizzas e hop! — lá voltam outra vez para os livros de história.

Algumas doenças atingem grandes comunidades e depois vimos a saber que tais doenças nunca existiram. Homens e mulheres recordam-se de terem sido vítimas de agressões sexuais na infância. Não, não, de maneira nenhuma, os pais são descritos como as pessoas mais amorosas que se pode imaginar. Pratica-se o genocídio; não, isso não é verdade. O lixo nuclear contamina áreas enormes dos continentes e aprendemos expressões *meia vida*. Mas num instante, a contaminação desaparece, os carneiros estão perfeitamente saudáveis e podemos comer tranquilamente as nossas costeletas.

Os mapas estão errados. As fronteiras serpenteiam por territórios disputados, dobrando-se e estalando. Uma estrada já não chega onde chegava ontem. Um lago desaparece. As montanhas erguem-se e desmoronam-se. Livros conhecidos ficam com finais diferentes. A cor instala-se nos filmes a preto e branco. A Arte é uma vigarice. O estilo é que conta. Os mortos atrapalham. Deixa de haver mortos.

És um apreciador de desporto, mas as regras mudaram a cada jogo que vês. Arranjaste emprego! Não, não arranjaste! Aquela mulher pôs talco *Johnson* no Presidente! Nos seus sonhos — é uma fantasista conhecida! És um Deus do sexo! És a maldição de sexo! Ela é de morrer! Ela é uma puta! Não tens cancro! Tens sim senhor, era mentira do lo de Abril! Aquele bom homem da Nigéria é um assassino! O assassino lá na Argélia é um bom homem! Aquele assassino psicopata é um patriota americano! Aquele psicopata americano é um assassino patriota. É o Pol Pot que está a morrer na selva de Angkor ou apenas o Nol Not?

As coisas seguintes fazem mal à saúde: sexo, arranha-céus, chocolate, falta de exercício, ditadura, racismo! Não *au contraire*. O celibato danifica o cérebro, os arranha-céus aproximam-nos de Deus, experiências científicas mostram que uma tablete de chocolate por dia melhora as performances das crianças na escola, o exercício mata, a tirania faz parte da nossa cultura e eu agradeço-te que ponhas as tuas ideias culturo-imperialistas fora do meu alcance, e quanto a racismo é melhor não fazermos sermões é melhor que seja à vista de todos do que escovado para debaixo do tapete. Aquele

extremista é um moderado! Aquele direito universal só se aplica a uma certa cultura! A mulher circuncidada é culturalmente feliz! Aquela cerâmica aborígene é uma brutalidade cultural! As imagens não mentem! Essa foto foi falsificada!

Liberdade de imprensa! Fora com os jornalistas abelhudos! O romance está morto! A honra está morta! Deus está morto! Não! Todos eles estão vivos, todos vêm atrás de nós! Aquela estrela está a subir! Não, está a cair! Jantámos às nove! Jantámos às oito! Chegaste a horas! Não, vieste atrasado! Este é Oeste! Para cima é para baixo! Sim é não! Dentro é fora! A mentira é a verdade! Ódio é amor! Dois e dois são cinco! E tudo corre pelo melhor, no melhor dos mundos possíveis.

*A musica vai salvar-nos, e o amor.*

Quando a realidade morde, e a mim morde-me quase todos os dias, preciso da música de Ormus, do seu estilo. Cá está ela na minha mão, brilhando como uma guitarra eléctrica: *Canção de tudo* é a faixa que eu escolho, a primeira canção que ele escreveu na América, em Tempe Harbor, poucos dias depois de chegar. Aqui estou eu, no fim dos tempos, com a minha boa amiga Mira Celano — e há muita coisa a dizer sobre *ela* mais adiante — portanto Mira, esta é para ti.

*Tudo o que tu pensavas que sabias não é verdade. E tudo o que sabias era imaginação tua. E tudo o que fizeste e todos os sítios aonde foste, pois bem, nem o fizeste nem foste lá. Vais ver que vais descobrir que ficaste preso na mente de outra pessoa. Sim, penso que vais descobrir que nós ficamos presos na mente de outra pessoa. E é só a fingir, mas não podes ignorá-lo.*

*Tudo o que tu pensas que vês: não pode ser. Sou apenas eu. Querida, sou apenas eu, apenas eu.*

\*

Numa época em constante transformação, a beatitude é a alegria que vem com a crença, com a certeza. Os bem-aventurados estão imersos no amor todo poderoso, ostentam sorrisos de satisfação e tocam as suas harpas e as suas guitarras. No seu casulo, a salvo das tempestades da metamorfose, os abençoados dão graças pela sua não-transformação e não ligam aos ferros que lhes prendem os tornozelos. É a felicidade eterna mas não! não! guarda a tua cadeia para ti. Os Beats e a sua geração estavam enganados. A beatitude é a rendição do prisioneiro às suas correntes.



Mas a felicidade agora é outra coisa. A felicidade é humana, não divina e a busca da felicidade é aquilo a que podemos chamar amor. Este amor, o amor terreno,, é uma trégua entre metamorfoses, um acordo temporário em não mudar de forma enquanto os amorosos se beijam ou se dão as mãos. O amor é uma toalha de praia estendida sobre areias movediças. O amor é uma democracia íntima, um pacto que insiste em renovar-se e pode-se ser derrotado de um dia para o outro por mais elevada que seja a nossa maioria. É frágil, precária e é tudo o que podemos alcançar sem vendermos a alma a este ou aquele partido. É o que podemos ter, conservando-nos livres. É o que Vina Apsara quer dizer quando fala de amor sem confiança. Todos os tratados podem ser rasgados, todas as promessas serem mentira. Não assinés nada, não faças promessas. Procura uma reconciliação provisória, uma paz frágil. Se tiveres sorte, pode durar cinco dias; ou cinquenta anos.

Estou a contar-lhes isto — o terror e as dúvidas do avião, as minhas meditações post-facto, as letras de Ormus (a que um professor inglês chamou poesia, mas é verdade que há sempre um professor; para mim as letras escritas numa página sem a respectiva música parecem-me sempre mancas ou paralisadas) — para que possam ter uma noção das extraordinárias realizações que Ormus Cama estava a atingir. Deram-lhe uma segunda chance na vida, um segundo acto num país onde se sabe que os cidadãos nunca têm um segundo acto e Ormus concluiu que ele lhe tinha sido dado para um determinado fim. Tinha sido escolhido. Estava a procurar, com muito custo, uma outra linguagem, uma linguagem que não implicasse autorizações ou opiniões, mas em matéria de linguagem a inércia tem muita força, o seu inexorável avanço pesa sobre a história acumulada. E tudo isto o tinha enchido de nova música. Estava repleto de material e agora sabemos qual era esse material, patente nas imagens da sua chegada à América — aquele homem pálido de trinta e tal anos, olhos espantados, face mirrada e de blue jeans amarrotados — mostra-o num momento decisivo à roda do qual giravam tantas daquelas coisas que viriam a formar a nossa experiência conjunta, a fazer parte da maneira como nos vemos e nos construímos.

\*

Ormus Cama vê a gigantesca alfineteira de Manhattan perfurando a névoa da alvorada no céu alto e sorri o sorriso de um homem que acaba de descobrir que a sua ficção favorita corresponde à realidade. A medida que o

avião baixa, Ormus recorda o amor de Vivvy Merchant, meu pai, pela Rainha Catarina de Bragança, a cuja figura Bombaim e Nova Iorque ficaram indissolúvelmente ligadas. Mas essa recordação esvai-se em pouco tempo: o coração de Ormus fica logo preso aos arranha-céus da ilha dos Manhattoes, passou a partilhar o desejo de minha mãe de conquistar o céu e nunca suspirou pelas apinhadas ruas de Queens, ou os seus bazares cheios do tráfico poliglota de todo o mundo. Vina, por outro lado, Vina de quem Ameer Merchant gostava tanto, nunca deixara de ser, no fundo do coração, uma miúda da rua mesmo quando a sua imensa celebridade a confinou numa gaiola dourada. Mas para Ormus, Nova Iorque não passou, desde o princípio, de um porteiro, um elevador rápido e uma vista. Pode dizer-se que foi Malabar Hill.

\*

A cidade, contudo, está temporariamente afastada. Nas palavras de Langston Hughes, é um sonho adiado. Yul Singh tinha arranjado tudo — documentos, autorizações, limusine — e pusera uma das suas casas de campo a funcionar como “descompressão”, um sítio “macio”, à disposição dos “pombinhos”. Era um sítio estupendo — só lhes digo — onde se produz um *Pinot Noir* magnífico. Vocês os dois deviam dar uns passeios, beber vinho, pensar no futuro, pois, Ormus, já não és tão novo como isso, mas os velhotes aqui defendem-se bastante bem, estás a perceber?, tu tens o teu potencial e com a Vina a teu lado, não preciso de te dizer o que ela é e aquela voz do caneco que ela tem, desculpa eu falar assim, parece a sereia de um navio, deve dar um resultadão. Nada de promessas, tudo depende do material; eu não tenho que te dizer que comeces desde já a trabalhar nisso, mas tens que trabalhar imediatamente, c’os diabos, gasta trinta e seis horas, gasta dois dias, tu não acreditas no tamanho da bicha que eu tenho todos os dias à porta de gajos com talento, bicha cada dia maior, sabes de que é que eu estou a falar, não faças caso.

Ormus recebe este monólogo de boas-vindas pelo telemóvel, num carro com vidros pretos conduzido por um dos lendários servidores da Colchis, aqueles pesos pesados americanos, descendentes de Punjabis e que são os guarda-costas de Yul, seus motoristas, criados, contabilistas e advogados, estrategas, homens-de-mão e publicitários; todos vestem fatos idênticos, pretos, assinados por Valentino e são universalmente conhecidos, ainda que só façam curtas aparições, como “as piadas de Yul Singh”: Will Singh, Kant

Singh, Gota Singh, Beta Singh, Day Singh, Wee Singh, Singh Singh<sup>58</sup> e por aí adiante. Se estes não são os nomes verdadeiros, a verdade é que já toda a gente se esqueceu dos seus prosaicos nomes próprios. O actual companheiro de Ormus e Vina é o já mencionado Will. — Vou levá-lo até à pista de helicópteros, — diz ele, sem voltar a cabeça. O Sikorsky pessoal do senhor Yul encarregar-se-á do resto da viagem, por hoje.

Não há que resistir. Há que aceitar com gentileza. Ormus e Vina recostam-se nos macios estofos de couro. — Onde vai ser a lua-de-mel? — pergunta Ormus preguiçosamente.

— Nos Finger Lakes, sir. Tem ideia onde são?

Vina endireita-se: — Eu tenho. São perto de quê?

— Estão na ponta sul do lago Chickasauga. No coração da região vinhateira, minha senhora. E junto à pequena cidade, talvez conheça, de Chickaboom.

— Cativo no Egipto, — murmura Vina, fechando os olhos. — Mesmo os Israelitas não foram obrigados a regressar, quando se foram embora.

— Perdão, minha senhora. Pode repetir?

— Nada, nada. Deixe lá. Muito obrigado.

— De nada, minha senhora.

\*

A casa de Tempe Harbor, em madeira pintada de cinzento claro, com vivos brancos e aquele tipo de ornatos escavados na madeira, que são muitas vezes avistados através das palmeiras e das buganvílias de Key West, é, na verdade, uma criação de um perverso milionário da Flórida de origem germano-suíça, Manny Raabe que, já velho, fugiu ao esgotante calor do Sul (e dos seus ocasionais furacões), foi para as revigorantes e nostálgicas latitudes mais a norte e rapidamente morreu de frio. Yul Singh tinha mandado imediatamente instalar um sistema de soalhos aquecidos e instalou numerosos fogões e chaminés. É um edificio imponente, com telhados de ardósia amansardados, concebidos em grande escala, a condizer com Alpes Suíços. Singh mantém-no quente e cheio de periquitos e plantas tropicais: como que para fazer troça de Raabe e da sua austeridade. Há também uma sauna. O chefe da cozinha — Kitchen Singh — tem instruções para se concentrar em cozinha indiana fortemente condimentada. Tempe Harbor foi transformada pelo seu novo dono num templo do calor. O que não tem grande interesse, aliás, e eu peço desculpa. Yul Singh está a

telefonar assim que o helicóptero aterra: quando se compra uma casa assombrada não se deve esperar que ela deixe de ser atraente para o fantasma.

Não haverá vestígios de fantasma mas eles não são os únicos hóspedes. Um outro par de “pombinhos” também lá reside, o cineasta de Arte Otto Wing e a sua recente esposa, uma beleza nórdica longa e borrachosa que dá pelo nome de Ifredis e que insiste em percorrer à meia-noite, toda nua, o relvado que dá para o Lago Chickasauga, em cujas escuras e frias águas se banha, seguida pelo corpo burguês e de óculos do marido, igualmente nu que grita “An die Freude” quando a água lhe atinge o sexo. Alegria grita Otto em alemão. Alegria, tu és a feliz chama de Deus, és a filha dos Elísios.

Desenvolve-se uma enorme gritaria, porque Wing e Ifredis não se fartam um do outro e fodem sem qualquer pudor quando e onde lhes apetece, o que é a todo o tempo e em qualquer lugar. Ormus e Vina são testemunhos daquela paixão, constantemente praticada em todas as salas da mansão, no mirante à beira do lago, na mesa de bilhar, no court de ténis, no terraço.

Estes tipos, diz Vina, ligeiramente impressionada. Fazem-nos parecer virgens.

Quando não estão a foder ou a gritar, Wing e Ifredis estão a dormir ou a comer enormes quantidades de queijo e a beber litros de sumo de laranja. (Parecem ter os seus próprios abastecimentos e ignoram habitualmente os sumptuosos banquetes de Kitchen Singh. Arranjam toda a energia de que precisam sem o auxílio do cozinheiro.)

A conversa deles é, sobretudo, acerca de Jesus Cristo. Ifredis é uma rapariga a cento e dez por cento, não guarda nada para si. Ocupa-se de religião com o mesmo zelo nu de água gelada que manifesta nas suas ruidosas façanhas sexuais. Tendo identificado rapidamente o ponto fraco de Ormus, o seu hesitante paganismo, ela persegue-o no banho quente da zona das termas e interroga-o com piedoso espanto a encher-lhe os grandes olhos azuis. É então verdade que nenhum Deus tens? Espero que não, responde Ormus sem vontade de discutir a sua condição de visionário. Segue-se um longo silencio embaraçoso, até que Ormus percebe que ela está à espera de reciprocidade. Está bem, resmunga ele. Então e tu?

Ifredis solta um som longo e orgásmico. Ahh, sussurra ela. Apenas amo Jesus Cristo. Chega Wing, debruça-se sobre a banheira e beija-a profundamente, como bebendo duma fonte, como se quisesse oferecer-lhe o

seguinte pensamento: adoro esta mulher pela sua simplicidade, diz ele. A sua ausência de ironia. No ponto a que já chegamos neste século, é importante abandonar qualquer comunicação de tipo irónico. É tempo de falarmos directamente, para evitar a possibilidade de mau entendimento. E, em todas as circunstâncias, dar prioridade a esse esforço.

A esposa puxa-lhe pela manga. Otto, diz ela, fazendo boquinhas, Otto quero sentar-me no teu braço. Levanta-se como uma Vénus saindo fumegante do banho e ambos desapareceram a correr. O inglês dela não é bom, conta Otto para Ormus por cima do ombro. Para evitar qualquer mal-entendido, devo dizer que, no seu nível actual de vocabulário, ela faz confusão ocasionalmente com o nome dos membros.

\*

Se estivermos com disposição para a paranóia (e estes são dias paranóicos) podemos supor que Yul Singh manipulou deliberadamente este longo fim-de-semana: a partir da distante Park Avenue: Yul Singh, o bonecreiro cego, manobra os cordelinhos dos seus convidados, da mesma maneira que George Bernard Shaw, na capa da gravação de *My Fair Lady*, manipula as marionetas de Higgins e de Eliza.

Todos os pormenores da vida em Tempe Harbor dão testemunho do longo braço do patrão. Mesmo ausente, Yul Singh é um hospedeiro atento. Há inesperados mas frequentes telefonemas tanto para os hóspedes como para o pessoal, com meticolosa atenção a todos os detalhes: a ementa vegetariana para Vina, o médico de prevenção para o caso de a saúde de Ormus sofrer qualquer abalo. A decoração é uma curiosa mistura de bom gosto europeu e de agressividade indo-americana: antigas cadeiras Luís xv importadas de França e estofadas de novo de seda azul bebé. Y.S.L. o monograma de Yul Singh Laori, nome completo raramente usado, está em toda a parte: na maior parte da mobília, nos charutos e cigarros, nos botões de punho em prata oferecidos como recordação pela governante Clea Singh a todos os hóspedes masculinos e até em cada folha de papel higiénico ou em cada preservativo, pensos e tampões higiénicos, discretamente colocados nas casa de banho das senhoras e dos homens que são um traço comum a todas as suites. Molduras com discos de ouro e platina decoram as paredes. E também retratos do grande homem que têm uma passageira semelhança com o actor Vincent Price, o príncipe da noite das classes predadoras, e da sua mulher francesa Marie — Pierre d'Illiers,

aristocraticamente estiolada e sofredora. — Que admito pessoalmente ser o meu ideal simbólico, o meu biscoitinho imortal, aquela que, quando lhe beijo a boca, me faz recordar tudo o que há de importante na vida — confessa Yul Singh a Ormus pelo telefone. E continua : — Okay, você quer-me falar acerca das minhas públicas e contraditórias ligações (não se preocupe em fingir que não sabe disso) com o que eles chamam uma colecção de jovens beldades. — O sorriso desarmante, o famoso gesto de quem pede abrindo largamente os braços, chega a Ormus mesmo pelo telefone. — Infelizmente — confessa Singh sem vacilar (à sua reserva indiana impôs-se a adopção do estilo americano) — a memória é uma grande qualidade, e também tem um grande poder erótico, coisa que você não precisa estritamente de saber, é um assunto particular entre mim e a senhora, mas contudo, como ia dizendo, a memória é uma coisa óptima, embora por vezes, por causa do contraste, seja melhor esquecer.

Yul é um visionário duro, um intriguista amoral. Talvez não faça parte dos seus desígnios deitar água fria sobre a renovada e enorme paixão de Ormus e Vina ao oferecer-lhes, sob forma de Wing e Ifredis, duas caricaturas deles próprios. Felicidade escreve-se em branco, disse Montherlant, e Yul Singh, um homem educado apesar dos seus modos populares é muito capaz de uma piscadela de olho. Os amorosos arrulham e não trabalham. Talvez valha a pena suscitar uma pequena perturbação no seu paraíso.

E a obsessão com Jesus só acrescenta amor pouco picante ao molho.

Será que a acção e o diálogo foram previamente escritos? Será que eles são *actores*?

Investigue-se um pouco mais o episódio de Tempe Harbor e podem sentir-se mais reverberações. YSL é um fêmeiro conhecido que, contudo, ama, respeita e honra a sua muito admirável e *complaisante* esposa da qual nunca se separa. Talvez já tenha detectado em Vina uma aventureira sexual tão ousada como ele, uma mulher em busca de um ancoradouro, de uma terra firme a partir do qual possa dar os seus saltos nocturnos no desconhecido. Yul Singh já percebeu que Ormus deve ser de novo esse ancoradouro, o eixo da sua roleta. Se ele é o *rock* e ela pode ser o *roll*. Isso alimentará ao mesmo tempo a música dele e o canto dela; porque a arte tem de ser feita em segredo, em sítios tranquilos, enquanto o canto exige poder vibrar no espaço e obter a adulação do público. Yul Singh, o visionário cego, pode ver futuros possíveis, habilitando-o a apostar forte

neles e até, por vezes, a concretizar esses futuros. Eis o que ele viu: o génio de Ormus e Vina, o seu futuro, a capacidade de virem a ser o que trazem dentro deles depende da existência de formas especiais de sofrimento. A dor ruidosa de vagabunda compulsiva e a dor silenciosa daquele que é abandonado.

Wing e Ifredis não precisam de dormir nem comer, com excepção do seu queijo secreto. São vistos a foder em cima da mesa da cozinha e debaixo do tapete da sala. Os ganidos e gritos são cada vez mais altos, mais longos, de certa maneira menos humanos. Vina e Ormus sentem-se paralisados por aquela opereta pornográfica. Ficam temporariamente incapacitados não de desejo mas da sua expressão física (e vocal). Como duas solteironas, tomam as suas bebidas nos mais retirados terraços de Tempe Harbor e reprovam o comportamento dos outros.

Na terceira manhã, muito cedo, Vina encontra um veado morto nos juncos à beira do lago: não morto a tiro, morto simplesmente. A cabeça está meio mergulhada no lago, as hastes emergem da água como ervas rígidas. Os insectos zumbem o seu requiem. As pernas estão esticadas, como as de um gigantesco brinquedo. Mais precisamente, pensa ela, como as pernas de um cavalo de pau. Por qualquer razão que ela não consegue identificar, este pensamento fá-la chorar. Grandes soluços a sacodem; a seguir vem a recordação de uma desaparecida loja de charutos chamada Egiptus e à sua porta uma carruagem com o seu cavalo de pau. *Uma cidade de um só cavalo e esse cavalo era de pau.* Vina pede uma das limusines da casa, conduzida por Limo Singh, como a informa o motorista de turbante, sem qualquer tique da ironia proibida pelo vanguardista Otto Wing — e abandonando Ormus aos barulhentos amantes de Tempe Harbor — faz-se conduzir a Chickaboom em grande velocidade.

Mais tarde Ormus anda à sua procura pelos jardins, estreando a sua pala nova de veludo roxo (feita expressamente para ele pela prestável governanta Clea). Com o seu único olho disponível avista o corpo do veado a ser arrastado por um pequeno tractor conduzido pelo jardineiro Lawn Singh. Por um instante pensa que é Vina. Mas o seu olho bom faz troça do palpitante do seu coração: quatro pernas e não duas, cascos e não pés. Ninguém diga a Vina que fez *aquele* engano.

Volta para casa, ainda oprimido pelo susto que apanhou, com as bioquímicas descontroladas a correrem-lhe nas veias. Vai para a sala de

música — é à prova de som, não se pode lá ouvir o Otto e a Ifredis — e senta-se ao mini-Yamaha de concerto. Vês um animal morto e pensas que é a mulher que amas. Não podes confiar nos teus olhos. Não podes confiar nela. Há música a nascer na ponta dos seus dedos.

*Tudo o que pensas que vês, — conta ele. — Não pode ser.*

E se Yul Singh — Maquiavel, Rasputine, ele nunca se importou com o que chamavam, desde que os artistas continuassem a cantar e o público continuasse a comprar — está realmente a vigiar (com os seus olhos cegos instalado, como Shaw, no céu sem nuvens) o seu angustiado hóspede, certamente naquele ponto abrir-se-á num largo sorriso de satisfação.

\*

A loja de charutos desapareceu e Egiptus é um nome pouco vulgar numa pequena cidade. Vina precisa de pouco mais de uma hora para se informar e saber que o homem morreu sufocado por um osso há alguns anos, mas que a mulher ainda está viva, embora o seu enfisema lhe garanta pouco tempo de vida. É a Sra. Faraó, revela-lhe um velho cliente num bar. Limo Singh percorre agora uma longa estrada rural entre vinhedos e milheirais. Aparece um silo vermelho e um moinho de vento. Faz calor quando o vento abranda, mas o vento hoje sopra forte, com rajadas e assim vai continuar.

A estrada começa a ter curvas e a estreitar, perde a confiança, torna-se incerta, bifurca-se constantemente, com as rajadas de vento a levantarem nuvens de pó que tornam tudo mais esborratado. Até que chegam a um pátio que é um depósito de sucata e que perdeu a sua definição como a papada de um homem que envelhece e vai desfigurando o rosto. E encontra uma roulotte enferrujada, à beira dum montão de carros e tractores em ruínas, canibalizados, rodeados de ervas altas que parecem querer escondê-los.

Ela vive na roulotte, pensa Vina, mas não sabe o que fazer. A limusine pára e ela deixa-se ficar sentada, sentindo o tempo fechar-se e sentindo também um inesperado sentimento para lá da raiva e da vingança.

Compaixão.

Sai da limusine e atravessa o pátio. Abre-se a porta da roulotte. Uma cabecinha grisalha aparece e começa a gritar furiosamente, com intervalos para prolongadas aspirações:

— Para onde é que estás a olhar, ó senhora, eu não sou nenhuma atracção turística da merda. Não sou uma curiosidade local só porque leu qualquer



coisa a meu respeito na merda de qualquer guia turístico. Eu devia era cobrar bilhetes. Que é que quer? Quer tratar de qualquer coisa comigo, ou só cá vem com o seu carro de luxo para trocar de gente que não teve a sua sorte?

Ofega, aflita. Vina não se mexe.

— Eu conheço-a de algum sítio?

Vina tira os óculos de sol. A mulher parece ter recebido um golpe.

— Não, não, — diz a Sra. Faraó.— Não muito obrigada. Isso é o passado. A velha fecha a porta na cara de Vina.

Vina não se mexe.

A porta abre-se numa nesga: — Já disse que não tenho nada a dizer-lhe. Não tem nada que vir aqui invadir o meu direito constitucional à privacidade. Vir aqui acusar-me. Eu não estou no seu tribunal, menina, estou no raio do meu lugar de residência, no meu pedaço pessoal de ervas daninhas e não no seu tribunal. Você e o seu criado estão a invadir uma propriedade particular e acho que vou chamar a polícia. Não consigo respirar.

A porta abre-se. A viúva Egiptus tem uma mão no puxador e a outra no peito. Resfolega como uma mula. Respira como a morte.

Vina espera.

— *Não lhes faço boa impressão,* — diz a custo a mulher. — é o que vocês acham. Pensam que eu sou lixo. Um monstro. Que tomei uma jovem com a vida já estragada e a tratei muito mal. Mas veja bem no que tudo veio a dar. Você acabou numa vida de luxo e eu acabo nestas ervas de merda. Não acha que me deve qualquer coisa? Não acha que, se calhar, fui eu que lhe dei o pontapé no cu que a pôs no bom caminho e lhe dei o equipamento de sobrevivência que lhe valeu na sua jornada. Basta olhar para si, vê-se logo que você é uma gaja dura. E isso graças a mim. Portanto não fique aí de pé, como se fosse o dia de juízo e me viesse entregar a sentença. Você tirou-me a força e deixou-me aqui, fodida, à espera da morte. Não vê que eu estou a morrer mesmo diante dos seus olhos? E não se rala. Daqui a bocado vai-se embora e eu continuo, nas suas costas, à espera da morte. Talvez passem semanas antes que encontrem o meu corpo, até ele estar inchado como um balão e cheirar tão mal por todo o condado como uma má consciência. Não me ralo nada com a sua sentença, é um outro tribunal que me assusta. Outra sentença. Jesus.

A Sra. Egiptus fecha de novo a porta da roulote e Vina ouve os ruídos de um enfisema em estado avançado. Volta-se para Limo Singh. — Já não aguento mais — diz ela. — Dê-lhe a morada. Convide-a para jantar às oito e diga-lhe que é sem cerimónia, que não precisa dos sapatinhos de cristal nem do vestido de cetim. Eu espero no raio do carro.

E assim Cinderela convida a malvada madrasta para ir ao baile.

\*

Antes do jantar, bebidas e drogas — champanhe, cocaína — no relvado de Temple Harbor. — Tudo o que exijo é que seja da maneira convencional, pelo nariz — estipula Yul Singh numa série de categóricos telefonemas para os seus convidados. — Agora está na moda, desculpem a franqueza, a inserção pelo traseiro, há um tipo que se chama a si próprio Bater-no-fundo, é uma das supervedetas de Voight, talvez o conheçam, mas na minha sincera opinião é ele que tem a culpa. Estamos num país livre, ele pode fazer o que quiser, mas eu estou um bocado fora de moda, não quero que meus convidados metam coisas pelo cu acima diante dos criados.

A Sra. Faraó — Marion, viúva de Egiptus — porta-se como um gangster, escondendo o seu pouco à-vontade por detrás de uma barragem de obscenidades; começando desde logo a sua retaliação. O seu impecável vestido *imprime* às flores, pende, largueirão, do seu corpo emagrecido de pássaro. Otto Wing levanta o nariz de um espelhinho e mira esta antiga aparição.

— Boa! Vina convidou uma mulher do lixo — anuncia ele aos gritos.

— Então agora é rica — diz Marion Egiptus a Vina logo à entrada. — Aqui está com os seus compinchas ricos, passando um bom bocado. Claro que sei o que isso significa. Uma alteração no raio do equilíbrio de poder. Eu estou feita e *você* safou-se. Isto é a América, o dinheiro dá mais direitos a quem o tem. Tem o direito de me expulsar e de me envergonhar e o seu amigo Limpa-Cus pode-me insultar na cara. Está bem. Conheço o jogo. Fazemos um negócio: dê-me vinte dólares e eu peço já desculpa pela maneira como a tratei lá no meu sítio e por mais vinte esqueço-me da retorcida putinha que você sempre foi. Por cinquenta dólares beijo-lhe os pés e por cem, limpos, posso mesmo chupar-lhe a sua ratinha preta. E meto no preço este seu amigo de quatro olhos. Mulher do lixo, hein? Posso mostrar-lhe umas habilidades. Ponha-me um saco na cabeça, faça um buraco para a boca e, por duzentos dólares eu faço-lhe o que nem Maria

Madalena, para não falar de qualquer putinha estrangeira, de menor idade, toda nua, poderia imaginar. Mas sentar-me a jantar com esta escumalha? Não há dinheiro nenhum que me convença a fazer isso.

— Gosto desta mulher — entusiasma-se Otto Wing, com os óculos a chispar. — Fala sem quaisquer rodeios e a sua proposta é intrigante. Ter relações íntimas com uma pessoa que está às portas da eternidade. Há possibilidades interessantes.

— Mas a blasfémia, Otto — objecta Ifredis. — Devemos altamente tal linguagem objectar. — O seu vestido deixa pouco à imaginação e ela fá-lo descer dos ombros para atrair e prender a atenção de Otto, o que tem um efeito imediato. A juventude abençoada e evidente triunfa sobre a velhice maldizente e blasfematória.

E o poço do fogo eterno vai abrir-se certamente sob os seus pés dentro de pouco tempo, — prediz Ifredis vitoriosamente. — E já agora, senhora, eu não sou de menor idade e, se quer saber, trabalho muitíssimo bem com uma saca na cabeça.

— Saco, — corrige Otto com meiguice, passando-lhe a mão pelas costas nuas. — Trabalhas muitíssimo bem com um saco na cabeça.

— Seja como for, querido. Estou confusa nas minhas palavras porque se tem falado muito de sacas.

Vina leva pelo braço a asmática e renitente Marion Egiptus até ao sítio onde encontrara o veado morto. — Okay, Marion — diz ela, — tem razão e não tem. Tem razão quando diz que eu fui até à sua roulote para a derrotar, para ajustar contas. Depois de todos estes anos sem pronunciar sequer o seu nome, eu queria que soubesse que eu tinha triunfado, queria que ficasse com inveja de mim. Mas quanto a convidá-la aqui para a amesquinhar, não tem razão. Você está tão fodida que, ao vê-la, fiquei com o desejo de a ajudar com o que for preciso, médicos, contas, seja o que for.

— Está a oferecer-me dinheiro?

— Sim senhor, estou a oferecer-lhe dinheiro. E não terá sequer que me chupar o cu.

— Okay, aceito — diz a velha rapidamente — quanto?

— Não tanto como pensa. — Vina encolhe os ombros, esclarece as coisas. — Nada disto é meu. Eu sou uma simples cantora e tudo isto é do patrão.

Marion Egiptus desata a rir, o que lhe provoca um ataque de tosse.

Quando se restabelece, encosta-se a Vina e diz: — Merda filha. Eu já sabia. Quando fores mesmo rica, não só aparentemente rica, não te vais ralar em fazer a guerra ou a paz com o passado. Vais deixar tudo para trás, querida. Estás lançada.

— Estou contente. Ainda bem que não a deixei para trás, — diz Vina. Dão-se as mãos. Marion desprende-se: — Pois — diz ela. Mas depois de me teres dado o dinheiro não vais querer mais saber de mim. Não penses que vais fazer qualquer coisa por mim. Estás é a comprar a tua liberdade pessoal.

— É verdade — concede Vina — talvez seja isso mesmo. Ninguém quer ser escravo.

\*

Maria também aparece em Temple Harbor. Nenhuma porta a pode manter de fora. Ela chega quando Vina, por pouco tempo que seja, deixa Ormus entregue a si próprio e faz a conversa toda, mais uma vez é fisicamente insistente, urgente até, uma alma gémea fantasmagórica da erotomaniaca Ifredis Wing. O seu corpo sente-se como real e é muito forte. Agarra Ormus pelos pulsos e deita-o de costas na cama. Ele, no entanto, resiste. Pensa em Vina e o poder de Maria esvai-se. A sua pressão enfraquece. A força abandona-a.

— Nada a fazer — diz ela, desconsolada, afastando-se. — Estás preso neste lugar estúpido, este sujo desvio do verdadeiro caminho. Esta Terra incerta, as suas perturbadas águas, os seus vômitos de fogo, o seu ar envenenado, etc. A sua falta de razão. Não admira que tenha tão perniciosos efeitos. Tu também estás poluído, pobre querido, sofres de uma qualquer doença psicotropical e pensas que estás apaixonado.

Estranhamente, as idas e vindas de Maria já não são inteiramente livres. É como se, chegando à presença de Ormus através da visão do seu olho pálido, cego, observador de outras coisas, ela tenha perdido o seu antigo poder de aparecer e desaparecer. Parece que agora, que se ela se tornou parte do seu olhar, ele pode controlar as suas aparições. Ela já não pode materializar-se e desvanecer-se simplesmente deslocando-se para o lado, como se houvesse uma fenda no meio de nada. Não pode entrar ou sair deste mundo como num marco de correio; pura e simplesmente já não pode.

Por isso a pala feita por Clea tornou possível o que nenhum sistema de segurança conseguiu. Ormus decide manter o olho esquerdo vendado e

mergulhado na escuridão.

Vina é tudo o que ele vê e quer ver.

\*

Mesmo com o olho vendado, Ormus Cama tem vindo a descobrir que a América desafia a credibilidade. Na antecâmara da suite que ele e Vina ocupam, há uma máquina de bebidas que aceita notas de banco. O que o deixa espantado. O papel é incapaz de fazer funcionar as engrenagens mecânicas que estão no limite da sua imaginação científica. Pesquisadores electrónicos, circuitos impressos, bifurcações sim/não — esses mistérios estão para lá do seu alcance, tal como os mistérios da Grécia antiga. O autómato que funciona a papel é o guarda-portão de um novo mundo de milagres e confusões, um mundo onde os puxadores das portas giram no sentido errado e os interruptores estão de pernas para o ar.

É evidente que para os jornais diários o mundo exterior às fronteiras dos Estados Unidos (com excepção da Indochina) praticamente não existe. O resto do planeta é entendido em termos faccionais, e o que há de mais perturbante na guerra da Indochina é que essa terra basicamente imaginária está a privar jovens americanos da própria vida a que têm, constitucionalmente, todo o direito. É a subversão da ordem natural das coisas e os protestos estão a aumentar. Na TV, rapazes de capacete e armas são vistos a marchar pelos relvados das Universidades, reclamando o direito, dado por Deus, de serem os Americanos a matar ou a ferir os seus próprios jovens antes que a guerra da Indochina tenha oportunidade de o fazer.

A TV é uma novidade para Ormus Cama e tem novas maravilhas para lhe revelar.

Aparece lá muita publicidade a engenhos antipessoais variadamente disfarçados em produtos alimentares e destinados a transformar os estômagos e os intestinos dos Americanos em tremendos e selvagens campos de batalha. Estes alternam com filmes de promoção para um vastíssimo leque de remédios químicos, cada um deles clamando ser o único capaz de restabelecer a paz gastrintestinal. Pelo meio dos anúncios aparecem notícias da morte de Louis Armstrong que ele outrora adorou ver em vários filmes. Vê também muitas famílias — incluindo uma família de um músico sem talento — a serem troçadas por espectadores invisíveis. Há também notícias de discos voadores aterrando nos vastos espaços do

Midwest. Um velho actor, cujo talento parece ser a sua incapacidade de se recordar de qualquer coisa que lhe tenham dito há mais de um quarto de hora, é candidato ao cargo de Governador da Califórnia e frequentemente apresentado como um americano exemplar.

A música, contudo, fá-lo sentir-se bem. Na sua sala à prova de som, ouve com prazer e entusiasmo o “*200 Motels*”, o álbum do Uncle Meat, uma gravação ao vivo das lendárias actuações da Caledonia Soul Orchestra de Zoo Harrison, com Eddie Kendricks a cantar “*Just My Imagination*”, e “*Imagine*” da Plastic Ono Band. No entanto, quando ouve um tipo qualquer a chorar o fim do *rock’n’roll*, Ormus zanga-se. Morte? A música acaba agora mesmo de nascer. Vina é a mãe e ele é o pai e quem pense de outra maneira devia ser arredado da sua estrada de grandes velocidades.

No fundo do seu coração ele sabe porque é que ficou realmente zangado: chegou à festa com quinze anos de atraso. Esses anos deviam ter sido seus, e, em vez disso, pertenceram a outros. O tempo está a esgotar-se. Cada dia que passa é um dia a menos a que para se agarrar.

Agora Ormus está lá em cima, na casa, vendo Vina a falar com a Sra. Faraó à beira do lago e enfiando notas de dólar na gasta bolsa da mulher que já não vai durar muito. Domina o abalo que a presença de Maria lhe provocou e é dominado por uma grande vaga de amor pela mulher que lhe deu uma vida nova. Que extraordinária mulher, as lutas que teve de travar e de vencer! Tem de casar com ela o mais cedo possível. Ela tem que acabar com as suas jocosas recusas e casar com ele sem demora, talvez mesmo em Temple Harbor. Isso seria perfeito! Ao confrontar-se com a mulher que não foi boa para ela na sua infância, Vina livrou-se de um fantasma. Yul Singh exorcizou o fantasma do velho Manny Raabe instalando o aquecimento. Vina exorcizou os seus fantasmas olhando-os de frente e renunciando à sua vingança. O seu negócio com o passado está concluído. Casar-se neste momento seria virar uma página.

O seu desejo por ela transborda-lhe do corpo. O amor dela é o único que poderá — que *fará* — unir a sua visão desdobrada, torná-lo uno. Tal como os seus braços são os únicos que a podem consolar depois de todas as suas lutas e sofrimentos.

Há um campo com flores selvagens à borda do lago. É o local perfeito.

Ormus brilha de amor. Em breve chegará o dia do seu casamento.

\*

Se ela não tivesse feito o definitivo acerto de contas com a Sra. Marion Egiptus, de Chickaboom, N.Y. — se os sofrimentos da sua infância não tivessem sido sarados por uma transacção de dinheiro entre adultos — então talvez Vina Apsara pudesse estar vulnerável às repetidas propostas de Ormus. Se Otto e Ifredis não tivessem corrido até ela no relvado, passando pela Sra. Egiptus, e não lhe tivessem proposto um *ménage à trois* ou mesmo *à quatre*, se ela insistisse em incluir o seu solene e preocupado amigo, talvez Vina não tivesse ficado tão enojada e não tivesse transferido o seu desprezo pelas extravagâncias post-maritais do casal Wing para a própria instituição do matrimónio.

Mas há coisas que foram feitas e que não se podem desfazer, e é por isso que Ormus, aproximando-se dela à beira do lago, na última luz do dia, com um ramo de flores silvestres na mão a vai encontrar com um humor viperino.

— Temos que sair daqui agora mesmo — explode Vina para o seu gentil pretendente, que veio para um encontro romântico e encontra a amada a espumar de raiva transformada numa harpia. A fúria azeda da ex-madrasta, desencadeou a sua própria e formidável raiva. — Ormus, por amor de Deus! O que é que vamos fazer? Estamos a ficar doidos? Vamos Ormus. Qual é o projecto? Vamos destruir este manicómio ou vamos instalarmo-nos numa célula almofadada e, sei lá, começar a dizes disparates?

— Vim ter contigo, — diz ele, sabendo que o momento não é bom, mas sem se poder conter, sentindo que as coisas se estão de novo a afastar dele, que o seu casamento e o seu ramo de flores silvestres desapareceram numa bifurcação da realidade e que ele não é capaz de os seguir. — Vim pedir-te para casares comigo.

— Chá te dixei, mê amor, — o sotaque rústico temperava a rudeza da recusa — ê nã chou das que che caxam. Nã chei dezer chin.

Ela não se casará. Não consegue convencer-se a isso. Ela ama-o, ama-o até ao desespero mas não é capaz de pôr isso por escrito e assinar no fim. Devíamos era pegar fogo a este palácio de pesadelo em vez de nos portarmos como o harém particular de Yul Singh. Como os seus eunucos e, como se diz?, as suas concubinas. Devíamos queimar tudo até o próprio chão. Foi para isto que fugimos da Inglaterra. Se isto é o século vinte então, meu querido, temos que fazer planos urgentes para irmos viver permanentemente para outra época qualquer. Corre camarada, o velho

mundo anda atrás de ti — diziam os estudantes em Paris no Maio de 68. Abaixo um mundo em que a garantia de não morrermos de fome foi comprada com a garantia de que vamos morrer de tédio! A vitória será daqueles que saibam criar a desordem sem, por isso, a amar! Liberta do teimoso sofrimento das suas recordações, de infância, Vina recusa um novo cativo. E argumenta com o convencional radicalismo anti-nupcial característico da época. A monogamia é um par de algemas, a fidelidade uma corrente. Ela quer ser uma revolucionária, não uma esposa. Ela quer mudar o mundo, não mudar fraldas.

Ele não a ouve. Torna-se obsessivo. — Se não casas comigo agora, quero saber quando é que casas — pergunta ele, com uma teimosia tão cega que se transforma noutra coisa qualquer, talvez no destino. E a força do seu desejo é tão palpável que Vina — Vina que o ama com toda a sua vida, que sabe que o amor dele é igual ao dela, Vina que não pode confiar nesse amor, nem no dele nem no dela, durante mais de cinco minutos — toma a pergunta a sério. — Diz o dia — vocifera ele. — Num futuro tão distante como tu queiras. Quando fizeres cem anos. Mas diz o dia, a sério, e eu nunca te voltarei a falar nisso até esse dia chegar. Dá-me a tua palavra inafundável e ela manter-se-á à tona toda a minha vida. Diz só o raio do dia.

Ela tem vinte e sete anos e se há uma coisa que aprendeu é que nada se mantém na mesma durante cinco minutos, nem sequer o raio do nome. Por isso a exigência da marcação de um dia previamente fixado é um truque de histórias infantis, é um revivalismo dos Cavaleiros da Távola Redonda e das suas juras e compromissos. Um revivalismo do amor cortês. Ormus está a pedir-lhe que hipoteque o futuro, mas no futuro ela já será outra pessoa qualquer, já se terá modificado dúzias de vezes e ninguém pode esperar que a nossa futura pessoa se sinta presa aos erros e às promessas da juventude. É como vender a lua. Podes vendê-la se encontrares um comprador mas só um louco ficará à espera da entrega. Faz lá a promessa, pensa ela e depois é o *caveat emptor*. O comprador que se acautele.

Okay, diz ela. Okay, pronto, não batas mais. Daqui a dez anos, o que é que achas. (Pensando: dez anos é uma eternidade, sendo o negócio da música aquilo que é, e tendo em conta o seu volátil temperamento e a tempestuosa história da sua vida, daqui a dez anos bem pode estar louca ou morta. Terá trinta e sete anos, o que acha ainda pior. Dali a dez anos a luz que está a desaparecer à volta deles naquele fim de tarde estará a cinquenta



e oito mil seiscentos e cinquenta e sete bilhões de milhas de distância e ela própria deverá estar bastante longe. Dez anos é a terra do nunca mais, vira-se à direita na primeira estrela e vai-se em frente até amanhecer. Não há regras. Além, disso, atrás das costas, está a cruzar os dedos traiçoeiros.)

— Dez anos a partir de hoje? De agora?

(Ele está a falar a sério. Meu Deus! Mas não faz mal, isto passa-lhe, vai ficar bom.)

— Claro, Ormie. Dez anos, e o relógio a marcar: três, dois, um, vai!

Então ele diz-lhe qual é a sua parte na combinação.

\*

Esperar por ela, possuí-la às pressas, perdê-la de novo, tem sido o seu destino. Esperou que ela chegasse aos dezasseis anos, houve uma única noite de amor e a seguir ela desapareceu. Ele caiu, levantou-se outra vez, lutou para se tornar digno dela, para fazer grandes façanhas, para resolver o enigma da partida dela, reencontrou o seu próprio caminho após inúmeras vicissitudes que o atrasaram, até que um acidente de novo o abateu e suspendeu a sua vida. Ela voltou e fez um milagre, um inquestionável milagre de amor e então, por alguns momentos, estiveram juntos enquanto ele recuperava. Mas apesar das suas constantes declarações de amor, Vina continua a recusar-lhe a estabilidade natural de que ele tanto precisa com a sua bizarra característica de dupla visão. Ele acha que a espera — mais dez anos como ela marcou — é preferível às suas errâncias diárias, aos seus caprichos. A espera é pelo menos sólida, tem um princípio, um meio e um fim, Ormus pode apoiar nela o seu peso sabendo que ela não se afastará subitamente no último momento para o fazer cair. Mas na espera há uma incerteza, uma posição ambígua, não há meias medidas nem teoria da relatividade. Como não há no amor. Uma pessoa ou ama ou espera pelo amor ou desiste dele. Esse é o leque completo das opções. Se ela escolher a espera, ele escolhe amplificar o seu significado.

Durante dez anos, até ela ter trinta e sete anos e ele quarenta e quatro não lhe tocará nem ela a ele. Nem será permitido fazer agarrar na mão ou uma carícia na face. O que ele sofreu por amor enquanto ela era uma menina, vai sofrê-lo de novo, agora que estão no esplendor da vida. Ela fez uma promessa e ele não duvida que ela a vai respeitar. E ela também sabe que ele cumprirá a sua. Essas promessas substituem para eles os votos de casamento. Essa não acção, esse barco vazio — esse ausência suspensa,

uma rede balançando entre os dois mastros iguais das suas firmes escolhas — será o leito do seu *grand amour*.

Pondo isto doutro modo: durante dez anos só haverá entre eles um contacto profissional. Um contacto aliás ainda mais estrito; porque não é uma separação, não é um acordo de divórcio mas um pacto de amantes, que terminará num encontro há muito esperado e ardentemente desejado. E será para sempre. E, em vista disso, ele submete-se às regras do amor. Embora não possa tocar em Vina *nem com um dedo* durante os dez anos estipulados, respeitará o celibato livremente e sem coerção. Não partilhará com outra mulher aquilo que não pode partilhar com a bem-amada.

E jura tudo isto.

Daqui a dez anos terminará o período da renúncia e começará o da alegria.

\*

O amor a Deus, como Otto e Ifredis, essas asas<sup>59</sup> do desejo beatificamente agitadas, não prejudicam o impulso sexual. Infelizmente o amor terreno é mortal e rapidamente segue o seu próprio e natural destino.

\*

Um russo entra num stand de automóveis e é abordado por um vendedor. Não há nenhum carro em exposição, lamenta não dispor de nenhum modelo, explica o vendedor, mas temos fotografias e terei muito gosto em tomar nota da sua encomenda. O comprador assina os papéis sem hesitar e pergunta: — Quando é que vou ter o carro? — Daqui a dois anos, — responde o vendedor. — Muito bem. Mas virá de manhã ou de tarde? — Desculpe, mas acho que não percebeu: eu disse *dois* anos. — Eu ouvi, mas de manhã ou de tarde? — Isso é ridículo, que importância é que isso tem? — É que daqui a dois anos à tarde, vou ter lá em casa um canalizador.

É uma anedota pós-comunista. Ponho-a aqui anacronicamente, cerca de dezoito anos antes da sua época, porque é uma parábola acerca de pessoas como Ormus Cama e Vina Apsara, obrigadas pelas circunstâncias a ver as coisas de muito longe. Deixo ao vosso critério se aqueles dois amantes, cujo dom de amor só é superado pelo seu talento em levantar poderosos obstáculos a esse amor, são os criadores dessas circunstâncias ou uns joguetes do destino.

Vina não aguenta. *Não aguento isto outra vez, a merda destes heróicos juramentos*. Ela lamenta-se, implora. Ele está a deitar fora o que de

maravilhoso existe entre eles, em nome de uma arcaica convenção. Tem de reconsiderar, tem de vir já com ela para a cama.

Poderias ter dito dez dias, observa ele. Podias ter dito dez minutos. O período do compromisso era da tua escolha, a sua natureza é da minha.

Paralizada, furiosa no seu desespero, Vina enfrenta a crise da sua vida. E como sempre que a ternura a abandona, como ela acha que sempre aconteceu e acontecerá, recorre à ferocidade.

Ótimo, diz ela. Como tu quiseses. Estritamente profissionais. Combinado.

Durante dez anos, recorda-lhe ele, ficas amarrada à tua palavra.

E tu vais ficar a viver como um frade, não é? dispara ela a sua réplica final, mas não esperes que cá a menina siga o teu exemplo.

Quando ela está fora de vista, Ormus Cama retira a sua pala e o outro mundo faz a sua entrada. Controla-se, fica ele próprio. Pouco a pouco irá habituar-se à sua visão dupla sem ficar tonto e sem perder o equilíbrio. Não terá amor mas terá uma visão completa. E a música.

\*

A partir do momento em que o contrato foi feito, esse pacto com o diabo não fará feliz nenhum deles, mas nada os vai travar. No epicentro daquele terramoto americano que são os VTO está uma desorientação muito oriental. Abstinência: eis o combustível que alimentará o seu foguetão rumo às estrelas.

---

[57](#) “Um, dois, quatro, seis, oito, não mais nafteno palmitate”. Slogan rimado e gritado em coro nas manifestações contra a guerra do Vietname. (N.T.)

[58](#) Nomes jocosamente inventados a partir do significado do verbo “to sing” (cantar). Resultam: Vou cantar — Não posso cantar — Tenho de cantar — É melhor cantar — Elas cantam — Nós cantamos — Sing Sing. (N.T.)

[59](#) Recorde-se que Wing (asa) é o apelido do casal (N.T.)

## Capítulo 13 NA ILHA DO PRAZER

Uma viagem ao centro da Terra. (Preço do táxi, a partir da casa de Vina, 4 dólares incluindo gorgeta.)

Primeira paragem, à esquina do centro da Terra, o estúdio do artista Amos Voight, aliás Slaughterhouse, n.º. 22. O nome de família de Amos é Wojtyla, e anos mais tarde, quando aparece o Papa Polaco, Amos, já com muitos anos, anuncia gravemente que vai pôr um processo a João Paulo II por plágio de nome.

Na Slaughterhouse, por entre provas de imprensa e fotografias, tipos de muita massa, milionários de segunda, andam pelos cantos pendurados, como goteiras à espera de chuva, observando avidamente as mulheres curvilíneas e de grandes pilas entrar e sair do estúdio de filmagens. Amos nunca se esquece de um milionário, nunca os ignora por mais tempo do que eles podem suportar e assim mantem-os felizes. Naquele momento Amos apoderou-se de Vina e está a falar-lhe da morte do seu amigo. Eric, encontrado nu na banheira de um apartamento manhoso de Upper West Side. Tal como o Marat de David, morto por trágica heroína, diz Voight na sua voz surda que lembra um suspiro de mulher. É uma pena, diz ele. Pelo menos o Amigo do Povo morreu numa banheira cheia. Vina põe os braços à sua volta, aperta-o. Fui de táxi até lá, diz ele. Foi horrível. 11 dólares, incluindo gorgeta.

Para o animar, Vina leva Voight para o centro da Terra, para champanhe e sumo de laranja e uma sanduíche de lombo (36,93 dólares, taxas incluídas). É só a dois quarteirões do estúdio. O nome é Sam's Pleasure Island, e não há nenhum Sam, nem nunca houve, nem haverá, mas se o prazer é o seu prazer, então está no sítio certo.

(Mesmo as pessoas que nunca vão a lugares destes, tiram uma forma de perversa satisfação, talvez maldosa, ao saber que eles existem e que uma parte essencial do contrato da América com os seus cidadãos é ali satisfeita. A procura da felicidade; e da morte.)

Ena! diz Amos ao entrar. Adoro Nova Iorque. Está cheia de gente que continua a fazer coisas que já ninguém faz há anos.

Lou está a cantar *Won't you be my wagon wheel*. A gaja está porreira. Olha, ali estão Rémy Auxerre e Marco Sangria, ninguém percebe mais de música do que Rémy e Marco. O que é que vocês dizem, meus filhos,

pergunta Amos, gostam do que Vina está agora a fazer?

Rémy responde: devemos libertar a nossa alma das coisas de todos os dias e abri-la ao *influxus mentium superiorum*, a influência dos espíritos mais altos. Para atingir esse fim, os nossos meios são o vazio e a alienação. Quando a influência encontra a nossa razão vazia, mostra-lhe alguma coisa do conhecimento universal.

Ótimo, isto quer dizer que ele gosta, diz Amos a Vina.

Como é que sabe pergunta ela.

É fácil, porque ele é martiniquense, sabes? diz Amos. Este palavreado é aquela treta francesa e ele maneja-a tão bem como os franceses. As pessoas dançam danças diferentes em cidades diferentes, a maior parte da gente adapta-se, mas não o nosso Rémy. Adoro isso, ele é tão grande, tão arrogante e tão vazio, nem fazes ideia.

Quero que conheça o Ormus, diz Vina. Nós agora temos uma banda.

Não me peças para produzir o vosso álbum, diz Amos. (Está muito em baixo naquela noite.) Pede antes a outro palerma qualquer.

Ninguém te está a pedir coisa alguma, Vina dá-lhe, a brincar, umas pancadinhas na cabeça e a sua madeixa solta-se como uma explosão macia. Sê simpático, Amos. Está aqui na Ilha.

Eis Ormus, com a sua pala, parecendo ainda mais carrancudo que Voight.

Eu vou-te dizer o que é que temos em comum, além do nome que é quase igual, confia-lhe Amos, metendo um braço no dele. Ambos regressámos dos mortos. Tu tiveste o acidente, a mim deram-me um tiro, imagina, uma mulher, uma machona qualquer. Era suposto não me safar, mas acho que me safei.

Tu, um velho aldrabão, escarnece Vina. Sabes tudo acerca de toda a gente. E finges que és uma toupeira ignorante e meio-cega e acabada de sair do seu buraco.

Como uma toupeira destruirei os alicerces da montanha e fá-la-ei cair, diz Ormus.

Oh diabo, um espiritual negro, ataca Voight, empregando deliberadamente o termo arcaico nesta era do “Black is Beautiful”. De súbito, olha directamente para Ormus. Projectores coloridos pintam-lhes os rostos de vermelho e púrpura. De que cor és tu? a propósito, é tão difícil nestes dias saber ao certo, pergunta ele num tom agressivo. Sabes o que se diz de Vina? Diz-se que é uma mulata tentando passar por negra, o que é

uma calúnia e injusto para uma rapariga com o cabelo naturalmente frisado e um gosto por se meter em sarilhos. Estou esclarecido quanto à cor *dela* mas não estou bem ao corrente da orientação pigmentária dos machos parsi, de modo que acho que tenho de te perguntar directamente.

Tenho de ter uma cor? balbuceia Ormus, corando. Não podemos finalmente ultrapassar isso, e não ficar para sempre dentro das nossas peles?

Não sejas desmancha-prazeres, não podias ser verde alface ou coisa assim? O verde é bonito. (E aqui Voight volta-se para uma rapariga de um grupo vizinho, de transexuais, coberta de lantejoulas.) E tu, querida, de que cor és tu?

Acho que sou veludo, filho, isso é uma cor?

Veludo serve perfeitamente; e a tua companheira?

Ela? Ela é gémeos.

Voight volta-se de novo para Ormus. Estás a ver, aqui no Sam, há todas os tons possíveis de todas as cores. Conheces, por acaso, Anatole Broyard? Tem um truque espantoso. Cada dia em que entra no metro em Brooklin é negro, mas quando sai para ir trabalhar no *New Yorker* é de um branco puro. E já ouviste falar de Jean Toomer? É o mais importante escritor da Renascença Negra. O seu livro *Cane*, foi classificado em 1923 por Waldo Frank como uma prova da maturidade literária sulista, a sua libertação das obsessões provocadas por uma interminável crise racial. A aurora da criação directa e sem medo, creio que foi o que ele disse. Parece-me que havias de gostar desse velho livro.

Ormus deixa-se tentar, abandonando a prudência. Tive uma ideia para uma canção, propõe ele. *At the frontier of the skin wild dogs patrol.*

Havias de gostar de Toomer, insiste Voight brandamente. Um homem de pele clara como tu. Mas desapareceu. Diz-se que atravessou a barreira da cor. Ama Bontemps costumava dizer que isso não significava que ele se tivesse afastado do problema racial. A sua capa invisível não o retirou da confusão em que toda a gente estava metida.

Desculpe, diz Ormus, não quero estragar-lhes a festa, mas estou cansado, dói-me a cabeça, boa noite.

Oh-la-la, diz Amos, olhando para as costas de Ormus que se vai embora. Ele está magoado.

E sente-se feliz. Aperta o braço de Vina. Foi uma ideia óptima, querida. Isto é divertidíssimo.

\*

No coração da Ilha do Prazer está a corte Yul Singh. Quem tem sorte senta-se ao lado de Yul Singh na sua mesa reservada — o cego Yul, com o seu Manhattan especial e o seu grosso charuto Cohiba — e, mais tarde ou mais cedo, isso saber-se-á e será levado em linha de conta. Ninguém veste melhor, bebe melhor, fuma melhor ou é mais sofisticado do que Yul. Vina senta-se ao seu lado e Amos ao lado dela.

Está cá toda a gente, esta noite — rosna Yul. Quem se foi embora, foi-se embora.

Estão aqui as Vampiras Lésbicas de Sodoma. Querida, dizem elas, todas nascemos nuas; o resto é disfarce.

Vê-se um gordo gigantesco, nu, com excepção de um capuz de fecho *éclair* na cabeça. Vejam, pôs a pila para trás; aparece-lhe a ponta entre as nádegas.

Eis Angel Dust e Nutcracker Sweet, duas das fabulosas porno — actrizes de Voight, chamo-lhe cavalos, diz ele, porque depois de algumas semanas são levadas para a fábrica de cola e acabam nalgum envelope ou num selo de dez cêntimos. Ao menos acabam a ser lambidas, uma última vez.

Eis Lou, acabado o seu número. Não é uma brasa? E a sua última conquista, Laurie. Rico pedaço.

Aquele é o tipo que está à coca de quem acaba de chegar à cidade e quer saber onde é a festa e com quem é que vai mais tarde foder.

Aquela é a mulher que foi a última pessoa que viu o tipo que se estrangulou com uma corda ao tentar conseguir uma erecção para ela, imaginem como deve estar em baixo, pobre criatura.

Ali estão os tipos que pegam fogo ao dinheiro.

Eis os esmagadores de pénis, os fervedores de testículos, os comedores de merda, fervedores de pénis, comedores de testículos. Mais longe a Rainha Mundial da Espermaratona, que satisfez cento e um homens, quatro de cada vez, numa megafornicção que durou sete horas e meia. Mantém contactos com esses cento e um parceiros e chama-lhes os seus dálmatas. A sua figura preferida é, naturalmente, Cruella de Vil, amadora de peles.

Eis a Mãe-de-todos que adoptou dezanove bebés de diferentes zonas internacionais em crise. Mas quando a crise passa, troca os seus bebés por outros, mais necessitados, de novas zonas quentes. (De cada vez que faço a cobertura de uma guerra, fico sempre a pensar qual o órfão que vai ser

adoptado e qual é o que volta para a rua.)

Eis Ifredis Wing. Toda a sua vida é um acto de adoração e oferece tudo a Jesus. Ali vai um mangas com uma coroa de espinhos na cabeça; devia dar-se bem com a infeliz rapariga. Otto já se pirou, está agora no Budismo, voou para Dharmasala com uma miúda de crânio rapado que é considerada uma espécie de santa, mas que é também uma especialista em artes marciais, por isso tenha cuidado, Sr. Wing.

Eis outros crentes. Eles acreditam na Mãe-Divina, a Deusa Ma no seu arranha-céus em Dusseldorf. Acreditam no nome de Deus escrito nas pevides da melancia. Acreditam nos sábios que vêm ter com eles viajando na cauda de um cometa. Acreditam que a razão e a psicologia são muletas de que se podem servir até alcançarem a sabedoria. E quando a alcançarem, deitam fora as muletas e dançam. Acreditam que são eles os sãos de espírito e todos os outros são loucos. Acreditam no Prazer e na sua ilha. Não acreditam naquilo que se diz desta ilha: que se lá ficarmos muito tempo nos transformamos em burros.

Os deuses do espaço estão aqui esta noite. Está o herói da guitarra que nasceu num asteróide próximo de Marte. Está Sun Ra, outro alienígena. Está o delgado Limey que depois de ter caído na terra, exercia as funções de detector de OVNIS.

E está Neil. Neil dos Silver Spaceships. Neil, a prova viva de que há rock and rock noutros planetas.

Toda a gente. Todo o mundo ocidental.

Voight, esta noite, não tem travões. Ormus Cama não é aquele rapaz que faz canções sobre fronteiras? pergunta a Yul, sobre chegar à borda e atravessá-la? Ai, que coisa! Hoje não passou do capacho da entrada.

Não pode ser ao mesmo tempo a borda e o centro, diz Vina, recusando-se a morder o isco.

Claro que pode, minha bela, diz Yul Singh. Olha à tua volta. Claro que pode.

\*

Cansados da guerra, divididos, vendo a sua crença da superioridade mundial da poderosa águia danificada pela humilhante retirada dos soldados US da Indochina, os Americanos descobrem que querem ouvir o que Ormus Cama tem para dizer. Os helicópteros sobrevoam a embaixada americana em Saigão como anjos do júízo final; os vivos penduram-se neles e



suplicam Salvação. Os mortos já foram julgados e declarados culpados da derrota. Veteranos sem pernas ou sem braços, refugiam-se psicopaticamente na segurança das florestas e montanhas, para sonhar com os arrozais e com os Vietcong saindo da água mesmo em frente dos seus rostos aterrorizados, aí vem um helicóptero para lhes cortar a cabeça. Podem-se tirar os rapazes da guerra, não se pode tirar a guerra dos rapazes. Neste momento de privação, os Americanos à deriva estão estranhamente abertos aos paradoxos das canções de Ormus; abertos de facto ao próprio paradoxo e também à sua ambiguidade de gémeos dissemelhantes. O exército americano (e as suas canções rock) foi para o Oriente e regressou com o nariz a sangrar. Agora chega a música de Ormus como afirmação de um outro Oriente para entrar no coração musical da americanidade, para deslizar no rio dos sonhos; mas é conduzida pela convicção democrática de Ormus (conservada desde os dias em que Gayomart cantava o futuro aos seus ouvidos) de que a música também é dele e nasceu não só nos EUA mas no seu próprio coração, desde há muito tempo e vinda de muito longe. Tal como a Inglaterra não pode reclamar o exclusivo da língua inglesa, também a América não é o único proprietário do rock and roll: é este o subtexto de Ormus. (Vina, sempre como porta-voz, como lançadora de reptos, vai aparecer em breve e esmurrar alguns narizes patrióticos.)

A história do noivado de dez anos e o conseqüente juramento de celibato por parte de Ormus espalha-se rapidamente; e isto também torna irresistíveis Vina e Ormus. A nova banda arranca quase instantaneamente e a força da sua ascensão abala a terra. Começa como uma coisa especial e transforma-se rapidamente num gigante. Simultaneamente conquistador e celebrante, Ormus assalta a cidadela do *Rock* e a voz de Vina, tal como Yul Singh previra, é a sua arma irresistível. A voz dela é a serva das melodias dele; as canções dele as servas da sua voz. Enquanto Vina é o instrumento excepcional capaz de arrepiar os cabelos da nuca do ouvinte, as harmonias de Ormus, mais baixas, mais gentis, equilibram perfeitamente o fogo-de-artifício dela e quando as duas vozes se juntam criam uma terceira voz, uma voz mágica, mais suprema que a dos Supremes. É o casamento perfeito. Ormus e Vina, separados pelos seus votos, ficam de novo juntos nas canções. V-T-Ohh! A América, desorientada, à procura de uma nova voz, rende-se às vozes deles. O jovens americanos, em busca de novas fronteiras, embarcam nos VTO's, o Expresso do Oriente.

Aquela parte da alma americana que está em retiro naquele momento, encontra conforto na reafirmação, pelas novas estrelas, das grandes verdades musicais americanas, o ritmo que os faz bater os pés, comecem a andar e encontrarem a dança escondida nos seus passos; os tempos fortes que fazem vibrar os corpos; o ritmo e a intimidade melancólica dos *blues*. Aquela América que, ao perder as suas certezas, se abre novamente ao mundo exterior reage aos sons não-americanos que Ormus acrescenta às pistas das gravações, a sensualidade dos trompetes cubanos, os esquemas inebriantes das percussões brasileiras, as madeiras chilenas gemendo como os ventos da opressão, os coros masculinos africanos lembrando árvores agitadas pelas brisas da liberdade, as velhas senhoras da música argelina, com os seus gritos e ululações, a paixão sagrada dos cânticos paquistaneses. Uma enorme massa de música popular resume-se a pouco, diz Ormus por ocasião da saída do primeiro álbum com o seu nome (aquele com a pala de veludo cor de vinho na capa). O disco oferece ao povo migalhas quando lhe devia dar um banquete.

Ele gostaria de trabalhar com o que ele chama a orquestra completa, não com bonecos em smoking mas a escala completa das ideias e emoções musicais e até do seu alcance moral, sim senhor, quer que a sua música seja capaz de dizer tudo a todos e, sobretudo, que signifique alguma coisa para cada um dos que a ouvem.

A América zangada também ouve com dureza; a América da perda, a América que está a levar uma sova e não sabe bem como, ou que mal fez para merecer tanto sofrimento, (esta América não conta os mortos indochineses, mas só os americanos). Essa América enfurecida reage à raiva de Ormus porque ele é um homem muito zangado, zangado com Vina, consigo próprio e com o destino cruel graças ao qual a década do seu grande triunfo perdeu qualquer sentido devido ao vazio da sua cama.

Reage de duas maneiras. Só uma delas é favorável. Sob a América que se abre aos VTO, há um outro país que se volta contra eles, cerra os dentes e fecha o espírito.

Ormus e Vina começam a ter inimigos poderosos.

*Alguém devia calar aquelas bocarras arrogantes duma vez para sempre.*

A melancolia e a castidade tornam possível a sublimação, segundo o escritor florentino do século XV Marsilio Ficino, e é a sublimação que liberta o *furor divinus*. Primeiro nas Baladas da Paz de Ormus Cama, depois

no seu lendário álbum *Quakershaker*, a sua fúria é evidente em cada acorde, em cada compasso, em cada verso, uma fúria profunda como a água *negra* tirada de um poço envenenado. Se esse *furor* é divino ou terreno, é um assunto de grande discussão.

Se Ficino acreditava que a nossa música é composta pelas nossas vidas, o checo Milan Kundera pensa o contrário, pensa que as nossas vidas são compostas como música. *Sem dar por isso, cada indivíduo compõe a sua vida de acordo com as leis da beleza, mesmo em tempos de grande aflição.* Para seguir o velho princípio do belo, tal como o entende a sua elegante cabeça: nas nossas acções seguimos os ditames da nossa necessidade de encontrar a forma.

\*

Bravo, Ormus! Tenho que reconhecer que o gajo é bom. Carregando um saco de mirabolantes fotos da queda de Saigão, um carregamento de pesadelos para o resto da vida, venho para voltar para os mercadores de sonhos cor-de-rosa e dos paxás emproados reunidos nos pórticos dos edifícios de S. Marcos, e hop!, no quiosque da esquina lá está o nosso Ormie, notoriamente avesso à publicidade, ganhando um *home-rum*<sup>60</sup>, adornando, na mesma semana, as capas de *Rolling Stone* (com Vina), *Newsweek* (Vina reduzida a uma caixa) e *Time* (sem qualquer vestígio de Vina). Ormus não só atira as notícias da guerra para as páginas interiores como também marginaliza uma das grandes belezas da época que se está rapidamente tornando uma das mais célebres mulheres do mundo. Aquilo é que é publicidade! Ormus deve com certeza ter tocado num nervo. Dois álbuns em pouco tempo, *VTO* e *Peace Ballads* — nesse tempo, antes da onnipotência dos vídeos e do marketing, os músicos publicavam muito mais discos — um, dois! e alcançam o topo do mundo.

*Também há paz no outro mundo. (Tenho um só para mim, querida.) Não é melhor para mim do que para ti. (É bom sabermos que não estamos sós.) A guerra acabou e a batalha continua. (Mas não consigo falar-te ao telefone.)*

*Ligo o teu número mas não estás em casa. Ligo o teu número mas não estás em casa. Parece que fiz esta longa viagem para ficar à espera. Foi uma longa viagem até casa. Uma longa viagem para casa.*

As *Peace Ballads* dos VTO desafiam as máximas do cineasta pós-irónico Otto Wing. *Apanhando os Cacos, (trouxeste-me) Paz sem Amor, Longa*

*Viagem para Casa, Tanto Faz Viver*, é fácil ouvir a ironia amarga e desencatada de muitas das canções de Ormus. Mas a música delas é animada, quase perversamente optimista. O efeito geral é estranhamente positivo, mesmo exaltante e para muitos jovens aquelas faixas tristes e anémicas transformam-se bizarramente, em hinos de redenção, em recomeço, em liberdade. No meu quarteirão jovens passadores de droga — Nicely-Nicely Johnson, Harry the Horse, Sky Masterson, Big Julie, Nathan Detroit — assobiam as canções de Ormus. Paz sem amor: é exactamente o que eles vendem a peso, produto genuíno e de alta qualidade. É o único negócio; sempre foi. E quando já não tens sumo de paz, comprimidos de felicidade ou doces iguarias para as tuas veias, és sempre bem-vindo ao Vale da Felicidade e reabastecer-te de outra saborosa dose, desde que tenhas em teu poder o caroço necessário. O que é mais, dizem os passadores, do que o que acontece com o amor.

Os Americanos compram as *Ballads* às carradas, mas o álbum contra a guerra gera alguma perturbação. Agências que consideram ser seu papel proteger o seu país contra a quinta coluna, contra a destabilização, começam a investigar discretamente. Yul Singh recebe um telefonema cortês, no seu telefone secreto, de uma voz que declara ser Michael Baxter quando começa a conversa e Baxter Michaels quando se despede. Um tiro de aviso. Uma palavra para os entendidos. Temos alguma preocupação sobre o conteúdo de alguns versos. Não se trata naturalmente de qualquer infracção à Primeira Emenda da Constituição, mas julgamos saber que o autor não é um cidadão dos Estados Unidos. Um convidado que quer continuar a ser bem recebido não deve mijar no melhor tapete do dono da casa.

Yul Singh convoca Ormus e Vina para o sua suite de escritórios perto de Columbus Circle e sugere-lhes um passeio no parque. Normalmente os nova-iorquinos gabam-se de ignorar a fama dos famosos mas o sucesso excepcional de *Peace Ballads* obriga a medidas excepcionais. Para Ormus um velho casaco *hippie* afegão, óculos de sol redondos e cor de púrpura, uma cabeleira assustadora. Vina é mais difícil de disfarçar. A sua altura, o seu toque afro, a sua atitude desafiam qualquer disfarce. Depois de muita discussão, ela concorda em pôr um grande chapéu mole, de feltro escarlate, porque fica bem com o seu grande sobretudo de cabedal italiano. Yul Singh, como de costume, recusa-se a usar a bengala branca e apoia-se, em vez

disso, no férreo antebraço de Will Singh. Meia dúzia de Singhs seguem a uma distância discreta, caso se junte qualquer multidão. No parque, no meio do arvoredo, Yul friamente comunica o conteúdo do recado telefónico do FBI. Vina mostra o seu desdém, recusa tomar a sério a ameaça — *Toda a gente agora tem um bófia atrás de si, desde o Dr. Nina até Winston O’Boogie, é uma espécie de moda.* E dispara numa das suas loucas tangentes: o que é que isso interessa? ninguém repara a sério nos versos das canções, seja como for. Durante anos pensei que Hendrix era um larilas. Lembra-se? “desculpem-me enquanto beijo este tipo”. E o que era aquilo sobre os meus pés a desfazerem-se? gostava do surrealismo das letras do *rock*, dos seus absurdos. Até que um dia percebi que não ouvia bem o que elas diziam.

Ormus, diz Yul Singh tranquilamente, estes tempos são muito delicados, as pessoas são muito sensíveis, estão em carne viva, estás a dar-lhes uma *overdose* de verdade. Só digo que isso é apenas contigo, mas tens que controlar os teus mais loucos sentimentos e, se posso dizê-lo, as bocas que ela diz e não estão escritas.

Vão ter que esperar muito até esse dia, responde Vina asperamente, atirando ao chão o chapéu e os óculos escuros e afasta-se a grande velocidade através das manchas de sol e de sombra, uma gigante guerreira. As pessoas voltam-se para ver, mas os seus olhos são tão ameaçadores que a deixam em paz.

Esta conversa não tem seguimento. Alguém decidiu deixar seguir o caso. O ataque a Ormus virá quinze meses mais tarde, a seguir às canções dos tremores de terra.

\*

A cultura precisa do vazio para nele se precipitar. É uma matéria morta à procura de formas. O amor suspenso de Ormus e de Vina, aquela ausência divina que podemos preencher com as nossas fantasias, torna-se o centro das nossas vidas. A cidade parece organizar-se à sua volta, como se elas fossem o princípio, a pura essência platónica que dá sentido a todo o resto.

Estou a gabar-me quando uso a palavra *nossas* porque a verdade é que não faço parte desse colectivo.

Eles vivem separados. Ela numas águas-furtadas da parte baixa da cidade, na margem Oeste, à beira do Canal, um grande espaço recuperado da decadência pós-industrial, num edifício com áreas comuns em bruto que

satisfazem o seu instinto pela rudeza, embora o apartamento seja extremamente confortável. Encheu-o de aquários para que os peixes lhe façam companhia e paredes inteiras de equipamento de alta-fidelidade para abafar o ruído da auto-estrada do West-Side e o ruído certamente mais alto da ausência de Ormus, que soa constantemente aos seus ouvidos como o barulho do oceano no interior de uma concha.

Ele vive no centro, num vasto e vazio apartamento do velho Rhodopé Building, um marco clássico do período Art Déco; é um espaço isolado, virado a leste com vista para o parque. Salas inteiras estão vazias à excepção de um piano, uma guitarra, algumas almofadas. Uma fortuna gasta em sistemas de isolamento de som e de purificação do ar. Ormus usa ainda a sua pala quando não está em casa e sempre que está a actuar, como um auxiliar da concentração, mas aqui, na sua luxuosa célula almofadada, dá rédea livre à sua loucura, à sua dupla visão: é uma dura cavalgada, como sobre um cavalo selvagem. Fecha o mundo exterior e ouve música das esferas. Apesar do seu voto de celibato, deixa Maria visitá-lo.

O público deles alarga-se. A sua música soa mais alto. Vai para o palco com auscultadores mas a sua audição já está lesionada. Vina tem o seu rugido oceânico; no caso dele, é uma espécie de campainha permanente, um alarme muito longínquo. É esse o último som que ouve antes de adormecer e o primeiro ao acordar. Por vezes pensa que é o ar a passar pelos tubos do ar condicionado, outras vezes o vento a assobiar nalguma fenda. *Esta campainha é a minha vida*, escreve ele no seu diário. *É apenas mais uma coisa a que não posso fugir*.

Depois de um período inicial de grande tensão durante o qual se vêem às vezes à noite, com resultados estranhos e penosos, concordam em encontrar-se apenas nos ensaios com a banda, ou para actuarem. Nunca mais estão sozinhos, nunca comem juntos ou vêem um filme, nunca se telefonam, nunca vão dançar, nunca vão dar de comer aos animais do Zoo, nunca se tocam. Tal como os casais divorciados, evitam o olhar um do outro. E, no entanto, misteriosamente, continuam a dizer que estão profunda e irreversivelmente apaixonados para todo o sempre.

O que é que isso quer dizer?

Quer dizer que estão constantemente um como outro mesmo quando separados. Quando ela está no chuveiro, imagina-o do outro lado do vidro, vendo a água correr-lhe sobre o corpo pousando os lábios contra o vidro

embaciado. Ela apoia os próprios lábios contra o vidro, imagina que ele está à espera dela. A água transforma-se nas mãos dele, e as dela correm-lhe pelo corpo abaixo procurando o toque dele e muitas vezes transformando-se nas dele. E ele, quando está na cama, convence-se de que há uma cova quente no colchão a seu lado, como se ela acabasse de sair do quarto; fecha os olhos e ela aproxima-se. Os seus corpos encurvados são dois pontos de interrogação no fim da enigmática frase daquele dia.

Quando ele escreve um verso pensa qual será a opinião dela, ouve a sua voz de deusa a pegar na música dele e a atirá-la contra o céu, para lá ficar como uma estrela a brilhar. E quando ela come, sozinha ou com outros, nunca deixa de pensar nos hábitos carnívoros de Ormus, a sua ração diária de carne vermelha mal passada, e uma expressão de exasperado afecto passa-lhe pelo rosto, uma expressão que ela (quando não está sozinha) não se dá ao trabalho de explicar.

A decisão de Vina de viver em público a sua vida privada embaraça e chega a humilhar um homem que se tornou tão reservado como Ormus; mas todos os dias ele se espanta da coragem do seu compromisso com o mundo, da sua vontade de andar nua pelas ruas ao serviço do que pensa ser a verdade. Em relação ao constante vociferar, a reserva de Ormus rodeia-o como uma parede. Ela bate nela com os punhos, como faz contra o famoso juramento dele; mas, por outro lado, também encara as escolhas dele com um respeito que não concede a mais ninguém.

Quando entram na mesma sala, ouvem-se as crepitações eléctricas da sua paixão solitária. Têm discussões, evidentemente. O que ele acha que é o seu compromisso com a monogamia, ela chama-lhe o seu crescente absolutismo. Acusa-o de tirania quando ele fala de fidelidade. É a natureza de Vina que os separa, replica ele. A decidida infidelidade dela, a sua recusa em dar valor ao que é valioso, nomeadamente o amor de um homem bom. Aquilo a que ele chama infidelidade chama ela liberdade. O que a ele aparece como promiscuidade, ela classifica-o provocantemente de democracia. Estas discussões não conduzem a nada; são como as brigas de todos os amantes, só que estas não podem ser sanadas, como as dos outros, com um beijo de reconciliação.

Tudo é recordado.

E só se podem beijar enquanto dormem. Só nos seus sonhos.

\*

Vina continua a revelar tudo a toda a gente em todas as ocasiões. Quanto mais íntimo é o detalhe, mais certo é que ela o traga à luz. Quando vai para o palco, Ormus fica de costas para o público e de frente para os seus músicos, como um maestro, Karajan com uma banda de rock enquanto ela lança a sua canção para o público onde toda a gente já sabe referir-se a quantos dias passaram desde que ela e Ormus fizeram amor. Vina revela os nomes dos seus amantes de ocasião, a sua crença reichiana<sup>61</sup> nos poderes terapêuticos da energia orgânica e dos orgasmos múltiplos, e a natureza precisa das suas preferências sexuais.

(Domínio, uso de grilhões, agressão alternando com submissão, castigos, rendição; muito antes dos seus imitadores dos anos 80, ela trazia a público os subtis e repetidos segredos ocultos nos nossos corações, desafiando à luz forte dos projectores aquilo que até então se movia furtivamente nas trevas e demolindo, ao assumi-los, todos os tabus. Por causa disto, ela foi obviamente designada como a pornógrafa da pornografia, a estereotipista do estéreo, por aqueles que fingiam não reparar naquilo que entrava pelos olhos de toda a gente: nomeadamente a colossal e cada vez maior carência que Vina tinha de Ormus, a carência que ela gritava a todo o planeta a fim de a diminuir e poder assim sobreviver-lhe, carência que atingia com redobrada intensidade em cada nova manhã da sua vida — a escala sísmica do seu coração, tal como a de Richter, progredia por duplicação — e forçava-a a cada vez maiores extremos do seu comportamento, linguagem obscena, promiscuidade, drogas. Nomeadamente, que havia em todo o mundo uma só pessoa que ela queria ofender: por maior que fosse a assistência, por mais ultrajantemente sugestiva que fosse a sua actuação, o seu objectivo era de natureza íntima e o seu público reduzia-se a uma pessoa.

Ou talvez, se me é permitida a vaidade, duas.

Digo isto porque ela, a rainha das revelações, nunca revelou o meu nome.

A grande inimiga dos segredos manteve-me secreto até ao fim. Acerca das nossas longas tardes na minha enorme cama de latão, Ormus não saberá nada enquanto ela for viva. Porquê? Porque para ela eu não sou nada, aí está porquê. E porque temos *duração*, um presente e um futuro. E porque um gato pode olhar para uma rainha e, talvez — talvez — a rainha olhe de vez em quando para o gato esfomeado.

Os amores casuais de Vina, que ela torna públicos, são por esse facto,



reduzidos à insignificância. Nenhum deles dura muito tempo, aliás: umas semanas, alguns meses no melhor dos casos. A minha ligação amorosa com ela — chamo-lhe amorosa porque metade de nós os dois está apaixonado — vai durar quase dezoito anos.

Gayomart Cama saiu da cabeça de Ormus e desapareceu. O grande homem perdeu o irmão gémeo mas (sem o saber) ganhou-me a mim. Eu sou o seu verdadeiro Outro, a sua sombra viva. Partilhei a sua rapariga. Ela não lhe diz porque isso tê-lo-ia feito sofrer. Tê-lo-ia desfeito. Pessoas que partilham connosco uma história: são essas pessoas que nos podem deixar em frangalhos.

E assim que Vina, um dia, nos deixará aos dois.

Se o Outro não pode ter nome, a sua sombra também não, por definição. Ela não me dá nenhuns direitos sobre ela própria, vai e vem como quer, chama-me e despede-me à sua faraónica vontade. Não me cabe ralar-me com a cavalgada dos seus parceiros: e, de maneira nenhuma, ter ciúmes de Ormus. No entanto, qualquer nova revelação sexual é para mim como uma facada na barriga. E de facto Ormus (o amante que não é nem deixa de ser) é uma faca espetada lentamente no meu coração. Ela troça publicamente do celibato dele; eu faço outras contas. Cada dia que passa Ormus fica mais próximo do seu objectivo, do dia em que vai pedir a Vina que cumpra o prometido.

Para mim há só um homem e não o posso ter, grita ela para a multidão. Ouçam-me cantar as belas canções dele.

Ele mantém-se de costas para o publico. Não pode mostrar o seu sofrimento.

\*

O fim das fronteiras, aquilo a que Erwin Panofsky chamou a descompartimentação, deu origem durante a Renascença à ideia moderna do que é o génio. Durante o século XV, os manifestos e tratados de Alberti, Leonardo da Vinci e Cennini deixaram-nos a certeza de que essa descompartimentação está intimamente ligada ao carácter urbano da sensibilidade artística ou, melhor, à conquista da cidade pelo artista. O artista da Renascença deixa de ser uma abelha trabalhadora, um mero artesão dançando a música do patrão, e passa a ter uma cultura enciclopédica, a ser um mestre em anatomia, filosofia, mitologia, óptica e percepção; um adepto do ocultismo, da visão em profundidade, capaz de

penetrar na pura essência das coisas. Alberti proclamou que as obras-primas dos artistas modernos provam que o mundo moderno não está exaurido. Ao transpor fronteiras, ao unir várias espécies de conhecimento, técnico e intelectual, alto ou baixo, o artista moderno legitima todo um projecto de sociedade.

Tal é o génio! Leonardo, Miguel Angelo reclamam semelhança ou mesmo igualdade com os deuses. São seus os destinos opostos de imortalidade e destruição.

Quanto a Ormus, ao princípio, depois da sua chegada de helicóptero a Manhattan, entra num estado de adoração, maravilhando-se com aquela Nova Roma, ficando de boca aberta, tal como Alberti em Florença em 1430. Cada acorde que Ormus compuser será, promete ele, um louvor à cidade tão alta como o céu. Se puder conquistar as alturas, assim fará.

Ele devia ter sido filho da minha mãe. Eu devia ter sido filho do seu pai.

Pode simplesmente sugerir-se que a adoração que Ormus Cama votou à cidade foi rapidamente correspondida; e ele tornou-se adorado pela cidade. E aonde vai esta cidade, esta Roma, seguem-na as cidades do mundo.

Infelizmente, isto é uma grosseira simplificação. Se Ormus aterriza em Manhattan como um provinciano com estrelas nos olhos, as circunstâncias em breve lhe empanam a alegria. A decadência ferrugenta da cidade ao nível das ruas, a grosseria da sua multidão aos encontros na rua, o sentimento terceiro-mundista (a pobreza, o trânsito, a lenta deterioração dos alcoólicos, a degradação e os vidros partidos de muitos edifícios, a falta de planeamento, a fealdade do mobiliário urbano) e as esquisitices a que Vina, de início, insiste em expô-lo, tal como a Mecca ou o Sam's Pleasure Island ou a Slaughterhouse, tudo isso alimenta a sua célebre repugnância moral. Nova Iorque não é melhor que Londres. Ele foge para o seu alto refúgio e vê a cidade flutuar no espaço. Aquela Manhattan celestial é a que ele adora. Contra aquele fundo de nobre silêncio, ele criará os seus sons favoritos.

Também ele, lá no fundo, está a gritar. A sua agonia emergirá como música.

\*

*Dá-me uma moedinha de cobre e eu dou-te uma história em ouro.* Era assim, segundo Plínio, que os antigos contadores de histórias anteciam as suas fantásticas narrativas de homens transformados em animais e vice-versa, de visões e magia: contos narrados não em linguagem simples mas

adornada de extravagantes enfeites e arabescos, flamejantes, cheia de fogos-de-artifício e de espectáculo. Quando os escritores adoptaram os maneirismos destes contadores de histórias foi porque, segundo Robert Graves, eles “acharam que o conto popular lhes fornecia um campo mais alargado para as suas descrições de costumes contemporâneos, pontuado por apartes filosóficos, do que qualquer forma literária mais respeitável”.

Que esperança posso eu ter — um mero disparador de fotos, um ceifador de imagens quotidianas na imensa realidade — de atingir qualquer respeitabilidade literária? Tal como Lúcio Apuleio, de Madaura, um marroquino de ascendência grega aspirando ao nível dos colossais clássicos latinos, eu tenho (tarde demais) de me desculpar do meu tosco (pós) colonialismo e de esperar que o público não recuse a estranheza da minha narrativa. Tal como Apuleio não conseguiu romanizar a sua linguagem e o seu estilo e pensou que seria melhor encontrar um idioma próprio que lhe permitisse exprimir-se de acordo com a sua ancestralidade grega — também eu, do mesmo modo... mas olhem lá: há uma grande diferença entre eu próprio e o autor de *As transformações de Lúcio*, mais conhecido por *O Asno de Ouro*. Sim, dirão vocês, há o pequeno detalhe do talento, e a esse respeito, não ouvirão a mínima objecção da minha parte; o meu objectivo é outro. Se Apuleio admite sem custo o carácter fictício da sua ficção, eu continuo a insistir que aquilo que eu digo é a verdade. Na sua obra, Apuleio faz uma separação nítida entre os reinos da fantasia e da realidade; os meus pobres esforços pretendem estampar aqui o verdadeiro relato da vida de um homem que viu, muito antes de todos nós, o artificialismo de tal separação; que testemunhou o derrube daquela cortina de ferro com os seus próprios olhos e, corajosamente, continuou a dançar nas suas ruínas.

E assim:

Quando está sozinho no seu enorme e vazio apartamento, Ormus retira a pala e recupera a sua dupla visão. Olha para o coração do Outro Mundo. As barreiras entre o mundo em que sonhamos e aquele em que andamos, entre as esferas do real e do imaginário, são ultrapassadas. Há um progresso. Alguma coisa está a mudar. Em vez das fendas através das quais antigamente ele tinha essa visão, as janelas do outro mundo tem limites desfocados. Às vezes alargam-se imenso e é difícil dizer onde acaba este mundo e começa o outro. O apartamento de cá é exactamente igual ao apartamento de lá.

As fronteiras estão a esbater-se. Pode não estar longe o tempo em que elas desapareçam. Essa ideia, que devia excitá-lo enche-o, ao contrário, de um enorme terror. Se os caminhos divergentes se vão encontrar, se existe, mais à frente, um ponto de confluência, que consequências terá isso para a vida terrena, tal como ele a conhece? Se vier a dar-se essa descompartimentação. Se todas as verdades se afundarem subitamente, poderemos nós sobreviver a esse fenómeno? Devemos construir abrigos, armarmo-nos até aos dentes, distribuir insígnias que nos identifiquem como membros desta realidade e não da outra — a que nos assusta e que talvez venhamos em breve a odiar?

Se cada um de nós tem existências alternativas no outro mundo, quais são as possibilidades de vida que nos restarão, quais são as que irão desaparecer?

Se todos nós tivermos um gémeo, qual é o gémeo que deve morrer?

\*

Desde que Ormus convenceu Vina da imutabilidade do seu juramento autodestruidor, o fantasma de Maria aparece-lhe cada vez menos. Quando aparece, vem geralmente triste, protestando contra a pala de que ele se serve para a manter de fora, já para não falar do juramento. Nunca fica muito tempo mas nunca deixa de lhe lembrar o que ele está a perder.

Ele repara que, por vezes, ela chega sem fôlego, a transpirar. Parece cansada. Será possível que quando as duas realidades se misturam, seja cada vez mais duro para ela deslizar de um mundo para o outro graças à sua natureza sobrenatural, tão desconfortável? Será possível que quando a mistura dos mundos for completa, ambos terão de obedecer às leis naturais e Maria terá de entrar e sair pela porta, como toda a gente?

E se for assim, haverá um apartamento em Bombaim — o de Maria — onde ela possa esperar por ele? Será que o Hotel Cosmic Dancer terá nos seus livros o registo daquela suposta noite de paixão que eles lá viveram há muitos anos?

Como é que ele poderá de novo separar a realidade da ficção?

Começa a dor de cabeça. Põe a sua pala e deita-se de costas na sua cama.

Por agora chega.

*Já não é nada contigo,*

*Não podes escolher entre a guerra e a paz,*

*O teu pesadelo tornou-se verdade;*

*E quando o dia já for noite,  
Quando não distinguires o bem do mal,  
A vista da cegueira,  
O amigo do inimigo,  
Não me venhas dizer que te sentes triste.  
Porque Jack e Jill darão uma queda,  
O rei perderá a sua coroa oca,  
Os bobos deixarão a cidade, a rainha perdeu o sapato;  
O gato perdeu o arco do violino,  
Jack sê esperto, Jack sê rápido,  
Quando os relógios se recusam a andar,  
O fim da história está a chegar.  
A terra começa um rock-and-roll,  
A sua música liquida a tua alma mortal  
E não há nada que possas fazer  
Porque não há nada  
Não há nada  
Não há nada que possas fazer*

As canções sísmicas de Ormus Cama são palavras bombásticas em louvor do caos, compostas, paradoxalmente, por um artista trabalhando ao mais alto nível de sofisticação musical. As canções falam do colapso de todas as muralhas, fronteiras, limites. Descrevem mundos em colisão, lutando por se tornarem um só, destruindo-se uns aos outros nesse esforço. Os sonhos invadem o nosso dia, enquanto os ruídos do dia fazem pulsar os nossos sonhos.

Algumas delas são intrincadas tapeçarias de um som complexo e envolvente. Noutras peças, contudo, Ormus, muito deliberadamente, abandona essas acrobacias que lhe são naturais e adopta um estilo nu discordante, exigindo de Vina uma violenta agressão vocal, a que ela acrescenta a sua própria e aterradora intensidade. Isto, em Ormus, é qualquer coisa de inteiramente novo: essa deliberada desarmonia. É a fala da tristeza do celibato, a dor miltoniana do amor não-consumado.

*Untwisting all the chains that tie/the hidden soul of harmony*<sup>62</sup>

Muitas destas canções menos sofisticadas são jeremiadas directamente dirigidas a Vina, o que cria uma estranha desorientação quando ela as canta, uma vez que ele põe na boca dela — as palavras que ele lhe quer dizer.

Ormus não se fecha na sua arte. A sua música é a sua nudez. Isso excita-os. Vendo-os no palco, ouvindo-os nos nossos discos e gravações, podemos ver e ouvir a tensão do seu amor tão estranhamente obstruído. O seu enorme e arruinado amor, que eles teimam em negar-se há muito, muito tempo, faz deles os únicos amantes por cujas notícias não queremos esperar. Na voz agressiva e potente de Vina, algumas canções libertam no ouvinte qualquer coisa de primitivo, ou até de animal. Ainda que a mensagem possa ser classificada de nihilista, o seu envolvimento musical tem força bastante para cativar, em todo o mundo, a juventude desinibida e carente de ídolos. Ormus, esquecidos já os seus excessos juvenis, um sensualista purificado por uma categórica promessa de abstinência, um devoto da carne transformado em pregador do espírito pelo seu horror ao deboche em que o Novo Mundo desperdiça os seus privilégios, fustiga os seus admiradores pela sua libertinagem, pela licenciosidade do seu comportamento; e embora, das virtuosas alturas da sua castidade, ele arrase uma geração que se compraz no hedonismo, perdida no arquipélago da indulgência e do desejo — os alvos da sua fúria adoram-no justamente pela sua ira. Profeta da desgraça, Ormus é o mais amado dos desgraçados que ele anuncia. Vina, na sua voz mágica, canta as maldições de Ormus e as jovens vítimas dessas maldições estão encantadas. Precipitam-se para os seus centros de música e compram tudo.

Onde quer que sejam cantadas as canções do *Quakershaker*, a selvajaria explode por entre o público. Ouve-se uivos fortíssimos, como os de uma alcateia. Quando os projectores varrem o público, podem ver-se cenas dionisíacas. Os fãs, possuídos pela música, rasgam as roupas, atiram-nas para longe. Os braços das raparigas ondulam no ar, as mãos fazendo movimentos de asas. Encavalitam-se nos ombros dos seus amantes. As faces dos homens viram-se para as coxas delas, para os seus sexos nus e abertos, há muitas fungadelas e ruídos porcinos. Quando a multidão ruge parece um leão mas, por baixo do rugido, ouve-se, por vezes, um silvo de serpentes.

Registam-se desaparecimentos. Há jovens que não voltam para casa e são classificados como fugitivos. Há boatos de metamorfoses de pessoas em animais: aparecem cobras nas sarjetas, porcos selvagens nos parques, estranhos pássaros de fabulosas plumagens pousados nos arranha-céus como gárgulas ou anjos.

As leis do universo parecem estar a mudar. Tais transformações podem tornar-se normais — por mais incríveis e assustadoras que sejam.

Podemos estar a perder o nosso controlo sobre a humanidade. Quando desistirmos *disso*, o que é que nos impedirá de nos transformarmos em dinossauros, tigres dentes-de-sabre, chacais, hienas, lobos?

O que é que vai impedir a nossa queda quando vierem as trevas e (segundo o Hino de Orfeu à Noite) *a terrível necessidade for a lei de tudo?*

\*

Por parte dos conservadores, há uma severa condenação do novo super-grupo e dos seus aderentes, que são diversamente classificados de neuróticos, parasitas, ladrões, libertinos e batoteiros. Num concerto em Toronto um chefe da polícia, magrinho e suado com óculos como espelhos retrovisores previne Vina contra certos gestos explícitos que ela tem feito durante os espectáculos. *Nada de porcarias. Nem de graçolas esquisitas. Não se toque a si própria, okay?* Vendo uma câmara de TV, Vina administra ao infeliz polícia cinco minutos de discurso sobre a Primeira Emenda e a liberdade artística e quando sobe ao palco agarra-se a si própria com tanta força que corre o risco de se vir ali mesmo. O chefe da polícia, receando um motim, decide não intervir.

O culto dos VTO — os seus aderentes começaram a chamar-se a si próprios *New Quakers*, o que é um roubo de nome — vai crescendo a cada dia, alimentado pelas conotações dos versos de Ormus e pela voz de Vina, percorrendo uma série de marcos decisivos, pelos zeladores da chama da música rock, o italo-americano Marco Sangria e o martiniquense de fala francesa Rémy Auxerre.

É característico do música rock que ela arraste homens perfeitamente razoáveis para o delírio, o excesso. Mesmo para os entusiásticos gostos do jornalismo musical, Marco e Rémy são considerados extremistas. Tem acesso a níveis de conhecimento que fazem a inveja dos seus confrades.

Sangria grita, literalmente, que a voz de Vina Apsara é *música*; música na sua essência mais profunda. A relação de Vina e Ormus exprime a tensão entre a sabedoria e a eloquência. E os intervalos da guitarra órmica podem bem ser, *falando matematicamente*, a base estrutural não só de todo o universo mas também da alma humana. Quando exploramos o nosso espaço interior, como os Budistas ou os físicos atómicos concordam, encontramos um microcosmos que é idêntico ao macrocosmos: a música de Ormus

revela aos nossos corações a identidade do grande e do pequeno.

Espalha a música da alma pelos nossos membros e é por isso que, quando dançamos, a nossa dança não é do corpo mas da alma.

Rémy desenvolve esta ideia na sua esotérica linguagem.

É esta a luta dos grandes músicos, escreve Rémy: aquele que procura não apenas sintonizar-se com a pura e clara canção de Apolo, mas também aproveitar o ritmo impuro de Dioniso. À reconciliação do conflito entre o apolíneo e o dionisíaco podemos chamar *harmonia*. Onde a razão e a luz encontram a loucura e as trevas, onde a ciência encontra a arte e a paz encontra a guerra; onde o adulto encontra a criança. Onde a vida enfrenta a morte e a desdenha, é aí que a música deve ser composta.

O cantor gasta a energia dos deuses, escreve Rémy. A fronteira entre os impérios de Apoio e de Dioniso abre-se perante a pressão da fúria divina. Há quatro níveis de *furor divinus*. O *furor* poético acalma o espírito, o *furor* sacerdotal prepara o espírito para a exaltação, o *furor* profético eleva-nos até ao nível dos anjos, o *furor* erótico une a alma com Deus. A música de Ormus possui todos eles no mais alto grau.

Há dois grandes espíritos, escreve Rémy: o Spiritus Humanus, que une o corpo e a alma e o Spiritus Mundi, unindo os mundos sublunar e translunar. Esses termos *lunares* são a versão de Auxerre sobre a doutrina de Ormus da existência de duas realidades, o mundo e o outro mundo. *Na musica dos VTO estes dois espíritos unem-se*. O que, concede modestamente Rémy, é talvez a grande teoria unificadora da alma: a níveis inimagináveis de pressão e temperatura — ou seja, no domínio do génio — nós e o cosmos somos só um. Ormus Cama é a encarnação dessa teoria.

Com as suas almas esfomeadas, as legiões que enchem os estádios devoram grandes doses das emoções referidas. O que realmente os excita, no entanto, é a catástrofe: a explanação de Marco Sangria, verso a verso, imagem a imagem, da visão escatológica de Ormus. *Vem aí o grande sismo, aquele que nos engolirá a todos. Sigam a música, porque amanhã, meus tontos, vamos morrer*.

Escatologia e escândalos: o urânio e o plutónio do final do século XX. Vina transformou a história da sua vida e a de Ormus numa telenovela mundial. É tal a emoção gerada pelo famoso juramento de celibato que metade das mulheres de todo o mundo fazem bicha para oferecer a Ormus o que elas esperam ser uma tentação irresistível. Essas Evas, com as suas



maças, não são diferentes das putas de bar que reforçam os seus improváveis encantos com a resistência das mulheres proibidas aos clientes: estrelas de cinema, lésbicas, melhores amigas das esposas. Ormus, mantendo-se alheio a todas as tentativas de sedução, chega a criar violência nalgumas mulheres que pensam não ser razoável que ele se recuse, que vêm na sua rejeição um insulto a todas as mulheres temperamentais. Ormus recebe ameaças e o policiamento dos concertos VTO bem como a segurança do Edifício Rodhopé são reforçados. Esta fúria de bacantes faz parte do espírito do Tempo.

Naqueles dias, Vina tinha a sua própria mesa no Sam's. Aí rodeada de amantes e discípulos — Marco, Rémy, quem estivesse de passagem — ela tem a sua corte. Tem sabedoria para repartir, e quer que o mundo conheça as suas opiniões sobre as últimas quase-ciências. “Biofeedback” ou terapia do comportamento cognitivo, ortomolecularismo e macrobiótica. Ela louva os efeitos benéficos da cerejeira da Jamaica, das fricções com couve, do uso terapêutico das ondas sonoras. Como o seu vegetarianismo militante a impede de beber sangue de lagarto ou de morcego, ela limita-se a reconhecer que os efeitos benéficos de tais beberagens estão suficientemente comprovadas.

O seu livro de dietas e o manual de saúde e bem-estar tornam-se best-sellers em todo o mundo. Mais tarde vai ser uma pioneira bem sucedida dos vídeos de exercícios de celebridades e regista uma série de alimentos de origem vegetal que, sob o nome de “Vina's Vegetable”, terá também grande sucesso. (Nos anúncios, jovens e saudáveis consumidores fazem o triplo gesto dos seus fãs, o V da paz, o T com as suas conotações de lazer desportivo e o O apreciativo do polegar e indicador. *Vegetable Organics* é o que nós somos chamados a acreditar que a linguagem corporal recomenda, mas há também, obviamente, um duplo sentido publicitário.)

Vina é a mulher mais citada no mundo das jovens, como seu modelo.

Ela cerra o punho contra as injustiças sociais e canta em comícios e nas ruínas de edifícios incendiados em consequência de revoltas raciais no Sul e no Oeste da América. Graças ao seu porte majestoso, à sua voz de ouro e, acima de tudo, à sua fama, ninguém contesta o seu direito de cantar para os negros americanos. Também ela transpôs a barreira da cor: não a sair de onde estava mas entrar noutra esfera.

É uma porta-voz inteligente e audaciosa dos direitos das mulheres e

contra o viscoso *imperium* dos homens. O que a torna vulnerável ao ataque de uma parte do movimento feminista. Como é, querem saber essas irmãs, que esta fêmea tão atlética e livre, está tão obcecada pelo obsoleto membro masculino, tão anacronicamente desejosa de ser penetrada, que se vem gabar publicamente das suas “conquistas”? Não será ela, como esse autoproclamado chauvinista Norman Mailer, uma prisioneira do sexo?

Por que é que ela só canta canções de Ormus?

Por que é que não põe a sua voz ao serviço da visão artística das mulheres de hoje? Por que é que não escreve as suas próprias canções?

Pode ser livre, se é apenas o instrumento da arte de um homem?

Tal debate — cheio de paixão, de argumentos, de ideologia — faz parte do turbulento espírito do tempo. Vina ignora as críticas e continua o seu caminho, como um enorme galeão à procura de um tesouro fabuloso. Ela é o navio Argus e Ormus navega nela. A própria música é o Velo de Oiro que ambos procuram.

\*

Quebrando a sua regra de não se verem um ao outro fora do trabalho, dominados simultaneamente pela necessidade, cedem ao capricho de irem para o deserto do Nevada e servirem-se do carro de tracção às quatro rodas para escrever os seus nomes em letras, tão grandes, diz Vina a Ormus, que será possível lê-los a partir da lua, como a Grande Muralha. Depois disso passam a chamar-se a si próprios a Grande Muralha. Quando Vina, de regresso a Nova Iorque, explica a graça a um jornalista, o resultado é serem acusados de arrogância e mesmo de atacarem a religião, porque Vina, no seu estilo pessoal, acrescenta que a área dos seus nomes é maior do que qualquer igreja do mundo. *A partir da Lua não se consegue ver nenhuma igreja.* Esta afirmação, junta com a saudação do *Black Power* e o conteúdo antiburguês das canções de Ormus faz transbordar a taça e é finalmente desencadeado o ataque há tanto esperado. Vina é uma cidadã americana, nascida nos EUA e por isso recebe injustificadas visitas da policia a meio da noite e é “convidada” a ir imediatamente à esquadra para ser interrogada sobre as suas ligações políticas com os *Yppies*, as Panteras, sindicalistas e esquerdistas vários e a escumalha indesejável dos servidores de Amos Voight. É alvo de buscas de drogas (sem qualquer resultado, que ela não é estúpida) e o IRS revolve as suas finanças como se fossem pedregulhos sob os quais estivessem escondidas inúmeras cobras venenosas. Ormus, um

estrangeiro, vê-se a braços com os serviços de Imigração e Naturalização. Em Março de 1973, um Juiz da Imigração ordena-lhe que deixe o país dentro de sessenta dias. O pretexto é que ele esteve envolvido num acidente de automóvel fatal e embora não fosse a conduzir, as amostras do seu sangue revelaram a presença de substâncias narcóticas ilegais. Quando esta sentença é anunciada, Ormus percebe que é combatido pelo poder numa escala que até aí nunca tinha encontrado, um poder tão grande que pode desfazer o bom trabalho de Mull Standish e Yul Singh e tornar público o que ficou escondido durante seis longos anos.

(E eu digo mais uma vez: há batalhas já passadas que não foram vencidas. É ainda possível que o futuro perca para o passado, que o prazer e a beleza sejam derrotadas pela beatice e pela força. Uma guerra acaba, outra começa. A raça humana nunca está realmente em paz.)

No entanto, denunciando a ponta do que é, na verdade, um vasto e persistente ataque, Ormus recorre da sentença. *A América é um bom país para se viver*, diz ele aos jornalistas numa rara conferência de imprensa dada nas escadarias do tribunal. *Eu não quero limitar-me a passar por cá a correr e a fugir com o dinheiro.*

Para dizer a verdade, Ormus não tem grandes chances de passar a correr seja por onde for. Tem três gordos advogados, de dentes afiados e Mull Standish, a chegar aos sessenta, ainda está em forma e com espírito de luta e Vina escolheu aquele dia para usar um peitoral doirado e moldado sobre uma *t-shirt* e *collants* negros, lembrando a Ormus, o filho do amador de clássicos, a figura de Palas Atena equipada para a batalha, com anéis tipo soqueiras e óculos escuros de estrela de cinema. Estão rodeados por sete Singhs de óculos iguais, e por um segundo circulo de polícias que, de armas na mão e ameaças na boca, sustêm não só os jornalistas mas também um grupo de sujos e ululantes *New Quakers*, entre os quais se escondem uns carismáticos barbudos com os mesmos perfis psiquiátricos dos que espetam os seus corpos durante as procissões dos Shiitas Muharram: habitantes do psicotrópico de Capricórnio, a terra do bode expiatório.

Porque é que você não casa com ele, pergunta um repórter a Vina, directamente, face a face. (Estamos em Nova Iorque.) Se casar com ele, tudo isto acaba. Ele fica automaticamente com o direito de viver aqui.

Ele já devia ter esse direito, de qualquer maneira, responde Vina, em virtude do que ofereceu à cidade. Ele melhorou-a só pelo facto do aparecer.

Porque é que *você* não casa com *ela*, pergunta o mesmo repórter a Ormus, como se Vina não tivesse dito nada. Porquê seguir o caminho mais longo se há um atalho possível.

Temos um compromisso, responde Ormus, referindo-se ao juramento dos dez anos. Há jornalistas incrédulos quando ele lhes revela o conteúdo. Ormus irrita-se, insiste: *Dei a minha palavra*.

Standish reage rapidamente ao ambiente pesado; bate com a bengala no degrau onde está. (O formalismo britânico do seu traje impõe-se à multidão. Contra o seu fato de Savile Row, a sua camisa de Jermyn Street, os botões de madrepérola, os sapatos por medida, o loden Aquascutum, que chances têm os *jeans* e os ténis?) Muito bem, minhas senhoras e meus senhores. O espectáculo, por hoje, acabou. Muito obrigado pelo vosso interesse e a vossa atenção. Senhor agente, pode ajudar-nos a alcançar o nosso carro, por favor.

\*

Chamar Standish para se ocupar de novo da carreira deles, foi uma ideia de Vina. Ter posto o Oceano Atlântico entre ele e a banda também fora uma estratégia dela. Tal como muitas pessoas confiantes e talentosas ela não via necessidade de dar a uma pessoa não-criativa uma parte do bolo, se não fosse obrigada a fazê-lo; ela podia muito bem ocupar-se dos discos da Colchis. Sem qualquer dúvida. Ela já tinha feito os seus próprios negócios, tinha participado em muita coisa (opções sobre gravações múltiplas, verbas generosas para gravações) ela conhecia bem o caminho através das zonas insalubres da Cidade dos Contratos, bem como as suas brilhantes e bem iluminadas avenidas — tanto as vielas sombrias da letra miúda, como as fachadas rutilantes das *royalties* — e, por isso, agora que o Patrão Singh controla os VTO, ela iria negociar também esse contrato.

Depois da assinatura, Vina começara a ter dúvida. As vendas dos discos eram enormes, ao nível das superestrelas, milhões e milhões de unidades eram manuseadas, mas as verbas que entravam na conta bancária deles era chocantemente pequena. Segundo ela, Ormus tinha comprado levianamente aquele elefante branco do apartamento de Upper West Side e todas as contas bancárias estavam orgulhosamente em défice. Ormus — sempre o mais confiante — deixara a parte financeira a cargo de Vina e dos advogados e contabilistas que ela contratara. Nas reuniões ele adormecia mesmo muitas vezes, até que Vina o abanava e lhe punha uma caneta na

mão, após o que ele assinava na linha que lhe indicassem. Ela agora achava que teria sido talvez melhor se ele estivesse acordado. Não partilhou as suas dúvidas com ele, mas reconheceu que Mull Standish deveria voltar para a equipa, nem que fosse para dar uma segunda opinião.

Ao princípio, para ser honesta, confessou ela a Ormus, tinha uns certos ciúmes já que ele estava tão apaixonado por ti. Era patético pff... Da minha parte, quer dizer. Mas precisamos de alguém entre nós e o Sr. Yul Singh. Precisamos de uma almofada, de mantermos uma distância. Isso aumentará o nosso poder negocial.

Isto foi a seguir às *Peace Ballads*, quando Yul Singh começou a fazer estalar o chicote a respeito dos exageros políticos, etc... Por isso quando Vina começou a dizer que estavam a ser enganados por Cool Yul, Ormus suspeitou de uma razão pessoal e não profissional. Quis protestar, lembrar que “Yul tem sido ótimo para nós até agora”, mas viu o brilho dos olhos de Vina e não discutiu. E, além disso, também tinha saudades de Mull Standish.

Standish tinha ficado em Londres, incapaz de se separar do pobre e tonto Waldo, a apanhar as folhas dos jardins de Spenta Methowold. A sua presença, como tudo, era interpretada por Spenta como um sinal de interesse na sua antiga proposta de companheirismo e daí resultava uma melancólica comédia de enganos, representada nos termos do teatro Nô ou de quadros mudos estilizados: nem Spenta falava das suas esperanças, nem Mull Standish encontrava as palavras que a encantassem; Virus Cama observava tudo mas não dizia nada, enquanto Waldo era apenas capaz de formular os mais simples e inocentes pensamentos sobre pássaros e abelhas e flores e árvores e sobre o céu lá em cima. Standish achava-se preso entre a sua gratidão por Spenta, por ter dado a Waldo um quase lugar na vida, e o desejo de não a enganar; as coisas tinham ido longe demais e a verdade — que ela tinha dado o seu velho coração a alguém que não podia de modo algum aceitá-lo — só poderia humilhá-la. Neste ambiente abafado Standish sentia a energia fugir-lhe. E começou a pensar no impensável: que a vida, no fim de contas, podia não ser mais do que uma derrota.

O telefonema de Vina chegou, como uma transfusão de sangue. Pôs imediatamente em execução o seu plano, há muito tempo preparado, para se libertar de todas as suas empresas britânicas, mesmo a sua muito admirada revista, que tinha liquidado a sua rival e mantido a liderança do mercado —

com edições bem sucedidas em Manchester, Liverpool, Birmingham e Glasgow. Quanto a Spenta, tinha agora uma ocasião de a deixar sem perder a face. Quando ele lhe deu a notícia da sua iminente partida para os EUA, o queixo dela tremeu imperceptivelmente. Depois, aceitando o seu destino, disse: claro que tem que ir. Eu olharei pelas nossas duas crianças diminuídas. Nós somos, por assim dizer, uma família por acidente; uma família de perdas e danos.

Mull Standish baixou a cabeça e retirou-se.

\*

Em Nova Iorque perante o desastre total dos contratos negociados por Vina, recuperou a sua identidade poderosa e competente. Insistiu em ter o controle absoluto, sem quaisquer discussões, e despediu os cinco conselheiros da firma assim que começou a sua tarefa. Depois convocou Ormus e Vina para uma reunião de emergência na *suite* de escritórios que entretanto reabrira. Por enquanto só tinha uma secretária e uma fotocopiadora, mas os planos de expansão estavam muito avançados. — É sem dúvida uma catástrofe, disse ele, tamborilando com os dedos no tampo da mesa. — Só há mais um álbum sob contrato e oito com opção. O que quer dizer que eles vos podem deixar cair quando quiserem, mas que vocês não podem libertar-se deles ou mudar as condições. Apenas onze por cento do preço recomendado, por amor de Deus! menos três pontos para o produtor e olhem para as somas referentes a ofertas e promoções. Vou explicar-lhes melhor: uma cassette das *Peace Ballads* é vendida pelo P.R. ou seja onze dólares. Não se ralem com os descontos das lojas, os números estão baseados no Preço Recomendado. Depois tiram vinte por cento para a embalagem, o que lhes dá uma *royalty* de oito dólares e oitenta. A onze por cento têm uma *royalty* de noventa e sete centimos por cassette vendida. Mas ainda têm que tirar trinta e três centimos para o Sr. Produtor, que eu penso não será outro senão o nosso amigo Mr. Singh, mas agora, que é isto?!, temos aqui, sem qualquer justificação, vinte por cento para despesas várias, de forma que podem dizer adeus a um quinto do que resta. Ficam com cinquenta e um vírgula dois centimos, dos quais têm de pagar os outros membros da banda, LaBeef e os Baths, um por cento cada, o que lhes custa mais trinta e três centimos. Vocês os dois ficam exactamente com dezassete vírgula oito centimos por cassette, a dividir ao meio, mas primeiro tem de descontar o quarto de milhão para as despesas da gravação e os cento e

cinquenta mil para promoção independente — *cem por cento do total e vocês assinaram?!—* e, talvez não saibam, trinta e cinco de reserva contra as devoluções. E assim, se venderem seis milhões de discos, cada um fica com duzentos e dezassete mil dólares no máximo e quando tiverem pago os vossos impostos, ficam com cinquenta e cinco por cento disso, mas só se tiverem um bom contabilista, o que não é o caso. Calculo que recebam cento e dez mil dólares cada um depois dos impostos, e isto no caso de um mega-sucesso. São umas *crianças!* E entretanto gastam dinheiro como já ninguém faz, apartamentos de milhões de dólares, brinquedos electrónicos... E aposto que também perdem dinheiro nos espectáculos ao vivo. Ainda não estudei o patético contrato de escrita de Ormus — e vocês não percebem porque é que as vossas contas estão em défice. Raios os partam.

Então o que é que vamos fazer, pergunta Vina numa voz pouco habitual, cheia de deferência. Quer dizer, estamos fodidos para todo o sempre? Como é?

Standish encosta-se para trás e faz uma careta. Vamos jogar um bridge tortuoso. Com subtileza. Com *finesse*.

\*

As deslocações intertranscontinentais de Yul Singh fazem dele um homem difícil de contactar. Tem vinhedos em Napa Valley, um esconderijo num rancho secreto do Arizona, uma ilha nas Caraíbas e grandes esculturas do período clássico nas caves de bancos em Toronto, segundo se diz, Boston e Savannah. Diz-se que visita essas caves sozinho, de noite, para apalpar o mármore das suas Vitórias Aladas ou Afrodites de seios redondos guardadas em câmaras subterrâneas com paredes de aço de sessenta centímetros de espessura. Tem amantes e protegidas, esquemas e compromissos e joga sempre com as cartas encostadas ao peito. Também tem vacas. No valor de sessenta e seis milhões de dólares em vacas leiteiras Holstein, uma parte importante de todo o gado existente no Massachusetts. As vacas são sagradas, místicas diz ele a quem pergunta porque as tem. E também porque o negócio dá cem por cento de lucro.

Por razões que ninguém compreende ele estudou o problema da segurança e segue, nesse domínio, as normas mais estritas, reservando lugares em vários voos que partem ao mesmo tempo para destinos diferentes, usando nomes falsos e evitando qualquer rotina. Você não passa de um grande patrão da indústria discográfica: porque é que se conduz

como se fosse o Arafat?

Ao que Yul responde: Olhe Standish, isto sem ofensa, eu gosto de si mas você está fora deste jogo. Está tudo assinado, selado e pronto a entregar, os seus artistas estão amarrados e amordaçados em cima do meu altar de sacrifícios, estou a ser claro? Eles são minha propriedade, e diabo não tinha mais poder sobre Fausto do que eu tenho sobre estas crianças, são minhas.

Standish tem bons ouvidos, colados ao chão, tem contactos que datam dos tempos em que ele era um dos grandes construtores da cidade e quando Yul Singh, tal como esperava, o sacudiu, o inglês reactivou esses contactos. Quero que ele saiba que a mama acabou, diz ele a Ormus e a Vina, ele tem de compreender que o negócio agora é entre adultos. Para isso preciso de material. Standish não acrescenta que as primeiras notícias que recebeu dos seus informadores são as de que ele próprio pode estar a precisar de segurança, o seu velho ex-amante Sam Tropicana já sabe que ele está em Nova Iorque e que foram feitas certas ameaças explícitas, algumas palavras furiosas foram ouvidas quer no discreto e sombrio Knickerbocker Club, quer em meios mais populares como o passeio da *pizzeria* Catania em Belmont, no Bronx, perto do talho dos irmãos D'Auria e de Nossa Senhora do Monte Carmelo na rua 187. Não há dúvidas de que Sam Tropicana tem o braço muito comprido, mas Standish não se deixa entrar em pânico.

Deixem lá isso, é o passado, diz ele aos informadores. O tempo corre só num sentido eu não acredito no dia de ontem.

Até que acontece o inevitável encontro e quando Yul Singh, pelo braço de Will Singh, entra nas salas de leilão de San Narciso, Califórnia — o edifício mais antigo da cidade, anterior à 2ª Guerra Mundial — é saudado por Mull Standish no frio átrio, de chão de sequóia rescendendo a cera, no qual o inglês faz bater a sua bengala. Que raio de merda está aqui a fazer?, pergunta Yul grosseiramente, num espanto indisfarçável. Creio que as suas cortinas de fumo já não são como deviam ser, YSL, escarnece Standish, presumo que vão rolar algumas cabeças.

Então o que é que o traz por aqui, pergunta Yul, recuperando rapidamente.

Primeiro deixe-me dizer-lhe o que é que *o traz a si*, diz Mull. Parece que você está interessado em conspirações, organizações secretas, milícias, todo o folclore da extrema direita paranóica americana. Vá lá saber-se porquê. Está aqui para comprar recordações de uma falecida cabala de imigrantes que costumava escrever DEATH (morte) nas paredes das pessoas, as



iniciais de Don't Ever Antagonize the Horn<sup>63</sup>. Tinham uma trombeta como emblema. Muito bonito.

Você não entende nada, riposta Yul, tendo recuperado o equilíbrio. Deixe-me lembrar-lhe as leis do Universo, a lei segundo Walt Disney: ninguém fode o rato. Segundo a minha versão ninguém fode o percevejo<sup>64</sup>, que sou eu. A lei, segundo Sir Isaac Newton, é: a qualquer acção corresponde uma reacção igual e oposta. Mas isso era noutros tempos, antes de haver televisão e, ainda por cima, na Inglaterra. E eu digo: não senhor, a reacção vai ser desigual, se eu tiver alguma coisa a ver com isso. Você fode-me e eu fodo-o duas vezes e ainda a sua irmã mais miúda. Não desafie a trombeta, ouviu bem, mas eu toco clarinete. Portanto proponho-lhe um bom negócio. A lei das leis: Caras ganho eu, coroas perde você.

Gostei de falar consigo, diz Standish, e vira-lhe as costas; devagar, deliberadamente, como um matador voltando as costas ao touro. O desprezo faz ganhar muitas touradas. Às vezes, contudo, é-se apanhado pelas costas.

A guerra legal entre os dois homens mais bem vestidos do universo da música, o lendário patrão da Colchis Records e o manager do todopoderoso grupo VTO, abala o negócio. São utilizadas armas que não podem ser descritas em língua nenhuma, num campo legal esotérico que bem podia ser feito de queijo *gruyère*. Standish contrata uma equipa de advogados indianos e desencadeia contra Colchis armadas de processos, arsenais de intimidações. A companhia de discos riposta do mesmo modo. Parecem aranhas em luta e a musica dos VTO é a mosca presa na teia dos seus fios viscosos.

Vina pergunta a Standish. Não poderíamos, não sei como, chegar a um acordo?

Não, responde ele.

Ormus diz, Isto nunca mais vai acabar.

Pois não, responde o outro.

Olhem continua ele. O que está a acontecer é que estamos a tentar ganhar uma guerra que já perdemos. Ele tem as vossas assinaturas e tudo o que nós temos é o poder de o incomodar. Se nós formos um incómodo suficientemente longo, se conseguirmos embargar grandes fundos em litígio, então ele acabará por se sentar à nossa mesa e negociar.

É só isso? pergunta Vina, desapontada. É tudo o que temos?

Isso e advogados indianos Os virtuosos dos adiantamentos. *Jarndyce* contra

*Jarndyce* para eles é canja. São corredores de maratona e Yul sabe isso. São medalhas de ouro do empata.

Mas se... começa Ormus e Standish manda-o parar.

Esta é a estrada mais larga, diz ele, a que conduz à porta principal. Talvez haja um desvio, uma porta das traseiras. Isso não me perguntem. Talvez não haja mas, de qualquer modo, não agora.

O álbum *Quartershaker* — produzido em Muscle Shoals e em Montserrat por Ormus; Yul Singh nunca entra no estúdio — vende mais de vinte milhões de exemplares e cada tostão fica à ordem do tribunal. Yul Singh convida Standish (que tem adiantado da sua algibeira as despesas diárias de Vina e Ormus) a vir ao seu escritório de Nova Iorque quando regressar da Europa para *terem apenas uma conversa*. Na semana anterior à data desse encontro é desencadeado o ataque das autoridades contra Vina e Ormus.

Mull Standish é dos que afirmam que não se trata de uma coincidência. Contrata mais advogados, indianos e não-indianos, mas nos bastidores, é ele quem organiza a defesa. Quanto maiores são as dificuldades mais cresce a sua energia, mais preciso é o seu objectivo. Organiza concertos de solidariedade nos Teatros Filmore, Este e Oeste, Dylan, Lennon, Joplin, Joni, Country Joe e os Fish vêm cantar para Ormus. Como testemunhas abonatórias, o Presidente da Câmara Lindsay, Dick Cavett e Leonard Woodcock, presidente do Sindicato dos trabalhadores da Indústria Automóvel vêm falar do valor da integridade de Ormus. É levantado um processo pedindo os registos em posse do Governo e que seja revogada a decisão dos Serviços de Imigração.

Em Julho de 1974 o recurso é rejeitado. Mais uma vez Ormus recebe a ordem de deixar o país no prazo de sessenta dias, ou de ser deportado pela força.

Durante estes anos de guerra não há novos discos VTO. Ormus retira-se para o Rhodopé Building e se compõe alguma coisa não o diz a ninguém, nem a Standish nem mesmo a Vina. Entre Vina e Standish, ambos apaixonados por Ormus Cama, estabelece-se uma surpreendente intimidade, uma amizade baseada em parte na recusa de Ormus em dar-lhes o seu corpo, e noutra parte no seu gosto comum por uma boa briga. Ela acompanha Standish às reuniões dos homens de negócios homossexuais, a Greater Gotham Business League, junta-se ao seu *lobby* de políticos que condenam o recente aumento dos ataques à comunidade homossexual e

obtém o apoio da Liga à causa de Ormus. Standish e Vina tornam-se uma parilha imbatível. Contactam Jack Anderson e este revela que a droga encontrada no sangue de Ormus na altura do acidente lhe foi administrada sem seu conhecimento e que, de toda a maneira, existem mais de cem casos de indivíduos com problemas de droga mais graves do que Ormus que são autorizados a viver nos EUA. O que decide um membro do congresso chamado Koch a propor uma lei que autorize o Ministro da Justiça a conceder residência a Ormus Cama. A maré, lentamente, cai mudando.

Em Outubro de 1975 a ordem de deportação é anulada pelo Tribunal de Recursos dos EUA e, um ano mais tarde, Ormus recebe uma autorização de residência permanente. Mais uma vez há qualquer coisa como terra sólida sob os seus pés.

Mas os festejos duram pouco, como se numa festa de estreia, aparecesse um desmancha-prazeres brandindo o *Times* com uma crítica fatal ao espectáculo. Tal como o riso a morrer nos lábios de Macbeth ao ver aparecer aquilo a que Yul Singh chamou o Fantasma do Banquete. Agora é o próprio Singh o espectro que vem estragar a festa. Abertamente agastado com a vitória de Ormus, endurece a sua posição. Encontra-se com Standish e diz-lhe simplesmente, Nada feito. Então começa uma guerra de desgaste, calculando que pode reduzir à fome Vina e Ormus. É o dinheiro deles que está arrestado ao fim de contas. Singh tem acesso a muitos outros fundos em toda a parte do mundo.

Quando se torna evidente que se vai enfrentar uma guerra de longos anos, Standish começa a manobrar junto dos distribuidores da Colchis, WEC, fazendo ver que o impasse retira da distribuição a banda n.º 1 de todo o mundo e que eles, os distribuidores, estão a ser atingidos nas suas algibeiras pela intransigência de Yul Singh, a sua recusa czarista de se sentar à mesa como qualquer pessoa razoável.

Ormus Cama é um osso duro de roer, lembra ele. Irá cantar para a rua, se tiver de ser, mas não se vai deixar escravizar. Viram por acaso a capa do último *Rolling Stone* em que Ormus e Vina aparecem nus e acorrentados? Quanto é que isso não vale?

Os distribuidores dão-lhe razão, mas Yul Singh é um homem importante e pode aguentar uma grande pressão. Vão passar cinco anos antes que a batalha termine. Em 1980 Mull Standish já gastou quase toda a sua fortuna pessoal e a derrota apresenta-se como uma real possibilidade. Nessa altura

já não tem mais cartas para jogar.

E então abre-se a porta das traseiras e surge o atalho que leva ao sucesso.

\*

No ponto mais baixo da luta contra Colchis, Ormus manda instalar um forno de pão no seu apartamento, e passa os seus dias a fabricar os seus bem amados pães — grandes pães brancos e estaladiços, ou pequenas bolas enfarinhadas — e não atende ninguém. É uma maneira de passar à reforma. Num mesmo impulso Standish e Vina decidem afastar-se para o seu próprio retiro: Dharmsala, na cordilheira de Pir Panjal, o local de exílio de Tenzin Gyatso, o décimo quarto Dalai Lama e, na opinião de Standish, o homem mais autêntico do mundo. Vina telefona a Ormus para lhe comunicar a sua partida; Ormus limita-se a falar do pão.

A Índia ainda lá está e é a terceira coisa que une Vina e Standish. Delhi está muito quente, e com agitação nas ruas devido ao assalto aos extremistas Sikh que se refugiaram e resistiram até à destruição do Templo Dourado de Amritsar. (Tratava-se do chamado *gang* terrorista de Wagahwalé, assim chamado em honra de Man Singh Wagahwalé, um homenzinho de barba, careca como um ovo, enlouquecido pela recordação do assassinato da família durante os massacres da secessão e agora seduzido, tal como muitos homenzinhos calvos e barbudos, pelo fantasma de um microestado a que chamasse seu, uma pequena paliçada em que se fechassem por dentro e a que chamassem liberdade.) Os terroristas morreram todos mas o sacrilégio do assalto do Exército Indiano ao santuário dos Sikhs ainda provoca reacções. Receiam-se represálias e contra-represálias, e por aí adiante, a conhecida espiral da violência. Não é esta a Índia que Vina e Standish querem. E apressam-se a partir para o sopé dos Himalaias.

Os Indianos — os Indianos propriamente ditos — comportam-se como crianças quando vêem neve, que lhes parece uma substância de um outro mundo. As poderosas montanhas, a simplicidade das casas de madeira, as pessoas que parecem libertas de tudo o que não seja as ambições mais simples, o ar fino e tão puro como os tons de soprano de um coro de crianças, o frio e sobretudo, a neve: todas estas coisas tornam os mais sofisticados cidadãos abertos a coisas que normalmente não apreciariam: o tinir das sinetas, o cheiro do açafão, a lentidão, a contemplação, a paz.

(Nestes tempos havia também Cachemira. A paz de Cachemira está agora

despedaçada, talvez para sempre — não, nada é para sempre — mas Dharmasala continua.)

Vina encontra-se mais uma vez em posição subalterna na companhia de Mull Standish e, estranhamente, não se importa. As origens do Budismo Tibetano nos ensinamentos dos mestres indianos Mahayana, a formação das várias seitas, a ascendência dos Yellow Hats, a doutrina das quatro verdades nobres: nestes e noutros assuntos Standish é uma abundante fonte de informações. Vina absorve-as. Há alguns anos Standish encontrou-se com o próprio Dalai Lama e desenvolveu, nessa altura, uma particular devoção ao Deus Dorje Shugden que, segundo consta, falou com Gyatso através de um monge em transe e lhe ensinou o caminho secreto pelo qual fugiu dos conquistadores chineses e alcançou a Índia.

Dorje Shugden tem três olhos vermelhos e respira luz e não ar. Mas é um dos Protectores, por muito terrível que pareça.

Nesta viagem, infelizmente, não é questão de qualquer audiência com o grande Lama que está no estrangeiro, mas Standish deseja prestar as devoções rituais a Shugden. Também ele é um homem à procura de um caminho.

Pergunta a Vina Apsara se gostaria de participar nesses rituais.

Okay, diz Vina. Porque não? já que vim até tão longe.

Seremos então um *vajra* irmão e uma *vajra* irmã, diz-lhe Standish. *Vajra* é o que não se quebra, um raio, um diamante. É o laço mais forte, tão forte como um laço de sangue.

Mas à porta do templo de Shugden Otto Wing está à espera deles com más notícias. De cabeça rapada e com a sua túnica, um crente a cem por cento, o mais fiel dos fiéis, com os seus óculos de aros pretos, único vestígio do Otto que fornicava com Ifredis em Temple Harbor numa outra vida, informa Standish através dos lábios franzidos e desaprovadores que o Dalai Lama rompeu com Dorje Shugden. Actualmente, prega contra esse deus, desaconselha o seu culto. Diz que o culto de Shugden distrai do culto do próprio Buda. Procurar o auxílio de tais espíritos é voltar costas ao Buda, o que é um pecado. Não deves orar aqui, ordena ele a um Standish desconcertado.

Monges de Shudgen, tensos e combativos admitem que Otto diz a verdade. Há uma divisão no paraíso. O Budismo Tibetano sempre foi um tanto sectário e uma dessas brechas começou a alargar-se. Standish fica tão

perturbado que se recusa a ficar ali. Otto Wing insiste em que meditem em conjunto, mas Standish manda-o embora. *Não temos nada com isto*. O que quer dizer: já não pertenço a isto. Nem sequer neste paraíso posso encontrar a paz.

Mal chegaram às montanhas, têm de apanhar os lentíssimos autocarros e comboios que os vão levar de novo para o calor da cidade. Vina vai também com ele; porque o que ela vê no rosto de Standish é uma alienação que a faz recear por ele. É um homem que lutou tanto e perdeu tanto: filhos, ilusões, dinheiro. Vina receia que ele não sobreviva a este último golpe.

Chegam a Delhi e encontram a cidade amotinada. Um quádruplo assassinato, perpetrado por guarda-costas Sikh, vitimou Indira Gandhi, os seus dois filhos e a figura política em espantosa ascensão Shri Pilloo Doodhwala. Terríveis represálias são exercidas sobre a população Sikh da cidade. O ar está cheio de atrocidades. Vina e Mull instalam-se no velho Ashoka e sentam-se lado a lado, estupefactos, sem saber o que hão-de fazer. Batem à porta. Um empregado de turbante entrega a Standish um espesso dossier muito manipulado atado com uma enorme quantidade de fio muito fino. O pacote foi deixado na recepção por um homem que não quis dizer o nome. Ao princípio, ninguém sabe descrever o homem. Depois de muita insistência, os empregados da recepção admitem haver a possibilidade de que o mensageiro usasse a túnica amarela e roxa dos monges tibetanos. E também tinham sido avistados, de passagem no átrio do hotel, de vários membros do “círculo do ridículo” de Pilloo Doodhwala e até talvez — mas sem confirmação — a chorosa viúva do grande homem, a própria Golmatol Doodhwala.

Naquela época exaltada é fácil para Vina e mesmo talvez para Standish, acreditar em qualquer boato, em qualquer possibilidade; até que o pacote não viesse de nenhuma fonte mortal, mas de um deus que talvez sentisse, na hora da sua queda em desgraça, alguma simpatia com a luta dos VTO; que Shugden, o Protector, na sua sabedoria, lhes tivesse mandado aquele precioso presente.

Dentro do pacote a prova documental irrefutável — sob a forma de *fac-símiles* de documentos assinados, cheques, etc., tudo confirmado pelo notário como cópias autênticas — de que o célebre indiano não-residente, Sr. Yul Singh, o mesmo Yul Singh que tanto se interessava pelos cultos e organismos secretos americanos, Yul Singh, o imperador do Rock-and-Roll,

que sempre se apresentara a todo o mundo como um consumado cosmopolita, completamente secularizado e ocidentalizado, o Patrão Yul, o mais Calmo dos Calmos, YSL em pessoa, tem sido desde há muitos anos um fanático emboscado, um comprador de armas e de bombas, ou seja um dos principais esteios da facção terrorista do movimento nacionalista Sikh — ou, de facto, do culto Wagahwalé, cujos chefes foram recentemente assassinados em Amritsar e que tinham acabado de vingar esse assalto com um crime terrível, ordenado a partir da sua campa.

Será isto uma vingança póstuma de Píloo contra os *seus* assassinos?

Vina e Standish sentados, a gozar a frescura do ar condicionado, contemplam aquele presente que a Índia, a maior de todas as deusas, lhes deixou cair tão inesperadamente no colo. Lá fora, a poucos quilómetros de estrada, o massacre de Sikhs inocentes é levado a cabo por multidões sedentas de sangue, conduzidas por dirigentes do partido do Governo.

Mull Standish, normalmente o mais metuculoso, mais ponderado dos homens, está tão entusiasmado com aquilo que lhe oferecem que faz uma observação que, dadas as circunstâncias, pode considerar-se de extremo mau gosto.

Quanto mais conheço o Ocidente, diz ele, mais verifico que as melhores coisas da vida vêm do Oriente.

\*

Quando uma grande árvore cai na floresta, há dinheiro a ganhar com a venda da madeira. Depois de Standish, de regresso a Nova Iorque, enviar a Yul Singh fotocópias escolhidas do material em sua posse — para casa, por razões de discrição — o patrão da companhia discográfica convida-o para Park Avenue para tomar um copo e vai esperá-lo ao elevador sem qualquer traço de rancor. Você apanhou-me em cheio, admite ele sem mais tardar. Chamo a isso bom trabalho. Sempre disse aos dois jovens que tinham em si um grande elemento. Um homem usa várias máscaras, poucas pessoas sabem como ele é, lá bem no fundo. O criminoso e o detective, o chantagista e a vítima, eis as ligações estreitas mais íntimas do que muitos casamentos. São laços de ferro.

Laços *vajra*, pensa Standish. Raios e diamantes.

A minha mulher lê-me o correio que vem para minha casa, acrescenta Yul Singh, por isso não preciso de dizer-lhe que ela está a par de tudo, até ao mínimo pormenor. Conduz Standish a um vasto salão com as paredes

ornamentadas com aquilo que pode interessar um homem que tanto gosta da Índia, um jaez para elefante em prata, espalmado e emoldurado; pequenos bronzes Natarajas; cabeças de Gandhara. Marie-Pierre d'Illiers está ao fundo do salão, perfeitamente móvel com uma *flûte* de champanhe na mão, com o seu cabelo escuro, puxado severamente para trás, armado em chignon ao longo do seu pescoço, agora levemente enrugado. É alta, magra, cheia de autodomínio e de intolerância. Faz Standish sentir-se como aquilo que provavelmente é: um chantagista, e, o que é pior, o ladrão de toda a sua alegria. Só tenho uma pergunta a fazer-lhe, Monsieur Standish, diz ela num inglês com ligeiro sotaque. O senhor e os seus pupilos vão entrar em posse de uma imensa soma de dinheiro, verdadeiramente incomensurável; uma fortuna para lá de todos os sonhos. E só lhe pergunto isto: se chegarmos a um preço razoável, quer comprar as minhas vacas? Sempre detestei o negócio do leite, mas acabei por me afeiçoar às minhas Holstein. Tenho a certeza de que é um negócio que lhe assenta muito bem. O mungir das vacas e todo o resto.

Há um breve contacto de mãos entre o marido cego e a mulher que vê tudo. Nesse momento, ao ouvir que ela utilizou o tempo do pretérito, Standish percebe o que Yul Singh disse à mulher sobre as suas futuras intenções e o que ela lhe terá prometido em troca.

Para aqui, por favor, e Yul Singh condu-lo até uma mesa cheia de papéis. Os documentos são retroactivos, as condições são agora as máximas que se aplicam a qualquer cantor do mundo e ainda há uma cláusula tipo “nação mais favorecida”. Tome o seu tempo e faça as mudanças que entender.

Quando acaba a leitura, Standish puxa da caneta e assina por várias vezes. A assinatura de Yul Singh já lá está.

Standish levanta-se para se ir embora.

Não há qualquer possibilidade, murmura Marie-Pierre d'Illiers, de chegarmos a um compromisso quanto àqueles documentos?

O touro já está de joelhos, à espera do golpe de misericórdia.

Não, diz Mull Standish. Lamento. Mas deve compreender que fui apenas um instrumento neste caso em nome de alguém cuja identidade ignoro. Se eu não fizer nada, essa pessoa vai certamente trazer à luz esses papéis, por qualquer outro meio. Por isso não posso ajudá-los. Porém, quanto às vacas sim senhor, se o preço for bom estamos interessados.

Standish deixa-os ali, em plano afastado, no extremo do grande salão da



sua vida, bebendo champanhe como se fosse veneno. Cicuta, pensa ele, e então as portas do elevador fecham-se e ele desce.

\*

A morte deles (excesso de barbitúricos) é anunciada no dia seguinte. As necrologias são tão grandes e detalhadas como as de uma grande estrela. As notícias do fim do processo dos VTO contra a etiqueta Colchis é sonogada durante quinze dias, como marca de respeito pelo génio do grande homem que morreu.

Os documentos Sikh, curiosamente, não foram tornados públicos embora Yul Singh na mensagem de despedida à administração da Colchis, se tenha referido a eles e justificado a sua acção. Os interesses da firma não seriam favorecidos se essas palavras finais fossem largamente divulgadas. Standish decide não dizer o que sabe e ninguém avança para o substituir. A morte parece ter satisfeito o principal interessado. Yul Singh de nada é acusado depois da sua morte.

No Sam's Pleasure Island, a mesa de Yul é deixada vazia durante um mês inteiro, guardada contra qualquer intromissão de estúpidos ou ignorantes por uma formidável brigada de Singhs. Durante esse mês, o pessoal de Pleasure Island assegura que um Manhattan *on the rocks* e um gordo charuto *Cohiba* estejam sempre à espera, junto ao cotovelo ausente de Yul.

Depois disso, no entanto, a vida da cidade continua.

---

[60](#) Jogada vitoriosa no basebol, em que a bola é batida para muito longe, aqui usada como metáfora. (N. T.)

[61](#) Wilhelm Reich (1897-1957). Psiquiatra americano de origem austríaca que estudou a função sexual e publicou, entre muitas outras obras, “A descoberta do Orgone”. (N. T.)

[62](#) Desfazendo todas as cadeias que prendem/ a alma secreta da harmonia. (N. T.)

[63](#) “Não Desafies Nunca A Trombeta”. (N. T.)

[64](#) “Mouse” é rato; “louse” é percevejo e também “sacana”. (N T)

## Capítulo 14

### A CATÁSTROFE TOTAL

Há mais tristezas antes de mais alegrias. Mull Standish não vai gozar durante muito tempo a sua vitória. Na noite anterior ao seu desaparecimento, trabalhou até tarde no seu escritório e telefona alta noite para Ormus e para Vina dando-lhes severas descomposturas. Standish que nunca tinha falado nisso, ataca-os em relação ao seu caso amoroso, o suspense, aquele amor congelado que apaga o seu próprio amor, os dez anos estão a acabar, diz ele, e já é altura de se portarem como gente normal. A Ormus diz que o facto de ele nunca lhe ter retribuído o seu amor não interessa a ninguém senão a ele próprio, e, muito obrigado, posso suportar esse desdém. (Na verdade não podia, mas suportava estoicamente a sua mágoa, como o *gentleman* inglês que não era; tinha adquirido essa postura com os fatos executados em Savile Row ) Mas que vocês desperdicem o que resta da imensa fortuna que é o vosso amor, zanga-se ele, tendo já perdido tanto tempo, isso seria uma coisa que não posso perdoar. Para Vina acrescenta: O suspense está a dar cabo de mim. Queres, não queres, queres, não queres? Entra no raio da dança, digo-te eu. E deixa-me ainda dizer-te que se não o fizeres talvez eu morra com o desapontamento. E se isso acontecer e ainda houver uma luz no fim do famoso túnel, talvez eu regresso e faça brilhar essa luz nos teus olhos. Se tiver de te perseguir como um fantasma para que faças o que deves, arranjarei sempre um lençol branco e uivo aterrador.

No dia seguinte a riqueza da sua vida está reduzida à pobre realidade da cena de um crime: um escritório vandalizado, vidros partidos, um desaparecimento. Algum sangue, não muito, no tapete: uma hemorragia nasal, talvez. Uma bengala partida. Surpreendentemente, aquilo que parece uma nota de suicídio, num livro aberto na sua secretária. *Os suicídios são mais frequentes na Primavera. Quando o mundo se está a apaixonar, a falta de amor fere-nos mais profundamente.* Mas será possível que um homem escreva esta nota e a seguir destrua o seu escritório, dê um soco no nariz, parta a sua bengala e desapareça sem deixar rasto? Vina diz à polícia que aqueles palavras não são uma nota de suicídio, são uma página de diário. Ele esteve a falar connosco acerca do amor e penso que isso o entristeceu. Mas ele não era homem para pôr termo à vida. Era um grande lutador, um homem que seguia em frente.

Depois de algumas hesitações esta versão é aceite como a mais provável. O ocorrido é classificado como rapto e suspeita de assassinato. As suspeitas incidem sobre um determinado amante desprezado, mas não aparece nenhuma prova consistente, não é feita nenhuma acusação. E o corpo de Standish nunca foi encontrado. É preciso deixar passar algum tempo até que ele seja legalmente declarado morto e que Waldo Crossley, o atrasado mental, o jardineiro de Spenta se torne um homem.

(Quando Spenta Methwold, na sua mansão branca sobre o Tamisa, ouve as notícias do desaparecimento de Standish, arruma Ardaviraf e Waldo no banco de trás do seu Mercedes e guia durante três horas através dos campos e florestas dos arredores. Spenta, nesta altura, é já uma velha senhora, tem cataratas em ambos os olhos, de modo que é como guiar às piscadelas, meia-cega pelas lágrimas acumuladas durante os anos, as estalactites da dor. Na aldeia de Fawcett, Spenta não respeita um sinal de paragem e é abalroada simultaneamente dos dois lados por duas surpreendidas donas de casa nos seus idênticos Mitsubishi com tracção às quatro rodas. É um desastre ao retardador, ninguém fica ferido mas as portas do Mercedes não se podem abrir. Sem desculpas nem queixas Spenta segue até à garagem mais próxima onde os três esperam pacientemente que os mecânicos cortem a chapa. Voltam para casa de táxi e quando chegam à porta ela diz a Waldo e a Virus que aquele tinha sido o seu último passeio, que já não tem qualquer interesse pelo mundo exterior às portas da mansão. *Vou deixar-me ficar sentada a pensar nos que partiram e vocês, nossos filhos, tomarão conta de mim.* Depois chama o médico e cancela a prevista operação às cataratas. Uma visão intermitente é tudo o que precisa. O grande quadro, já não deseja vê-lo.)

\*

Standish desapareceu de vez. Ormus e Vina espreitam de uma janela a Primavera a dançar pelo parque. Cá estamos nós sem família nem tribo, perdemos o nosso grande aliado, diz ele. Agora somos só tu e eu e a selva. Poderemos aguentar juntos o que quer que venha contra nós, o melhor e o pior? Vais? pergunta Ormus a Vina. Vais respeitar a tua promessa?

Vou, diz ela. Vou casar contigo. Passarei o resto da minha vida contigo e sabes que te vou amar. Mas não me peças uma rapariga de absoluta fidelidade. Eu sou uma rapariga de baixa-fidelidade. Há um silêncio. Ormus deixa cair os ombros, amargurados, rendido. Mas não me contes nada. Só

não quero saber.

\*

Gosto de recordar Vina Apsara tal como ela era naqueles últimos anos, os anos do casamento e de grande felicidade, quando se tornou na mulher mais desejada do mundo, não só a Namorada da América como Mary Pickford há muitos anos, mas a querida de todo o planeta sofredor. Vina com trinta e tal anos deslizando pela Segunda Avenida abaixo, através de aromas de cozinha tailandesa, indochinesa ou indiana, as roupas de inspiração étnica, os adornos e cestos africanos. O aspecto afro tinha desaparecido há muito tempo, embora o seu longo cabelo nunca houvesse de perder um certo frisado e os seus dias de punho erguido tinham acabado — os seus velhos camaradas de punho erguido eram agora Republicanos, figurões de sucesso na comunidade, ou designers sem complexos cujos desenhos para bluejeans eróticos — com bolsos exteriores no sítio do pénis flutuando absurdamente ao lado da braguilha — começavam a ser um sucesso louco mal deixavam as pranchas de design. O que passou, passou, dizia Vina sem chorar dias de outrora acrescentando, meio queixosa, que pela sua experiência e tendo mesmo em conta os seus tormentos de criança com Marion Egiptus, os anos de perseguição pelos homens do fisco e das polícias, nunca tinha sofrido um centésimo da perseguição racial de que são vítimas os seus amigos afro-americanos. *É verdade, Rai, nós aqui não somos o alvo.* É verdade, confirmei eu e abster-me de acrescentar que a celebridade também lava mais branco.

Ninguém compreendia melhor o mecanismo da fama, ora para cima, ora baixo, do que Vina. Aqueles eram os tempos em que as primeiras estrelas negras começam a cruzar o firmamento: OJ, Magic, pessoas cujo talento tornava as pessoas cegas à cor da pele, à raça, à história. VTO era um alto membro dessa elite, coisa que Ormus sempre teve por certo, como se fosse a coisa mais natural do mundo. E costumava citar biólogos e geneticistas. Os seres humanos são praticamente idênticos, dizia ele. A diferença de sexo é, aos olhos da ciência apenas uma pequeníssima fracção daquilo que somos. Em termos de percentagem quase não tem significado. Mas a vida na fronteira da pele tornava sempre Vina um pouco nervosa. Ainda tem pesadelos em que a mãe e o padrasto tentam convencer uma professora da Virginia que a filha não tinha sangue negro, era meio-índia, não pele-vermelha, mas da longínqua Índia, dos príncipes e dos elefantes e do

famoso Taj Mahal, e a sua ascendência punha-a ao abrigo das bisbilhotices locais e a habilitava a entrar no autocarro amarelo que levava as crianças brancas. Vina sonhava também com grupos de linchamento, com cruces a arder. Se esses horrores estavam a acontecer a qualquer pessoa, em qualquer lugar, também podiam acontecer-lhe a ela.

Lembro-me de Vina ardendo na chama negra da sua beleza adulta, exibindo no anelar um anel de brilhantes e platina pertencente a outro homem e, na mão direita a sua selenita preferida. Acredito sinceramente que ela nunca soube quanto eu sofria quando, servindo-se de mim como confessor, nua nos meus braços me contava tudo sobre ela e Ormus sem me poupar nenhum pormenor. Agora que estavam casados ela tinha travado um pouco as suas revelações públicas e mantinha fora do alcance do insaciável mundo, algumas das privacidades da sua cama matrimonial, mas precisava de falar com alguém e, apesar de toda a sua teologia da libertação, Vina era uma mulher sem amigas íntimas. Eu era o seu segredo, a quem revelava os outros seus segredos. Eu era tudo o que ela tinha.

\*

No princípio dos anos 80, eu tinha-me mudado para alguns quarteirões mais ao norte, juntando forças com outros três fotógrafos — Mack Schnabel, Aimé-Césaire Basquiat, Johnny Chow, todos eles antigos membros da Agência Nabucodonozor que tinham abandonado, como protesto contra o hábito cada vez mais acentuado de tratar os seus fotógrafos como cães com trela curta — para um velho edifício, que fazia lembrar uma baleia, na East Fifth Street entre a Segunda Avenida e a Bowery, mesmo em frente dos escritórios da *Voice*, em Cooper Square. Era um espaço enorme, antigamente dedicado à música e à dança, chamado Orpheum, um nome que, evocando recordações do cinema dos meus pais em Bombaim, me pôs um nó na garganta e não me deixou outra opção que não fosse a de comprar a minha parte naquilo que pouco mais era do que uma carapaça a ameaçar ruína. A sua compra e a sua reconstrução custaram-me mais do que eu jamais tinha pensado gastar em instalações, mas tínhamos aparecido no momento em que ia começar o bom do imobiliário, e por isso, ganhámos logo uma importante mais-valia, embora nenhum de nós pensasse em vender o edifício. Todos os quatro tínhamos alma de vagabundo e passávamos a vida a percorrer o globo, mas partilhávamos o estranho mas inequívoco sentimento de que tínhamos encontrado o nosso

verdadeiro lar na barriga daquela baleia. Eu acabei por ficar com o enorme andar de cima e ainda um estúdio e um terraço no telhado. Além disso, em regime de co-propriedade, havia um enorme auditório que podia servir como estúdio-gigante ou galeria de exposições.

No vestíbulo, gravada numa parede de pedra, uma sentença latina: *Venus significat humanitatem*. É o amor que é o sinal da nossa humanidade. Era esse um sentimento com o qual todos estávamos preparados para viver.

Era perfeito. Era o que todos nós sentíamos: raízes. Não aquelas com que nascemos, e que não dependem de nós, mas aquelas que enterramos no chão que escolhemos, podem chamar-lhe as opções radicais que tomamos para nós próprios. Não é mau. Nada mau. Comecei a pensar em ficar mais tempo em casa, mas por outro lado tinha uma razão de viajar que os outros três não tinham. Em parte era para fugir às ausências de Vina. Para fugir à cama de latão onde ela não estava, a cama vazia que me atormentava com recordações dos tempos em que ela aparecia, geralmente sem aviso, para me fazer lembrar porque é que eu nunca casei e tornar a nossa retorcida ligação uma coisa que (quase) valia a pena.

Vina tinha-se mudado para mais longe, para o Edifício Rhodopé, para o superapartamento de Ormus, agora alargado, graças aos ilimitados fundos de que dispunham, num complexo de quatro apartamentos “para termos espaço para nós próprios”. Com saudades das suas antigas angústias de Canal Street, compensava-as investindo no mercado imobiliário. Começou a comprar edifícios históricos ao longo de toda a Costa Oriental, às vezes sem sequer os ter visto. Basta-me olhar para o mapa e sentir que é bom negócio, dizia-me ela. Por vezes eu tinha que consultar um numerologista. Foi assim até ao fim, uma estranha mistura de grande inteligência e das disparatadas superstições do seu tempo. Gostava do Orpheum, gostava de tomar banhos de sol nua, sob o espigão cintilante do edifício da Chrysler e, na direcção oposta, as gigantescas massas cinzentas do World Trade Center. Mais perto, um depósito de água olhava para ela empoleirado nas suas pernas marcianas, como um figurante de *A Guerra dos Mundos*. Ou como um foguetão, imaginava ela. Olhem para a cidade. Uma grande esquadra de foguetões colocada nos telhados. Estão a preparar-se para partir, sorver a nossa água, reduzir a cidade a destroços, deixando-nos a morrer de sede no nosso deserto urbano em ruínas. Vina interessa-se pelo Armageddon. O louco best-seller de Velikovsky “*Worlds in Collision*” e a sua sequência

“*Ages in Chaos*”, com a sua tese de “catastrofismo cósmico”, a nova ficção escatológica de John Wilson, o impressionante filme da Guerra Fria “*Fail-Safe*”, eram os seus favoritos. E podem perceber porque é que ela adorou “*The Lord of the Rings*”. A obra oferecia também o fim do mundo, mas pouco habitualmente, tinha um final feliz.

Em frente do Orpheum, havia um pequeno café vegetariano, propriedade de budistas nova-iorquinos. O café era bom, a cozinha vegetariana agradável, mas desde o seu regresso de Dharmasala, o omnipresente tilintar dos sinos budistas tinham começado a impressionar Vina. Ela era totalmente a favor das nobres verdades, mas não gostava da maneira como Buda, um rico e poderoso príncipe que renunciara ao poder e à riqueza para ganhar sabedoria como um pobre mendicante, atraía agora seguidores entre a classe mais rica e poderosa da mais rica e poderosa cidade da mais rica e poderosa nação do mundo. Os rapazes do café eram umas joias e não eram de modo algum milionários, mas não andavam com a escumalha das esmolas nem mantas de dormir, e os seus camaradas budistas que pertenciam à elite artística pareciam ter uma singular concepção da vida simples, do Caminho. Vina não estava muito segura da sua capacidade de renúncia, mas se o Dalai Lama quisesse, dizia ela, e se a Constituição o permitisse, ele poderia candidatar-se a Presidente ou, pelo menos, Presidente da Câmara de Nova Iorque. Vina tinha já preparada uma campanha musical. *Hello Dalai. Lama-Lama-Ding-Dong*. Se alguém a levava a sério e a encostava à parede, ela admitia que estava ao lado do Dalai Lama na sua luta contra os Chineses, quem não estaria, mas aborrecia-a ser forçada a admiti-lo. A maior parte do tempo ela preferia estar sardonicamente fora da linha, fora do passo. Para parecer mais agressiva do que, na verdade, era. O que, estranhamente, não enganava ninguém. As pessoas viam Vina através da sua prática de malcomportada, chegavam a gostar dela por isso, e quanto mais cruas eram as suas declarações, quanto mais duramente ela tentava ser radical, mais profundamente a amavam.

A Índia ainda a atraía e não percebia a minha decisão de nunca mais lá voltar. Tu e Ormus, dizia ela abanando a cabeça, foi mesmo a minha sorte prender-me aos dois homens do mundo que voltaram as costas à sua velha terra. O quê? Tenho que ir sozinha? Só eu e um grupo de guarda-costas?

Ouve, disse-lhe eu (a sua franqueza dava mais força às minhas próprias

confissões) não passa um dia em que eu não pense na Índia, em que não recorde cenas da minha infância: Dara Singh a lutar num estádio, Tony Brent a cantar, o Sherpa Tenzing a acenar de pé num carro descapotável junto ao Parque Kamala Nehru. O filme *Mughal-e-Azam* a explodir em cor para o grande número da dança. A lendária bailarina Anarkali pavoneado-se de um lado para o outro. O assalto permanente e sensual daquele país sem registo médio, aquele contínuo inteiramente composto de extremos. Claro que me lembro. É o passado, o meu passado. Mas os laços quebraram-se. Há discussões a decorrer todos os dias na Índia, discussões para as quais seríamos arrastados, em que nós já não queremos participar, já não temos estômago para repetir mais uma vez, os estafados argumentos sobre autenticidade, religião, sensibilidade, pureza cultural, e os efeitos corruptores das viagens ao estrangeiro.

*Nós*, diz ela encantada. Suponho que estás a falar também por Ormus.

Claro, respondi. A que é que achas que se refere “*Tongue Twisting*”?

(*Dar à língua* é, aparentemente, um dos mais leves trabalhos de Ormus, uma simples canção sobre o desapontamento dos adolescentes, um verso de nostalgia seguido de um verso de desilusão.

Gosto da maneira como ela anda e até gosto seu cheiro.

É, gosto da maneira como ela fala

E quero mesmo falar com ela.

Agora sei que ela é tonta,

E até exagera,

Mas fico à espera das suas carícias.

E não estou a insistir

Mas se dermos à língua um com o outro,

Será um acto maravilhoso.

Infelizmente esta história de amor não aconteceu:

Ela não gosta do sítio onde eu vivo,

Portanto não quer saber dos meus sentimentos.

Sabes que eu tenho muito para lhe dar

Mas ela disse-me que eu sou irrealista.

Tentei pintar-lhe o retrato, mas não tive sorte,

Tentei escrever-lhe a história mas ela achou uma merda.

Agora já estou farto das suas negas.

Vou dar à língua com quem quiser fazê-lo comigo.)



No nosso cansaço, Vina, penso que eu e Ormus, fomos um só; assim como o nosso amor pela alegria da própria vida, a que tu dás corpo. *Vina significant humanitatem*. É verdade. És tu.

Esse discurso merece uma recompensa, murmura ela, pondo-me uma mão na nuca e puxando-me para ela, nua e esplêndida, debaixo dos cegos arranha-céus e do céu que tudo vê. Abraça-me, ordena, e eu obedeço.

Há uma espécie de Índia por toda a parte, também é verdade; todos os lugares são terríveis e maravilhosos e esmagadores se abrimos os nossos sentidos ao pulsar do mundo. Agora há pedintes nas ruas de Londres. Se Bombaim está cheia de amputados, então aqui em Nova Iorque quantas almas mutiladas se podem ver a cada esquina, no metro, na Câmara Municipal? Também aqui há vítimas da guerra da própria cidade, das baixas da metrópole, com crateras de bombas nos olhos. Por isso não nos deixeis cair no exotismo, e livrai-nos da nostalgia, ámen. Onde está Dara Singh leia-se Hulk Hogan, diga-se Tony Bennett em vez de Tony Brent e é *O Feiticeiro de Oz* que faz a mais espectacular transição para a cor, muito melhor do que jamais se fez em Bollywood. Adeus aos reis do sapateado indiano, Vijayantimala, Madhuri Dickshit. Ficamos com Kelly, com Michael Jackson e Paula Abdul e Rogers e Astaire.

Mas, para ser honesto, ainda sinto todas as noites o doce ozono do mar da Arábia perfumado a jasmim, ainda recordo o amor de meus pais pela sua cidade art déco, e um pelo outro. Davam-se as mãos quando pensavam que eu não estava a ver. Mas claro que estava. Sempre. E ainda estou.

A foliona e o recluso, a fala-barato e o calado, a promíscua e o virtuoso; nunca pensei que eles dessem o nó, mas deram-no e no dia marcado. Amos Voight, o amigo de Vina, costumava dizer que o célebre noivado de dez anos era só uma brincadeira maluca de adolescentes, um flirt que partia da sua mútua atracção mas que se resignava ao falhanço da confiança entre eles, o que não dava nenhuma solidez a qualquer ideia de casamento. E, dizia ele, é *tão bom* para o negócio. A publicidade, meus queridos, que ninguém pode pagar. A filosofia da vida de Voight era que os recortes de imprensa não são para se contar mas para se medir a peso, e enquanto a nossa publicidade for ganhando peso tudo corre bem. E é verdade que, como publicidade, aquele amor suspenso era importante. Mesmo durante o longo silêncio da banda, a estranha ligação entre Ormus e Vina manteve-os na linha da frente da atenção do público.

O público contemporâneo tem uma grande experiência do cinismo de Voight; já não acredita no que lhe dizem. Está convencido de que há um sub-texto por baixo de cada texto, uma agenda escondida por detrás da conhecida, um outro mundo correndo paralelamente ao mundo. Como Vina exibiu a sua promiscuidade debaixo do nariz do público e era celebrada e satanizada por isso, havia quem não acreditasse que era verdade. Esses cidadãos também punham em dúvida a fidelidade de Ormus. Os jornais e revistas menos escrupulosos encarregaram os seus melhores bisbilhoteiros para acompanhar o caso e alguns chegaram a mandá-los seguir por detectives profissionais a fim de descobrirem as suas ligações secretas, mas todos voltaram de mãos vazias. O desejo de desmontar o extraordinário, a urgência em lhe cortar os pés para que caiba dentro do aceitável, é gerado pela inveja e pela mediocridade. A maior parte de nós, ao chegar à célebre estalagem de Procrustes, havia de achar que o leito que nos oferecem é muito maior do que nós. No meio da noite ele iria prender-nos e esticar-nos, sem se importar com os nossos gritos, até atingirmos o seu tamanho. Muitos de nós, que somos esticados a partir da nossa pequenez, invejamos os poucos heróis verdadeiramente grandes.

Ormus, Vina e eu: três de nós viemos para o Ocidente e atravessámos a membrana celeste que tudo transforma. Ormus, o jovem paladino do aqui-e-agora, o sensualista, o grande amante, o homem terreno, o poeta da realidade, tinha visões de um outro mundo e estava transformado num oráculo, um monge de dez anos e num prisioneiro da Art Déco. Quanto a mim, devo dizer que também acabei por passar por uma membrana. Tornei-me um estrangeiro. Apesar das vantagens e privilégios do meu nascimento, apesar de toda a minha aptidão profissional, vim transformar-me pelo facto de deixar a minha terra natal, num membro honorário do exército dos pobres de toda a Terra. A Indochina ajudou, claro, a inesquecível Indochina com os seus esquecidos mortos de raça amarela, click, e a tempestade de bombas sobre a vizinha Angkor que deu origem à besta devoradora da vida, o Khmer, click, que saiu, qual fénix maléfica das chamas para declarar a guerra aos óculos, às obturações dentais, às palavras, aos princípios e ao tempo. (E também às câmaras Foi lá que corri o maior perigo de sempre; safei-me com muita sorte e graças ao meu truque da invisibilidade. Além disso, insectos simpatizantes com os Khmers insinuaram-se através das minhas protecções e, durante semanas, estive doente com malária e

desespero na ilha de Cheung Chau e no porto de Hong Kong Acabei por me curar e entrar numa longa convalescença alimentando-me de peixe do cais e de massa.)

Ao longo dos anos vi a mão da Poderosa América cair pesadamente nos pátios-das-traseiras de todo o mundo, click, não a mão-estendida-sobre-os-mares para os amigos, mas o punho com que Aquele-que-é-Poderoso martela a mesa verde dos vossos países, para dizer o que quer e quando quer, ou seja, já, meu palerma, põe-te em sentido, estou a falar contigo! Regressei dos meus clicks no matadouro de Tuol Sleng, em Angkorán, e deixei de achar graça ao estúdio de Amos Voight; fiz clicks no tristíssimo Timor só para ficar a saber que, oficialmente, de acordo com a palavra da Poderosa Central de Foggy Bottom, não existe na terra tal lugar; no Irão em 79, rei Fantoche, click, levou os seus súbditos a pegar em armas e a fazer uma revolução que os comeu vivos; click, em Beirute devastada; click, no bananarama pintalgado de revolução que é a América Central. Regressei a casa, como os soldados de Godard, trazendo fotos das tenebrosas maravilhas do mundo, todos os meus clicks de montes de corpos e montanhas de caveiras e autocarros escolares rebentados por minas e assassinos vitoriosos e grandes fomes e genocídios sangrentos, e quando abri a minha mala barata para provar que cumprira a minha promessa, a minha namorada não estava, mas estavam editores de fotografias que perguntaram, Sr. Merchant, gosta da América? Rai — é um pseudónimo não é, Rai? Rai, até que ponto você é um peão dos comunistas?

As nossas vidas partem-nos ao meio. Ormus Cama, o místico relutante, o gémeo sobrevivente, perdeu o duplo que tinha na cabeça e descobriu que todo o mundo era duplo. Os seus dois olhos, vendo cada um a sua realidade faziam-lhe doer a cabeça e o coração. Uma coisa parecida era o meu destino no que toca a esta coisa, à América. Porque a América em que eu tinha autorização para trabalhar, em que eu levava a minha boa vida, a América do Orpheum na qual o amor é o sinal da nossa humanidade, a América para baixo da Rua Catorze, fresca e leve como o ar, deu-me um sentimento de estar no lugar certo, coisa que eu nunca senti na minha terra. Estava verdadeiramente apaixonado, como toda a gente, pela América-de-sonho que todos temos na cabeça, América-a-Bela, o país de Langston Hughes que nunca existiu mas devia existir. Mas perguntem ao resto do mundo o que a América significa e, a uma só voz, o resto do mundo responderá Poder,

significa Poder. Um poder tão grande que molda as nossas vidas quotidianas, mesmo se nem sabe que nós existimos, mesmo se nunca poderia indicar-nos no mapa. A América não é um estalar de dedos. É um punho cerrado.

Isto também era uma espécie de visão dupla. Foi aí que começaram as minhas dores de cabeça.

Nas zonas de combate não há qualquer estrutura, a forma das coisas muda constantemente. Segurança, perigo, controle, pânico, estas e outras etiquetas estão sempre a descolar-se e recolar-se de locais e de pessoas. Quando saímos de um tal espaço, ele fica connosco, a sua diferente realidade impõe-se por si própria à aparente estabilidade das pacíficas ruas da nossa cidade natal. A hipótese torna-se verdade, podem imaginar-se os edifícios a explodir em Gramercy Park, crateras a abrir-se no meio de Washington Square e senhoras com os seus sacos de compras a caírem mortas em Delancey Street, atingidas por um atirador emboscado. Tiramos fotografias na nossa pequena zona de Manhattan e imagens fantasmas começam a aparecer nelas, fantasmas em negativo dos mortos longínquos. Exposição dupla: tal como a fotografia de Kirlian. Surge uma nova verdade.

\*

Comecei a meter-me em discussões e até em lutas. Sim senhor, em bares, com estranhos, também isso, cenas de pancada acerca de coisa nenhuma. Eu. Ouvia-me a mim próprio chatear os outros numa espessa voz de bêbado que eu mal reconhecia, mas sem poder parar. Como se a violência que eu tinha visto acendesse, em resposta, igual violência em meu íntimo. As chamas interiores escapavam-se por falhas da minha personalidade, para me saírem pelos vulcões dos olhos, dos meus lábios. Uma noite, pouco depois do desaparecimento de Standish, acompanhei Vina ao Xenon e, depois, ao 54. Ormus detestava esses lugares e eu podia acompanhar Vina sem levantar quaisquer suspeitas. Ela, por seu lado, não podia passar sem os clubes, era uma espécie de vício e, de qualquer modo, ela nunca se preocupava com o que as pessoas pudessem pensar. Vestia sempre de preto, mas não se parecia nada estar de luto; a roupa era escassa, não dava para isso. Seja como for, no 54 estava lá um tipo com o cabelo cheio de fixador que disse uma piada sobre ser tão pouco tempo depois de Mull... não interessa, Vina puxou por mim mesmo a tempo. Disse-me que eu estava com uma fúria tipicamente masculina, *porque estás a perder o controle.*

Queria referir-se aos homens em geral. Era uma flechada tão longe do alvo que eu nem sequer via onde a seta tinha ido parar e em resposta comecei a dizer mal de Ormus. Aquelas canções que ele diz serem do outro mundo, gritando para me fazer ouvir por cima da música, o que é que ele pensa que está a fazer, a oferecer às pessoas uma terra prometida? Põe-me doido, isso, porque mesmo se lermos a letra miúda, ele só está a dizer que é diferente, não melhor, mas não é o que os jovens ouvem. Mas quem é que ouve os versos como deve ser, tu própria disseste. Aqueles loucos de merda dos *New Quakers*, tu pensas que eles estão a ouvir com atenção? Estão à espera do juízo final, rezando para que chegue o fim, para que venha o *dies irae*, o dia da raiva, porque então virá o tal reino de merda. Já não posso suportá-los. Querem parar com isso, por favor?

E foi então que ela me gritou: Nós vamos mesmo fazê-lo. Vamos casar. Espero que te acalmes e possas vir ao casamento.

A música tinha parado e ela continuou a gritar no súbito silêncio. Parecia um anúncio público. Toda gente começou a aplaudir, Vina fez um sorriso maroto e umas reverências. E eu, por não ter escolha, aplaudi também.

\*

Qualquer coisa de inesperado estava a acontecer no mundo da música, as bandas mais jovens estão a falhar, os efeitos especiais perderam o seu brilho e os miúdos estão a olhar para os mais velhos. Como se a raça humana estivesse a voltar as costas ao actual momento da sua evolução e começasse a reverenciar os dinossauros que vieram antes. Era, de certa maneira, uma pena, mas a idade começava a ser uma vantagem. Ormus Cama tinha quarenta e quatro anos e isso contava a seu favor. A mesma idade da música, as pessoas iam repetindo, a mesma idade da música, era uma espécie de montra, sem grande significado, como se a música não cruzasse as fronteiras do tempo tão bem como as do espaço. Ter a mesma idade da música era saber tudo, de repente, como os velhos irmãos Delta, como o próprio Old Adam. A sabedoria era um artigo da moda, e Ormus tinha-a, a sabedoria do recluso, do Oráculo de Delfos de, digamos, Brian Wilson ou os Beach Boys. E ainda por cima, aos olhos do público que compra discos, ele ainda tinha uma coisa que não se encontra em Delfos ou na Califórnia: a sabedoria do Oriente.

VTO tinha publicado um novo êxito, um duplo álbum cheio de fantasia, *Doctor Love and the Whole Catastrophe*. Era uma frase de que Ormus

gostava, ele tinha-a fixado. Ele costumava dizer que a música tanto pode ser sobre coisa nenhuma, um pequeno fio de som como um cabelo de prata tirado da cabeça da Musa, como ser sobre tudo o que existe, tudo, *tutti tutti*, vida, casamento, outros mundos, tremores de terra, incertezas, avisos, reprimendas, viagens, sonhos, amor, a surdez completa, o quase-sucesso, a catástrofe total. O novo álbum era um espectacular mosaico de tudo isto: cantigas de amor e jeremiadas, odes de parar o coração e visões de horror. Não podia falhar.

Na capa, ele e Vina posavam nus, com uma folha de parra, como estátuas clássicas com óculos escuros. Como amantes míticos, Cupido e Psiché, Orfeu e Eurídice, Vénus e Adónis. Ou um par moderno. Ele era Doutor Amor e ela, nesta leitura, a Catástrofe Total. Esta capa foi depois chamada uma profecia fatal pelas mesmas pessoas que acreditavam que Paul McCartney estava morto porque era o único que ia descalço a atravessar a zebra dos peões na capa de *Abbey Road*, pelas pessoas que insistiam em que se pusermos a agulha nas espiras da zona de rejeição do *Sgt. Pepper* e fizermos girar o disco com o dedo em sentido contrário, ouviremos John Lennon cantar *I will fuck you like a superman*.<sup>65</sup> O músico da música pop — tanto os fãs como os artistas — parecia, às vezes, povoado exclusivamente por atrasados mentais.

Vina e Ormus podiam finalmente permitir-se estarem simplesmente apaixonados e a sua florescente felicidade era a coisa mais excitante do mundo. Logo a seguir ao casamento, os dois pagaram páginas inteiras de publicidade nos jornais de todo o mundo para dizerem como se sentiam felizes: deve ter sido uma ideia de Vina. Grande parte desse texto parecia escrito por ela. Eis o que diziam ao mundo: que tinham aprendido a amarem-se plenamente, confiando totalmente um num no outro, através dos seus sonhos. Tinham descoberto que sonhavam um com outro, todas as noites, *e que os sonhos eram os mesmos. Estávamos realmente, mas sem o saber, a deixar o nosso corpo entrar nos sonhos do outro. Os nossos espíritos faziam amor e ensinavam os nossos corpos a confiar um no outro.*

Daí os seus sonhos eróticos durante dez anos, era como eu via isso. Mas, agora tinham ideias mais complexas sobre o poder do amor e da música, *que é o som do amor.*

*O amor é a relação entre níveis da realidade.*

*O amor produz harmonia e é ele que comanda as artes. Como artistas*

*procuramos atingir, na nossa obra, um estado de amor.*

*O amor é uma tentativa de impor ordem ao caos, sentido ao absurdo.*

*É inventivo, tem uma natureza dupla e tem as chaves de tudo.*

*Há amor no cosmos.*

*O amor nasceu antes das leis da natureza e é mais poderoso do que elas.*

*O amor eleva-nos acima das nossas limitações e dá-nos liberdade.*

*Proclamamos o amor do homem pelo seu semelhante.*

*Proclamamos o amor como uma força cósmica que traz consigo a criatividade.*

*Transformamo-nos constantemente e permanecemos constantemente os mesmos. A música é ponte entre os nossos mundos. A música liberta e une.*

*Estamos cheios da loucura do amor, que leva o espírito para além do compreensível para uma visão de beleza e de alegria.*

*As canções são o encanto do amor. A magia de todos os dias. As canções das sereias levavam os homens para a morte. A canção de Calipso manteve Ulisses, encantado, a seu lado. Nenhum homem pode resistir à canção de Afrodite ou da Persuasão, a sua fada cantora.*

*As canções afastam de nós a nossa dor.*

*Assim tenhamos sempre nós, cheios de desejo, ter uma canção doce mais do que qualquer droga.*

*O amor é harmonia. A harmonia é o amor.*

*(Dedicamos este disco à memória do nosso amigo e salvador Mullens Standish, o pirata apaixonado. Que a sua bandeira de caveira e tibias tremule sempre ao vento.)*

\*

A música era a sua maneira de fazerem amor. Muito se disse e escreveu sobre a atitude provocadora de Vina, mas o que eu quero ouvir é mais sobre a maneira como ela usou essa atitude nas suas exibições, juntamente com os pulmões e o cérebro. Quero ouvir falar dessa voz-do-século. Como ela aperfeiçoou o seu fraseado estudando filmes de grandes violinistas — Heifetz, Menuhin, Grappelli — e, impressionada pelo movimento do arco que criava um som aparentemente contínuo (uma dentadura sem falhas, como ela dizia), começou a utilizar a voz da mesma maneira. A cantar como um violino. Para obter aquela famosa fluidez, Vina estudou também a maneira como respiram os instrumentistas de sopro e gastava horas a aumentar a capacidade dos pulmões atravessando piscinas debaixo de água

no seu *health club*. Depois, no palco, (com uma garrafa de Bourbon na mão nos dias maus) largava a voz e parecia ter nascido nesse dia. A arte de esconder a arte: a mais espectacular estrela do *rock* de todo o mundo era uma devota da filosofia da direcção artística. Nunca os deixes ver como é que fazes isso, era a sua máxima. E uma vez disse-me: Querem saber como é? não têm nada com isso. É essa a minha profissão e a deles á aplaudir.

O físico Oppenheimer, ao verificar a potência da Bomba, filha do seu cérebro, citou o Bhagavad Gita. *Tornei-me a Morte, a Destruidora dos Mundos*. O cogumelo mágico da morte, nascido do casamento de materiais fissíveis. Nos oito anos entre o casamento de Vina e Ormus e o fim tão prematuro dela, ouviram-se algumas vozes ásperas, nomeadamente as dos seus antigos admiradores Rémy d'Auxerre e Marco Sangria, afirmarem que as duas estrelas dos VTO eram personalidades eminentemente instáveis, permanentemente à beira de se separarem e se não fossem super-ricos estariam agora num parque de atracções. Eu digo apenas que se eles fossem fissíveis, a energia libertada pela sua união — o seu Manhattan Project — seria uma luz e não uma escuridão, uma fonte de prazer e não de dor, um aspecto da Vida-Criadora e não da Morte-Destruidora.

Podem imaginar-me a ranger os dentes enquanto escrevo isto.

O amor fê-los irresistíveis, inolvidáveis. Como artistas e como pessoas, o fim do adiamento e o alívio da consumação tornaram-nos, desculpem a repetição, consumados. Quando entravam numa sala, de mão dada e resplandecentes, as pessoas calavam-se, em admiração. Vina e Ormus tornaram-se, com o amor, perfeitos. E tinham grandes reservas. A torrente da sua alegria, tão retardada, salpica as pessoas próximas, afogando os estranhos numa felicidade inesperada. A sua maneira de estarem no palco foi totalmente reinventada. Ormus voltava-se agora para o público. Pernas afastadas, guitarra brilhando-lhe nas mãos, alto, magro, o rosto como um monumento à sua longa espera e ao adiado triunfo, a pala dourada somando poder à sua personalidade, emprestando-lhe ressonâncias de pirata, ele representava o perigo e o realismo da música e também a esperança que ela esconde. Infelizmente, devido às suas lesões auditivas, Ormus precisava de protecção contra os decibéis que a banda arremessava para o público, a assim foi preciso construir uma cabina de vidro, à prova de som, completa com ar condicionado e pedais que controlavam o som da sua guitarra. No ponto focal do palco, brilhantemente iluminado, estava agora aquele objecto



de ópera espacial ou de conto de fadas e Ormus Cama que estivera durante anos em coma num caixão de vidro colocado numa estufa reconvertida cantava e tocava agora numa outra caixa de vidro.

Enquanto ele se mantinha quieto, rodeado de vidro, Vina corria e saltava, dançava e rodopiava, uma Vina superpreparada, com alta voltagem, uma Vina que tomava conta do negócio e de si própria. Ele era o Ser, ela o Transformar-se e, atrás deles, a secção rítmica estabelecia uma série de leis severas; os cantores percutiam a sua mensagem e mandavam-na para o céu.

À volta deles — talvez para desviar a atenção do seu papel forçadamente estático — Ormus começou a organizar grandes espectáculos, efeitos especiais hiperbólicos que o revelavam, no fundo do coração, como um rapaz de Bombaim naturalmente atraído para a mítica vulgaridade dos filmes musicais de Bollywood. Tudo era espectáculo: distopias de ficção científica, mundos fabulosos povoados de dragões, visões do serralho exibindo pelotões de especialistas da dança do ventre, com uma pedra preciosa no umbigo, calças de odalisca, anéis de fogo de magia negra, dominados por grandes figuras insufláveis, e um videorama que agora é normal aparecer nos estádios mas que naquele tempo, deu às pessoas a mesma sensação que tiveram quando Bob Dylan passou para a guitarra eléctrica. (O que dantes se conseguia ligando uma guitarra à electricidade, agora requer os meios de uma operação militar. Já não somos tão impressionáveis, tão inocentes como éramos.)

A mais-valia destes espectáculos trouxe para os VTO novas legiões de admiradores. A banda entrou naquela zona de celebridade na qual tudo deixa de ter significado a não ser a celebridade. Camamania, Vinamania estavam no cume do seu gritante entusiasmo, mas alguns antigos apreciadores saltaram do autocarro. Sangria e Auxerre atacaram os VTO por terem atraído os seus velhos fãs, por os terem abandonado. Transpiração em vez de inspiração, jogos de luzes em vez de luz interior, ganância em vez de necessidade, escreveu Marco Sangria, acusando a banda de se ter reduzido à maior pastilha elástica do mundo. Ormus, a pala de ouro, aquele gigantesco protector de ruído feito em vidro, troçava Sangria: porque não metes a cabeça na porra de um saco?

Mais tarde, quando Vina e Ormus se tornaram “políticos”, organizando os concertos de caridade “Rock the Word”, encontrando-se com líderes mundiais para lhes exigir acção contra a fome, denunciando o cinismo das

companhias petrolíferas em África, juntando-se à campanha para a extinção da dívida do Terceiro Mundo, manifestando-se contra atentados à saúde provocados pelas centrais nucleares provando a crescente invasão da privacidade na América pelos tentáculos cada vez maiores, do estado secreto, trazendo à luz as violações dos direitos humanos na China, espalhando o evangelho vegetariano — os mesmos críticos que lhes tinham censurado a superficialidade, acusava-nos agora de pretensão, de querer sair fora dos seus parques para bebés e quererem vir discutir com os crescidos.

O segundo anúncio de página inteira de Ormus Cama, *O que é a Catástrofe Total?* No qual exprimia publicamente o seu receio de que estaria iminente uma espécie de apocalipse, uma espécie de encontro de ficção científica entre versões diferentes e incompatíveis do Mundo, foi a última gota de água.

Receber o mundo como um brinquedo pode ser divertido, escreveu Rémy Auxerre. Mas então é preciso ter um mínimo de aptidão para disputar os grandes jogos do mundo. Dispor do mundo como palco é também um grande privilégio, acrescentou. Mas no palco do mundo há apenas poucos heróis e muitos palhaços dizendo coisas sem sentido.

De certa maneira tinham deixado de ser reais. Para Auxerre e Sangria, tinham-se tornado pouco mais do que um sinal dos tempos, para serem entendidos de acordo com as necessidades de cada um. Marco Sangria, cuja convicção mais profunda era a de que a verdade do século XX era uma verdade secreta, que a história do secreto era uma história secreta de anticristos e de pátrias, anunciavam agora que o superfenómeno dos VTO se tinha reduzido a um espectáculo unidimensional e demasiadamente *visível*. O seu sucesso passara a ser uma metáfora da platitude, da cultura unidimensional. Era uma desfeita para os seus verdadeiros fãs. O martiniquense Auxerre, campeão da mestiçagem racial e cultural, autor da *“Creoulização da Alma”*; tomou como tarefa denunciar Ormus e Vina — Vina, a Pantera honorária! — como desenraizados, e mesmo tomistas. Depois de longas pesquisas publicara um livro demolidor, de mil e tal páginas, em que tirava dos seus armários os esqueletos da família de Ormus, o colonialista anglófilo e fraudulento académico Sir Darius Xerxes Cama, a doença mental de Ardavirat, Cyrus o *serial-killer*, Spenta a fingir de *Lady* inglesa nas margens do Tamisa; e também da família de Vina, os

crimes e suicídio da sua mãe, o seu “desejo” de viajar nos autocarros escolares de onde eram banidas as crianças negras, e por aí adiante. Nesse trabalho ficámos a saber que “Marion Egiptus” tinha morrido “na pobreza” sem, ao menos, um telefonema da rapariguinha que ela tinha criado, mas não se falava dos sofrimentos da jovem Vina em Chickaboom nem que ela tinha pago, durante anos, todas as despesas de Marion com a saúde. Descobríamos também que o pai de Vina, o duvidoso advogado indiano e ex-talhante, tendo aberto falência há alguns anos, era agora um maltrapilho, um pedinte vivendo num bairro degradado de Miami. *Que seres são estes, perguntava Auxerre, estes grandes amantes que só se amavam a si próprios e desprezam a sua família e o seu povo?*

Só um esqueleto não foi tirado da sombra para vir dançar a sua horrenda dança perante os olhos do público.

Um ano e um dia depois do seu casamento, Vina voltou para a minha cama. Não muitas vezes, não durante muito tempo, mas voltou. Voltou para mim.

\*

Vou dizer-te porque é que estes venenosos ataques falharam, murmurou Vina, nos meus braços. Toda a gente gosta de amantes. Eu sou uma amante, toda a gente gosta de mim.

Então o que é que estás aqui a fazer, perguntei eu.

É o esquema da dança de Amos. Se queres resolver o problema, tens que sair para fora dele.

Mas essa era apenas uma resposta inteligente. Havia outras. Uma dessas era que Vina queria salvar-me. Olha para a tua vida, Rai, onde é que vais, o que é que andas a fazer. Tu levas a tua câmara para a fossa da humanidade, por pensares obviamente, que somos todos feitos de merda. Depois voltas para as eguazinhas da moda, de peito chato sem calcinhas. Essas meninas só abrem a boca por uma razão e não é falar ou comer. Olha a tua patética vida. Havia aquela rapariga que te amava e que tu deixaste para trás, como é que ela se chamava... (Vina sabia muito bem o nome, mas aquilo fazia parte do seu número.) Anita, disse eu. Anita Dharkar. Ela decidiu ficar na Índia.

Pediste-lhe que viesse? perguntou Vina. Mesmo que lhe tenhas pedido, não o fizeste como deve ser, o teu coração não estava interessado. Agora vou dizer-te uma coisa sobre a tua vida. A tua vida é uma merda. Tu és mais

parecido com Ormus do que pensas, só que ele é todo asseio e luz e tu és lama e escuridão. Se é verdade que és a melhor oferta, então devíamos todos desistir.

Obrigado, Vina também eu te amo, murmurei, mais abalado do que gostaria que se soubesse.

No entanto, quando estou contigo sinto que tu és parte de alguma coisa, de uma corrente vital. Penso, aliás, que é o que todos nós somos, uma parte de um grande rio, e por mais sujo e envenado que esteja qualquer troço individual desse rio, podemos sempre perceber o sentido daquela corrente maior, aquela grande e generosa extensão de água. Estou a falar-te, Rai, da vida e da morte. Tu és ateu, afirmas que não há vida para lá da morte, mas eu estou a dizer-te que tu és parte de alguma coisa, aqui e agora, e, seja lá o que for, é uma coisa boa, melhor do que tu, individualmente, és; mas tu limitas-te a deixares-te levar, nem sequer sabes o nome do rio de ti próprio.

Pára, disse eu, é sexta-feira e às sextas tenho que ser eu a esvaziar o caixote do lixo.

Na minha maneira de ver, o meu desinteresse pelo seu lado místico irritava-a, ela tinha necessidade de vencer aquela resistência, e essa era uma das coisas que a faziam vir ter comigo. Mas afinal, as coisas físicas normais, coisas entre homem e mulher, acabavam por ter supremacia. Sentíamo-nos bem na cama, fim da história. Embora ela fosse agora uma senhora casada, eu permitia-lhe pensar que não tinha que ser. Eu não pedia nada mas dava-lhe o que ela precisava. Comigo era outra vez solteira. Era livre.

Ah, uma coisa mais: Ormus, o seu verdadeiro amor, começava a assustá-la. Contudo acerca da vitória dos VTO sobre o ataque Sangria — Auxerre, Vina acertara em cheio. Naquele tempo havia mais mulheres à frente de bandas e a fazer carreira a solo. Algumas delas estavam zangadas porque tinham sido maltratadas pelos homens e pelo amor, muitas delas tinham problemas alimentares, outras eram vítimas de coisas que lhes tinham acontecido em crianças,

*Apalpa-me papá, não me apalpes.*

*Abraça-me mamã,*

*Não me abrases*

*Ama-me, papá, não me deixes só*

*Ama-me, mamã, quero viver só.*

*Sabes que me lembro de demasiadas coisas.*

*E por isso não sei o que fazer com teu*

*Toque tão terno.*

Outras eram suaves operadoras superfrias com um vazio no olhar. A raivosa irmã de Marco Sangria, Madonna, agora também uma crítica influente, já ia dizendo que o sexo, o corpo era hoje o único assunto. Outros tempos os Crystals cantavam *ele bateu-me e eu gostei*. Agora era *bate-me e eu parto-te essas fuças de merda*. (O que, evidentemente, era um progresso.)

No meio de toda esta tristeza, Vina era a única que parecia (que *estava* a) cantar com outra alegria. Esse facto, só por si, fazia os nossos corações voarem, mesmo quando ela cantava os mais amargos poemas de Ormus. A alegria do seu canto mostrava-nos que não havia nada que ela não pudesse ultrapassar, nenhum rio, por mais profundo, nenhuma montanha, por mais alta. O que fazia que amássemos o seu mundo.

(Neste momento estou a utilizar as palavras *nós e nosso* para referir um colectivo de que eu fazia, sem dúvida, parte.)

Comecei a ser visto como fazendo parte da banda de Vina. Ormus produzia os discos, imaginava os espectáculos com a equipa de decoradores, escrevia as canções e aparecia no palco como um deus menor, talhado na Rocha do Olimpo mas fechado numa cabina de vidro, que o punha à distância, o tornava abstracto. Tornou-se mais num conceito, um efeito especial do que um objecto dos nossos sonhos e desejos. Mas também podíamos dizer que era um momento de autocontrole. Aqueles dez anos de espera não tinham sido naturais. Aquela mítica monogamia que era a dele, aquele excesso de determinação, tinha qualquer coisa de ditatorial, de obstinado que não podia ser negado. Podíamos ver como ela reagia contra um amor tão possessivo como, mesmo amando-o, mesmo adorando-o, ela sentia necessidade de procurar espaço para si própria.

Assim era a nossa Vina, Vina a Voz, Vina cujo constante movimento no palco era como uma mensagem a dizer Ormie, meu querido, Ormie, meu único amor, eu amo-te mas não queiras prender-me. Podes casar comigo mas não podes manietar-me. Se tu és o génio na garrafa, eu sou o espírito da alegria. Tu podes dirigir o espectáculo, mas eu posso fugir quando quiser. Era esta a Vina que nós queríamos, a Vina que tivera uma infância horrível e que em lugar de se queixar disso nos milhões de entrevistas que

dera, limitava-se a encolher os ombros e ignorava o caso, Vina que sem pedir ou sequer esperar a nossa simpatia, nos contava a história dos seus abortos e da sua posterior estoicidade e sofrimento; por isso a amávamos. Vina que, nas suas viagens, levava consigo livros de Mary Daly e de Enid Blyton, Vina dos mil caprichos, que podia olhar de frente o futuro Presidente e perguntar-lhe o que sentia por ter como nome, o pêlo púbico feminino<sup>66</sup>.

Vou falar-lhes agora daquilo que não exprimi claramente ao longo de todo este discurso; o facto de ser a pila do recurso de Vina, de só deixar o banco dos suplentes durante poucos minutos do jogo, era muito duro para mim. Tinha demasiado tempo e espaço para deixar trabalhar a minha imaginação. Imaginei-a a fazer amor com Ormus, tantas vezes e em tão variadas posições do *Kama Sutra*, que me chegavam a aparecer erupções na pele. Isso chegou mesmo a acontecer não sei se foi de fúria ou do calor. Só uma guerra no estrangeiro, um grupo novo de modelos acabado de chegar do Texas, ou um duche frio me faziam baixar a temperatura, restabelecer o bater normal do meu coração.

Tentei convencer-me de que o casamento com Ormus não duraria muito. Quando Vina me disse que tinha chegado a acordo com ele, para que ele fechasse os olhos, ou pelo menos o olho sem pala, aos seus *amours*, desde que ela não os exhibisse de forma óbvia e despudorada, senti primeiro um surto de alegria por ela se ter arriscado a tanto para me dar um espaço a mim na sua vida. Mais tarde, no chuveiro, quando a sua ausência se tornou demasiado dolorosa e eu pedia às minhas mãos ensaboadas que desempenhassem o papel dela, tal como as dela tinham substituído Ormus durante a década da abstinência, vi que a minha reacção era mais complexa. Era, pensei eu, como se eu próprio fosse uma cláusula do casamento deles. Um sócio não-executivo da fusão dos dois. Condenava-me a ser um segundo violino para todo o sempre; isso estava no contrato. A minha raiva revelou-me uma verdade que eu tinha cuidadosamente ocultado, a saber, que eu ainda tinha esperanças de vir a ter Vina exclusivamente para mim.

Muitas vezes me forçava a sentir desprezo por Ormus, enclausurado na sua caixa de vidro. Que espécie de homem teria consentido em tornar-se um *mari complaisant* de uma mulher com a beleza e a presença de Vina Apsara? Ao que o meu espelho respondia: e que espécie de homem concorda em ficar com as migalhas da mesa de outro homem, os restos da

sua cama? Corria uma história maldosa e, provavelmente, não verdadeira, acerca do romancista Graham Greene segundo o qual o marido da sua amante ficava à espera no passeio do apartamento em que morava o autor de “*O Americano Tranquilo*” e gritava o mais que podia na quente noite de verão: *Salaud! Crapaud!* Ao que Greene terá respondido, quando lhe falaram nisso, que o seu apartamento era um andar muito alto, que não tinha ouvido nada e que, portanto, infelizmente não podia confirmar nem desmentir a história.

*Salaud! Crapaud!* No seu caso era eu, a aventura de Vina, que sentia necessidade de gritar a minha raiva. Eu, que com o meu chapéu de caqui de foto-jornalista, me orgulhava da minha habilidade de me misturar com a paisagem, de desaparecer, cheguei rapidamente a odiar a minha falta de visibilidade na história de Vina, o apagamento dos registos públicos do grande caso do meu coração. Mas quanto mais eu e Vina aparecíamos juntos em público, menos as pessoas estavam inclinadas a criticar. A clareza da nossa associação provava a sua inocência, até para Ormus. Pelo menos foi isso que ele sempre afirmou.

Um dia no ano orwelliano de 1984 — tempo de dispensar o duplo sentido e derrubar os assustadores Ministérios da Verdade e do Amor — não pude suportar mais a situação e corri para o Edifício Rhodopé, ansioso por uma certeza. Na mão levava um envelope com fotografias de Vina nua, tiradas no rescaldo imediato da paixão. Ela que achava tão difícil confiar ou ser digna de confiança, tinha confiado em mim para tirar e manter secretas aquelas imagens tão explosivas; mas preferia o seu casamento sem confiança às horas roubadas que passava comigo. E teria feito melhor, como o meu comportamento confirmava, em não ter confiado em mim.

O ponto era que Ormus Cama não podia deixar de entender o que aquelas fotos proclamavam: que, durante muitos anos, eu tinha gozado os favores da sua mulher adorada. Ele iria com certeza designar as armas do duelo: sabres prussianos, tacos de basebol, pistolas de madrugada junto à fonte de Bethesda, por mim aceitava tudo. Aceitaria até, como diria Vina, a clausura. Entrei rugindo no átrio do Rhodopé, onde fui interpelado por um porteiro fardado.

Era o pai de Vina, o ex-advogado e ex-talhante Shetty, já com mais de setenta anos, mas parecendo ter cinquenta. A sua vida terrível não o tinha marcado. Cordial, jovial mesmo, ele apanhava os sobejos e mantinha-se

aprumado. Vina tinha contratado um pequeno exército para o encontrar, a seguir ao artigo de jornal sobre a sua decadência. Quando o descobriram, Vina voou para a Florida para a grande cena da reconciliação e ofereceu-lhe o que ele quisesse; reforma, uma casa própria na Florida, talvez, e de qualquer modo uma mesada substancial. Mas ele recusou liminarmente essas propostas. Sou do tipo dos que preferem estar atrelados, disse-lhe. Arranja-me qualquer coisa onde possa morrer calçado. E agora exercia o seu novo trabalho encantado com um uniforme, sorrindo para o mundo. Fresco no Verão, quente no Inverno, cumprimentando a nata da cidade. Com a minha idade e o meu cadastro, é melhor do que o que eu poderia esperar. Quanto à Índia, esquece-a. (A sua educação na língua hindu, que sublinhava a importância da boa articulação, fazia uma estranha aliança com a fala norte-americana em completa roda livre.) A Índia acabou para todos nós. Fico com Manhattan.

Na minha fúria não me lembrei de que podia ser o turno do porteiro Shetty, mas lá estava ele, na sua melhor forma e desejoso de agradar. Hey, senhor Rai, como vai isso, em que posso ser útil?

Fiquei ali parado, com o meu envelope na mão, a perder a determinação que trazia de casa. Quer que telefone lá para cima, Sr. Rai? Quer o elevador? Se é só entregar essa carta ao Sr. Ormus ou à minha filha, não há qualquer problema, eu entrego-a. Deixe-a ficar comigo, estou aqui para isso.

Deixe lá, disse eu, indo-me embora. Foi um engano.

Ele veio atrás de mim, muito afável. Já tinha saudades suas volte sempre.

Uma barulheira terrível chegou-nos do passeio; uma banda *junk* instalara-se ali. Shetty ficou de mau humor. Passando-me à frente, confrontou um grupo de miúdos que tocavam um caixote do lixo, um carrinho de compras, uma roda de amolar, baldes e, talvez em honra dos VTO, um estranho objecto sonoro com cordas, a que chamavam guisitarra e que era feito com os restos de dois instrumentos quebrados.

O que é que chamam a isto? perguntou Shetty. E para onde é que julgam que vão?

Nós somos os Mall, afirmou um rapaz com olhos vermelhos e barbicha de cabra, manifestando o seu domínio sobre aquela tribo despenteada e trémula. (Não é uma banda-lixo mas sim uma banda à procura de lixo, registei eu, mentalmente.) Oferecemos esta serenada, proclamou ele, aos



deuses do *rock* que vivem no céu. Perante a incerteza radical do nosso tempo, fazemos odes ao materialismo, utilizando, paradoxalmente, objectos sem qualquer valor para a sociedade. Festejamos a cultura do *doughnut* é doce e sabe bem mas tem um buraco no lugar do coração.

Saiam debaixo do meu toldo, ordenou Shetty. Já.

Não há discussão possível com um porteiro nova-iorquino. Os Mall, obedientemente, pegaram nas suas coisas e foram-se embora. Então, como a encarnação da Idade da Ganância, o chefe da banda voltou para trás, trémulo, e olhou Shetty de alto a baixo. Quando nós formos grandes, ou seja, quando formos monstruosamente grandes, eu hei-de voltar aqui e vou comprar a merda deste edifício e vamos-te foder. Ficas avisado.

Percebi que a minha ameaça, o envelope que trazia comigo, era tão inofensivo como aquela declaração. Vina, no fim de contas, tinha razão em confiar em mim. Eu não podia executar a ameaça. Não podia arriscar-me a que ela saísse da minha vida. Também eu era um viciado, sem esperança de cura, e ela era a minha droga.

Fiquei a pensar que, no campo do amor e do desejo, Vina se comportava como um homem; mostrava-se capaz, como a maioria dos homens, de amar com todo o coração e, simultaneamente — com meio coração —, traiçoar esse amor sem qualquer remorso, sem qualquer sentimento de contradição. Ela era capaz não só de dividir as suas atenções, como de se multiplicar, para que houvesse Vina que chegasse para tudo. Nós, Ormus e eu, éramos as mulheres dela: ele, a mulher leal, sempre ao lado do cônjuge leviano, apesar do seu olhar cobiçoso e dos seus impulsos de conquistador; e eu, a amante simultaneamente libertina e sofredora, contentando-se com o que consegue apanhar. Pensando assim, tudo fazia sentido.

\*

Lembro-me das suas mãos; de longos dedos, rápidos a cortar os seus adorados legumes, como se fosse uma alta sacerdotiza de um culto pagão encarregando-se, prosaicamente, da quota diária dos sacrifícios a oferecer aos deuses. Lembro-me da sua fome de informação, do modo como o seu espírito brilhante e semieducado se agarrava àquelas grandes fontes de informação com as quais estabelecera contacto graças à sua beleza e à sua fama (patrões da imprensa e da TV, directores de estúdios em Hollywood, cientistas de vanguarda, grandes figuras de Washington) e como ela tirava dessas fontes o máximo que podia, como se os factos pudessem salvar-lhe a

vida. Lembro-me do seu pavor à doença e à morte prematura.

Vina aprendia depressa e quando Mull Standish desapareceu, ela já não era a pretensiosa excêntrica que arrastara Ormus para um contrato infernal. Sob a orientação de Standish, Vina tornara-se uma mulher de negócios muito hábil, tão boa como os figurões por cujos cérebros ela tinha um excessivo respeito que ia além do que eles mereciam. Ela geria os seus fundos e os seus investimentos bolsistas, as suas propriedades imobiliárias, a florescente coleção de arte, as padarias, os vinhedos de Santa Bárbara, as vacas. O conhecido amor de Ormus por pão tinha levado Standish, naturalmente, a interessar-se pelo negócio; agora Vina fiscalizava os altos padrões de qualidade da franchise *Camaloaf* de costa a costa dos Estados Unidos. O pão era já conhecido como uma marca prestigiosa; mas poucas pessoas sabiam que Vina Apsara e Ormus Cama estavam entre os melhores viticultores da Califórnia, bem como entre os maiores produtores de lacticínios do Nordeste, mas era isso mesmo que eles tinham conseguido ser. Os seus vinhedos prosperavam e as já grandes manadas de vacas Holstein adquiridas por Standish estavam cada vez maiores e seu leite e os seus queijos estavam disponíveis em todo o país. Das cabras às vacas, disse-me ela um dia. Parece que meu destino é estar do lado das tetas.

Isto a despeito de, durante este período, ela se ter tornado para lá de vegetariana, integralmente macrobiótica. Não ao vinho, não, definitivamente, aos lacticínios. De vez em quando, como um regalo, autorizava-se a comer uma mão cheia de peixinhos secos japoneses. Sempre me admirei que ela conseguisse fazer essa separação: os negócios eram negócios, apesar de todo o resto. Mull Standish tinha tido nela uma grande influência.

Agora era ela que se preocupava com o mundo terreno enquanto a obsessão de Ormus quanto às catástrofes tinha-o tornado meditativo, voltado para dentro, estranho. Assim, por exemplo, era Vina que, por razões quer logicamente fiscais quer sentimentais, decidira comprar o velho Temple Harbor quando, tal como as vacas Holsten, ele lhes fora oferecido pelos advogados imobiliários em condições extremamente vantajosas. (Era a maneira de Yul Singh fazer uma paz póstuma. Não os insultou oferecendo-lhes aquela propriedade como presente. Isso seria invocar uma amizade que durante anos não existira. Aquela proposta era uma decisão longamente meditada e reveladora de um grande respeito.)

Foi também Vina quem decidiu dar emprego aos Singhs. A nova administração da Colchis tinha dispensado os seus serviços sem qualquer explicação; uma comissão integrando o primeiro motorista de Vina e de Ormus, Will, e Clea, a castelã de Temple Harbor, que fizera a primeira pala de Ormus, chegou aos escritórios dos VTO para tentar defender os seus empregos. Sem o seu fato preto de Valentino, sem os óculos escuros e sem estar obrigado a fazer de duro, Will, de *jeans* e camisa branca mostrou ser um rapaz bem falante mas pouco convicto. Clea era a mesma senhora minúscula e respeitável que já era no Temple, mas agora mais preocupada. Eram pessoas normais, que tinham sido sugadas para o reino do extraordinário, e lutavam por regressar ao normal, jogando a única carta de que dispunham. Tinham chegado aos seus ouvidos rumores sobre as actividades clandestinas de Yul, disseram eles, e tinham concluído, com alguma justiça, que estavam a ser punidos pelas malfetorias do seu antigo patrão. Tal como inocentes Sikhs tinham sido massacrados na Índia depois do Quádruplo Assassinato — muitos a pagar por poucos — assim também os Singhs da Colchis eram-vítimas do nervosismo americano. Se Yul Singh fora um terrorista financeiro então, por vias da designação todos os seus amigos Sikhs eram por ela abrangidos. Mas nós não somos gente dessa, minha senhora, dizia Clea com uma dignidade simples. Somos pessoas capazes, desejosas de bem servir e pedimos que nos seja reconhecida a nossa boa vontade.

Vina deu emprego imediato àquele conjunto de falsos Singhs.

\*

Em 1987 Amos Voight morreu, Sam's Pleasure Island fechou definitivamente as suas portas, uma era parecia estar a terminar e Ormus Cama completou cinquenta anos de existência (à superfície da terra). A chegada aos cinquenta parece ter abalado Ormus com dureza. As suas excursões a partir do complexo do Rhodopé tornaram-se raras e muito espaçadas, embora de vez em quando Vina o arrastasse para ir ouvir algum número musical de que se ouvisse falar em toda a cidade, acompanhado de um punhado de Singhs. Havia mais desapontamentos de que alegrias, embora recentemente um jovem quarteto irlandês, Vox Pop, os tivesse impressionado como uma possível primeira parte dos seus concertos. No entanto, a maior parte das suas incursões no mundo da música servia apenas para confirmar que a velha ordem, contra todas as probabilidades, se

recusava a desaparecer. Os tempos não eram de mudança. Lennon, Dylan, Phil, Ramone, Richards, esses velhos eram ainda gigantes comparáveis apenas aos VTO, enquanto os Trex, Sigue Spangell, Karmadogma e o Glam pouco mais foram do que blips.

Mesmo Runt e o neo-rejeccionismo, todo em troça e perdigotos, não tinha interessado Ormus e depois de um fogacho de escândalo e atenção, não tinha durado muito. Como seria possível, — disse Ormus com desdém — começar uma revolução musical numa loja de roupas. Os Runt tinham sido responsáveis pela reaparição de Antoinette Corinth, Tommy Gin e Ela, as três bruxas, como Ormus lhes chamava. Regressados a Londres tinham surgido com o novo visual raivoso e de ficção científica — borracha, tecidos rasgados à faca, cadeias e nós, body-piercing, a maquilhagem e a atitude de alienígenas andróides fugidos a exterminadores — na sua nova loja em Fulham Road e inventaram um grupo rock para vender a roupa. Desembarcaram inevitavelmente em Nova Iorque, onde se conduziram como supremos árbitros da sociedade londrina chegados a Manhattan para provocar uma pequena revolução britânica. Ela, a ordens de Antoinette Corinth, deu uma série de saltos mortais, estilo Daryl Hannah, a todo o comprimento do bar do 44, vestida com uma arrepiante minissaia de cabedal. Sem calcinhas, claro, meus queridos, gritava o mais alto possível Antoinette. Vamos chamar-lhe *Runt and Cunt*<sup>67</sup>. Nova Iorque concedeu-lhes o devido quarto de hora e esqueceu-as. A sua banda, os Swindlers, fracassaram perante supostas tropas de choque da nova vaga, fracassaram ao enfrentar a *pudeur* americana e acabaram por se matar a tiro uns aos outros — bem como a Corinth e a Gin — numa suite do Hotel Chesea. A única sobrevivente foi Ela, por ter abandonado aquele barco cinco minutos antes do tiroteio que pôs fim à revolução. Atravessou aos gritos o átrio do hotel, vestida de borracha e renda preta, desapareceu na noite e nunca se deu ao trabalho de voltar ao hotel buscar o resto de roupa.

Lembro-me do velho ódio de Tommy Gin e pensei se isso não teria sido uma das razões do tiroteio. Mas Ela desapareceu para sempre e a pergunta ficou sem resposta. Todos acharam que a violenta estupidez dos Swindlers era explicação mais do que suficiente.

Ormus quase não reagiu à notícia da morte de Antoinette Corinth. Essa mulher tinha tentado, com toda a probabilidade, matá-lo uns anos antes e provocara um desastre de automóvel que lhe tinha roubado anos de vida,

mas ele parecia não ter qualquer ressentimento. Pensava exclusivamente no iminente cataclismo.

\*

Casaram-se no Edifício Rhodopé com vista sobre a glória que é Central Park. Passaram a lua-de-mel no mesmo universo privado e não precisaram de mais nada, nem Veneza nem o Templo de Hatshepsut nem uma ilha ao sol. E na manhã seguinte ao casamento, Ormus Cama acordou, abriu o seu olho claro e o outro mundo não estava lá. O olho escuro via o mundo tal qual era, aquele alegre mundo no qual Vina estava deitada a seu lado na sua própria cama e o outro olho, ferido no acidente, (*aberto* no acidente), não via nada ou pouco mais do que uma mancha. A visão dupla tinha-se desvanecido e ele não podia fazê-la regressar.

Os anos passaram e o outro mundo nunca mais voltou, Maria não mais o visitou e, com a passagem do tempo Ormus começou a ter dúvidas sobre a sua existência; começou a pensar que era uma partida da mente, um engano. Era como sair de um sonho e entrar na felicidade.

Durante algum tempo esteve tentado a esquecer tudo, a remeter o caso para o reino da fantasia. Assentar na alegria, na chegada da plenitude, da tão longamente esperada perfeição: era tentador! *Outrora perdi-me mas agora encontrei-me, era cego e agora vejo.* Mas a verdade atormentava-o, não o deixava libertar-se. O outro é real, disse para si próprio. Voltou-me as costas, escondeu-me a sua face, mas estava lá, está lá.

Se aquele outro mundo fosse uma baleia, então Ormus Cama era o capitão Ahab. Perseguiu-o como um louco persegue a sua desgraça final. Quando viajava de avião olhava pela janela, à procura de rasgões, no mundo real. Continuou a usar a palas de várias cores e tecidos, porque reconhecer que elas não eram necessárias era render-se à ideia de que o outro mundo não existe.

A música de Ormus modificou-se. Nos anos oitenta, além do seu trabalho com os VTO, ele escreveu longas peças abstractas a que ele chamava *Canções do Outro Mundo* que não podiam ser consideradas rock-and-roll. Alugou o Carnegie Hall e um grupo de instrumentistas de música clássica e foi recebido com troças, mas persistiu nesse caminho e algumas pessoas começaram a mencionar com respeito esses novos trabalhos.

Quanto mais tempo o outro mundo se mantinha escondido, mais ameaçador se tornava.

Tal como Ahab, Ormus sabia que a sua baleia tinha *mergulhado* mas estava perfeitamente determinado a estar junto do grande cetáceo na sua próxima subida à tona. Quando mergulha, uma baleia pode descer aos abismos, braça a braça, a uma velocidade espantosa. E de lá, das tenebrosas profundezas marinhas, disparar para o alto e atravessar a superfície das águas, passando para o império do ar como se fosse o fim do mundo.

Era esse o grande receio de Ormus. Em 1984 publicou as suas reflexões na imprensa internacional e foi logo afastado como mais um louco do rock-and-roll.

*A minha grande preocupação é que eu sinto a fragilidade do nosso espaço e do nosso tempo, escreveu ele. Sinto o seu progressivo enfraquecimento. Talvez esteja a perder energia, aproximando-se do seu predestinado fim. Talvez ele caia como uma caraça e a grande verdade granítica do outro mundo apareça em seu lugar, como uma revelação.*

*Talvez o outro mundo seja o próximo mundo, não no sentido sobrenatural, não no sentido de uma-vida-após-a-vida, mas apenas o mundo que sucederá ao nosso.*

*(Continuo convencido de que quando o nosso saber científico se tornar suficientemente grande, seremos capazes de explicar esse fenómeno sem recorrer a uma qualquer superstição. Será apenas um novo aspecto da realidade.)*

*Talvez que o nosso mundo não seja mais do que a visão accidental de um olho danificado de um outro indivíduo qualquer.*

*Não sei o que estou a dizer. Sei que existe o risco da catástrofe final, de um cessar de existir. Sei que não podemos, de forma alguma, confiar na terra, ferida de morte. Há um outro cosmos escondido de nós, imerso. Quando surgir à nossa presença poderá fazer-nos explodir, como se nunca tivéssemos existido.*

*Estamos a bordo das baleeiras do “Pequod”, à espera da aparição final da baleia. Como sou um homem de paz não gritarei “Homens, aos arpões!” Mas afirmo que devemos preparar-nos para o terrível choque.*

\*

Na realidade havia um Parsi a bordo do lendário navio de Melville, e o seu papel era o das bruxas de Macbeth: profetizar o fim de Ahab. *Nenhuma eça e nenhum caixão serão os teus.* Na história que estou a contar, a profecia não se aplica a Ormus. Mas assenta em Vina como uma luva.

Chamem-me Ishmael.

\*

Com toda a sua assustadora competência, Vina não sabia lidar com as cada vez mais profundas obsessões de Ormus. Eu era a sua válvula de segurança, o seu alívio. Talvez não acredites, diz ela desesperada, mas ele tem ideias loucas, quer que eu convença o Presidente da Câmara a dar-nos meio hectare de Parque, para podermos lá fazer uma pastagem para vacas. É que assim, diz ele, quando chegarem os tremores de terra seremos avisados a tempo. Diz ainda que toda gente tem que tocar música sem interrupção e que deverá haver festivais de amor todos os dias nos grandes centros da cidade, porque tudo o que temos para reencontrar a harmonia, tudo o que temos para nos protegermos é o poder da música e do amor.

Isso e a vaca Ermintrude, acrescentei eu.

Não sei o que hei-de fazer, disse ela. Não sei que merda hei-de pensar.

Lembro-me do seu desespero. Lembro-me de prometer a mim próprio, nesse momento, que havia de desfazer aquele louco casamento, mesmo que fosse a última coisa que fizesse na vida. Mesmo que seja a última coisa, porra, hei-de libertar esta adorável mulher.

Ela continuava a lutar todos os dias contra a dúvida-de-si-própria, a incerteza existencial, contra os fantasmas daquela época. Quando era nova, disse-me ela, a mãe levou-a a um Parque de Atracções. Havia lá uma espécie de carrossel com os assentos instalados em cabinas e uma alavanca que nos permitia dar uma cambalhota e ficar de cabeça para baixo enquanto andávamos à volta. Claro que se podia bloquear a alavanca e dar as voltas normalmente, mas o empregado, um anão de dentes de rato não se dava ao trabalho de avisar, de modo que quando começaram às cambalhotas, mãe e filha julgaram que alguma coisa se tinha escangalhado, e que iriam ter um desastre e morrer. Aqueles cinco minutos de terror e de gritos voltavam muitas vezes aos sonhos de Vina. Agora já sei como é estar dentro de uma máquina de lavar roupa, gracejava ela, mas aquilo a que ela se referia não tinha graça nenhuma. Ela dizia que estávamos a perder o controle do pedaço do mundo onde vivíamos, que estávamos a ser atraídos por tudo em que confiávamos. Referia-se ao pânico e à fragilidade da existência e à caveira sob a nossa cara. Dizia que estava casada com um louco e que o amava e que não dominava a situação e não sabia o que ia acontecer e como é que tudo ia acabar. Que tinha medo da morte: da de Ormus e da sua. A

morte estava sempre presente, num carrossel, num abrigo para cabras. Num quarto onde qualquer coisa de pesado pende de uma ventoinha do tecto, rodando lentamente. A morte é como um *paparazzo*, emboscado na sombra. Sorri, querida. Sorri para a Ceifeira. Diz *Morre*.

\*

Ainda em 1987, se bem se lembram, o candidato presidencial democrático Gary Stanton retirou-se da corrida à nomeação depois da reaparição dum velho escândalo com uma rapariga, misturando sexo e morte na praia de Was-que, em Martha's Vineyard. Vários pequenos países da Europa Ocidental — Ilíria, Arcádia, Midgarda, Gramária — votaram contra a união económica e política da Europa, receando que daí resultasse um decréscimo das particularidades nacionais, das suas idiossincrasias, dos seus caracteres. Os 100 metros Olímpicos foram ganhos por um canadiano que, a seguir, caiu em desgraça e foi riscado da História. Todas as fotografias oficiais do evento foram retocadas e os vídeos foram remontados nos computadores de forma a mostrar apenas os corredores que acabaram em segundo, terceiro e quarto. Houve períodos insólitos de mau tempo — atribuído pelos californianos mais afectados a um operário hispânico chamado Elvis Niño, que foi furiosamente espancado na rua por residentes do Orange County — houve também grandes perturbações nos mercados financeiros mundiais onde os grandes ficcionistas de sucesso *Currency*<sup>68</sup> estavam a ter dificuldades com seus processos criativos.

Mas para milhões de apreciadores de música, 1987 foi sempre recordado como o grande ano dos VTO. (Mesmo o novo líder dos Angkor, autor de mais de oitenta canções, todas elas devidamente colocadas no topo das listas locais, dizia que Ormus e Vina eram o seu “n.º1 as Luzes Inspiradoras” e convidou a ir tocar a Phnom Penh, convite que não puderam aceitar por razões de trabalho.) O ano culminou com grande concerto grátis dos VTO em Central Park, no fim do Verão. Depois disso desistiram de se apresentar em público — ou seja, Ormus retirou-se, foi para casa cozer pão e os outros não tiveram remédio senão respeitar essa decisão.

Adeus VTO, escreveu Madonna Sangria. Houve um tempo em que vocês fizeram brilhar mais luzes da cidade, os carros andar mais depressa, o amor ser mais doce. Em que vocês iluminaram as nossas velas como o faria Vermeer e fizeram da cidade o nosso sonho lírico. Depois, meus filhos, transformaram-se num monte de lixo que eu não era capaz de atirar à merda



de um gato.

Vina ficou perturbada pelo decreto unilateral de Ormus — aos quarenta e três anos não estava nada disposta a retirar-se — mas, para consumo público, manteve total solidariedade para com o marido. Apesar de todas as minhas súplicas de que fugisse comigo, Vina ficou com seu homem, declarando a quem quisesse ouvir que o amor deles era mais forte que nunca, que ela esperava com alvoroço a próxima fase da sua carreira, que em breve viria à luz.

\*

Os outros membros da banda cortaram todas as relações com os Camas e anunciaram a formação de um grupo dissidente chamado OTV, que não teve a mínima aceitação pelo público comprador, sobretudo depois de Vina ter revelado que no *Doctor Love e a Catástrofe Total* e noutros álbuns, mesmo alguns gravados “em directo”, toda a parte de guitarra rítmica tocada pela figura central dos dissidentes, uma loira inexpressiva chamada Simone Bath, tinha sido substituída no estúdio por tarefeiros, devido à má actuação de Simone.

Entretanto os quarenta anos mostraram-se, para mim, uma berreira tão difícil como tinha sido para Ormus a dos cinquenta. Sem qualquer sucesso, tentei tudo para afastar Vina do seu cada vez mais enigmático companheiro. Não comesces comigo, Rai, dizia ela. Não venho ter contigo para ter chatices. Posso ter disso à farta sem sair de casa. Ora aí está o tal casamento perfeito, pensei eu, mas fechei a boca e virei-me para prazeres mais fáceis. Que, nesses dias, não me provocaram a antiga alegria delirante. Tinha cometido o pecado mortal do homem que entra pelas traseiras. Ter a esperança de receber mais do que me era devido. Queria a chave a porta da frente.

Para me consolar e, claro está, para provocar Vina, virei-me para outras mulheres. Cheguei a estabelecer um contacto com Anita Dharkar, em Bombaim, porque me pareceu que seria uma enorme provocação para Vina se eu seguisse a sua sugestão de reacender aquela velha chama; mas a televisão tinha atraído Anita mais do que eu jamais conseguiria. Os serviços televisivos indianos de informação e música, precursores da iminente invasão dos satélites, tinham feito dela uma vedeta. Tinha uma hora por semana de “Pequenas Notícias” e o seu espectáculo musical, rebatizado “Neata Darker”, tinha-se tornado um objecto de culto para a juventude

citadina indiana, em processo de rápida ocidentalização. Mandou-me umas imagens de promoção de si própria, vestida de “miúda-do-rock” e eu fiquei cheio de saudades da séria e patriótica jornalista que em tempos conhecera.

Já não há continuidade na vida das pessoas, pensei eu. 1987 foi o ano de *O Último Imperador*, o filme de Bertolucci que mostrava como um ser humano — Pu Yi, o Imperador epónimo — podia, genuína e sinceramente mudar tão completamente a sua natureza que, tendo nascido como o Deus-Rei da China, acabaria, feliz, como humilde jardineiro e tornava-se, por isso, uma pessoa melhor. Um caso de lavagem ao cérebro tipicamente comunista, talvez, escrevia secamente Pauline Kael, mas talvez não fôsse. Talvez possamos mudar de pista mais facilmente do que pensamos. E (voltando ao assunto de Anita) talvez o rock n’roll a tenha ajudado a ser melhor.

Nesse ano, para pôr alguma distância entre mim e Vina, voltei à Indochina para tirar as fotos que foram depois publicadas no meu livro *O Cavalo de Tróia*. A minha ideia era de que a guerra da Indochina não tinha acabado com a vergonhosa retirada dos Americanos. Tinham deixado um cavalo de madeira junto às portas e quando os Indochineses aceitaram a oferta, os verdadeiros guerreiros da América — as grandes empresas, a cultura do basket e do basebol, e, obviamente, o rock’n’roll saíram em enxame da barriga do cavalo e tomaram conta de tudo. Agora, na cidade de Ho Chi Minh e também em Hanói, descobria-se que a América fôra o verdadeiro vencedor. A Indochina transformara-se em mais um escravo do consumismo (e ainda fornecedor de mão-de-obra barata) da Grande América. Quase todos os jovens indochineses queriam comer, vestir-se, jogar à pancada e fazer dinheiro à boa e velha maneira americana. MTV Nike, McWord. Onde os soldados tinham falhado, os valores norte-americanos — isto é, dólares postos em música — tinham triunfado. Foi isso que fotografei. Não preciso dizer que estas fotos foram um sucesso. Essas eram as notícias que os Americanos queriam ouvir (com excepção do material referente ao trabalho escravo). Mesmo os antigos manifestantes antiguerra gostaram de as ver. Aos meus olhos, aquelas imagens continham grandes cargas de ambiguidade e de tensão. Eram sobretudo irónicas, penso eu. Essa ironia, contudo, não era entendida por aqueles que mais as louvavam. Onde está a ironia quando se celebra esta nova Revolução Cultural? Deixem tocar a música. Deixem soar a Liberdade. Viva, viva,

rock'n'roll.

*Timeo Danaos et dona ferentes*<sup>69</sup>. Descontinuidade, esquecimento do passado: é isto o cavalo de pau às portas de Tróia. Cujos ocupantes incendiaram e continuam a incendiar as torres da cidade. Eu próprio, contudo, sou um ser descontínuo, não sou o que queria ser, nem mesmo aquilo que já fui. E assim tenho que acreditar — e neste ponto tornei-me um verdadeiro americano, inventando-me uma nova identidade para construir um mundo novo na companhia de outras vidas modificadas — que há um lucro muito atraente nesta metamorfose, como também poderá haver perdas muito dolorosas.

A propósito de esquecimento: depois do meu regresso tive uma breve ligação com Ifredis Wing, que tentava agora ser ela própria fotógrafa e apareceu no Orpheum como assistente de Johnny Chow. Chow vivia no primeiro andar e Ifredis lá foi subindo, via Shnabel e Basquiat, até ao *penthouse*, até mim. Ainda tinha o apetite sexual de uma coelha ninfomaníaca — Vina tinha-me feito uma descrição detalhada das suas tropelias em Tempe Harbor — e o seu aspecto tinha ainda, se possível, melhorado. O seu cabelo loiro estava curto, à rapazinho, o seu corpo esguio mas muito feminino. Mas como assistente de fotógrafo era um desastre total, devido à sua terrível falta de memória, que conduziu a graves percalços na revelação dos negativos, coisa a que não achámos graça nenhuma. Uma coisa é rirmo-nos de alguém que vive numa permanente amnésia e outra é termos uma amnésica a etiquetar os nossos rolos já impressionados.

Ah desculpa, não me lembrei, desculpava-se ela quando eu gritava perante os crimes feitos à luz infravermelha, na câmara escura. Mas isto também quer dizer, dizia ela jovialmente, que as tuas descortezes palavras eu já não lembrarei amanhã de manhã, depois de ter dormido a noite no teu braço.

Otto, a propósito, tinha passado do budismo para o supercapitalismo, tinha-se casado com uma milionária quinze anos mais velha e era agora uma eminente figura no circuito das festas hollywoodescas do euro-lixo. Já não fazia filmes de arte e, em seu lugar, voltara-se para os filmes de acção de setenta milhões de dólares. Tinha-se tornado mestre naquelas fitas que, no negócio, se chamavam *whammies* filmes que iam de excitação em excitação, cheias de explosões e de tiroteios, e que eram excelentes

investimentos. (Vi-o uma vez na TV, a ser entrevistado no Festival de Cannes e a rebater desdenhosamente as críticas, esplanando a sua nova filosofia cinematográfica: *Primeiro acto, uma data de wharmmies, segundo acto, melhores wharmmies, terceiro acto, exclusivamente wharmmies!*)

Durante um certo tempo estive embeijado pela amnésica Ifredis Wing, incapaz de fazer mal a qualquer pessoa e virando a sua raiva exclusivamente contra Deus. Logo a seguir à deserção de Otto tinha perdido completamente a fé. Ex-Suprema combatente de Deus, estava agora cheia do zelo do renegado e agia como tropa de assalto do ateísmo. Seguidores dos mahagurus indianos, estrelas de cinema cientologistas, fanáticos da cultura japonesa, jornalistas desportivos ingleses convertidos em fiéis do Novo Cristo, americanos chanfrados membros do *lobby* das armas, que se reuniam no deserto com chefes carismáticos que lhes diziam com quem fazer bebés e quantas vezes: Ifredis passava muito do tempo em que não estava a fornicar em solilóquios sobre as loucuras de todos eles. As grandes religiões também levavam uma trepa e devo dizer-lhes que toda aquela conversa me encantava. Não era muitas vezes que eu encontrava alguém ainda mais indignado com a credulidade humana do que eu próprio. E, além disso, ela era maravilhosa na cama. Às vezes brincava preguiçosamente ao sexo adolescente, todo em trabalho de dedos e de língua; mas a maior parte das vezes fazia de Octopussy, toda braços e pernas e lá-vai-disto. De qualquer das maneiras era sempre ótimo para mim.

Mas acabou-se; ela foi-se embora como eu sabia que ia acontecer. Não houve nada que tivesse corrido mal entre nós, mas a verdade é que não havia entre nós nada que pudesse correr mal. Era só uma maneira de passar o tempo e um dia ela acordou, olhou para mim e não conseguiu lembrar-se de quem eu era. Fui tomar um duche e nem dei por ela se ter ido embora.

\*

Depois do meu regresso da Indochina, comecei a repensar o meu trabalho. O jornalismo e o seu consequente cinismo já não me pareciam suficientes. Invejava, de certo modo, Ormus e a sua loucura. Aquela visão de um mundo em integral desagregação, sustida, salva e redimida pelos poderes gémeos da música e do amor, não era fácil de afastar com desdém. Eu invejava a sua inesperada coerência a sua visão a partir do alto e permitindo o controle. E, confesso, também eu próprio estava candidato à redenção. Alguma coisa tinha de me impedir de sonhar constantemente com

o sapato de um homem morto, com um tacão que se desenrosca e onde está um rolo de película que vai mudar o destino de quem o achou. Tinha deixado muita coisa para trás mas aquela recordação nunca aparecia como excedentária. Por muito pouca bagagem que levasse comigo, ela estava sempre lá. Na algibeira dos meus sonhos. Vivia-se uma época de incerteza e de culpa. Ormus achara uma maneira de viver com os tempos. Até aquele horroroso grupo rock, como é que eles se chamavam? os Mall: até eles tinham um plano. O meu caminho parecia ter chegado a um beco sem saída. No que tocava a Vina, no que tocava a mim próprio, não ia para parte nenhuma.

Os meus companheiros “órficos” de East Fifth Street tinham abandonado o fotojornalismo de uma vez por todas e a energia com que se entregavam a outros interesses despertava a minha inveja, uma emoção que é sempre um guia seguro, para o coração secreto, *le secret-coeur*, como costumava dizer, no seu descansado franglês, Bobby Flow, o parceiro de Hulot na Nabucodonosor: ou seja, a nossa necessidade mais profunda, o substituto, num mundo sem deus, do coração sangrando de Jesus Cristo. Aimé-Césaire Basquiat, o nosso belo francófono de corpo depilado, usava uma velha máquina fotográfica de oito por dez, e uma altadefinição espantosa, para dar um aspecto renascentista, lapidar, a uma sequência de retratos, ou, mais polemicamente, a cenas, classicamente compostas, daquilo que, para mim, eram umas assombrosas práticas sexuais. O conteúdo destas fotografias fazia-me sentir como um inocente rapaz do campo que não soubesse nada da diversidade do mundo, que, apesar de ver de perto as guelas do horror, nunca tivesse começado a perguntar quais seriam os velhos impulsos que se agitavam nas nossas tenebrosas profundezas. A ideia simples de Basquiat, era tirar essas coisas das trevas, expô-las à sua luz sumptuosa e modificar assim a ideia que temos do que é a beleza.

O seu terceiro projecto era uma espécie de réplica à celebre afirmação poética do seu homónimo Césaire da *négritude*, o *Cahier d'un retour au pays natal*<sup>70</sup>. Basquiat, que tinha deixado a Martinica em bebé e que, desde então, se tinha mantido provocantemente afastado do seu país, estava lentamente a elaborar um foto-ensaio — *Cahier d'un exit*<sup>71</sup> — acerca do exílio, acerca de desenraizados como ele próprio, fotografando-os como se fossem belos alienígenas flutuando um centímetro acima do solo, como se fossem simultaneamente malditos e abençoados. Por vezes os três projectos

fundiam-se num só e eu um dia fiquei perturbado ao ver um poderoso retrato do compatriota de Basquiat, Rémy Auxerre, com um halo de luz e ingerindo, em grande plano absoluto, aquilo que era obviamente o pénis de Basquiat, um órgão que todos nós conhecíamos bem, devido à sua tendência para o nudismo.

É fácil dizer — e depois da sua morte prematura, ao verem o seu corpo devastado, a pele pergaminhada e os olhos aterrorizados, foram muitos os que se apressaram a dizer-lo — que Basquiat ia a grande velocidade a caminho de coisa nenhuma. Mas o que eu recordo era a sua expressão extasiada de todos os dias. Esse era um quarto de que eu também queria, desesperadamente, encontrar a chave.

Johnny Chow e Mack Shnabel enfrentavam uma carreira menos espinhosa mas igualmente gratificante: fotografia de moda e de publicidade como apoio à vida de alta sociedade de Manhattan que ambos adoravam, e fotoensaios para satisfazer a alma. Schnabel — um homem baixo com uma grande cabeça de falcão e uma dose reforçada de demónios nocturnos — ia a Itália duas vezes por ano para fotografar as colecções de moda de Milão. Seguiu depois para Roma e tirava impressionantes fotografias dos corpos das catacumbas, meio-mumificados, destruídos, esqueléticos. Daí avançava para fotos de cadáveres civis, fossem eles quais fossem, fascinado pela democracia da morte. A morte violenta já não interessava; só o facto em si, a herança de todos nós, o tema de Henry James. Os jovens e os velhos têm a mesma idade quando estão mortos, dizia ele. Estão como hão-de ir. Outras diferenças também desapareciam. Os Ku-Klux-Klan e os cantores de blues, os fundamentalistas palestinianos e os colonos judeus, os sul-africanos brancos e os habitantes do Soweto, os indianos e os paquistaneses, o rato do campo e o rato da cidade, o agricultor e o criador de gado, lá estavam nas chapas das suas fotos, despojados das suas fronteiras, igualizados para todo o sempre. A este portfólio, sempre a crescer, Schnabel deu o título grandiloquo e shakespeariano de “*Golden Lads and Girls*” que, como devem lembrar-se (*Cymbeline*, acto IV, cena 2), todos, como limpa-chaminés, se vão transformando em pó.<sup>72</sup>

Quanto ao incansável Chow, esse pássaro corredor, louco por apostas, que se intitulava o nova-iorquino ideal *porque eu sou como a cidade, pá: nunca durmo, porra*, estivera ocupado nos últimos quinze anos com o seu estudo *Queens*, um retrato daquele bairro poliglota. Mas não tinha menos orgulho

nas suas fotos de publicidade para a Heinz. A vida cultural da rua, pá, é já suficientemente rica, dizia-me ele. Tem uma boa textura, tem profundidade, já é metade do nosso trabalho. Tens alguma ideia do que é preciso fazer para tornar interessante a superfície de um prato de sopa de cogumelos? Isso é que é um grande desafio.

Um dia Basquiat (completamente vestido) veio visitar-me e queria ficar um bocado e ouvir música. Procurou nos meus discos de vinil, encontrou o velho *Exile on Main Street* pô-lo a girar. Rai, já viste o film *Cocksucker Blues*? conseguiram que Roberre Ffronk o fizesse, bem como esta capa. Se quiseserres, podemos uma noite destas passarr o filme só p'rra nós, que penses-tu?

Ouvindo *Sweet Virginia*, a música que embriagou outra geração, uma estranha mistura do Sul de Londres e do Sul dos Estados Unidos, dei por mim a examinar a colagem da capa-álbum, as imagens de um funeral (militares e civis saudando um carro funerário), retratos de gente conhecida e desconhecida, a primeira página de jornal, um farrapo de um poema manuscrito, a imagem repetida de uma estrada. A letragem crua, à mão: *Amyl Nitrate: marimbas. Clydie King, Vanetta e seus amigos: coro. Bill Plummer: contrabaixo*. A música só inspirava nostalgia, mas as fotos ainda tinham muito para dizer. Pois, Robert Frank, pensei eu. É este o sinal que eu esperava.

*Cocksucker Blues* era, reconheço, uma confusão ao gosto do seu tempo, mas eu era fundamentalmente um homem de imagens únicas e aquilo que realmente me dizia qualquer coisa eram as fotos de Mabou. Em 1970, depois de se separar de Mary, Robert Frank comprou uma casa em Mabou, na Nova Escócia com a artista June Leaf. O trabalho rude e forte que ele ali fez é uma demonstração de quanto o fotógrafo pode abranger, desde que abandone a ideia de concluir tudo, desde que não se lance à procura de uma verdade universal. Um olho humano, solto do corpo, flutua sobre uma paisagem marinha em alto-contraste. Palavras e imagens estão penduradas a secar numa corda de roupa, agitadas pelo vento. Há muitas fotos tiradas através de vidros nos quais foram rabiscadas palavras ou então as palavras foram escritas directamente sobre a prova. *Sem Medo* sobre uma máquina de escrever e, mais uma vez, o mar ubíquo. *Continua Não-te-mexas*. Contra uma paisagem plana e triste, articulada por postes e estruturas, o evanescente nome da filha morta. *Para Andrea, que morreu. Penso em*

*Andrea todos os dias. Procura a Esperança. Carcaças de porcos. Hospitais. Frio. Gelo. Caixotes. Nada arranjado nada alinhado. Fotos como imagens despedaçadas em vidros partidos. Uma mulher, penso que June Leaf, está deitada na areia, cheia de alegria. Já tinha visto. Agora levavam-me a desembaraçar-me de grande parte do que pensava, davam-me aquilo que eu queria: uma forma de começar de novo.*

Olhando para as fotos de Mabou, lembrei-me destas palavras de Virginia Woolf: Uma obra-prima não é o resultado de uma súbita inspiração mas o produto do pensamento de uma vida inteira. Henri Hulo, o meu primeiro mestre, que abandonou há muito tempo a fotografia e insistia em que tomássemos a sério as suas fracas aguarelas, acreditava piamente na inspiração súbita, no momento decisivo em que se revela a harmonia secreta. Robert Frank não acreditava na inspiração e tinha provavelmente criado o seu *Black White and Things* como uma resposta às teses de Hulo, tal como *Catch-18* é uma resposta a *os Nus e os Mortos*. Compreendi que estava a procurar alcançar o inatingível, olhando para atrocidades à espera da Atrocidade, com A grande, tal como em todas aquelas mortes eu procurava fotografar a Morte. E assim decidi abandonar a verdade universal e a harmonia aos absolutistas como Hulo e Ormus e concentrar-me na inexaurível capacidade da vida para gerar acontecimentos.

Decidi que nada me seria proibido. Estava a reaprender o alfabeto da imaginação e, por isso, podia brincar com os brinquedos todos.

Por qualquer razão (e, na realidade, não vejo necessidade de a nomear aqui) passei a interessar-me por duplas exposições. Montei sequências narrativas nas quais belos rapazes e belas raparigas, muitas vezes nus — a permanente nudez de Basquiat teve esse efeito em mim — servidos por fantasmas translúcidos: uma mãe na posição do Cristo dos Andes, de pé e de braços abertos, no topo de um arranha-céus, um pai pendurado de uma ventoinha no tecto, uma amante de sonho, um segundo eu. Ao abrir-me à linguagem dos sonhos vieram ao meu encontro imagens de sentido obscuro e cuja obscuridade me excitava. Um homem sentado a uma secretária recebia a visita de um cavalo fantasma que lhe punha os cascos sobre os olhos. Um homem nu num quarto vazio falava para uma versão de si próprio ostentando uma máscara branca. (Isto com frases escritas por mim por baixo de cada fotograma da sequência: *Sabes quem és? Sabes o que queres?*) Para minha surpresa descobri que muitas das imagens que me



apareciam tinham conotações religiosas: uma sequência de dupla exposição mostrando a experiência extracorpórea de uma mulher agonizante, outra sequência em que um homem explode subitamente em pura luz: primeiro a cabeça, depois o corpo e as roupas. Permiti-me estas incursões no sobrenatural, no transcendente porque, disse a mim próprio, o nosso amor pela metáfora é anterior às religiões, nasceu da nossa necessidade de exprimir o inexprimível, do nosso sonho de um outro mundo, ou de mais coisas. A religião chegou e prendeu os anjos em geleia, atou a nossa beleza alada a uma árvore, pregou ao solo a nossa liberdade. Nestas sequências tentei recuperar o sentido do miraculoso sem ter de ajoelhar diante de nenhum deus. O deus da imaginação é a imaginação. A lei da imaginação é fazer aquilo que dá resultado. A lei da imaginação não é uma verdade universal, mas a verdade do trabalho, pela qual lutámos e vencemos.

Inventei um alter ego para mim próprio, um enigmático fotógrafo centro-europeu chamado Moosbrugger, como a personagem de assassino na obra de Musil, percorrendo as ruas de Nova Iorque, procurando neste Novo Mundo ecos de Viena, de Budapeste, de Praga. Este pseudofotógrafo fotografou os amores das gárgulas, as aventuras arturianas da grande população de estátuas que vive por cima das ruas da cidade. As estátuas tornaram-se vivas, amaram, lutaram, viveram de acordo com os cavaleiros de Carlos Magno ou como os pioneiros norte-americanos. As fotos de estátuas tiradas por Moosbrugger eram os trabalhos que eu mais apreciava.

Trabalhava com reflexos, vidros, sombras. Servindo-me de espelhos, tornei-me um mestre na distorção. Aprendi como colocar uma galáxia na palma de uma mão, e vi o que acontecia quando se colocavam imagens de espelhos e fotografias dentro de fotografias, entontecendo a visão até que a última imagem acabava por se esborrachar dentro de um punho fechado. Criar primeiro uma ilusão e depois mostrar que é uma ilusão, acabando por destruir essa ilusão. Comecei a ver que isso é o que se chama honestidade.

Um dia revelei um rolo de película e descobri lá a imagem-fantasma de uma mulher que eu não conhecia sobreposta nalguns dos fotogramas. Não percebi o que acontecera. Tinha a certeza de que não tinha passado o rolo duas vezes e, no entanto, não conseguia reconhecer a silhueta da mulher. É certo que não se parecia com o corpo de Vina. Era uma estranha, evoluindo num espaço que era-e-não-era meu.

Como se eu tivesse atravessado uma membrana e penetrado num outro

mundo.

Nessa noite, enquanto dormia, a mulher apareceu-me em sonhos e disse-me o seu nome. Disse-me, com um desdém que me desagradou, que lia em mim como num livro aberto. Disse-me que, se quisesse, podia fechar-me e tornar a pôr-me na sua estante, e então a minha história nunca teria fim, seria interrompida a meio de uma frase. Eu estava nu, na minha cama e ela deitou-se sobre mim, murmurando ameaças. Tentei replicar. Disse-lhe que o conteúdo de um livro está sempre lá, quer o abram quer não. Mesmo que ninguém o leia, ele está lá, fazendo o seu trabalho. É o suficiente. É isso que conta.

Ela disse, de dentes cerrados, lembras-te de quando éramos amantes? Lembras-te da nossa maravilhosa primeira noite? Não, continuou, nem sequer te lembras de mim, meu grande sacana Vai-te foder. Vou-me embora. Se calhar, nunca mais volto.

Acordei alagado em suor e sozinho. Maria, pensei eu Acabo de encontrar uma rapariga chamada Maria.

\*

Comecei a tirar fotografias à infidelidade: o meu apartamento imediatamente antes da chegada de Vina ou logo a seguir à sua partida. A cama amarrotada pela nossa culposa paixão. A água no chão, junto ao chuveiro. Copos servidos. Restos de comida. Depois de alguma insistência, Vina concordou em participar na sequência. O seu rosto, com máscara. O seu corpo nu e anónimo, saindo rapidamente do enquadramento. Os seus braços estendidos em direcção ao fruto proibido. Essas fotos trouxeram-nos uma nova espécie de intimidade e ela deu-se cada vez mais a esse trabalho, tornando-se mais uma colaboradora do que um modelo. Comecei, supersticiosamente, a rezear o poder do olho mágico de Ormus, o louco. Nalguns dias, eu podia jurar que o sentia a percorrer o cosmos como um projector, como o olho de Robert Frank em Mabou, como a lua cortada à navalha de *Un Chien Andalou*. Como o olho de Sauron, Senhor das Trevas, buscando o Anel.

E assim comecei a escrever a minha autobiografia, servindo-me de tudo o que me vinha à mão, desenhos, histórias, surrealismo, Vina, textos. O realismo não é um conjunto de regras é uma intenção, afirmava eu a uma Vina divertida e inesperadamente tolerante. O mundo já não é realista, que havemos de fazer? Pensa na fotografia de gente que nunca muda, levando

as suas vidas bem ordenadas, salpicadas, se tiverem sorte, de um pouco de psicodrama de cama: *isso* é que é fantasia. Um campo de batalha em que não são visíveis as correntes escondidas da história, não mostra verdade que chegue. Um campo de batalha em que não se vêem, por assim dizer, anjos e demónios, os autoproclamados deuses com as suas superarmas e, por assim dizer, os fantasmas. Para mostrar, de certa maneira, o metafórico sob o real, seguindo os acontecimentos e provocando a sua aparição.

E como é que te propões fotografar uma corrente escondida, perguntou ela.

Não sei, respondi franzindo a boca. Penso começar por olhar para os lugares certos.

Estás a mudar muito, disse-me ela. Não pares, gosto disso. Gosto mesmo muito.

\*

Estávamos todos a mudar. A mudança em Ormus, a sua retirada para quartos fechados e às escuras durante dias e dias, com a sua venda de dormir, as suas dores de cabeça cada vez maiores, os seus ataques de choro, os seus gritos, todas essas coisas provocavam grande turbulência em Vina, enlouqueciam-na, faziam-na sentar-se junto à porta fechada pedindo a Ormus que a deixasse entrar. Quando o conseguia, ficava à cabeceira dele dias sem fim, segurando-lhe a mão, tratando dele, enquanto ele se debatia como um grande peixe fora de água e gritava o seu aviso de uma iminente catástrofe. Vieram médicos, receitaram-lhe sedativos. O seu estado mental não era bom. Vina vinha agora mais vezes ter comigo, fugindo ao melodrama do Edifício Rhodopé, deixando Ormus aos cuidados da infinitamente paciente Clea e dos Singhs. Disse que o colapso dele deixava um buraco onde costumavam estar as relações entre os dois. Ainda o amo, sabes, o amor é na verdade um mistério, mas já não há nada entre nós. Ele está no espaço infinito ou na quinta dimensão, vigiando o próximo fim do mundo. Às vezes penso que ele não vai voltar.

Ela sabia que tinha que retomar uma vida independente, encontrar um novo caminho por ela própria. Foi-se tornando, pouco a pouco, uma participante entusiástica nas manifestações de arte alternativa, trabalhando com cineastas independentes, artistas de cabaré, bailarinos. Entretanto começou a escrever as suas próprias canções, experimentando-as junto de mim, fazendo *jam-sessions* com os seus numerosos amigos da primeira

linha do mundo da música. Fez aparições de surpresa em iniciativas musicais de pequena escala com uma minúscula banda e ficou encantada com a maneira como a receberam. No Outono de 1988 tinha editado um álbum, *Vina*, e estava a pensar em partir em tournée. Não a América nem a Europa, para começar disse-me ela. Acho que ainda não estou pronta. Só uma voltinha pela América do Sul, para começar. Aqueles tipos têm uma grande influência em todo o género de música. Brasil, México, pôr o pé na água.

Quero lembrar-me dela como ela era naquela época, à volta dos quarenta e cinco, belíssima e corajosa, só e assustada, mas lançando-se de cabeça em busca da sua vida. Quero lembrar-me que ela, naqueles dias antes da tournée, admitiu, finalmente, o que eu durante toda a minha vida, esperei ouvir dela, saber que eu me tinha tornado um factor, um problema da sua vida. Deixara de ser apenas um aperitivo ou uma sobremesa. Deixara de ser um objecto útil. Durante tempo demais, Vina e Ormus tinham passeado no seu iate, com Rai agarrado à amurada — do lado de fora. Era a história deles; agora, depois de tantos anos, passava a ser a minha, também. Minha finalmente.

Ela disse que estava desorientada, confusa, que precisava de tempo para pensar, tudo isso. Estava realmente a pensar em deixá-lo. Mas não podia suportar a ideia de o deixar. Nem a de ficar com ele.

Ela disse-me: não imaginas como vocês são parecidos, com a diferença de ele estar a ir ao fundo pela terceira vez e que tu estás a subir para a superfície, para poderes respirar.

E disse: tenho que me ir embora. Vou fazer a tournée. Mas tenho que pensar.

Eu vou contigo, porque não, disse eu. Posso ser o fotógrafo oficial da tournée. Tudo o que peço é ter acesso a tudo. Percebes? A tudo.

Não, não venhas.

Não te posso deixar ir sozinha depois de tudo isto. Agora estamos muito próximos um do outro. Tenho que ir.

Ah que raio, que raio! Não sei. Pois sim, vem. Não, venhas. Vem. Não venhas. Vem. Não venhas. Não venhas. Não venhas. Vem.

\*

Deveríamos ter ouvido os avisos de Ormus. Não foi só o grande sismo de S. Francisco em 1984: os anos oitenta foram maus para toda a terra, muito instável. Em Outubro de 1980, vinte mil pessoas foram mortas pelo sismo

de 7.3 pontos na escala de Richter em El Asnam, na Argélia, um sismo intenso que destruiu vários instrumentos de medida próximos do epicentro. Três mil pessoas morreram no sul da Itália um mês depois. Em Outubro de 1983 um sismo sacudiu a aldeia de Hasankale, na Turquia oriental (dois mil mortos); em Setembro de 1985, as autoridades da Cidade do México foram obrigadas a utilizar o estádio de baseball como morgue (mais de dois mil mortos). Um sismo de média intensidade danificou S. Salvador em Agosto de 1986 e dois anos mais tarde uma misteriosa erupção de sismos ocorreu ao longo das fronteiras de vários países. Um abalo de 6.7 pontos registou-se em Agosto de 1988 na fronteira entre a Índia e o Nepal (mais de quinhentos mortos) e três meses mais tarde morreram mil e tal pessoas na fronteira entre a China e a Birmânia. Um mês depois, um sismo de 6.9 pontos devastou a fronteira turco-arménia. A cidade de Spitak, com uma população de cinquenta mil pessoas, foi totalmente destruída; oitenta por cento dos edifícios de Leninakan (uma cidade com uma população de trezentas mil almas) vieram abaixo e Gorbachev foi lá fazer uma visita. Quando, em 1989, duas aldeias na zona fronteira do Tajiquistão foram destruídas por abalos de terra e torrentes de lama (mil pessoas morreram, bem como vários milhares de cabeças de gado) a chamada “falha das fronteiras” começou a atrair a atenção de todo o mundo. *O Mundo estará a rebentar pelas costuras?* Era a pergunta da capa da *Time* e embora a resposta oficial das autoridades sismológicas fosse um categórico Não, comecei, pela primeira vez, a pensar naquilo que Ormus Cama via no seu delírio. Se os cães, os porcos e o gado podiam sentir os tremores de terras antes dos nossos instrumentos de medida, não seria possível que um ser humano os pudesse prever com uma antecedência de meses ou de anos?

\*

Pois sim, mas para que serviria levarmos a sério os avisos de Ormus? Como todas as Cassandras, ele não dispunha de remédios. Ao fim e ao cabo, essas profecias são inúteis. Temos que continuar a viver a nossa vida, fazer as nossas escolhas, andar para a frente enquanto pudermos.

Em Fevereiro de 1989 Vina Apsara e a sua banda voaram para o México, para uma série de concertos ao ar livre. Sem lhe dizer nada, tomei também um avião para Mexico City. Tinha o seu itinerário, a lista dos hotéis e tudo. Desta vez não a deixaria fugir-me.

---

[65](#) “ Vou foder-te como um super-homem”. (N. T)

[66](#) Referencia a Bush que, como substantivo comum, designa arbusto, planta baixa e densa. (N. T.)

[67](#) “Runt” é o nome do grupo, “Cunt” é o órgão sexual feminino, exibido por Ela. (N. T)

[68](#) Moeda, divisa. (N. T.)

[69](#) “Receio os Gregos, sobretudo quando trazem presentes.” (N. T.)

[70](#) Em francês no texto: “Caderno de um regresso ao país natal.” (N. T)

[71](#) “Caderno de uma saída de cena.” (N. T.)

[72](#) Shakespeare escreve: “... Golden lads and girls all must, As chimney-sweepers, come to dust.” (N.T.)

## Capítulo 15

### SOB OS PÉS DELA

Quando, na cidade do México, lhe apareço no Hotel Cattlemen's Club ela causa-me um choque e ganha-me logo a jogada ao começar a chorar convulsivamente. Está enterrada numa poltrona e o nível do líquido da garrafa que tem ao lado confirma o que eu já sabia dos jornais, ou seja, que o primeiro espectáculo não tinha corrido bem. A sua banda ainda está a aprender a tocar em conjunto, diz a imprensa, e Vina parecia estranhamente pouco à-vontade no palco sem o apoio de Ormus, sem Ormus Cama na sua caixa de vidro. Dizem bem e por aí fora, mas ela sabia muito bem que estava a ser severamente criticada. Vina funga e soluça; as lágrimas impedem-me de julgar com rigor o estado do seu nariz. Até onde tenho eu que ir para fugir de ti, Rai, soluça ela deslealmente, vai-te foder, vou ter de cavar um buraco muito fundo. Homens enormes avançavam para mim, ameaçadores, mas ela manda-os embora com um aceno de irritação.

Chamo àquele hotel Cattlemen's Club porque a sua moleza satisfeita e ricaça é um eco do hotel de *Dallas*, (a série televisiva e não a cidade), onde homens com chapéus enormes bebiam copázios de bourbon e discutiam o preço do petróleo. Mas este hotel faz Dallas parecer uma terreola de província, um sítio onde duas estradas se cruzam no horizonte. É uma enorme pirâmide forrada de pedra, construída no topo de um arranha-céus perto do Zócalo e tem o aspecto de ter sido construída por todos os povos da região hoje extintos: Olmecas, Zapotecas, Mayas, Toltecas, Mixteca, Purépechas, Aztecas. É um templo ao dinheiro: um lugar do poder, dotado de sofás e de criados de libré. Suspeitamos que existem altares escondidos, sacerdotes brandindo grandes facas. Vina, a sacrificada *du jour*, teve direito a uma enorme suite, onde publicistas e jornalistas e fotógrafos e mirones e guarda-costas entram e saem. Para passar a segurança tive que mostrar a carteira profissional. Vina fez-me esperar o tempo suficiente para eu começar a preocupar-me com uma possível e humilhante rejeição. Depois sou levado à sua presença e saudado pelas suas lágrimas abundantes, o seu cabelo chocantemente vermelho e o que é estranho é que eu fique imediatamente com a boca seca, o coração a bater, cheio de medo. Cheguei nu àquela audiência, sem nada mais que a minha pila na mão, parafraseando James Caan em *O Padrinho*. Só tinha para oferecer o meu desastrado amor, esse amor que, ao fim de anos de ser o segundo violino, insiste agora em

tomar conta da orquestra. Toma-me ou deixa-me é o que eu tinha ido ali dizer, sabendo que se ela não me quiser, fico sem qualquer defesa, um rapazinho de escola, de boné na mão, e sem ter sequer uma maçã para oferecer.

Entretanto, sendo esta uma das zonas da terra com mais insectos, estou a ser mordido em todo o corpo, coçando o pescoço como o imundo samurai de Toshiro Mifune, mas sem a sua arte no manejo da espada. Estou a viver um pesadelo. É o princípio, do último acto da peça, acabo de entrar em cena, não me lembro do texto, não há nenhum ponto a falar baixinho na sua caixa, junto à ribalta. Vina, digo eu. Ela põe um dedo nos lábios, enxuga as lágrimas, aponta-me uma cadeira. Isso não, diz ela. Vamos falar de outra coisa qualquer. Nestes últimos dias mexicanos, ela repete muitas vezes essa ordem.

Vina quer falar-me do último escândalo político local, o irmão do Presidente ter fugido depois de fazer um desfalque equivalente a oitenta e quatro milhões de dólares norte-americanos. Nenhum país lhe quer dar asilo, nem mesmo Cuba, e por isso ele anda à volta do mundo como um navio com lixo nuclear, sem poder tocar em nenhum porto. *E este é suposto ser um novo regime, totalmente limpo!* (O nome de Píloo Doodwhala está nos nossos lábios, não é necessário pronunciá-lo.) Vina quer falar-me também do futebolista argentino, Achilles Hector, que foi raptado por revolucionários no sul do país. Tem um nome incrível, grego e troiano. Vencedor ou vencido? Um herói duplo, diz ela. Os raptadores fazem ultimatoss. Ameaçam ir-lhe cortando os dedos dos pés, um a um, se as suas exigências não forem satisfeitas. Mas os prazos passam e, no correio, não aparece dedo nenhum. Os revolucionários também são fanáticos do futebol. É uma questão de saber qual dos fanatismos vai prevalecer.

Vina quer falar de um palacete na costa do Pacífico, onde passou os primeiros três dias da sua estada no México e para o qual ela vai voltar em breve. Trata-se da Villa Huracán, perto de Aparajitos, situada entre a selva e o mar. Da selva vem o canto do obscuro pássaro da noite, talvez *o trogon ambiguus ambiguus*, de Malcolm Lowry o seu maravilhoso pássaro ambíguo. Nas profundezas do oceano ecoa o rugir do furacão, o deus das tempestades. A “Villa”, na verdade, não é, de modo algum, uma casa de campo mas uma enfiada de edifícios cor-de-rosa — “quartos” — cobertos com *palapas*, grandes telhados cónicos de colmo. É copropriedade do novo



presidente da Colchis, o chocantemente jovem Mo Mallick, e um financeiro de Hollywood chamado Kahn. A morte de Yul Singh e a retirada dos VTO, a pérola da sua coroa, prejudicou gravemente a Colchis, mas Mallick empenhou o seu barco a meter água na tournée de Vina, apostando em que ela poderá triunfar mesmo sem Ormus. Daí a sua oferta da Huracán. Daí, também, a actual depressão de Vina. Ela tem sido fortemente apoiada na sua iniciativa e dá a ideia de que não vai ser capaz de dar conta do recado Mallick, com vinte e oito anos, é já um grande jogador nos casinos de Las Vegas, pode sofrer uma grande perda se tiver que ser, e sabe, como qualquer jogador das grandes mesas, que não é o dinheiro que interessa mas a reputação. E preocupa-se com isso. Ganhar as grandes jogadas torna-se uma questão de orgulho. E se perder? Falemos de outra coisa.

Os outros hóspedes, nesse dia, insiste ela em contar-me, eram um famoso romancista chileno e a sua mulher, uma americana de origem irlandesa, muito mais jovem e muitíssimo atraente. Havia um terraço para o pequeno-almoço, a meia encosta da ravina, onde fruta, tortilhas e champanhe chegavam em cestos de piquenique mandados pelo ar graças a cordas e roldanas. *El desayunismo magical*, chamava-lhe o romancista chileno. A mulher falava-nos das suas estreitas ligações com o movimento republicano “lá na minha terra”, ou seja o Ulster, terra dura onde ela nunca pusera os pés, e fala dos seus esforços para arranjar fundos e do empenho que a liderança republicana punha na procura da paz. Entretanto, o romancista comia e bebia com grande apetite, recusando-se a comentar a questão irlandesa e declarou-se frágil demais para descer até lá abaixo. *O nível do mar terá que passar sem mim*. Sentava-se ali no terraço com um velho polo e calções de caqui. Vina fazia-lhe companhia enquanto os executivos corriam e saltavam à beira-mar, disputando a atenção da jovem esposa irlandesa-bostoniana, aristocrata-revolucionária, espadanando a água à sua volta, como grandes cães a sacudir-se, cheios de energia e de língua pendente. A propósito de pendente, Vina, lá no terraço, reparou que o romancista estava de pernas abertas e que não trazia cuecas. Os seus tomates eram grandes, macios e cor-de-rosa, da mesma cor das paredes da casa e a pila era grande, cinzenta, o mesmo cinzento do banco de pedra onde estava sentado, com o oceano ao fundo. Não conseguia deixar de olhar, diz-me Vina, nada mal para setenta e cinco anos. Mais tarde perguntei a Mallick se o velho senhor estaria a tentar impressionar-me, quer dizer, a

namorar-me? ou quê? mas Mallick disse que ele faz sempre isso, é uma exibição inocente. É assim que eu recordo El Huracán, diz rindo. Um lugar sagrado onde se exhibe a inocência.

Ela não sabe como fazer a escolha que eu estou a obrigá-la a fazer.

Está crispada, rígida, exageradamente animada.

Quer falar de tudo, menos de amor.

Vina, digo eu de novo. E ela olha para mim furiosa. Esta cidade está cheia de sede, diz ela. Os níveis de água no subsolo estão a baixar alarmantemente e um dia destes, tudo isto se afunda, desaparece pura simplesmente. A isso chamo eu cair de bêbado. E há também a visita do Papa, sou suposta ir a seguir ao espectáculo *dele*, não pode ser um esquema pior.

O Papa acaba de dar um espectáculo na cidade do México e chegou a falar de rock'n'roll. *Sim, meus filhos, a resposta está, em verdade, no vento, não no vento desolado dos sem-deus, mas na brisa harmoniosa que enche as velas da barca da fé e conduz os seus passageiros pelo caminho do céu.* Vina que, não pode competir com o Papa no que toca a público, mas sabe que os VTO poderiam provavelmente dar-lhe um bigode, tem de se consolar com a troça e a metáfora e com recordar as últimas piadas antipapa. A sua fúria contra os padres-operários, a teologia da libertação, tudo isso, e aquela história com o seu motorista, diz ela. Não, não o do Papa-móvel. Aquele dos velhos dias quando ele era apenas o cardeal Wojtyla. Parece que esse motorista estava com ele há muitos anos e quando foi a altura de eleger um novo Papa, lá partiram os dois de Cracóvia num calhambequezito polaco, horrivelmente poluente. Que filme espantoso que aquela viagem não daria, o futuro Papa e o seu empregado, lado a lado, estrada fora caminho da glória. Lá acabam por chegar ao Vaticano e o motorista fica à espera tempos e tempos, até que sai o fumo branco, *habemus Papam*, e ele sabe a grande notícia, é o seu velho amigo, o seu companheiro de viagem, o seu patrão. E chega um mensageiro: leve o carro outra vez para Cracóvia e procure outro emprego, diz ele. Por aqui, está despedido.

Já a tinha visto em muitos estados de espírito, mas nunca tão desesperada. Vai de avião amanhã de manhã para Guadalajara — onde Pancho Villa deu um tiro no relógio da torre e fez parar o tempo, diz ela — sabe que o espectáculo não está bem, que a sua vida não está bem e ela não sabe que

fazer para os pôr como deve ser, quer um, quer outra. Olha para a minha cara e tudo o que ela aí vê é *deixa-o, Vina, vem viver comigo e sê o meu amor*, e ela não pode naquele momento tomar qualquer decisão, *vamos falar de outra coisa*, e começa a dizer piadas a propósito de Orfeu: é um velho número dela, que ela faz desde que soube que eu me ia mudar para o Orpheum; eu, Rai, membro do clã das piores vozes da história musical da Índia. Devias mudar o nome daquilo, por respeito, devias escolher outro deus qualquer, porra. Talvez Morfeu, o deus do sono. E eu entrei no jogo: que tal Metamorfeu, o deus da mudança. E fomos por aí abaixo. Chegamos a Endomorfeu e Ectomorfeu, os deuses gémeos do tipo físico, Waldorfeu, deus dos hotéis, Motorfeu deus das motos. Hans Castorfeu, o alpinista mágico. Shortfeu, o deus da ira, Confeu, o deus perplexo, a coçar a cabeça.

Vina quer falar de deuses porque o México, adorador da morte, a perturbou muito. Comparado com as divindades que eles aqui têm, Apolo é um teatro, Posídon uma aventura, Hermes um lenço de seda.

Pára e olha para mim. Vina não costuma implorar, mas naquele momento vejo que ela precisa que eu, como nas estafetas, agarre no testemunho da conversa fiada e corra com ele. Precisa de que eu não a obrigue a encarar aquilo que é imperioso encarar. Sem falar, ela pede-me compaixão; pede-me piedade.

A violência mais incrível é o arsenal dos deuses, e por isso, começo generosamente a improvisar. Violações, assassinatos, vinganças terríveis. Vamos para os deuses de braços abertos e o abraço revela-se fatal. Os velhos deuses, hindus, nórdicos, gregos, não estabeleceram nenhuma lei morais, não nos pediram nada a não ser que os adorássemos. Respeito, diz o divinizado Hércules a Filoctetes, na peça de Sófocles, é o que o Olimpo aprecia acima de tudo. Aparentemente esta postura parece ao gosto dos jovens, não há sermões da montanha, não há manuais do islamismo mas, cuidado, há uma armadilha para elefantes. Adorar os deuses é rezear a sua fúria e, portanto, apaziguá-los constantemente. Os desastres naturais são a prova da irritação dos deuses, porque o mundo está em falta. Daí as infundáveis expiações. Daí os sacrifícios humanos e etc.

É do que eu gosto em ti, diz Vina, escondendo sob o tom sardónico o seu alívio e gratidão. Se te derem corda tens conversa para meia-hora; o que permite a uma rapariga desligar a corrente e descansar um pouco.

Nesta altura faço uma referência aos tremores de terra.

O que não é de espantar, visto estarmos numa região notoriamente sísmica, o México, já para não falarmos do tema do maior êxito dos VTO e dos avisos recentes de Ormus sobre o iminente apocalipse. Não acredito que falar de sismos atraia sobre as nossas cabeças a ira dos deuses. Mas fica registado o que então disse.

E que, para ser preciso, não saiu da minha cabeça, mas da cabeça de Vina.

Os tremores de terra, afirmei eu, sempre tiveram o condão de levar os homens a aplacar os deuses. Depois do grande terramoto de Lisboa, em 1 de Novembro de 1755 — essa catástrofe que Voltaire viu como um argumento a favor do carácter trágico da vida, contrariando o optimismo da escola de Leibniz — os lisboetas decidiram fazer um auto-de-fé propiciatório<sup>73</sup>. O célebre filósofo Pangloss foi enforcado (a fogueira, mais recomendada, recusou-se a arder). O seu sócio, Herr Candide Von Thunder-ten-tronckh, um nome que parece uma encantação oculista, capaz de provocar tremores de terras em sítios onde nunca eles se tinham registado, foi chicoteado ritmicamente e durante muito tempo nas nádegas ensanguentadas. Imediatamente a seguir a este Auto-de-Fé houve um terramoto ainda maior e a parte da cidade que ainda estava de pé foi totalmente derrubada. É este o problema com os sacrifícios humanos, essa heroína dos deuses. Provoca grande dependência. E quem é que nos salva das divindades que necessitam de doses cada vez maiores?

Então Deus, agora, é um drogado, diz Vina.

Os deuses, corrijo-a. O monoteísmo é uma merda, como qualquer outro despotismo. A espécie humana é naturalmente, democraticamente, politeísta, com excepção daquela elite evolucionista que se dispensou, completamente, de qualquer obrigação divina. Instintivamente nós queremos que os deuses sejam muitos: cada um de nós é que é único.

E as histórias, riposta ela, mais bem-disposta. Já entrou na brincadeira, aliviando o espírito das suas preocupações e consegui repor um débil sorriso na sua face. Então e as histórias, insiste ela. Os sacanas dos ateus como tu, não têm prazer em ouvi-las?

Quando deixarmos de acreditar nos deuses, podemos começar a acreditar nas suas histórias, respondo eu. Claro que não há milagres, mas se houvesse e amanhã, ao acordarmos, verificássemos que já não havia mais crentes à superfície da terra, que não havia mais devotos Cristãos, Muçulmanos, Hindus, Judeus, então sim, a beleza das histórias poderia encantar-nos já

que tinham deixado de ser perigosas, passariam a incitar-nos à única crença que conduz à verdade, ou seja, a céptica crença do leitor numa história bem contada.

Os mitos, não sei se já reparaste, exigem que os seus protagonistas sejam estúpidos. Que avancem alegremente ao encontro de perigos mortais, cegos às armadilhas mais evidentes.

(Permito-me dizer tudo isto e provavelmente mais. Já não falava assim há muito tempo, tão exaustivamente, tão livremente. E, repito, não acredito na iconoclastia, não acredito que seja um crime fazer troça dos deuses e não acredito portanto na ameaça da Némesis. Mas prometi dizer tudo e devo por isso revelar que, antes de acontecer o que aconteceu, eu proferi estas afirmações sem dúvida hostis aos crentes e às suas crenças.)

Vamos para o meu hotel dar uma queca, propõe Vina bruscamente. Um trago de *soma*<sup>74</sup>, um sorvo de *ambrosia*. Vamos embora, estou pronto. Conduz-me, minha rainha. Vem-me à ideia, e não é a primeira vez, que estou na posição de um mortal fazendo uma proposta de amor a, por assim dizer, uma deusa. Vina e Adónis: uma situação semelhante. Estou bem consciente de que os humanos não costumam sair-se bem destes encontros.

Mas os deuses não-existentes também podem perder.

\*

O estilo de Vina, nestes dias, é o *super-glamour* do fim dos anos oitenta; acabou-se o chic hippie (ou radical). Muito estrela de cinema com um toque extra de provocação rock'n'roll. Tyler, Gaultier, Alaïa, Léger, Wang mas sobretudo Santo Medusa: os seus fatos macacos colados ao corpo e bordados a lantejoulas technicolor, os seus smokings shocking-pink com bandas duplas sobre um torso nu, os minúsculos minivestidos de malha com uma racha até à cintura. Vina e Tina, dizem as más-línguas estão a esfarrapar-se pelo título de diva das sem idade.

Este é o quarto do hotel. Esta é a mulher que eu amo. Estes são alguns dos últimos momentos da sua vida na terra, da sua vida sobre a terra.

Qualquer piada que ela faz, qualquer coração que ela quebra, são essas coisas que eu agarro com desespero, para as salvar do barranco, do abismo em que morreu. Este é o CD que ela toca: *Raindogs*, os extravagantes blues reinventados e cantados por Lee Baby Simms. Vina começa a cantar com Simms, grave e lenta, e sinto arrepios na nuca. *Will I see you again on a downtown train*<sup>75</sup>. As paredes parecem balançar-se ao som da música. É

como Valéry, digo eu. *Le roc marche et trébuche; et chague pierre fie se sent un poids nouveau qui vers l'azur délire*<sup>76</sup>. Valerie quê? desdenha ela sem prestar atenção, perdida na música e no fumo.

Está prestes a partir para Guadalajara, a cidade onde o tempo parou. Para Guadajara e mais além.

Estes somos nós, fazendo amor. Ela fez sempre amor como se fosse a última vez, é assim que ela faz seja o que for, é assim que ela conduziu a sua vida; mas para nós, embora nenhum o saiba, é realmente a última vez. A última vez para estes seios. Os seios de Helena de Tróia eram tão espantosos que quando, na queda de Tróia, ela os mostrou ao marido, Menelau não foi capaz de lhe fazer mal. A espada caiu-lhe das mãos trémulas. Esta é a mulher que eu amo e estes são os seus seios. Passo e repasso esta gravação na minha cabeça. Mostraste ao terramoto os teus seios, Vina, mostraste-os ao deus das tempestades? porque não o fizeste, se o tivesses feito, terias talvez, terias seguramente salvo a tua vida.

Estes são os seios da mulher que eu amo. Aproximo o nariz e respiro o seu perfume, a sua maturidade. Coloco o meu pénis entre eles e sinto a sua carícia de veludo.

Esta é Vina, faladora como sempre depois do sexo; quer tagarelar sobre a questão da idade das cantoras. Diana, Joni, Tina, Nina, ela própria. Olha o Sinatra, diz ela. Mal se aguenta em pé, há notas com que ele já nem sequer pode sonhar, acho que alguém devia matar aquele bicho que ele traz na cabeça, mas como é homem, a idade não lhe põe problemas de carreira. (Sim, ela compara-se com a Voz. Também ela é uma Voz. Não tem falsas modéstias. Sabe qual o seu valor como artista. Tina e eu, diz ela, ditamos a lei. Não desapareças, este é o novo título, querido. Estamos a dizer-te como vai ser.)

Ela é a nova geração, com os seus desajustes, as suas queixas. Cá está outra vez Madonna Sangria, ainda obcecada, em *Rolling Stone*, com o corpo feminino. Não com o seu uso, mas com o seu abuso. Não o sexo, mas o género feminino. Quem ouvirá a tosca revolta das jovens, resmungo Vina, falando sobretudo para consigo própria. A malta tinha muitas octanas. Tínhamos *raiva*. Para chorar por causa dos gajos? Para nos queixarmos do papá e da mamã? Isso não interessava. Tínhamos que combater os generais do universo. “*O meu namorado deixou-me, os homens são umas bestas. “Poupem-me.* Prefiro raparigas que gostam de se divertir. Bop-xi-bop. Bop-

xi-bop-waddy-waddyhop-(está a cantarolar). *She's so fine...*

Merda! diz ela bruscamente. Está estoirada e meio-adormecida mas dá luta a si própria. Há sempre um homem a manipular os nossos fios. Ike Turner Berry Gordy Phil Spector Ormus Cama. Ike Spector Berry Turner. Para o homem o poder, para a mulher o sofrimento. É isso mesmo. Orfeu sobrevive, Eurídice morre, não é verdade?

É, mas tu também és Orfeu, começo eu a dizer. É a tua voz que faz com que as pedras da cidade, encantadas, se ergam em delírio até ao céu, que obriga as imagens eléctricas da cidade a dançar. *Grata phone*, a melhor das vozes, todos sabemos que é a tua e não a dele. E, no entanto, é ele que mergulha no outro mundo, no submundo e vai salvar-se, mordo a língua porque isto é o oposto da linha que eu quis seguir ao fugir para o sul: *Quem, se não tu*. Em vez disso, digo que é a altura de homens como ele pensarem em salvar-se a si próprios.

E continuo. De toda a maneira, Orfeu acaba por morrer. Por ter dito isto, gostava de cortar a língua. Que erro! que erro! mas disse está dito.

Vina está agora sentada na cama, completamente sóbria e subitamente, illogicamente, furiosa. Tu pensas que podes calçar os sapatos dele? Que podes dormir no côncavo que ele deixou? Só nos teus sonhos, Rai, meu bebé. Nunca, num milhão de hipóteses. Fizeste todo este caminho para me dizeres que o queres ver morto? Talvez também queiras que eu morra se não me curvar à tua vontade, à merda da tua pila. Vieste cá para matar o amor e chamar amor à morte.

Não é nada disso, disse eu inutilmente. Vina, a dionisiaca tinha-se erguido furiosa, como uma deusa do prazer e da destruição. Vai-te embora, ordenou ela, e eu, tristemente, obedeci.

No dia seguinte em Guadalajara — tinha-a seguido até lá, mas por minha própria conta, banido dos bastidores, impossibilitado de a contactar por voz, telefone ou pombo correio — e deambulava miseravelmente, com o pensamento *a disparar em todas as direcções*, como diz Moses Herzog. Há agora nos Estados Unidos uma mulher-bispo, talvez eu possa telefonar-lhe e ela se disponha a falar com Vina e a interceder fraternalmente junto dela. Stroessner foi derrubado no Panamá, um golpe, mas o dia em que for anunciado um défice de ditadores ainda está muito longe. Vi que foram executados os Sikhs que praticaram o Quadruplo Assassinato. Digam “olá” por mim ao Cool Yul Singh, rapazes, talvez já não esteja tão *cool* lá no

lugar onde está.

*Estás a mudar, disse-me ela. Não pares.*

A metamorfose, é o que eu preciso de lhe explicar, é o que suplanta a nossa necessidade do divino. É aquilo que conseguimos fazer, a magia humana. Não falo das modificações normais, quotidianas que são próprias da vida moderna (na qual, como alguém disse, só o temporário é contemporâneo); nem sequer das naturezas adaptáveis, camaleónicas, que se tornam tão comuns neste século de migrações; mas sim duma capacidade de mudança, mais profunda, mais sísmica, que só se revela sob uma extrema pressão. Quando enfrentamos a Desmesura. Nesse momento crítico podemos eventualmente transformarmo-nos noutra forma, definitiva, uma *forma para lá da metamorfose*. Uma coisa nova e fixa.

Três de nós atravessámos uma membrana no céu e fomos transformados por essa experiência. É verdade. Mas o que também é verdade é que essas transformações não foram, nessa altura, completas. É talvez mais rigoroso dizer que entrámos numa zona de trânsito: criámos condições de transformação. Uma fase de transformação na qual podíamos ficar encerrados para todo o sempre e que só a força irresistível da Desmesura nos pode obrigar a ir até ao fim.

A Desmesura mostra o seu rosto a Ormus Cama. Tornou-se um factor de transformação. Para ele, sejam quais forem as consequências, não pode haver recuo.

Para Vina e para mim próprio — e é o que eu preciso que ela compreenda — a Desmesura tomou a forma do nosso duradouro, intermitente mas inescapável amor. E assim: se ela deixar Ormus e vier para mim, as nossas vidas vão-se transformar completamente, e nós próprios nos modificaremos de forma espantosa, mas a nova forma que então emergir — ela e eu, juntos e apaixonados — vai durar para sempre. Para sempre e mais um dia, porra.

Estou a apertar-lhe os parafusos? Nem mais. Repito: só sob uma extrema pressão nos podemos transformar naquilo que é a nossa mais profunda natureza. Licas, atirado às águas por Hércules, perdendo a vida por puro terror, ficou transformado num rochedo. Transformado *para sempre* em rochedo, podemos sentar-nos em cima — em cima dele — lá no Golfo de Eubeia, não longe das Termópilas.

É isso que as pessoas se enganam quanto à transformação. Nós não somos seres proteicos e ocos, mudando de forma constantemente. Não



somos ficção científica. É, como quando o carvão se transforma em diamante. Fica sem qualquer possibilidade de voltar atrás. Podem apertá-lo o mais que puderem, nunca se transformará numa bola de borracha, ou numa pizza de quatro estações ou no auto-retrato de Rembrandt. É definitivo.

Os cientistas zangam-se quando os leigos fazem confusões, por exemplo, com o princípio da incerteza. Numa época de grandes incertezas é fácil confundir ciência com banalidade, acreditar que Heisenberg se limita a dizer: é lixado, rapazes, não podemos estar certos de coisa nenhuma, é tudo lixadamente *incerto*, mas não é também, lixadamente *belo*? Enquanto que o que ele diz é exactamente o contrário: se soubermos o que estamos a fazer, podemos determinar o valor exacto da incerteza de qualquer experiência ou progresso. Para o conhecimento e para o mistério podemos agora atribuir valores de percentagens. Um princípio de incerteza é também uma medida de certeza. Não é um lamento sobre areias movediças, mas sim uma avaliação da solidez do solo.

*Pela mesma amostra*, como nós dizemos em “Hug-me”, fico aborrecido quando as pessoas não entendem a mudança. Não estamos a falar de qualquer noção esotérica. Mas sim do estímulo à nossa natureza essencial, aos nossos secretos corações. A metamorfose não é um capricho. É uma revelação.

Em vários bares à volta da Praça de Armas, na Calçada da Independência do Sul, na Rua dos Mariachis, aprendo as diferenças entre as tequilas. Sauza, Angel, Cuervo, as três grandes distâncias. Para mim a escolha é entre Sauza e Angel, mas talvez não tenho provado suficientemente a outra, hey, *camarero*, mais uma, *hombre, muy pronto*. A tequila branca é a mais barata; depois o repousado, com três meses de idade; mas as boas, só as de três gerações, a expressão é um exagero mas vale bem a pena escolher as de seis a doze anos. A certa altura fui ver o mural de Orozco *O Homem em Chamas*. Agora é uma instituição nacional, um grande nome mas, nos anos trinta, o pintor teve que fugir para a América, onde ganhou a sua reputação; a história do costume, é precisar deixar a pátria e fazer com que os *gringos* nos apreciem antes de podermos ser famosos entre os nossos. Cinco minutos mais tarde, habitualmente, chamam-nos um sucesso de bilheteira, mas Orozco é ainda admirado. Homem feliz.

Ela fez a sua escolha e não fui eu o escolhido. Escolheu não mudar..

Com ajuda das três gerações da destilaria Angel começo a preocupar-me com o que farei no resto da minha vida. Só tenho quarenta e dois anos. Merda, ela é mais velha do que eu, que é isto, será que todas as mulheres com menos de quarenta não querem saber de mim? Não sei. Só espero que se conseguir beber as tais três gerações, ficarei incrivelmente mais velho. Três gerações mais, por favor, *camarero*. Aqui estão elas. A primeira que gerou a segunda que gerou a terceira. Já me sinto melhor. As mulheres parecem cada vez mais novas. O criado parece que tem asas.

Se tivesse uma alma, vendia-a e comprava os desejos do meu coração. Mais três gerações, por favor, senhor criado.

Eu acho, *senor*, que já chega. Qual é o seu hotel. Se quiser, chamo-lhe um táxi.

\*

Em 13 de Fevereiro de 1989, a penúltima noite da sua vida (já falámos disto) a legendária cantora Vina Apsara escolhe o playboy Páramo, um inútil completo, um homem que usa jóias como agente da minha humilhação sexual. Estou à espera dela no átrio do hotel quando ela aparece seminua entre duas fudas, nos braços daquela patética nulidade, que sorri tão parvamente como o idiota da aldeia a quem saiu a sorte grande, e cujo fim, como se verá, ainda está mais perto que o dela. Ela pára precisamente em frente de mim, achincalhando-me, agarrada a ele a não mais de meio metro do sítio onde eu estou. Está a fazer a sua declaração. *Tu não és nada na minha vida, Rai, ainda menos que este palhaço; por isso faz-me um favor: desanda daqui e vai morrer longe.*

No entanto eu também recebi dela, durante toda a minha vida, lições da arte de esperar, como um cão, por quaisquer restos dela própria que decida atirar na minha direcção. Abandonando o que resta do meu orgulho, dou uma principesca gorjeta ao homem da segurança e sou autorizado a passar a noite no corredor do hotel, à porta da sua suite, sentado num banquinho desdobrável — todos os fotógrafos têm um, bem como um sexto sentido para sarilhos e um pequeno escadote ultraleve — pronto a lançar-me aos pés de Vina e suplicar-lhe que me deixe voltar para qualquer quarto escuro da sua vida.

Tal como Vina outrora se sentou no exterior da porta fechada do quarto de Ormus, à espera de ser autorizada a entrar para poder cuidar dele, assim também fico à espera dela. Somos o eco um do outro. Somos o toque de

campainha nos ouvidos um do outro.

Agora é meio-dia do dia de S. Valentim. Já aqui estivemos antes. Eis Vina, em pânico e sem saber o que fazer, no corredor fora da porta fechada da sua suite, a fugir do seu amante moribundo. Eis Rai, o seu cão fiel, pronto como sempre a oferecer os seus abjectos serviços.

Já aqui estivemos antes. Já passaram duas horas e um helicóptero está a sobrevoar piteiras azuis. O meu breve exílio está a chegar ao fim; sendo os seus sentimentos ditados pelas suas necessidades, Vina vê-me de novo como um aliado indispensável, seu único auxílio e apoio naquele momento. Sou um rochedo, tal como Licas, deitado às águas. E um rochedo não sente qualquer dor.

Voamos sobre a sua equipa, na estrada, lá em baixo. *De todos vocês, meus sacanas, ele é o único em quem posso confiar.* Vina acha a confiança uma prisão, declara a sua confiança em mim.

Está gravemente abalada pelo caso de Raúl Páramo. Nos seus auscultadores oiço o som nostálgico de “Hung-me”, o calão da nossa juventude. Foi há tanto tempo. Mais tarde, ao recordar-me, sentir-me-ei muito comovido pela ideia de que Vina, perto do seu fim, fechou o círculo e regressou ao nosso princípio. Claro que esta linguagem pessoal era útil para esconder a nossa conversa dos auscultadores do piloto e do co-piloto, mas isso talvez bastasse termos falado em inglês. Ela foi mais longe do que era preciso, ressuscitada a velha Bombaim na atmosfera quente e seca do México. Ao recordar tudo isso, não posso deixar de pensar que a sua decisão reforça a nossa intimidade; como que uma promessa para o futuro.

Já aqui estivemos antes. Sabemos que essas promessas não podem e não irão ser cumpridas.

Ela é uma mulher preocupada: a polícia, Páramo, as drogas. Chega a estar — o que é insólito — preocupada comigo. Poderei eu perdoar-lhe a maneira horrível como me tratou, etc., eia às vezes perde a cabeça e vai magoar as pessoas de quem mais gosta, e como é que eu ainda tenho força para estar ali com ela? Para não me ter ido embora? Para lhe dar mais uma oportunidade.

Mas por favor, por favor, dá-me um compasso de espera quanto ao nosso amor, porque neste momento não sou capaz de pensar como deve ser. Fico-te a dever isso até ter a cabeça clara. Rai, tu que esperaste todo este tempo, ainda podes esperar mais alguns dias.

Naquela linguagem dos amores infantis, oiço as palavras que me fazem parar o meu coração de adulto. Muito bem. Vou esperar digo eu. Fico à espera, Vina, mas não por muito tempo.

Abraça-me, querido, abraça-me. Aguenta, meu tonto. Vá lá, vá lá...

O calor terrível, a multidão entusiasmada no campo de futebol, os dois Bentleys prateados de Don Angel Cruz, os bichos aterrorizados, os mariachis e Vina a cantar *Trionfi Amore*, a última canção que alguém a ouviu cantar.

*... it cor tormenta*

*Al fin diventa*

*Felicità.*

Depois o terramoto. Agarro nas minhas câmaras e disparo, e para mim não há mais sons, só o silêncio do acontecimento, o silêncio da imagem fotográfica.

*Tequila!* Já aqui estivemos antes. Nos tempos de Voltaire pensava-se que correntes subterrâneas de enxofre ligavam os lugares dos sismos. Enxofre, cheiro do Inferno.

\*

Perante a brilhante magnificência da vida quotidiana, o artista é simultaneamente humilhado e provocado. Existem hoje em dia fotografias de acontecimentos numa escala inimaginável: a morte das estrelas, o nascimento das galáxias, perturbações cósmicas próximas da aurora do Tempo. Miríades de sóis rutilantes giram na vastidão selvagem do céu. Galáxias de glória, Torres de Pisa celestiais erguidas no Campo de Miracoli, inclinam-se no enquadramento. Quando contemplamos estas imagens, vemos, isso sim, verdadeiras maravilhas ao nosso alcance, longínquo. Mas seria estultícia gabarmos estes fracos trabalhos — as façanhas do telescópio Hubble, os milagres dos computadores, os colorizadores, toda a contrapartida real dos feiticeiros-de-imagens de Hollywood — quando o Universo apresenta um espectáculo absolutamente incomparável. Perante a majestade do real, que fazer senão curvamos a cabeça?

É esmagador. E, naturalmente, irritante.

Há qualquer coisa em nós que acredita que somos dignos das estrelas. Se, na encruzilhada, virarmos à direita encontramos Deus; à esquerda está a Arte, a sua desmedida ambição, os seus esforços irreverentes e gloriosos. Nos vossos corações acreditamos — *sabemos* — que as nossas criações

podem assemelhar-se à Criação; mais do que isso, as imagens que criamos são uma parte importante da grande tarefa de *fazer o real*. Sim senhor, atrevo-me a fazer esta afirmação. (Geralmente só faço afirmações destas quando estou sozinho na privacidade da minha casa de banho, mas hoje todas as verdades de casa de banho devem vir a lume.)

Por exemplo: ninguém ainda conseguiu fotografar as fendas cósmicas que Ormus acredita serem responsáveis pela série de catástrofes do nosso tempo. Conseguir tais imagens teria como consequência uma profunda mudança da realidade, uma alteração de primeira grandeza na nossa compreensão do mundo.

E, contudo, temos uma imagem recente de um sismo solar. Apareceu nas primeiras páginas de todo o mundo, em cores brilhantes. O sismo solar aparece como uma bolha a rebentar na superfície de uma papa dourada e espessa. E, contudo, as rugas dessa bolha são maiores que sete Everests em cima uns dos outros — atingem mais de sessenta quilómetros de altura.

Se não tivéssemos essa fotografia, às notícias desse abalo faltaria um sentimento de realidade. Mas agora todos os leitores de jornais do planeta estão, trémulos, a fazer a mesma pergunta.

*O sol também tem problemas?*

E assim uma fotografia pode dar sentido a um acontecimento.

Às vezes, mesmo quando é uma falsificação.

Na minha última fotografia de Vina, o chão que ela pisa está estalado como um pavimento danificado e todo alagado. Ela está de pé num troço da rua que se inclina para a direita; ela, para compensar, inclina-se para a esquerda. Tem os braços abertos, o cabelo agitado pelo vento; tem uma expressão entre a raiva e o medo. Atrás dela, o mundo está desfocado. Há a sensação de erupções sísmicas à volta do seu corpo oscilante: torrentes de água, terror, fogo, tequila, pó. Esta derradeira Vina é a encarnação duma calamidade, uma mulher, *in extremis* que, por acaso, é uma das mulheres mais famosas em todo o mundo.

Depois do desaparecimento de Vina Apsara na Villa Huracán, a minha foto do terramoto juntou-se ao pequeno número de imagens fotográficas — a saia esvoaçante de Marylin, a menina indochinesa a arder, o nascer da Terra visto da lua — que se transformaram em *verdadeiras experiências*, parte da memória colectiva da raça humana. Como todos os fotógrafos, tive a esperança de acabar os meus dias com o meu nome ligado a umas tantas

imagens poderosas, mas o retrato de Vina acabará por ultrapassar as minhas mais ambiciosas expectativas. *The Lady Vanishes* (Senhora Desaparecendo), tal como será conhecida, será certamente a fotografia da minha amarga posteridade. E por isso, pelo menos num sentido, Vina e eu ficaremos para sempre juntos, apesar de tudo, uma consumação que eu desejei toda a minha vida, ainda mais ardentemente do que desejei o meu sucesso profissional. Vamos ficar ligados para todo o sempre, para lá da esperança, para lá da vida: metamorfoseados pela Desmesura em Eternidade. Mas enganava-me quanto à força metamórfica que exerceria sobre nós as suas artes mágicas. No nosso caso não foi o amor, mas a morte.

Cuidado com aquilo que se deseja.

No início da minha vida de fotógrafo, pratiquei uma fraude pouco gloriosa: fotos tiradas por um fotógrafo que iria morrer logo a seguir, fi-las passar por minhas. E desde então — embora para mim próprio tenha temporariamente conseguido suprimir a recordação daquele tacão desatarraxado, daquele outro homem que assombra a minha vida — sempre senti a necessidade do equivalente agnóstico da redenção; chamemos-lhe respeito por si próprio. Que grande ironia: quando, finalmente, crio um dos ícones do nosso tempo, só posso desejar que nunca o tivesse feito. Também reconheço, duma vez por todas, que Vina merecia muito mais do que qualquer fotografia que eu lhe tirasse; não suporto ficar apenas com este reflexo da sua infinita variedade.

Fiquem com a merda das fotografias. Quero é que ela volte.

E ainda: como a foto vai aparecer ligada às notícias daquilo a que continuo a chamar o seu desaparecimento por me ser muito difícil empregar a outra palavra, aquela imagem ficará para sempre associada, na mente do público, àquele momento de terror. As pessoas são assim. Mesmo sabendo que não podia haver nenhum fotógrafo presente no momento final de Vina, aceitamos sem problemas a autenticidade da imagem. A minha foto de Vina numa devastada rua de Tequila transformando-se, sob a pressão da necessidade que o mundo tem de coisas extremas, sob a pressão daquela manifestação da Desmesura, no retrato de uma estrela no momento da sua, diremos, da sua morte.

E assim é ela uma espécie de falsificação involuntária. Mais uma fraude. Ainda que eu tente estabelecer a verdade e conte a história daquela foto vezes e vezes sem conta, ninguém presta atenção. Já sabem tudo o que

precisam saber. *The Lady Vanishes*. O mundo já decidiu.

\*

Já aqui estivemos.

Eis um helicóptero, planando sobre o solo fendido. Eis a mulher que eu amo chamando por mim lá de cima. *Então vou-me embora*. E eu grito-lhe cá de baixo: Não posso ir. *O quê?* vai-te embora. *Vai-te lixar*. Como? *Adeus, Esperança*.

E é isto o que as pessoas dizem quando não dizem o que pensam.

*Então vou-me embora. (Vem comigo por favor, preciso de ti, não acredito que não venhas comigo.)* Não posso ir. (Minha querida, eu bem queria nunca te perder de vista, mas que merda! tu é que me deste pontapés, não te lembras? queres ver as nódoas negras? e desta vez não fui eu que comecei. Irei ter contigo assim que puder, e acho que podes esperar por mim. Se me queres, espera por mim. É, é um teste. Pois é. Talvez seja mesmo.) *O quê?* (Meu sacana, pensas que mandas em mim? Por amor de Deus, Rai, não brinques comigo, agora não, hoje não.) Vai-te embora. (Não estou a brincar. Amar-te-ei para sempre e mais um dia. Mas esta é a minha profissão. Irei ter contigo num instante. Vai. Eu já vou. Amo-te. Vai.)

*Vai-te lixar. (Em primeiro lugar nunca quis que tu viesses para o México, porra, mas tu vieste a mesma, por isso vai-te lixar, isto se calhar prova não sei o quê e eu magoei-te sem razão nenhuma, vai-te lixar e tu socorreste-me, isso realmente abalou-me, vai-te lixar e por isso confiei em ti, a sério, porra, depois a terra tremeu e tu abandonaste-me, vai-te lixar talvez até te ame merda amo-te mesmo Rai amo-te, porra. De verdade.)*

O quê? (O quê ???)

*Adeus, Esperança. (Adeus até breve meu sacana, mas depois disto nunca mais te vou perder de vista. Na próxima vez que eu te vir vai ser o primeiro dia do resto da nossa vida.)*

Durante muitos anos, todas as noites, repassei na minha cabeça este diálogo de gritos e agora acho que é este o seu verdadeiro sentido. Talvez *Adeus* seja o princípio de um *olá* nunca acabado. Espero que sim, espero que sim. Embora este sentido torne ainda mais pesada a perda e a dor mais difícil de suportar.

\*

O piloto diz à repórter da Televisa: *Señora*, nós passámos sobre montanhas para chegar à costa e, lá em baixo, era um espectáculo de

quebrar o coração. Os nossos pensamentos voavam para as nossas famílias, isso é verdade, mas cumprimos o nosso dever até ao fim. Não conseguimos falar para Villa Huracán, o telefone estava cortado, mas a famosa vedeta insistiu em cumprir o que estava combinado, estava sempre a dizer “mais depressa, não conseguem andar mais depressa?” nenhum homem lhe podia dizer que não, portanto esforçámo-nos ao máximo e quando chegámos a El Huracán, parecia que ela tinha tido sorte, tudo estava intacto, em toda a nossa pátria devastada aquele canto estava intacto para a receber. Conforme o plano pré-estabelecido, aterrámos na praia ao pé da escarpa e ela subia a pé até El Huracán. Mas na praia não havia ninguém para lhe carregar as malas que, como pode imaginar, eram muitas já que ela era uma vedeta na moda. Com certeza que levamos as malas, não há problema, mas devem compreender que estamos preocupadas com o helicóptero e também, confesso, sinto um grande desejo de ir ter com a mulher e filhos em Acatlán. Mas a vedeta teima e é uma pessoa com muita força e com grande poder de expressão, não sei se estão a ver, e finalmente é com seu acordo que deixamos as malas pousadas no primeiro degrau da descomunal escadaria, fazemos as nossas despedidas e voltamos para o helicóptero. — Como diz? — claro que ficámos preocupados com a segurança dela. Por isso voámos em círculo, por duas vezes, sobre os edifícios e não nos fomos embora até o vermos, ao outro cavaleiro que lá estava. — Não, infelizmente não identificámos ninguém, a não ser a senhora que ficou na praia. Não tivemos outro remédio senão deixá-la sozinha. Isso é uma acusação indecente. Naquele momento a situação em El Huracán era ainda normal. Quando nos fomos embora não havia nenhum sinal de desastre.

O patrão da Colchis Mo Mallick conversa com Larry King na CNN. O seu cabelo loiro pelos ombros, os seus óculos severos, o seu perfil fabuloso. Alguns fragmentos: Claro, Larry, estávamos com medo, admito-o, quem não estaria... A casa tem, ou acho que tenho que dizer *tinha* o seu próprio gerador, percebe, por isso tínhamos energia eléctrica mas os telefones, a água, tudo isso tinha sido destruído, como soubemos depois, ao longo da costa, digo-lhe que isso nos fez pensar duas vezes... E tinha convidados, Larry, o maior escritor chileno vivo e a sua encantadora esposa americana, também eram da minha responsabilidade percebe, e o que é que posso dizer, nunca pensei que ela tivesse voltado, percebe o que quero dizer? Não era propriamente altura de mais uns dias de farra à beira do velho Pacífico. Ora



veja: o pessoal tinha fugido como ratos, sem querer ofender, compreendo muito bem o que é que eles sentiam, provavelmente eu teria feito a mesma coisa, mas seja como for, eles *fugiram*. E eu pensei, como é que eu e os meus convidados podemos chegar rapidamente a um lugar seguro, seja lá onde for? Até agora tivemos sorte mas é preciso não abusar... não me passou pela cabeça que ela ia aparecer ali, sem nenhum plano de salvação, está a ver? Ali nam... pip da praia. — Como diz? — Ah o piloto diz que viu... — Não Larry, não posso saber quem ele terá visto. O pessoal não foi e eu e os meus convidados também não. Se havia alguém a vaguear por ali, pobre diabo, para mim é uma novidade. Talvez um tipo para pilhar alguma coisa. Não quero ser perjurativo, mas aqui na Califórnia seria o mesmo, sem qualquer dúvida, os tempos de incerteza atraem os ladrões. Terá pago caro, brrr...

A intensidade de um sismo tem a ver com a sua área, a quantidade de terra deslocada, a solidez da rocha do local. Essa intensidade — cientificamente chamada *magnitude* cresce numa escala logarítmica de um a nove, em que cada grau é dez vezes maior que o anterior. Um sismo de magnitude nove é um bilião de vezes mais forte que um abalo de grau um. Este sistema de medida tem o nome do sismologista americano Charles Richter. Por outro lado, a intensidade de um sismo definida pelo índice de destruição provocada, é medida de I a XII na chamada escala de Mercalli. O monstruoso sismo que abalou a costa mexicana do Pacífico em 14 de Fevereiro e que arrasou El Huracán, a aldeia vizinha de Aparajitos, as cidades de Puerto Vallarta no sul e de Mazatlán no norte, atingiu o nove na escala de Richter e também o XII da escala de Mercalli, o que significa destruição total. Os sismologistas detectaram o aparecimento de uma nova e gigantesca falha de uns mil quilómetros de comprimento e cem quilómetros de largura estendendo-se mais ou menos precisamente ao longo da linha da costa. Os piores tremores de terra ocorrem nas zonas de colisão das placas tectónicas quando uma se mete por debaixo da outra. Em 1960 um sismo de 8,5 graus de magnitude destruiu completamente um grande pedaço do Chile. Para a comunidade sismológica internacional, o sismo de Aparajitos em 1989 assinala a súbita e devastadora extensão para norte daquela tremenda guerra subterrânea, o choque colossal de duas grandes placas. É um acontecimento excepcional na história geológica da Terra. Uma brecha ao longo da eterna fronteira entre a terra e o mar.

Outra possibilidade, evidentemente, é que ele tenha sido a primeira grande calamidade causada pela colisão de dois mundos descrita por Ormus Cama no boletim que mandou publicar em todo o mundo e que tanta chacota causou: o princípio de um fim inimaginável.

\*

Ela está sozinha quando aquilo acontece. Talvez esteja no terraço dos pequenos-almoços, debaixo de um gigantesco freixo, bebendo uma margarita feita com tequila de três gerações, pensando nos órgãos genitais do romancista chileno, ou em Ormus Cama e na sua pala, nas suas dores de cabeça, nas suas profecias. Ou pensando no futuro; em mim. Ao imaginá-la, imobilizo-a de novo num silêncio de fotografia. Se os pássaros gritam, se o vento uiva subitamente nas árvores, se, como na ilha de Próspero, a selva por detrás de El Huracán se enche de estrondos, não quero saber. Vem aí uma tempestade mas eu não estou interessado em feitiços ou em usurpações.

Vina não está só. Caliban emerge da floresta para reclamar aquilo a que, por nascimento, tem direito. Vina não está ameaçada. Mas luta. Não, não há nenhuma luta. Não há nenhum Outro. O piloto mentiu para se fingir mais responsável, para salvar a face; foi só isso. O Outro é um fantasma, uma invenção. Ela está sozinha, com um margarita na mão, o pôr-do-sol é lindo. Nos seus últimos minutos, ela está envolvida por toda aquela beleza. Talvez esteja a cantar. Gosto de a imaginar a cantar contra um céu laranja e púrpura.

Ainda que não oiça mais nada, oiço a sua voz heróica erguer-se numa canção.

E então a terra abre-se e, pura e simplesmente, engole-a como se fosse uma boca.

Uma grande extensão da costa do Pacífico é igualmente devorada naquele momento. O deslizar das camadas tectónicas é de onze metros: enorme. O oceano ferve e precipita-se para a brecha, para o rasgão da realidade. Água, terra, fogo projectam-se para o céu. As mortes, os *desaparecimentos*, medem-se em dezenas, em centenas de milhares.

A terra fecha-se sobre o seu corpo, morde, mastiga, engole e Vina desaparece.

\*

Não consigo ordenar devidamente os meus pensamentos. — *Receio não*

*estar no meu perfeito juízo.* — Ela jaz, desfeita, no fundo do abismo! — Vina, a alegria da vida, o símbolo da nossa humanidade — desaparecida! neste século de desaparecidos — tanta gente de que não há registo — a humanidade oferece à deusa-terra o seu maior tesouro, Vina!!, e a deusa, em vez de se dar por satisfeita, sente o seu apetite monstruosamente estimulado e engole mais cem mil vítimas. Ormus, ela está perdida para qualquer de nós, esmagada por aquele abraço de lama — tu bem o disseste, Ormus, as palavras foram tuas, a terra precisa de aprender o rock'n' roll — homem louco, devo deitar-te as culpas ou abraçar-te? — quando cantaste a tragédia deste-lhe vida? — não podes então cantar de forma que ela regresse à vida, a ti, a mim?

*Esta foi a mulher por amor da qual  
mais lamentos brotaram de uma lira  
do que das bocas de todas as mulheres que choram  
desde que o mundo é mundo. Cujo luto  
fez nascer um mundo — fez com que novo voltassem todas as coisas,  
as florestas, os vales, as estradas, as aldeias;  
o gado, campos e ribeiros; um mundo como o nosso  
rodeado de sol e apoiado nas estrelas como o nosso —  
mas de outro modo disposto, dentro  
daqueles novos paraísos. Assim tanto foi ela amada.*

A escala da catástrofe reduz a zero a dimensão das tragédias individuais. Tamanho número de mortes, tamanhas destruições estruturais ou infra-estruturais, tão grande golpe na alma do país, e mais, no bem-estar da raça humana à superfície da terra. Estradas, pontes, pistas de aviação, montanhas inteiras ficaram em ruínas ou foram engolidas pelo mar. Uma gigantesca operação de socorro está em marcha e o acesso à área devastada está vedado a toda gente excepto aos militares e às equipas de socorro. Algumas equipas de televisão e alguns fotógrafos recebem autorização e são para lá levados por helicópteros militares. A ajuda internacional exige imagens. Podemos ser úteis. A agência Nabucodonosor — da qual nunca me demiti formalmente — arranja-me uma boleia.

E cá estou no coração das ruínas enquanto a fotografia de Vina aparece em todas as primeiras páginas do planeta; ela torna-se o rosto da catástrofe. Fico a olhar para cenas dignas de Bosch — cabeças de crianças nos ramos de árvores meio-destruídas, pernas nuas de mulher saindo verticalmente da

terra como duas espadas gêmeas — cenas que dão volta ao estômago mesmo de um fotógrafo de guerra. Não tenho consciência de ter contribuído para o nascimento de um mito. Mesmo quando o coronel encarregado das relações com a imprensa se dá ao trabalho de organizar um voo sobre o local onde estava a Villa Huracán, continuo sem perceber nada. O coronel está só a acompanhar o culto do Mundo Ocidental para com as celebridades, penso eu. E provavelmente tem razão: é bom material para mais umas colunas, que reduzidas a dólares, farão desse itinerário uma fonte de dinheiro. Mas no que toca às imagens, não são diferentes das outras: a terra destrozada, a invasão do mar, as árvores arrancadas. Imagens típicas de tremores de terra, nenhuma piscina, nenhuma cabana, nenhuma starlete morta. Estou mergulhado nestes amargos pensamentos quando subitamente entro em desespero. Começo a chorar no meu assento até que sinto o ranho escorrer-me do nariz. Choro como um cão a uivar sobre a campa da sua dona. Até que um operador de som da TV me manda calar a boca, faço mais barulho do que as pás do helicóptero, o meu desgosto está a estragar a gravação.

Aqueles penedos caídos são a sua pedra tumular, aquele desmoronamento a sua tumba. Grito o seu nome. Vina, Vina.

Quando voltamos a aterrar no aeródromo militar de Guadalajara, o coronel, um homem da minha idade, vem ter comigo. Você conhecia-a, não é? — É, disse eu. — Então esta foto é sua? Tira a carteira, e de lá, dobrada, a imagem de Vina, com um sorriso nervoso, na rua alagada de Tequila. Olho para aquela imagem, uma reprodução de má qualidade em papel de jornal, enquanto o vento procura tirar-ma da mão. *Senor*, é uma altura de grande tristeza para si, diz o coronel, mas por favor será possível dar-me o seu amável autógrafo nesta foto?

Entontecido, assino o meu nome.

Ormus Cama chega a Guadalajara num fato de linho preto e uma pala de veludo também negra, apoiado no enorme Will Singh e na minúscula, delicada Clea, com um pelotão de outros Singhs para o defenderem do mundo. Reservou dois andares do gigantesco Hotel Hyatt, na Plaza del Sol na Zona Rosa, moderna e americanizada: um andar inteiro só para ele, outro para os Singhs. Clea vem à minha procura à minha modesta residência. Venha, se faz favor, diz ela. O senhor é a única pessoa do mundo que ele deseja ver.

A face magra e grave de Clea está extremamente preocupada, os seus óculos enormes têm uma armação de plástico transparente e lentes tão espessas que ela fica praticamente cega quando os tira; é impossível calcular mas deve ter qualquer idade entre os sessenta e os cem anos. Mas quanto à sua eficiência, à sua férrea lealdade a Ormus, à sua infatigável diligência, não há nada para calcular.

Já foi muito tempo, digo eu. (O que significa: o que posso eu dizer àquele coração enlutado e desfeito? Eu, o menos indicado. Devo dizer-lhe a verdade? Onde acaba a honestidade e acaba a crueldade? O que é que importa mais: a minha necessidade de ser conhecido como amante dela ou a necessidade dele de não saber de nada? Deixem-no viver na ignorância. Já tem muito com que se preocupar, nomeadamente com o fim do mundo e tudo isso.)

Clea aperta os lábios, alisa a sua saia comprida, abana levemente a cabeça. A minha resposta não merece a sua aprovação.

Vocês foram amigos, diz ela, como se isso arrumasse a assunto. Vencido, sigo-a a até à limusine que nos espera.

O andar de Ormus é como o *Marie Celeste*<sup>77</sup> perturbantemente silencioso. Uma cidade fantasma de cinco estrelas no topo da cidade. Mandou-o redecorar de acordo com os seus gostos minimalistas. Quase toda a mobília foi retirada, todos os quadros e ornamentos, muitas das portas. Lençóis brancos cobrem as paredes e o chão também. Há um pequeno letreiro junto ao elevador pedindo que se tirem os sapatos. É um mundo descalço, segregado.

Caminho, só com meias, sobre aquele macio solo lunar à procura do grande homem, a certa altura começo a ouvir o som de uma guitarra acústica, proveniente de um dos quartos que ainda têm porta. É uma velha canção e eu reconheço-a logo embora as palavras sejam outras.

*Toda a vida a adorei. A sua voz de oiro, a sua grande beleza. Como ela nos fazia sentir, como ela me tornava real e a terra que ela pisava.*

*E agora não estou certo de coisa nenhuma, o preto é branco, o quente é frio; porque aquilo que eu adorava roubou-me o meu amor, a terra que ela pisava sob os seus pés.*

*Ela era a minha terra firme, o meu som favorito, o meu único amor, o céu por cima de mim e a terra sob os meus pés.*

*Vai suavemente pelo teu escuro caminho, vai suavemente para debaixo da*

*terra, irei lá ter um dia destes, não terei descanso até que te encontrem.*

*Deixa-me amar-te, deixa-me salvar-te, deixam-me conduzir-te até onde os nossos caminho se encontram. Volta cá para cima, onde há só amor e a terra sob os teus pés.*

Talvez no outro mundo ela não esteja morta, tenho que ir lá procurá-la, diz Ormus, ao ver-me de pé, franzido e trémulo, à entrada da porta. Assim aquela sua suposta realidade alternativa tornou-se numa versão do mundo de Rilke, criado sobre o luto, um cosmos de lamentos *como o nosso, mas diferentemente instalado por entre aqueles outros paraísos*. Um mundo de desgostos materialmente em canções, em arte. Seja o que for. Liberto-me do feitiço da música. Ela está morta e essas fantasias não me servem de nada.

Ela tinha razão em não confiar em nada, digo eu em voz alta. Até a terra a traiu. Mas ainda que não confiando em nada, ela estava disposta a jogar no amor, o que era heróico, nada mais nada menos. Paro aqui sem especificar: amor a quem, a quantos. Deixem lá.

Ormus está sentado, de pernas cruzadas, no chão daquela sala enorme e vazia, com uma guitarra rústica, de doze cordas, nos joelhos. Está com muito mau aspecto; o cabelo está quase todo branco e muito ralo. O rosto está cinzento e doente. Numa teve excesso de peso, mas agora perdeu muitos quilos. Parece um velho e tem apenas cinquenta e dois anos.

Eras tu, pergunta ele sem olhar para mim. No palacete, o outro homem eras tu? O fotógrafo, etc. Preciso de saber.

Não, respondo. A fotografia foi tirada antes. Nunca lá estive a não ser depois, com os outros jornalistas.

Um silêncio. Abana a cabeça lentamente, duas vezes. *OK* Isso ele aceita.

Sempre soube que havia outros, um outro, diz ele, numa voz sombria, continuando a olhar para a guitarra. Pedi-lhe que nunca me revelasse quaisquer detalhes. Tudo o que ela disse é que ele era completamente diferente de mim.

*(Lembro-me duma coisa que ela disse. Vocês são mais parecidos do que julgam. Só que ele está em decadência... e tu pelo contrário...)*

Tudo o que ela disse, prossegue Ormus, é que se tratava de uma atracção física, enquanto que entre nós os dois havia tudo, o amor. (A sua boca torce-se num rictus amargo. E acho que a minha também.) O que era ao mesmo tempo penoso porque, obviamente, eu não satisfazia as suas necessidades nem a consolava, já que ela me disse que não se iria embora. Mas agora os

jornais dizem que o outro homem, fosse ele quem fosse, era muitíssimo parecido comigo. Chegaram a pensar que era eu próprio, telefonaram a perguntar se eu tinha estado no México. Clea e o escritório tiveram que resolver o caso. Muito divertido, realmente. Só soube da morte dela porque elas queriam saber se eu também tinha morrido.

É só especulação, disse eu. Tanto quanto eu sei, não há qualquer vestígio de outra pessoa e muito menos qualquer descrição do aspecto dele. Ou dela. É só lixo dos jornais.

Quando ela estava viva, não conseguia deixar de pensar no outro. Mas agora preciso de saber quem era ele. Ela é a minha porta de acesso a ela, tu percebes isso. De acesso ao seu submundo, à sua outra realidade. Seja ele quem for pode ajudar-me a encontrá-la. Pode trazê-la de volta. Queres que eu te diga quem eu penso que é?

O meu coração dá um salto. Quem é, pergunto.

Gayo, responde ele. Gayomart o meu irmão gémeo, que fugiu da minha cabeça. Assim tudo faz sentido, não vês? Ela ia para a cama com ambos, precisava de conhecer os dois lados da mesma história. E talvez ele tenha morrido com ela, mas talvez, pelo contrário, ainda ande por aí. Tenho que saber a verdade.

Vejo que ele não está bom da cabeça. Tem uma consciência intermitente que vem à superfície entre longos e devastadores períodos de hibernação e não é capaz de ver as coisas como elas são, para além das paredes que o rodeiam. Estás enganado, digo-lhe eu. As tuas palavras são inúteis e estúpidas. Canta lá a tua canção, canta, e diz-lhe adeus.

Não estás a perceber, diz ele olhando-me finalmente nos olhos. O mistério da sua vida tornou-se agora tão horrível como a sua própria morte. Tu eras amigo dela, Rai. Eu sei que nós nos afastámos mas ela sempre gostou de ti. Ajuda-me.

É altura de me ir embora. Encolho os ombros e abano a cabeça.

*Não.*

Chama-me enquanto me afasto. *O sítio do sismo*, quer ele saber, *era sólido?* O que me faz parar e virar-me. Era um campo de destroços, se é isso que tu queres saber. Era como se tivesses a fotografia de um sítio belíssimo e, sistematicamente, destruísse tudo o que estava na foto. Era isto.

Ormus continua a abanar a cabeça. Tudo está a perder solidez, diz ele.

Não penso que o mundo possa sobreviver, não tem solidez suficiente. Por isso, esses lugares onde ele começa a ceder, a rasgar-se, tornam-se quase transparentes. Viste isso, não viste? A pouca solidez. A fraqueza de tudo aquilo.

Vi uma catástrofe, digo eu. Vi o sítio onde ela morreu.

\*

Ormus servir-se-á de todos os seus consideráveis recursos para perseguir o fantasmagórico amante de Vina. Irá servir-se de agências de detectives, oferecerá recompensas. Quando se sabe isto em Nova Iorque, ou seja, em toda a parte, as pessoas começam a rir-se à sucapa. Ormus está a tornar-se ridículo mas não se importa.

Em mais de uma ocasião (como mais tarde vim a saber, graças a Clea) os detectives que ele contratou apontam o dedo na minha direcção. Mas, quando isso acontece, Ormus desata a rir-se, despede-os e contrata outros.

Ele acredita que, através da superfície das coisas, pode ver outra verdade mais funda, mas continua a ser incapaz de ver o que lhe está debaixo do nariz.

\*

Ormus e eu temos uma coisa em comum. Ambos tentamos agarrar-nos à realidade da mulher que amámos, preservar e aprofundar as suas recordações. E ambos sonhamos com a sua ressurreição, o seu impossível regresso do mundo dos mortos: a nossa Vina, tal como ela era. Os nossos desejos acabam por perder sentido. Vina, depois de morta, é sacudida por uma segunda força sísmica, que, de novo, a engole e a regurgita em milhares e milhares de horrendos pedaços.

Essa força também dá pelo nome de amor.

---

[73](#) Escusado dizer que se trata de pura fantasia literária. Nesse ano não houve em Lisboa nenhum Auto-de-fé. Curiosamente, em 1758, o padre Malagrida foi queimado em Auto-de-Fé por se ter recusado a acreditar nas causas naturais do terramoto de 1755. (N.T.)

[74](#) Soma = bebida intoxicante usada em antigos rituais hindus. (N.T.)

[75](#) “Ver-te-ei outra vez no comboio para a cidade?” (N. T.)

[76](#) “A rocha anda e vacila; e cada pedra mágica sente um peso novo, que a puxa para o azul”, versos de Paul Valéry, poeta francês (1871-1945). (N.T.)

[77](#) Navio que em 1872, ao largo dos Açores, foi encontrado em perfeito



estado e sem vivalma a bordo. (N.T.)

## Capítulo 16 VINA DIVINA

*Que ela era amada, claro que sempre o soube. Os factos conhecidos sobre a sua personalidade pública não davam lugar a dúvidas: milhares de pessoas, em países que ela nunca visitara, adoravam-na pela beleza da sua voz; milhões de machos desejavam o seu corpo e sonhavam com ele à noite; mulheres de todas as idades admiravam-na e estavam-lhe gratas pela sua franqueza, a sua coragem, o seu profissionalismo; quando ela fazia campanha contra a fome, ou para a redução da dívida externa dos países do Terceiro Mundo, ou em apoio das várias organizações ambientalistas e vegetarianas, os líderes mundiais, na esperança de a terem do seu lado, de lhe poderem dar palmadinhas nas costas e ignorar os seus pedidos, ficavam em primeiro lugar impressionados, depois seduzidos e finalmente obrigados a significativas concessões, pelo brilho da sua inteligência, pela sua determinação, pela sua força; ela era imensamente formosa, fabulosamente fotogénica, irresistivelmente sexy e cheia de espírito; era a primeira Super-Star da idade da confissão que, pela sua disponibilidade em mostrar as suas cicatrizes, de viver em público a sua vida privada, de falar das suas feridas, dos seus pecados, encontrara uma linha directa para o desconfiado coração do mundo, de tal modo que, apesar de ser extraordinária, poderosa e triunfante como era, conseguia ser vista como uma mulher vulgar, embora ampliada, com defeitos mas muito valiosa, forte e fraca, auto-suficiente e carecida de afecto. Era uma deusa de pedra da Idade do Ouro, mas era também, espantosamente, um de nós.*

*Saber isto tudo não era, no entanto, estarmos minimamente preparados para a escala mundial das reacções à sua morte. Apesar de tudo, ela era “apenas uma cantora” nem sequer uma Callas ou uma Sutherland mas apenas uma entertainer” popular da “baixa cultura”, cuja banda rock, os VTO, se tinha dissolvido há quase dois anos. A sua tentativa de regresso não fora propriamente um triunfo, o seu disco a solo tinha-se vendido razoavelmente mas não muito bem. Havia sinais de uma estrela cadente. Dada a sua fama, era previsível que na imprensa, na rádio e na televisão a cobertura do seu desaparecimento seria vasta; que houvesse algumas reuniões de admiradores; que as lágrimas, algumas de crocodilo, fossem livre e oportunisticamente derramadas; que se ouvissem algumas vozes, deliberadamente hostis, profissionalmente contra a corrente a tentar*

*embaciar o brilho da sua recordação; e que alguns escândalos até agora escondidos fossem trazidos à luz. Mas a verdade é que a reacção foi totalmente sem precedentes. Retrospectivas, álbuns de homenagem, doações a obras de caridade, um renascer do interesse pela compra de gravações mais antigas, um ou dois concertos de evocação e toca para o novo negócio; eram estas as etapas características, os sucessivos ritos de um desaparecimento.*

*Contudo Vina, mesmo morta, tinha na manga uma surpresa para todos nós.*

*Esta deusa póstuma, esta post-Vina subterrânea, rainha do submundo suplanta Perséfone no seu trono, transforma-se em qualquer coisa de simplesmente terrível. Viva e no cume da sua carreira, Vina era uma figura adorada, quase um ícone, uma presença electrizante e uma porta-voz carismática, mas não passava disso, não exageremos. Ao morrer quando a terra tremeu, fez tremer a terra quando morreu e foi rapidamente elevada às alturas de divindade, como um César.*

\*

Depois do grande sismo de 1989, o futebolista Achilles Hector é imediatamente libertado pelos seus raptos perfeitamente ileso, tornando-se assim possivelmente a única pessoa a beneficiar com a terrível tragédia. Numa conferência de imprensa, ele declara que se sente como começando a viver uma nova vida, que tendo estado tão perto da morte é como se aquela liberdade fosse uma vida póstuma e a nossa terra o próprio Paraíso. Por tão temerárias palavras ele é, como seria de esperar, censurado pela Igreja e obrigado a retirar, ignominiosamente, as suas felizes e hiperbólicas declarações. E, entretanto, a espantosa vida póstuma de Vina Apsara está-se elevando acima do poder censório de qualquer autoridade espiritual ou temporal.

\*

Em todo o mundo, quando surgem as notícias da morte de Vina, as pessoas saem para a rua, seja qual for a hora local, levados por uma força de que elas nem sequer sabem o nome. Não são as notícias do sismo que as galvanizam, nem os milhares de mexicanos mortos que eles choram, é só por ela. É difícil chorar a morte de desconhecidos, a não ser convencionalmente, quase por rotina. Os que verdadeiramente choram os cem mil mortos mexicanos, estão eles próprios entre os que morreram. Mas

Vina não é uma estranha. As multidões conhecem-na e, repetidamente, nas ruas de Yokohama, Darwin, Montevideu, Calcutá, Estocolmo, Newcastle, Los Angeles, ouvem-se pessoas descrevendo a morte dela como a de uma pessoa de família, como um luto pessoal. Ao morrer, ela reinventou o sentimento de eles pertencerem a uma família muito alargada, de serem membros da família da humanidade.

Nas linhas da frente dos conflitos armados, por todo o mundo, por entre o fumo de velhos ódios, homens e mulheres juntam-se em estradas esburacadas, em ruelas que são poiso de atiradores furtivos e abraçam-se. Ormus Cama alimentara sempre a esperança de que seria possível que os seres humanos — que ele próprio — pudessem transcender a barreira da cor da pele, não cruzando-a mas, pura e simplesmente, apagando-a: Vina tinha-se mostrado sempre céptica, pôs sempre em questão essas premissas universalistas mas, ao morrer, ela tinha realmente transcendido todas as fronteiras — de raça, pele, religião, língua, história, classe. Nalguns países houve generais e sacerdotes que, alarmados pelo fenómeno Vina, pela sua estranheza e globalidade, procuraram abafá-lo, proferindo ordens e ameaças. Estas resultaram inúteis. Mulheres de formas espessas, vivendo em sociedades onde existe segregação sexual, atiram fora os véus, os soldados da opressão baixam os canos das suas armas, os membros mais desfavorecidos de sociedades racistas irrompem dos seus guetos, dos seus bairros degradados, rasga-se de alto a baixo a cortina de ferro enferrujado. Vina derrubou as muralhas com o seu sopro, e isso tornou-a um perigo. O amor ao seu esplendor enraizado na lama espalhou-se pelas terras da repressão. Desafiando as autoridades, dançando em frente dos tanques, ligando braços em cadeias humanas diante das espingardas hesitantes, os que a choram deslocam-se ao seu compasso fantasmagórico, parecendo ser, cada vez mais, celebrantes de um culto, prontos até a sofrer o martírio em nome dela. Vina, morta, está a mudar o mundo. As multidões do amor estão em marcha.

O modelo do universo mais geralmente aceite diz-nos que, depois do *big bang*, a matéria não ficou regularmente distribuída pelo novo cosmos. Havia uns nódulos de matéria a partir dos quais nasceram as galáxias e as estrelas. Do mesmo modo a raça humana explodiu e juntou-se em nódulos. Os centros favoritos desse agrupamento não são os grandes lugares do mundo; não são os palácios nem os parlamentos, os lugares de culto ou as

grandes praças. De início as pessoas procuram os sítios onde se ouve música popular, as salas de baile, as grandes lojas de discos, os clubes. Mas estes locais mostram-se inadequados: o espaço não chega. As multidões começam então a gravitar em torno dos estádios, arenas, parques, grandes espaços abertos — são os locais mais importantes. Shea Stadium, Candlestick Park, Soldier Field, San Ciro, Bernabéu, Wembley, Estádio Olímpico de Munique, o fabuloso Maracanã no Rio de Janeiro. Até a velha auto-estrada de Altamont fica coalhada de gente. Em Bombaim, onde ela nunca apareceu profissionalmente — com excepção de um momento no palco com os Five Pennies, há mais de um quarto de século — o Wankhede fica completamente cheio. Em Tóquio, Sydney, Joanesburgo, Pequim, Teerão, os espectadores juntam-se em grande número e ficam simplesmente à espera.

Depois de um começo lento e até hostil, as autoridades de todo o mundo são obrigadas, com certa relutância, a aceitar o fenómeno. São anunciados dias de luto nacional, são propostos serviços religiosos em memória de Vina. As multidões não se interessam por essas reacções, muito atrasadas, dos grandes e poderosos. Só pedem dos governos comida, água e retretes e assim se começa a fazer.

Nos estádios completamente cheios, sistemas de som oferecem música às multidões. Essa oferta é aceite. Onde é possível, projectam-se gravações dos espectáculos de Vina nos ecrãs dos estádios. Em muitos países os programas desportivos nacionais são suspensos, os cinemas e teatros fechados, os restaurantes ficam vazios. Em todo o mundo, ao que parece, este único e congregador acontecimento: o milagre dos estádios, as pessoas reunidas para partilharem a mesma perda. Se a morte dela foi a morte da alegria em todo o mundo, esta sua vida para além da morte, era como se a alegria tivesse ressuscitado e se tivesse multiplicado.

Em muitos estádios, as multidões exigem que sejam construídos palcos e isso veio a acontecer. Homens e mulheres, isolados, sobem a esses palcos e começam a falar. Umas conversas simples, pessoais, mas não egoístas, sobre qual foi a primeira vez que a ouviram cantar, e o que isso significou para as suas vidas, na festa do seu casamento, no nascimento dos seus filhos, na morte dos seus amantes; na solidão e no companheirismo, em dias especiais e na vida de todos os dias, na juventude e na velhice.

É como se, pela primeira vez, a importância daquela música — a música

dela e a música em que ela participou — é manifesta, já que as pessoas, motivadas pela recordação de uma Vina morta e viva, encontram as suas vozes e proferem palavras de amor, toscas ou eloquentes. A música — a voz de Vina cantando as melodias de Ormus — ressoa em todo o mundo, atravessando todas as fronteiras, pertencendo a toda a parte e a parte nenhuma, e o seu ritmo é o ritmo da vida. E a voz de Ormus responde-lhe cantando a sua *Canção para Vina*. Materializado na canção, o amor deles fica suspenso no ar, a sua história liberta de constrangimentos temporais ou físicos. Esse amor, agora, é pura música.

Imortal, penso eu. Uma história imortal, no qual a história bem mortal do meu amor não tem possibilidade de ser ouvida.

\*

Aqui está um cartoon de Gary Larson a respeito de Vina e de Jesse Goron Parker, o grotesco e gordo Jesse dos seus últimos tempos, trajado de lantejoulas, engolindo comprimidos e devorando hamburgers. Estão sozinhos no quarto de um motel, espreitando o mundo através das fendas das persianas. É suposto ser o quê? O camarim dos não-mortos? Uma zona de trânsito para o Outro lado? Ha Ha Ha.

Os senhores da informação foram apanhados descalços pelo inesperado gigantismo da morte e do após-morte de Vina Apsara, mas dentro de poucas horas estará desencadeada a maior operação mediática do século, mais espectacular do que os Jogos Olímpicos, o Festival de Cannes, os Óscares, o Casamento Real, a Taça do Mundo de Futebol. Começa uma luta global em que o prémio é qualquer coisa ainda mais importante do que o “share” das audiências ou dos rendimentos da publicidade. O prémio é a própria operação. De um dia para o outro, o sentido da morte de Vina tornou-se o assunto mais importante da terra.

*Vina significat humanitatem.*

Eis Madonna Sangria, falando do sofrimento das mulheres como único acesso dos homens à compreensão do transcendente — *ela morreu para que os homens aprendam a sentir* — e dissertando sobre sublimação: *Agora que ela está tranquilizadamente morta, os homens já podem confessar como a desejaram sem, com isso, irritar as esposas.* (Madonna Sangria que, nos últimos anos, vilipendiara Vina e a sua música, vinha agora, intimamente, reocupar o lugar de guardiã da chama.)

Eis uma fã japonesa, uma jovem de beleza futurista, num traje próprio do

Planeta dos Macacos chamando a Vina Apsara o grande amor da sua vida; nenhum homem, nenhum macaco lhe tinham sido mais próximos do que aquela mulher que ela nunca conhecera.

Eis uma italiana de língua afiada fazendo Vina entrar no panteão das heroínas do século XX como o verdadeiro génio dos VTO, dona de uma voz que fazia milagres. Ormus Cama? Bah! Um parasita, uma sanguessuga.

Eis uma inglesa gorda, que fizera parte dos Runts, apanhada numa ratoeira da moda, vestida de cabedal e de prego na língua, mentindo descaradamente sobre o dia em que teria dito a Vina que ela era velha demais para o rock. Vá-se embora, avozinha, vá contar essa ao avô Cama.

Eis um importante ensaio de um grande intelectual americano, *A Morte Como Metáfora*, em que ele afirma que a força libertadora foi a vida e não a morte de Vina; a morte é apenas a morte e deve ser vista como tal: a vingança do inevitável sobre a novidade.

Eis uma mulher-padre, recém-ordenada, concluindo que o fenómeno Vina revela a fome espiritual do mundo, a sua necessidade de alimento espiritual. E convida as multidões dos estádios a reunirem-se todos os domingos na igreja mais próxima, como Vina teria certamente gostado.

Eis algumas mulheres islâmicas, enjauladas nos seus véus. Na sua categórica opinião, toda esta loucura acerca de uma mulher depravada revela a bancarrota moral e anuncia a iminente aniquilação do mundo ocidental, decadente e sem Deus.

Vina, que andou de casa em casa, é reivindicada pelos lugares que a exploraram: a Virgínia rural, o norte do Estado de Nova Iorque. A Índia reclama-a por causa da ascendência do pai; a Inglaterra porque foi lá que começou a sua carreira de cantora; Manhattan, porque todos os mitos da Terra são cidadãos de Nova Iorque.

Eis um guru cultural, Primo Uomo, repetindo pela milionésima vez a ultraconhecida ideia de que Vina se tornou a divindade padroeira da idade da incerteza, a deusa com pés de barro.

Eis dois psicanalistas ingleses. Um deles, um jovem pedaço de homem de olhar mortiço, autor de *Piscar, Morder e Lamber e Sexo: a Manhã do Dia Seguinte*, fala em tom estarecido de gigantescas e espontâneas sessões de terapia de grupo. O outro, um sujeito de meia-idade, um tanto desalinado, despreza com altivez o modo como o caso Vina privilegia o sentimento em desfavor da razão, de tal maneira que não temos que pensar, só sentir. O

primeiro classifica o fenómeno de populista-democrático. O segundo receia que ele possa ser cripto-fascista e dê origem a uma nova espécie de multidões intolerantes.

Eis críticos literários e críticos de teatro. Os literários estão divididos: a velha mula Alfred Fiedler Malcolm cita o Fausto de Marlowe — *E então atiro-me de cabeça em direcção à Terra: Terra, abre os olhos! Não, não me servirá de porto!*— e tenta elaborar uma complexa teoria segundo a qual qualquer grande celebridade é um Prometeu, um ladrão do fogo divino, que, por castigo, nos faz viver neste inferno terreno em que a mulher morta passa a não ser capaz de morrer e é constantemente renovada, tal como o fígado de Prometeu, incessantemente devorado por abutres insaciáveis que se chamam a si próprios devotos. É uma tortura eterna mascarada de amor eterno, diz ele. Deixem a Senhora repousar em paz. O homem é grosseiramente ridicularizado por dois jovens turcos que fazem parte do painel, Nick Carraway e Jay Gatsby, que troçam daquele arrogante elitismo e se lançam numa brilhante defesa do lugar do rock na sociedade contemporânea, embora desdenhem a baixa qualidade da linguagem que fala nos estádios, as suas repetições, o uso de rimas grotescas e de clichés baratos, a preocupante prevalência das ideias feitas acerca da Outra Vida (Vina eternamente viva nas estrelas, nos nossos corações, em cada flor, em cada criança que nasce). Estas ideias, diz Gatsby agressivamente, não são muito brilhantes, não têm nada de rock'n'roll.

O painel dos críticos de teatro também está dividido: há louvores acerca do carácter espontâneo, improvisado, de teatro-de-rua do fenómeno Morte-de-Vina, mas os Ingleses torcem o nariz à excessiva duração do luto global enquanto os Franceses lamentam a falta de uma direcção firme e os Americanos se preocupam com a falta de grandes actores ou a impossibilidade de um bom segundo acto. Toda a gente de teatro concorda, contudo, em se queixar de que as suas opiniões não são ouvidas e que são geralmente tratados como parentes pobres ou mendigos num festim.

Eis os produtores de filmes biográficos para a TV, fazendo publicidade aos seus próprios produtos. Eis os apelos das agências de casting. Eis as bichas dos esperançosos candidatos, dando a volta a vários quarteirões.

Eis Rémy Auxerre, escrevendo que a dimensão do fenómeno é um produto de *feedback loop*. Nos tempos em que não havia comunicação de massas globalizada, argumenta ele, podia ocorrer qualquer evento e



desvanecer-se sem que a maioria da população do globo desse, sequer, por isso. Contudo agora, a pureza inicial do acontecimento é quase instantaneamente substituída pela sua televisualização. E assim que estiver na TV, as pessoas passam a *participar*. Não só a terem pena, mas a *representarem essa pena*. Não a criarem um fenómeno a partir dos seus desejos imediatos, mas a precipitarem-se para participar num fenómeno que viram na televisão. Esta ligação é agora tão estreita que é quase impossível separar o som do eco, o evento do seu enquadramento mediático. Daquilo que Rémy insiste em chamar a *imediatização da História*.

Eis dois Novos Quakers, de cabelo hirsuto, um paranóico e um místico, ambos provavelmente admiradores de Gary Larson, que recusam a morte de Vina... Onde está o corpo? Mostrem-me lá o corpo! Ela não morreu, foi alguém que simplesmente a quis afastar, devíamos atacar o Pentágono, as Nações Unidas, o que for preciso. Não, ela está livre, pá, nós é que não somos dignos dela, temos que nos purificar, e quando atingirmos a pureza ela voltará, topas? Talvez numa nave espacial, talvez no carro dos deuses, para nos libertar. Como o Buda-Jesus, pá, ela viverá para sempre.

Televisão.

\*

De volta ao Orpheum, no frio do Inverno, sozinho e desprovido de tudo, abraço-me a mim próprio e tremo de frio enquanto o meu bafo fica suspenso no ar gelado. Estou sentado no meu telhado, de sobretudo e chapéu, tapando com as mãos as orelhas enregeladas, tentando convocar a recordação de Vina, nua, a apanhar sol naquele mesmo lugar no pino do Verão, Vina espreguiçando-se e virando-se para mim com um sorriso preguiçoso e descrente. Mas está frio demais e, de qualquer modo, a quadrilha está em toda a parte, não há fuga à guerra dos significantes e significados, o ar está cheio de palavras. *Falando diacronicamente, este é um acontecimento histórico que deve ser entendido dentro do seu tempo, um acontecimento com certos antecedentes lineares, sociais, culturais, políticos. Contudo sincronicamente, todas as versões desse acontecimento existem simultaneamente, colectivamente, constituindo uma declaração contemporânea sobre a arte e sobre a vida... a sua importância está na falta de sentido da morte... a ausência de Vina cria um vazio, ou um abismo no qual uma enorme vaga de significados se pode precipitar... Vina tornou-se um receptáculo vazio, uma arena de discussão e podemos inventá-la à*

*nossa imagem tal como inventámos Deus... sem qualquer possibilidade de o fenómeno se desvanecer em breve, já que a fase da comercialização já começou, as T-shirts já trazem impressa a última fotografia, as medalhas comemorativas, as canecas, as piroseiras, as histórias vendidas pelos seus companheiros de escola, a legião dos amantes ocasionais, a sua roda de amigos... tudo isto tem um efeito multiplicador, ela é apanhada numa câmara de eco e o som faz ricochete em toda a parte, torna-se mais volumoso, menos distinto... é apenas um ruído... imagine-se se ela não tivesse morrido, a extinção da sua chama, a lenta descida para o esquecimento, para o nada... isso é que teria sido o fim, uma queda no submundo, e ela ainda teria apanhado a pior parte. Talvez tenha sido melhor assim. Para sempre jovem, não é? Agradável à vista, pelo menos. Era fantástica, porra, para uma mulher da idade dela.*

Dou por mim a pôr-me em pé, a rosnar palavras sem sentido, agitando os braços para o céu cego, lágrimas a gelarem nas minhas faces. Como se o meu telhado fosse a Torre do Silêncio e guardasse a recordação viva de Vina, nua, sob o voo circular dos abutres, sem qualquer defesa a não ser eu.

Depois de quarenta dias e após um apelo directo de Ormus, as multidões desertam dos estádios e, pouco a pouco, a vida quotidiana do planeta retoma a sua superficial regularidade. À ordem de Ormus, os Singhs comparecem frequentemente nos tribunais, tentando proteger a “propriedade Vina” da sua desavergonhada exploração. O seu principal alvo é a nova “Quakette”, réplica de Vina, uma boneca que canta uma cantiguinha estúpida até que a sua base começa a vibrar e acaba por abrir-se e enguli-la. Parece que toda a emoção suscitada pelo fenómeno Vina acabará no mercado de escravos que é o capital. Agora é uma deusa, e um minuto depois uma *propriedade*.

\*

Mais uma vez a subestimei. É verdade que os interesses comerciais farão tudo o que puderem para a possuírem e explorarem, que o seu rosto continuará a aparecer em capas de revistas, que aparecerão jogos de vídeo e CD-ROMS e biografias instantâneas e gravações piratas e especulações cínicas sobre a sua eventual sobrevivência e toda a espécie de conversa de chacha na Internet. É também verdade que o seu próprio “lado” — a sua etiqueta e, no papel de gestores do negócio, Ormus e os Singhs — contam igualmente com o Efeito Vina, pondo o seu rosto nas marcas de leite, pão,

vinho, bem como refeições vegetarianas e discos.

(Li uma vez a história de uma mulher que odiava o marido, repelentemente preguiçoso. Quando ele morreu, ela mandou-o cremar e meteu cinzas numa ampulheta, que colocou na sala por cima da lareira com a inscrição: *Até que enfim, meu sacana, vais fazer alguma coisa*. O amor de Ormus por Vina não está em dúvida, mas a verdade é que ele também manda o fantasma dela trabalhar para a firma.)

Tudo isto é verdade. Mas o que se tornou evidente no decorrer do ano é que qualquer coisa de parecido com um terramoto está a crescer dentro das pessoas, que em todos os países do mundo, os adoradores de Vina ganharam o gosto pela acção colectiva e mudanças radicais. A instabilidade, o mal moderno, já não os assusta; aparece-lhes agora como uma nova possibilidade. É este o verdadeiro legado de Vina Apsara e não os hectares de prosa sentimentalóide ou as bonecas de mau gosto.

E a terra instável tem, em reserva, outras mudanças.

\*

Aqui estão as minhas recordações.

Durante o ano que se seguiu à sua morte, senti-me terrivelmente desequilibrado, sem saber o que seria melhor fazer, onde colocar a minha dor, como continuar. Recordava sem cessar aquele dia na praia de Juhu, a rapariga num fato de banho com a bandeira americana a dizer mal de tudo e de todos. Foi nesse dia que eu fiz a minha imagem do mundo como queria que ele fosse, o mundo em que eu passei a viver desde esse dia até ao dia em que ela morreu. Agora sinto-me como se alguém me tivesse tirado essa imagem das mãos e a tivesse rasgado em mil pedaços.

Quando não temos uma imagem do mundo não sabemos que escolhas fazer no plano moral ou material. Não sabemos qual o caminho que sobe, se estamos a avançar ou a recuar, quanto é dois e dois.

(1989 foi também o ano em que foram destruídas as imagens de toda a gente, o ano em que todos nós fomos precipitados num limbo informe: o futuro incerto. Tenho consciência destes factos. Mas isso é política e sismologia, e voltarei a falar do assunto. Agora estou a falar do que me aconteceu.)

Acontecia-me acordar a pensar que ela estava no quarto e deixar-me ficar deitado, às escuras, a tremer. Acontecia-me ver, pelo canto do olho, sombras a mexer e também era ela. Uma vez falei para o seu telefone pessoal no

Rhodopé e ela respondeu ao primeiro toque: *Olá. Agora não posso atender. Deixe a sua mensagem que eu contactá-lo-ei assim que puder.* Percebi que Ormus não fora capaz de apagar a voz dela. Depois disso, passei a ligar para aquele número muitas vezes por dia. E também muitas vezes acontecia que o telefone estava ocupado. Pus-me a imaginar quantas almas perdidas ligavam os seus telefones só para ouvir aquelas quinze palavras. Mas depois pensei que talvez houvesse apenas mais uma pessoa a chamar. Ormus Cama, tal como eu, precisava de ouvir repetidamente a última gravação da sua mulher.

*Entrarei em contacto consigo assim que puder,* uma promessa que eu precisava que Vina cumprisse. Mas que mensagem poderia eu deixar-lhe? Que palavras poderiam fazê-la voltar do reino dos mortos?

Resumindo, aí estava outra vez Ormus meu rival no amor. Mas rival em relação à mão de ninguém. No meio daquele oceano de “amor” esbracejavam dois amantes naufragados, Ormus e Rai, incapazes de abrir os seus corações um ao outro, fazendo estúpidas chamadas para os mortos a partir das suas jangadas prestes a ir ao fundo.

Um ano depois da morte de Vina, alguém apagou a gravação — penso que seria Clea, tentando libertar Ormus daquele pântano de desalento — e nesse dia chorei outra vez, como se Vina acabasse de ser tragada pela Terra esfomeada.

De tudo o que se disse e escreveu sobre ela, os comentários que para mim tinham mais sentido eram os que diziam que a morte é a morte, não há interpretações possíveis. Deixem-na repousar em paz. Queria lutar contra aquela tempestade de significações, queria pôr o meu capacete de bombeiro e virar uma mangueira contra as chamas. As interpretações choviam do céu cheio de satélites, significações que pareciam seres amorfos de outros planetas, estendendo os seus tentáculos como ventosas e sugando o seu cadáver. A certa altura tentei construir um texto de minha autoria, um disparate sobre o heroísmo de rejeitar as interpretações, o desejo destruidor mas irresistível de ceder ao absurdo. Mas fiquei paralisado pela ética. Como viver uma vida moralmente sã, num universo absurdo e por aí adiante. Não queria optar pelo quietismo, dizer que era melhor que cada um cultivasse o seu jardim. Alguma coisa em mim me impedia de me conformar com o mundo. Rasguei o artigo e passei os dias a explorar o meu portfólio de Vina e, até apagarem a gravação, a ligar para o seu telefone.

\*

No decorrer desse primeiro ano, notando que eu tinha praticamente deixado de sair, que quando tinha fome, só mandava vir de fora e que a maior parte da minha alimentação era em estado líquido e que a mulher da limpeza já não vinha por não suportar tanta porcaria, os meus vizinhos e amigos do Orpheum tomaram a decisão de me “salvar”. Johnny Chow veio avisar-me muito sério, que eu estava a prestar à morte demasiada atenção. (Que toda a gente já se ria.) E eu respondia sombriamente: Sugar Ray Robinson, Lucille Ball, o Ayatola Khomeini, R. D. Laing, Irving Berlin, Ferdinand Marcos, Bette Davis, Laurence Olivier, Vladimir Horowitz, “La Pasionaria”, Sakharov e Beckett *além de Vina*, era o Juízo Final: como nunca fora muito bom a discutir, Chow retirou-se, abanando a cabeça com elegância. Mack Schnabel sugeriu que eu fizesse uma selecção das minhas fotos de Vina e as expusesse na galeria do nosso edifício. Era uma ideia arriscada. Uma tal exposição seria uma digna homenagem pessoal, ou só mais um oportunista a saltar para o veloz comboio de Vina? Não conseguia decidir-me. De qualquer modo, precisava de muito tempo. A maior parte dos dias, sofria de uma visão desfocada ou mesmo dupla. A clareza não era o meu ponto forte naqueles meses de tortura.

Basquiat veio falar-me acerca de raparigas, o que, da parte dele, era uma gentileza muito convencional, se tivermos em conta as suas preferências. Mulheres fantásticas eram prontas para tudo, queria ele que eu soubesse. Depois tanto tempo, não é bom ficarmos só com nossos fantasmas.

Fantasma é a palavra certa, disse-lhe. Há uma mulher muito bela que se insinua nas minhas fotografias, não sei como. Fotografo um quarto vazio, o meu quarto de banho, por exemplo, passo lá muito tempo e quando revelo a película lá está ela no espelho, a olhar para mim. Não, não é Vina, é uma mulher completamente diferente. Uma estranha a perseguir-me. Já são dois fantasmas.

É a dupla exposição que tu gostas, diz Basquiat. Exagerraste, eu penso.

Por fim decidiram-se a agir em grupo e vieram ler-me uma versão simpática do código. Diz que sim à vida, não a complicações tanto, gasta um minuto a cheirar as rosas, as receitas do costume. Fizeram um grande esforço. Deram uma arrumadela à casa, lavaram os copos e a casa de banho,

levaram-me ao barbeiro e organizaram uma festa no meu apartamento, convidando todas as mulheres bonitas e livres que eles conheciam (o que, dada a nossa profissão, eram muito numerosas). Percebi o que estavam a fazer por mim e porquê. Era uma grande prova de amizade e fiquei-lhes muito grato por isso. Mas havia também a outra face da moeda. As pessoas não gostam de lidar com desesperados, a sua tolerância para com os que, na verdade, não têm qualquer esperança é muito limitada. As histórias tristes de que gostamos são aquelas que acabam antes de termos tempo para nos aborrecermos. Percebi que tinha bons e verdadeiros amigos naqueles três homens, que éramos todos por um e um por todos, como os mosqueteiros. Percebi também que, por causa deles, tinha que me portar melhor. Tinha-me tornado na sua dor de dentes, a sua dispepsia, a sua úlcera. Precisava de melhorar antes que eles decidissem curar-me de mim próprio.

A amizade é ótima mas não é inesgotável.

No meio da minha festa de convalescência, por assim dizer, olhei para Aimé-Césaire e vi nele as marcas da morte. A festa, subitamente, começou a parecer-se com o velório daquele homem belo que, tal como o Finnegan da canção, se divertia imenso com o seu próprio funeral. Também sabia tudo o que se passava com Schnabel, da sua guerra com Molly, a sua ex-mulher, que depois do divórcio obtivera uma decisão do tribunal que o impedia de se aproximar a menos de uma milha dos filhos e que tinha ido visitar o pai de Mack, no seu leito de morte, para lhe dizer, mentindo, que o filho estava viciado em heroína e que era culpado de violência e de tentativa de violação dos dois rapazinhos Johnny Chow também tinha a sua crónica de desgraças, ligadas sobretudo ao vício do jogo. Eram tais pessoas as que me podiam dar bons conselhos?

Eram, respondi a mim próprio. Antes uma puta que uma freira, antes um soldado ferido do que alguém que nunca tivesse ouvido tiros.

Nesse momento vi Johnny Chow abrindo caminho entre os convidados, sorrindo diabolicamente e trazendo no seu braço Vina Apsara.

\*

Já tinha ouvido falar da febre dos sócias, do cabaré das falsas Vinas, das Vinas do submundo, do *heavy-metal* do *reggae*, do *rap*, das Vinas em travesti, das Vinas transexuais, das putas Vinas ao engate em Vegas Strip, das *Vina strip-teasers* que já eram mais do que as Marilynns de imitação nas noites de amadores em todos os Estados Unidos, as porno-Vinas dos canais

de TV para adultos e dos circuitos internos dos hotéis, os vídeos *hardcore* de Vina que se vendiam às escondidas, as inocentes reuniões bianuais das Vinas do *karaoke*, cujo número já ultrapassava o dos infatigáveis apreciadores do *Star Trek*. Na verdade, Vina tinha sido, noutros tempos, convidada da série *A Próxima Geração*, cantando a pedido do apaixonado Worf. Ele ensinou-lhe “Klingon” e ela ensinou-lhe “hug-me” ou qualquer coisa de parecido. Quando os Trekkies se lembraram disto, convidaram o pessoal de Vina a juntarem as forças, mas Vina era mais forte do que o “Enterprise”, ela era o seu próprio *continuum*, talvez o fabuloso Q.

Houve uma extraordinária encenação de *Hamlet* em que Jonathan Pryce, o actor que representava o príncipe da Dinamarca, fazia sair o “fantasma” de dentro de si mesmo, como um médium, graças a um espantoso domínio do corpo e da voz. Os imitadores de Vina faziam-no de maneira mais fácil, servindo-se de trajos e de gravações mas a ideia era a mesma. Tiravam do seu próprio corpo a imagem que queriam ressuscitar dos mortos.

Vão um pouco mais além de Mizoguchi, penso eu. Em *Ugetsu*, o pobre campónio enfeitiçado pela bela aristocrata estava apaixonado por um fantasma, estava, como eles diziam, escravizado. Mas aqueles tipos não estão apenas enfeitiçados por uma mulher morta, estão a tentar ser verdadeiramente ela, usando os seus quimonos, empoando o rosto, andando como ela. É uma nova forma de auto-erotismo. Disfarçadas de Vina, essas falsas mulheres faziam amor consigo próprias.

Há um certo desacordo sobre qual é a época de Vina que mais merece ser evocada, se a frenética Vina dos primeiros tempos, com o seu aspecto afro, o seu grande penteado, a sua voz potente, o seu descaramento, a sua agressividade sexual, se a Vina mexicana, de cabelos vermelhos, mais madura mas ainda muito excitante, com a voz melhor, a sua aura cada vez mais brilhante. A Vina da Morte, a senhora dos olhos tristes e das terras destruídas. No fim de contas, o pragmatismo impôs-se. Os imitadores mais novos faziam a Vina jovem, os homens mais velhos (sim, homens e mulheres também) faziam a Vina dos últimos tempos.

Esta Vina, a que chegava pelo braço de Chow, era sem dúvida, um tipo mais velho. Chinês, o que tornava inevitavelmente a semelhança mais imperfeita, mas ele tinha passado horas em frente do seu espelho de caracterização, escurecendo a pele, resolvendo o problema do feitio dos olhos. Estudara a fundo a maneira de ela se mexer, o movimento da boca, a

atitude. E a cabeleira vermelha era óptima. Diz-me se isto foi má ideia, pergunta-me Johnny quando consegue chegar ao pé de mim, nós pensámos que isto poderia, sei lá, desencadear uma reacção como se ela estivesse realmente aqui. Como os Filhos Adultos dos Alcoólicos Anónimos, não sei se conheces, pode ajudar-te saberes que não está sozinho.

Eu não quero enganar senhor, disse o China-Vina com uma inocente voz de barítono e curvou-se numa vénia. Isso eu não quero. Tive grande honra nela, há longo tempo, esta é a minha maneira de lhe prestar respeito.

Óptimo, disse eu a Johnny. Uma boa ideia. E um bom número, acrescentei para o delicado travesti. Vais cantar ou quê?

Faço mímica, disse ele abrindo um largo e orgulhoso sorriso. Trouxe a minha gravação, se achar bem.

Vai buscá-la, disse eu, e fiz-lhe um sorriso forçado. A expressão de alívio no rosto de Chow mostrou-me que tinha feito bem. Os meus amigos sentiam-se agora mais felizes a meu respeito e — com grande alívio para todos nós — passaram tranquilamente a deixar-me em paz.

\*

Por longos períodos, durante os dois anos a seguir a Vina, vivi sozinho no oceano que é a América. *De que é que tu gostas?* Perguntara-lhe na praia de Juhu, e a resposta foi *gosto do mar*. Recuperei esse gosto, pelo menos, embora ela já cá não estivesse: as brisas marítimas onde eu sentia o seu intenso perfume, agora perdido; a praia. Essa longa tira doirada era um grito abafado a partir da graciosidade de Cuffe Parade, da animação de Apollo Bunder, mas tudo isso me provocava um sentimento que não era só nostalgia. Atravessando o oceano, indo além dos campos de batata, das searas, das plantações de girassóis, dos luzidios cavalos de pólo, dos doces pássaros da juventude, do gamo porta-carraças, além dos Americanos ricos, à-vontade nos seus jeans cortados, nas suas calças brancas de algodão, os seus pólos, os seus descapotáveis, os seus todo-o-terreno, a sua velhice abastada, a sua infância dourada e a sua poderosa maturidade; além dos Índios Shinnecock que aparam as sebes, limpam as piscinas, tratam dos cortes de ténis, cortam a relva e, de uma maneira geral, cuidam daquela terra, valiosa e roubada; além do ronco do comboio, o grasnar dos gansos, o rumor das ervas no Verão — eu voltava a ter, depois de muito tempo, recordações de casa. A casa vista como uma jóia perdida, como qualquer coisa actualmente inacessível, brilhando através da água como ouro



submerso, respirando penosamente sob a terra lavrada, como um amante que desceu aos infernos.

Consegui recompôr-me o suficiente para fazer a tal exposição, *Depois de Vina* que foi muito bem recebida. Não posso negar que isso me deu prazer. Apesar de tudo eu não estava imune à doença de querer dar um sentido a Vina, e o sentido que ela tinha para mim era, sem qualquer dúvida, o amor, mas igualmente o mistério, era uma mulher que não se podia quantificar nem sequer apanhar, era a minha janela para o inexplicável.

O mistério no coração do sentido. É o que ela era.

Convidei Ormus para a inauguração, mas ele não apareceu. Também não esperava que ele viesse. Houve um incidente: a certa altura um grupo de Novos Quakers irrompeu na Galeria do Orpheum para me denunciar ruidosamente pelo facto de partir do princípio que Vina estava morta, e tivemos que correr com aquela quadrilha malcheirosa. Quando eles se foram embora, dei por mim de pé junto a um senhor indiano, magro e de certa idade, com uma camisa aos quadrados e jeans que eu não reconheci imediatamente.

Quero agradecer-lhe, disse ele na sua curiosa maneira de falar, fluida e sem ênfases, por ter partilhado a minha filha comigo. Estar aqui é uma experiência muito consoladora. Sem a mínima dúvida.

Era o porteiro do Rhodope, Shetty. No fundo do meu desgosto tinha-me esquecido, grosseiramente, que o pai de Vina ainda estava vivo.

\*

O meu encontro com o porteiro Shetty é uma chicotada de água fria na cara. Acorda-me da minha melancolia pouco saudável, da introspecção que me faz doer o peito e reacende a minha consciência — que é a essência da arte do fotógrafo — do imediato, do presente e das coisas. No fim do seu turno, no dia seguinte, encontro-me com ele, no seu uniforme e vamos para uma café budisto-naturista do outro lado da rua, em frente do Orpheum, um espaço com ambiente oriental, uma estranha e calmante combinação do cheiro a café forte, madeiras escuras, criadas pálidas e descalças, com vestes brancas a arrastar pelo chão e abotoadas até ao pescoço. Shetty parece calmo, embora não manifeste a jovialidade habitual. Sente-se feliz, diz ele, por Vina o ter procurado na sua velhice e assim reduzido, um pouco, a distância que os separava. Diz-me isso com um novo vocabulário mais castigado. *Enfrentámos alguns problemas. Enfrentámos as respectivas*

*razões de zanga e fizemos um bom trabalho de reconciliação. Passámos a dar-nos bem um com o outro. Passámos uns bons tempos.*

Chegaram a fazer terapia juntos, revela ele. A terapeuta, uma antiga radical indochinesa, rebaptizada Honey e casada com um conhecido magnate financeiro de Wall Street de origem nicaraguense e conservadora, pendurou um dia uma gigantesca pinhata, em forma de coelho, no tecto do seu gabinete e deu a Vina uma vara de madeira. Enquanto Vina destruía a pinhata, era encorajada a dizer em quem é que ela estava a bater e porquê. Ela deu largas ao seu sentimento de vingança e Shetty ouviu muitas queixas a seu respeito, mas o espectáculo da sua famosa filha destruindo à paulada um gigantesco coelho cor de salmão, feito de cartão, era tão absurdo que ele desatou a rir. Rir até às lágrimas, sobretudo quando a pinhata cedeu à força dos ataques de Vina e se abriu, soltando uma cascata de doces e pequenos brinquedos, todas as prendas que ele não tinha dado à sua filha quando ela era criança.

Como é que isto o faz sentir, perguntou Honey a Shetty. Ele limpou os olhos mas o riso não queria parar.

Deixe-me dizer o que penso, começou ele, mas logo se engasgou.

Não me interessa o que o senhor pensa, interrompeu-o ela. Fiquemo-nos pelo que sente.

Shetty, incapaz de replicar a esta agressão, levantou-se e foi-se embora, sem deixar de rir.

O pior é que Vina, diz-me ele com tristeza, achou que a pinhata era uma grande ideia e assim julgou que eu me estava a rir dela. Depois do que recaímos na negatividade das nossas relações não resolvidas, continuámos em bons termos mas ficámos por ali. Foi um exemplo clássico de comportamento escapista. Nunca mais discutimos. Andávamos de lado, evitando o corpo-a-corpo.

Shetty quer confessar-me muito mais coisas: que o seu longo declínio de comerciante até a vagabundo sem eira nem beira começou no dia seguinte àquele em que levou a jovem Vina a jantar no Rainbow Room e em seguida a despachou para ir viver com os Doodhwalas em Bombaim. Quer falar de destino, de maldição auto-infligida, de ter sofrido as consequências do seu falhanço como pai durante muito tempo e muito profundamente. Está a preparar-se para me falar do castigo que ele nunca chegara a receber da filha. O porteiro Shetty também persegue uma Vina morta; como todos nós,

precisa de a retirar do reino dos mortos para alcançar a paz.

Ainda muito abalado para carregar este peso adicional, corto-lhe o discurso a meio. Para não parecer muito grosseiro, pergunto-lhe pelo seu genro Ormus. Como é que essa lenda do rock está a reagir à sua enorme perda? Para minha surpresa esta pergunta, apenas formal, desencadeia uma violenta tirada.

Isso vem tudo no *National Enquirer!* Vem tudo no *People!* Não leu, não estava cá? Talvez na lua!

Quase, respondi eu, pensando no oceano de esquecimento, no mar das tempestades, na areia branca à beira-mar.

Shetty faz um esgar de troça e desdobra o guardanapo.

\*

Ormus Cama; o célebre recluso, acrescentou à lista das suas bizarras obsessões, a seguinte, a crescente indústria de Vinas de imitação, formando uma colecção completa de todo o material pornográfico, em filme ou em vídeo relativo a Vina e aparecendo sem se fazer anunciar e rodeado dos seus guarda-costas Sikhs nos clubes e antros de strip-tease para avaliar a qualidade das imitações. Pensa-se que passou a ser cliente de certos bordéis e de certos serviços de “entrega em casa”, especializados em sócias e imitações. Uma noite foi surpreendido *in flagrante* com uma Vina de imitação nas traseiras de uma bote, mas quando a polícia de olho alerta viu a puta responder a uma sinal e entrar na limusine percebeu o que se estava a passar, quem seria o cliente, não teve coragem de intervir e deixou os participantes seguirem o seu caminho. (A puta em questão, Celeste Blue, tentou tirar benefícios financeiros de um escândalo eventual, mas viu-se frustrada pela ausência de qualquer queixa. Clea Singh, comentando a entrevista de Blue para o *Esquire*, disse apenas: Parece que essa senhora tem uma boca muito grande.)

Aquele que durante muitos anos fora o mais privado dos homens, Ormus — de venda nos olhos e protecção nos ouvidos — é agora, diz o Porteiro, um frequentador das reuniões “Vina” chegando muitas vezes a aceitar o cargo de juiz dos Concursos de Semelhanças, com a condição de ser único juiz. A vencedora, se ele a acha de nível suficiente, é enviada para a suite de Ormus depois do concurso e de lá sai escoltada por uma Clea Singh de expressão dura, e compensada tão generosamente que, até agora, nunca houve quaisquer queixas.

Ormus tinha também — contrariando a sua posição de toda a vida — consultado um guru. O seu nome é Deusa-Ma e à medida que as maleitas da idade se vão tornando mais numerosas e dramáticas, a sua popularidade entre a elite da sociedade de Nova Iorque, facilmente alarmada pela instabilidade, foi crescendo aos saltos. A Deusa-Ma vem da Índia, diz-se que é analfabeta, tornou-se famosa em Düsseldorf e chegou aos Estados Unidos “por milagre”. Diz-se que não há nenhum registo da sua “viagem para Nova Iorque nos arquivos de qualquer companhia de aviação ou de navegação atlânticas”. No entanto, o seu estatuto de imigrante nunca foi investigado, o que aos olhos de um observador céptico parece indicar que a verdade é mais convencional do que alguns pretendem mas, aos olhos da gente da Deusa-Ma como mais uma prova da sua existência dentro de uma inviolável aura de bem-aventurança. A Deusa-Ma é muito pequena mas jovem e suficientemente bela para ser uma estrela de cinema e tem poderosos — anónimos — apoiantes que a instalaram no Edifício Rhodopé, três andares abaixo de Ormus. A partir desta magnífica residência, ela publicou umas “Máximas” que vibraram no ar rarefeito dos melhores locais da cidade. Bla-bla-bla indiano, borborigmas de Bharat, a chamada Sabedoria Oriental está outra vez na moda. De facto, a Índia está na moda mais do que nunca: a sua comida, os tecidos, as mulheres de olhos de gazela, a sua linha directa para a Central do Espírito, os tambores, as praias, os santos. (Quando a Índia faz explodir um engenho nuclear, a noção da Santa Mãe Índia fica um pouco amolgada, mas o *tout* Manhattan concorda imediatamente em que, neste assunto, os desvairados chefes políticos indianos atraçoaram o verdadeiro espírito do país. O valioso conceito da Sabedoria Oriental não sofre grandes abalos, ao contrário do abalado planeta.)

Sem mostrar surpresa, a Deusa-Ma referiu-se ao fenómeno Vina. Por baixo da Terra instável, diz ela, houve sempre uma mulher para manter tudo arrumado, em todas as culturas. A nossa terra-mãe indiana afastou os lábios para receber a pura Sîta, falsamente acusada de ter sido violada por Râvana e, por isso, rejeitada pelo Deus Râma, a conselho do seu adivinho favorito. A nossa mãe grega Perséfone senta-se ao lado de Hades, no seu reino subterrâneo.

Agora Vina, a nossa adorada Vina, juntou-se a essas mulheres, as maiores de todas, que sustentam a Terra por baixo, assim como Atlas sustenta a

abóbada celeste.

Oh Terra-Bailarina, diz a Deusa-Ma. Nos Livros Sagrados indianos aprendemos que o Deus Shiva dançou até criar a Terra, ele, o Senhor da Dança. Enquanto os gregos contam que Eurínome, a deusa de tudo, gostava tanto de dançar que criou o mar e a terra para ter espaço para as suas danças. Eu digo que nós também fazemos o mesmo! Homens e Mulheres! Dancemos até criarmos o nosso mundo. Eu digo Dancemos. E se a Terra tremer, pensem que Vina também está a dançar e vejam que novos milagres ela nos revela.

À medida que cresce a popularidade da Deusa-Ma, que o seu rosto e as suas abençoadas “Máximas” vão fazendo o seu irresistível trabalho nesta cidade em que a beleza e a alegria são os mais seguros caminhos do sucesso, começam a ouvir-se ruídos discordantes por parte dos seguidores dos Velhos Caminhos do Espírito e de grandes segmentos da comunidade indiana de Nova Iorque. Quando interrogada a respeito dos seus críticos, a Deusa-Ma é implacável. O meu caminho é que é verdadeiramente indiano, diz ela, com completa segurança. Esses convertidos ou exilados há tanto tempo sentem-se felizes por tentarem vender o seu exotismo sofisticado.

(A Deusa-Ma já aprendeu as regras. Pega na pior coisa que disseram a teu respeito e acusa os teus acusadores dessa mesma falta, sê mais bela e mais amiga dos jornalistas do que eles são de ti e levarás tudo à tua frente como um furacão.)

Ao escrever isto, penso em Darius Cama. Penso em William Methwold. Lembro-me dos seus esforços em deitarem pontes entre as mitologias do Oriente e do Ocidente. Lembro-me das horas que passei na biblioteca de Darius, na sedução que sentia pelo seu tesouro de contos tradicionais. Penso naquilo que os dois velhos senhores, com o seu amor pela sabedoria e o seu desinteresse pelo folclórico, teriam feito da Deusa-Ma e da sua desenfreada ambição de ser uma divindade transcultural, que inclui uma descarada tentativa de recrutar Vina para o seu campo e de confiscar a sua tragédia tão popular. Nova Iorque, onde tu queres alcançar a glória não tem qualquer problema com as tácticas de venda agressiva da Deusa-Ma, que até são admiradas e fazem aumentar o número dos seus seguidores. É significativo que se multipliquem em toda a cidade iniciativas referentes à dança. Os jovens de Manhattan seguem a sua minúscula profetiza terpsicoreana.

Shetty despreza igualmente a bela e ambiciosa Deusa-Ma e aqueles que a

seguem. Que Ormus Cama tenha descido três andares para a visitar várias vezes por semana só prova que ele está definitivamente perdido, segundo a opinião categórica do Porteiro.

E o pior ainda está para vir. Ormus está visivelmente a perseguir Vina, a morta, em cada buraco que vê. Shetty afirma que o deus do rock é agora um drogado de narcóticos pesados, perseguindo a sua falecida mulher segundo rastros na poeira, decifrando sinais de fumo, sentindo a agulha dela nas suas veias. Os Singhs tratam de tudo, dos negócios, dos direitos, das mulheres, das drogas, enclausuraram-no na sua temível lealdade, ainda é mais difícil chegar perto dele do que era antes. É provável que este séquito de Ormus, tão cheio de devoção — com os Singhs tão decididos a executar o seu mínimo desejo, a saciar-lhe toda a sede, a oferecer-lhe toda e qualquer compensação que o possa fazer esquecer, por momentos, a perda irreparável que sofreu — esteja, literalmente, a fazê-lo morrer de amor.

Esta é uma atitude covarde, diz-me Shetty, e eu espanto-me da súbita brutalidade das suas palavras. Se Ormus quer assim tanto estar com a minha filha, porque é que não se porta como um homem e dá um tiro na boca. Sim senhor. Porque é que não rebenta com a cabeça e que todo o resto vá para o diabo. Assim ficariam os dois juntos até ao fim dos tempos.

Gostava de si quando era mais alegre, digo-lhe eu. Quando você aguentava tudo de cara alegre, gostava muito de si.

O mesmo digo eu, diz ele, levantando-se. Não pense que é o único filho-da-mãe que se lembra.

\*

O Porteiro Shetty não o sabe mas está a repetir a ideia de Platão. Vejam o que o grande filósofo põe na boca de Fedro no primeiro discurso do Simpósio a respeito do amor: *Os deuses honram o zelo e o heroísmo no que toca ao amor. Mas Orfeu... obrigaram-no a regressar do Hades sem conseguir o que queria, ao mostrarem-lhe o fantasma de uma mulher... porque o acharam um covarde... que não ousou morrer por amor, como fez Alceste, mas procurou antes uma maneira de entrar no Hades e continuar vivo.* Orfeu, o desprezível *Citharode* — o cantor com a sua lira, ou seja, um guitarrista — é um habilidoso que se serve da música para atravessar fronteiras entre Apolo e Dioniso, entre o homem e a natureza, a verdade e a ilusão, a realidade e a imaginação, mesmo entre a vida e a morte, o que, evidentemente, não agradava ao austero Platão. Platão, que preferia o

martírio ao luto, Platão, o ayatola do amor.

A busca do amor para além da morte é uma aventura difícil e sem alegria. Por mim, julgo Ormus com menos severidade do que o platónico Fedro, ou aquele outro não-tão-ilustre pensador, o porteiro da casa onde vive, pai da sua falecida mulher. Eu sei o que é que ele passa, porque já estive nesse buraco. *E estou.*

Ormus está incapaz de trabalhar, sucumbe às fraquezas de Vina — bebida, drogas — esperando encontrá-la nos seus pecados, fazendo deles os seus próprios pecados. E aí estão as visões, quimicamente provocadas, de Vina, em vários disfarces. Ali está ela com os rostos de milhares de mulheres em que ele a procurou, quando ela fugiu de Bombaim, bem como os milhares de mulheres de que ele desistiu, em atenção a ela, durante dez anos de celibato. Todas elas são agora Vinas.

Aqui está ela própria. Ormus olha para ela e sente-se ele próprio transformado em pedra.

À medida que alastra o fenómeno Vina, Ormus sente que está a perder o domínio da verdade que ela foi; a sua Vina está a afastar-se para sempre, está a morrer uma segunda vez. O tremor de terra já a levou, mas agora vem o maremoto que afoga Vina na gigantesca vaga das suas imitações.

À medida que ela significa tudo para toda a gente, Vina, para ele, reduz-se a nada, nada do que ele ama ou conhece. E há um pensamento ainda pior: eu — enquanto ela se afunda no abismo, sob a avalanche das suas versões, enquanto entra nos grandes espaços do submundo, será possível que o vá esquecendo?

A Eurídice de Rilke, ao entrar no reino do nada, rapidamente se esquece da luz. A escuridão apodera-se dos seus olhos, do seu coração. Quando Hermes lhe fala a ela, de Orfeu, a terrível resposta de Eurídice é: *Quem?*

Eurídice significa, etimologicamente, “a que domina um vasto território”. O primeiro registo desse nome em narrativas ligadas à história de Orfeu, aparece no Século i antes de Cristo. Pode ser, portanto, um acrescento relativamente recente. No Século ii aC, ela chamava-se Agríope, “a sentinela selvagem”. É esse também um dos nomes de Mecate, a deusa-feiticeira; e da própria Rainha Perséfone, a que tudo domina.

O que dá origem a uma avalanche de perguntas: será que Eurídice — de cujas origens pouco sabemos, embora a versão oficial diga que ela é uma ninfa dos bosques, uma Dríade — emergiu do submundo para conquistar o

amor de Orfeu? Seria uma encarnação da própria Rainha das Trevas procurando o amor no mundo da luz? E assim, ao ser engolida pela Terra, estaria simplesmente a regressar a casa?

O fracasso de Orfeu em salvá-la (já que ela morre) seria uma prova do inevitável destinos dos amorosos; ou da fraqueza da Arte (incapaz de resgatar os mortos); ou de platónica cobardia (Orfeu não morrerá para estar com ela; não é nenhum Romeu); ou da dureza dos chamados deuses (que não se enternecem com os apaixonados)?

Ou — mais perturbantemente — trata-se da reafirmação de Eurídice quanto à sua verdadeira identidade, o seu lado escuro, a sua cidadania das trevas? E Gayomart, o gémeo morto de Ormus, o seu próprio lado nocturno, o seu Outro: será ele o verdadeiro marido de Vina, sentado ao lado dela, no seu trono resplandescete?

Eis a minha resposta. Na contemplação obsessiva dos mortos poderemos começar a ouvir, da parte deles, murmúrios de como viveram. Hades, Perséfone, tudo isso pertence ao reino do por-assim-dizer. Mas a identidade oculta de Vina, *enquanto viveu*, não era metáfora nenhuma. A pessoa junto de quem ela se escondia era eu, a identidade que ela não revelava ao marido, revelava-a a mim. Esqueçam-se de Gayomart; eu é que era, ao lado dela, o seu Outro de carne e osso. Eu era o seu Outro amor.

Talvez seja isso o que Ormus não pode admitir para si próprio: que a Vina que ele não conhece não é uma criação da morte dela ou do seu após-vida. O que ele não pode suportar é o mistério das horas que ela viveu. As horas sobre a Terra.

Esse é um enigma que eu poderia resolver, mas que não quero, *Sim, era eu, podia dizer, ela ia deixar-te, meu palerma, estava prestes a ver-se livre de ti e das tuas visões, da tua pala e dos teus ouvidos doentes e dos teus gestos de há dez anos e da tua famosa grande paixão e ia direitinha para a minha grande cama de latão.*

*Eu sou o Rei do Submundo dela, podia dizer-lhe. Ela pertence-me.*

Não posso dizer isto a Ormus porque perdi Vina, também, e agora estamos a arder na mesma fogueira. Oh Ormus, meu irmão, meu outro eu. Quando gritas, o som sai-me da garganta. Quando choro, as lágrimas correm dos teus olhos. Não te farei sofrer ainda mais.

E já que não posso, não quero fazê-lo, ele afunda-se cada vez mais no abismo: não no abismo de Vina, mas no seu próprio. Não pode imaginá-la



soterrada embora ela o esteja mais do que quaisquer outras pessoas. Vê-a brilhar da névoa de terra e de rocha. Imagina o seu corpo como uma vela a arder, fosforescente, inapagável. O amor dele ilumina-a. Procura-a através da noite.

Todas as noites espera acordar e ver uma figura familiar de pé, junto à janela olhando para o parque escuro antes da aurora. Quantas vezes ele se imagina saltando da cama para ficar, silencioso, ao lado dela vendo os dedos da primeira luz passar pelas árvores e pelos arranha-céus.

Conheço bem os seus temores, as suas esperanças, todos os seus sonhos porque eles também são os meus.

\*

Os tremores de terra, dizem os cientistas, são fenómenos frequentes. Falando de todo o globo, registam-se uns quinze mil sismos por década. A estabilidade é que é rara. O anormal, o extremo, o operático, o extravagante: eis a regra. A vida normal é uma coisa que não existe. E, no entanto, é dela que precisamos, da casa que construímos para nos defendermos do lobo mau da mudança. E se, no fim de contas, o lobo é a realidade, a casa é a nossa melhor defesa contra a tempestade: chamemos-lhe civilização. Construímos as nossas casas de palha ou de tijolo não só contra a vulpina instabilidade dos tempos mas também contra a nossa natureza predatória; contra o lobo que temos dentro de nós.

Este é um modo de ver. Uma casa também pode ser uma prisão. Os grandes lobos (perguntem a Mowgli, a Rómulo e Remo, a Kevin Costner, não temos que acreditar nos Três Porquinhos) não são obrigatoriamente maus. E de qualquer maneira, esta nova série de choques e de abertura de fendas é fora do comum, como os próprios sismologistas reconhecem. O número de sismos já anda agora nos quinze mil *por ano*.

Toda a gente lê jornais, não é verdade e por isso não temos que explicar com muito pormenor as grandes mudanças da Terra nestes últimos anos, a súbita diminuição da altura dos Himalaias, a brecha ao longo da fronteira China/Hong Kong que transformou em ilha os Novos Territórios, o afundamento da ilha de Robben, a emergência do ilheu Atlantis em Thira (Santorini) no sul da Cíclades e a transformação do rock'n' roll em arma de combate que obrigou o ditador do Panamá a abandonar o seu refúgio<sup>78</sup> e por aí adiante. Toda a gente recebe ao mesmo tempo notícias de todo o mundo, de modo que todos nós vemos juntos, em directo, os tremores de terra, a

velha ordem a cair em directo, as prisões a abrirem-se. O quebrar do sétimo selo, por assim dizer, foi uma notícia de abertura dos telejornais e todos ficaram a pensar em quem seriam aqueles quatro cavaleiros. Como Butch Cassidy perguntou ao Sundance Kid quando os homens da Pinkerton começaram a persegui-los: *Quem são estes tipos?*

Por assim dizer.

Estes sismos ao longo de fronteiras são a maravilha da nossa idade, não é? Já viram a falha tectónica que apareceu ao longo de toda a Cortina de Ferro? “Inesquecível” é pouco. E depois que os chineses abriram fogo em Tiananmen, viram a brecha que se abriu ao longo *de toda a extensão* da Grande Muralha da China? Por isso não existe agora nada na China que possa ser visto da lua (mas há um grande aeroporto novo no Japão), o que lhes servirá de lição, não é? É mesmo.

Ah, meu, as coisas que estes sismos vomitam. Poetas para Presidentes, o fim do apartheid, o ouro nazi enterrado bem fundo, durante cinquenta anos, nos bancos suíços, Arnold Schwarzenegger, o *Titanic*, o Comunismo que deve ter ficado enterrado em qualquer parte, e os Ceausescus? Convém não esquecer.

Quando as mudanças são assim tão grandes, podem ter a certeza de que aparecem políticos a reclamar a sua autoria. Parece que os sismos da Cortina de Ferro foram o resultado de anos e anos de actividade subterrânea por parte das potências ocidentais. Parece que descobrimos onde estavam os pontos fracos e conjugámos os esforços para exercer uma pressão que fez cair todo o castelo de cartas. Parece que os tremores de terra, as armas extremas de destruição de massas, estão agora à nossa disposição. Se alguém nos incomodar, nós puxamos-lhe literalmente o tapete debaixo dos pés. Foi justamente o que aconteceu a Saddam Hussein com o que ficou rapidamente conhecido como o “Shake da Arábia”<sup>79</sup>. Não, têm razão, o golpe não teve sucesso a cem por cento, ele sobreviveu, etc., etc., *mas viram aquilo? Temos* que dar os parabéns aos rapazes. Organizaram um show do caraças, Uhh-Uhh! Que grande abalo! E esperamos tenham notado que não houve a mais pequena beliscadura nas infra-estruturas e superestruturas do importantíssimo petróleo saudita. Nada. Népia. Raspas.

Agora o México quer saber se agentes dos Estados Unidos ou da União Europeia estiveram envolvidos no seu grande tremor de terra. Foi alguma par tida, alguma demonstração de grande força? Por amor de Deus, que

disparate! Leiam os nossos lábios: *Claro que não*. Íamos lá sacrificar Vina Apsara em qualquer megaconspiração do complexo da indústria militar. É uma estupidez. Nós amávamos aquela mulher. Daríamos tudo para a termos aqui, viva e a cantar. O terramoto do México foi um fenómeno natural que nos esforçamos ao máximo por compreender. Temos a trabalhar nisso os melhores especialistas. Temos de aumentar os nossos conhecimentos, de maneira a poder colocar no terreno tecnologias e sistemas que possam minimizar os riscos de uma nova catástrofe. Os nossos corações estão com o povo mexicano pelas suas terríveis perdas.

Okay? Estamos okay com isto? Então Okay. *Okay*.

O fim da União Soviética foi uma coisa boa. A vitória do mundo livre é uma coisa boa. Somos nós os bons da fita. Os maus perderam. O novo tema mundial é o negócio. Alegrem-se.

Paz.

\*

*Eu? Não* me perguntem. Como tenho vindo a dizer-lhes, a minha cabeça tem andado à roda desde que Vina morreu. Se me perguntarem (não perguntem) direi que o fenómeno Vina inspirou muitas pessoas que se ergueram e mudaram as suas vidas. Se me perguntarem, direi que tudo o que precisamos é de amor. Quanto a terramoto, não perguntem nada. Talvez seja culpa da Mãe natureza, ou da NATO ou do Pentágono. Por mim ando a ver fantasmas. Depois de uma vida inteira me recusar a aceitar o sobrenatural, eis que ele se introduz no meu trabalho. O milagre do irracional: uma mulher fantasma aparece nas minhas fotografias. Mundos em colisão. Tenho pensamentos loucos; admito a hipótese de que — apesar de todos os discursos, de todas as punhadas no peito e de toda a retórica referente ao fim da história — o actual ciclo de catástrofes pouco tenha a ver com vitórias ou derrotas, que não tenhamos qualquer controle sobre os terremotos, que eles sejam, sim, os sinais percursos do grande evento: o fim do mundo. Ou o fim de um mundo.

\*

Repito: a biblioteca de Darius Cama referente aos mitos é o mais perto que eu já estive no que toca a fantasia. O legado das narrativas das velhas religiões — o Ash Yggdrasil, a Vaca Audumla, Úrano/Varuna, a passagem de Dioniso pela Índia, os vaidosos habitantes do Olimpo, os monstros fabulosos, a legião das mulheres desgraçadas, sacrificadas, as metamorfoses

— continuam a chamar a minha atenção: enquanto o Judaísmo, o Cristianismo, o Islão, o Marxismo, o Mercado não conseguem prender-me. São crenças e *fés* para as primeiras páginas, para a CNN, não para mim. Deixemo-los lutar pelas suas Novas e Velhas Jerusaléns. É Prometeu e os Nibelungos, Indra e Cadmo que me trazem algumas novidades.

Além disso, desde a minha meninice, Ormus e Vina puseram-me no prato duas colheradas de mito vivo. Estes foram mais do que suficientes para mim.

Apaixonar-me por Vina, bem o sabia, era como subir de Divisão. No entanto, arrisquei e não me espalhei ao comprido. Foi um heroísmo humano. Tenho orgulho nisso e em pouco mais. O amor do macho é uma afirmação de si próprio. Só nos permitimos amar aquelas mulheres que sentimos ter o direito de cortejar, aquelas que nos atrevemos a cobiçar. O jovem Ormus, um homem belíssimo, podia legitimamente sonhar com deusas. Permitiu-se imaginar-se com elas, perseguiu-las e (no seu caso) atingir habitualmente os seus objectivos. Depois Vina, a sua verdadeira divindade, veio e foi-se. A primeira vez que ela o deixou, Ormus procurou-a nos corpos de outras mulheres, os beijos dela noutros lábios. Agora isso não serve. Ou é a própria Vina ou então ninguém. — Mas ela já não é deste mundo. — Então encontra-a, onde quer que ela esteja.

Confesso que é essa, também, a minha actual atitude. Porque, ainda que com menos razões do que Ormus, também ousei aspirar a Vina; e ela também me sorriu; e deixou-me o coração vazio.

Mais uma palavra sobre Ormus: o seu antigo dom de pré-conhecimento, de ouvir a música futura tocar na sua cabeça, infligiu ao meu instinto anti-fantasia, a primeira prova severa. E, nesse dilema, refugiei-me na noção do conhecimento parcial, a defesa do homem de razão: admitir que não compreendemos um fenómeno não é admitir a existência do miraculoso mas apenas aceitar racionalmente os limites do conhecimento humano. Deus foi inventado para explicar o que os nossos antepassados não podiam compreender: o radiante mistério da existência. Contudo, a existência do incompreensível não é uma prova da existência de Deus... oiçam: se eu estou a servir esta sopa requeitada é porque estou prestes a falar de assuntos que me são estranhos; estranhos por pertencerem ao reino do “mágico”, do inexplicável. Vou ter que falar de “Maria” e da sua “perceptora” e, como adulto, admitir o que é mais difícil de conceder-lhe,

ou seja a mesma verdade que Hamlet, também depois de ter visto um fantasma, obriga o esclarecido Horácio a aceitar: que, no céu e na Terra, pode haver mais coisas do que aquelas com que sonha a sua — e a minha — filosofia.

\*

Voltando ao trabalho depois de uma longa pausa — no Outono de 1991, algum tempo depois da exposição “Vina” no Orpheum — decido organizar uma sequência de imagens sobre a recordação de Vina, sobre a memória e a maneira errada e parcial como ela se apropria do passado. Estou de novo à beira-mar, na casa de Mack Schnabel, perto de Montauk Point, no alto duma escarpa contra a qual o forte bater das vagas cria um ar de perpétua tempestade, mesmo quando o céu está azul. Para elaborar a tal sequência, sirvo-me de duas cadeiras de costas direitas, dois espelhos, umas bonecas em tamanho natural, uns tantos adereços. Eis como a coisa deve passar-se: um homem mascarado — a máscara constituída por duas palas, cujas fitas se cruzam na testa, formando um X — está sentado numa das cadeiras contra uma parede de que pendem molduras ovais com velhas e indistintas imagens de mulheres fotografadas pelos pioneiros: Daguerre, Niepce. O homem tem no colo um espelho circular. Na primeira imagem da sequência, um espelho rectangular com o reflexo de um corpo nu de mulher será ele próprio visto no espelho redondo; o corpo, banhado em luz, proclama a sua feminilidade.

Nas imagens seguintes, o espelho circular contendo os reflexos rectangulares ocupa cada vez mais espaço e o rosto da mulher começa a distinguir-se e ocupa, por sua vez, mais espaço no espelho rectangular. A certa altura vê-se claramente o rosto de Vina. Depois muda para uma mulher muito parecida com Vina mas que não é ela. (Tenho que encontrar esta mulher seja onde for.) À medida que a sequência se desenvolve, os espelhos desaparecerão, um de cada vez, e a não-Vina será lentamente afastada até plano geral. Aparecerá então sentada numa cadeira de costas direitas parecida com aquela onde se sentava o homem mascarado da primeira imagem, parecida mas não é a mesma; ela terá no colo um espelho rectangular onde se vê o reflexo de um espelho circular que, mostra, por seu turno, o reflexo do corpo nu de um homem debruado a luz. A não-Vina passa a ter palas nos olhos. O homem começa por seu eu próprio, depois outro, menos parecido comigo do que a anterior mulher se parecia com

Vina; um homem que é um não-eu. E óbvio que a sequência é susceptível de uma infinita extensão, mas estou a pensar em acabá-la fundindo as imagens ao branco. Mudamos aquilo de que nos lembramos, depois isso muda-nos a nós e por aí adiante, até que nos fundimos um ao outro, a nossa memória e nós próprios. Uma coisa assim.

Para preparar a foto, coloco uma boneca na cadeira. Depois afino o ziguezague dos reflexos, a boneca 1 no espelho rectangular, o espelho rectangular no espelho circular pousado no colo da segunda boneca sentada, estando esta focada pela minha própria câmara.

Estou sozinho em casa. Quando arranjei a imagem servi-me de um copo de vinho e sentei-me a contemplar o meu trabalho. Devo estar cansado porque o vinho faz-me sono. Satisfeito, começo a dormir.

Sou acordado pelo ruído inconfundível de uma câmara a disparar. Duas vezes. Endireito-me, tonto de sono e de vinho, chamo mas ninguém responde. Ninguém mexeu nas bonecas ou nos espelhos. Verifico a Leica no seu tripé. Os dois primeiros fotogramas foram disparados.

*Vina*, sussurro eu, deitando a razão às malvas. *És tu, Vina?*

Quando revelo a película, Vina não está lá. Embora lá esteja alguém. E a mulher que já me tinha aparecido, de tempos a tempos, uma imagem-fantasma em vários rolos de película. A fotofantasma. Mas agora ela está sentada onde devia estar a boneca — onde, no cenário, a boneca *ainda está*, — e segura um cartão com qualquer coisa escrita.

No primeiro fotograma o que lá está é: SOCORRO.

No segundo fotograma a mulher parece exausta, para lá da exaustão, como se o esforço a tivesse esgotado completamente. Descaiu para trás na cadeira como uma boneca real. O cartão pende-lhe da mão.

SOCORRO OU

Quem és tu? pergunto eu às fotos enquanto elas secam, penduradas. O que é que queres? Socorrer-te como? Socorro ou quê?

Mas as fotos já disseram o que têm a dizer.

Passa um dia até eu ter a ideia de uma câmara de vídeo e outro para ir de carro até à cidade, carregar o equipamento necessário e voltar para casa da perpétua tempestade. Quando tenho tudo pronto já é meia-noite e, de qualquer modo, tenho a noção de que nada acontecerá enquanto eu estiver a olhar. Deixo a câmara a funcionar e vou-me deitar.

Na manhã seguinte, entro na sala excitadíssimo mas o contador diz 0000

e nada parece ter-se mexido. O desapontamento atinge-me duramente. Sento-me no chão e tenho tanta pena de mim próprio que passam cinco minutos antes de me ocorrer que a cassete tinha chegado ao fim e, automaticamente, voltara para trás. Ponho-me de gatas. É o que se sente quando se pensa que estamos num daqueles filmes de ficção científica, com encontros de primeiro grau. Há alienígenas no vídeo. Extraterrestres que caíram para a Terra. Vimos em paz, etc., e tal. Rendam-se, terrestres, o vosso planeta está cercado. Não entrem em pânico. Por qualquer razão desatei a rir-me.

A câmara de vídeo tem um visor. Encosto-lhe um olho e carrego no botão. A fita começa a correr.

A mulher sentada na cadeira onde devia estar a boneca 2 não é a jovem fantasma da véspera. Esta é mais velha, cinquenta e tal anos, ar preocupado, um rosto bondoso, o cabelo grisalho apanhado em carrapito. Parece indiana mas tenho a certeza de nunca a ter visto na minha vida.

Tosse levemente, um pouco embaraçada e começa a falar.

Sabe que um dos nossos velhos filósofos dizia para pensarmos nos humildes morcegos? Sabe de que é que eu estou a falar, não sabe? Que devíamos tentar sondar a realidade como fazem os morcegos. O objectivo deste exercício seria o de experimentar a ideia da alteridade, de uma diferença radical com a qual não temos contacto e nem sequer podemos descrever. Estás a perceber? Estou a ser clara?

Os morcegos vivem no mesmo espaço e no mesmo tempo que nós mas o seu mundo é completamente diferente do nosso. Agora: o nosso mundo é tão diferente do vosso como o dos morcegos. E nós somos muitos, acredite. Todos esses morcegos, todos nós, esvoaçando à volta das vossas cabeças. Não me estou a explicar muito bem.

Bom, digo eu, quer dizer que somos os morcegos uns dos outros.

Tenho pena de Maria. É uma rapariga brilhante mas não sei, é estranha, muito caprichosa, leviana e um tanto ninfomaníaca, percebe? a família não tem nenhum controle sobre ela. Penso que ela terá estado nos seus... como dizer? *sonhos*. Nos seus sonhos, sim. Desculpe-a. Ela está, por assim dizer, fragilizada. Tenho medo que não sobreviva ao que está para vir. Não tem força de carácter. Talvez eu também não tenha. Nenhum de nós sabe se vai responder bem até lhe fazerem a pergunta. Estou a falar da grande questão: vida ou morte. Não me está a seguir. É evidente que não. Sou muito

estúpida.

(Pausa.)

Não sei como dizer-lhe de modo a que compreenda o que estou a dizer. Suponha que um dia vira numa esquina e depara com uma loja de vídeo que nem sabia que existia e, lá dentro, paredes a mostrarem dezenas de vídeos totalmente desconhecidos. Okay? Suponha que alguns de vocês, bastantes mesmo, descubrem essa loja; mas não todos porque há muitos que, quando vocês lá os mandam, voltam para dizer que não encontraram nada. Nem a loja, nem a porta para a loja. Não é bem assim, mas é o melhor que me ocorre.

Você não reparou nisso — como é que podia reparar? — mas quando fazemos as nossas visitas não temos idade. Como quando se vê um vídeo, podem passar cem anos na história, mas para si são cem minutos, e ainda pode acelerá-los. *FF, freeze*, para trás, o que quiser. Para si, o tempo não é o mesmo do que para as personagens da gravação.

Mas isto está errado, porque nós descobrimos — alguns de nós, nem muitos nem poucos — que se passarmos a porta podemos entrar na gravação, está a ver? A minha metáfora não está a impressioná-lo porque eu disse que a porta era a porta da loja onde passavam os vídeos, mas a verdade é que não há loja nem vídeos, só aquelas portas, sim, aquelas aberturas, você é fotógrafo e sabe portanto o que a palavra quer dizer, a abertura deixa entrar a luz, como um milagre, marcando a realidade, deixando para trás a sua imagem.

Não posso explicar melhor. Somos a luz de outro mundo.

Penso que já devem ter imaginado o que se segue. Os fios do tempo que, por acidente, se ensarilharam como fios de papagaios de papel. Os mundos a encaminharem-se para a colisão, o que já começou, aliás, os tremores de terra, já devem ter percebido o que significam, penso eu. Há muito tempo que o seu amigo Ormus anteviu o pior, e isso deu cabo dele, o que é pena. Ele previu o fim do vosso caminho: Mas a verdade é que o vosso caminho é mais seguro do que nós pensávamos e os estragos no nosso mundo são terríveis, não há outra palavra. Áreas inteiras foram devastadas, completamente destruídas, já não existem. Onde elas existiam, há agora um não-ser que põe as pessoas loucas. É um nada incompreensível. Nem imaginam.

Podem vocês conceber tamanhos estragos no mundo real? O que ontem



era verdade — um ataque terrorista com o vírus do antraz no metro de Nova Iorque — já o não é hoje, parece que não era nada o vírus do antraz. O que ontem era *seguro* hoje é *perigoso*. Nada é como dantes, já não há certezas.

Está a perceber? A vossa linha é muito forte, como o fio de *Kala-manja*. Parece que vocês nos podem desligar e nós não podemos fazer o mesmo a vocês. Vocês vão continuar e nós estamos a chegar ao fim, à borda, ao desgosto. Nós passaremos a ser o vosso evanescente sonho.

Os estragos já são demasiados; não podemos escapar. A porta, está a ver, a abertura está trancada. Ainda podemos ver através do vidro, ainda podemos, durante algum tempo, gritar algumas mensagens como esta, mas já não podemos esgueirar-nos e aparecermos aí, ao vosso lado. Como éramos loucos ao pensar que o nosso tempo de liberdade, de felizes viagens entre universos, não teria fim! Talvez pudéssemos ido ter convosco e pedir refúgio, é o que alguns dizem agora, mas outros dizem que quando a linha acaba, acaba tudo para nós. Ficamos perdidos. Estamos perdidos.

Tudo o que ficará de nós é essa luz no vosso olhar. As nossas sombras nas vossas imagens. As nossas formas indecisas, caindo através do nada, quando o chão desaparecer, a terra firme sob os meus pés.

(A imagem vídeo começa a deteriorar-se. Quer a imagem quer o som tornam-se confusos. A imagem saltita e distorce-se, o som dá estalos e apitos. A mulher fala mais alto.)

Há muito tempo — num avião — falei com um amigo seu, o Sr. Cama, — Ormus! — Quando Maria foi ter com ele, eu pensei, ao princípio, que ele fosse um de nós. — Está a ouvir-me? Pensei que ele viesse do nosso lado! — Mas não, não era — foi maluquice dela. — Digo-lhe que ela vive num mundo de fingimento. — Fantasia! Ficção! — Pobre rapariga...

*Tlick. Clack. Pop.*

Oh meu deus! — Isto está rasgar-se! — A fita é tão frágil! — Não é bastante forte. — Em breve, nós seremos apenas as vossas ilusões.

(Começa a ser difícil distinguir a mulher por causa da “chuva” no vídeo, ou ouvi-la com aquele ruído de fundo. Ela começa a gritar o mais que pode, o som vem e vai, parece um telemóvel barato.)

Está a ouvir? — ela apaixonou-se por ele — de verdade — ela não é má rapariga — nós não somos más pessoas — o nosso mundo é tão belo como o vosso — mas o amor dele — de Ormus — *quer dizer, por aquela mulher* — foi muito duro para Maria. — Está a ouvir-me? — Era isto que Maria

queria dizer-lhe. — É o seu último pedido. — E o meu também. — Trate bem dele. — Estamos a acabar. — Está a ouvir-me? — Não o deixe morrer.

... AJUDE ORMUS...

A comunicação acaba definitivamente. A “chuva” esconde a imagem. Imagino estar a assistir ao fim do mundo. Nos desenhos que aparecem no ecrã parece-me ver torres a desabar e o oceano a elevar-se para engolir a terra. No silvo e no rugido do ruído branco é fácil ouvir os gritos de agonia de uma espécie inteira, o estertor de uma outra Terra.

Na gravação, a imagem muda. A “chuva” do vídeo desaparece. No seu lugar vê-se agora uma boneca numa cadeira segurando o espelho redondo no qual se reflecte um espelho rectangular que, por seu lado, mostra o reflexo de uma outra boneca.

\*

Fico no estúdio a maior parte do dia, sozinho com as minhas bonecas e as suas imagens no vídeo, pensando em Maria e na sua perceptora e na sua história de que tudo se dissolveu no ar. O que vem ao espírito absurdamente, ou talvez não tanto, é uma cena de um filme: o Super-Homem no palácio de gelo, no pólo, agrupando cristais e esconjurando os seus pais, há tanto tempo mortos, um casal condenado, sereno, propondo-nos a sua sabedoria sobre um mundo desaparecido para lá das arcadas do tempo. A desvairada Maria com as suas mensagens garatujadas e a minha outra visitante, sem nome, muito composta, enfrentando com dignidade o esquecimento definitivo: mal as conheci — eram, apesar de tudo, alienígenas visitantes de um outro mundo, ainda que familiar, chegando até nós por um caminho inimaginável — e, no entanto, sinto-me profundamente abalado pela sua perda. Começo a tentar perceber a razão deste sentimento. Acabo por decidir que é porque, embora não as conheçamos bem, elas conhecem-nos a nós e quando perdemos alguém que nos conhece perdemos uma versão de nós próprios. Nós próprios, tal como éramos vistos e julgados. Amante ou inimigo, mãe ou amigo, aqueles que nos conhecem constroem-nos e os seus conhecimentos talham as diferentes facetas dos nossos caracteres como se fossem ferramentas para lapidar diamantes. Cada uma destas perdas é um passo mais para a sepultura, onde são engolidas todas as nossas versões.

Esta ideia faz voltar os meus pensamentos para Vina, que é para onde me conduzem todos os caminhos da minha mente. O seu conhecimento de mim

era tão profundo, a sua versão tão impositiva que agrupa e solda as minhas diferentes identidades. Para sermos mentalmente saudáveis, temos de escolher entre as antagónicas versões de nós próprios; eu escolhi a dela. Adoptei o nome que ela me deu, e as críticas, e o amor, e chamei *eu* a tudo isso.

Desde a morte de Vina e a perda da sua incisiva visão, do seu Rai, passei a sentir-me cada vez mais dividido em momentos díspares e contraditórios; deixei, vejo-o agora, de ser coerente. O “milagre do videotape” mostrou-me aquilo que eu, por mim próprio, já devia ter descoberto há muito tempo: que há dois de nós enlutados pela perda dos seus juízos redentores; e que era tempo de fazermos uma ponte sobre a brecha que se abriu entre nós com o correr dos anos, alargando-se pouco a pouco. Agora, que ela desapareceu, talvez tenhamos nas nossas mãos a salvação um do outro.

Ajudar Ormus. Sim. E talvez ele me ajude a mim.

\*

Estou a carregar o jeep para voltar para a cidade e penso nos velhos dias de Bombaim com Ormus, no seu quarto ou no sótão de Apollo Bunder. Sinto-me alegre ao pensar no regresso daquela amizade, nos dias felizes da infância. Mas eis que aparece Molly Schnabel, a agressiva ex-mulher de Mack, sofisticada e de língua de prata, em camisa branca e calças de caqui, avançando em minha direcção de mãos nas algibeiras e um sorriso trocista na boca carnuda.

Olha o rapaz indiano inconsolável, chorando a morte da mulher de outro homem! Pareces uma donzela, Rai, devias olhar para ti. És uma Níobe, desfeita em lágrimas.

Mantenho-me calmo. Olá, Molly, *quelle surprise*.

Ela muda de tom, do irlandês popular para o chilrear infantil.

Oh papá, sabe? O carro avariou-se aqui mesmo ao pé. Acha que posso fazer um telefonemazinho para o mecânico? Desculpe incomodá-lo.

Molly passou algum tempo na Índia — é um produto multinacional, o pai era um dos patrões da Union Carbide até ao grande desastre da fuga de produtos tóxicos, a nuvem de metil-isocianeto que liquidou os olhos e os pulmões dos habitantes de Bhopal; o velho Molony era um dos executivos que foi responsabilizado pelo desastre — e ela tem muito orgulho em imitar o inglês dos indianos. Uma vez, numa festa da Colchis, atraiu a atenção de Yul Singh com essa gracinha, até que ele acabou por dizer secamente, Por

amor de Deus, Molly, estamos na América. Fale americano.

*Se ela aparecer, não a deixes entrar em casa sob nenhum pretexto, avisara-me Mack. Mesmo que tenha levado um tiro e esteja a sangrar. Barrica-te lá dentro e prepara-te para um cerco, se for preciso. A sério. Houve uma altura em que Chow estava lá a viver e ela apareceu com uma camioneta de mudanças e tentou esvaziar a casa.* Agora Molly tem a cabeça inclinada para o lado, de maneira que as ondas do seu cabelo loiro lhe destapem um só olho, como a Veronica Lake, e impinge-me a sua pobre história numa vozinha de criança. Ouve Molly, digo eu, sabes muito bem que eu não te posso deixar entrar. Se queres realmente fazer uma chamada, tens aqui o meu telemóvel.

O télélé também eu tenho, abandonando o pretexto e encolhendo os ombros e subindo a voz até aos agudos. Achas que me vais impedir de entrar na minha própria casa? Só porque não tens autorização daquele malandro que pôs o pénis na mão do meu filho.

Pára com isso, Molly. E pára imediatamente.

Porquê? Por causa daquele bandalho que andou a pôr narcóticos nas narinas dos meus miúdos? Aquele devasso que se deleitava com práticas sexuais perversas, tanto na cama conjugal como fora dela? Aquele sepulcro caiado em que só vi os vermes da corrupção?

Tal como pode existir uma visão que aproxima e liga duas pessoas, há também uma que os separa irredutivelmente, e, no que toca ao meu amigo Mack, ela é encarnada naquela mulher de trinta e três anos, aos gritos, com a voz distorcida, no relvado do seu passado, difamando aquele que ela amou, fazendo acusações que produzem condenações automáticas no espírito de quem as ouve, e servindo-se da sua autoridade e beleza, assim como das palavras *esposa* e *mãe* para dar às suas falsidades o apoio da própria lei. Este adversário terrível já desfez o bom nome de Schnabel mas quer ainda tudo o que lhe resta. Não lhe interessa o que acontecerá a Mack para o resto da vida. A versão dela está-lhe marcada a fogo na testa. É como uma letra escarlate bordada no seu casaco.

Vou levar-te ao teu carro, digo-lhe eu. Ou chamar o mecânico se ele está realmente avariado.

Tu serias o perfeito cortezão de terceira classe de qualquer déspota do Terceiro Mundo, disse ela abandonando o sotaque indiano que tinha usado por gozo. Ou o lacaio lambe-botas do Presidente, o seu *factotum*. Ou o

pequeno bandido rasca que faz o trabalho sujo dos grandes Padrinhos. É preciso humilhar uma mulher, injuriá-la, deitá-la para fora da sua própria casa? Mandem o Rai. Chamem-no pelo seu telemóvel de merda.

Entra, Molly, disse eu. Ela executa; e põe-me imediatamente a mão no colo. Ah, diz ela, lá está o velho Adão a funcionar, sentindo o movimento que eu não consigo controlar. É aí que levas as chaves, porque é que não disseste, querido, a Molly vai tratar de tudo, conhece o segredo do teu cofre.

Fica para outra vez, está bem? e ligo o motor.

Quando chego ao Orpheum, Clea Singh está à minha espera no átrio, tendo na mão um envelope que me é dirigido na letra pouco firme de Ormus Cama. Está mais uma vez a precisar do Senhor, diz Clea. Tem que vir já.

A nota no envelope tem apenas três palavras.

*Encontrei-a. Está viva.*

---

[78](#) Na sequência da invasão do Panamá em 1989 por tropas norte-americanas, o Presidente Noriega refugiou-se na Nunciatura. Os Americanos instalaram altifalantes atroadores vinte e quatro horas por dia e o Núncio entregou o seu refugiado. (N.T.)

[79](#) Jogo de palavras entre “shake” (abalo) e “sheik” (príncipe árabe), que em inglês se pronunciam da mesma maneira. (N.T.)

## Capítulo 17

### MIRA NA PAREDE

Quando chegámos ao edifício Rhodopé, Shetty, o Porteiro, não se encontrava no *lobby*. A pequena Clea, de lábios enrugados, diz-me que ele foi finalmente posto a andar. Ela própria uma antiguidade eterna, sublinha, com algum desprezo mas sem ironia, o facto de Shetty ter ultrapassado há muito a idade da reforma. *Eles apenas o mantiveram como um favor à Senhora*, disse Clea, *mas agora é melhor que ele repose*. Ele está em Mineola, N.Y., onde existe um excelente lar de idosos, convenientemente perto do crematório e tem o que Clea descreve como *uma pensão generosa, nós não tínhamos qualquer obrigação mas, apesar de tudo, ele era o Pai dela*. Os laços de amizade entre Shetty e os Singhs nunca foram fortes e, depois de ter perdido a protecção de Vina, o seu destino ficou traçado. Após um adequado período de graça de que o porteiro beneficiou, Clea pôs em prática a sua jogada final. Ele não tinha forma de lutar com ela. Xeque-mate num lance.

Prestei-lhe uma homenagem silenciosa. Velhote, querias morrer calçado, mas na velhice, o poder de escrevermos os nossos próprios argumentos diminui e são aqueles que podem reescrevê-los que decidem qual será o conteúdo das nossas últimas intervenções. Adeus, Porteiro. Goza os pores-do-sol se puderes.

Clea agiu em relação ao Porteiro Shetty com a sua habitual dureza e clareza, o que torna ainda mais estranho aquilo que se passou no nosso trajecto de limusine pela cidade, quando esta senhora habitualmente tão segura de si se mostrou extremamente agitada. Apercebo-me que poucas pessoas fora do círculo restrito dos Singhs chegaram aonde eu estou quase a chegar: ao coração do silêncio e da obscuridade que agora envolve completamente Ormus Cama. Ormus tem estado invisível desde a última vez que fui levado à sua presença, no Guadalajara Hyatt. Estava a par das suas actividades através de Shetty — as visitas à Deusa-Mãe, etc., — mas é provável que nenhum estranho o tenha visitado no seu covil fortemente defendido durante todo este tempo. A grande preocupação de Clea é certamente uma indicação da natureza excepcional deste acontecimento. Nada de máquinas fotográficas, insistiu ela antes de partirmos. Eu não tinha pensado fazê-lo, mas senti-me intrigado pela proibição. A aparência de Ormus seria assim tão má? O que é que ele, ou os seus assessores, não

queriam que o mundo observasse?

As pessoas que, como eu, trabalham nesta profissão, pensam sempre assim, digo, repreendendo-me. Não existe nenhuma lei que obrigue um homem a aceitar ser fotografado apenas porque deseja falar com um fotógrafo. Há que deixá-lo em paz.

Clea fala sem parar durante o trajecto do Orpheum para o Rhodopé. Sr. Rai, sabe como são as más-línguas e já terá ouvido dizer que não temos cuidado bem do Senhor. Provavelmente, já terá lido afirmações maldosas sobre o seu estado de saúde física e mental, bem como comentários desfavoráveis sobre a forma como gerimos os seus bens. Sr. Rai, só lhe peço que mantenha o espírito aberto. Se desejar, posso mostrar-lhe todos os livros, todas as contas, verificará que cada cêntimo é contabilizado e que todas as empresas estão a funcionar em perfeitas condições. Se o senhor o pretender, apresentá-lo-ei ao seu médico pessoal, que poderá confirmar a nossa absoluta obediência às suas ordens. Se for esse o seu desejo, todas essas coisas poderão ser esclarecidas.

De repente percebi; ele está a morrer. Estes são os seus últimos momentos e Clea e o seu clã estão extremamente assustados.

Não sei porque me está a dizer isso tudo, digo eu.

Veja, Sr. Rai, o Senhor Ormus é um homem muito só. Ele só pensa na querida Senhora, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Considera-o a si um irmão, por ter sido o melhor amigo da Senhora. Entristece-o o facto do Sr. Rai ter estado tanto tempo afastado dele.

Decidi não contestar esta inesperada declaração. *Ajudar Ormus*. Este é o meu novo propósito e não há tempo para a mesquinhez, para antigas queixas ou animosidades.

Na limusine, Clea tem mais confissões a fazer. Sr. Rai, o Senhor Ormus está em apuros. Ele dedica demasiado tempo a coisas nefastas na esperança de que o ajudem a suportar a sua perda. Tenho muito medo por ele, Sr. Rai.

Coisas nefastas, repito. Ela parece-me assustada, remexendo e torcendo as mãos. Então ela diz, em voz baixa, os nomes das drogas ilegais. Hoje, o motorista é Will Singh. Ele está virado para a frente e conduz com uma expressão fechada e impassível.

Perguntei a Clea qual era a quantidade de droga que ele consumia e quando ela me respondeu, vi que a catástrofe estava perto. Como é que ele obteve essas substâncias?

Clea dirige-me um olhar desafiador e responde da forma mais simples, eu consigo arranjar tudo o que o Senhor Ormus pede. É o meu dever, como também já o foi em relação ao Sr. Yul e à Senhora.

Imagino a pequena Clea com o seu sari regateando nas salas obscuras do Território da Droga com personagens do estilo de Harry the Horse e de Candymaster C, ganhando o respeito dessas pessoas pela sua calma, pela atenção que tem pelos pormenores, pela forma como insiste em manter padrões elevados. Sabe Clea, digo-lhe em tom amigável, muitas pessoas não irão compreender que quando você alimentava o vício de Ormus e permitia que a sua dependência aumentasse, estava apenas a agir como uma verdadeira amiga. Muitas pessoas irão pôr em causa os motivos que a levaram a agir dessa forma.

Clea Singh adopta, com orgulho, uma postura firme, recta, quase indignada; Mas, Sr. Rai, eu não sou uma amiga do Senhor Ormus, como é que pode pensar isso? Eu sou sua criada. Desde que a Senhora e o Senhor nos salvaram, nós tornámo-nos seus súbditos declarados. Eu não questiono nem contesto as necessidades do Senhor Ormus, eu escuto e colaboro, Sr. Rai.

E esse médico, pergunto. Ele tem alguma ideia do que está a acontecer?

Ele já está familiarizado com a gente da música, responde Clea Singh, retomando a sua voz de ferro. Sr. Rai, o senhor é um homem do mundo, estou certa disso. Qual é então a razão para este interrogatório? O mundo é o que é.

\*

Mesmo depois de todos estes avisos, fico chocado quando vejo Ormus à minha espera junto à porta do elevador. Ele mantém-se direito mas com dificuldade. Sinto que esta demonstração, não muito convincente, de bem-estar, se deve unicamente à minha vinda. Se eu não estivesse presente, Ormus estaria certamente apoiado no braço de um dos Singhs. Vejo, pelo canto do olho, jovens fortes vestidos com fatos brancos de karaté, com expressões inquietas.

Em Guadalajara, Ormus estava magro; agora está totalmente emaciado. Eu conseguiria certamente levantá-lo com uma só mão. Perdeu quase todo o cabelo e, embora o pouco que lhe resta esteja praticamente rapado, posso ver que o restolho é todo branco. O nariz parece demasiado estreito e, apesar de ter um xaile indiano à volta dos ombros, está cheio de arrepios



naquela noite quente. Anda com a ajuda de uma bengala, como se tivesse noventa anos e não cinquenta e quatro. Talvez seja demasiado tarde para o ajudar.

Ormus não tem a pala no olho. Apercebo-me que ele também sabe do fim do outro mundo. Sobre o qual estava simultaneamente certo — porque havia na realidade dois mundos em rota de colisão, sei-o agora — e errado, porque o outro mundo não era de forma alguma intrinsecamente superior ao nosso. Aconteceu que essa versão falhou. A nossa prevaleceu — ou, digamos, sobreviveu.

Esta era a natureza da loucura de Ormus: no seu pensamento, ele dera mais importância a outra versão do mundo do que à sua. Talvez agora, se continuar vivo, ele tenha uma possibilidade de recuperar o seu equilíbrio mental que lhe permita reentrar no mundo real, o nosso.

Obrigado por teres vindo, sussurra-me Ormus. Só quero que vejas uma coisa; para, ah, confirmar. Volta-se e afasta-se cambaleando, através do seu universo vazio e branco.

O tamanho do apartamento é espantoso e mesmo o seu alojamento no Mexican Hyatt parece minúsculo ao lado deste: os intermináveis espaços brancos, as escadarias abertas, o vazio, o *espaço*. No canto mais afastado de uma enorme zona vazia, avisto um colchão branco japonês e um candeeiro branco sobre uma mesa branca e baixa, enquanto que noutra vastíssima área, existe apenas um grande piano branco com o seu tamborete. Não se vislumbra uma só mancha de pó, nem um copo usado, nem uma peça de roupa suja. Não consigo imaginar quantos Singhs são necessários para olhar por Ormus, para criar este universo imaculado.

Enquanto anda vai falando baixinho. Tenho que ficar perto dele para ouvir o que ele tem para dizer.

Curtis Mayfield está paralizado, Rai. Caiu-lhe uma torre de iluminação em cima. E *depois*, ardeu-lhe a casa. Sim. Steve Marriott morreu queimado, ouviste bem. Outro incêndio. Exacto. E Doc Pomus morreu. David Ruffin morreu de overdose. Demasiada Tentação, penso eu, ãn? O Will Sinott dos Shamen? Afogado. Leo Fender, Uncle Meat, Johnny Thunders, Professor Longhair, Stan Getz, *Requiescant In Pace*, querida. Também aquele rapazinho que caiu da janela da *penthouse*. Terrível. E corre por aí que Mercury também não dura muito e que o Brian Jones foi assassinado. *Brian Jones*, eles arranjam provas. O que é que se passa Rai, eu não sei o que se

passa. Eles estão a exterminar-nos.

Apercebo-me de que isto é a conversa fiada de Ormus, estranha, desligada, feita de associação de ideias. Eu não o julgo. Não esqueci a minha lista de mortos que desbobinei ao Johnny Chow há pouco tempo atrás. Nomes diferentes mas a mesma obsessão. Estes são os novos companheiros de Vina, o primeiro círculo social do seu céu ou do seu inferno.

Sigo Ormus através de hectares brancos até chegarmos a um canto, onde uma porta branca e almofadada abre e fecha e, inexplicavelmente, encontro-me num sítio que parece uma versão miniatura do Centro de Operações da NASA, em Houston: ecrãs de televisão que ocupam, do tecto ao chão, as quatro paredes de um estúdio que cobre uma área de trezentos metros quadrados e, no centro, um sistema de comando de odisseia espacial: bancos informáticos, mesas de mistura e trucagem audio e vídeo, sintetizadores Yamaha, Korg, Hammond, MIDI-B e Kurzweil, e duas cadeiras giratórias brancas.

Em cada ecrã — devem existir mais de trezentos — vê-se uma Vina falsa dando voltas e voltas. O som está mudo; trezentas Vinas falsas e mudas mexem a boca e movimentam-se freneticamente. Se eu quiser um modelo para representar uma sócia de Vina na minha série fotográfica inacabada — e penso que sim — vim ter ao sítio certo.

Mesmo depois destes anos todos, continuo espantado com o dinheiro gerado pela música rock. Os recursos necessários para adquirir todo este espaço e para construir no seu centro este sistema de montagem áudio e vídeo, com capacidade morfotécnica e computadores musicais *floating point* que, se forem reprogramados, podem dirigir com eficácia um sistema de mísseis guiados de médio alcance; depois para alugar um pequeno exército de equipas de vídeo para fazer centenas e centenas de gravações de falsas Vinas: inimaginável. Inimaginável é também o luxo de poder pedir o que se quiser e conhecer pessoas que o façam, e nem teremos qualquer ideia sobre o custo.

É como se nos oferecessem o mundo como brinquedo.

Assim que a minha cabeça pára de girar, o coração começa-me a doer, não apenas por mim mas também por Ormus. A obsessão é a revelação da dor oculta. Apercebo-me de que até agora não levava a sério o seu recado. Interpretei-a, percipitadamente, como o grito de socorro de um homem que

se afoga; nunca me ocorreu fazer uma leitura literal dessa afirmação. Agora que os meus olhos nadam num mar de Vinas falsas, percebo que ele acredita plenamente que uma destas patéticas falsificações é realmente a verdadeira, a pobre Vina esmagada no desastre, a Vina que todos nós amámos, que se levantou do seu túmulo-abismo e canta os seus êxitos para cowboys, soldados, talvez *Unabombers* e bêbedos em Grand Island, Nebraska, ou em qualquer centro do mundo musical.

Entretanto, Ormus senta-se numa mesa de controlo, diz *olha para isto*, mexe num punhado de botões e então ela aparece trezentas vezes, brilhando em todos os ecrãs. Ele carrega em vários controlos áudio e a sua maravilhosa e inimitável voz brota e afoga-me.

Vina. É Vina que regressa do mundo dos mortos.

\*

*Não te cabe a ti*, canta ela. E outra vez e mais uma vez enquanto a velha canção acelera para o fim, *não, não te cabe não te cabe não te cabe a ti*. A sua voz faz coisas extraordinárias — novas e familiares — com a linha melódica da canção, esticando e dobrando o som, dando-lhe um sentimento típico do *jazz*, como ela fazia quando se sentia numa atmosfera de férias. E, num momento de climax ao estilo de Ella Fitzgerald, ela improvisa um *scat*.

*Be-bop! Re-bop! Rreee!*

*Skeedley-oo!*

*Oh, mam? Rama-lam?*

*There's nothin' you can do...*

*Wo, pop! De-dop!*

*Mop! A-lop-a-doo!*

*Oh it's not, no no not, whoo whoo*

*Not up to you.*

*...O, yeah*

A multidão invisível fica louca. Ela sorri: o sorriso de Vina consegue iluminar a mais escura das salas. Oh Vina, Vina, penso eu. De onde é que tu saíste, não é possível que estejas morta. Trezentas Vinas cercam-me, rindo e agradecendo.

Não me lembro deste show, digo gaguejando. Que é isto, uma velha cassette pirata ou alguma gravação esquisita feita num sítio qualquer.

Mas vejo que a cassette tem uma data. Foi gravada há menos de uma semana. E vejo também que, embora ela seja Vina, — por uma pena, é

também uma Vina estranhamente composta, uma Vina que nunca o foi. Tem o cabelo pintado de vermelho e apanhado naquela espécie de crista jorrando por cima da cabeça que eu tão bem recordo, como se fosse o Woody Woodpecker, e usa as calças em cabedal e o *bustier* dourado com lantejoulas brilhantes que Vina usou na sua última actuação, mas esta não é uma mulher com mais de quarenta anos, esta não é a solista madura que prepara o seu regresso. Esta Vina não tem mais de vinte anos. No entanto, traz o anel de pedra-da-lua.

Quando me virei para Ormus vi-lhe lágrimas nos olhos ....

Eu tinha razão, diz Ormus, num sussurro. Eu sabia que não era só a minha imaginação.

Como é que ela se chama, pergunto-lhe e dou por mim também a sussurrar.

Ele entrega-me um delgado dossier branco.

Mira, diz Ormus, tossindo. É assim que ela se chama agora.

\*

Mira Celano, oriunda daqui mesmo, Manhattan, diz o relatório. Nascida no Lenox Hill Hospital em Janeiro de 1971, por isso estava certo quanto à idade dela. 1971, o ano do juramento de celibato de Ormus, é tão jovem quanto isso. É filha única. O pai Tommaso tinha sessenta e um anos quando ela nasceu. Ela lembra-se dele (aqui estou a enfeitar o relatório da agência de detectives com pormenores que fui buscar a um posterior conhecimento que tive dela) como um homem forte como um leão, baixo e de peito largo que, devido à sua idade avançada, se sentiu sem jeito perante a divina criança, que a abraçou rapidamente com rudeza e a entregou ao mais próximo membro feminino da família. Era um homem honrado, advogado de uma grande firma sediada em Upper East Side mas que, no entanto, manteve laços chegados com a sua comunidade e que não esquecia as suas raízes familiares em Assisi, na Itália. Tinha sido também um herói da Segunda Guerra Mundial condecorado com uma medalha de mérito pelos seus feitos como o decano dos ases dos bombardeiros americanos que afundaram o porta-aviões japonês *Hiryu* na batalha de Midway.

Morreu recentemente com oitenta e nove anos.

A mãe de Mira não era italiana. Não deixa de ser surpreendente que Celano, um homem tão conservador que ficou solteiro tempo suficiente para desiludir mais do que uma geração de mulheres italo-americanas, se

tenha apaixonado no fim dos seus sessenta anos por uma médica indiana que ele “achou gira”, como se diz nos filmes, quando o condutor Ibo<sup>80</sup> do táxi dela colidiu deliberadamente com o seu, conduzido por um Hausa, em Central Park South. Cada um dos dois condutores, adeptos fervorosos de lados opostos no conflito sangrento e cada vez mais intenso de tentativa de secessão por parte do Biafra da Nigéria, começaram por identificar como inimigo o outro condutor através das bandeiras postas nos vidros laterais e traseiro e dos autocolantes nos pára-choques. De seguida, abriram os vidros e deram início a uma troca intercalada de insultos — *Tree-swinger! Oil-slime! Gowon goon! Ojukwu oaf!* — enquanto os seus táxis avançavam palmo a palmo no meio da grande densidade de tráfego em hora de ponta; até que, finalmente, o jovem Ibo, adepto da secessão, ou talvez apenas esbraseado devido ao calor que se fazia sentir nessa tarde de Verão, virou as roclas do seu táxi e foi bater no veículo do sarcástico Hausa, o que teve como resultado uma chuva de vidros partidos. Os condutores saíram ilesos, mas os passageiros, que estavam nos bancos traseiros dos seus respectivos táxis, voaram dentro dos seus espaços limitados e, por isso, sofreram algumas topadas.

Tommaso Celano, sempre muito cavalheiro, quis assegurar-se que a senhora do outro táxi não tinha ficado ferida, mas depois teve que confessar que ele próprio estava meio zozzo e sentou-se na borda do passeio com um caso sério, como ele definiu, de “ver estrelas”. Felizmente que a senhora era médica. Mehra Umrigar Celano nasceu em Bombaim (continuo sem poder fugir aos Parsis de Bombaim), veio para o Ocidente estudar medicina, ficou por cá, casou-se com o Tommy apenas nove semanas depois da Guerra de Táxis do Biafra e chamaram Mira à sua filha porque era um nome corrente quer na Índia, quer em Itália e além disso é fácil de pronunciar. Apesar de se ter tornado uma especialista em oncologia no New York Hospital, morreu de cancro do peito antes do seu quadragésimo aniversário, quando a filha tinha apenas quatro anos de idade. Celano, achando-se demasiado velho para cuidar da criança, entregou-a a uns parentes, dos quais não se podia dizer que fossem italianos típicos, o que ela descobriu rapidamente: sentiam-se ressentidos pelas suas obrigações familiares em relação a ela, não tinham grandes demonstrações de afecto e não tinham vontade de tê-la ao pé deles durante muito tempo. Apesar deste ambiente familiar incerto e nómada e das difíceis interrupções de uma educação dividida pelos liceus

de três localidades, Mira tornou-se numa estudante de nota máxima, um exemplo a seguir, que foi aceite na Universidade de Jornalismo de Columbia e se tornou imediatamente uma rapariga livre, como se todo o seu trabalho árduo e o seu bom comportamento até essa altura tivessem sido uma manha de prisioneiro, uma forma de acelerar a data da sua libertação. Ela escondera as suas asas toda a sua vida e agora queria voar.

No seu ano de calouira, Mira deu a conhecer a sua voz, o que fez dela uma estrela do *campus* universitário, andou de mão em mão e engravidou, tudo num único semestre. Decidiu ficar com o bebé, desistiu da universidade e foi imediatamente deserdada pelo pai, que viria a morrer logo a seguir, a jogar ténis em Cape Porpoise, no Maine, o que tornou impossível qualquer reconciliação. Ele estava a agachar-se para receber o serviço quando foi assassinado por um forte ataque cardíaco e caiu com a cara no chão do court de cimento, continuando a agarrar a raquete, mas abandonando o jogo. Morreu antes dos braços terem tido tempo de proteger a cara tendo partido o nariz, o que muito prejudicou o seu aspecto dando-lhe, em morto, um ar bem mais grosseiro do que ele alguma vez teve durante a vida. Com aquele nariz imponente esmagado e desviado para a direita, já não parecia um homem muito importante mas sim um pugilista de terceira ordem que perdera a última de uma série de batalhas perdidas. Foi um final rápido, mas não o suficiente para que Mira beneficiasse do testamento. *Nem um só cêntimo para a minha filha Mira que foi a desilusão da minha velhice.*

O dinheiro foi dividido. Algum destinou-se a projectos de caridade para a comunidade italiana em Manhattan, Brooklyn e Bronx e o restante para os mesmos parentes que tinham frustrado os primeiros anos da vida de Mira. Os sortudos herdeiros não se mexeram para ajudar a sua parente deserdada e chegaram mesmo a ignorá-la no funeral do seu pai, como que dizendo, esquece-nos querida, não telefones, não escrevas, estás por tua conta. Mira aceitou o desafio. Depois de ter tentado voltar ao jornalismo, mesmo que fosse o de mais baixo nível, ela começou a cantar em bares lúgubres para ganhar o seu jantar, levando a bebé numa alcofa e escondendo-a atrás das cortinas do palco ou debaixo do piano, ou na casa de banho das senhoras, ou em qualquer lado, rezando para que ela dormisse durante o espectáculo e subornando *grooms* e empregadas de mesa para tomarem conta dela caso ela acordasse.

A rapariga tem agora pouco mais do que um ano. O seu nome é Tara, o

que significa, em “Hug-me”, *star*.

\*

Enquanto leio o *dossier*, Ormus coxeia até à casa de banho e demora o seu tempo. Eu devia intervir mas não sei de que forma, pelo menos agora. E, além disso, estou a ler. E também não sei bem onde fica a casa de banho.

É fácil, penso, ver de onde vem o interesse da Mira Celano em Vina. Apesar de todas as diferenças, quer sejam de raça, de classe ou de oportunidade, ela tem muito em comum com o seu ídolo: vir de uma família com mistura racial, ter ficado órfã muito cedo, os anos de infância sem amor, um sentimento arreigado de rejeição e exílio, próprio dos excluídos. Aquilo que nos faz sentir à margem, empurrados por uma poderosa força centrípeta em direcção ao centro do jogo. Agora Mira está sem um tostão, tal como Vina estava quando começou.

E há também a sua voz, é claro, a voz que ela guardou escondida durante tanto tempo. É provável que, tal como Vina, ela tivesse locais secretos para onde ia cantar. O seu próprio Goat Lick Hollow, algures no parque.

Consigo imaginar facilmente que quando ela começou a cantar, durante o seu semestre solitário em Columbia, foi imediatamente rodeada por admiradores que a apelidavam de nova Vina Apsara, ou melhor ainda, lhe diziam para gravar uma cassette, esquecer o jornalismo e procurar a glória. Mas, de repente, ela estava falida, os amigos da universidade tinham desaparecido e a cassette, os produtores e a glória pareciam estar muito longe. E, no entanto, o negócio de reprodução de Vina era próspero. Por isso, conforme ela me disse depois: *Se eu não posso ser a nova Vina, então serei a velha. Era com essa que era parecida. Colei a fotografia que tu tiraste — sabes, aquela da Vina no tremor de terra na parede do meu quarto e decidi, tudo bem, por agora vou ser Vina.*

\*

Ormus voltou da casa de banho, parecia simultaneamente melhor e pior. Tenho outras cassetes, diz Ormus, e começa a carregar nos botões.

Agora vê-se, nos trezentos ecrãs, Mira Celano e a bebé adormecida, observadas por uma câmara-espia instalada num ponto alto no canto de um quarto. Ela encontra-se num pequeno e triste camarim, com um quimono e prepara-se para se desmaquilhar. Quando tira a peruca vermelha e a rede do cabelo, solto um pequeno grito. O longo cabelo preto cobre-lhe as costas até à cintura. Ela sacode-o, pega num pente e dobra-se para a frente até o

cabelo roçar o chão, ela penteia-o até eliminar os nós. De seguida, em frente ao espelho, trata da cara. Mais uma vez, fico espantado. A limpeza elimina a maior parte da cor da pele. Esta rapariga foi na realidade escurecida para representar a Vina morena, cruzando, à sua maneira, a fronteira da cor, uma fronteira cheia de minas. A sua própria tez — embora a qualidade da cassette torne difícil qualquer certeza — parece de um tom de azeitona claro.

Ela terminou. No espelho vê-se agora uma rapariga um tanto aputalhada, com ar mais latino do que indiano, uma jovem mãe solteira que luta pela sobrevivência na dureza da cidade e realmente bonita ao contrário da imagem que é o seu ganha pão, a estéril Vina, Sra. Ormus Cama, o meu defunto amor. Perceber isto é como acordar de um sonho.

Não devias ter feito isto, digo a Ormus, tentando imaginar o número de pessoas que receberam dinheiro para que nós, a gente fina, pudéssemos satisfazer o nosso “voyeurismo”. Não está certo, digo eu.

Olha para lá, diz Ormus sussurrando e ignorando os meus escrúpulos. Nos monitores, vê-se Mira Celano a tirar o quimono. Por baixo está o corpo nu de Vina. Vina com uma pele mais clara, mas no entanto Vina, no mais ínfimo pormenor, o peso e a forma dos seios, a curva insolente das ancas, o grande, o incomparável rabo de Vina, a pelugem densa e por rapar. Estou de pé, por trás de Ormus, ponho o meu punho na boca e mordo com força. Se eu não me dominasse, revelaria o meu segredo, e agora, mais do que nunca, quero manter esse segredo só para mim.

Agora que ela voltou, ouço-me pensar, como um louco. Agora que ela regressou da sepultura.

Ormus carrega em mais botões. Vê-se Mira Celano que regressa a casa sozinha com a pequena Tara num carrinho de bebé. O meu coração tem outro sobressalto ao reconhecer Bowery, Cooper Union e St. Marks. Esta rapariga é praticamente minha vizinha. Acena com a mão a uns quantos passadores de droga, carrega o carrinho de bebé durante meia dúzia de degraus e abre uma porta. Enquanto entra, Mira chama por alguma coisa, mas a qualidade do som é muito má e não consigo ouvir o que ela diz.

Espera um minuto, diz Ormus num murmúrio, e verifico que falei alto. Nos trinta segundos seguintes ele opera um milagre de engenharia sonora, isolando a voz dela, limpando o barulho de fundo, compensando os efeitos de distorsão e aumentando o som fraco das suas palavras. Pronto, aqui vamos nós, sussurra Ormus. Isto é mesmo bom.



*Yo homes, Cheguei a casa! Yo yo yo homie-o!*

Se estiver ali um homem, penso, se *ela* estiver a chamar um amante em vez de um grupo de amigas, é possível que eu tenha que o matar.

Percebes o que ela está a dizer-nos, diz Ormus, parando a imagem, apanhando Mira Celano nos degraus da sua porta no meio de um *yo*. Ela está a dizer que regressou. Ela está a dizer olá querido, cheguei a casa.

Isto é de doidos, digo, mais uma vez fora de mim. Ormus, tens que parar com isto. É como se estivesses a perseguir Vina. Tu *estás* mesmo a persegui-la.

A Virgem Maria tem alguém que a persegue e que realmente diz isso, murmura Ormus com um ar ausente. Acreditas nisto? O tipo vem a casa dela todas as noites e fala pelo intercomunicador, fazendo crer que é o maridinho que regressa do seu emprego das nove às cinco. *Olá, querida. Cheguei.*

Sim, acredito, digo, limpando o suor frio e desta vez o doido és tu.

Ormus continua obstinadamente a carregar nos botões. Agora, através de uma grande objectiva, vejo Mira Celano no seu quarto, num terceiro andar do lado da fachada do prédio, ela tem as luzes ligadas mas deixou o estore levantado. Está a telefonar, anda de um lado para o outro em combinação creme por cima de um soutien de amamentar, põe qualquer coisa na boca que não são chocolates, engole com a ajuda de golos de uma garrafa que não é de água *Evian* ou *Pellegrino*, deixa-se cair na cama — ela tem uma cama com cabeceira em latão! — faz zapping na televisão, vê basquetebol ou está apenas a contemplar as estrelas, a dançar na lua, a acenar aos planetas, enquanto Tara, a pequena estrela nos seus braços, mama satisfeita. Se Mira não estivesse ainda a amamentar, penso eu, o seu peito seria mais pequeno que o da Vina. Teria que enchumaçar o *bustier* para obter o efeito pretendido. Por outro lado, Vina também gostava de ver desporto, especialmente arco, têm esse gosto em comum. Vina conheceu Magic, Kareem e Bird e quando a nova estrela apareceu, ela disse-me, meio a sério, meio a brincar, Vamos viver para Chicago para podermos ver o Mike.

Não existe homem algum naquele quarto, penso eu. Isso agrada-me bastante.

Estou a pensar nesta rapariga como se ela fosse minha amante.

Ormus desliga tudo, abruptamente, Mira Celano desaparece e eu sinto mesmo a falta dela, palavra que sinto. Essa estranha cuja intimidade eu

invadi. Essa desconhecida com o único corpo que eu amei verdadeiramente, ainda que não seja para sempre. Sou patético, digo a mim mesmo, e Ormus está para além disso. Ormus Cama de barba grisalha, é mesmo louco.

Ormus, tu precisas de ajuda, digo-lhe. Agora que me pediste para vir aqui, tenho que te dizer: se não pedires ajuda, estarás morto dentro de um ano, no máximo.

Ele continua a fitar os ecrãs escurecidos. Se for ela, diz Ormus suspirando, então tudo é possível. Se for ela, há esperança.

Não é ela, digo-lhe. A semelhança é incrível, mas é outra pessoa. Chama-se Mira Celano, quem quer que ela seja. Uma pessoa que tu não conheces, cuja privacidade tu invadiste criminosamente. Uma pessoa com metade da idade de Vina e capaz de ter filhos. E tu viste a cassete da maquilhagem. Vá lá.

Ormus diz delicadamente: se ela escolheu regressar desta forma, discretamente, à socapa, incógnita, passo a passo, eu compreendo, diz-lhe isso. Diz-lhe isso, que eu espero.

Fico inesperadamente excitado e torno-me grosseiro. Tu pedes que eu entre na vida desta mulher e lhe diga isso? pergunto-lhe. O quê? Que tu, uma estrela rock viciada, estiveste a vigiar todos os seus movimentos, que queres que ela represente o papel da tua esposa morta não apenas no palco e por dinheiro mas também na tua cama para o resto da sua vida, ou melhor, *tua* vida? Isso é doentio, Ormus, não me peças para fazer isso.

Tens que ir, diz-me ele num murmúrio, agora sim, implorando abertamente. Tens que ser tu. Eu não posso ir. Olha para mim. Eu não posso.

*Skeedley-oooh.* Estou a lembrar-me. *Mop! A-lop-a-doo!*

Mesmo que eu fosse, digo-lhe, e ambos sabemos que estou a ceder, ambos sabemos que Mira Celano — já agora, é *Selayno*, americanizado do italiano *Chelahno* — é alguém que eu agora também quero conhecer; mesmo supondo que eu fosse ter esse encontro com ela, para que porra é que isso servia? Diz-me o que queres que eu faça, o que é que tu queres que eu lhe ofereça. Diz-me qual é o negócio.

Volta para casa, só isso, sussurra Ormus, tão baixo que tenho de inclinar-me até aos seus lábios gretados de drogado moribundo. Só isso, Vina, meu amor, volta para casa.

Os novos locais são o Izvestia, em Bowery, a dois quarteirões do Orpheum e que toca principalmente *trance* num ambiente techno para os novos viciados em ácidos (o LSD está de volta), o *grungey* Soundgarten que fica na zona de Meat Packing e o pós BCBG Voodoo Dollhouse, situado na East 10th Street e Avenida A, onde bandas *underground* independentes tocam para um público composto de membros da indústria musical à caça do novo grande sucesso. Habitualmente, nenhum destes locais aceitaria um espectáculo de homenagem como o que Mira faz a Vina, mas os ventos da ironia pós-moderna mudam brusca e rapidamente, e nesse ano, durante cinco minutos, mudaram na direcção de Mira. No Dolls, alguém decidiu que uma noite “necrológica” — o público e os artistas tinham que aparecer à semelhança dos seus ícones falecidos — seria um acontecimento fabuloso e único do género *kitsch-camp* e ainda uma celebração da vida da música naquele ano que a gente da indústria apelida de ano da morte. Então, é no Voodoo Dollhouse, transformado para a ocasião numa espécie de cemitério de néon, numa necrópole com ritmo, e na noite mais importante da vida musical de Mira que eu a vi pela primeira vez em pessoa.

Enquanto esperava pela sua actuação, aguento uma série de actuações para esquecer, pelo menos para mim, uma adaptação electrónica dos Beach Boys a fazer o Monster Mash, um grupo de clones dos Temptations, sincronizados mas sem alma, uma Mama Cass Elliott vestindo uma espécie tenda e bebendo chá e até um Liberace completamente carente de ironia, em que valia tudo. Então, Mira aparece e logo que abre a boca a atmosfera da noite muda. Já não é apenas um baile de máscaras extravagantes. As pessoas estão a ouvir. Ela é mesmo *boa*.

Eu não me tinha vestido a preceito mas bastou uma palavra da gente de Ormus — de Clea — para eu entrar. Vou ouvir para o bar e enquanto bebo a minha terceira margarita — a tequila é o meu tributo pessoal à memória de Vina — admiro-me da facilidade com que voltei a cair numa velha rotina. Sou, mais uma vez, o irmãozinho obediente de Ormus. *Ajudar Ormus*. Vim defender a sua causa junto de uma mulher desconhecida porque acho que isso pode salvar-lhe a vida.

No palco do Dollhouse, a Vina de Mira Celano está a espetar-me facas no coração. Uso as margaritas para aliviar a dor.

\*

O sucesso cria excesso. Depois do espectáculo, demoro bastante até chegar ao pé de Mira. No caminho há uma multidão de admiradores, pessoal da indústria fonográfica e aspirantes a sedutores. Comprimo-me num corredor estreito à porta do camarim das senhoras, à espera que o clube de fãs e os outros artistas saiam: Lady Day, Bessie, Judy, Janis, Patsy Cline, Tammi Terrel, as Mamas Cass e Thornton, Karen Carpenter, afilivamente magra, a pseudo-ícone que, com o seu *I'll be your mirror*, foi a única que se aproximou de Mira. Quando chego, Mira Celano está ansiosa por se ir embora. Já não tem a peruca nem as pinturas, está cansada e eléctrica — parece tonta, esgotada — e a pequena Tara está exausta e rabugenta. Então, qual é a tua etiqueta, pergunta Mira, demasiado cansada para ser bem educada. Eu não sou da música, respondo-lhe, mas tu és maravilhosa, realmente maravilhosa (as margaritas tornaram-me sentimental). Não me digas, diz Mira encolhendo os ombros, eras um grande fã de Vina, ela era a coisa mais importante da tua vida, deixou um buraco enorme no teu coração até eu ter tocado a tua alma. Ela volta-se e acende um cigarro com um cinismo desnecessário, sem ligar à criança endiabrada que começou a atirar coisas ao chão, incluindo um cinzeiro em vidro que se parte espalhando vidros e beatas de cigarros por todo o lado. Mira Celano nem se mexe. Sentes-te melhor?, então descontraí, diz ela, e vejo que a miúda obedece, senta-se numa almofada a um canto, suspira resignada e acalma-se. A mãe vira-se para mim. Que é, pergunta ela, tens alguma opinião? Não, não tenho opinião, respondo. Ela acena com a cabeça, sem realmente se interessar, e depois franze as sobrancelhas. É para um autógrafo, não é? Não, respondo-lhe, não se trata de um autógrafo. Isto é importante. Preciso que desças de onde quer que estás e prestes atenção.

Falei com emoção. Assustei-a um pouco. Mira põe-se entre mim e sua filha e diz, Dois minutos, depois vais-te embora. Eu aponto por cima do ombro dela, para a parede onde está uma fotografia de Vina a cambalear durante o sismo de Tequila. Sou Rai, o fotógrafo, digo-lhe. Mira é uma ex-pretendente a jornalista e também uma estudiosa de Vina, por isso conhece o meu nome. Arregala os olhos e de repente a fachada dura quebra-se e ela é de novo uma rapariguinha, uma principiante que ainda se deixa impressionar.

Tu és o *Rai*? Tu és o Rai? Meu Deus, pois é. Tu és mesmo o Rai.

O que tu interpretaste esta noite, digo-lhe sem necessidade, foi a minha

vida, o meu amor, eu amei-a, tive-a nos meus braços, ela ia ser, ela devia ter, nós devíamos ter, não importa, ela entrou num helicóptero e eu nunca mais, ninguém nunca mais. Apenas olhei à minha volta e ela tinha desaparecido.

*Mo-o-orta.* Nesta altura começo a chorar, o que me causa um grande embaraço. Outra vez as lágrimas! O que é que ela pode pensar de mim, este tipo com o dobro da sua idade que tirou Aquela Fotografia e que está neste momento a berrar como um bebé com as mãos na cara em frente dela. Tento controlar-me. Mãe e filha fitam-me, verdadeiramente espantadas. Quero ver-te, digo sem qualquernexo, eu preciso mesmo de te ver outra vez e percebo quão ridículo, nu e prematuro isto pode ser. Uns segundos depois já estamos todos a rir, o gelo foi quebrado e é a miudinha quem ri mais alto.

Eu estava a tentar perceber se eras um *serial killer* ou apenas um violador, mas decidi que eras porreiro, diz Mira Celano, limpando os olhos. Agora podemos ir, levas-me a casa? A criança precisa de dormir.

\*

Um dia, um tipo já com uma certa idade seguiu-me, conta Mira enquanto andamos (eu empurro o carrinho laranja que transporta Tara, entretanto adormecida), e disse que era Ormus Cama, por amor de Deus! É incrível que até uma pessoa como eu seja seguida. Que cidade, não é?

É verdade, respondo. Penso: tudo isto está a sair dos carris, era suposto eu estar a ajudar o grande O, a falar por ele. Mas estou a sentir o renascer de coisas que eu pensava terem morrido com Vina: atracção, desejo. O que é interessante é que já não tem nada a ver com a semelhança ou com a imitação. É a própria Mira Celano, Mira *qua* Mira, que é responsável por esta excitação. O seu cabelo comprido, tão suave quanto o de Vina era rijo, o seu andar elástico, a felicidade que emana do seu sorriso, desmentindo aquela pose de tipa dura. Ela é uma rapariga permanentemente cheia de esperança, o que é raro encontrar.

Começo a sentir a minha idade, inibindo-me. Se eu disser o que estou a pensar, é provável que ela apenas se ria. Sim, está bem velhote, só nos teus sonhos.

Está a falar sobre si própria e eu não tenho prestado atenção. Ela fala depressa e algumas vezes, fico para trás, mas quando consigo apanhá-la, vejo que ela está a mostrar-me o falso eu que ela escolheu para habitar desde que foi deserdada: No espectáculo desta noite, metade dos intérpretes

pareciam tipos de escolas privadas de classe média-alta, percebes, a acanalharem-se; o que eu quero dizer é que não compreendo essas pessoas que vêm do planeta dos ricos e isso tudo, eu tenho tatuagens, pertenço a uma subcultura. Sou uma espécie de vagabunda pós-adolescência.

É altura de lhe dizer que não me deixo enganar por essa conversa. Mira, digo-lhe, isso é treta. Eu sei de onde é que vens.

De seguida conto-lhe a versão abreviada do que li no *dossier* de Ormus Cama. E durante todo este tempo penso que debaixo daquela armadura está uma pessoa frágil. Não a lixes, Rai. Não te metas com os sentimentos dela a menos que seja a sério. Ela já sofreu bastante.

Viramos para casa dela. Ela pára, arranca a pega do carrinho das minhas mãos, põe-na atrás de si e começa a gritar. O que é isto, O que é que você quer de mim, seu mirone de um raio, seu espião de um raio, berra ela, enfiando a mão dentro do saco que traz ao ombro. É bom que você saiba que eu sei manejar armas.

Ela grita o aviso com um pequeno assobio no fim: manejar *armassh*.

Há pessoas a ver. Eu deixo-me ficar.

Mira, fui enviado para falar contigo, digo-lhe. Por Ormus Cama, o verdadeiro. Ele gosta do teu show, andou a observar-te, o que é que eu te posso dizer, ele quer conhecer-te, é só isso.

Ela está mais calma mas mesmo assim continua zangada. Eu compreendo-a. É de enraivecer vermo-nos tratados como a pessoa que tentamos deixar de ser. Aprender aos vinte anos que o passado se cola a nós, sai da sepultura quando menos se espera e agarra-nos o tornozelo com uma garra putrefacta. Mira continua em posição de defesa, tensa, com as pernas afastadas, a mão direita dentro do saco, ligeiramente inclinada para a frente, enquanto o braço esquerdo está apontado para mim, com a palma da mão para cima e os dedos abertos. *Vai-te embora, maníaco de um raio*, diz o corpo dela. E está realmente a tentar convencer-me de que tem uma pistola.

Levanto os braços em sinal de rendição. Não mates o mensageiro, digo sem originalidade e com um sorriso largo.

Ormus Cama? pergunta ela, ainda a gritar. Qual é o problema dele? Quer dizer, é isto o que ele faz hoje em dia, está obcecado pela indústria das imitações? Ele agora manda procurar sócias? Uma piza, alguma Vina ruiva, talvez uns *jalapeños*, então você é o rapaz entrega as pizzas? Ou talvez seja o chulo de Ormus.

É tarde e estamos em Nova Iorque. Ninguém se mexe para nos ajudar; a actuação de Mira Celano esvaziou a rua. Estamos apenas nós os dois, a criança adormecida e a assistência por detrás das janelas em redor.

Quase, mas não há crise, digo-lhe calmamente. Mira, acalme-se. Não se trata de sexo. O facto é que ele está a morrer, desde que a Vina faleceu que ele está a matar-se com drogas e no meu entender, é urgente que ele tenha uma razão para viver.

E o que é que estás a pedir? diz Mira já mais calma, o corpo mais relaxado, afastando-se rapidamente da ira. Não consigo perceber. O que é que tu queres que eu faça?

Ele pensa que tu és Vina, digo-lhe. Pensa realmente que ela regressou. Ou, melhor dizendo, ele pensa e não pensa isso. É como se ele pensasse nisso metade do tempo, acredita totalmente quando pensa assim, e nas outras vezes não. O que se passa é que ele precisa de enganar-se a si próprio e que nós acompanhemos essa ilusão e, se nós o fizermos — se tu o fizeres — isso poderá motivá-lo a desintoxicar-se, a sobreviver. Faz isto por ele. Vai vê-lo, disfarçada de Vina. Dá-lhe esperança.

Acho que tem algo a ver com sexo, diz ela, recomposta, intrigada. Ela é uma mulher cuja meteorologia interior se altera com invulgar rapidez.

Neste momento, ele nem tem força para bater uma punheta, digo-lhe eu. Sabes, nós estivemos afastados durante muito tempo, ele e eu. Isto é uma obra de caridade. Um favor que eu prometi a uma pessoa nossa conhecida e que já morreu. Afastar Ormus das portas da morte.

Ela retoma o passo até chegarmos às escadas da porta de sua casa.

Então deve ser uma espécie de incrível desinteresse pessoal, diz Mira num novo tom: brincalhão, quase carinhoso. Vieste ver aquele espectáculo horrroso, esperaste no corredor e estiveste este tempo todo comigo apenas para falar por outro homem?

Não, não sou um santo, digo-lhe, não é isso. Ou seja, ajudar Ormus era parte disso mas eu nunca teria ido se, se...

Se o quê?, pergunta Mira, começando a sorrir, mas não é de troça, é um sorriso demasiado feliz, quer que eu diga aquilo que me assusta dizer.

Se eu não quisesse, digo-lhe sem ser muito convincente.

E qual é o teu desejo, o teu querer, diz-me ela, cada vez mais perto de mim. Tem também alguma coisa a ver com o tema da necrologia? Queres Vina, mas não a senhora de quarenta e cinco anos: queres outra vez, uma

Vina com vinte, não é? Queres que ela regresse do mundo dos mortos, mas mais nova?

Talvez ao princípio, respondo, baixando a cabeça. Mas agora és tu, apenas tu.

Já leste Longfellow?, pergunta subitamente Mira, abandonando a sua pose de rapariguinha inculta e aproximando-se de mim, tão perto que sinto a sua respiração a entrar-me pelas narinas. Não, claro que não. Mas ele tem um poema sobre um soldado tímido chamado Miles Standish, que pede ao seu amigo John Alden para, em seu nome, pedir a mão da menina Priscilla, sem saber que John Alden também a ama. Então, John Alden, em consideração da amizade que tem por Mike, faz o que lhe é pedido mas Priscilla não aceita. Lembras-te agora?

E, de repente, evocado por esta jovem milagrosa, aparece o fantasma de John Mullens Standish XII por trás do meu ombro, incitando-me. Mas eu encontro-me num território desconhecido, não sei como avançar, onde pôr os pés. A calçada tornou-se perigosa, pode ceder a qualquer momento. Não consigo mexer-me...

*Porque é que não falas em teu nome, John,* cita suavemente Mira Celano. Foi o que Priscilla disse.

Sim, lembro-me, digo-lhe. (O que eu realmente lembro é Vina na minha cama, Vina no meio de um dos seus intermináveis solilóquios, das suas Ormusíadas, falando do primeiro encontro de Ormus com Mull Standish no avião para Londres.)

Então volta amanhã, Rai, diz-me Mira Celano, beijando-me. Vem, não como mensageiro mas para falar por ti próprio.

\*

Quando chega a altura de levar Mira a conhecer Ormus, eu já sei alguns dos segredos dela e ela conhece todos os meus. Ela deita-se nos meus braços ou eu nos dela, e falo, falo, falo por longos períodos (a sua duração real é determinada pela constante mudança dos padrões de sono de Tara). Digo a Mira tudo sobre Vina, da mesma forma que Vina antes me dissera tudo sobre Ormus. É assim que repetimos connosco os erros daqueles que nós amámos. Além disso, tiro fotografias de Mira em centenas de posições, estudando-a através do olho do ciclope e ela entrega-se à câmara com uma abertura e uma liberdade que chocam. No entanto, na conversa exprime-se de uma forma cautelosa e concisa. Torna-se rapidamente evidente que eu



vou ter que tomar atenção, porque ela diz as coisas apenas uma vez e recusa-se a repetir. Se me esqueço de algum pormenor da sua biografia ela sente-se traída e atira-me um olhar magoado. *Tu não gostas de mim o suficiente para me ouvires.*

Logo ao princípio, ela disse-me estar apenas interessada nos mais raro de todos os contratos emocionais entre homens e mulheres: dedicação e fidelidade totais, imediatamente. Tudo ou nada já, o coração todo ou então esquece. E o que ela está pronta a oferecer e se eu não puder oferecer-lhe o mesmo, se eu não estiver preparado para isso, então até à vista, foi bom conhecer-te, não há ressentimentos, adeus. A minha filha, diz-me ela, merece uma pequena continuidade na sua vida e não uma procissão de homens medíocres que passaram pela cama da mãe.

Nisto ela revela ser o pólo oposto de Vina.

Quanto mais aprendo sobre ela mais penso no seu absolutismo como uma coisa heróica. A coragem destemida do inocente — a criança que estende a mão confiante para o fogo, o estudante brincalhão que põe um chapéu de palhaço na estátua de um tirano, a juventude de uniforme novo que sonha sonhos brilhantes de proezas, ou a Beleza no momento do seu primeiro mergulho no poço do amor — isto nunca me impressionou. Os inexperientes recrutas da vida vão até à margem e despenham-se, devido à imensidão cega daquilo que não sabem. Mas Mira é a coragem da experiência, de olhos abertos, magoada e temível. Rejeitada pelo pai e pela família, abandonada pelo pai da sua filha e suportando as feridas abertas pelos seus amores perdidos, está no entanto preparada para arriscar o coração mais uma vez. Tentar ter o melhor, apesar de se sentir apavorada pelo pior. *Isto é que é coragem.*

Mira também perdeu um amante. Também tem um fantasma na cabeça, embora tente não agir como se estivesse de luto, como se estivesse a lamentar-se. Luis Heinrich, o pai de Tara, matou-se, deu um tiro na cabeça e só morreu ao fim de três dias; nem isso foi capaz de fazer bem feito, diz Mira com o seu ar duro. Luis também era músico, com um espírito perturbado, líder de uma banda *grunge* da Costa Este, chamada “Wallstreet”. Nova Iorque influenciada por Seattle: como os tempos mudam. A velha ideia da periferia e do centro, da música como bilhete de ida da pasmaceira para as luzes da ribalta, parece que já não se aplica. Luis tocou durante muitos anos na metro e nas ruas de Manhattan, começou

tarde, mas acabou por alcançar o sucesso, a aclamação no Soundgarten, o primeiro disco, tudo isso. Quanto mais se aproximava a saída do álbum mais ele falava em se matar. Eu disse-te que nós gostávamos de armas, disse Mira, ele tinha cinco ou seis, pistolas, espingardas, cuidava bem delas. Quando ele começou a falar de morte eu pedi a alguém para levar as armas mas um dos seus velhos companheiros das ruas trouxe-lhe outra, vá-se lá saber porquê, não é?, e dois dias depois matou-se na sala de espera da companhia discográfica, por isso, penso que conseguiu o que queria, o que quer que fosse.

*Pistolass. Espingardass. Companheiros.*

Lembro-me mais ou menos do incidente. Veio relatado nos jornais durante pouco tempo, nessa altura. Depois Mira mostra-me a sua fotografia e lembro-me de o ter conhecido. A banda de rua nessa altura chamava-se Mall, eu percebo porque é que eles mudaram o nome, porque é que viraram o M ao contrário. Lembro-me de ver o Luis com os olhos vermelhos e uma barbicha de bode, tocando a estranha “guisitarra” híbrida e chateando Shetty, o Porteiro, enquanto era posto fora do Rhodopé. *Um dia quando nós formos grandes, quando formos muito grandes, eu voltarei para comprar a porcaria deste prédio.* O que foi? pergunta Mira. Nada, respondo, ouvi falar da morte dele mas não sabia nada de vocês, que ele era o pai de Tara, por isso ela chama-se Tara Heinrich, está certo.

Não, retorquiu Mira asperamente, com os seus lábios finos e brancos de raiva. É Tara Celano, não te esqueças disso, que se lixe essa cobra do Luis, certo?, esse cobarde e o seu estúpido nome latino-teutónico. Ele agora está no clube dos estúpidos juntamente com Del Shannon, Gram Parsons, Johnny Ace e Singing Nun. Eu sou o pai que sobreviveu.

Depois de ele ter morrido, ela foi-se abaixo durante algum tempo, tomou todas as drogas que existiam e uma vez fizeram-lhe uma lavagem ao estômago; por isso eu sei como é que o teu Ormus se sente, diz Mira, eu já lá estive; e quase lá fiquei. Na ambulância, dois paramédicos eram amáveis e duros, um cantava *vá lá querida, não adormeças, tu és capaz, olha para ti, tu és uma linda boneca, não adormeças, tu és capaz, nós precisamos que tu vivas, faz isso por mim, baby, oh yeah yeah*, como se fosse uma chamada telefónica obscena, diz Mira, enquanto que o outro, irritado, dizia *vai-te lixar minha puta, queres a nossa atenção, já a tens, há pessoas nesta cidade a levar tiros e que estão realmente doentes, nós tivemos que vir até aqui*

*para tomar conta de ti, minha puta mimada, nós devíamos pôr-te agora mesmo na rua e deixar-te morrer.* Foi esse que me salvou, o tipo ruim, confessa Mira. Fiquei a pensar, *meu, vou viver para partir-te a boca toda, nem que seja a última coisa que eu faça.*

Depois da lavagem ao estômago, Mira descobriu que estava grávida e depois veio a perda da herança, etc., a merda toda, mas desta vez, em lugar de se ir abaixo ela meteu-se ao trabalho. Tu nunca me viste quando fazia de Vina Grávida, diz Mira, soltando uma gargalhada. Rai, era um portento.

\*

Ela não fala muito sobre a família. Dá apenas informações básicas e não mais do que isso. O assunto não pode ser discutido. Relembro o longo silêncio de Vina sobre os dias difíceis da sua infância em Chickaboom, e quero dizer: Mira, querida, tu não imaginas como és parecida com Vina, mas sinto que não seria boa ideia. Desde que começámos a dormir juntos, tornou-se importante para ela dissociar-se da sua predecessora. Um dia, ela enumerou todas as coisas de que Vina gostava e que ela não suportava. *Eu detesto Tolkien, sabes?, e a porcaria da Faraway Tree, deviam deitá-la abaixo, e odeio mesmo os vegetarianos; eu sou uma mulher de carne, dêem-me carne.* Enquanto ouço o que ela diz, tenho que evitar sorrir porque ela parece tal e qual Vina na praia de Juhu, no tempo em que detestava a Índia, antes de descobrir as coisas boas desse país, que incluíam Ormus Cama e eu.

Mira começou um dia a falar sobre música sagrada. Parece que, embora os familiares do seu pai fossem originários de Assisi, não eram verdadeiramente o tipo pacífico, género São Francisco. O fundador da família, Tomaso di Celano (morreu *circa* 1255), foi provavelmente, segundo Mira, o primeiro biógrafo de São Francisco, mas compôs igualmente os grandes hinos apocalípticos, o *Dies Irae*. Não há nada de amor e paz, de animais e passarinhos, digo eu. Onde existe discórdia nós podemos trazer harmonia, era esse o pensamento de São Francisco, se bem me lembro, mas este Tomaso di Celano estava aparentemente mais interessado na ira divina do que no amor divino.

Ela ignora a minha provocação. Eu consigo dizer tudo em latim, diz Mira com orgulho, e eu deixo-a fazê-lo. Tal é o novo amor.

*Rex tremendae maiestatis  
qui salvandos salvat gratis,*

*salva me, fons pietatis.*

Termina finalmente com esta extraordinária explosão de louvor de ordem financeira ao rei de imensa majestade, que salva aqueles que devem ser salvos, sem que tenham que pagar por isso. Os olhos de Mira brilham. Há um novo apetite universal pelas coisas do espírito, diz Mira, acho que são todos estes tremores de terra e catástrofes, a sensação de fim do mundo, as pessoas andam à procura de um significado, percebes o que quero dizer?

Pensa nisso, digo eu, sardónico, deve haver um amor mais elevado. (Espero que ela não vá tirar a sua máscara e transformar-se na anterior Ifredis Wings.)

É isso, diz ela, não compreendendo minimamente o meu pensamento — a ironia perde-se, muitas vezes — e subitamente, Mira ganha o brilho dos vinte anos de idade muito emotivos, *é isso mesmo*, repete, e já *ouviste* isto? Música sufi, por exemplo, pode ser do Azerbaijão, do Uzbequistão ou de Marrocos, quer dizer, não estou *au courant* do sistema de crenças, certo?, mas há esta incrível percussão, as trompetes e a forma de dançar como se estivéssemos possessos. Mas não é só a música sufi, há muita música desta a atravessar fronteiras, música do mundo inteiro, percussões Yoruba, velhas canções dos judeus expulsos de Espanha, concertos de maqam persas e iraquianos que utilizam poemas místicos, percussões Shinto, gospel, cantos budistas; conheces a obra de Arvo Pärt, uma espécie de New Age minimalista? Ouviste falar de Fatty Ahmed?, ele tocou com Ruby Goo.

Sim, desse ouvi falar, disse, rindo abertamente. Ele morreu quando já pesava duzentos quilos, o que foi péssimo para o seu séquito de vigaristas que lhe ficavam com o dinheiro todo enquanto ele cantava, sentado, as suas devotas canções no Hollywood Bowl, como uma aranha apanhada na sua própria teia. Sim, isso é que era música sagrada.

Qual é a piada?, pergunta Mira. As pessoas querem mesmo isto, querem a magia e a segurança, a ideia de que existe alguém além, algo maior, algo mais. Meditação, celebração, súplica, é... vai-te lixar, Rai, o que é que te faz rir?

Não, está tudo bem, digo, desculpa, é apenas nostalgia. Eu conheci alguém que falava dessa maneira.

Merda, diz Mira. A minha família já falava assim no século treze porra!, mas eu já devia ter adivinhado que ela fazia sempre tudo em primeiro.

\*

Tara Celano, com dezassete meses de idade, está no meu terraço, com um blusão de cor-de-rosa, peludo, de aviador e collants verdes, vendo as torres do World Trade Center e o Chrysler Building e cantando aquilo que julgo ser uma versão aproximada de *Da Doo Ron Ron*. Entretanto, Mira está deitada num tapete, fumando e aparentemente ignorando completamente a sua filha. Entregue aos seus próprios recursos, Tara vai crescendo num misto estranho de adulta precoce e sobrevivente afortunada. Por um lado, já consegue esperar nos bastidores durante as actuações de sua mãe sem se queixar; consegue dançar o *twist*, *stomp*, *mashed potato*, *wah-watusi*, *hitchhiker* e *locomotion*, e também mostrar como se passeia o cão, se não souberem como se faz; além disso, conhece os bastidores e as casas de banho de cerca de uma dúzia de clubes e bares de Manhattan, quer salubres quer não. Por outro lado, tira seixos de vasos com cactos e tenta engoli-los. As tomadas eléctricas de minha casa exercem uma forte atracção magnética sobre ela. Tenho a sensação de lhe salvar a vida uma dúzia de vezes por dia, mas ela já chegou a esta idade sem mim, por isso, Mira deve estar sempre com um olho em Tara embora pareça que não presta atenção. Seja como for, é o que eu prefiro pensar, enquanto continuo a certificar-me de que Tara não consegue subir o muro do terraço e mergulhar para uma morte prematura na East Fifth Street.

É interessante verificar que nunca voltou o tema do espiritual. Mira, que vê sempre longe, percebeu duas coisas: a primeira é que eu não reajo bem a tais observações, e a segunda, é que isso leva inevitavelmente Vina, cujo fantasma está, pela primeira vez na sua curta vida, a competir com ela. Desta maneira, continua por clarificar se ela é genuinamente religiosa ou se é apenas um resto de catolicismo misturado com o que sobra de misticismo adolescente. Ou, para lhe dar o benefício da dúvida, talvez ela veja a música sagrada apenas como algo para usar, não é necessário estar, como ela diz, *au courant*, é somente uma forma de pôr as pessoas a ouvir, um armazém a saquear para seu benefício, tal como Picasso em tempos saqueou o principal filão visual de Africa e como os Impérios ocidentais outrora saquearam o mundo.

Apercebo-me que isto é que é um conflito de gerações: não consigo entender, pura e simplesmente, a forma de pensar de um espírito jovem e fresco em relação a certas coisas.

Sobre as *armass*, formulei a seguinte teoria. Penso que as armas estão

associadas às *tatuagens* (uma borboleta no tornozelo e um pequeno dragão por baixo da omoplata), às roupas de prostituta, ao exibicionismo (apesar dos meus repetidos pedidos, ela não baixa as persianas da janela quando anda seminua em casa) — resumindo, a todo o seu show de provocação. É uma questão de revolta, uma forma dela se definir contra todos os que a rejeitaram. As armas são pantomimas. Quando vejo o interior da sua mala, encontro um revólver *Giuliani & Koch* .09mm, mas não está carregado, nem ela tem munições. A cidade é o teatro de Mira e a arma é apenas um adereço.

\*

Na manhã da nossa entrevista com Ormus, Mira está nervosa como uma adolescente antes do seu primeiro encontro. Por outro lado, Tara está completamente calma, exceptuando uma tendência para gritar com quem esteja ao alcance dela: *Vai ver o velho!* Johnny Chow veio tomar o pequeno-almoço e Tara grita-lhe as novidades. Grande conversadora, huh, resmunga Chow, comendo um bolo. Tem cuidado miúda, não há nada como uma língua comprida para nos arranjar problemas. Nessa altura, Mira sai do quarto no seu disfarce de Vina e ele engasga-se. Bato-lhe várias vezes nas costas e quando ele recupera, abrindo os olhos, vira-se para Tara, procurando respirar: *Estás a ver o que eu dizia?*

Maravilhado, Chow faz as seguintes observações a Mira, o Rai disse-me que tu eras boa, mas eu nunca imaginei, nunca sonhei. Raios! E cantas como ela também. Que raio. Tenho que dizer que tudo isto é muito estranho para mim.

Ele sai, abanando a cabeça e tentando desobstruir a garganta. Shh, não há como uma boa crítica para criar confiança, exclama Mira com um sorriso inseguro.

No táxi — Ormus ofereceu-se para enviar Will Singh com um carro mas achei que seria melhor chegarmos num transporte neutro — Mira dá uma vista de olhos ao seu dossier sobre Ormus. Biografia, discografia, influências, pontos marcantes, por exemplo o zumbido que obrigou Ormus a actuar num caixão de vidro. Isso não parece incomodá-lo muito no dia-a-dia, digo-lhe. Recordo a forma como ele limpou o som na sua cassette para que eu pudesse ouvir a voz de Mira. Mesmo com os ouvidos a zumbir, ele pôde ouvir o suficiente para manobrar uma mesa de mistura. Chiça!, penso subitamente, ele não será suficientemente doido para lhe mostrar as suas

cassetes espias, ou será? Se ela se vir nesses trezentos ecrãs ela desaparecerá da nossa vida para não regressar e nem posso dizer que a censuro.

Agora também estou nervoso.

As tendências heterotópicas de Ormus, as suas incursões em realidades alternativas, atraem e, ao mesmo tempo, alarmam Mira. Ela cresceu com as canções de Ormus e as declarações sobre o outro mundo, mas não gosta da ideia de que não era um sítio melhor, mas apenas um sítio diferente, que não era mais do que uma variante que não resultou, e não gosta mesmo da ideia de que esse mundo já não existe mais, que Ormus já não precisa mais da pala. Consultei-a também sobre Gayomart, que foi, afinal de tudo, a primeira descoberta heterotópica de Ormus. Gayomart e as canções do futuro. A fuga de Gayomart da cabeça de Ormus num desastre de automóvel que ocorreu há muito tempo atrás. A suspeita de Ormus de que é com Gayomart que Vina passou os seus últimos momentos, que é talvez com Gayomart que Vina tem estado. Continua a ser difícil para mim aceitar esta informação de uma forma neutra, sem fazer julgamentos, mas Mira está fascinada. Eu gosto das histórias de gémeos, diz Mira. Tem tudo a ver com os diferentes lados do cérebro, ou seja, nós não temos realmente nenhuma ideia sobre o material inexplorado, dos nossos próprios poderes, certo? Este tipo penetrou realmente no seu lado obscuro. É fascinante. Rai?

Acho que vocês os dois vão dar-se muito bem, digo-lhe. (Estou a começar a sentir e, por isso, a parecer não só nervoso mas também bastante mal-humorado.)

Estás com ciúmes? pergunta-me Mira, extremamente satisfeita, pensei que ele estava velho e completamente lixado e que só ouvia uns ruídos horríveis. Tenho razão, não tenho? Tu estás com ciúmes, diz ela, batendo-me no braço, com um sorriso de orelha a orelha. *Agora* ela está relaxada.

Com que então “ruídos horríveis”, diz Tara do seu canto do táxi. Está lixado, coitado.

Clea está no vestíbulo do Rhodopé com os seus óculos de lentes grossas, parecendo-se mais do que nunca com uma velha e pequena Mrs. Mole de sari. Ao ver Mira, Clea fala com a voz entrecortada. Oh, Senhora, graças a Deus! Depois estremece ligeiramente, como se estivesse a fazer um esforço enorme para controlar os seus sentimentos e vira-se para Tara, cumprimentando-a como se fossem velhas amigas, apertando-lhe a mão

comicamente, conquistado instantaneamente o seu jovem-velho coração. No elevador, Tara e Clea oscilam graciosamente (ouve-se música dos VTO) enquanto eu olho para mim ao espelho. Não estou em má forma mas ao pé de Mira pareço a essência do burguês. Ormus, mesmo na sua actual decrepitude tem, suspeito, imensa classe. Pessoalmente, não acho que se lhe possa chamar um *hip*, mas eu não sou uma jovem de vinte anos de idade, a quem foi concedida autorização para penetrar no santuário de um dos mais sagrados monstros do rock.

Ele está à espera à porta do elevador, com aspecto frágil mas expectante, usando num fato branco de Kung-fu e apoiando-se em Will Singh. Quando os olhos de Ormus alcançam Mira, os seus dedos cravam-se no antebraço de Will, apertando até magoar. Will continua impassível; a impassividade é o ponto forte deste homem.

Sim, diz Ormus Cama. Apenas essa palavra. Ele e Mira olham um para o outro durante um eternidade silenciosa: quinze segundos, dez anos, alguma coisa de parecido. Verifico com satisfação que o olhar de Mira é de uma incredulidade disfarçada. Ela age como se tivesse visto um fantasma, como se Ormus, o que resta da entidade que costumava ser Ormus Cama, fosse uma alma penada, regressada do mundo dos mortos. O que, evidentemente, é suposto ser o papel dela neste pequeno drama de hoje.

Por favor, diz Ormus, mostrando o caminho, continuando a apoiar-se em Will, em direcção ao piano branco *Yamaha*. Depois de alguns passos, Mira toca no ombro de Will Sing. Deixe-me fazer isso, diz ela, e oferece o seu jovem braço a Ormus. Ele acena com a cabeça duas vezes, a emoção vê-se nos seus olhos, e voltam a andar. Will fica atrás do grupo. Tara pegou na mão de Clea. Nesta altura o silêncio é total.

Quando chegamos ao piano, Ormus senta-se e começa a tocar um tema de gospel, lento e mágico. Mira está junto a ele, um pouco atrás. Nós outros esperamos incomodados, sentindo-nos como intrusos. Durante alguns minutos ela deixa-o tocar, deixa que a música se apodere do seu corpo, fecha os olhos e balança-se. Uma das mãos toca ligeiramente no ombro de Ormus e deixa-a lá ficar; avança alguns centímetros e apoia os dedos na nuca de Ormus. Sinto a cara a aquecer mas não intervenho.

É então que Mira começa a cantar e a sala fica cheia com a sua voz ridiculamente forte, com as suas vertiginosas oscilações de agudos e graves. A voz de Vina. Ormus Cama ouve-a e é obrigado a parar porque os seus



dedos começaram a tremer, mas ela continua a cantar sozinha, um raio de luz numa igreja em ruínas.

Leva-me até à tua luz, canta Mira, oh meu amor leva-me até ao teu dia, eu estou no fundo da noite sem fim, por favor, indica-me o caminho. Se não me levares, então eu terei de ficar aqui em baixo.

A canção é um velho sucesso dos VTO, um apelo de uma alma perdida ao seu amante, mas é Mira quem agora leva Ormus para fora da obscuridade, a que o vai salvar do buraco. Ele está no fundo desse profundo calabouço e é a voz de Mira que o está a libertar.

As mãos dele voltam ao piano, o tempo acelera e a voz dela eleva-se numa alegre resposta. Clea e Tara estão agora a bater palmas. Até Will Singh, o próprio cara-de-pau, junta-se a elas. Eu? Eu não estou a bater palmas. Não sou do tipo musical.

Mais tarde, já em casa durante o jantar, com Tara a dormir na minha cama, olho para Mira através do fettuccine e do chianti que pus à frente dela e vejo uma estranha: uma jovem forte e desiludida que é suficientemente perspicaz para agarrar a sua grande oportunidade e sob os olhos do seu amante, namoriscar com outro homem. Uma mulher que ainda não tem a certeza se acabou de ter o mais importante encontro da sua vida musical. Talvez se esteja a abrir um futuro para ela, ou talvez seja apenas uma louca fantasia que desaparecerá com a madrugada. Eu vejo que ela está a imaginar esse futuro, não consegue evitar pensar no renascer de uma das bandas lendárias, com ela a calçar os sapatos vazios de Vina.

Não vás nisso, digo com dureza. Tu viste como é que ele está. Talvez ele deixe o vício, talvez não. As hipóteses não são muitas, tu sabes isso, conheces a força da dependência em que ele está metido, pode até ser mais forte do que tu. De qualquer forma, vai um longo caminho desde hoje até um espectáculo num estádio.

Raios, ouve bem o que estás a dizer, diz Mira, pronta para refilar. Julguei que tudo isto era ideia tua. Até foste tu que disseste que não devíamos contar-lhe, sobre nós. *Ajudar Ormus*, está bem, mas não vamos ajudar Mira, não exageremos.

Não sei que dizer. Calo-me e como.

Tu não confias em mim, não é isso? pergunta Mira. Não acreditas naquilo que eu te prometi. Pensas que eu sou uma puta.

Não, digo após uma pausa demasiado longa, está bem, eu confio em ti.

\*

Na realidade, ainda tenho alguma confiança no seu amor, na surpresa que eu não esperava, quero confiar cegamente nela, mas também me apercebo de que calculei mal calculado o poder daquilo que Ormus ainda tem para oferecer. A sua música, o seu lendário estatuto e, sim, também a sua beleza. Mira sabe isso tudo. És tão cego, diz-me ela, ele é o homem mais bonito que existe. Aqueles olhos, aquela voz tão suave, ele é absolutamente irresistível. É certo que está desfeito, mas não podes ser tão *macho* que penses que isso o torna menos atraente.

E então a idade, digo, tentando parecer despreocupado. Ele é um tipo com memórias de infância dos anos quarenta, Segunda Guerra Mundial, *Natal Branco*, Motins na Índia, New Look, *Oklahoma*. É isto que a juventude de hoje prefere?

Isso é apenas a sua concha, é apenas o vidro que protege a chama, certo?, replica Mira. O seu espírito continua jovem, a chama continua forte e é isso que conta. Como o teu espírito, acrescenta em jeito de consolação, e chegando-se ao pé de mim e, a propósito, também gosto da tua concha.

À noite, depois de ter levado Tara para o quarto ao lado e depois de ela e Mira terem adormecido, fico a olhar para o tecto, a reflectir sobre os pequenos acontecimentos que alteram o destino. Com Vina, fui sempre o amante secreto, o homem da retaguarda. Agora, sou eu e Mira que estamos juntos, somos um só, estamos apaixonados, e é a minha vez de me afligir sobre a sua possível vida secreta com Ormus. Somos então outra vez rivais, Ormus e eu, e Mira já calçou as botas de Vina. E embora o fluxo da nova energia deste triângulo tenha sido invertido, algumas coisas continuam na mesma: a confiança é uma vez mais a questão; e Ormus Cama continua a não ter qualquer ideia sobre a minha verdadeira importância na história da sua vida.

A existência das cassetes secretas é o segredo que eu e Ormus escondemos de Mira e devemos esconder para sempre. Que eu e Mira nos tornámos amantes, esse é um segredo que aceitámos esconder de Ormus. É um segredo que eu gostaria de contar, mas a mulher que amo não me dá autorização para o fazer, sob de pena de terríveis represálias. Em relação a Mira e Ormus, a música é a sua linguagem secreta, através da qual eles comungam em formas sobre as quais não se dão ao trabalho de me dar explicação.

Esta é a última imagem da minha sequência fotográfica sobre Vina. Estou sentado numa cadeira com um espelho redondo no meu colo. Neste espelho está reflectida um espelho rectangular contendo uma imagem de Vina Apsara. Não, não é Vina, mas sim a maior de todas as não-Vinas. Mira Celano, o meu novo tormento, o meu amor.

Mira, Mira, quem é a mais bela de todas?

\*

No quarto aniversário da morte de Vina, Mo Mallick convoca a imprensa musical ao Colchis com um sorriso que faz lembrar o acorde inicial de um grande sucesso, para anunciar o regresso iminente de Ormus Cama e o relançamento do supergrupo VTO com uma segunda constituição. O lugar do guitarrista ritmo Simone Bath é preenchido pelo emergente ídolo gay lil dagover, que insiste em usar iniciais minúsculas, usa fatos de homem, um monóculo e um corte de cabelo à Louise Brooks, e toca como um sonho impressionista. (A própria Bath, amargurada pelo antigo ataque de Vina à sua competência, ameaça processar Ormus pelos direitos do nome VTO, uma jogada que não alarma ninguém e não chega a lado nenhum.) A banda será liderada, como antigamente, por Ormus Cama como vocalista e guitarra solo, conclui Mallick, e como vocalista surgirá a nova sensação, Mira Celano, a encarnação mais próxima da nossa amada Vina que alguma vez vocês terão oportunidade de ver.

É como anunciar o reaparecimento dos Beatles. O catálogo existente dos VTO continua a vender-se mais do que o de qualquer outra banda, e o clássico CD *Quakershaker*, reeditado com a versão revista de *Beneath Her Feet*, adicionada como um tema bónus, não saiu do Top 3 desde o dia da morte de Vina. A contratação de dagover é amplamente aplaudida como um reconhecimento da necessidade da banda se mover com o tempo. diamond lil traz com ela um currículo formidável; com dezassete anos, andava com o homem-mistério dos Kraftwerk e a criar música para a companhia de dança Takarazuka, composta só por mulheres japonesas e ocidentais, na qual metade das mulheres se vestem como homens e são adoradas por legiões de fãs femininas, e nunca olhou para trás. Ela está bem vista pelos gurus da produção como Glimmer Twins, Mutt Lange e o parceiro do DJ Jellybean, o produtor de Whitney e Debbie H., Toni C. Um ano ou dois com os VTO propulsionará dagover para o cume, por isso é uma decisão inteligente para ela e para a banda.

Mira Celano, no entanto, ainda está guardada na sua embalagem — nada de entrevistas, fotografias, cassetes — o que não é uma estratégia popular. Foi sempre dito que os VTO eram Ormus e Vina e quem quer que fosse, mas as circunstâncias do declínio de Ormus são sobejamente conhecidas, a sua recuperação é incerta, e, na ausência de provas fortes em contrário, Mira não é considerada como sendo capaz de se aguentar no lugar de Vina Apsara. Ela é objecto de intensa especulação e de muito cepticismo e quando se soube que ela começou como humilde imitadora, a atmosfera fica muito má. Como sempre, os irmãos Sangria lideram o ataque, acusando Ormus de vandalizar a sua própria lenda e de transformar os VTO numa anedota, uma versão popular de si próprio. (Não se ouvirão mais os pretenciosos galicismos de Rémy Auxerre. Ele morreu da Doença, agora é apenas mais um retalho na manta. Rémy já foi, e o seu amante ocasional, o meu amigo Aimé-Césaire Basquiat está Doente.)

No que diz respeito à operação VTO, estamos na fase de ensaios num hangar abandonado em Nassau County e rodeados de uma segurança ao estilo do exército. Este é também um aspecto da música rock contemporânea: a mobilização à escala e precisão militares apenas pela única razão de tocar, cantar e dançar. Há algum tempo atrás, Jerry Apple podia chegar com a sua guitarra à entrada dos artistas cinco minutos antes do espectáculo começar, receber do produtor os seus dez mil dólares em dinheiro e subir ao palco, praticamente sem saber qual a banda local que iria tocar com ele. Se alguém da banda se arriscasse a perguntar quais seriam as músicas que iriam tocar, ele responderia, *filho, hoje vamos tocar algumas canções de Jerry Apple*. Agora é diferente. Esses caminhantes de antigamente eram ciganos itinerantes. Estes músicos de agora são industriais.

Eis os sequenciadores, os sintetizadores, os aparelhos de *sampling* — *Fair-lights, Synclaviers*. Eis os músicos, tentando ver como ajustar a sua forma de tocar com as reviravoltas e as contorções do cantor, os *masters* sonoros que os irão fazer saltar durante o espectáculo. Ormus e lil dagover, em particular, estão em perfeita comunhão musical, trocando incompreensíveis impressões com o grande técnico, Eno Barber. (Sim, Eno da Radio Freddie; neste momento ele é considerado rei incontestado do *loop*, o czar da textura, o Rei Bar. As nossas vidas desligam e voltam a ligar, nós continuamos e poderemos mais tarde encontrarmo-nos, voltar a

separar-nos. Esta é a forma real da vida humana, nem simplesmente linear nem totalmente disjuntiva ou infinitamente bifurcada, mas sim mais esta sequência de encontros e desencontros.) Ormus trouxe Eno para trabalhar no novo espectáculo e no respectivo álbum e passam a vida nestas conversas. Mira detesta isso. Como vocalista, ela é excluída do clube privado dos instrumentistas. Esta parte de Ormus não é para ela; quando ele está com dagover ela sente o mesmo que eu sinto quando ela está com Ormus.

Hoje, Mira está nervosa, insegura, não consegue parar de andar, uns passos para um lado, uns passos para o outro, batendo as palmas das mãos e estalando os dedos, falando depressa, os seus olhos escondidos atrás de alarmantes óculos cor de morte enormes e curvos. Tara está algures na caravana privada de Mira, sob os cuidados Clea Singh. É uma criança suficientemente prudente para saber que quando a mãe está com esta disposição, é melhor manter-se ao largo. Eu ainda não estou preparado para ser tão prudente. Estou ao pé dela, tentando ser uma presença tranquilizadora, e sobretudo para aguentar com os estilhaços quando ela precisa de gritar com alguém. Eu sou a esposa.

Ela está a falar sozinha e quando Mira está assim temos que estar preparados. A especulação negativa dos media perturbou-a, a decisão de não a expor prematuramente acabou por submetê-la a uma maior pressão do que ela tinha previsto. Não é fácil passar despercebido quando metade da imprensa do país está atrás de nós, calarmo-nos quando o que eles dizem é injusto e queremos lutar contra isso. Mas Mallick disse: se te mostrarmos agora, estaremos a mostrar o alvo antes de estarmos prontos para repelir os tiros deles. No palco, tu irás calá-los, por isso espera, por favor. Ormus apoiou Mallick, eles é que eram os profissionais e então ela aceitou, mas está cheia de dúvidas, sente que já não devia aparecer em frente ao público vestida como Vina, sente-se presa na sua imitação e quer ser ela própria.

Desta vez não foi Vina que acordou Ormus do coma, resmungo Mira, fui eu, Mira, fui eu que o puxei do reino dos mortos, fui eu que despedi o vigarista do médico com hálito a cebola que se atirou a mim quando lhe mostrei a porta, fui eu que o pôs na reabilitação com todos os outros tipos com dentes aguçados e olhos em espiral e fui eu que me assegurei que ele cumprisse o programa e que fosse aprovado com louvores pela merda do júri. Quando ele precisava de alguém durante a noite, chamava-me, eu

levantava-me e ia todas as noites, está bem, pelo menos até à uma da manhã, seis noites por semana, não ao meio da noite quando nós estávamos, quando, ouve, tu sabes o que eu quero dizer, deixava a minha própria filha aos teus cuidados, está bem, aos teus e algumas vezes aos da *babysitter*, e algumas vezes Clea Singh, quando ele mandou a rapariga embora, mas que raios, ninguém foi ter com ele mais vezes do que eu; participei em todas as loucuras, deixei que ele se agarrasse a Vina através de mim até estar suficientemente forte para se aguentar de pé sozinho e olha para ele agora, renasceu, tudo bem, bravo, glória a ele, o que eu quero dizer é que ele está em dívida para comigo, já o ajudei muito, é altura de ele me libertar. Trouxe-o do Inferno mas isso não significa que eu tenha de arder em vez dele. Esta fantochada da Vina, eu sei que está errada mas eu não consigo que me ouçam e em frente às luzes da ribalta, sou eu que vou ter que dar a cara.

É isto que quero que saibam: que eu também estou a cair no Inferno. Quanto mais avançam os ensaios, mais ela se afasta de mim, mais ela odeia lil dagover e mais ela se aproxima escandalosamente de Ormus. Continuo a descobrir que existem poucos limites para o pragmatismo de Mira. A sua palavra de ordem é fazer o que quer que seja que dê resultado. Penso muitas vezes na porta do quarto de Ormus. Será essa uma fronteira inviolável? Ou será que ela irá também para lá disso, para encontrar aquilo que der resultado?

*(Confia em mim. Não confias em mim?)*

*(Sim, querida, eu confio em ti, amor, eu confio em ti. Mas talvez eu seja um parvo em confiar, apenas mais um louco apaixonado. Mais uma esposa do rock'n'roll.)*

\*

Os rumores de dissensões chegam ao mundo exterior ao hangar. Mira suspeita que lil dagover é a fonte da fuga de informações. As duas mulheres estão cada vez mais às turras uma com a outra, promovendo fortemente as suas ideias, competindo pelo respeito de Ormus Cama. Mira diz a Ormus que a tecnologia lhe está a dar a volta à cabeça, que ele está a pôr a carroça à frente dos bois, és como aqueles generais com as suas bombas inteligentes, diz Mira, como os rapazes mais a porcaria dos seus brinquedos. Quem conhece os clubes sou eu, acrescenta Mira, eu já passei mais tempo em palco do que vocês todos juntos, vocês estão para aí a dizer

frases bonitas para parecer bem mas não sabem patavina. Nos clubes, este género de música já não se ouve, não era suficiente. As pessoas estão esfomeadas, perceberam?, as máquinas não as alimentam, ou seja, somos nós que temos que lhes dar algo para morder, temos que lhes dar alimento para o espírito.

Ormus está a ouvir.

Mas lil dagover contra-ataca com uma teoria bem desenvolvida segundo a qual foi a tecnologia que trouxe a música de volta às suas raízes, às suas origens nos ritmos atonais de chamada e resposta oriundos do norte de África. Quando os escravos atravessaram o oceano e foram proibidos de usar os seus tambores, ouviram a música dos mercadores de escravos irlandeses, as canções célticas folk de três acordes, e transformaram-nas no blues. E, depois do fim da escravatura, voltaram a ter os seus tambores e criaram então o rhythm & blues, e os miúdos brancos apropriaram-se disso e *acrescentaram amplificação* e foi o nascimento do rock'n'roll, que voltou a atravessar o oceano até chegar à Inglaterra e à Europa e se transformou nos Beatles, o primeiro grande grupo rock a utilizar tecnologia estéreo. Depois, essa mutação estéreo regressou à América e tornou-se nos VTO, etc. Mas a tecnologia está sempre a mudar e com a invenção do *sampling*, pode-se inserir um excerto da mais antiga das músicas nos sons mais novos e então, shazam!, com um simples hip-hop e *scratch*, estamos de volta à chamada e resposta, de regresso ao futuro. A tecnologia não é nossa inimiga, argumenta lil, é o meio ao nosso alcance.

Mas o que é isto, pergunta Mira a Ormus, um seminário de história ou uma banda de rock'n'roll? Se ela tiver razão, então a música é um laço fechado, está morta, vamos para casa. Para avançar, para desfazer o laço, temos que continuar aquilo que os VTO começaram, aquilo pelo qual sempre pensei que a Vina tinha lutado. Atravessar fronteiras. Levar a música ao resto do mundo, porra!

É um impasse, e é interessante verificar que Ormus parece não ter vontade ou não ser capaz de mostrar capacidade de liderança, de ver uma forma de avançar. A solução vem de Eno Barber, que faz parecer as coisas surpreendentemente fáceis. Eno continua a ser como o irmão que vem de outro planeta, imaculadamente arranjado a qualquer hora do dia ou da noite, sem nunca se sentar ou beber ou mesmo mijar, a própria encarnação da alma Eno chama Mira e lil para a sua mesa de mistura e diz em voz baixa,

estava a pensar, podíamos utilizar as duas formas. E enquanto ouviam os seus *loops*, os seus ritmos de cítara, os seus *riffs* ao jeito de Vina, os seus diminuendos, as suas misturas, algo acontece, lil pega na sua guitarra e começa a tocar, encontrando os ritmos ou deixando que os ritmos a encontrem, navegando as ondas, e o *scat* de Mira misturado com as letras de Ormus e os *bóis* indianos, e Ormus começa a sorrir. Em todo o hangar, electricistas, maquinistas e pessoal da editora discográfica param de fazer o que estavam a fazer e ouvem. Este é o som de um bebé que está a nascer. Este é o ritmo da nova vida.

Temos banda.

Há muitas cartas cheais de ódio. Bem, há sempre sentimentos de ódio onde existe atenção, as mensagens fascistas *morte aos comunistas*, as ameaças em forma de mensagens religiosas do género *podes ter fugido de mim mas não podes fugir de deus*, os fantasistas sexuais desiludidos, os fãs de cultos rivais, os doidos secretos que têm empregos mundanos e organizam churrascos aos domingos e enchem os armários dos seus quartos com recortes de revistas sobre os quais rabiscam os seus epítetos de ódio existencial. E se a quantidade de cartas anónimas é maior do que o habitual é em grande parte porque a banda esteve ausente muito tempo, o que fez aumentar a água suja entretanto retida. Claro, há também muita correspondência de fãs, mas não tem o mesmo peso, não se torna uma parte daquilo que fazemos diariamente. E desta vez, a hostilidade afecta a banda mais do que o habitual porque o silêncio deles foi muito longo, e há uma nova formação, por isso existem incertezas. Além disso, o correio do ódio não tem apenas maldades estandardizadas. Há um novo tipo de virulência em maior parte desse correio, um rancor extra no mau humor.

As pretendentes a Vina escrevem a protestar com a escolha de Mira no lugar de uma delas, os puristas escrevem a exprimir repugnância pela exumação da banda, a qual devia ter ficado no seu passado dourado onde pertence, em vez de estar sujeita a este regresso zombificado, os antilésbicas mandam as suas opiniões obscenas sobre lil dagover e a sua irmandade sáfica, e isto é apenas o correio mais educado. Muitos dos correspondentes enviam mensagens quase ilegíveis, alertando que as canções *quake* dos VTO poderão ter sido responsáveis pela actual vaga de catástrofes sísmicas e incitam a banda para manter-se afastada desse material perigoso. *Não ajitem outra vez as vossas abituais preturbações,*



*atão, vocês já ganharam muita dinheiro com a esgraça dos outros.*

Uma outra facção acusa Ormus pelo longo silêncio da banda, dizendo que isso foi uma traição. Os membros desta facção sugerem que a inveja de Ormus em relação ao génio de Vina foi a principal razão que o levou a acabar com a banda e que, por isso, dever ser considerado responsável pelo que se seguiu. Se a banda VTO não tivesse acabado, Vina não teria tido necessidade de começar uma carreira a solo e por isso é pouco improvável que ela estivesse no México naquele fatal dia de S. Valentim, e então ela estaria viva, meu assassino, Ormus Cama, não penses que alguma vez nós esqueceremos ou perdoaremos.

No entanto, outros correspondentes adoptam uma linha mais positiva, elogiando a precisão profética das velhas canções de Ormus, expressando a crença de que a sua música pode literalmente mudar o mundo e pedindo a Ormus que utilize o seu poder para o bem. *Ajudem o planeta moribundo. Cantem para nós e alivem a dor da terra.*

Para cada pessoa que está ansiosa pelo início da carreira de Mira, há cinco pessoas que, por várias razões, desejam que ela falhe.

\*

Durante os meses de gestação — isto é, antes de irmos para o hangar — houve uma altura em que eu próprio me deixei levar. Mira diz-me que o plano de Ormus é fazer do novo espectáculo uma dualidade nosso mundo/outro mundo que foi a luta da sua vida. Ormus está interessado no tema da dissolução das fronteiras entre os mundos, existe portanto uma narrativa que ele está a desenvolver sobre uma história de amor entre mundo superior/mundo inferior, talvez uma salvação... Quando me apercebo que Ormus não conhece nada da música feita antes dele — no seu subconsciente quão ressentido continuará Ormus em relação ao seu cultíssimo pai, quão reprimido ele se sente! — fico chateado e vou comprar uns CDs de óperas antigas, *Euridice* de Jacopo Peri (1600) com o libreto de Ottavio Rinuccini, *Orfeo* de Monteverdi, (1607) libreto de Alessandro Striggio e claro, o Gluck, de quem Vina cantou a sua última canção em Tequila. Não consigo encontrar o libreto de Giulio Caccini, rival de Rinuccini, mas não me importo porque, na verdade, não é muito bom.

Acompanho Mira até ao Rhodopé e levo os CDs para Ormus. Ele aceita o presente e põe o disco de Peri a tocar e até ouve pacientemente aquilo que lhe digo, que não só toda a história da ópera começou com estas obras, mas

é um mito que atravessa todas as fronteiras culturais, ouvem-se ecos disso na história de Odin, nas tradições históricas célticas, e até, penso eu, em algumas tradições dos nativos americanos; toda essa literatura oral tem também as suas próprias canções, devias pôr alguém a procurá-las. Falo-lhe sobre o nascimento de um novo estilo de canção a solo acompanhada — a sua própria forma de arte! — na Florença do século dezasseis, na corte do Conde Giovanni Bardi por volta de 1570: uma canção feita com o objectivo de exprimir o significado do texto. Esta mudança radical relativamente ao madrigal da ornamentação, por divisão de partes tornou possível a ópera, a ária, toda a tradição moderna da canção até ao êxito de três minutos, canções que ficavam no ouvido. Isto também faz parte da história, digo-lhe, e ele deve saber isso.

Tento evocar para ele a primeira actuação da ópera de Peri no Palácio Pitti, por ocasião do casamento de Maria de Médicis com Henrique IV de França e a última estreia da obra de Monteverdi na Accademia degli Invaghiti por altura do Carnaval em Mantua, sendo que o duque Gonzaga era o protector de Monteverdi e de Striggio... Mas antes que eu pudesse falar de aspectos técnico, variações estróficas, *stile concertato*, etc., Ormus interrompe-me de uma forma amável. Já percebi, é um conto antigo, já foi cantado antes, especialmente em italiano, murmura Ormus, sem maldade. Acho que é sempre assim com qualquer história. Mas aquilo que estou a tentar aqui fazer é meu, e eu vou continuar por este caminho, se estiveres de acordo.

Tudo bem, desculpa, murmuro um pouco embaraçado, quis apenas dizer que o problema que toda a gente tem é com o final, porque, como sabes, não é suposto Eurídice ser salva. Toda a gente dá um final feliz, de uma forma ou de outra, mas está errado, quis apenas dizer isso. Afinal, Vina não... (mordo a língua e calo-me).

Pronto, disse Ormus, não dando sinal de ter ouvido as últimas palavras. Final infeliz. Tudo bem. Obrigado por teres vindo.

Vina conhecia isso tudo, resmungo estupidamente e talvez um pouco revoltado, e vou para casa.

(Enquanto estamos nos clássicos, devo dizer que Ormus pôs o *Dies Irae* em música. Mira deve ter-lho recitado, e obviamente, ele não lhe deu pancadinhas na cabeça nem a enxotou. O *Angry Day* deve ser a primeira letra rock traduzida de um original em latim escrito por um frade italiano do

século XIII..)

\*

Continuando: a ideia é fazer uma primeira digressão curta pelos países anglo-americanos em recintos pequenos, Roseland, United Center, Cambridge Corn Exchange, Labatt's Apollo, não mais de que meia dúzia de espectáculos no total, antes da banda se lançar, seis meses mais tarde, num programa completo de actuações em estádios e em seis continentes, durante oito meses. O famoso *set designer* rock Mark McWilliam está a criar um cenário de grande fantasia para esta digressão-monstro. Mas estas primeiras actuações terão uma apresentação mais simples, mais severa, mais discreta. Vamos afinar a parte musical, sussurra Ormus, antes de começarmos os espectáculos.

A sua própria voz está novamente boa, embora esteja mais baixa do que costumava ser, precisa de mais amplificação. No entanto, e segundo Eno, cuja opinião não posso contestar, toca guitarra ainda melhor, de uma forma mais emotiva que no passado. Ele regressou em pleno e o som da banda é excitante e amplo. No nosso último dia no hangar, é dado um ensaio geral ao vivo com tudo o que irá aparecer nos concertos exceptuando o facto de ninguém estar vestido com as roupas de palco. Mesmo de calças de ganga e t-shirts, a maneira como tocam vale o preço do bilhete. O aplauso é longo e sincero. Os VTO estão vivos.

\*

Estamos em Roseland, Setembro de 1993, apenas uma semana depois do concerto no hangar e cerca de dois mil as estão extremamente excitados, levados pelos holofotes a um frenesi ainda maior de entusiasmo e nesse momento, o motor dos VTO arranca.

*Um-dois-três-quatro!*

A baterista, Patti LaBeef, a texana alta da banda original e uma das primeiras mulheres bateristas a fazer parte das grandes bandas, é, à sua maneira monossilábica, o que já são Ormus e Vina. Nos primeiros anos, jovens do público gritavam-lhe *és boa que te fartas*, mas ela ignorava-os, cuspia e continuar a tocar. O baixista dos VTO, Bobby Bath, vem de Montserrat, ilha de tremores de terra e de estúdios de som, e toca como se a ambição da sua vida fosse estabilidade, não mais do que isso. *Muitos músicos arranjam truques novos*, diz Bobby, *mas eu sempre gostei foi das coisas básicas, de ser sólido como rocha, de impor o baixo e deixá-los*

*dançar lá à frente.* Bobby Bath esteve pouco tempo casado com a proscrita Simone, mas não tem qualquer problema em ter regressado à banda. A sua postura é *se ela é contra, eu sou a favor. Este rum não sabe bem e eu já bebi tudo o que tinha a beber.*

E temos dagover, há um grande aplauso para diamond lil, o seu clube de fãs apareceu em força esta noite, os fumos no palco desvanecem-se e Ormus na sua cabine, com a sua guitarra e os seus pedais, ataca a introdução do primeiro número, uma versão mais potente do velho êxito *Ooh Tar Baby*. Ele mesmo canta o primeiro verso e é como nos velhos tempos, para melhor, porque lil dagover preenche bem o lugar deixado vago por Bath, e nesse momento Mira aparece e as coisas começam a correr muito mal.

Estou sentado ao lado de Mo Mallick e nós vemos logo qual é o problema, vemos que Mira tinha razão a cem por cento e que Ormus, cego pela sua necessidade em acreditar no regresso de Vina Apsara do reino dos mortos, estava errado, muito errado. O público não está satisfeito. *O quê, tu pões uma rapariga em palco vestida de Vina e era suposto nós engolirmos isso?* No momento em que vemos a reacção do público, apercebemo-nos que a noite é um fiasco e que os VTO podem voltar a morrer hoje. Neste velho salão de baile, parece que esta é última dança de Ormus Cama.

Ou não-dança, porque os miúdos à frente do palco não se mexem, estão unicamente impassíveis e a olhar fixamente para o palco, extravasando a sua hostilidade muda contra Mira. Quando é que começarão a apupar? Quando é que começarão a ir-se embora?

Neste altura, Mira Celano faz uma coisa espantosa. Levanta a mão e a banda pára de tocar. Depois dirige-se à multidão irritada.

Está bem, merda para vocês também, diz ela. Não gostam da minha aparência e o facto é que também eu não, mas por agora estamos presos a isto, por isso, porque é que não esperamos para ver se a música presta, certo?, se a música não for boa, então matem-me, muito bem, mas se vieram aqui pela música então temos que vos dar música, e se não gostam do meu fato, aceitem o meu conselho: abram bem os ouvidos e fechem a porcaria dos olhos.

Patti LaBeef dá o primeiro passo, um grande rufo dos tambores, um bater dos pratos. Patti está a apoiar a rapariga, e o público que pagou tem grande consideração pelo que Patti diz. Pode-se confiar na Patti. A multidão

acalma-se, mas resmunga, não totalmente convencida. Depois é lil, é dagover que lutou com Mira durante todo este tempo até esta noite, que toca aos altos berros o famoso *riff de Tar Baby*. E funciona. *Cinco-seis-sete-oito. Ooh tar baby won't you hold me tight. We can stick together all thru the pite.*

Ormus e Vina falaram em tempos sobre “mergulhar do palco”. Ele não o pode fazer — tem cinquenta e seis anos e está encurralado num cubículo à prova de som — mas ela acha que deve fazê-lo. Se falamos em reduzir as fronteiras, argumenta ela, então temos que apagar a linha que existe entre nós e eles.

Sou contra isso, mas esta minha mania de protecção apenas leva Mira a avançar ao encontro do perigo, e então está decidido, ela vai fazê-lo, sensivelmente a meio do espectáculo, no meio das canções *Quakershaker*. Mas como o espectáculo teve um início difícil e, mesmo que a banda esteja a ser brilhante, as pessoas só estão com eles a cerca de oitenta por cento, certamente que ela não irá por diante, penso eu, é certamente suficientemente esperta para aguardar.

Ela mergulha.

Por um instante penso *eles não vão apanhá-la*, imagino o seu corpo partido e calcado pelos pés rudes e letais da multidão, penso em Tara. Mas os braços elevam-se, estão a segurá-la, ela nada sobre o mar de mãos, está salva.

É o que eu penso, mas não consigo ver o que ela vê — a raiva em muitas das caras por baixo do seu corpo indefeso — não consigo sentir as mãos que começam a arranhá-la. Só quando alguém lhe retira a peruca vermelha é que tudo se torna evidente. Agora estou de pé, Mallick grita para o seu *walkie-talkie*. é um motim, tirem-na daí, mas antes dos seguranças poderem atravessar a multidão, Mira já conseguiu, sem se saber como, voltar ao palco, e quando se põe de pé, podemos todos ver os arranhões na cintura, nas costas, até na cara, o seu longo cabelo escuro esvoaça-lhe livremente e pelas costas abaixo; já não tem o *bustier*, mas não pára de cantar, não falha um ritmo, mantém-se no meio do palco e de frente para o público, nas suas calças de cabedal rasgadas e canta, a sangrar e de seios à mostra mesmo nas sacanas daquelas caras ingratas e assassinas e é aí que eu percebo, que todos os que estão no Roseland têm a certeza, que Mira Celano será uma estrela, uma grande estrela.

Depois do espectáculo, nos bastidores, quero abraçá-la e confortá-la, quero gritar: Que se lixe Ormus e as suas ilusões. Mas ela está em brasa, e não precisa de estar amparada pela força de um homem. Ela saiu do palco para impor a lei. Não é um camarim muito grande e está superlotado e todos nós sabemos o que tem de ser dito e que uma mulher que tem a coragem de mergulhar sobre uma multidão na qual não confia tem também coragem de fazer face a Ormus Cama e arrancar a crosta da sua ferida mais profunda.

Acabou-se Vina, diz Mira. Ela está de igual para igual com ele, ela é a mais alta e mais forte dos dois e não pensa deixá-lo fugir. Está bem, Ormus? Ou fazemos isto à minha maneira ou acabamos já com tudo agora. Estás a ouvir? Consegues lidar com isso? Ninguém regressa do inferno. Ninguém voltou. Vina Apsara desapareceu.

Mas Ormus Cama voltou a uma loja de discos de Bombaim, está a falar com uma beleza adolescente sobre *Heartbreak Hotel*.

Mira grita. Ormus? Ouviste o que eu disse?

Sim, sussurra Ormus, cantarolando a canção.

Não endoideças, Ormus. Já não és tão doído assim. Preciso de saber a tua resposta sobre isto agora.

O que foi? pergunta Ormus Cama calmamente. Vina Apsara? Ah, desculpe, ela morreu.

---

80 “Ibo” e “Hausa” são tribos nigerianas. (N T.)

## Capítulo 18 DIES IRAS

*Oh dia da ira, oh dia da ira, quando o tempo, como cinza, se dispersar.  
Foi isto que disseram o Rei David e a Sibila.*

No Ocidente, os tremores de terra tinham passado e as equipas de reconstrução tinham começado a trabalhar. Bancos e companhias de seguros estão a construir os seus novos palácios sobre as falhas, como para afirmar a primazia da sua autoridade, mesmo sobre a própria terra malcomportada. As cicatrizes deixadas pelos sismos estão a transformar-se em zonas regeneradas, jardins, edifícios de escritórios, complexos de cinemas, aeroportos, centros comerciais. As pessoas já começaram a esquecer e, por isso, inevitavelmente, não gostam daquelas que se lembram. Ormus Cama e os VTO, entre outros, são acusados de negativismo e de catastrofismo, por continuarem a cantar as canções do *Quakershaker* e os seus novos arranjos, influenciados pelo evangelho, dos velhos e ameaçadores versos de Tomás de Celano.

No Sul, contudo, a devastação continua. É como se a Terra estivesse a discriminar os seus filhos mais desfavorecidos. Na Índia, onde as casas são feitas de lama e de sonhos, onde são frágeis as estruturas da vida, cujos alicerces estão enfraquecidos pela corrupção, pobreza, fanatismo e desleixo, os estragos são enormes. Isto não agrada àqueles que afirmam que a Índia não é diferente dos outros países, que negam aquelas circunstâncias particulares que fazem que um lugar seja o que ele é. O facto é que não é o solo americano que está a tremer mas sim um pedaço do solo indiano, uma ou outra rua de uma cidade indiana que são sacudidos quase todos os dias por abalos subterrâneos.

Para muitos observadores do terceiro mundo parece evidente que os tremores de terra fazem parte da nova política hegemónica, a arma com a qual os super-poderosos fazedores-de-sismos querem abalar e arruinar as novas economias do Sul, do Sudeste, da Borda. O impante triunfalismo do Ocidente durante os movimentos revolucionários dos anos 1989/90 é, de novo, recordado. Agora todos os sismos são entendidos como armas euro-americanas. Dantes eram classificados pelas companhias de seguros como catástrofes naturais e agora são praticamente considerados por vários estados como actos de guerra. O altruísmo com que os vulgares cidadãos ocidentais contribuem para os fundos de auxílio, e mesmo os infatigáveis

esforços das beneméritas agências internacionais, parecem ser tentativas a posteriori para sossegar as consciências pesadas dos poderosos depois dos estragos que provocaram. A Índia, o Paquistão, Israel, Síria, Irão e China anunciam a atribuição de gigantescos orçamentos para a “guerra dos sismos”. Começou um novo tipo de corrida aos armamentos.

Exaustivos esforços feitos por cépticos jornalistas e políticos para investigar e apontar as eventuais responsabilidades do complexo militar-industrial na série de sismos de 1989/90, são tratados como desinformação pelos participantes da nova corrida aos sismos e as intervenções dos movimentos internacionais a favor da paz largamente ignoradas. Apelos dos líderes mundiais aos fabricantes de sismos para que congelem os programas de construção, da sua nova e perigosíssima “bomba das brechas” são qualificados de arrogantes e hipócritas. A política itinerante do Secretário Geral da ONU para promover urgentemente uma conferência mundial de “Mãos Dadas Sobre as Brechas e as Falhas”, onde poderiam ser negociadas soluções para todos os conflitos não tem o mais pequeno efeito. Organizam-se manifestações em apoio das decisões tomadas pelos líderes dos Sete Sísmicos. São invocados o respeito próprio e o orgulho nacional e as pessoas declaram-se prontas a deixarem os seus filhos passarem fome para que se conquiste a capacidade de abalar a terra, o que lhes aparece como garantia de vitória em provas tão prestigiosas como o Concurso de Miss Mundo ou o Campeonato do Mundo de Futebol. As paredes de Delhi, Islamabad e de outras capitais sísmicas enchem-se de cartazes a favor da tecnologia pro-sismos. *Queremos a arma sísmica. Armemo-nos primeiro, negociemos depois.*

Como os sismos continuam a abalar a Índia, os políticos locais continuam a acusar (além, claro, do Ocidente) os tradicionais inimigos do norte e do noroeste, a fim de criar um clima febril, no qual a guerra seja uma possibilidade permanente. Golmatol Doodwhala, viúva do assassinado Pилоo, beneficia politicamente deste brandir de punhos cerrados. Num século marcado pela subida ao poder de viúvas de políticos assassinados, a esférica e analfabeta Golmatol, com os seus incessantes apelos à vingança, é a mais recente na bicha — talvez a última, se o mundo tomar o caminho da guerra e vier a acabar. Não com um *big bang* mas com um calafrio.

Toda a gente é Novo Quaker.

Muito do que ficou escondido durante anos é agora tornado visível pelos



constantes tremores de terra. Quando se anuncia que o ressurgido supergrupo rock dos VTO pensa acrescentar concertos em Bombaim e Delhi à sua tournée-maratona e que neles serão cantados o *Angry Day* e o *Quakershaker* como parte dos esforços da banda para apoiar as iniciativas de paz do Ocidente, a oposição ao regresso de Ormus Cama é orquestrada por mãos inesperadas. Da prisão de Tihar, o seu irmão mais velho, Cyrus Cama, torna pública uma declaração que obtém um grande apoio por parte de toda a gente.

Cyrus conta sessenta e dois anos, continua considerado um doido perigoso e nunca quis fazer nenhuma declaração. A sua opinião, expressa com toda a firmeza, é que deve continuar na “sua amada Tihar” até morrer, porque só na prisão pode estar livre do medo de que o “rapaz-da-almofada”, que deve ainda estar adormecido na sua alma, acorde e pratique novos e hediondos crimes. Ele é um assassino múltiplo, é essa a verdade; mas no interior da prisão a sua gentileza continua a fazer-lhe ganhar muitos amigos. Por muito frequente que seja a rotação dos seus guardas, eles deixam-no como discípulos, porque Cyrus se tornou num homem sábio e tem passado os anos calmamente a estudar, a aprender línguas antigas e a decifrar os velhos livros, muito na tradição de Darius Cama. As suas *Meditações sobre Kalki* — sendo *Kalki*, a última encarnação de Vishnu, que virá anunciar o fim do mundo — foram publicadas em jornais respeitáveis e objecto de muitos artigos e comentários em revistas de filosofia; e há muitos professores universitários e estudantes entusiásticos que o consideram como um dos mais profundos pensadores do país, a voz dos nossos perturbados tempos, aparentemente próximos do seu fim. Como escritor de grande qualidade e como um homem cuja vida (ainda que obrigatoriamente) é de grande simplicidade e regida por princípios de grande modéstia, Cyrus tornou-se o emblema do que um homem pode fazer na terra, se aceitar o seu quinhão. O seu corpo está na prisão mas o espírito é o canto alegre de um pássaro, ressoando no céu aberto.

Cyrus escolhe escrever a Ormus Cama uma carta aberta sem *ira* mas com desgosto: Meu irmão, lamento muito dizê-lo, mas tornaste-te num homem que odeia os seus semelhantes. Esta frase de abertura garante a larga publicação do polémico texto de Cyrus primeiro nos meios de comunicação da Índia, depois nos de todo o mundo. Mesmo a última declaração de Ormus condenando a guerra sísmica é voltada contra ele. Ormus tinha

começado ironicamente: *Eu, por mim, não controlo quaisquer armas de destruição maciça, de modo que espero não ser acusado de hipocrisia quando digo...* ah, riposta Cyrus com tristeza, o meu irmão é demasiado modesto; quem foi que escreveu as lamentáveis palavras que se tornaram os cantos de guerra da Idade dos Sismos? Não devemos considerá-lo tão modestamente como ele o faz a si próprio, como um mero trovador ou cançonetista; a sua música desenraizada e cheia de ódio, tem estado há muito tempo ao serviço, digo mesmo que tem sido o cerne da arrogância do Ocidente, onde a tragédia do mundo é disfarçada em entretenimento da juventude e adquire um ritmo contagioso e delirante.

Aquilo que Cyrus começa, outros continuam energeticamente. Os doutrinários favoritos do governo, Ulu Rishi e Aurhum Baba proclamam que o ex-indiano e antigo zoroastiano “sismopropagandista” Ormus Cama tem realmente uma pesada responsabilidade no conceito de “juízo final” que conduziu aos terremotos; as suas canções e os seus espectáculos são claros ataques à estabilidade intercultural: por consequência, ele e os seus colaboradores não devem, em nenhuma circunstância, ser autorizados a exibirem-se em terra indiana. Dias depois da declaração conjunta e sem precedentes de Rishi e Baba, a Ministra do Interior, Golmatol Doodhwala (cuja facção Pillooista acaba de concordar em dar o seu apoio à claudicante coligação governamental mediante a atribuição do Ministério do Interior) confirma que todo o pessoal da tournée dos VTO, incluindo os próprios membros do grupo viram recusados os vistos de entrada, uma medida de interesse público, e deles próprios, uma vez que no actual clima de hostilidade, a sua segurança pessoal não está garantida.

É assim que o passado levanta a garra para Ormus, agarra-lhe o tornozelo e procura puxá-lo para baixo. E depois da divulgação da carta de Cyrus, as cartas anónimas de origem indiana multiplicam-se. As ameaças de violência não são novidade. Durante anos, dúzias de pretensas Vinas por semana ameaçaram matar Ormus e/ou a si próprias por ele não as amar, por se restringir a uma castidade que elas acham doentia, sob pretexto de respeitar a memória da falecida mulher, recusando-se a partilhar as ofertas de banquetes amorosos que lhes são feitas de toda a parte. Ormus nunca levou a sério essas ameaças e, apesar das preocupações de Clea Singh, este novo Ormus, fechado no seu casulo numa permanente ausência desde que Mira o tinha obrigado a enfrentar os factos relativos a Vina, tão-pouco se preocupa

com os golpes do seu irmão, lá na Índia. Os Singhs contudo, e por insistência de Clea, estão em estado de alerta contra qualquer ameaça.

Quando a notícia da recusa da Índia em receber os VTO chega ao conhecimento dos Sangria, em Nova Iorque, eles decidem que Cyrus Cama é a história secreta do fenómeno VTO e partem para Delhi no primeiro avião disponível.

\*

*Oh dias da ira, oh noites da ira.* É o que eu chamo aos dois longos anos que se seguiram às três mortes de Vina Apsara: foram dias e noites de raiva. Oh tempos que se foram.

Penso que Vina morreu uma primeira vez no abismo de El Huracán, uma segunda vez, muito lenta, quando o mundo a transformou no seu ícone Vina Divina e ela foi perdendo o seu contacto com a humanidade até que Clea Singh apagou a sua voz no gravador do telefone e, finalmente uma terceira vez quando a minha querida Mira Celano obrigou Ormus, que amava Vina acima de tudo, a pronunciar as palavras que a mataram para todo o sempre. Depois de as ter pronunciado, Ormus tomou consciência que tinha cortado o último laço que o prendia à terra, e, perdendo toda a alegria de viver começou a esperar a morte, olhando fixamente para o rosto de todas as pessoas que encontrava como se lhes perguntasse: és tu? Por favor amigo, estranho, sê tu quem me traz o presente que eu tanto espero.

A tournée *Into the Underworld*<sup>81</sup> foi considerada como uma gigantesca homenagem itinerante a Vina, que Mira deixara de imitar, mas que aparecia dançando em silêncio e ao retardador na grande *video-wall* no fundo do palco no início e no fim do show. Também esta decisão foi criticada por comercializar a imagem de uma Santa-do-último-dia e chegou a ser descrita como uma descarada tentativa de tirar partido de um casamento fracassado, mas Ormus continuava a ser invulnerável à crítica, continuava a sorrir calmamente e a seguir o caminho que traçara. Um homem tem de pertencer a qualquer coisa, nem que seja a um clube de golfe ou a um cão de estimação e Ormus pertencia agora a uma recordação. Só aquilo que perdera o podia atingir; ele pertencia a Vina e à música.

Em 1994 e 1995 Ormus viveu exclusivamente no universo da tournée, um falso ambiente de submundo, separado em camadas como os círculos do Inferno e cercado pela maior *video-wall* de todos os tempos e que bombardeava o público todas as noites com incessantes imagens de céu e de

inferno, qualquer deles concebidos como lugares terrenos tais como motéis de pouca permanência e bares de hamburgers, arcadas de vídeo e escolas de bailado, multidões do futebol e zonas de guerra, desertos polares e comícios políticos, praias de surf e bibliotecas, e cabia a cada um decidir quais as imagens celestiais e quais as infernais. Este caos tecnológico tinha sido realizado pela equipa McWilliam mas a concepção inicial era do próprio Ormus. Tendo criado essa ficção, mergulhou nela profundamente e dela não emergiu durante dois anos. O universo ficcional do show dava uma impressão de libertação da realidade à parte, que só tomava contacto com a terra de vez em quando, uma ou duas noites de cada vez, de modo a que as pessoas pudessem vir abanar os rabinhos. Encarcerando-se voluntariamente no mundo privado do rock'n' roll, Ormus Cama também se transformou numa entidade flutuante, menos humano do que alienígena, mais o espectáculo do que ele próprio.

Deslocava-se pelos aposentos de hotéis despojados de tudo, transformados em espaços brancos com pianos brancos, estúdios de montagem de áudio e de vídeo e velhos fornos de pão da Toscana. Viajava em limusines com vidros pretos, não tanto para que as pessoas não o pudessem ver mas para que ele não visse o exterior e se sentisse constantemente no ambiente daquela cabine, sempre a mesma em qualquer parte do mundo onde se exibisse. Essa ilusão de continuidade é que lhe permitia sobreviver. Quando era altura de voar no 727 especialmente fretado e redecorado, Ormus tomava comprimidos para dormir e só acordava na altura de reentrar no mundo fechado da limusine, no hotel e no cenário de outro mundo que era o único lugar da Terra onde ele precisava de ver e ser visto.

Era como se o palco do show estivesse imóvel e o mundo desfilasse para lá do estádio, como se o espectáculo fosse o permanente e a vida humana fosse o transitório, como se o estádio fosse sempre o mesmo e a limusine sempre a mesma, sempre conduzida por Will Singh com Clea Singh a seu lado, e o andar do hotel onde passava todo o seu tempo livre a fazer e a comer pão fosse sempre o mesmo, e as cidades desfilassem pelas janelas como paisagens vistas do alto dos céus.

Rio, Sydney, Londres, Hong Kong, Los Angeles, Beijing: essas cidades não eram reais. A recusa de vistos indianos não tinha qualquer importância, porque a Índia não era real, era só mais uma zona de trânsito. As alterações

de cor e de raça das multidões dos estádios, o desfile das celebridades que vinham ao camarim para beber um copo e comer o pão caseiro que ele insistia em oferecer-lhes, os heróis locais e os patrocinadores da tournée, as belas modelos que davam dentadinhas bem-educadas nos pães de Ormus e lhe diziam mentiras sobre o bom aspecto que ele tinha — nada disso tinha qualquer importância porque eram igualmente ilusões. Só o show era real. O show, a música eram o seu lar. Fora desta ficção o cosmos era uma falsificação.

Ormus vivia na sua imaginação, na qual tinha reunido, vindo de parte nenhuma, tudo o que não existia, não podia existir sem ele. Tinha criado esse mundo e só existia dentro dele. Tendo-se instalado no seu território, não confiava em mais solo nenhum.

Durante o espectáculo, o fulgor da luz que atingia o palco era tão grande que, na verdade, Ormus mal podia ver o público, só as primeiras filas e, por trás, uma grande fera atoadora que ele tinha que domar, tinha que utilizar como um instrumento, mas isso era o que ele sabia fazer, era a sua vida real. O domador na jaula dos leões, ao pôr a cabeça nas fauces da fera, sabe que essa é a sua verdadeira realidade e que o mundo que berra o seu entusiasmo, o mundo dos balões e das pipocas, o mundo para lá das grades, é um pano de fundo, um cenário pintado. E assim Ormus, na sua cabine de vidro, sente-se perfeitamente bem durante o espectáculo, e a opinião geral, é que as suas actuações são extraordinárias, a guitarra nunca fôra tão dolorosamente clara, como a voz de um viajante do deserto sonhando com a água fresca dum poço límpido, o seu canto nunca fôra tão subtil e tão forte. A voz fraca dos últimos tempos tinha dado lugar àquele poderoso instrumento, mais poderoso do que tinha até sido nos velhos dias em que Vina espalhava por todo o mundo a coloratura da sua música.

No fim de cada show os outros membros da banda murmuravam entre si, maravilhados, quase assustados com a performance de Ormus. Mesmo LaBeef e Bath admitiam que nunca o tinham visto ser tão extraordinário durante tanto tempo. *É como um foguetão que liga as turbinas suplementares,* disse Patti LaBeef uma noite, *pode queimar todo o carburante porque sabe que não precisa dele para a viagem de regresso.* Outra vez disse que todos os membros da banda sabiam que ele ia morrer, que o carburante que utilizava era a própria vida. Estava a consumir-se no fogo da sua própria vida, cada show era não só uma dádiva para Vina mas

também mais um passo para o esquecimento, para o não-ser onde ela o esperava, guardiã da sua alegria; ele sabia que, acabado o espectáculo, não precisava de cantar, nem de falar, mover-se ou respirar. Os músicos começaram a pensar nele como numa criatura de outro mundo, porque percebiam o enorme esforço que ele fazia para lá chegar, um mundo que era talvez um rasgão no espaço, uma dimensão diferente onde Vina estava viva. Mas já não havia ninguém que pudesse ver esses rasgões. lil dagover disse a Mira: Quando me lembro de quanto o admirava! isto custa muito a ver, mas olha, ao menos não está a oscilar e a tremer como uma vela que se apaga, é uma enorme chama, uma supernova, a despedida de uma estrela verdadeira.

\*

*(A continuidade do show era garantida, na vida real, fazendo tudo em triplicado. Como o palco demorava uma semana a ser construído, havia três equipas diferentes que saltavam de cidade em cidade, à volta do mundo, montando e desmontando o cenário. Havia sempre um palco a ser desmontado, um segundo palco pronto para a acção e um terceiro a ser construído no estádio do próximo espectáculo.*

*Havia grandes necessidades de energia eléctrica. “Para o Mundo das Trevas” devorava quatro milhões de watts, produzidos por geradores de seis mil cavalos-vapor. Os trezentos e cinquenta altifalantes do sistema de som precisavam de um milhão e meio destes watts. Havia também dois mil projectores, o que significa que o espectáculo podia ser visto da lua.*

*Seis milhões de pessoas pagaram para ver os espectáculos. Venderam-se vinte milhões de CDs e cassetes. As receitas chegaram às centenas de milhões de dólares. Se Ormus pensava que estava imóvel enquanto o mundo girava à sua volta, talvez não estivesse assim tão enganado. Tamanho é o poder da imaginação.*

\*

Na extremidade de um longo “dedo” que acaba numa enorme bocarra — sugerindo a Porta do Inferno e guardada por um Cérbero animatrónico com três cabeças — via-se um segundo palco onde Ormus aparecia, isolado, tal como Orfeu em Aornum, contemplando o abismo por onde vai descer. Neste palco Ormus tocava o seu solo de abertura, uma versão acústica de *A Terra que ela pisa*, enquanto a imagem de Vina dominava o estádio no *videowall*. (Como era um solo acústico, Ormus podia tocar ao ar livre, sem danificar os ouvidos.) No fim da canção o cão mecânico deitava-se e

adormecia e Ormus entrava numa bolha transparente que deslizava em direcção à bocarra que a engolia. Em seguida, sob a passerelle que liga os dois palcos, Ormus era transportado pelo mais veloz tapete rolante de todo o show até ao inferno desenhado por McWilliam onde os outros membros da banda o esperavam, bem como todo um zoo de demónios metálicos a vomitar fogo, insufláveis gigantes e cidadãos do Pandemónio, uns vestidos de mimos, outros de máquinas. No palco havia um complexo conjunto de calhas que permitia que Ormus se deslocasse por todo o enorme cenário sem sair da sua bolha; a certa altura, num tremendo golpe de teatro, a bolha era agarrada por um braço de metal e transformava-se num elevador transparente que lançava Ormus para o céu por cima da multidão aos gritos. Este Ormus, encerrado na sua bolha, já não parecia estar separado da acção; a bolha passava a ser uma metáfora da vida, da continuidade do país dos vivos no mundo dos mortos.

E Mira estava lá, evidentemente, era a mulher que o vinha salvar do Príncipe da Trevas. Mira, vestida agora como ela própria, cantando com todo o coração, aproximando-se dia-a-dia da condição de estrela, que era a sua, saindo da sombra de Vina e representando o papel de Amor enclausurado no Inferno e aguardando, ansioso, a sua libertação.

Eu bem vejo que isto já não interessa nada, que a maneira como eles agiam no palco não tem a mínima importância. Tinha ciúmes, evidentemente, admito já com toda a clareza que estava meio-enlouquecido de ciúmes, e não tinha razão. Mas olhem que se tinha tornado uma grande artista, a minha Mira, via-se logo pela maneira como se encostava à bolha de Ormus, empurrando o seu corpo contra ela, primeiro os seios e as coxas e depois curvando-se para trás encostando o púbis à bolha e agitando-se como se estivesse a fazer amor com aquilo, eu nem podia olhar para lá. E quando, finalmente, ela entrava lá dentro, se apertava contra Ormus, a bolha iluminava-se com fulgor e desaparecia. De repente ficávamos a ver os dois no segundo palco, libertos da bolha, Ormus tocava guitarra como se estivesse a fazer sexo e Mira derramava-se sobre ele como uma bebida, ah, eu não suportava aquilo! Tinha que me ir embora, porra! Mas *não podia* ir-me embora.

Deixei de ir ver os espectáculos. Deixei a tournée e voltei para Nova Iorque, para o meu trabalho, até voltei ao fotojornalismo pela primeira vez há muitos anos e acabei por andar a fugir às balas em sítios que nem sei

pronunciar, Urgench-Turtkul no Amu Darya, Târgul-Sacuesc na Transilvânia, e os novos pontos quentes pós-soviéticos em Altynai-Asylmuratova e na longínqua Nadezhda-Mandelstán; mas, de noite, continuava a ter sonhos pornográficos com Mira e Ormus. Às vezes o meu subconsciente juntava nesses sonhos lil dagover e uns tantos Singhs para apimentar a coisa e eu acordava com uma erecção e a transpirar abundantemente num qualquer buraco infecto de nome cirílico e compreendia que todos os seres humanos são capazes de violência quando estão suficientemente excitados, pela violação do seu país, por exemplo, ou, em alternativa, pela sedução, real ou imaginária, da sua amada.

Sei muito bem que não é a mesma coisa, sei qual é a porra da diferença entre infidelidade e genocídio, mas quando estamos no cu de judas num duríssimo saco de dormir, nas traseiras de um jeep de um tipo que não conhecemos, a ser mordido por insectos eslavos ou asiáticos, por percevejos católicos, ortodoxos, sionistas e muçulmanos enquanto à nossa volta explode um universo de fronteiras desintegradas e realidades em escombros, quando estamos no meio dessa espécie de anarquia e transformação e só pensamos em voltar para a Rua Cinco Este, em Nova Iorque, para ler a página 6 do *New York Post*, mais uma vez, enquanto um *muffin* com um café ecológico te é servido, quentinho, por um budista descalço, magro e sorridente, sim, mais um bocadinho por favor e juras que *nunca mais vais dizer uma única piada do design Budista, que vais querer já o Buda amante da paz, dêem-mo por favor, Oh Rinpoche Ginsberg, Oh Richard Lama, Oh Steven Seagal, tomem-me, sou todo vosso*, e acordamos logo a seguir com a cabeça cheia de sexo imaginário no qual não participámos e em que actos inomináveis são praticados pelo corpo que reconhecemos como sendo o da nossa amada... deixem-me garantir-vos que nessas alturas não pensamos que *così fan tutte*<sup>82</sup>, não assobiamos e nos voltamos para o outro lado para continuar a sonhar, mas levantamo-nos da cama dispostos a matar não só a nossa pequena Fiordiligi<sup>83</sup>, a nossa Dorabella<sup>84</sup>, mas qualquer garanhão que tente desviá-las do bom caminho, tragam-me o sacana que eu arranco-lhe o coração.

E sabem que não tinha razão? Nenhuma, mas nenhuma.

Mais uma vez me tinha enganado a respeito de Ormus Cama. Tinha-me esquecido de que havia qualquer coisa, por assim dizer, sobre-humana no seu amor por Vina, para além da capacidade do amor humano. Era uma



amor até ao fim dos tempos e depois de não ter conseguido trazê-la do mundo dos mortos — depois de Mira o ter feito ver que Vina nunca poderia ser ressuscitada — as mulheres, para ele, tinham acabado definitivamente. Agora que Mira era apenas Mira ele já não queria que ela ocupasse o lugar de Vina; mesmo que ela tivesse vindo ter com ele nua e perfumada, a ferver em desejo, Ormus, distraidamente, ter-lhe-ia feito uma festa na cabeça e aconselhado a vestir qualquer coisa para não se constipar.

Por isso também tenho que admitir que o amor de Ormus por Vina Apsara era maior do que o meu, porque, embora eu tivesse chorado a perda de Vina mais do que a perda de qualquer outra pessoa, a verdade é que tinha voltado a amar outra mulher. Mas o amor dele não podia ser substituído por nenhum outro e, depois das três mortes de Vina, tinha acabado por entrar no seu derradeiro celibato, do qual só o abraço carnal da morte o viria libertar. A morte era a única amante que ele agora aceitaria, a única amante que ele partilharia com Vina, porque essa amante os juntaria para sempre, na floresta apodrecida dos mortos eternos.

E admito finalmente — peço desculpa a Mira em frente dos olhos do mundo — que eu deveria ter tido mais confiança nela. Tive mais sorte do que pensava: um novo amor tinha nascido das cinzas do antigo. Mira não estava interessada em Ormus, ou apenas profissionalmente, e talvez um bocadinho para me provocar. Fui estúpido demais para acreditar nisso, mas a verdade, no fim de toda esta saga de tristezas e alegrias, tinha-me saído o Jackpot.

\*

Há quatrocentos anos, Francis Bacon achava que Orfeu tinha que falhar a sua descida aos infernos, que Eurídice não podia ser salva e que o próprio Orfeu seria despedaçado porque, para ele, o mito de Orfeu era a história do fracasso não só da arte mas também da própria civilização. Orfeu tinha de morrer porque a cultura tem de morrer. Os bárbaros estão à nossa porta e não lhes podemos resistir. A Grécia cai em ruínas, Roma arde, o brilho desaparece dos céus.

\*

À sua chegada a Delhi, a realidade inoportuna, odorífera e sonora da Índia deixou espantados Marco e Madonna Sangria que a tinham imaginado como sendo um ou dois furos abaixo de Queens. A Índia pode ser uma terra muito dura para os Americanos que são considerados dólares ambulantes e,

o que é pior, uns patetas em terra estranha: alvos legítimos, presas fáceis. Nas horas que seguiram à sua chegada ao hotel “South Delhi”, foram importunados ainda antes de sair à rua, por trocadores de dinheiro que lhes ofereciam o melhor câmbio pelos seus dólares, por vendedores de pedras semipreciosas que bem podiam ser seixos polidos, taxistas com primos que tinham uma fábrica de mármore ali ao pé, leitores de *buena-dicha* no átrio do hotel, rapazes e raparigas oferecendo-se para comprar as suas câmaras e roupas, homens maduros perguntando a Marco se Madonna era, em primeiro lugar, educada e depois, se estava disponível e quanto levava; e um carteirista de elevador tão incompetente como descarado que, quando Marco lhe disse que a mão dele estava no bolso errado, respondeu que a Índia era tão populosa que as pessoas se habituam a tratar os bolsos dos vizinhos como se fossem nossos.

A prisão de Tihar ainda era pior, o que não foi propriamente uma surpresa. O chão da cadeia, para não falar das salas do pessoal ou dos presos, o chão era, por si só, um filme de horror, como *Pesadelo nas ruas de Delhi*, que porcaria, meus queridos, que percevejos! De modo nenhum um sítio para um *dandy* de alto coturno como Marco exhibir as suas calças “Narciso” ou os seus sapatos “Jimmy” nem para uma boneca com o pedigree de Madonna arriscar a sua longa saia de musselina, comprada no Isaac, ou estrear as suas sandálias “Manolo”. E que horror! observou Madonna, as pessoas pareciam estar sempre a gritar e, muitas das vezes, não em inglês. O que era aquilo?

Mas quando Cyrus chegou ao parlatório, algemado e com correntes nos pés, Madonna, subitamente começou a sentir-se muito bem. Como ela depois disse aos amigos, senti a presença da *sabedoria*, ele tinha uma espécie de *aura* e eu fiquei, não sei, completamente *transportada*.

A Cyrus disse-lhe, *Você é o cadastrado mais doce que eu jamais encontrei.*<sup>85</sup>

Quando deixaram a prisão de Tihar, os Sangria tinham jurado ir desencadear uma campanha internacional — celebridades, piquetes à porta da Embaixada, “lobbies” de Washington — para conseguir a libertação de um ser humano tão excepcional. Marco regressou de imediato à América para estabelecer o quartel-general da campanha. Madonna ficou na Índia, passou a vestir-se com tecidos feitos à mão e a usar alpergatas, tirou toda a pintura da cara, arrancou os postigos do cabelo, pintou com hena os bordos

das mãos e as plantas dos pés, como se fosse uma noiva e passou a visitar Cyrus duas vezes por semana, que era o máximo consentido. Pediu-lhe desculpa da maneira como vinha vestida no primeiro encontro — que horror, acho que parecia uma pega, não? mas era a minha *cultura*; não quis continuar nesse erro, quero aprender o seu... como é que se diz, eu sei, eu sei, a sua *via*.

Temos estado a ouvir o Cama errado, escreveu ela no lançamento da campanha *Liberdade para Cyrus* no primeiro dos seus artigos enviados da Índia. Vamos deixar-nos das simplicidades efémeras do rock'n' roll de Ormus e tratemos de estudar a perene filosofia do seu irmão mais velho. Se não formos demasiado velhos para aprender, Cyrus Cama tem muito para nos ensinar. *PS: Ele é tão querido, tão giro, embora não gostemos dos homens só por causa da firmeza dos seus rabos, não é verdade? É verdade.*

Durante a longa digressão mundial dos VTO, a campanha de Cyrus ganhou importância. Em Nova Iorque, a Deusa-Ma, sempre na crista da moda, saiu do Edifício Rhodopé e denunciou Ormus Cama nos mesmos termos que Cyrus. *A supressão que ele fez das particularidades das raças e das culturas, em proveito do insuportável dogma da universalidade é, na realidade, uma fuga a si próprio para os braços do desejado, do admirado Outro.* Advogados ilustres, tanto em Nova Iorque como na Índia, ocuparam-se do caso Cyrus; as autoridades indianas, embaraçadas por todo aquele barulho, deram a entender a sua vontade em se mostrarem flexíveis; Madonna Sangria propôs-lhe uma saída muito atraente. Oiça, disse ela a Cyrus, de uma forma estranhamente atabalhoada. Eu sei que isto parece muito *avançado* e as mulheres da sua cultura não fazem estas coisas, mas eu estou só a pensar, não, isto não me está a sair bem. O que eu quero dizer é que se eu casasse consigo, *oiça Cyrus*, você poderia ter um *passaporte americano*, grande joga! e podíamos metê-lo num avião e tratar de si cá neste país.

Foi só nos fins de 1995, quando a tournée VTO estava na América do Sul, que Cyrus, depois de cinco meses de reflexão, deu a sua resposta.

Miss Madonna, quando a senhora e o seu irmão me ofereceram o seu auxílio pela primeira vez, eu aceitei-o e vejo agora que foi uma fraqueza. A senhora era tão bela e tão persuasiva que eu pensei, bom, se eles acreditam em mim, eu, pela minha parte, estou pronto, entregar-me-ei aos seus cuidados e deixarei a minha amada prisão. Mas também sabia, ao mesmo

tempo, que se eu fosse convosco em breve me sentiria obrigado a matar-vos, sim, sim, a si e ao seu irmão e talvez também a minha mãe que me abandonou e ao meu irmão gémeo Ardavirat e a muitas outras pessoas ao longo do caminho que me levaria, como verdadeiro destino, ao doce assassinato do meu irmão mais novo Ormus, por ódio de quem arruinei a minha vida.

A sua proposta foi, para mim, uma grande tentação. Mas depois de madura reflexão, achei que devo recusar. Mais uma vez lhe agradeço o seu interesse, a sua declaração de amor, a sua generosa proposta de casamento, os seus presentes. Agradeço-lhe muito especialmente o equipamento de vídeo que lhe tinha pedido e a gravação do concerto do meu irmão e ter convencido as autoridades da prisão a deixar-me esse vídeo na célula, o que é contrário aos regulamentos. Estudei cuidadosamente o vídeo do meu irmão e verifiquei que ele já abandonou esta vida. Repare nos seus olhos. Está morto e no inferno. Por isso, já não sinto nenhuma necessidade de o matar, estou liberto de uma obrigação que tinha para toda a vida. Para mim, praticar mais crimes nestas diferentes circunstâncias seria o cúmulo do mau gosto e, assim sendo, deixar-me-ei ficar tranquilamente na prisão. Muito obrigado, Miss Madonna, e adeus.

\*

Estou a lembrar-me ainda de duas coisas.

Esse Inverno a seguir ao fim da tournée de *A Caminho das Trevas* foi o mais cruel do que qualquer de nós se pode lembrar. Mira e eu decidimos não ir ver Ormus que se tinha barricado no Rhodopé, como de costume, e não mostrava nenhum desejo de que o fossem ver. Quando me lembrava dele, imaginava-o como um daqueles chefes Peles-Vermelhas que, em certo dia, decidem morrer, dirigem-se ao sítio que escolheram e deixam-se ficar sentados à espera do anjo. Mas a maior parte do tempo pensava noutra coisa. Tinha que refazer as minhas relações pessoais. Mesmo quando tudo corre bem é sempre duro para os músicos o período de regresso das tournées. Tinham-se habituado à companhia uns dos outros, a horários de morte, noites sem dormir empolgando o público em *hot-clubs* de todo o mundo, a serem o centro da atenção mundial, à extrema tensão antes dos shows, à febre após a actuação, ao cansaço e abandono depois dele acabar, ao tédio para com a música, aos altos e baixos dos outros membros do grupo, à carga sexual sempre presente, aos romances a bordo, ao sentimento

de estarmos a fingir, a sermos delinquentes em fuga com a chuva a cair-nos na cabeça.

E é ainda pior para os músicos que levam os filhos para a tournée. Tara Celano já tinha idade para andar na escola, já lá tinha o seu lugar marcado, mas enquanto as outras meninas da sua idade mal sabiam o feitio de Manhattan, Tara já tinha dado a volta ao mundo várias vezes e tinha visto muitas coisas de que não falava, com medo de ofender as sensibilidades liberais e idealistas das professoras.

E o mais duro de tudo é o regresso a uma relação fixa, porque depois de anos desenraizados, a própria ideia de uma relação fixa parecia uma fantasia e, no nosso caso, eu tinha borrado a escrita e Mira sabia-o. Não tinha confiado nela (ha!) em relação a outro homem. No meio daquele remoinho de infidelidade, não podia acreditar que ela era honesta. Havia ali um sarilho, um problema que tínhamos que resolver.

Lembro-me de um domingo no Parque. Tinha começado a nevar no Natal e ainda não tinha parado. Tara adorava a brancura, o espaço e o sossego depois de dois anos de ambientes de pesadelo, *roulottes* como bastidores e deslocações constantes. Naquele domingo ela sentia-se feliz a fazer bolas de neve, feliz por estar em casa, por estar connosco e a sua felicidade unia-nos, fazia-nos ter consciência da nossa importância na sua vida, da terrível necessidade que ela tinha da nossa presença. São assim as famílias nesta época moderna: alianças eficazes contra o terror ou o desespero. Esta menina, órfã de um estranho, era a coisa mais próxima de um futuro que eu jamais tive na vida.

Mira pegou na minha mão enluvada e, depois disso, as coisas correram muito melhor entre nós. Fomos ao cinema ver uns monstros de outros mundos a destruir Nova Iorque, como de costume (esta é a maneira que Hollywood tem para dizer que gosta de Manhattan) e quando voltámos para casa tinha um recado de Clea Singh no meu gravador.

Spenta tinha morrido. Em Inglaterra também fazia muito frio e numa mansão branca sobre o Tamisa, a velha senhora octogenária estava sentada com os seus “rapazes” junto a um velho calorífero a gás. (Virus tinha sessenta e três anos, Waldo quarenta e muitos e embora se tivessem esquecido há muito tempo de que não eram irmãos de sangue, eles também ali constituíam uma verdadeira família, forjada mais pelas circunstâncias do que pela biologia.) O sistema de aquecimento não era reparado há muitos

anos e, nessa noite, uma leve fuga de gás pôs primeiro os três residentes a dormir pacificamente e espalhou-se depois sob os velhos sobrados de madeira muito seca e acabou por se inflamar, fazendo arder a grande mansão até aos alicerces e destruindo também numerosos carvalhos que ali estavam há mais de duzentos anos. Desde que Spenta se tinha sequestrado a si própria e deixado os detalhes da vida quotidiana a cargo de Waldo e de Virus, a casa tinha começado a arruinar-se e na aldeia vizinha, depois do incêndio, as pessoas abanaram as cabeças e fizeram trejeitos de reprovação. *Estava-se à espera de um acidente naquele sítio, era a opinião geral. Aqueles filhos dela nunca serviram para nada. Ela devia ter tido mais bom senso.* A perda das árvores, todos concordaram, tinha sido uma verdadeira tragédia.

O recado de Clea não dizia nada sobre juntarem-se para uma espécie de serviço fúnebre, nada sobre qualquer espécie de encontro. Clea terminava dizendo que Ormus só queria que eu soubesse, em memória dos velhos tempos. Foi a última comunicação de Ormus que eu recebi.

Ormus não foi a Inglaterra para os funerais. Mandou uma equipa jurídica de Singhs para assistir à abertura do testamento de Spenta. Quando se descobriu que os únicos herdeiros indicados por Spenta tinham morrido com ela, os primos Methwold agruparam-se para a batalha. A mansão estava perdida mas os terrenos e os recursos financeiros valiam bem uma guerra. Os Methwolds encaravam os advogados americanos com uma clara aversão e um secreto receio: mais indianos! Nunca mais acabam? Os Singhs então anunciaram solenemente que Ormus Cama renunciava a todos os seus direitos sobre a fortuna de Methwold, levantaram-se, fizeram uma vénia cortês e saíram da sala, deixando os outros pretendentes de boca aberta e livres para travar as suas guerras familiares, irrelevantes, sangrentas e selvagens.

Embora Ormus se mantivesse longe da campa da mãe, a morte de Spenta abalou-o muito. No dia seguinte à abertura do testamento, disse a Clea que ia passear sozinho para o parque gelado. Quando ela viu que não conseguia dissuadi-lo, fê-lo calçar um par de excelentes botas de neve, vestir o sobretudo mais quente em cachemira azul escuro, pôs-lhe à roda do pescoço um cachecol macio, enfiou em luvas de pele as suas magras mãos de velho, pôs-lhe na cabeça um gorro contra o frio em pele de coelho chinês com tapadeiras para as orelhas que Vina lhe tinha comprado em Chinatown uns

anos antes. Clea atou-lhe as tapadeiras por baixo do queixo, pôs-se em bicos de pé e deu-lhe dois beijos nas faces. O senhor é um homem bom, disse-lhe ela. A sua mãe teria orgulho em si. O que ela queria dizer é que se considerava como a mãe dele, há muitos anos que era assim, mas que nunca lhe poderia ter dito enquanto Spenta fosse viva. O que ela queria dizer é que o amava e que tinha tanto orgulho nele como qualquer mãe teria num filho.

Ele sorriu levemente, desceu no elevador, atravessou a rua e entrou no Central Park.

Claro que Clea mandou Will segui-lo à distância e recomendou, não deixes nunca que ele te veja. O que não era fácil naquele dia em que a neve e o gelo tinham imobilizado todos os veículos e que, ao longo das avenidas vazias, as pessoas iam de esqui para o seu trabalho. Nova Iorque era, naquele dia, a mais bela das cidades fantasmas e nós éramos os seus trémulos espectros. A cidade era um enorme cenário onde nós éramos os actores. A realidade parecia estar noutra sítio, num lugar que não tivesse tido a bênção daquele mágico manto de neve.

Ormus não andou muito. O frio era demasiado intenso, podíamos sentir o ar congelar os nossos brônquios. Passados talvez vinte minutos voltou para trás, em direcção a casa e andando depressa chegou ao Edifício Rhodopé trinta e cinco minutos depois de lá ter saído. Fazia tanto frio que não havia nenhum porteiro cá fora. Toda gente se abrigava dentro de casa.

Quando Ormus ia a entrar no Edifício, Will Singh, que tinha chegado ao outro lado da avenida, escorregou, caiu no gelo e torceu o pé direito. Nesse mesmo momento uma mulher de pele escura e cabelo vermelho atado no alto da cabeça como uma fonte, apareceu subitamente e aproximou-se de Ormus. Estava estranhamente vestida para um dia tão frio, com um top de lantejoulas douradas, calças justas de cabedal e sapatos de salto muito alto. Os ombros e a cintura estavam à mostra.

Ormus Cama virou-se para ela e parou. Tenho a certeza de que abriu muito os olhos quando viu com quem a mulher se parecia, e por isso deve ter visto a pequena pistola que ela lhe apontou e cujo carregador disparou sobre ele à queima-roupa, atingindo-o em cheio no peito. Quando acabaram os tiros ela baixou a arma, uma automática *Giuliani & Foch* de .09mm, deixou-a cair na neve junto ao corpo caído e afastou-se rapidamente, a uma velocidade inesperada para quem calçava aqueles sapatos, dobrou a primeira esquina e desapareceu numa rua transversal à avenida. Quando

Will Singh conseguiu muito penosamente pôr-se em pé, já ela tinha desaparecido completamente. Viam-se na neve pegadas dos seus sapatos. No sítio onde as pegadas acabavam, estavam caídos no chão, uma peruca ruiva, um par de sapatos, um top de lantejoulas e umas calças de cabedal. Mais nada. Nenhum rasto de automóvel. Nada, nada, nem sequer qualquer testemunha, nem naquele momento nem mais tarde. Era como se uma mulher nua tivesse voado no céu de Manhattan e tivesse desaparecido sem ninguém dar por isso.

Não havia impressões digitais na pistola, embora Will Singh se lembrasse (mas sem poder jurar) que a assassina não levava luvas.

Era o crime perfeito.

Ormus morreu ali mesmo na neve, poucos minutos depois, com a cabeça pousada no colo de Clea. Ela tinha andado de um lado para o outro, sem parar, no átrio, preocupada, e quando ouviu os tiros não precisou que lhe dissessem quem fôra o alvo. Correu para a rua ainda a tempo de ver a mulher a dar a volta à esquina. Gritou a Will que fosse atrás dela, mas deixou-se ficar com Ormus, sabendo que num dia como aquele os veículos de socorro nunca chegariam a tempo, mesmo com correntes nas rodas nunca poderiam avançar no gelo se tentassem andar depressa. De qualquer modo, os buracos no belo casaco de Ormus diziam a Clea tudo o que ela precisava de saber. Estavam tão chegados uns aos outros que era evidente que nada havia a fazer.

Ormus, disse ela soluçando, e ele abriu os olhos. Meu querido Ormie, soluçou ela, meu querido camarãozinho, que posso eu fazer? Sabes o que queres? Tens algum pedido a fazer?

Ele olhou-a vagamente e não respondeu. Desesperada, Clea perguntou, Ormus, sabes quem és? Ainda sabes, não sabes? Sabes quem és?

Sei. Sim, mãe, sei.

\*

Como a arma do crime era da mesma marca daquela que pertencia a Mira, ela foi brevemente interrogada por dois embaraçados detectives. E como era geralmente sabido que eu tinha tido uns ciúmes loucos dos contactos entre Mira e Ormus durante a tournée de *A Caminho das Trevas*, também fui interrogado, com maior rudeza. Mas éramos o álibi um do outro e Tara também podia responder por nós. Quando fizeram experiências com a pistola de Mira, verificaram que ela não tinha sido disparada há anos. No



fim de contas, a polícia decidiu que a assassina tinha sido uma louca isolada, uma pistoleira à solta, talvez uma das pretensas Vinas, desesperada, talvez uma das que mandaram a Ormus inúmeras cartas anónimas e que a escolha da pistola tinha sido uma coincidência ou uma tentativa de dar à polícia uma falsa pista. Quando esta tese foi tornada pública, várias Vinas de ambos os sexos confessaram imediatamente o crime, mas essas confissões nem sequer foram examinadas.

Os investigadores não descobriram nenhuma solução para o enigma da desapareição da assassina. A melhor hipótese é que ela tinha um cúmplice num dos edificios da rua onde desapareceu e tinha lá entrado de maneira a evitar pegadas, tinha-se vestido e, mais tarde, saído. Talvez o cúmplice estivesse à espera dela com uma vassoura para apagar as pegadas. Tudo isto era altamente especulativo, concordavam os próprios detectives. Mas acrescentavam que se cometem inúmeros crimes que nunca são resolvidos. Este seria mais um.

Se querem saber, eu acho que foi Vina, a verdadeira Vina, a própria Vina Apsara. A minha Vina. Não: sou também obrigado a admitir que continuava a ser a Vina de Ormus, para todo o sempre. Penso que ela voltou e o matou por saber quanto ele desejava morrer. Como ele não podia fazê-la regressar do mundo dos mortos ela veio buscá-lo para que ele fosse para junto dela, para o lugar que era o dele.

É esta a minha opinião. É verdade que quase me ia esquecendo de acrescentar: por assim dizer.

\*

E foi em consequência destes factos que, num dia gelado de Janeiro, Mira Celano, a sua filha Tara, Clea Singh e eu próprio subimos no helicóptero particular de Mo Mallick com as cinzas de Ormus numa urna pousada no colo de Clea, para os últimos ritos de uma vida que tinha começado do outro lado do mundo, mas que, na realidade, não tinha sido vivida neste ou naquele lugar, mas sim na música.

(A propósito: Clea e os Singhs foram generosamente contemplados no testamento: nunca mais passariam fome. Mas fora esses pagamentos, todo o dinheiro de Ormus mais o enorme futuro rendimento dos seus direitos e das suas *royalties*, e ainda as padarias, os vinhedos, os investimentos imobiliários, as vacas, em suma, a enorme fortuna de Ormus avaliada em muitos milhões serviu para se criar uma Fundação em memória de Ormus e

de Vina destinada a socorrer as crianças desfavorecidas de todo o mundo. Foi esta a única indicação que Ormus jamais deu, que lamentava não ter tido filhos, devido à esterilidade de Vina. O enorme valor deste legado era a medida do seu secreto desgosto.)

Tara tinha trazido um leitor que tocava o último CD dos VTO no máximo do volume por causa do barulho do helicóptero, o CD que tinha a última canção de Mira, e não teve coragem de lhe dizer que a escolha não era boa, porque Vina deveria estar connosco naquele momento. Abaixo de nós a cidade elevava-se escarpada e coberta de gelo, tão majestosa como os Himalaias. O parque estava vazio à excepção de um grupo de esquiadores e de alguns passeantes isolados, vestidos como ursos. As fontes e o reservatório estavam gelados e Manhattan, vista do céu, parecia uma prenda, embrulhada no Inverno.

O piloto insistiu em ser ele a espalhar as cinzas. Clea entregou-lhe a urna, contrariada, e eis que Ormus voava para longe de nós, espalhando-se sobre a cidade que ele amava, era uma pequena nuvem escura dispersando-se sobre a grande metrópole branca, dissolvendo-se em toda aquela brancura; misturou-se com ela e desapareceu. Que as suas cinzas caiam sobre a cidade como beijos, pensei eu. Que as suas canções brotem dos passeios e dos arbustos onde caírem as suas cinzas. Que se faça música. Da máquina de Tara saiu a voz de Mira cantando o final de *Dies Irae* e Mira, ao meu lado, também cantou:

*Oh Rei de tremenda majestade  
que salvas, por bondade, o que se pode salvar  
Oh fonte de piedade, salva-me, por favor.*

Por nenhuma razão especial, o meu pensamento voou para Persis Kalamanja, Persis, a rapariga mais bonita do mundo, que se tinha guardado para Ormus e com ele se tinha perdido. Voltei a vê-la, ainda jovem e bela, ainda de pé sobre a sua casa, há tanto tempo demolida, “Dil kush” em Malabar Hill, Bombaim, enquanto sobre a sua cabeça polícromos papagaios de papel voavam e oscilavam, em guerra e em brincadeira, ao mesmo tempo. Deixa-te estar onde estás, Persis, pensei eu, não mexas nem um músculo. Não envelheças, não mudes. Que todos nós nos transformemos em cinzas e nos espalhemos ao vento, mas deixa-te estar no teu telhado, Persis, fica aí calada e imóvel na brisa da tarde e olha para os bailarinos do céu. Faz isso por mim, Persis, olha para os papagaios em festa.

\*

Vejo hoje no jornal que mataram outro cantor *pop* argelino. Há agora cada vez mais lugares no mundo onde há quem queira suprimir o canto, onde se pode ser assassinado por se transportar uma canção. Este cantor *rai* argelino tinha mesmo tomado a precaução de se exilar trocando a sua casa do Norte de África por um quatinho sem luz em Marselha. Os assassinos seguiram-no e abateram-no a tiro. *Pan! Pan!* Estou a ler o seu obituário no *New York Times* e a pensar: *Que mundo maravilhoso.*<sup>86</sup>

Rai é música. Rai é um som de alegria madito e proibido.

Ainda há pouco tempo houve um tremor de terra na Itália e Assisi, a cidade dos antepassados de Mira foi gravemente danificada. Quando ouvi as notícias não pensei na guerra dos sismos e nas bombas de brechas. Pensei em Maria, a do Mundo das Trevas, e na sua perceptora a falar calmamente para a minha câmara de vídeo enquanto o mundo dela se desmoronava. Talvez esse mundo esteja de novo a reconstruir-se, pensei eu. Uma outra versão do mundo estará em rota de colisão com o nosso e estamos a sentir os primeiros tremores, as vibrações que precedem os impactos. Talvez seja desta vez o Grande Esmagamento e nós não iremos sobreviver, por muito que tenhamos aguentado, durante muito tempo. Ou talvez não seja necessário imaginar uma outra realidade a esmagar a nossa. Suponhamos que a Terra se fartou da nossa ganância e da nossa crueldade e hipocrisia e incompetência e ódio, dos nossos assassinos de cantores e de outros inocentes. Suponhamos que a Terra começou a não confiar em nós ou até que decidiu abrir as suas mandíbulas e engolir-nos a todos, a toda esta lamentável humanidade. Tal como Zeus destruiu uma vez a raça humana com um dilúvio, e só Deucalião sobreviveu.

\*

Hoje levantei-me cedo, o café está quase pronto, já espremi as laranjas e os *muffins* estão a aquecer. É fim-de-semana. Oiço Mira e Tara, lá nas traseiras, a discutir, a rir e a brincar com o cão da miúda, Cerberus, um velho rafeiro que parece termos adoptado. Daqui a pouco vão aparecer. Mudámo-nos todos para o Orpheum — depois da morte de Basquiat, Mira comprou o andar dele, de modo que temos imenso espaço — e tudo está a correr bem, muito bem. Não digo que não haja problemas, porque os há, sobretudo no capítulo da tradicional questão de mais um bebé, mas com uma variante. Aqui sou eu que quero a criança. Mira já tem uma e tem uma

carreira à sua frente (o seu primeiro álbum a solo *After* chegou à platina em poucas semanas), acabou de fazer mais um filme, as ofertas chegam em catadupas. Não é uma boa altura para ficar grávida, é o que ela diz. Mas falamos disso. Não é uma questão encerrada. Está na agenda.

Há também o meu passado. Na opinião de Mira, ainda não pus Vina completamente fora da minha vida. Ela pensa que eu continuo, silenciosamente, a fazer comparações, físicas, psicológicas, artísticas. Digo-lhe que se o faço é sem querer, faço o possível por acabar com isso. Ela é uma mulher paciente e está à espera desse dia.

E Tara: Tara, amo-a. Como é possível que, ao crescer, ela tenha ficado com o cabelo crespo de Vina, uma pele muito mais escura que a da mãe. Talvez Luis Heinrich tenha tido uma avó de que nunca ouvimos falar. Seja como for, Tara e eu temos um importante traço comum: tendo vivido sempre rodeados por cantores, não somos capazes de cantar uma só nota. O que nos torna alia dos, mosqueteiros até à morte num mundo de troça constante por parte da elite auto-satisfeita dos cantores de charme.

\*

*After*, a canção-título do álbum, é a elegia de Mira a Ormus. Tu foste o estranho de que eu precisava, canta ela, o viajante que respondeu ao apelo. Foste a mudança que eu procurava. Agora não és mais do que um retrato na parede. E, depois de ti, tudo é ainda mais estranho.

Nas velhas histórias, de maneiras diferentes, chega-se sempre a um ponto em que os deuses deixam de partilhar a sua vida com os mortais e estes morrem ou desaparecem. Saem do palco e deixam-nos sozinhos, tropeçando nas nossas falas. É este traço mitológico que torna madura uma civilização: um mundo em que os deuses deixam de brincar connosco e de nos dominar e de seduzir as nossas mulheres e de utilizar os nossos exércitos para resolver as suas brigas sifilíticas à custa do sangue dos nossos filhos; um mundo de que os deuses se retiram, ainda enraivecidos, ainda priápicos, ainda enigmáticos, e trocam o terreno do real pelo terreno do por assim dizer — Olimpo, Valhala — deixando-nos livres para fazermos o melhor ou o pior sem a sua intervenção autocrática.

\*

Durante toda a minha vida, o amor de Ormus e de Vina foi o que mais me aproximou do conhecimento do mítico, do transcendente, do divino. Agora que eles partiram, a tragédia acabou. Só ficou a vida de todos os dias.

Olho para Mira e para Tara, as minhas ilhas na tempestade e sinto-me disposto a discutir a decisão da Terra, ditada pela fúria, de nos varrer da sua face, se é que essa decisão foi tomada. Também existe o bem, ou não? A carnificina continua, não posso negá-lo, mas também somos capazes disto: de beber sumo de laranja e de trincar *muffins* quentes. Existe, sob os meus pés, o amor humano de todos os dias. Desaparece, se assim o queres, terra desdenhosa, derretam-se, rochas, estremeçam, pedras! Eu ficarei no meu terreno, aqui mesmo. Descobri-o, lutei por ele e ganhei-o. É meu.

\*

Tara apoderou-se do comando da TV. Nunca me habituarei a ver televisão ao pequeno-almoço, mas ela é uma criança americana, não se consegue pará-la. E hoje, por acaso, vá ela para onde for na rede do cabo, vai sempre parar a Ormus e Vina. Talvez seja uma espécie de fim-de-semana VTO e nós não soubéssemos. Não acredito, diz Tara fazendo o seu zapping. Não acre-e-edito! Pu-u-ur favo-o-or! Isto agora vai durar para sempre? Pensei que era suposto terem morrido, mas na vida real, continuam, pura e simplesmente, a cantar.

---

[81](#) Em tradução livre: “Para o Mundo das Trevas”. (N. T.)

[82](#) “Assim fazem todos”, ópera de Mozart. (N.T.)

[83](#) Personagens da ópera já referida. (N. T.)

[84](#) Personagens da ópera já referida. (N. T.)

[85](#) “You’re the cutest jailbird I ever did see.” Extraído de *tollhouse Rock*, da autoria de Jerry Leiber e Mike Stoller. (N.T.)

[86](#) *What a wonderful world*. Referência à canção com o mesmo título, de George David Weiss e George Douglas. (N.T.)